



**A VIAGEM
CIRCULAR**

**LE VOYAGE
CIRCULAIRE**

**DE PAUL
LE COINTE
(1900-1901)**

Nelson Sanjad

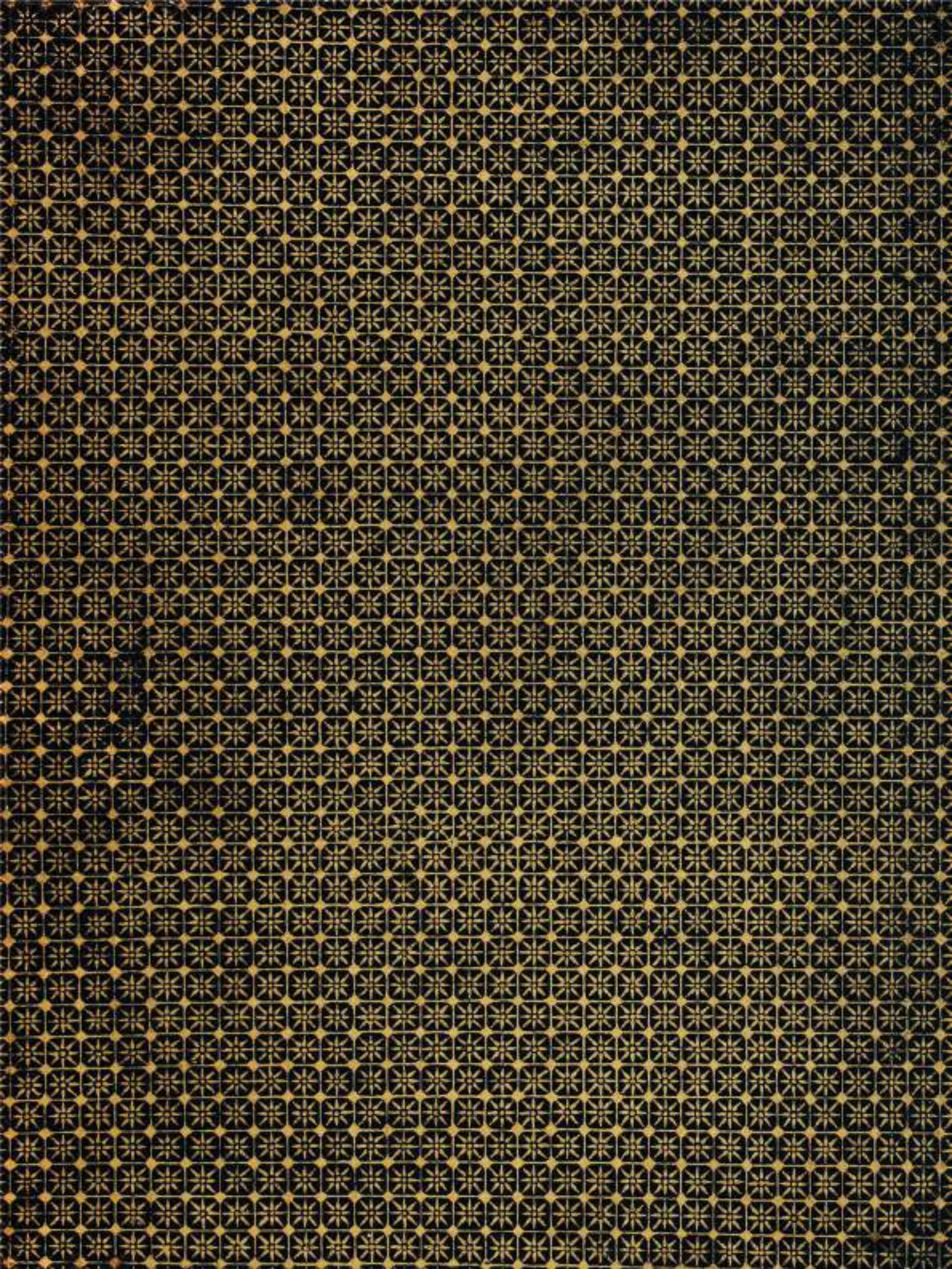
Emilie Stoll

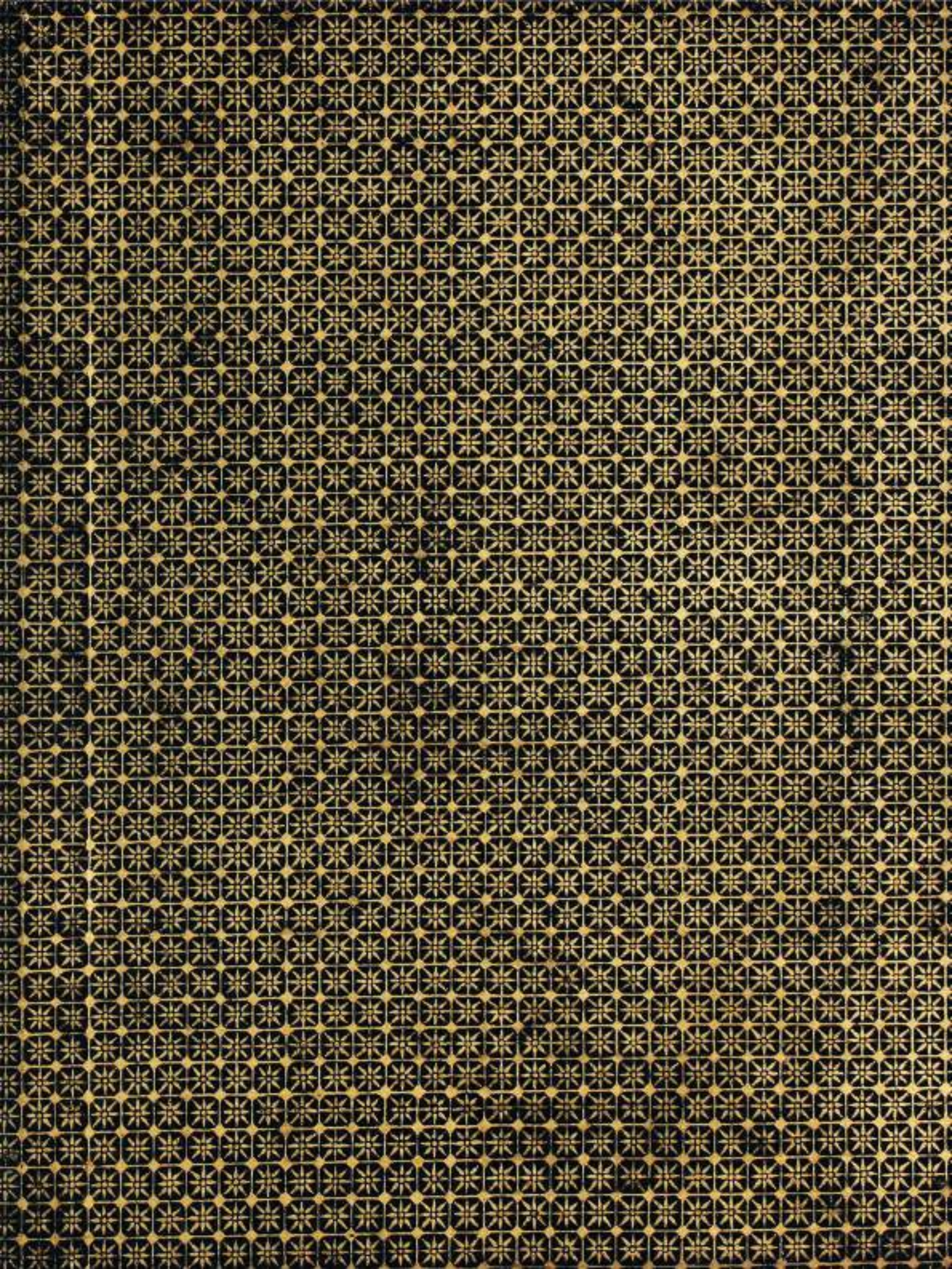
Heloisa Maria Bertol Domingues

Organização / Édition









Par terre et par eau
en Amérique tropicale

Notes de voyage

De l'embouchure

du
Rio Madera
à ses sources
par Panamá.

17 juin - 17 novembre 1900. -

Paul Le Coq

(Notes de voyage; rédaction mise au point et corrigée, amitié)

Rédigé mais
non publié
1954 P.L.C.

GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA

Ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação
LUCIANA SANTOS

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Diretor
NILSON GABAS JÚNIOR

Coordenador de Administração
HUMBERTO QUEIROZ

Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação
JOÃO UBIRATAN SANTOS

Coordenadora de Comunicação e Extensão
SUE COSTA

Chefe do Serviço de Arquivo e Memória
LILIAN BAYMA DE AMORIM

Curador das Coleções Documentais Históricas
NELSON SANJAD

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS

Diretor
MÁRCIO FERREIRA RANGEL

Coordenadora de História da Ciência e Tecnologia
LARISSA CAMPOS MEDEIROS

Coordenador de Museologia
MARCUS GRANATO

Coordenador de Documentação e Arquivo
JOSÉ BENITO YARRITU ABELLAS

Coordenadora de Educação em Ciências
JOSIANE KUNZLER

Coordenadora de Administração
MARILAN DA SILVA BORGES

PROJETO EMERGENCE(S) VILLE DE PARIS EXORIGINS

Prefeita da Ville de Paris
ANNE HIDALGO

Vice-Prefeita de Ensino Superior e Pesquisa / Programa Emergence(s)
MARIE-CHRISTINE LEMARDELEY

Diretor do Laboratoire Caribéen en Sciences Sociales (CNRS, Université des Antilles)
RAPHAËL GROS-DESORMEAUX

Diretora do Centre Alexandre-Koyré (CNRS, EHESS, MNHN)
ANNE RASMUSSEN

Diretores de Patrimoines Locaux, Environnement et Globalisation (IRD, MNHN)
CHARLES-EDOUARD DE SUREMAIN
ELISABETH HABERT

Coordenadora do Projeto
EMILIE STOLL



Museu Paraense Emílio Goeldi

Museu de Astronomia e Ciências Afins

Projeto Emergence(s) Ville de Paris Exorigins

A VIAGEM CIRCULAR

LE VOYAGE CIRCULAIRE

DE PAUL LE COINTE (1900-1901)

Nelson Sanjad

Emilie Stoll

Heloisa Maria Bertol Domingues

Organização / Édition

Belém – Rio de Janeiro – Paris

2024

Copyright © 2024 by Nelson Sanjad, Emilie Stoll e Heloisa Maria Bertol Domingues

Digitalização: Mauro Ângelo Nascimento

Transcrição e tradução: Maria Aparecida Correa-Paty

Revisão da transcrição e tradução: Emilie Stoll e Nelson Sanjad

Notas de edição: Maria Aparecida Correa-Paty, Emilie Stoll e Nelson Sanjad

Capa, projeto gráfico, editoração e tratamento de imagens: Norberto Ferreira

Ficha catalográfica: MAST/MCTI

Impressão e acabamento: Superprint

A publicação desse livro foi possível graças ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), ao Programme Emergence(s) Ville de Paris e ao Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), que financiaram a pesquisa necessária à contextualização do diário de Paul Le Cointe; ao Museu de Astronomia e Ciências Afins/MCTI, que financiou a transcrição e tradução do documento; ao Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI, que financiou a digitalização dos originais e a impressão da obra; e à École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS Paris), que viabilizou a missão de estudo necessária à finalização do trabalho. Os organizadores agradecem ao Museu Paraense Emílio Goeldi e ao Musée du quai Branly - Jacques Chirac pela reprodução de fotografias.

Direitos reservados ao

Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI

editora@museu-goeldi.br | mgdoc@museu-goeldi.br

Museu de Astronomia e Ciências Afins/MCTI

diretoria@mast.br | biblioteca@mast.br

NÚCLEO EDITORIAL DE LIVROS/MPEG

Editora Executiva
IRANEIDE SILVA

Editoras Assistentes
ÂNGELA BOTELHO
ZENEIDA BRITTO

Editora de Arte
ANDRÉA PINHEIRO

Instituição filiada
ABEU
ABEC

Ficha Catalográfica - Bibliotecária Reg. CRB7 - 007331/0

V599 A viagem circular de Paul Le Cointe (1900-1901) / Organizadores: Nelson Sanjad, Emilie Stoll, Heloisa Maria Bertol Domingues; Transcrição e tradução: Maria Aparecida Correa-Paty; Colaboradores: Lúcio Flávio Pinto, Mauro Ângelo Nascimento, Norberto Ferreira, Patrick Petitjean — Belém : Museu Paraense Emílio Goeldi ; Rio de Janeiro : Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2024.
484 p. : il., color. Capa dura com sobrecapa.

Inclui Nota biográfica (pt./fr.)

Tradução de: Le Voyage Circulaire de Paul Le Cointe (1900-1901)

ISBN: 978-65-88888-08-7 (MPEG)

ISBN: 978-65-00-93906-4 (MAST)

1. Paul Le Cointe. 2. Expedições. 3. Etnohistória. 4. Século 20. I. Sanjad, Nelson (org.). II. Stoll, Emilie (org.). III. Domingues, Heloisa Maria Bertol (org.). IV. Correa-Paty, Maria Aparecida (trad.). V. Pinto, Lúcio Flávio (col.). VI. Nascimento, Mauro Ângelo (col.). VII. Ferreira, Norberto (col.). VIII. Petitjean, Patrick (col.). IX. Título. X. Museu de Astronomia e Ciências Afins, Museu Paraense Emílio Goeldi.

CDU 910.4(091) "1900-1901"



EXORIGINS
Projet Émergence(s) Ville de Paris 2019-2022



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO



Agradecimentos

As instituições responsáveis por essa edição agradecem a Clara Martins Pandolfo (*In Memoriam*) pela preservação do diário de Paul Le Cointe e a Lúcio Flávio Pinto, que o cedeu ao Museu Goeldi para digitalização e estudo. A (re) descoberta desse diário incentivou novas pesquisas sobre a vida e obra de Le Cointe, incluindo o inventário de seu legado documental e científico. Ao longo da pesquisa realizada nos últimos anos, foram localizados diversos fundos documentais relacionados a Le Cointe na França, devidamente referidos nessa edição. No Brasil, também foram identificados acervos relevantes para um melhor entendimento da trajetória de Le Cointe. No Museu Goeldi, em particular, estão preservados, além da versão digital do diário, a correspondência de Le Cointe com Emílio Goeldi e Jacques Huber, fotografias, artefatos arqueológicos, amostras botânicas e a biblioteca do cientista francês. Ao fazer essa homenagem a Clara Martins Pandolfo e Lúcio Flávio Pinto, os organizadores dessa edição reconhecem e se integram aos seus esforços para tornar a obra de Le Cointe mais conhecida e lida tanto no Brasil quanto na França.

Remerciements

Les institutions en charge de cette édition remercient Clara Martins Pandolfo (*In Memoriam*) pour la préservation du journal de Paul Le Cointe, et Lúcio Flávio Pinto qui l'a cédé au Musée Goeldi pour numérisation et étude. La (re)découverte de ce journal a encouragé de nouvelles recherches liées à la vie et à l'œuvre de Le Cointe, y compris l'inventaire de son oeuvre documentaire et scientifique. Au cours de l'enquête réalisée ces dernières années, divers fonds documentaires relatifs à Le Cointe ont été localisés en France ; ils sont dûment mentionnés dans ce volume. Au Brésil, des collections importantes ont également été identifiées permettant une meilleure compréhension du parcours de Le Cointe. Au Musée Goeldi, en particulier, sont préservés, outre la version numérique du carnet, la correspondance de Le Cointe avec Emílio Goeldi et Jacques Huber, des photographies, des artefacts archéologiques, des échantillons botaniques et la bibliothèque du scientifique français. En rendant cet hommage à Clara Martins Pandolfo et Lúcio Flávio Pinto, les organisateurs de cette édition reconnaissent et s'intègrent à leurs efforts pour rendre l'œuvre de Le Cointe plus connue et lue, tant au Brésil qu'en France.

SUMÁRIO / SOMMAIRE

9

O cientista na linha de frente

13

Le scientifique en ligne de front

Lúcio Flávio Pinto

17

O diário da “viagem circular” de Paul Le Cointe: etnohistória de um manuscrito e de seu autor no início do século XX

45

Le carnet du « voyage circulaire » de Paul Le Cointe : ethnohistoire d’un manuscrit et de son auteur au début du XXe siècle

Nelson Sanjad & Emilie Stoll

77

As múltiplas vidas de Paul Le Cointe

101

Les multiples vies de Paul Le Cointe

Patrick Petitjean

127

Um ensaio para a aproximação com a obra de Paul Le Cointe

133

Un essai pour saisir l’œuvre de Paul Le Cointe

Nelson Sanjad, Emilie Stoll & Patrick Petitjean

147

Por terra e por água na América tropical: Notas de Viagem

313

Par terre et par eau en Amérique tropicale: Notes de voyage

Paul Le Cointe

479

Sobre os autores / À propos des auteurs

O CIENTISTA NA LINHA DE FRENTE

Lúcio Flávio Pinto

Ricardo Borges acrescentou um *post-scriptum* ao artigo que escreveu em *A Província do Pará* sobre Paul Le Cointe, provavelmente o último que se referiu ao cientista francês na grande imprensa paraense. Foi para fazer um apelo candente: “A quem, na posse da preciosa monografia de Le Cointe, *Voyage Circulaire Tropical*, o nosso apelo à sua consciência, de devolução do notável trabalho, utilíssimo à Amazônia, para a necessária edição e divulgação; hoje [há] muitos órgãos públicos em Belém, dedicados à publicação de obras desse valor amazônico. E persuadimo-nos de atendimento a tão justo e honesto apelo”.

Quarenta anos depois, o pedido de Ricardo Borges Ferreira e Silva está sendo atendido: finalmente, um século depois, publica-se o diário da viagem que Le Cointe empreendeu, em 1901-1902, pelo rio Madeira, a partir do rio Madidi, na Bolívia, onde administrou os “vastos seringais” da firma Devès & Cie. Perdido e inédito por tanto tempo, as anotações e os desenhos de Le Cointe não perderam o valor, muito pelo contrário.

Além de ser o último grande documento do ciclo dos viajantes naturalistas da Amazônia, a importância da sua divulgação é realçada pela investida de outro tipo de personagem sobre a bacia do Madeira, o maior dos afluentes do rio Amazonas, aquele que mais sedimentos deposita na calha do maior curso d’água do planeta, que arrasta essa massa em suspensão até jogá-la no Oceano Atlântico: trata-se do construtor dos “grandes projetos”.

Empresas privadas, com forte apoio de dinheiro público, construíram duas barragens que possibilitaram duas das maiores usinas de energia do mundo: Jirau (que saiu na frente) e Santo Antônio, a maior das hidrelétricas já construídas na borda de uma capital amazônica, Porto Velho, em Rondônia (o alvo seguinte foi uma cidade menor, Altamira, no Pará, vizinha daquela que foi projetada para ser a maior de todas as hidrelétricas brasileiras: Belo Monte).

A divulgação do diário perdido de Le Cointe não só propiciará o prazer da leitura, graças a uma edição preciosa, que preserva o conteúdo iconográfico do documento, como porque acalenta uma das utopias ainda frustradas dos que sonham com uma presença humana verdadeiramente inteligente e racional na maior de todas as fronteiras de recursos naturais da Terra, a sua fonte vital de biodiversidade.

Por que não mandar cientistas para a ponta das ensaiadas, imaginadas ou iminentes frentes pioneiras de ocupação? Por que não os porta-vozes do saber em contato com a natureza e as populações nativas, absorvendo o conhecimento produzido por essa interação e estabelecendo parâmetros, padrões e paradigmas através dos quais o homem possa deixar de ser o intruso destruidor dos nossos dias? Por que, antes de dilapidar o que nem sequer é identificado, não dar tempo para aprendermos como marcar presença sem que a marca humana seja o sinete da devastação?

Pode-se contra-argumentar que a ciência não é neutra e os cientistas são seres de carne e osso, interesses, pessoais ou corporativos, multinacionais ou geopolíticos. Paul Aimé Georges Le Cointe, o francês que nasceu em Tournon, na Ardèche, em 1887, podia até ser apontado como um exemplo (à semelhança de outros viajantes e naturalistas estrangeiros, antes ou depois dele, que usavam suas pesquisas como biombo para propósitos ocultos). É muito fácil aplicar a teoria conspirativa nos confins (cada vez mais sertões) amazônicos. Tão fácil que é desprezada a necessidade de demonstrá-la, a fim de que não se torne instrumento daquele tipo de nacionalismo já classificado como o reduto dos canalhas. Qualquer enredo é aceito por esse papel autocolante.

Paul Le Cointe chegou à Amazônia em 1891, quando, aos 21 anos apenas, já era graduado em ciências, matemática e química. A partir daí combinaria funções que, mesmo (ou, sobretudo) hoje andam dissociadas: foi verdadeiro cientista, pesquisador rigoroso, técnico competente em agrimensura e cartografia, homem de negócios, representante diplomático, burocrata e mero empregado. Sempre intercalando períodos de permanência em gabinetes e laboratórios com longas jornadas pelo interior da Amazônia, em expedições demoradas e meticulosas, com uma rara capacidade de observação da gente e da natureza, combinada com uma virtude ainda mais rara: o talento para a confecção de mapas. Durante muitos anos a planta que traçou do Baixo Amazonas, na segunda década do século XX, foi a mais valiosa fonte cartográfica sobre a região. Uma obra de arte.

Confirmando as ilações geopolíticas, Le Cointe recebeu as maiores distinções concedidas pelo governo francês, inclusive a Legião de Honra (conferida também, muito tempo depois, a outro personagem – seu conterrâneo – do drama amazônico, este, nosso contemporâneo, o padre Henri de Rosières, que defendeu posseiros espoliados no sul do Pará). Mas Le Cointe também recebeu títulos e medalhas do governo brasileiro, grato pelas contribuições que prestou em diversos segmentos do conhecimento sobre as riquezas da Amazônia, da borracha aos óleos vegetais, das madeiras aos animais, e, com destaque, numa amplitude maior, sobre o estuário do rio Pará, que ele revelou aos cidadãos de uma terra tão

desconhecida quanto incompreendida, mesmo pelos moradores da capital do estado, de cujo cenário essa convergência de águas é elemento definidor.

Mais importante do que tudo: Le Cointe permaneceu na Amazônia por 64 anos, morrendo em Belém, aos 86 anos, em 1956, pobre e abandonado. Seu amigo e colega de trabalho Ricardo Borges o salvou do final na indigência e melancolia ao visitá-lo, na humilde casa em que vivia, no Largo da Trindade, com a mulher, e dar o brado de alerta diante da miséria que viu. Rapidamente, mas na undécima hora, as autoridades se mobilizaram para dar ao personagem tão famoso os últimos dias recolhido a um hospital e uma sepultura no cemitério de Santa Izabel. Poucos, porém, o acompanharam à última morada. Ninguém mais o visita. Raros ainda falam dele.

Nos últimos anos de sua vida, sofria de distúrbios mentais. Sua mulher, Maria Corrêa Pinto, com quem se casara, em Óbidos, em 1895, apesar de sua abnegação, não podia atendê-lo como devia ser, por falta “de adequada instrução”, testemunhou Ricardo Borges. Também estava incapacitada para defender o patrimônio do marido, acumulado na casa simples, dos estrangeiros e nacionais que o visitavam e se apropriavam, “não raro”, dos inúmeros trabalhos científicos que o naturalista escreveu e que jamais foram publicados ou se tornaram conhecidos (talvez, quem sabe, com outra assinatura). Declara Ricardo Borges no artigo afetuoso sobre o amigo que “outras preciosidades, dos estudos e coletas de dados da Amazônia, por Le Cointe, sumiram-se dos arquivos do venerando mestre nos últimos anos de sua vida”.

Ao ler o artigo do advogado por formação (e economista por vocação, além de político e administrador público), me interessei pela sorte do diário de viagem ao Madeira. Mas só poucos anos atrás me dei conta de um fato óbvio que me passara despercebido. Quem sabe, Le Cointe não dera essa agenda, na qual fizera anotações e desenhos, à sua melhor discípula na Escola de Química Industrial, por ele fundada em 1919? Depois de tantas conversas com Clara Martins Pandolfo, só fui mencionar o diário num dos últimos contatos que tivemos antes de sua morte, em 2009, aos 97 anos. Doutora Clara confirmou que tinha o diário, mas não conseguiu localizá-lo na sua biblioteca. Outras vezes ainda nos encontramos, mas o documento continuava perdido.

Só depois de sua morte, o diário foi encontrado. A família decidiu premiar meu interesse e persistência, além da relação de afeto, respeito e amizade que mantinha com a mestra de tantas gerações, fossem ou não seus alunos: doou-me o documento. Maravilhado com o que vi, tratei de entregá-lo a Ima Vieira, que então dirigia o Museu Paraense Emílio Goeldi. Ima o repassou ao seu sucessor, Nilson Gabas Júnior. E agora, o Goeldi entrega a obra à sociedade, finalizando o labor e esforço de tanta gente envolvida neste projeto.

Espero que ele desencadeie a recuperação da obra e da vida de Paul Le Cointe, republicando-se ou divulgando-se sua obra, vasta e múltipla. Talvez assim também se possam eliminar duas outras injustiças cometidas contra o papel desempenhado pela paraense Clara Martins Pandolfo e o baiano Ricardo Borges, os dois principais amigos e colaboradores do cientista francês, que o acompanharam em grande parte da sua vivência no Pará, não só fisicamente, mas também intelectualmente. Assim se honrará o passado e se dignificará o futuro, incorporando a grande contribuição que os três personagens deram para que a Amazônia deixe de ser tratada como um deserto de inteligências.

LE SCIENTIFIQUE EN LIGNE DE FRONT

Lúcio Flávio Pinto

Ricardo Borges a ajouté un *post-scriptum* à l'article qu'il a écrit sur Paul Le Cointe dans le journal brésilien *A Província do Pará*, probablement le dernier à mentionner le scientifique français dans la presse régionale de l'État du Pará. C'était pour lancer un appel désespéré : « À celui qui possède la précieuse monographie de Le Cointe, *Voyage Circulaire Tropical*, nous en appelons à sa conscience pour restituer cet ouvrage remarquable, extrêmement utile pour l'Amazonie, pour sa nécessaire édition et diffusion ; aujourd'hui, de nombreux organismes publics à Belém publient des œuvres de cette valeur sur l'Amazonie. Et nous sommes persuadés que nous recevrons une réponse à cet appel juste et honnête ».

Quarante ans plus tard, la demande de Ricardo Borges Ferreira e Silva est sur le point d'être satisfaite : après un siècle, le journal du voyage que Le Cointe a entrepris en 1900 le long du fleuve Madeira, depuis la rivière Madidi en Bolivie, où il gérait les « vastes plantations de caoutchouc » de la firme Devès & Cie, est enfin publié. Perdu et inédit pendant si longtemps, les notes et les dessins de Le Cointe n'ont eux pas perdu leur valeur, bien au contraire.

Outre le fait qu'il soit le dernier grand document du cycle des voyageurs naturalistes de l'Amazonie, l'importance de sa diffusion est soulignée par l'intrusion d'un autre type de personnage sur le bassin du Madeira, le plus grand des affluents de l'Amazone, celui qui dépose le plus de sédiments dans le lit du plus grand cours d'eau de la planète, qui transporte à son tour cette masse en suspension jusqu'à la jeter dans l'océan Atlantique : les bâtisseurs des "grands projets" de développement.

Des entreprises privées, avec un fort soutien financier public, y ont construit deux barrages qui ont permis l'installation de deux des plus grandes centrales électriques du monde : Jirau (construit en premier) et Santo Antônio, la plus grande des centrales hydroélectriques jamais construites à la périphérie d'une capitale amazonienne, Porto Velho, dans l'État du Rondônia. La cible suivante était une ville plus petite, Altamira, dans l'État du Pará, voisine de ce qui devait être la plus grande de toutes les centrales hydroélectriques brésiliennes : Belo Monte.

La divulgation du carnet de voyage perdu de Le Cointe offrira non seulement le plaisir de la lecture, grâce à une édition précieuse qui préserve le contenu iconographique du document, mais aussi parce qu'elle nourrit l'une des utopies encore frustrées de ceux qui rêvent d'une présence humaine véritablement intelligente et rationnelle sur la plus grande de toutes les frontières des ressources naturelles de la Terre, sa source vitale de biodiversité.

Pourquoi ne pas envoyer des scientifiques sur les fronts pionniers, qu'ils soient établis, imaginés ou imminents ? Pourquoi ne pourraient-ils pas être les porte-parole du savoir en contact avec la nature et les populations autochtones, absorbant la connaissance produite par cette interaction et établissant des paramètres, des normes et des paradigmes à travers lesquels l'homme peut cesser d'être l'intrus destructeur de nos jours ? Pourquoi, avant de dilapider ce qui n'est même pas encore connu, ne pas prendre le temps d'apprendre comment marquer notre présence sans que la marque humaine soit le sceau de la dévastation ?

On pourrait objecter que la science n'est pas neutre et que les scientifiques sont des êtres de chair et de sang, avec des intérêts personnels ou corporatifs, multinationaux ou géopolitiques. Paul Aimé Georges Le Cointe, le Français né à Tournon, en Ardèche, en 1887, pourrait même être cité comme un exemple (à l'instar d'autres voyageurs et naturalistes étrangers, avant ou après lui, qui utilisaient leurs recherches comme un écran pour des desseins cachés). Il est très facile d'appliquer la théorie du complot dans les confins (de plus en plus enclavés) de l'Amazonie. Tellement facile qu'est négligée la nécessité de la démontrer, afin qu'elle ne devienne pas l'instrument de ce nationalisme déjà classifié comme un refuge de scélérats. De nombreux discours sur l'Amazonie semblent reproduire cet argument.

Paul Le Cointe est arrivé en Amazonie en 1891, à seulement 21 ans, déjà diplômé en sciences, mathématiques et chimie. Dès lors, il a combiné des fonctions qui, même (ou surtout) aujourd'hui, sont dissociées : il était un véritable scientifique, un chercheur rigoureux, un technicien compétent en géométrie et en cartographie, un homme d'affaires, un représentant diplomatique, un bureaucrate et un simple employé. Il alternait des périodes de séjour dans des bureaux et des laboratoires avec de longs voyages au cœur de l'Amazonie, lors d'expéditions longues et méticuleuses, menées avec une rare capacité d'observation des humains et de la nature, combinée à une vertu encore plus rare : le talent pour la confection de cartes. Pendant de nombreuses années, la carte du Bas-Amazone qu'il a dessinée, dans la deuxième décennie du XXe siècle, a été la source cartographique la plus précise sur la région. Une œuvre d'art.

Le Cointe a reçu les plus hautes distinctions décernées par le gouvernement français, y compris la Légion d'honneur (attribuée aussi, mais bien plus tard, à un autre personnage – son compatriote – du drame amazonien, à savoir, notre contemporain le père Henri de Rosières, qui a défendu des agriculteurs spoliées de leur terre dans le sud du Pará). Mais Le Cointe a

également reçu des titres et des médailles du gouvernement brésilien, reconnaissant pour les contributions qu'il a apportées dans divers domaines de connaissance, sur les richesses de l'Amazonie, du caoutchouc aux huiles végétales, des bois aux animaux et, plus largement, sur l'estuaire du fleuve Pará, qu'il a révélé aux citoyens d'une terre aussi inconnue qu'incomprise, même par les habitants de la capitale de l'État, où la convergence des eaux est un élément structurant.

Mais, plus important que tout : resté en Amazonie pendant 64 ans, Le Cointe est mort à Belém à 86 ans, en 1956, pauvre et abandonné. Son ami et collègue de travail Ricardo Borges l'a sauvé d'une fin dans l'indigence et la mélancolie en lui rendant un jour visite, dans la modeste maison du Largo da Trindade qu'il habitait avec sa femme, et d'où il a lancé l'alerte devant tant de misère. Rapidement, mais à la onzième heure, les autorités se sont mobilisées pour offrir au si célèbre personnage ses derniers jours recueillis dans un hôpital, puis une sépulture au cimetière de Santa Izabel. Peu, cependant, l'ont accompagné à sa dernière demeure. Personne ne le visite plus. Et rares sont ceux qui parlent encore de lui.

Dans les dernières années de sa vie, il souffrait de troubles mentaux. Sa femme, Maria Corrêa Pinto, avec qui il s'était marié, à Óbidos, en 1895, malgré son abnégation, ne pouvait pas s'occuper de lui comme il se devait, faute de « formation adéquate », d'après le témoignage de Ricardo Borges. Elle était également incapable de défendre le patrimoine de son mari, accumulé dans leur maison simple : des étrangers et des nationaux qui lui rendaient visite s'approprièrent, « non rarement », les nombreux travaux scientifiques que le naturaliste avait écrits et qui n'ont jamais été publiés ou, si c'est le cas, peut-être, l'ont été sous un autre nom. Ricardo Borges déclare dans l'article affectueux au sujet de son ami que « d'autres préciosités, des études et des collectes de données sur l'Amazonie, par Le Cointe, ont disparu des archives du vénérable maître dans les dernières années de sa vie ».

En lisant l'article de l'avocat de formation (et économiste par vocation, en plus de politique et d'administrateur public), je me suis intéressé au sort du carnet de voyage par la rivière Madeira. Mais ce n'est que quelques années plus tard que j'ai pris conscience d'un fait évident qui m'avait échappé. Peut-être que Le Cointe avait donné ce carnet, dans lequel il avait fait des notes et des dessins, à sa meilleure élève de l'École de Chimie Industrielle – institution qu'il avait fondée en 1919 ? Après tant de discussions avec Clara Martins Pandolfo, ce n'est que lors de l'une de nos dernières rencontres avant sa mort, en 2009, à 97 ans, que j'ai mentionné le carnet. Docteur Clara a confirmé qu'elle avait le carnet, mais elle n'a pas réussi à le localiser dans sa bibliothèque. Nous nous sommes rencontrés à d'autres occasions, mais le document restait introuvable.

Ce n'est qu'après sa mort que le carnet a été retrouvé. La famille a décidé de récompenser ma curiosité et ma persévérance, ainsi que les liens d'affection, de respect et d'amitié que je maintenais avec cette penseuse qui a influencé tant de générations, qu'elles aient été ou non ses élèves : on m'a donné le document. Émerveillé par ce que j'y ai lu, je l'ai remis à Ima Vieira, qui dirigeait alors le Musée Paraense Emílio Goeldi. Ima l'a transmis à son successeur, Nilson Gabas Júnior. Et maintenant, le Musée Goeldi offre cette œuvre au public, finalisant le travail et l'effort de tant de personnes impliquées dans ce projet.

J'espère qu'il déclenchera des vocations pour récupérer l'histoire de l'œuvre et de la vie de Paul Le Cointe, en republiant ou en diffusant ses écrits, vastes et multiples. Peut-être ainsi pourra-t-on également faire justice à la pensée et à la trajectoire de la *paraense* Clara Martins Pandolfo et le *baiano* Ricardo Borges, les deux principaux amis et collaborateurs du scientifique français, qui l'ont accompagné dans une grande partie de son expérience dans le Pará, non seulement physiquement mais aussi intellectuellement. Ainsi l'on honorera le passé et dignifiera l'avenir, en intégrant la grande contribution que ces trois personnages ont apportée pour que l'Amazonie cesse d'être traitée comme un désert intellectuel.

O DIÁRIO DA “VIAGEM CIRCULAR” DE PAUL LE COINTE:

ETNOHISTÓRIA DE UM MANUSCRITO E DE SEU
AUTOR NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Nelson Sanjad & Emilie Stoll

Introdução

No Arquivo Guilherme de La Penha, do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém (Brasil), um dossiê recém-criado permite ao visitante conhecer um caderno de anotações manuscritas que pertenceu ao francês Paul Le Cointe. Com 16,5 cm de largura por 22 cm de altura, o objeto impressiona pelo aspecto trabalhado. Sua capa rígida é em couro gofrado. Na capa frontal, um ramo de hera em relevo emerge do canto inferior esquerdo e se espalha pela página; é atravessado por um friso em arco, dentro do qual estão pequenos círculos enfeitados com flores. No verso, a contracapa é decorada com um padrão cruzado, em cujo interior se intercalam flores-de-lis em estrelas e um motivo floral em cruz. A lombada é sóbria e a borda do caderno é dourada. Um fecho de cobre à chave permite manter o conteúdo do caderno em segredo. As guardas da capa são impressas com uma estampa dourada e o miolo em papel liso é costurado. Linhas foram traçadas a lápis em todas as páginas. Com uma caligrafia cursiva muito bonita, o autor escreveu suas notas em nanquim, pontuadas com detalhes em tinta vermelha. As anotações são ilustradas por croquis e por 33 fotografias de diversos tamanhos, intercalados no texto, e por alguns raros recortes de jornal, também colados no caderno. O número de cada página é anotado a lápis no canto superior, até 180. Em papeis avulsos guardados dentro do caderno, constam uma lista de 101 fotografias, outra lista com 13 fotografias, uma lista de material fotográfico e livros comprados na Europa e um esquema em silhueta representando a altitude dos Andes, do lago Titicaca ao rio Mapiri, na Bolívia (Figuras 1 e 2).

juillet - novembre 1900¹

I. De Belem à Barbade.

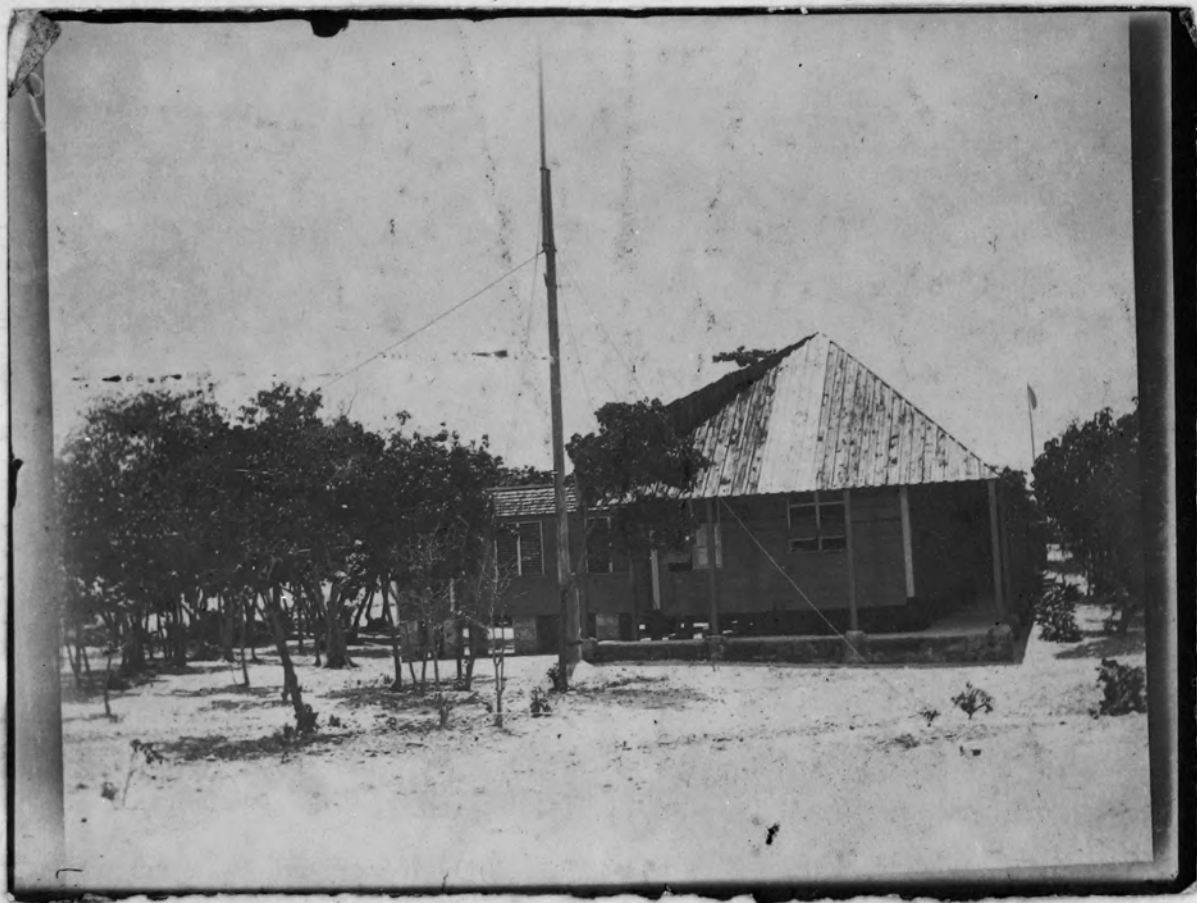
M^{rs} Devis et C^{ie} de Paris m'ayant offert la gérance de leurs établissements du Béni (Bolivie), j'étais allé en mai à Mpanaís pour m'entendre à ce sujet avec leur représentant M^r Martin Norden qui m'annonçait son arrivée d'Europe. Là, bien vite d'accord sur le contrat, il fut décidé que tandis que M^r Norden remonterait jusqu'à Iquitos liquider ses affaires, je retournerais chez moi, à Obidos, faire mes préparatifs de voyage, et rendez vous fut fixé à Belem pour la fin du mois de juin; nous devions faire route ensemble.

Le 17 juin 1900 nous embarquions à Obidos, ma femme et moi, sur le "Comte d'Eu" de la C^{ie} de l'Amazone et arrivions le 21 à Belem. Le 8 juillet seulement le vapeur de Iquitos nous amena M^r et M^{me} Norden. Notre départ fut aussitôt fixé pour le 20, par le 1^{er} vapeur en partance pour Barbade, le "Hildebrand" de la Booth Line. Nous avions, en effet, donné la préférence à la voie Panamá - Mollendo - La Paz, en vue de l'épidémie de peste bubonique qui régnait alors à Rio de Janeiro et nous aurait retenu pour un voyage par la République Argentine. Quant à remonter par la Espavira, il n'y fallait pas songer. Cette voie quoique plus courte est la plus pénible. De S. Antonio, au pied des chutes il y a manque constant d'hommes et d'embarcations pour continuer la route et la région des fièvres terribles qui rendent le séjour des plus pénibles. D'ailleurs le passage des chutes aurait été trop pénible pour ces dames. -

Dans le bureau de la C^{ie} on nous donne une mauvaise nouvelle. Tout navire sorti du port de Belem est considéré comme suspect à cause de la fièvre jaune qui est endémique ici, et doit compléter 14 jours d'isolement avant d'avoir libre entrée dans un port anglais. Le voyage d'ici à Barbade ne durant ^{généralement} que 4 jours, nous aurons donc à faire la 10 jours de quarantaine. Par surcroît de précautions, on nous fait déposer, en plus du prix du passage (8 lb. st. par personne), une som-

1 août - mercredi - L'Olliers est arrivé du Brésil et reparti 2 heures après sans laisser de passagers.

2. - Dernier jour de quarantaine. On amène à l'hôpital un marin d'un navire en rade qui partira la nuit prochaine. Il a la fièvre et est paralytique. Un gardien officiel vient de la ville pour le soigner.



III. - Ile de Barbade - Bridgetown

3. - Tempête toute la nuit; le matin il pleut encore. Enfin à 8 h. le médecin vient lever la quarantaine. Pour la 1^{re} fois il nous serre la main. C'est le signe de rédemption. A 8 h $\frac{1}{2}$ nous allons à terre où une bande de noirs nous

Figura 2. Página 10 do diário de viagem de Paul Le Cointe, onde se vê os dias grafados em vermelho e uma fotografia colada no papel, identificada com o número 5 à esquerda. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha. Reprodução de Mauro Ângelo Nascimento, 2009.

A página de rosto do caderno revela a função que lhe foi atribuída pelo autor. Ali, lê-se o seguinte título: “Par terre et par eau en Amérique tropicale. Notes de voyage. De l’embouchure du Rio Madera [sic] à ses sources par Panamá [sic]. 17 juin – 17 novembre 1900. Paul Le Cointe” (Por terra e por água na América tropical. Notas de viagem. Da foz do Rio Madeira até suas nascentes, pelo Panamá. 17 de junho – 17 de novembro de 1900). Embaixo, a lápis, ele acrescentou a seguinte observação: “(Notes de voyage: rédaction mise au point et corrigée, inédite). Rédigé mais non publié. 1954 P.L.C” (Notas de viagem: redação editada e corrigida, inédita. Redigida, mas não publicada. 1954 P.L.C.). Essa pequena nota é trêmula. Foi feita por um homem de 84 anos, doente e que, dois anos antes de morrer, ainda esperava publicar o diário que lhe daria um lugar entre os autores da literatura de viagens. De fato, o manuscrito oferece a crônica cotidiana de uma viagem extraordinária em razão do trajeto percorrido, feito desde o baixo Amazonas, no Brasil, até a Bolívia. A rota escolhida, por mar e depois por terra, passa por vários países do Caribe (Barbados, Haiti, Jamaica), pela América Central (Panamá) e do Sul (Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Brasil). Atravessa vários ecossistemas, dos litorâneos aos amazônicos, passando pelos de altitude situados nos Andes peruanos e bolivianos. Essa inusitada viagem foi realizada entre 1900 e 1901 por um sujeito singular, Paul Le Cointe, em companhia de sua esposa, Maria Corrêa Pinto.

Paul Le Cointe nasceu em Tournon-sur-Rhône (França) em 24 de setembro de 1870 e faleceu em Belém (Brasil) em 3 de fevereiro de 1956. Foi apaixonado pelas ciências, especialmente botânica, química e geografia; um polímata autodidata que se interessava por tudo. Sempre que tinha oportunidade, da Amazônia, onde residia, observava, media e anotava para avançar o conhecimento sobre os lugares, as pessoas e as coisas que encontrava. Ele era particularmente atento aos elementos topográficos, o que lhe permitiu desenhar e publicar um mapa extremamente preciso do baixo Amazonas (Le Cointe, 1911a). Isso lhe deu certa notoriedade à época (Braga, 1971; Stoll *et al.*, 2017). Le Cointe também foi autor de trabalhos sobre as plantas amazônicas, os quais são, até hoje, referências para a botânica e a fitoquímica (Le Cointe, 1918a, 1922a, 1934a).

Chegado à Amazônia em 1891, aos 21 anos, Le Cointe levou, a princípio e por quase dez anos, uma vida de explorador-aventureiro. Trabalhou na abertura de estradas na floresta, na instalação da linha telegráfica entre Óbidos e Alenquer, depois entre Manaus e o rio Urubu (Le Cointe, 1907a, 1907b); como coletor de artefatos ameríndios e espécimes da fauna e flora destinados a museus de história natural no Brasil e no exterior;¹ como agrimensor-supervisor nomeado pelo intendente de Óbidos para a demarcação de propriedades particulares no município;² e, por fim, como agente consular da França em Óbidos entre 1896 e 1899. Nesse período, casou-se com Maria Corrêa Pinto, jovem da boa sociedade de Óbidos. “Maroca”,

1 Cf. correspondência entre Paul Le Cointe e o diretor do Museu Paraense de História Natural e Etnografia (Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi, Gestão Emílio Goeldi, 1894-1907) e entre Le Cointe e o botânico Jacques Huber (Fundo Jacques Huber, Série Correspondência). Arquivo Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Brasil.

2 Le Cointe foi aprovado em concurso para agrimensor em 1894 e exerceu essa função no município de Óbidos até 1899. Cf. jornal *A Pátria Paraense*, 26 de julho de 1894 e 5 de setembro de 1894; carta de Paul Le Cointe ao Cônsul da França no Pará, 2 de junho de 1899. Ministério das Relações Exteriores, Brasil, Legação do Rio de Janeiro, Série A, cota 573PO/A, caixa 77, dossiê “Correspondência com a agência consular em Óbidos 1896-1908”. Centre des Archives diplomatiques de Nantes, França. Sobre o assunto, ver Stoll *et al.* (2017).

como a apelidava carinhosamente, era irmã do advogado Augusto Corrêa Pinto, aliado do governador Lauro Sodré e militante do Partido Republicano.

A leitura da correspondência entre os representantes das agências consulares francesas em Óbidos (agente consular Paul Le Cointe), em Belém (cônsul francês no Pará Albert Edouard Marie Louis Bobot-Descoutures) e no Rio de Janeiro (embaixador visconde Henri-Frédéric-Marie de Lavaur de Sainte-Fortunade) nos dá os elementos do contexto da partida de Le Cointe de Óbidos para a Bolívia.³ Ela revela, por exemplo, que Le Cointe gozou de um certo reconhecimento e de excelentes relações com a população de Óbidos e com notáveis locais entre 1891 e 1899.⁴ No entanto, essas relações ficaram tensas a partir de junho de 1899, quando Le Cointe perdeu o emprego na Intendência e usou seu estatuto de agente consular para atuar como justiceiro e denunciar as práticas que considerava ilegais e imorais do governo municipal e das forças públicas. Em seis meses, desenvolveu relações conflituosas com um conjunto de sujeitos locais: o intendente municipal (regatão José Antônio de Mattos Piranha),⁵ o deputado tenente Lourenço Valente do Couto (explorador mal sucedido, agrimensor em Óbidos e concorrente de Paul Le Cointe nessas duas funções),⁶ o chefe da polícia (alfaiate Antônio Florindo de Araújo), o comandante do Forte (alferes Hilário de Abreu), o Juiz de Direito (Júlio Diniz), o tabelião (major Tito Valente Ferreira do Couto, irmão do deputado) e o escrivão do Tribunal (João Martins da Rocha, sobrinho do intendente). Com isso, atraiu a hostilidade de alguns moradores da cidade e foi notado pelo governador do estado do Pará, José Paes de Carvalho, que denunciou sua conduta ao cônsul da França em Belém.⁷

Essa situação fez Le Cointe temer pela sua segurança pessoal e o animou para deixar Óbidos com a esposa. A princípio, ele tentou ser recrutado pelo Museu Paraense de História Natural e Etnografia, em Belém. Em setembro de 1899, Le Cointe enviou ao diretor, Emílio Goeldi, cinco caixas contendo animais vivos e mortos, artefatos arqueológicos, fósseis e rochas, juntamente com um pedido para que fosse “admitido no seio do pessoal ativo do museu”.⁸ Recebeu uma resposta negativa informando que não havia vagas disponíveis na

3 Ministério das Relações Exteriores, Brasil, Legação do Rio de Janeiro, Série A, cota 573PO/A, caixa 77, dossiê “Correspondência com a agência consular em Óbidos 1896-1908”. Centre des Archives diplomatiques de Nantes, França.

4 Ver, por exemplo, a carta de Paul Le Cointe ao Cônsul da França no Pará, 2 de junho de 1899. Ministério das Relações Exteriores, Brasil, Legação do Rio de Janeiro, Série A, cota 573PO/A, caixa 77, dossiê “Correspondência com a agência consular em Óbidos 1896-1908”. Centre des Archives diplomatiques de Nantes, França.

5 O ‘regatão’ era um comerciante ambulante que viajava de barco entre as cidades e as comunidades ribeirinhas da Amazônia, geralmente comercializando ou trocando mercadorias industrializadas e produtos agrícolas e extrativistas locais. Sobre o assunto, ver McGrath (1999) e Meira (2018).

6 Em 1894, o tenente Lourenço Valente do Couto liderou uma expedição para abrir uma rota entre os rios Erepecurú e Curuá, mas sua equipe se perdeu no caminho de volta para Óbidos, vagando por cinco meses na floresta (Sanchez, 1998). Não existe um diário dessa expedição, mas um dos tripulantes, João Salles, publicou um relato no jornal *Folha do Norte*, de 7 e 10 de março de 1896.

7 Cf. carta do cônsul da França no Pará ao ministro da República Francesa no Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1899. Ministério das Relações Exteriores, Brasil, Legação do Rio de Janeiro, Série A, cota 573PO/A, caixa 77, dossiê “Correspondência com a agência consular em Óbidos 1896-1908”. Centre des Archives diplomatiques de Nantes, França.

8 Carta de Paul Le Cointe a Emílio Goeldi, 17 de setembro de 1899. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi, Gestão Emílio Goeldi (1894-1907), Série Correspondência. Arquivo Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Brasil.

instituição. Essa justificativa, contudo, era apenas uma desculpa do diretor para se livrar do compromisso, pois Goeldi, durante toda a sua gestão, contratou apenas pesquisadores alemães, suíços e austríacos, isto é, profissionais oriundos da Europa Central germanófono, qualificados com diploma universitário (Sanjad, 2010). Le Cointe não tinha doutorado e nem o perfil desejado. Além disso, seu posto consular e seu envolvimento com o partido colonial francês,⁹ em pleno Contestado Franco-Brasileiro,¹⁰ jamais permitiriam sua contratação por uma instituição que se envolveu ativamente na disputa diplomática em favor do Brasil.¹¹

Foi na sequência desses acontecimentos que Le Cointe aceitou o cargo de gerente dos estabelecimentos da empresa francesa Devès et Compagnie, na Amazônia boliviana. Em 17 de junho de 1900, deixou Óbidos com a esposa e foi para Belém, onde se demitiu do posto consular.¹² O casal iniciou seu périplo para a Bolívia em 20 de julho de 1900. Os estabelecimentos da Devès eram, na verdade, um seringal (ou *gomal*, em espanhol), ou seja, um entreposto comercial de extração e comercialização de borracha, localizado às margens do rio Madidi, afluente do Beni, onde várias empresas estrangeiras competiam pela exploração do “ouro negro”.¹³ O entreposto principal (barracão) da Devès et Compagnie chamava-se Mirlitonville, localizada em uma região de conflitos entre indígenas, missionários, colonos e seringueiros desde a década de 1880 (Balzan, 2008; Orsag Molina, 2017).

As árvores gomíferas estão naturalmente presentes no bioma amazônico, dispersas pela floresta. Os coletores de goma (seringueiros) tinham de percorrer trilhas de vários quilômetros para ‘sangrar’ as árvores e recolher o látex,¹⁴ presas de mosquitos e de outros animais perigosos. Como descreveu Le Cointe em suas cartas ao cônsul francês na Bolívia, a vida no seringal da Devès et Compagnie era difícil: o clima era insalubre, propício a doenças, e o Madidi era uma região particularmente isolada; as condições de trabalho eram precárias e as rivalidades entre as empresas de borracha favoreciam os conflitos interpessoais e os violentos acertos de contas entre empregados.¹⁵ Antes da chegada de Le Cointe, a empresa Devès et Compagnie no Madidi já aparecia em várias notícias veiculadas entre 1890 e 1896,

9 Movimento de opinião não identificado com partidos políticos, que passou a defender a expansão colonial após a derrota francesa na Guerra Franco-Alemã (1870).

10 Disputa geopolítica entre a França e o Brasil sobre o limite da fronteira entre a Guiana Francesa e o Brasil (1897-1900).

11 Nesse mesmo período, o Museu Paraense tinha recursos para a contratação de novos pesquisadores. Dois meses depois da carta de Le Cointe para Goeldi, chegaram da Europa, recrutados pelo diretor, o geólogo alemão Karl von Kraatz-Koschlau, o zoólogo suíço Gottfried Hagmann e o entomólogo austríaco Adolf Ducke (Sanjad, 2010).

12 Cf. carta de Paul Le Cointe ao cônsul da França no Pará, 26 de junho de 1900. Ministério das Relações Exteriores, Brasil, Legação do Rio de Janeiro, Série A, cota 573PO/A, caixa 77, dossiê “Correspondência com a agência consular em Óbidos 1896-1908”. Centre des Archives diplomatiques de Nantes, França.

13 Nome dado à borracha pelos extratores de látex e que remete à coloração escura do produto defumado (Walle, 1909).

14 O látex natural é um suco vegetal viscoso branco, que corre entre a casca e o tronco de diferentes espécies de árvore e de plantas gomíferas. Entre elas, o látex da árvore *Hevea brasiliensis* era (e ainda é) o mais apreciado.

15 Cf. Ministério das Relações Exteriores, Bolívia, Embaixada em La Paz, cota 341PO/1, caixa 30. Centre des Archives diplomatiques de Nantes, França.

nomeadamente as relacionadas ao “caso Albert Mouton”, durante o qual o gerente da empresa foi assassinado na sequência de uma intriga amorosa (Roux, 1999). Nada sugere que, à época de sua saída do Brasil, Le Cointe tivesse consciência do ambiente deletério dos estabelecimentos da Devès et Compagnie nem da dificuldade da tarefa que o esperava. Pelo contrário, ele parecia ver esse desafio como uma oportunidade para ampliar seus conhecimentos sobre o Caribe e sobre a Amazônia boliviana. É essa motivação que encontramos na origem da escrita desse diário de viagem. Le Cointe usaria, justamente, sua experiência como agrimensor e como coletor-naturalista, acumulada ao longo de oito anos na Amazônia brasileira, para escrever a história de sua jornada.

A viagem circular de Paul Le Cointe

Para chegar à Amazônia boliviana a partir de Óbidos, o trajeto mais curto e rápido é o fluvial. Para isso, é necessário subir o rio Amazonas de barco até a cidade de Itacoatiara (Amazonas, Brasil). Em seguida, subir o rio Madeira até a cidade de Porto Velho (Rondônia, Brasil) e continuar no mesmo rio até a fronteira boliviana em El Borach. Depois, seguir até Vila Murtinho (Brasil), onde os rios Mamoré e Madre de Dios se encontram. Ali entra-se em território boliviano pelo Madre de Dios até a cidade de Riberalta, na confluência com o rio Beni. Navega-se por esse rio até a foz do Madidi, a cerca de 210 quilômetros rio acima, em linha reta. Essa rota tem o inconveniente de cruzar algumas corredeiras nos rios Madeira e Madre de Dios. Na época da viagem de Le Cointe, os passageiros desciam dos barcos nas corredeiras e atravessavam pelas margens a pé com suas bagagens, enquanto o barco era içado por homens.

No entanto, Le Cointe e sua esposa seguiram por um caminho completamente diferente, que os levou a fazer uma viagem circular. O casal, na companhia do representante da empresa Devès et Compagnie – Martin Norden, também acompanhado da esposa –, decidiu percorrer rotas marítimas e terrestres, atravessando vários países, até chegarem ao rio Madidi. O périplo foi dividido em quatro etapas, narradas detalhadamente por Le Cointe, em um total de 139 páginas: 1) o contorno do continente sul-americano pelo mar: após deixar o porto de Belém, o grupo fez uma primeira escala na ilha de Barbados, depois o navio passou pelo Haiti e pela Jamaica, antes de chegar ao Panamá. Em terra, atravessou o istmo de trem. No lado do Oceano Pacífico, o grupo embarcou novamente e percorreu a costa colombiana, equatoriana e peruana até Mollendo (Peru). Aqui terminou a parte marítima da viagem. 2) a subida dos Andes peruanos de trem: em Mollendo, Le Cointe e seus acólitos pegaram o trem e iniciaram a travessia dos Andes, até Puno (Peru), às margens do Lago Titicaca. O grupo atravessou o lago de barco e chegou à Bolívia. Do lago, seguiu para La Paz de carro. 3) a passagem dos Andes até a Amazônia boliviana no lombo de um burro: esse trecho da viagem foi

extremamente cansativo, feito durante 12 dias, até a localidade Mapiri, já na encosta andina da Bolívia. 4) o percurso pela Amazônia boliviana de jangada (*callapo*): de Mapiri, o grupo desceu o rio homônimo, atravessando diversas corredeiras por oito dias, até Rurrenabaque, no alto curso do rio Beni (Figura 3). A última parte da jornada foi uma penosa descida do Beni até a foz do Madidi, seguida da subida do Madidi até o seringal da empresa Devès et Compagnie, trajeto também realizado em uma jangada, com duração de 15 dias. Le Cointe e sua esposa finalmente chegaram ao seu destino em 17 de novembro de 1900, exatamente cinco meses após sua partida de Belém. Aqui terminou a primeira parte da viagem circular (ver mapa, Figura 4, trajeto em violeta).



Figura 3. Os *callapos*, utilizados nesta época para navegar no rio Beni, eram estreitas jangadas feitas de troncos de madeira. Paul e Maria Le Cointe viajaram em um barco similar por quase 35 dias, de Mapiri a Mirlitonville. Cartão postal da coleção Paul Rivet, com a seguinte inscrição: “Navegación en callapos – Rio Beni. Bolivia. Propiedad de los editores De Notta & Ca, La Paz”. Musée du Quai Branly – Jacques Chirac, PP0153929. Reprodução autorizada.

Figura 4. Trajeto da viagem circular de Paul e Maria Le Cointe. Mapa elaborado por AFDEC, França.





É surpreendente a escolha do casal Le Cointe por este longo percurso, que exigiu uma logística significativa e mudanças frequentes de veículos e meios de transporte (navio, comboio, barco, carro, mula, jangada). Pode-se levantar várias hipóteses sobre as razões dessa escolha. A primeira, declarada por Le Cointe no início do relato, foi seu desejo de tornar a viagem suportável para sua esposa e a de Martin Norden. Embora a viagem pelo rio Madeira fosse a mais curta, Le Cointe considerou a passagem pelas corredeiras ao longo do curso como difícil e perigosa. Além disso, a malária era endêmica naquela região e os conflitos com indígenas e populações fronteiriças envolvidas na extração da borracha eram frequentes (Costa, 2005; Iglesias, 2010). Ainda podemos levar em consideração que a viagem ocorreu na época da estiagem, quando as águas do rio baixam e a transposição das corredeiras torna-se ainda mais difícil, quando não impossível, no caso de uma forte seca.

A segunda hipótese é que a rota teria sido sugerida pela empresa Devès et Compagnie. Com efeito, observamos no relato de Le Cointe que também foi planejado contornar o continente sul-americano por mar, mas a partir do sul, para depois subir pelos rios fronteiriços, como o da Prata (fronteira Uruguai / Argentina) e o Paraguai (fronteiras Argentina / Paraguai / Brasil / Bolívia). Sem dúvida, do ponto de vista europeu, esperava-se de um gerente de estabelecimento que viajasse em meios de transporte confortáveis e convencionais – como o navio, que dispõe de camarotes privados e de serviço de alimentação – em águas navegáveis, e não em uma embarcação leve, tipo uma canoa, capaz de subir cachoeiras, como faria um explorador. Por fim, a terceira hipótese, e não menos importante, é que a realização de uma viagem circular, como era comum no século XIX e no início do XX,¹⁶ deu a Le Cointe uma fantástica oportunidade de conhecer o Caribe e os Andes, bem como de escrever, em condições ideais, uma crônica à maneira dos livros de viagem. Esse gênero literário, bastante popular na Europa, permitiu a alguns dos contemporâneos de Le Cointe, como Henri Coudreau (1859-1899), se tornarem conhecidos do público em geral e dos círculos acadêmicos e científicos.

Entretanto, ao contrário da literatura de viagens produzida na época, ao se ler o relato de Le Cointe, impressiona o lugar importante que o autor deu para sua esposa, Maria Corrêa Pinto. Ela aparece muitas vezes no texto, por meio de seu estado de espírito e de suas condições físicas. Ficamos, assim, sabendo que a esposa de Le Cointe não enjoava em viagens marítimas, se aborrecia com o estrondo das ondas a rebentar na praia, fechava-se à noite na cabine do barco, cansou e enjoou no primeiro dia do trajeto feito em lombo de mulas, depois se acostumou e cantou alegremente no dia seguinte, pegou um resfriado e ficou doente, se recuperou etc. Seja triste ou feliz, a companheira de Le Cointe é uma personagem à parte na viagem. Chegou a ser nomeada uma vez pelo apelido de “Maroca”. Note-se, a título de

¹⁶ Ver, por exemplo, a novela de Émile Zola, “Voyage circulaire”, publicada em 1884, na qual um casal percorre a Normandia francesa de trem, em lua-de-mel; ou o livro “Voyage circulaire en Italie”, publicado em 1874 sob o nome de Madame Veuve L.G.B.; ou, ainda, o “Récit d’un voyage circulaire en Orient”, de Alexandre Danjean, publicado em 1907.

comparação, que, em seus relatos de viagem, Henri Coudreau não mencionava a presença de sua esposa Octavie, sempre ao seu lado, e cuja função, hoje sabemos, era administrar a equipe e a missão ao lado do marido (Ferretti, 2017).¹⁷

Maria Corrêa Pinto, por sua vez, aparece frequentemente no relato de Paul Le Cointe, mas como uma pessoa submissa que acompanha o marido e não participa dos aspectos científicos da viagem. No entanto, as memórias familiares transmitidas pelos descendentes do irmão de Maria – ou seja, pelos sobrinhos dela – atestam o protagonismo dessa mulher nas decisões relacionadas à vida do casal. Na família Corrêa Pinto, conta-se que Maria foi, nessa época, a primeira mulher a sobrevoar o lago Titicaca em avião.¹⁸ O discurso de Le Cointe sobre sua esposa nos dá acesso à sua visão patriarcal, mas a posição que ele ocupava na família de Maria, de quem dependia financeiramente, convida-nos a questionar esse discurso e a reconsiderar a relação do casal Le Cointe, à luz de um estudo posterior mais aprofundado a ser realizado.

A segunda parte da viagem circular do casal Paul e Maria é uma breve descrição, em apenas 39 páginas, do retorno ao Brasil pelos rios Madidi, Beni, Madre de Dios, Madeira e Amazonas (ver Figura 4, trajeto em vermelho). Foi escrita de maneira sucinta em um único bloco, possivelmente porque Le Cointe e sua esposa tiveram que deixar a Bolívia às pressas. A viagem ocorreu em três etapas: 1) partida de Madidi em 10 de setembro de 1901 e chegada em Riberalta em 21 de setembro. Pausa de dois meses e 20 dias em Riberalta, onde Le Cointe foi mantido em prisão domiciliar por autoridades bolivianas, acusado de assassinato. No Madidi, na sequência de um acerto de contas entre Félix Linon (gerente interino) e Jean-Baptiste Brouillon (empregado), Le Cointe decidiu fazer justiça por conta própria e mandou executar seu empregado. Consequentemente, viu-se nas mãos da justiça boliviana, que pôs fim à sua experiência de seringalista.¹⁹ Ele foi intimado a comparecer na delegacia de Riberalta. Foi liberado graças à intervenção do cônsul francês em La Paz;²⁰ 2) Le Cointe e a esposa, em fuga, regressaram para Belém pelo caminho mais curto e que não exigia a travessia de múltiplas fronteiras: partiram de Riberalta em 10 de dezembro de 1901 com destino a Manaus, descendo em jangada o rio Madre de Dios e depois em canoa o Madeira, até Santo Antônio, a última cachoeira do rio, já no Brasil; 3) viagem em navio a vapor até Manaus, aonde o casal chegou

17 Após a morte de Henri Coudreau durante uma expedição no rio Trombetas em 1899, Octavie Coudreau continuou a viagem até o fim e escreveu o relato “Voyage au Trombetas”, publicado em 1900.

18 Cf. entrevista de Emilie Stoll com Carlos Eduardo Corrêa Pinto, sobrinho-bisneto da Maria Corrêa Pinto, realizada por videochamada em 24 de outubro de 2022.

19 Com efeito, como Patrick Petitjean descreve detalhadamente em seu texto no presente livro, a gestão dos estabelecimentos Devès et Compagnie por Le Cointe revelou-se desastrosa não apenas do ponto de vista humano, mas também financeiro. A companhia Devès faliu em 1902.

20 Cf. Carta de Paul Le Cointe ao Ministro da França em La Paz, 7 de dezembro de 1901. Ministério das Relações Exteriores, Bolívia, Embaixada em La Paz, cota 341PO/1, caixa 30. Centre des Archives diplomatiques de Nantes, França.

em 12 de janeiro de 1902. O casal, então, pegou outro navio a vapor até seu destino final, Belém. Ao todo, a viagem de volta ao Brasil por via fluvial durou um mês e dez dias.

Temos, assim, dois relatos de viagem: o primeiro (viagem de ida, por via marítima, terrestre e fluvial), descrito pormenorizadamente, e o segundo (viagem de regresso, por via fluvial), mais condensado. Percebe-se, através dos assuntos aos quais Le Cointe se dedicou, que seu interesse mudou entre o momento em que foi para a Bolívia e o momento em que deixou o país. O primeiro relato enfatiza a descrição dos locais percorridos, com insistência na arquitetura, na infraestrutura urbana, nas instalações oferecidas aos viajantes (conforto das cabines, dos hotéis etc.), na salubridade dos lugares, na disponibilidade de água, nas formalidades aduaneiras e sanitárias exigidas no cruzamento de fronteiras (quarentenas etc.), na qualidade da alimentação, na prestatividade do pessoal de serviço e na presença de populações indígenas e/ou de origem africana, fossem ou não servis. Le Cointe fez uma avaliação extremamente crítica dos lugares por onde passou, onde nada nem ninguém fazia jus ao que ele esperava. Seu olhar eurocêntrico, seu machismo e seu mau humor, até mesmo sua falta de empatia, permitem que o leitor descubra um viajante intolerante, o que contrasta fortemente com a ideia que se poderia ter de um francês que já vivia há sete anos na Amazônia. A isso, somam-se os comentários racistas sobre os negros que conheceu e os comentários depreciativos sobre a população dos países que atravessou, em particular as mulheres (“feias”, “velhas”, “bêbadas” etc.). O autor também descreveu as empresas e indústrias presentes ao longo do percurso. Essa primeira parte do diário de Le Cointe insere-se claramente, portanto, em um projeto colonialista que procura determinar os locais adequados para colonos franceses fazerem negócios e viverem confortavelmente do ponto de vista material e da disponibilidade de serviços entre a população local.

Além desses aspectos, Le Cointe tratou com precisão científica de outros temas que lhe interessavam pessoalmente: entre eles, a navegabilidade dos cursos d’água e as técnicas de navegação (descrição dos modelos de embarcações), os meios de transporte disponíveis (barcos, comboios, automóveis, mulas), os fenômenos climáticos e naturais (marés, temperatura, pressão atmosférica, sazonalidade das chuvas), a variedade das paisagens percorridas (ecossistemas, altitude etc.). O uso exaustivo da fotografia ao longo da viagem corrobora esse interesse científico.²¹ Le Cointe registrou todos os lugares por onde passou com um raro interesse documental, de sua primeira parada em Bridgetown, capital de Barbados, até a última, em Humaitá, pouco antes da foz do rio Madeira. A maioria das 101 fotografias listadas em um papel avulso, das quais apenas 33 foram efetivamente coladas no diário, são panoramas de cidades e paisagens naturais, como montanhas, vales e corredeiras.

21 Depois da viagem, Le Cointe continuaria a se interessar pela fotografia, principalmente como evidência documental. Chegou mesmo a desenvolver uma técnica para fazer fotos aéreas, como ele revela em uma carta a Jacques Huber escrita de Óbidos. As imagens também estão presentes em muitos dos seus escritos, como “L’Amazonie Brésilienne” (Le Cointe, 1922a), ilustrado com 66 fotografias.

Poucas são as imagens propriamente etnográficas, que registram, sobretudo, residências indígenas. Não há fotografias testemunhais, como os retratos dos viajantes em contexto; e surpreendem as poucas descrições da fauna e da flora no texto e a ausência de imagens de animais e plantas. Do Madidi, somente duas fotografias aparecem listadas (não inseridas no diário): um panorama do rio e o embarque da borracha produzida em Mirlitonville.

No relato de retorno ao Brasil, seguindo sua experiência como administrador de um seringal, o olhar de Le Cointe foi particularmente atento ao contexto de exploração e comércio da borracha, seja na descrição da sucessão de propriedades ao longo do percurso, seja na descrição dos produtos derivados da borracha, sem esquecer das condições de trabalho e dos sujeitos envolvidos nessa indústria: indígenas, seringueiros, concessionários, seringalistas etc. O interesse de Le Cointe por questões geopolíticas – principalmente as disputas territoriais entre Brasil, Bolívia e Peru, em parte ligadas a rivalidades na exploração da borracha – fica evidente em seu relato da descida dos rios Madre de Dios e Madeira. Por exemplo, descreveu os vários postos militares e mencionou as tropas de demarcação de fronteiras que encontrou. Além disso, ele observou atentamente os sistemas utilizados na transposição das corredeiras ao longo do rio e fez a apologia das vantagens oferecidas pelos trilhos de Decauville²² e pela ferrovia, em um contexto regional de construção da linha férrea entre o rio Madeira e o Mamoré (Figura 5).



Figura 5. Transposição de corredeiras na Amazônia, com um barco sendo içado por homens sobre toras finas de madeira, em uma rota de escoamento da borracha. Estereoscopia do início do século XX, da coleção Paul Rivet, doada ao Musée de l'Homme pela empresa Bergougnan. Criada em Clermont-Ferrand por Raymond Bergougnan, no final do século XIX, essa empresa francesa foi uma das mais importantes fabricantes de pneus antes e após a Primeira Guerra Mundial. Foi comprada pela Michelin no começo dos anos 1960. Musée du Quai Branly – Jacques Chirac, PV0082945. Reprodução autorizada.

²² Paul Decauville (1846-1922) foi o inventor, no século XIX, da via férrea de bitola estreita (de 40 a 60 cm). Facilmente removíveis, os trilhos Decauville foram utilizados para o transporte de cargas pesadas em distâncias curtas, sobretudo em portos, na mineração, na indústria e em obras públicas.

Um cronista francês das questões socio-geopolíticas da Amazônia no alvorecer do século XX

A chegada de Le Cointe à Amazônia, no início da década de 1890, coincidiu com o acirramento de tensões fronteiriças na região, provocadas por disputas geopolíticas e comerciais. Aos 21 anos, ele se viu motivado a explorar o território localizado entre os rios Oiapoque e Araguari, no atual estado do Amapá, inicialmente disputado pela França e por Portugal, depois pelo Brasil, desde o século XVIII.²³ Em 1891, Le Cointe solicitou apoio ao Ministério da Instrução Pública para se instalar no território contestado, em local de fácil acesso. A partir desse ponto de apoio, viajaria pelo território com as finalidades de desenhar um mapa e de coletar para o Museu de História Natural de Paris, bem como de inventariar e divulgar os recursos naturais locais para atrair colonos franceses. Depois de um aceno positivo, Le Cointe mudou-se para a Amazônia no mesmo ano, mas o projeto foi logo cancelado pelo próprio ministério por razões diplomáticas (ver o texto de Patrick Petitjean neste livro).

Nesse projeto, Le Cointe foi possivelmente influenciado por Henri Coudreau, que publicou, em 1886 e 1887, um livro capital para a diplomacia francesa, “La France Équinoxiale”, baseado nas viagens que o autor fez na região amazônica desde 1881 (Coudreau, 1886, 1887a, 1887b). O livro, em dois volumes e um atlas, tornou-se peça-chave para o chamado partido colonial, pois reuniu argumentos econômicos, sociais e pretensamente científicos para a defesa da expansão do território francês para o sul, em direção à antiga Guiana Brasileira, e para o oeste, em direção ao rio Branco, no atual estado de Roraima (Mériam, 2004; Sanjad, 2010).

Não é muito claro o grau de envolvimento de Le Cointe no embate diplomático que se sucedeu ao conflito armado de 1895, quando tropas francesas deixaram Caiena e atacaram a comunidade de Amapá, mas certamente ele esteve muito atento à questão. Le Cointe não se manifestou em jornais brasileiros, onde ocorreu forte polêmica, mas produziu, como agente consular em Óbidos, nomeado em 1896, um relatório sobre a “situação econômica e financeira” do baixo Amazonas, enviado no mesmo ano à Embaixada da França no Rio de Janeiro e depois encaminhado ao Ministério do Comércio em Paris.²⁴ Há, contudo, uma forte evidência do alinhamento de Le Cointe ao movimento colonialista: sua filiação à Sociedade de

23 Esse território foi declarado zona neutra pela França e pelo Brasil em 1841, quando os dois países se comprometeram a não ocupar até que a fronteira fosse estabelecida. Nas décadas de 1880 e 1890, projetos de ocupação colonial incentivados por capitalistas, militares e exploradores franceses elevaram as tensões no território, que culminaram em grave conflito armado na vila de Amapá, em 1895. Esse conflito teve como consequência direta a assinatura de um Tratado de Arbitramento em 1897, no qual Brasil e França reconheciam o presidente da Confederação Helvética como árbitro da questão. Depois de um processo de apresentação de provas e réplicas, a sentença foi divulgada em dezembro de 1900, dando ganho de causa ao Brasil (Carvalho, 1959).

24 Carta do embaixador da França no Brasil a Paul Le Cointe. Petrópolis, 12 de novembro de 1897. Ministério das Relações Exteriores, Brasil, Legação no Rio de Janeiro, Serie A, 573PO/A, caixa 77, dossiê “Correspondance avec l’agence consulaire à Óbidos, 1896-1908”. Centre des Archives diplomatiques de Nantes, França. O relatório de Le Cointe não está anexado à documentação da agência consular de Óbidos. Infelizmente, ainda não nos foi possível localizá-lo.

Geografia Comercial de Paris (SGCP) em novembro de 1896, o mesmo ano em que produziu o citado relatório.

A SGCP era o epicentro do partido colonial, reunindo intelectuais, comerciantes, industriais, capitalistas, militares e toda sorte de aventureiros que viam no ultramar qualquer possibilidade de exploração e negócio. Dela participavam, por exemplo, como secretário geral, o jornalista Jules Gros (1829-1891), famoso mundialmente por ter proclamado a independência da República de Cunani, no território contestado da Guiana, e se autodeclarado presidente em 1886, sem nunca ter pisado naquela região; e o próprio Coudreau, que publicou no boletim da sociedade, nas décadas de 1880 e 1890, vários textos defendendo maior intervenção da França na Guiana Francesa e na Amazônia brasileira.²⁵ Le Cointe foi um sócio ativo da SGCP, publicou diversos textos no seu boletim nas décadas de 1900 e 1910, e foi por ela premiado em 1904 (ver o texto de Patrick Petitjean neste livro). Sua visão colonial da Amazônia, explícita até a década de 1920, incluindo no primeiro volume de “L’Amazonie brésilienne” (Le Cointe, 1922a), ainda aguarda maiores investigações.

Quando Le Cointe decidiu deixar a cidade de Óbidos em 1899, rumou para uma zona fronteiriça ainda mais conturbada do que o Amapá: a bacia do rio Madeira. Toda a região localizada entre o alto curso do rio Madeira e o do rio Juruá experimentava convulsões sociais desde o início da década, provocadas pela migração maciça de brasileiros, que subiam os rios em busca de seringa e caucho, de bolivianos e peruanos, que desciam os mesmos rios na coleta dos mesmos produtos, e de povos indígenas, expulsos de seus territórios, escravizados ou cooptados como mão de obra barata por seringalistas, quando não massacrados. Assim como no norte, a fronteira entre os três países – Brasil, Bolívia e Peru – ainda não havia sido definida e era objeto de antiga disputa. E assim como ocorrera no Amapá, os três governos saíram da inércia somente depois de sérios conflitos armados, alguns provocados por forças militares que acompanhavam a instalação de aduanas para o recolhimento de impostos em todos esses cursos d’água (Tocantins, 1961; Leal, 2020; Orsag Molina, 2021).

Le Cointe foi contratado por uma companhia de exploração colonial, detentora de vários seringais na Bolívia e que patrocinava projetos de imigração no mesmo país (Roux, 1999). Ela atuava, sobretudo, no rio Madidi, o coração da Amazônia boliviana, distante dos maiores centros urbanos andinos e também dos da floresta – e pouco mais ao sul da extensa área concedida em junho de 1901 pelo governo boliviano à companhia anglo-americana Bolivian Syndicate. Para companhias como Devès et Compagnie ou, posteriormente, o Bolivian Syndicate, era fundamental o controle das rotas de navegação em direção ao Brasil para o escoamento

25 Ver, por exemplo, dois textos emblemáticos das ideias coloniais de Coudreau, um sobre o território contestado (Guiana Brasileira), que ele denomina “território” ou “província indígena” (Coudreau, 1888-1889), e outro sobre o potencial da “Guiana Central” (Francesa) para investimentos coloniais (Coudreau, 1890-1891).

da produção de seringa e caucho, além de investimentos em embarcações e estaleiros, na contratação de milícias e de pessoal de apoio nos locais de transbordo e de agentes junto às aduanas. A rota do rio Madeira era controlada por Nicolás Suárez Callaú (1851-1940), proprietário da Casa Suárez, que dominou o mercado de caucho na Bolívia e financiou os combates realizados na fronteira com o Brasil, em associação com outros seringalistas da bacia do Madre de Dios.²⁶ A companhia anglo-americana, por sua vez, tentou se apropriar da região do alto rio Acre, afluente do Purus, rota alternativa ao Madeira (Roux, 1999, 2015; Gamarra Téllez, 2007).²⁷

A infraestrutura de produção e de transporte é justamente o principal tema da segunda parte do manuscrito de Le Cointe, aquela que descreve o seu retorno para Belém. Le Cointe anotou quantos barcos viu em cada seringal; elogiou a infraestrutura de Cachuela Esperanza, a residência de Suárez no Madre de Dios, criada em 1881 e onde trabalhavam duas mil pessoas supervisionando milhares de seringueiros em um território de 64.000 km² (Rabossi, 2019); descreveu em detalhes as corredeiras ao longo do rio Madeira e avaliou o tempo que se levava para transpô-las; e identificou os postos militares e aduaneiros. Esse também é o tema do primeiro artigo que Le Cointe publicou no Boletim da Sociedade de Geografia Comercial de Paris em 1902, cujo título bastante sugestivo é “République de l’Acre: Chemin de fer Madeira-Mamoré” (Le Cointe, 1902). Curiosamente, Le Cointe – repetindo uma estratégia discursiva também utilizada por Coudreau ao escrever sobre a Guiana Brasileira – não identificou aquela região como brasileira, boliviana ou peruana. Assim como no Cunani de Coudreau viviam “cunanienses”, na extensa região percorrida por Le Cointe viviam “acrenses”. A maioria da população, seringueiros pobres subindo os rios Purus e Juruá, seria de origem brasileira, mas não nutria sentimentos nacionalistas. Sentia-se abandonada e estaria envolvida em conflitos armados com bolivianos e peruanos, que redundariam, possivelmente, em uma nova nação – desprovida de gente e de capital. Essa seria a situação ideal para que um Estado colonial, como a França, interviesse por meio do incentivo à emigração e de investimentos maciços na produção econômica para formar um protetorado.

A questão principal, segundo Le Cointe, seria garantir o acesso àquela região no interior do continente sul-americano. No seu artigo, Le Cointe prossegue avaliando as possíveis rotas de escoamento da produção, o preço das *commodities*, o custo do transporte,

26 Quando Le Cointe chegou ao Madidi, Suárez estava no auge de suas atividades. Seus antigos parceiros comerciais, Antonio Vaca Diez e Carlos Fermín Fitzcarrald López, já haviam falecido, em um naufrágio ocorrido em 9 de julho de 1897. O primeiro controlava a confluência dos rios Beni e Orton. O segundo, a confluência dos rios Urubamba e Mishagua, afluentes do Ucayali. Suárez se apropriou das embarcações (Shiringa, Esperanza e La Campa) e reclamou para si todos os direitos das companhias que ele tinha em comum com os seringalistas falecidos, com a ambição de conectar física e comercialmente os vales do Madre de Dios e do Ucayali.

27 O governo brasileiro reagiu rapidamente à criação do Bolivian Syndicate. Em 1903, Brasil e Bolívia assinaram o Tratado de Petrópolis, através do qual o governo brasileiro assumiu a multa estipulada no contrato do governo boliviano com o Bolivian Syndicate, comprou o território do Acre e se comprometeu a construir a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, antigo projeto boliviano destinado a facilitar o escoamento da produção de caucho e borracha das bacias dos rios Mamoré e Madre de Dios (Carvalho, 1959).

as dificuldades de navegação e os vários projetos de construção de estradas de ferro, que tinham como finalidades viabilizar o transporte de carga pelos Andes e também de contornar as corredeiras dos rios amazônicos para abreviar o tempo de viagem entre as zonas produtoras e os portos de exportação, fossem no Pacífico ou no Atlântico. Segundo Le Cointe (1902, p. 71), o “único projeto sério, cuja execução já teve início, e que teremos [nós, os franceses] de recuperar um dia, foi o empreendimento bem conhecido no país [Bolívia] sob o nome de ‘Estrada de Ferro do Madeira-Mamoré’”.²⁸ Essa ferrovia tinha início na primeira cachoeira do rio Mamoré,²⁹ em Guayaramerin,³⁰ “ponto de concentração determinado pela natureza de todos os produtos da Baixa-Bolívia” (p. 71).³¹ O lugar também seria ideal para instalar um entreposto geral de mercadorias importadas que, dali, poderiam ser distribuídas para toda a Bolívia. Dessa cidade, um ramal poderia partir em direção ao rio Madre de Dios,³² a oeste, evitando a cachoeira Esperanza,³³ e outro em direção ao norte, até a cachoeira de Santo Antônio, já no Brasil, a última do rio Madeira. Dali em diante, o rio seria plenamente navegável em todos os meses do ano.³⁴

Semelhante empreendimento, pelo qual o Brasil se responsabilizaria com o Tratado de Petrópolis de 1903, não foi o único projetado naquela região. Le Cointe mencionou vários outros projetos bolivianos para a construção de ferrovias. Poderíamos, igualmente, lembrar das ideias de Carlos Fermín Fitzcarrald López (1862-1897), seringalista peruano aliado de Suárez, que controlava o comércio da borracha no rio Ucayali e que sonhou, na década de 1890, em construir uma conexão entre o rio Mishagua, afluente do Urubamba-Ucayali, e o rio Manu, afluente do Madre de Dios. Isso permitiria criar uma rota circular no interior do continente e integrar comercialmente Brasil, Peru e Bolívia. Para provar a viabilidade dessa rota, Fitzcarrald obrigou, sob pena de morte, centenas de indígenas a desmontar um pequeno vapor e transportá-lo aos pedaços pelo divisor de águas que separa as duas bacias (Otero Mutín, 2015). Em uma era de fronteiras imprecisas, homens como Fitzcarrald e Suárez agiam como senhores feudais e impunham suas próprias leis às populações que governavam.

28 A construção de uma estrada de ferro destinada a contornar as corredeiras dos rios Madre de Dios e Mamoré já havia sido planejada pelo governo boliviano e iniciada por companhias francesas. O governo brasileiro assumiu o projeto somente depois do Tratado de Petrópolis, de 1903, com o nome Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

29 Le Cointe confunde o nome dos rios Madeira e Mamoré, trocando um pelo outro.

30 Le Cointe usa o nome “Guajará-Mirim”, que fica, na verdade, na margem brasileira do rio Mamoré.

31 Le Cointe se refere à Bolívia oriental, amazônica.

32 Le Cointe confunde o nome dos rios Madre de Dios e Beni, trocando um pelo outro.

33 Trata-se da corredeira no rio Madre de Dios e não da propriedade Cachuela Esperanza do seringalista Nicolás Suárez Callaú.

34 Le Cointe acrescentou um *post-scriptum* a esse artigo para informar que havia tomado conhecimento, em abril de 1902, da criação do Bolivian Syndicate, o qual deveria administrar um protetorado “em pleno coração da América do Sul” (Le Cointe, 1902, p. 79). Esse era, segundo Le Cointe, o reconhecimento do governo boliviano da impossibilidade de exercer sua soberania sobre o território do rio Acre.

Fitzcarrald e Suárez, contudo, não eram os únicos. Na verdade, lideravam dezenas de outros seringalistas que lhes prestavam vassalagem. No trajeto que fez pelos rios Madidi, Beni, Madre de Dios e Madeira, Le Cointe contabilizou quantos seringais estavam em atividade, dando-nos a dimensão da produção econômica da Amazônia boliviana e colocando em contexto empreendimentos como o da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré ou mesmo o de Fitzcarrald. Por exemplo, ele citou alguns dos proprietários ou gerentes que conheceu, incluindo mulheres, como Dona Francisca de Farina, Roca Álvares, M. Parejes, Rodolphe Arauz, J. Feichner, Nicolas Suárez, Justino Bastos, Madame Blaymont, Bertini e Antônio Monteiro. Mencionou, ainda, uma outra companhia francesa que controlava seringais na região, a Brillard et Compagnie, fundada em Paris por dois irmãos de origem suíça (Roux, 1999), e o povo indígena recrutado para a extração de goma elástica, os Kayuvava.

Com base no relato de Le Cointe e na correspondência diplomática francesa é possível traçar uma cartografia dos seringais localizados nos citados rios, trabalho ainda em curso pelos organizadores deste livro. Algumas propriedades são descritas em detalhe enquanto outras são apenas mencionadas, como o barracão (Le Cointe usa o lusismo *barraque*) Etea, que seria “o mais importante do rio Beni”. Esse conjunto de informações demonstra o quanto os seringalistas estiveram em relação uns com os outros e também o conhecimento apurado que Le Cointe adquiriu dessa rede territorial durante os dez meses em que esteve à frente da gestão da propriedade da empresa Devès et Compagnie. Por outro lado, a descrição dos seringais é menos precisa na parte brasileira da viagem, o que sugere que os seringalistas bolivianos mantiveram relações menos intensas com seus homólogos brasileiros.

No Brasil, segundo Le Cointe, o rio Madeira tinha 224 barracões, enquanto o rio Purus tinha 234. A jusante de Humaitá (Amazonas), o barco parava a cada dez minutos, de seringal em seringal, para carregar goma elástica. O texto de Le Cointe, muito detalhado, sugere longos comboios de barcos e de homens transportando borracha ao longo dos rios: aqueles que sabiam nadar levavam “longos rosários de bolas de borracha (12 a 14) amarradas em um cabo [...] flutuando na água, contornando a margem [...] levando a ponta do cabo nos dentes! Os que não sabem nadar carregam suas bolas [de borracha] por terra, 2 a 2, presas nas extremidades de uma vara afiada nas duas pontas” (p. 132). Segundo Le Cointe, a efervescência do mundo dos seringais se dissipava a partir da confluência do rio Madeira com o rio Aripuanã, ou seja, a pouco mais de 300 km em linha reta de Itacoatiara, já no rio Amazonas.

O nascimento de um empreendedor colonial e futuro cientista

Na segunda parte do diário de viagem, Paul Le Cointe mostra-se um bom conhecedor do mundo dos seringais, do ponto de vista de seu funcionamento (identificação dos atores da rede de produção, das rotas de escoamento e comércio etc.) e das técnicas de extração e conservação

do látex para o transporte (bolas, mantas etc.). Sua infeliz experiência na propriedade da empresa Devès et Compagnie permitiu-lhe identificar as principais dificuldades encontradas pelos seringalistas no interior da Amazônia: 1) as florestas naturais de seringueiras estavam todas localizadas em regiões de difícil acesso e insalubres; 2) o escoamento de produtos para portos internacionais era complexo devido à presença de corredeiras (daí os projetos de construção de ferrovias como alternativa modal) e de cursos d'água rasos que impediam a navegação de grandes barcos de carga; 3) a exploração de indígenas ou de migrantes pobres, em condições análogas à escravidão, era condição necessária para maximizar os lucros; 4) a circulação das mercadorias era feita através de vários postos alfandegários, que sempre cobravam uma taxa sobre os embarques.

Ao regressar de seu périplo boliviano, o casal Paul e Maria permaneceu cerca de dez meses em Belém, onde provavelmente também se encontrava Augusto Corrêa Pinto, irmão de Maria e advogado com atuação na capital e no baixo Amazonas. Nesse período, Le Cointe produziu e publicou vários mapas e artigos (Le Cointe, 1902, 1903a, 1903b, 1903c), incluindo o já mencionado trabalho sobre a futura República do Acre, que nasceria juntamente com a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, e um outro sobre o potencial de cultivo e extração de produtos naturais na Amazônia, igualmente direcionado para colonos e investidores franceses. Simultaneamente, Le Cointe manteve relações de trabalho com Jacques Huber (1867-1914), então chefe da Seção Botânica e depois diretor do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, especializado no estudo de árvores gomíferas, sobretudo dos gêneros *Hevea*, *Castilloa*, *Manihot* e *Sapium* (Sanjad, 2016). É isso o que sugere a correspondência dos dois, iniciada em 1903 e mantida com rara regularidade até o falecimento de Huber.³⁵

É possível que tenha sido nesse ambiente que Le Cointe tenha revisado suas anotações sobre a viagem ao Madidi e escrito o caderno que nos chegou. Aqueles dez meses em Belém também foram uma oportunidade para fazer germinar a ideia de que seria possível para ele montar seu próprio seringal, tirando, obviamente, lições da experiência boliviana, mas sob condições tecnológicas e logísticas bem mais propícias. Seria interessante comercialmente, segundo Le Cointe, plantar seringueiras em uma propriedade próxima a uma cidade para recrutar mão de obra local e qualificada, com clima agradável, com fácil acesso e aberta à navegação a vapor. A região de Óbidos, de economia muito dinâmica à época e localizada no baixo Amazonas, pareceu-lhe ser o lugar ideal (Le Cointe, 1906b).

Em julho de 1902, Le Cointe foi a Paris com a esposa, de onde começaram a organizar o seu regresso a Óbidos. Nessa ocasião, Le Cointe pediu ao Ministério das Relações Exteriores

35 Cf. Fundo Jacques Huber, Série Correspondência, Dossiê Paul Le Cointe. Arquivo Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, Brasil.

o restabelecimento das suas funções de agente consular da França – o que lhe foi recusado. O casal Paul e Maria voltou a Óbidos em outubro ou novembro de 1902.³⁶ Le Cointe começou, então, a planejar uma nova forma de ganhar dinheiro, colocando em prática a experiência que adquiriu como administrador de um seringal. Entre 1903 e 1906, ele concebeu uma plantação mista, na qual a *Hevea brasiliensis*, conhecida pela qualidade de seu látex, seria associada a “uma outra planta que lhe serviria de abrigo durante os dois primeiros anos” (Le Cointe, 1906b, p. 636), isto é, que forneceria a sombra necessária ao seu desenvolvimento. Além disso, o cultivo de duas espécies ao mesmo tempo permitiria alternar a colheita de uma espécie enquanto a outra se desenvolvia (Le Cointe, 1905a, p. 187). Segundo Le Cointe, em Óbidos, bastaria para isso utilizar as vastas plantações de cacau então existentes, que se espalhavam pela várzea: “O cacau e a seringueira foram criados um para o outro; eles prometem uma proteção mútua” (Le Cointe, 1906b, p. 636).

Em janeiro de 1905, ao visitar a plantação do sítio conhecido como Cocal, de propriedade de Cassiano Vieira Gualberto, Le Cointe percebeu que o proprietário já vinha implementando essa ideia há quinze anos: cada pé de cacau era intercalado com uma seringueira (Le Cointe, 1905a, p. 187). Segundo Le Cointe, seriam necessários dez anos para começar a ‘sangrar’ uma seringueira, isto é, para poder extrair o látex branco que corre na entrecasca da árvore adulta. Comprar uma plantação de cacau já madura, portanto, garantiria uma renda mínima até a maturidade das seringueiras, como já ocorria no Cocal (Le Cointe, 1905a, p. 188). Os dois artigos publicados por Le Cointe sobre o assunto, em 1905 e em 1906, aqui citados, defendiam justamente a conveniência de uma plantação mista de seringueira e cacau na várzea do baixo Amazonas.

Em 1907, Le Cointe finalmente colocou essa ideia em prática por meio da criação de uma empresa francesa – a *Compagnie Agricole et Commerciale du Bas Amazone (CABA)* –, financiada por 50 acionistas e da qual Paul Le Cointe assumiu a gerência em Óbidos.³⁷ A CABA adquiriu o sítio Cocal e outro terreno maior, o conhecido Cacoal Imperial,³⁸ para ali implantar a agricultura consorciada de seringueiras e cacau em larga escala. Sabemos pela correspondência mantida com Jacques Huber que a plantação mista da CABA serviu

36 Cf. carta de Paul Le Cointe ao ministro da França no Rio de Janeiro. Óbidos, 16 de abril de 1903. Ministério das Relações Exteriores, Brasil, Legação no Rio de Janeiro, Série A, 573PO/A, caixa 77, dossiê “Correspondance avec l’agence consulaire à Obidos, 1896-1908”. Centre des Archives diplomatiques de Nantes, França. A correspondência com Jacques Huber corrobora essa data.

37 Sobre a criação e o registro da CABA, ver os arquivos regionais da Somme, fundo do tabelião Gaston Devisme, de Amiens (França), livro de registro de escrituras, volume 966 bis, folha 71, registro 12, de 2 de abril de 1907; sobre a regularização da CABA no Brasil, ver o Decreto n° 6.529, de 20 de junho de 1907, que concede autorização à *Compagnie Agricole et Commerciale du Bas Amazone* para funcionar na República [do Brasil]; sobre as atas da CABA e a vida da empresa, ver os Arquivos da Ville de Paris, fundo do tribunal de Seine, série D31U3, caixa 1154; série D32U3, caixas 140 e 309; série D33U3, caixa 260.

38 Extenso terreno na várzea de Óbidos, cuja plantação de cacau teve origem no século XVIII. A maior parte do terreno e toda a plantação foram destruídos pelas enchentes do rio Amazonas ao longo do século XX – o que, na prática, demonstrou a inviabilidade ambiental e econômica do empreendimento de Le Cointe. Sobre o Cacoal Imperial, ver Stoll *et al.* (2017).

de estação experimental para o cultivo da seringueira na Amazônia, visitada por muitos pesquisadores que ali iam fazer coletas e experimentos (Figura 6). Foi assim que a experiência de Le Cointe na Bolívia estimulou o seu empreendimento pessoal em Óbidos, aquele que viria a ocupá-lo febrilmente até 1913. Nesse ano, a CABA abriu falência devido ao insucesso de outros empreendimentos dos seus maiores acionistas na Ásia, o que coincidiu com a crise do comércio da borracha na Amazônia, antes mesmo de as seringueiras ali introduzidas serem ‘sangradas’.³⁹



Figura 6. Pesquisadores do Museu Goeldi em visita ao Cacao Imperial, Óbidos, em junho de 1909. À esquerda, sobre um galho do cacaveiro, Paul Le Cointe; à direita, encostado em outro galho e segurando uma espingarda, Adolf Ducke. Fotografia de Andreas Goeldi. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Coleção Fotográfica.

Trabalhamos com a hipótese de que essa experiência, aliada à influência que Jacques Huber exerceu sobre Le Cointe, por meio da sua obra e da correspondência que ambos mantiveram, foram fundamentais para o redimensionamento da trajetória profissional de Le Cointe. Pouco sabemos de suas ocupações pós-1913 e durante a Primeira Guerra Mundial, mas é certo que, a partir de 1919, durante o segundo mandato de Lauro Sodré à frente do

39 Cf. correspondência entre Paul Le Cointe e Jacques Huber (Fundo Jacques Huber, Série Correspondência. Arquivo Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Brasil); cf. processo de falência da Companhia Agrícola e Comercial do Baixo Amazonas (Fundo Tribunal de Justiça do Estado do Pará, comarca de Óbidos, Centro de Documentação Histórica do Baixo Amazonas, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, Brasil).

governo do Pará (1917-1921), o empreendedor foi cedendo lugar para o cientista. Le Cointe continuou escrevendo como um agente colonial, procurando interagir com um público francês, sobretudo. Mas essa faceta de sua personalidade foi aos poucos desaparecendo de seus trabalhos ao longo da década de 1920. Esse momento coincidiu com a ascensão do cunhado de Le Cointe e aliado antigo de Sodré, Augusto Corrêa Pinto, à Intendência Municipal de Óbidos, cargo que viria a ocupar durante 12 anos, de 1918 a 1930. Coincidiu também com a criação, pela Associação Comercial do Pará, em 1919, do Museu Comercial do Pará, cuja montagem foi confiada a Le Cointe (Figura 7). Anexo a esse museu foi inaugurado, em novembro de 1921, já na gestão do governador Antônio Emiliano de Sousa Castro (1921-1925), um Laboratório de Química Industrial, onde funcionou uma Escola de Química Industrial até 1930, com subvenção federal.⁴⁰

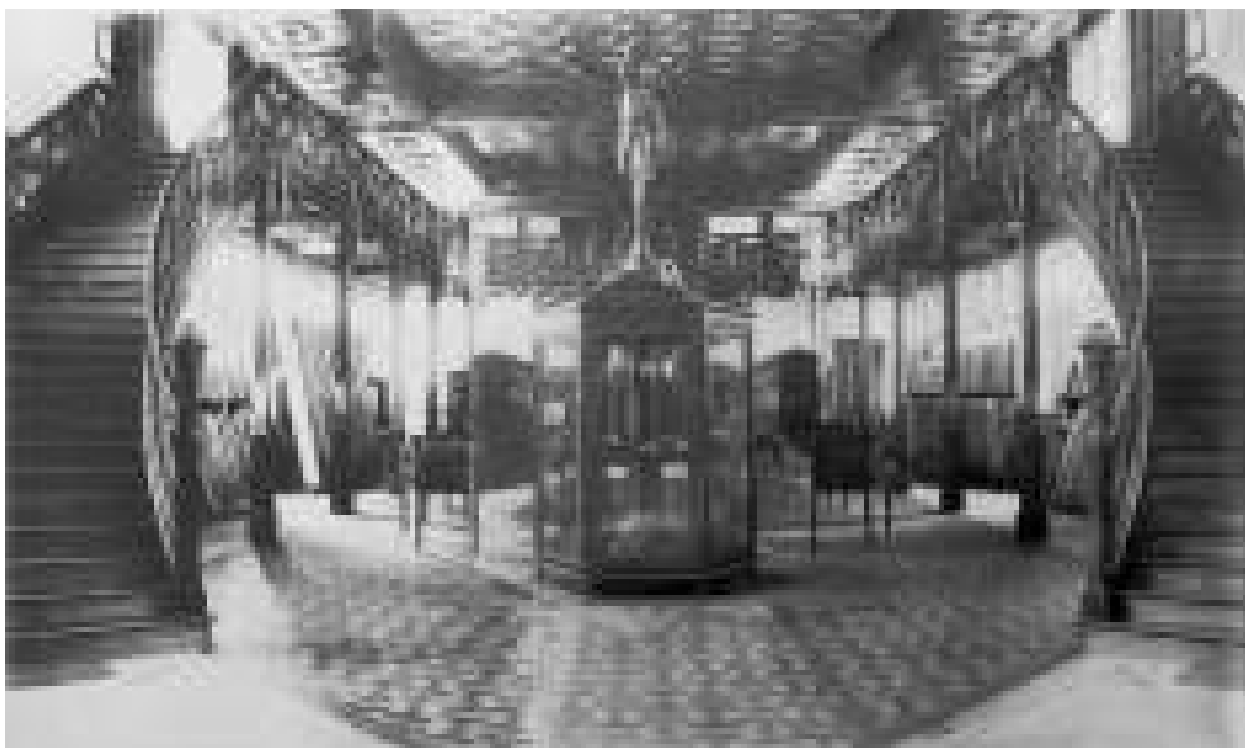


Figura 7. Interior do Museu Comercial do Pará no início dos anos 1920, onde atualmente funciona o Teatro Waldemar Henrique, em Belém (Brasil). Fotografia não identificado. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Coleção Fotográfica, Negativo MPEG640.

O contato mais próximo de Le Cointe com o mundo da ciência, por intermédio das pesquisas realizadas no Laboratório de Química Industrial, da docência e da divulgação científica feita no Museu Comercial, transformou o olhar de Le Cointe e deu-lhe uma nova vida. Os anos 1920 são, em nossa leitura, um ponto de inflexão na trajetória de Le Cointe, gatilho que se refletiria nos trabalhos que ele publicou a partir dos anos 1930 e no discurso

40 O Arquivo Central da Universidade Federal do Pará preserva um dossiê sobre a Escola de Química Industrial do Pará, que foi consultado pelos organizadores deste livro. A criação dessa Escola e a gestão de Le Cointe serão abordados em outro momento. Por ora, recomendamos os trabalhos de Bassalo e Lima (1996), Petitjean (2012) e Machado (2016).

que desenvolveu nessa nova fase. O incentivo à instalação de empreendimentos coloniais na Amazônia e à imigração de franceses, temas presentes em quase todos os seus escritos antes de 1920, foi substituído, nesse momento, por uma agenda de pesquisa fortemente aplicada à indústria e por políticas públicas orientadas à exploração de recursos naturais.

Le Cointe talvez tenha sido, nas décadas de 1930 a 1950, o intelectual que melhor formulou o debate sobre as possibilidades de desenvolvimento da região amazônica, com base na produção intensiva de conhecimento científico e no planejamento econômico. É de autoria dele um dos primeiros estudos para a criação de um órgão dedicado ao planejamento e ao incentivo econômico na região, concretizado em 1953 com a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) (Le Cointe, 1948b). Seu otimismo com o futuro da Amazônia teria sido, justamente, a razão de Le Cointe ter sido convidado pelo historiador Fernand Braudel (1902-1985) a escrever um artigo na prestigiosa revista francesa *Annales*.⁴¹ Le Cointe não chegou a escrever o artigo e Braudel simplesmente publicou um trecho de uma carta que Le Cointe lhe enviara em 5 de abril de 1948. Nessa carta, Le Cointe corrobora a defesa de uma economia amazônica diversificada, não dependente de um único produto nem da demanda externa. Isso nos permite perceber como seu pensamento sobre a posição do Brasil em relação à Europa mudou. O país não seria mais um espaço colonial, mas uma nação que poderia construir sua autonomia com recursos e forças próprios. Le Cointe criticou a inação da classe política local diante das várias possibilidades para a diversificação econômica da região e a insistência anacrônica dessa elite em reavivar a indústria da borracha durante a Segunda Guerra Mundial:

A Amazônia, que não foi afetada pela guerra em seus órgãos essenciais e para a qual houve, ao contrário, um influxo de dinheiro do qual ela não soube tirar proveito, hoje enfrenta uma terrível crise econômica, enquanto tem como guias frequentemente líderes políticos incompetentes, muitas vezes meros oportunistas sem escrúpulos (...)
(Le Cointe, 1948a, p. 576).

Apesar de seu reconhecimento à época como intelectual dedicado aos estudos amazônicos; apesar da influência que sua vasta obra teve para a gênese da ideia de “desenvolvimento” da Amazônia, baseada sobretudo na exploração e no processamento de recursos vegetais locais; apesar da liderança que exerceu sobre a geração que começou a pensar em “planejamento econômico”, como Arthur César Ferreira Reis, Ricardo Borges, Clara Pandolfo e Maurício Vaitsman; apesar de ter redigido um ensaio que se revelou fundamental para a criação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), Le Cointe ainda não recebeu a atenção que merece dos investigadores dedicados aos anos

41 O convite de Braudel foi intermediado por J. Boudet. Ver manuscritos do Institut de France, Arquivo Fernand Braudel, fundo das correspondências recebidas, caixa Le Brun à Le Goff, cotas Ms 8510 (1-220), Ms 8510 (1-116), Ms 8510 (1-116)/68. Data: 1948-1949. Agradecemos a Maurice Aymard por sua gentil autorização para consultar esse fundo.

1930-1950 na Amazônia. As hipóteses aqui esboçadas, sobretudo a da transformação que se verifica na obra de Le Cointe nesse período, de um viés colonial de matriz francesa para o nacional-desenvolvimentismo de Getúlio Vargas, precisam ser sustentadas por novas pesquisas que associem contexto político e agenda científica no cenário nacional e internacional.

A circulação e a edição do diário de Le Cointe

O manuscrito que o Museu Paraense Emílio Goeldi salvaguarda é claramente uma cópia de um outro manuscrito. Muito provavelmente, ele também deve compilar dados originalmente registrados em um caderno de campo, como roteiros, coordenadas geográficas, distâncias, temperatura, pressão atmosférica, altitude, além de nomes e datas. Em outras palavras, sustentamos a ideia de que teriam existido um diário e um caderno escritos em campo, durante a viagem, até o momento com paradeiro desconhecido e distintos do documento disponível. O que sustenta essa hipótese é o fato de a cópia preservada do diário ter sido produzida visando a publicação. Le Cointe concebeu essa cópia mesclando texto, fotografias e desenhos, sinalizando a passagem dos dias com uma cor de tinta diferente do texto (vermelho) e inserindo um título na página de rosto. Ali, o próprio Le Cointe após uma nota manuscrita informando que o texto havia sido revisado, mas não publicado, como já mencionamos. Além disso, o caderno utilizado na cópia tem um alto padrão gráfico, como descrito na introdução, em um tamanho inusual para os cadernos de campo utilizados por naturalistas no século XIX.⁴² Sustentamos, portanto, que o documento não foi produzido em campo, em condições muitas vezes precárias e insalubres, exposto às intempéries, mas planejado e produzido depois da viagem, em data imprecisa, visando a publicação.

Essa atual versão do diário, apesar de ser considerada “revisada” por Le Cointe, ainda carece de acabamento. Por exemplo, a segunda parte do diário, separada da primeira por duas páginas em branco, não segue o mesmo padrão da viagem de ida. Ela não está dividida em capítulos, como na etapa anterior, nem possui subtítulos. Le Cointe não descreveu o trecho de viagem entre Manaus e Belém nem mencionou o dia em que chegou à capital paraense. O final do diário é escrito de maneira sumária, como se tivesse sido terminado às pressas, contrastando assim com as páginas anteriores. Além disso, todo o texto possui lacunas e inconsistências que precisaram ser sanadas pelos organizadores. Supomos, portanto, que essa seria a cópia a ser utilizada para a preparação da versão final, talvez datilografada.

Temos pelo menos uma notícia de que o diário foi traduzido para o português e impresso em uma versão “mimeografada” pelo próprio Le Cointe. É o testemunho de Ricardo Borges

42 Podemos comparar esse caderno, por exemplo, com as dezenas de cadernos de campo de Jacques Huber, contemporâneo e interlocutor de Le Cointe, preservados no Museu Goeldi. Sobre o assunto, ver Sanjad (2018).

(1886-1975), contemporâneo e amigo de Le Cointe, personalidade dos círculos intelectuais de Belém e autor de várias obras históricas sobre o Pará.⁴³ Ele escreveu uma pequena nota biográfica sobre Le Cointe, publicada postumamente na segunda edição do seu livro “Vultos notáveis do Pará” (Borges, 1986). Nessa nota, Borges mencionou a existência de uma versão em português intitulada “Voyage Circulaire Tropical”, “com mapas, fotografias, observações topográficas, geo-econômicas, etnográficas, etc.” (p. 423). O próprio Borges teria entregado essa cópia, com o consentimento de Le Cointe, à Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), a fim de que fosse publicada. A obra, contudo, recebeu um parecer negativo por “não interessar à Amazônia” e jamais teria sido restituída ao seu autor e nem a Borges, que trabalhava na SPVEA desde o seu início, em 1953 (Batista, 2016; Renha, 2017).

A primeira edição do livro de Borges foi publicada em 1970, sem a nota sobre Le Cointe. Como Borges faleceu em 1975, a nota foi provavelmente escrita pouco antes ou depois de 1970, visando a um segundo volume de biografias desses “vultos notáveis”. Ou seja, até essa época, a versão traduzida e datilografada do diário de Le Cointe ainda estava desaparecida, como informa Borges ao final de sua nota. Ele fez o seguinte apelo:

A quem, na posse da preciosa monografia de Le Cointe, *Voyage Circulaire Tropical*, o nosso apelo à sua consciência, de devolução de notável trabalho, utilíssimo à Amazônia, para a necessária edição e divulgação; hoje muitos os órgãos públicos [sic] em Belém, dedicados à publicação de obras desse valor amazônico. E persuadimo-nos de atendimento a tão justo e honesto apelo (Borges, 1986, p. 424).

O apelo de Borges não surtiu efeito, pois a versão traduzida, entregue na SPVEA por volta de 1954-1956, jamais reapareceu. Se foi preservada ali mesmo na SPVEA, essa versão foi provavelmente destruída no incêndio que ocorreu no prédio da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), em Belém, no final dos anos 1980, quando a maior parte do arquivo da instituição, incluindo o da antiga SPVEA, foi queimado. Na pesquisa efetuada para este livro, fizemos nova busca na Biblioteca Prof. Inocêncio Machado Coelho, da SUDAM, sem sucesso.⁴⁴

Outro destino teve a cópia manuscrita em francês registrada no belo caderno com capa de couro. Segundo o jornalista Lúcio Flávio Pinto (2022, s.p.), esse caderno foi doado por Le Cointe para Clara Martins Pandolfo (1912-2009). Ela havia sido uma das alunas formadas na antiga Escola de Química Industrial do Pará, onde defendeu sua tese em 1929, aprovada com distinção e intitulada “Contribuição ao estudo químico das plantas medicinaes da Amazônia”

43 Durante uma troca de e-mails datada de 20 de outubro 2022, Carlos Eduardo Corrêa Pinto, sobrinho-bisneto de Maria Corrêa Pinto, revelou que “esse material [a versão datilografada do relato de viagem à Bolívia] teria sido visto por Jayme da Nobrega Santa Rosa [1903-1998], em 1945, quando visitou Paul – Jayme foi o fundador e o primeiro editor da Revista de Química Industrial”.

44 Agradecemos ao historiador Matheus Villani e à bibliotecária Maria Selma de Castro Ferreira pelo auxílio nessa busca.

(Martins, 1929). Nela, Pandolfo analisou o princípio ativo de cinco vegetais com potencial de uso terapêutico: cipó-cururu (*Echites cururu* Mart.), pedra-ume-caá (*Myrcia sphaerocarpa* DC.), pau-para-tudo (*Simaba cedron* Planch.), caru-caá (*Varronia multispicata* (Cham.) Borhidi) e caxinguba (*Ficus máxima* Mill.). A partir dessa convivência na Escola de Química Industrial, Clara Pandolfo (à época Clara Martins) tornou-se dileta amiga de Le Cointe.

A julgar pela última revisão que Le Cointe fez no texto, em 1954, o caderno deve ter sido doado pouco antes ou depois do falecimento do autor, em 1956. Se assim aconteceu, Clara Pandolfo o guardou por mais de 50 anos. Não sabemos se ela, nesse decurso de tempo, tentou publicá-lo ou revelou sua existência para alguém, assim como não sabemos se ela teve acesso, em algum momento, à versão traduzida do texto, entregue por Borges à SPVEA (depois SUDAM). Clara trabalhou na mesma instituição de Borges e ali fez destacada carreira profissional desde o início da década de 1950 (Machado, 2020; Batista e Mourão, 2023).

Não nos é possível inferir as razões de Clara para manter o caderno desconhecido do público, tendo em vista a notoriedade do autor em alguns circuitos intelectuais e o seu desejo de que o diário fosse publicado. Podemos, contudo, fazer algumas conjecturas: o fato de a obra carecer de acabamento ou de ser um texto menor se comparado aos mais conhecidos livros de Le Cointe; as expressões mal-humoradas e racistas utilizadas pelo autor; o fracasso de sua missão na empresa Devès et Compagnie; os conflitos nos quais se envolveu na Bolívia; ou todos os motivos juntos. Também se pode pensar nas dificuldades técnicas para publicar uma obra dessa natureza, que exige transcrição, tradução, revisão, editoração, restauração de imagens etc., ou simplesmente no pouco interesse de uma editora local por uma obra que diz respeito mais ao Caribe, aos Andes e à Amazônia boliviana do que ao Brasil. Qualquer desses motivos seria plausível – mas jamais o conheceremos. O fato é que a obra reapareceu somente depois do falecimento de Clara Pandolfo, em 2009. Lúcio Flávio Pinto lembra, no já citado texto, do momento em que recebeu o caderno:

Pouco depois do sepultamento da doutora Clara, voltei ao apartamento com seu filho, o médico e escritor Sérgio Pandolfo, também já falecido, (...) para buscar o bem que ela me legara, valiosíssimo: o diário da viagem do cientista Paul Le Cointe ao rio Madeira, em 1900. Diário inédito, o último nessa condição dos relatos de viagens de naturalistas estrangeiros à região. Escrito com letra desenhada, enriquecido por dezenas de desenhos. A doutora Clara fora aluna de Le Cointe na Escola de Química do Pará (...). De aluna a discípula e daí a sucessora. O mestre doara seu diário a ela, que, generosa, o transferiu a mim.

Como ainda relata Lúcio, o manuscrito foi por ele entregue ao Museu Goeldi, com a expectativa de que fosse rapidamente publicado em função das comemorações do Ano da França no Brasil, celebrado naquele mesmo ano de 2009: “achei que seria o momento ideal para publicar o diário, revelando o documento, de autoria de um francês, com presença

marcante na Amazônia e no Pará, e de importância para a ciência mundial”. A empreitada, contudo, revelou-se complexa e dispendiosa. A fragilidade do caderno exigiu sua imediata digitalização em alta resolução, feita no final do mesmo ano pelo fotógrafo Mauro Ângelo Nascimento. Em seguida, buscou-se a parceria de outra instituição brasileira para viabilizar os serviços de transcrição e tradução, com a qualidade que o documento exige. O Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), no Rio de Janeiro, assumiu essa etapa do trabalho e tornou-se, assim, coeditor deste livro. Os referidos serviços foram realizados por Maria Aparecida Correa-Paty e finalizados em 2012.

A partir desse momento, teve início a fase mais longa e difícil desse projeto, o que postergou a publicação do diário durante anos: contextualizar a longa viagem de Le Cointe e de sua esposa, tendo em vista que tanto a trajetória de vida quanto a obra de Le Cointe são pouquíssimo estudadas. Isso exigiu ampliar a equipe de pesquisa, à qual se somaram, no Brasil, Heloisa Maria Bertol Domingues (MAST) e, na França, Emilie Stoll e Patrick Petitjean (CNRS). Esses pesquisadores já vinham se dedicando há algum tempo à atuação de Le Cointe na Amazônia, sobretudo suas atividades nos campos da química, da geografia e da cartografia (Petitjean, 2012; Domingues, 2016; Stoll *et al.*, 2017). O aparecimento do diário, em 2009, e da correspondência de Le Cointe com Jacques Huber, em 2014, localizada por Nelson Sanjad na Suíça e doada pela Família Huber ao Museu Goeldi (Sanjad, 2018), permitiram ampliar sobremaneira o conhecimento das atividades e das relações profissionais de Le Cointe, abrindo uma ampla frente de investigações, ainda em curso por meio de um projeto de pesquisa realizado desde 2016 e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).⁴⁵ Temos, atualmente, um panorama bem mais abrangente dos interesses políticos, econômicos e científicos de Le Cointe, assim como de sua trajetória profissional.

No decurso dessa pesquisa, foram realizadas algumas entrevistas e várias visitas a arquivos localizados em Belém, Santarém e Óbidos, no Brasil; e em Paris, Amiens, Nantes e La Courneuve, na França. Foi necessário, também, fazer uma detalhada revisão da transcrição e da tradução do diário, de maneira que o texto definitivo pudesse ser estabelecido, solucionando assim dúvidas e inconsistências. Essa tarefa foi realizada por Emilie Stoll e Nelson Sanjad durante a pandemia de Covid-19, ao longo dos anos de 2021 e 2022. Nessa etapa, foram inseridas notas críticas e informativas no texto, que se somaram às notas da tradutora. As fotografias também foram tratadas nesse momento. Das 33 fotografias coladas no caderno, foi possível reproduzir somente 22. E em algumas dessas, conseguimos recuperar um mínimo de informação iconográfica, reconhecível graças à descrição que Le Cointe fez no texto. Consideramos importante publicar essas fotos avariadas porque lidamos com um documento histórico singular, no qual toda e qualquer informação pode ser útil. Esse serviço

45 Esse projeto de pesquisa também visa a publicação da correspondência de Le Cointe e Huber, mas em outro volume.

de recuperação das imagens foi executado por Norberto Tavares Ferreira, graças ao apoio do projeto Exorigins (2019-2023), coordenado por Emilie Stoll, com financiamento do Centre National de la Recherche Scientifique e do Programa Emergence(s) Ville de Paris, da França, que se tornaram também coeditores da obra (Stoll, 2020).

Finalizada a primeira etapa da pesquisa e consolidado o texto de Le Cointe, o Museu Goeldi e o projeto Exorigins (CNRS/Ville de Paris) assumiram a editoração e a impressão do livro, fortalecendo assim a cooperação entre instituições científicas do Brasil e da França. Ele chega às mãos dos seus leitores mais de 120 anos após ser escrito e depois de ser mantido em exílio por décadas. Nesta edição, o relato da viagem de Paul e Maria Le Cointe ganha luz e, tal como um viajante no tempo, entra, finalmente, em circuitos mais amplos, insondáveis para aquele casal que atravessou mares, rios e montanhas com coragem e espírito aventureiro. Esperamos que este livro incentive e inspire novas investigações sobre as múltiplas vidas e a complexa obra de Paul Le Cointe, sem dúvida, um sujeito fascinante que nos convida a pensar sobre os desafios impostos à Amazônia pelo capitalismo globalizado.

LE CARNET DU « VOYAGE CIRCULAIRE » DE PAUL LE COINTE :

ETHNOHISTOIRE D'UN MANUSCRIT ET DE SON AUTEUR
AU DÉBUT DU XXE SIÈCLE

Nelson Sanjad & Emilie Stoll

Introduction

Dans les archives Guilherme de La Penha du Museu Paraense Emílio Goeldi, situées à Belém au Brésil, une boîte à archives récemment créée dévoile son contenu au visiteur curieux : un carnet de notes manuscrites ayant appartenu au français Paul Le Cointe. Mesurant 16,5 cm de large par 22 cm de long, l'objet force l'admiration par son apparence travaillée. Sa couverture, rigide, est en cuir gaufré. Sur la première de couverture, une pousse de lierre en relief émerge du coin inférieur gauche et se déploie sur la page ; le feuillage est traversé par une frise en arc de cercle, décorée de petits cercles dans lesquels se trouvent des fleurs. Au verso, la quatrième de couverture est ornée d'un motif en croisillons à l'intérieur desquels sont intercalés fleurs de lis en étoiles et motifs floraux en croix. Le dos de l'ouvrage est sobre et sa tranche est dorée. Un fermoir en cuivre avec une serrure à clé permet de garder secret le contenu du carnet. Les feuilles de garde sont recouvertes d'un imprimé doré et les cahiers, en papier couché, sont reliés ensemble par une couture. À l'intérieur, des lignes ont été tracées au crayon de papier sur toutes les pages. Avec une très belle écriture cursive, l'auteur y a rédigé ses notes à l'encre sépia, ponctuées de détails à l'encre rouge. Les annotations sont illustrées par des croquis et par 33 photographies de plusieurs dimensions, intercalées dans le texte, ainsi que par quelques rares coupures de journaux, également collées dans le carnet. Le numéro de chaque page est annoté au crayon de papier dans l'angle supérieur, jusqu'à 180. À l'intérieur du carnet, des feuilles libres soigneusement conservées révèlent une liste de 101 photographies, suivie d'une autre énumérant 13 photographies supplémentaires, un inventaire de matériel photographique et de livres achetés en Europe et, enfin, un schéma stylisé représentant l'altitude des Andes, depuis le lac Titicaca jusqu'à la rivière Mapiri, en Bolivie (Figures 1 et 2).

juillet - novembre 1900¹

I. De Belem à Barbade.

M^{rs} M^{rs} Devès et C^{ie} de Paris m'ayant offert la gérance de leurs établissements du Béri (Bolivie), j'étais allé en mai à Mpanaís pour m'entendre à ce sujet avec leur représentant M^r Martin Norden qui m'annonçait son arrivée d'Europe. Là, bien vite d'accord sur le contrat, il fut décidé que tandis que M^r Norden remonterait jusqu'à Iquitos liquider ses affaires, je retournerais chez moi, à Obidos, faire mes préparatifs de voyage, et rendez vous fut fixé à Belem pour la fin du mois de juin; nous devions faire route ensemble.

Le 17 juin 1900 nous embarquions à Obidos, ma femme et moi, sur le "Comte d'Eu" de la C^{ie} de l'Amazone et arrivions le 21 à Belem. Le 8 juillet seulement le vapeur de Iquitos nous amena M^r et M^{me} Norden. Notre départ fut aussitôt fixé pour le 20, par le 1^{er} vapeur en partance pour Barbade, le "Hilibrand" de la Booth Line. Nous avions, en effet, donné la préférence à la voie Panamá - Mollendo - La Paz, en vue de l'épidémie de peste bubonique qui régnait alors à Rio de Janeiro et nous aurait retenu pour un voyage par la République Argentine. Quant à remonter par la Casapira, il n'y fallait pas songer. Cette voie quoique plus courte est la plus pénible. De S. Antonio, au pied des chutes il y a manque constant d'hommes et d'embarcations pour continuer la route et la région des fièvres terribles qui rendent le séjour des plus pénibles. D'ailleurs le passage des chutes aurait été trop pénible pour ces dames. -

Dans le bureau de la C^{ie} on nous donne une mauvaise nouvelle. Tout navire sorti du port de Belem est considéré comme suspect à cause de la fièvre jaune qui est endémique ici, et doit compléter 14 jours d'isolement avant d'avoir libre entrée dans un port anglais. Le voyage d'ici à Barbade ne durant ^{généralement} que 4 jours, nous aurons donc à faire la 10 jours de quarantaine. Par surcroît de précautions, on nous fait déposer, en plus du prix du passage (8 lb. st. par personne), une som-

1 août - mercredi - L'Olliers est arrivé du Brésil et réparti 2 heures après sans laisser de passagers.

2. - Dernier jour de quarantaine. On amène à l'hôpital un marin d'un navire en route qui partira la nuit prochaine. Il a la fièvre et est paralytique. Un gardien ophtalmique vient de la ville pour le soigner.



III. Ile de Barbade - Bridgetown

3. - Tempête toute la nuit; le matin il pleut encore. Enfin à 8 h. le médecin vient lever la quarantaine. Pour la 1^{re} fois il nous serre la main. C'est le signe de rédemption. A 8 h^{1/2} nous allons à terre où une bande de noirs nous

Figure 2. Page 10 du carnet de voyage de Paul Le Cointe, avec les jours écrits en rouge et une photographie collée sur la page, identifiée par le chiffre 5 à gauche. Museu Paraense Emílio Goeldi, Archives Guilherme de La Penha. Reproduction de Mauro Ângelo Nascimento, 2009.

La page de garde du carnet nous révèle la fonction que lui a donnée son auteur. On peut y lire le titre suivant : « Par terre et par eau en Amérique tropicale. Notes de voyage. De l'embouchure du Rio Madera [sic] à ses sources par Panamá [sic]. 17 juin – 17 novembre 1900. Paul Le Cointe ». En-dessous, au crayon de papier, il a ajouté une observation : « (Notes de voyage : rédaction mise au point et corrigée, inédite). Rédigé mais non publié. 1954 P.L.C ». L'écriture de cette courte note est tremblante. Elle est celle d'un homme de 84 ans, malade et qui, deux années avant sa mort, espérait encore publier le livre qui lui aurait donné une place parmi les auteurs de littérature de voyage. En effet, le manuscrit propose une chronique quotidienne d'un voyage hors du commun – en raison du trajet suivi – réalisé depuis la basse Amazonie brésilienne vers la Bolivie. La route choisie, par la mer puis par voie terrestre, implique de traverser plusieurs pays des Caraïbes (Barbade, Haïti, Jamaïque) puis d'Amérique centrale (Panama) et du Sud (Colombie, Equateur, Pérou, Bolivie et Brésil). Elle traverse aussi plusieurs écosystèmes, littoraux et amazoniens, en passant par des régions de haute altitude dans les Andes péruviennes et boliviennes. Ce voyage inhabituel a été réalisé entre 1900 et 1901 par un personnage français singulier, Paul Le Cointe, en compagnie de son épouse brésilienne, Maria Corrêa Pinto.

Paul Le Cointe est né à Tournon-sur-Rhône (Ardèche) le 24 septembre 1870, et décédé à Belém (Brésil) le 3 février 1956. Il fut un passionné de sciences, en particulier la botanique, la chimie et la géographie ; un polymathe autodidacte touche-à-tout. Dès qu'il en avait l'occasion, depuis l'Amazonie où il résidait, il observait, mesurait et annotait afin de faire progresser l'état des connaissances sur les lieux, les personnes et les choses qu'il rencontrait. Il était particulièrement attentif aux éléments topographiques, ce qui lui avait permis de dessiner et publier une carte de la basse Amazonie d'une extrême précision (Le Cointe, 1911a). À l'époque, elle lui conféra même une certaine notoriété (Braga, 1971 ; Stoll *et al.*, 2017). Le Cointe fut également l'auteur d'ouvrages sur les plantes amazoniennes qui, aujourd'hui encore, sont des références pour la botanique et la phytochimie (par exemple, Le Cointe, 1918a, 1922a, 1934a).

Arrivé en Amazonie en 1891, à l'âge de 21 ans, Le Cointe a mené, dans un premier temps et pendant presque dix ans, une vie d'explorateur-aventurier. Il a travaillé à l'ouverture de routes dans la forêt pour l'installation de la ligne télégraphique entre Óbidos et Alenquer, puis entre Manaus et la rivière Urubu (Le Cointe, 1907a, 1907b) ; mais aussi comme collecteur d'artefacts amérindiens et de spécimens de la faune et de la flore destinés à des muséums d'histoire naturelle au Brésil et à l'étranger¹ ; comme géomètre-arpen- teur en chef nommé par

1 Cf. correspondance entre Paul Le Cointe et le directeur du Museu Paraense de História Natural e Etnografia (Fonds Museu Paraense Emílio Goeldi, Gestion Emílio Goeldi, 1894-1907), et entre Le Cointe et le botaniste Jacques Huber (Fonds Jacques Huber, Série Correspondances). Archives Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Brésil.

l'intendant (le maire) de Óbidos pour démarquer les propriétés privées dans la commune² ; et, enfin, comme agent consulaire de France à Óbidos entre 1896 et 1899. Pendant cette période, il a épousé Maria Corrêa Pinto, jeune femme de la bonne société de Óbidos. « Maroca », comme il la surnommait affectueusement, était la sœur de l'avocat Augusto Corrêa Pinto, partisan du gouverneur Lauro Sodré et militant du parti Républicain.

La lecture de la correspondance entre les représentants des agences consulaires françaises à Óbidos (agent consulaire Paul Le Cointe), Belém (consul de France au Pará Albert Edouard Marie Louis Bobot-Descoutures) et Rio de Janeiro (ambassadeur vicomte Henri-Frédéric-Marie de Lavaur de Sainte-Fortunade) nous donne des éléments de contexte sur le départ de Le Cointe de Óbidos pour la Bolivie.³ Elle révèle, par exemple, que Le Cointe jouissait d'une certaine reconnaissance et d'excellentes relations avec la population de Óbidos et les notables locaux entre 1891 et 1899.⁴ Cependant, ces relations se sont tendues à partir de juin 1899, lorsque Le Cointe perd son emploi de géomètre-arpenteur à l'Intendance municipale (mairie) et utilise son statut d'agent consulaire pour s'ériger en justicier et dénoncer les pratiques du gouvernement municipal et des forces publiques, qu'il considère illégales et immorales. En six mois, il développe des relations conflictuelles avec un ensemble d'acteurs locaux : l'intendant municipal (maire) (le commerçant navigant [*regatão*]⁵ José Antônio de Mattos Piranha), le député lieutenant Lourenço Valente do Couto (explorateur malheureux, géomètre-arpenteur à Óbidos et concurrent de Paul Le Cointe dans ces deux fonctions),⁶ le préfet de Police (le tailleur Antônio Florindo de Araújo), le commandant du Fort (officier Hilário de Abreu), le Juge de Droit (Julio Diniz), le notaire (commandant Tito Valente Ferreira do Couto, frère du député) et l'écrivain du Tribunal (João Martins da Rocha, neveu de l'intendant). Ce faisant, il s'attire l'hostilité d'une partie des habitants de la ville et se fait remarquer par

2 Le Cointe est reçu au concours de géomètre-arpenteur en 1894 et exerce cette fonction dans la commune de Óbidos jusqu'en 1899. Cf. journal *A Pátria Paraense*, 26 juillet 1894 et 5 septembre 1894 ; lettre de Paul Le Cointe au Consul de France au Pará, du 2 juin 1899. Ministère des Affaires étrangères, Brésil, Légation de Rio de Janeiro, Série A, cote 573PO/A, boîte 77, dossier « correspondance avec l'agence consulaire à Óbidos 1896-1908 ». Centre des Archives diplomatiques de Nantes, France. À ce sujet, voir Stoll *et al.* (2017).

3 Ministère des Affaires étrangères, Brésil, Légation de Rio de Janeiro, Série A, cote 573PO/A, boîte 77, dossier « Correspondance avec l'agence consulaire à Óbidos 1896-1908 ». Centre des Archives diplomatiques de Nantes, France.

4 Voir par exemple la lettre de Paul Le Cointe au Consul de France au Pará, du 2 juin 1899. Ministère des Affaires étrangères, Brésil, Légation de Rio de Janeiro, Série A, cote 573PO/A, boîte 77, dossier « Correspondance avec l'agence consulaire à Óbidos 1896-1908 ». Centre des Archives diplomatiques de Nantes, France.

5 Le *regatão* était un commerçant ambulant qui se déplaçait en bateau entre les villes et les villages riverains d'Amazonie, en général pour vendre ou échanger des marchandises industrialisées, des produits agricoles et/ou extraits de la forêt. Sur ce sujet, voir McGrath (1999) et Meira (2018).

6 En 1894, le lieutenant Lourenço Valente do Couto a mené une expédition pour ouvrir une route entre les rivières Erepecuru et Curuá, mais son équipe s'est perdue en rentrant à Óbidos, errant pendant 5 mois dans la forêt (Sanchez, 1998). Il n'existe pas de journal de voyage de cette expédition, mais l'un des membres de l'équipage, João Salles, en a publié un récit dans le journal *Folha do Norte*, du 7 et 10 mars 1896.

le gouverneur de l'État du Pará, José Paes de Carvalho, qui dénonce sa conduite auprès du consul de France à Belém.⁷

Cette situation lui fait craindre pour sa sécurité personnelle et anime en lui le désir de quitter Óbidos avec son épouse. Dans un premier temps, il va tenter de se faire recruter par le Museu Paraense de História Natural e Etnografia, à Belém. En septembre 1898, Le Cointe envoie au directeur, Emílio Goeldi, cinq caisses contenant des animaux vivants et morts, des artefacts archéologiques, des fossiles et des roches, accompagnées d'une demande pour être « admis parmi le personnel actif du musée ».⁸ Il reçoit une réponse négative l'informant qu'il n'y a pas de poste disponible dans l'institution. Cette justification, cependant, n'est qu'un prétexte du directeur. En effet, durant toute sa gestion, Goeldi n'a recruté que des chercheurs allemands, suisses et autrichiens, c'est-à-dire des professionnels issus de l'Europe centrale germanophone, qualifiés avec un diplôme universitaire (Sanjad, 2010). Paul Le Cointe n'avait pas de Doctorat et ne présentait pas le profil souhaité. De plus, sa fonction consulaire et son amitié avec le parti colonial français,⁹ en plein Contesté Franco-Brésilien,¹⁰ n'auraient jamais permis qu'il soit embauché par une institution qui s'est activement engagée dans cette dispute diplomatique en faveur du Brésil.¹¹

C'est dans la suite de ces événements que Le Cointe accepte un poste de gérant des établissements de la société française Devès et Compagnie, en Amazonie bolivienne. Le 17 juin 1900, il quitte Óbidos avec sa femme et se rend à Belém, où il donne sa démission du poste consulaire.¹² Le couple commence son périple vers la Bolivie le 20 juillet 1900. Les établissements Devès et Compagnie sont, en réalité, un *seringal* (ou *gomal*, en espagnol), c'est-à-dire, un comptoir commercial d'extraction et de vente de caoutchouc, situé le long de la rivière Madidi, un affluent du Béni, où plusieurs compagnies étrangères se disputaient alors l'exploitation de l'« Or Noir ».¹³ Le comptoir principal (*barracão*) de Devès et Compagnie

7 Cf. lettre du consul de France au Pará au ministre de la République Française à Rio de Janeiro, du 30 septembre 1899. Ministère des Affaires étrangères, Brésil, Légation de Rio de Janeiro, Série A, cote 573PO/A, boîte 77, dossier « Correspondance avec l'agence consulaire à Óbidos 1896-1908 ». Centre des Archives diplomatiques de Nantes, France.

8 Lettre de Paul Le Cointe à Emílio Goeldi, 17 septembre 1899. Fonds Museu Paraense Emílio Goeldi, Gestion Emílio Goeldi (1894-1907), Série Correspondance. Archives Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Brésil.

9 Il ne s'agissait pas d'un parti politique, mais d'un mouvement d'opinion défendant l'expansion coloniale, et formé suite à la défaite de la France à l'issue de la Guerre franco-allemande de 1870.

10 Dispute géopolitique entre la France et le Brésil au sujet du tracé de la frontière entre la Guyane française et le Brésil (1897-1900).

11 À la même période, le Museu Paraense avait des fonds pour embaucher de nouveaux chercheurs. Deux mois après la lettre de Le Cointe, sont arrivés d'Europe, recrutés par Emílio Goeldi, le géologue allemand Karl von Kraatz-Koschlau, le zoologue suisse Gottfried Hagmann et l'entomologiste autrichien Adolf Ducke (Sanjad, 2010).

12 Cf. lettre de Paul Le Cointe au consul de France au Pará, 26 juin 1900. Ministère des Affaires étrangères, Brésil, Légation de Rio de Janeiro, Série A, cote 573PO/A, boîte 77, dossier « Correspondance avec l'agence consulaire à Óbidos 1896-1908 ». Centre des Archives diplomatiques de Nantes, France.

13 Nom donné au caoutchouc naturel par les extracteurs de latex et qui fait référence à la coloration foncée du produit une fois enfumé (Walle, 1909).

s'appelait Mirlitonville et se trouvait dans une région où les conflits entre Indiens, missionnaire, colons et collecteurs de latex s'étendaient depuis 1880 (Balzan, 2008 ; Orsag Molina, 2017).

Les arbres à caoutchouc sont présents naturellement dans l'écosystème amazonien, dispersés dans la forêt. Les collecteurs de gomme (les *seringueiros*) devaient parcourir des sentiers sur plusieurs kilomètres pour « saigner » les arbres et récolter le latex,¹⁴ en proie aux moustiques et autres animaux dangereux. Comme le décrivait Le Cointe dans ses lettres adressées au consul de France en Bolivie, la vie dans le *seringal* de Devès et Compagnie était difficile : le climat était insalubre, propice aux maladies, et le Madidi une région particulièrement isolée ; les conditions de travail étaient précaires et les rivalités entre compagnies de caoutchouc favorisaient les conflits interpersonnels et les règlements de comptes violents entre employés.¹⁵ Avant l'arrivée de Le Cointe, le comptoir Devès et Compagnie du Madidi apparaissait déjà dans plusieurs faits divers entre 1890 et 1896, notamment dans « l'affaire Albert Mouton », lors de laquelle le gérant du comptoir Devès et Compagnie avait été assassiné suite à une intrigue amoureuse (Roux, 1999). Rien ne laisse penser qu'au moment de son départ du Brésil, Le Cointe avait connaissance de l'environnement délétère des établissements Devès et Compagnie, ni de la difficulté de la tâche qui l'attendait. Au contraire, il semblait appréhender ce défi comme une opportunité pour élargir ses connaissances sur la Caraïbe et sur l'Amazonie bolivienne. C'est cette motivation que nous trouvons à l'origine de la rédaction de ce journal de voyage. Le Cointe pensait mettre à profit son expérience de géomètre-arpenteur et de collecteur-naturaliste, accumulée au long de huit années en Amazonie brésilienne, pour écrire le récit de son périple.

Le voyage circulaire de Paul Le Cointe

Pour se rendre en Amazonie bolivienne depuis Óbidos, le trajet le plus court et rapide est la voie fluviale. Il faut pour cela remonter le fleuve Amazone en bateau jusqu'à la ville d'Itacotiara (Amazonas, Brésil). Ensuite, remonter la rivière Madeira jusqu'à la ville de Porto Velho (Rondônia, Brésil) et continuer sur cette même rivière jusqu'à la frontière bolivienne, à El Borrach ; puis, poursuivre jusqu'à Vila Murtinho (Brésil), où les rivières Mamoré et Madre de Dios se rencontrent. À cet endroit, on entre en territoire bolivien par la rivière Madre de Dios que l'on remonte jusqu'à la ville de Riberalta, à la confluence avec la rivière Béni. On navigue alors sur cette rivière en ligne droite jusqu'à l'embouchure du Madidi, près de 210 kilomètres en amont. Ce trajet a pour inconvénient la traversée de rapides sur les rivières Madeira et Madre de Dios. À l'époque du voyage de Le Cointe, les passagers descendaient

14 Le latex naturel est un suc végétal visqueux blanc, situé entre l'écorce et le tronc de différentes espèces d'arbres et de plantes gommifères. Parmi ces espèces, la gomme de l'arbre *Hevea brasiliensis* est la plus appréciée.

15 Cf. Ministère des Affaires étrangères, Bolivie, Ambassade à La Paz, cote 341PO/1, boîte 30. Centre des Archives diplomatiques de Nantes, France.

du bateau dans les rapides et les contournaient à pied par la rive, avec leurs bagages, tandis que le bateau était hissé à dos d'hommes.

Or, Paul Le Cointe et son épouse suivent un tout autre itinéraire qui les amène à réaliser un voyage circulaire. Le couple, en compagnie du représentant de la société Devès et Compagnie – Martin Norden, également accompagné de son épouse –, choisit de suivre les voies maritimes et terrestres, traversant plusieurs pays, jusqu'à arriver à la rivière Madidi. Leur périple se découpe en quatre étapes, narrées en détail par Le Cointe, dans un total de 139 pages :

1) le contournement du continent sud-américain par la mer : après avoir quitté le port de Belém, le groupe fait une première escale dans l'île de la Barbade, puis le navire passe par Haïti et la Jamaïque, avant d'arriver à Panama. À terre, il traverse l'isthme en train. Du côté de l'océan Pacifique, le groupe embarque à nouveau et longe les côtes colombienne, équatorienne et péruvienne jusqu'à Mollendo (Pérou). Ici s'achève la partie maritime de leur périple.

2) l'ascension des Andes péruviennes en train : depuis Mollendo, Le Cointe et ses acolytes prennent le train et commencent la traversée des Andes, jusqu'à Puno (Pérou), au bord du lac Titicaca. Le groupe traverse le lac en bateau et arrive en Bolivie. Depuis le lac, ils poursuivent jusqu'à La Paz en voiture.

3) le passage des Andes jusqu'à l'Amazonie bolivienne à dos de mule : ce tronçon du voyage est extrêmement éreintant et dure 12 jours, jusqu'à la localité Mapiri, sur la pente andine de la Bolivie.

4) un parcours en Amazonie bolivienne sur un radeau (*callapo*) : depuis Mapiri, le groupe descend la rivière homonyme, traversant plusieurs rapides pendant 8 jours, jusqu'à Rurrenabaque, sur le haut cours de la rivière Béni (Figure 3).

La dernière partie du voyage est une pénible descente du Béni jusqu'à l'embouchure du Madidi, suivie de la remontée du Madidi jusqu'au *seringal* du comptoir Devès et Compagnie. Ce trajet est également réalisé en radeau et dure 15 jours. Le Cointe et sa femme arrivent enfin à destination le 17 novembre 1900, soit exactement 5 mois après leur départ de Belém. Ici s'achève la première partie du voyage circulaire (voir la carte, Figure 4, tracé violet).

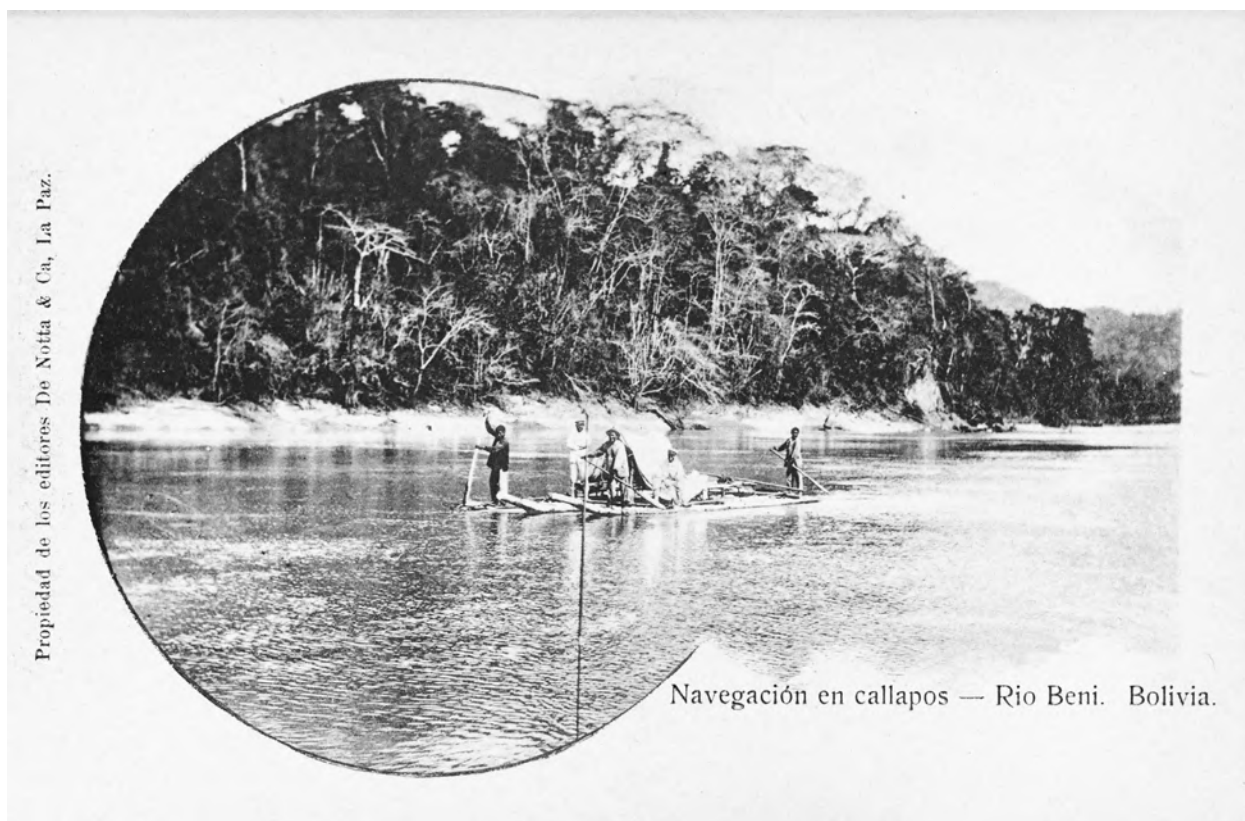


Figure 3. Les *callapos*, utilisée pour naviguer sur la rivière Beni à cette époque, étaient des radeaux étroits formés de rondins de bois. Paul et Maria Le Cointe vont voyager sur cette embarcation près de 35 jours, de Mapiri jusqu'à Mirlitonville. Carte postale de la collection Paul Rivet, avec l'inscription suivante : « Navegación en callapos – Rio Beni. Bolivia. Propiedad de los editores De Notta & Ca, La Paz ». Musée du Quai Branly – Jacques Chirac, PP0153929. Reproduction autorisée.

Figure 4. Trajet du voyage circulaire de Paul et Maria Le Cointe. Carte réalisée par AFDEC, France.

On peut s'étonner du choix du couple Le Cointe pour cette voie longue, nécessitant une logistique importante et de fréquents changements de véhicules et de moyens de transport (navire, train, bateau, voiture, mule, radeau). Plusieurs hypothèses s'offrent à nous sur les raisons de ce choix. La première, énoncée par Le Cointe au début de son récit, est sa volonté de rendre le voyage supportable pour sa femme et celle de Martin Norden. Le trajet par voie fluviale est certes le plus court, mais Le Cointe considère que le passage des chutes d'eau le long de la rivière est pénible et dangereux. Par ailleurs, la malaria était endémique dans cette région et les conflits étaient fréquents avec des Indiens ou des populations frontalières impliquées dans la collecte du caoutchouc (Costa, 2015 ; Iglesias, 2010). Nous pouvons aussi prendre en compte le fait que le voyage avait lieu pendant l'étiage, lorsque l'eau de la rivière baisse, et la transposition des chutes devient encore plus difficile, si ce n'est impossible, en cas de sécheresse importante.





La deuxième hypothèse est celle d'un trajet suggéré par la société Devès et Compagnie. En effet, on apprend dans le récit de Le Cointe qu'il a été également envisagé de contourner le continent sud-américain par voie maritime, mais par le sud, pour ensuite remonter les rivières frontalières, comme le Rio da Prata (frontière Uruguay / Argentine) et le Paraguay (frontières Argentine / Paraguay / Brésil / Bolivie). Sans doute, d'un point de vue européen, il était attendu d'un gérant d'établissement qu'il se déplace avec des moyens de transport confortables et conventionnels – comme le navire, qui possède des cabines privées et un service de restauration – sur des eaux navigables, et non en embarcation légère, comme la pirogue, capable de remonter les chutes d'eau, comme le ferait un explorateur. Enfin, la troisième hypothèse, et pas des moindres, est que la réalisation d'un voyage circulaire, comme cela était courant au XIXe siècle et au début du XXe siècle,¹⁶ donnait à Le Cointe une opportunité fantastique de connaître la Caraïbe et les Andes, ainsi que de rédiger, dans des conditions idéales, une chronique à la façon des livres de voyage. Ce genre littéraire, très populaire en Europe, avait permis à certains des contemporains de Le Cointe, comme Henri Coudreau (1859-1899), de se faire connaître du grand public et des cercles savants et scientifiques.

Parallèlement, contrairement à la littérature de voyage produite à cette époque, la lecture du récit de Paul Le Cointe surprend par la place importante que l'auteur donne à son épouse, Maria Corrêa Pinto. Elle apparaît de nombreuses fois dans le texte, à travers ses états d'âme et ses conditions physiques. On apprend ainsi que la femme de Le Cointe n'avait pas le mal de mer, qu'elle était agacée par le grondement des vagues qui s'écrasaient sur la plage, qu'elle s'enfermait à double tours dans la cabine du bateau la nuit, qu'elle était fatiguée et malade par le trajet à dos de mule le premier jour, puis s'y était habituée et chantait joyeusement le jour suivant, qu'elle avait pris froid, était tombée malade puis s'était rétablie, etc. Tantôt triste ou joyeuse, la compagne de Le Cointe est un personnage à part entière de l'expédition. Elle est même nommée une fois par son surnom « Maroca ». On remarquera, à titre de comparaison, que dans ses récits de voyage, Henri Coudreau ne mentionne jamais la présence de sa femme Octavie, pourtant toujours à ses côtés et, dont on sait aujourd'hui qu'elle avait pour fonction l'administration de l'équipage et de la mission aux côtés de son mari (Ferretti, 2017).¹⁷

À l'inverse, Maria Corrêa Pinto apparaît dans le récit de Paul Le Cointe, mais comme une personne soumise qui accompagne son mari et ne prend pas part aux aspects scientifiques du voyage. Or, les récits issus des mémoires orales familiales transmises par les descendants

16 Voir, par exemple, la nouvelle d'Emile Zola, *Voyage circulaire*, publiée en 1884, dans laquelle un couple parcourt la Normandie en train, pour sa lune de miel ; ou le livre *Voyage circulaire en Italie*, publié en 1874 sous le nom de Madame Veuve L.G.B. ; ou encore, le *Récit d'un voyage circulaire en Orient*, d'Alexandre Danjean, publié en 1907.

17 Suite au décès d'Henri Coudreau lors d'une expédition sur la rivière Trombetas en 1899, Octavie Coudreau poursuivra l'expédition jusqu'à son terme et écrira le récit *Voyage au Trombetas*, publié en 1900.

du frère de Maria – c’est-à-dire, par les petits-neveux de Maria – attestent du rôle évident de cette femme dans les décisions liées à la vie du couple. Dans la famille Corrêa Pinto, on raconte que Maria a été, à cette époque, la première femme à avoir survolé le lac Titicaca en avion.¹⁸ Le discours de Le Cointe au sujet de son épouse est certes patriarcal, mais nous savons que dans les faits il dépendait économiquement de sa belle-famille. Cet état de fait nous invite à questionner ce discours et à nous interroger sur la relation du couple Le Cointe. Ceci sera réalisé lors d’une étude postérieure.

La seconde partie du voyage circulaire du couple Paul et Maria est une brève description, en à peine 39 pages, du retour au Brésil par les rivières Madidi, Béni, Madre de Dios, Madeira et Amazonas (voir la Figure 4, tracé en rouge). Elle est rédigée de manière succincte et en un seul bloc, peut-être parce que Le Cointe et son épouse ont dû quitter la Bolivie précipitamment. Le trajet se déroule en trois étapes : 1) départ du Madidi le 10 septembre 1901 et arrivée à Riberalta le 21 septembre. Pause de deux mois et 20 jours à Riberalta, où Paul Le Cointe est assigné à résidence par les autorités boliviennes, accusé d’assassinat. Dans le Madidi, suite à un règlement de comptes entre Félix Linon (gérant par intérim du *seringal*) et Jean-Baptiste Brouillon (employé du *seringal*), Le Cointe a décidé de faire justice lui-même et a fait exécuter son employé. Suite à cela, il s’est retrouvé dans les mains de la justice bolivienne, qui a mis un terme à son expérience de *seringalista* (gérant ou patron de *seringal*).¹⁹ Il a alors été convoqué au poste de police de Riberalta, où il est assigné à résidence pendant deux mois. Il est libéré grâce à une intervention du consul de France à La Paz ;²⁰ 2) Le Cointe et son épouse, en fuite, rentrent à Belém, par le chemin le plus court et ne nécessitant pas de traverser de multiples frontières : ils partent de Riberalta le 10 décembre 1901 à destination de Manaus, et descendent en radeau la rivière Madre de Dios, puis en pirogue la rivière Madeira, jusqu’à Santo Antonio, dernière chute de la rivière, déjà située au Brésil ; 3) ils voyage ensuite en navire à vapeur jusqu’à Manaus, où le couple arrive le 12 janvier 1902. Le couple prend alors un autre navire à vapeur jusqu’à sa destination finale, Belém. En tout, le voyage de retour au Brésil par voie fluviale aura duré un mois et dix jours.

Nous avons donc ainsi deux récits de voyage : le premier (trajet aller, par voie maritime, terrestre et fluviale), décrit avec force de détails, et le second (trajet retour, par voie fluviale), plus condensé. On perçoit à travers les objets sur lesquels portent les descriptions de Le Cointe, que ses centres d’intérêt ont changé entre le moment où il se rend en Bolivie et celui

18 Cf. entretien de Emilie Stoll avec Carlos Eduardo Corrêa Pinto, petit-neveu de Maria Corrêa Pinto, réalisé par vidéo-conférence le 24 octobre 2022.

19 En effet, comme le décrit en détail Petitjean dans son texte du présent ouvrage, la gestion par Le Cointe des établissements Devès et Compagnie s’est avérée désastreuse, non seulement du point de vue humain, mais aussi financier. La société Devès entre en faillite dès 1902.

20 Cf. lettre de Paul Le Cointe au ministre de France à La Paz, 7 décembre 1901. Ministère des Affaires Etrangères, Bolivie, Ambassade à La Paz, cote 341PO/1, boîte 30. Centre des Archives diplomatiques de Nantes, France.

où il quitte ce pays. Le premier récit met l'accent sur la description des lieux parcourus, avec une insistance sur l'architecture, l'infrastructure urbaine, les installations prévues pour les voyageurs (confort des cabines, des hôtels, etc.), la salubrité des lieux, la disponibilité en eau, les formalités douanières et sanitaires exigées lors du franchissement des frontières (quarantaines, etc.), la qualité de la nourriture, la serviabilité du personnel de service et la présence de populations autochtones et/ou d'origine africaine, qu'elle soient – ou non – serviles. Le Cointe fait une évaluation extrêmement critique des lieux qu'il traverse, où rien ni personne n'est jamais à la hauteur de ce qu'il attendait. Son regard ethnocentrique, euro-péo-centré, son machisme et sa mauvaise humeur, voire même son manque d'empathie, laissent découvrir au lecteur un voyageur intolérant, ce qui tranche assez nettement avec l'idée qu'on pourrait se faire d'un Français ayant déjà vécu sept ans en Amazonie. À cela s'ajoute les commentaires racistes sur les Noirs qu'il rencontre et dépréciatifs sur la population des pays qu'il traverse, en particulier sur les femmes (« laides », « vieilles », « ivrognes », etc.). L'auteur décrit également les commerces et les industries présents le long du trajet. Cette première partie du journal de voyage de Le Cointe s'inscrit ainsi clairement dans un projet colonialiste qui cherche à déterminer les lieux les mieux adaptés aux colons français souhaitant faire des affaires et vivre confortablement d'un point de vue matériel, notamment grâce au service des populations locales.

À côté de ces aspects colonialistes, Le Cointe décrit avec une précision scientifique d'autres thématiques qui l'intéressent à titre personnel : parmi celles-ci, la navigabilité des cours d'eau et les techniques de navigation (description des modèles d'embarcations), les moyens de transport disponibles (embarcations, trains, voitures, mules), les phénomènes climatiques et naturels (marées, température, pression atmosphérique, saisonnalité des pluies), la variété des paysages traversés (écosystèmes, altitude, etc.). L'usage exhaustif de la photographie au cours du voyage confirme cet intérêt scientifique.²¹ Le Cointe a consigné tous les lieux par lesquels il est passé avec un intérêt documentaire rare, depuis sa première escale à Bridgetown, capitale de la Barbade, jusqu'à la dernière escale, à Humaitá, peu avant l'estuaire de la rivière Madeira. La plupart des 101 photographies listées sur une feuille libre, desquelles seules 33 ont été effectivement collées dans le carnet, sont des panoramas de villes et de paysages naturels, avec des montagnes, des vallées et des chutes d'eau. Peu d'entre elles sont des images proprement ethnographiques, lesquelles documentent surtout des habitations indigènes. On n'y trouve pas de photographies qui témoigneraient de la présence des voyageurs sur le terrain, comme des portraits des membres de l'expédition. Il est également surprenant de ne trouver que peu de descriptions de faune et de flore dans le

21 Après ce voyage, Le Cointe continuera à s'intéresser à la photographie, principalement comme preuve documentaire. Il développera même une technique pour faire des photos aériennes, comme il le révèle dans une lettre adressée à Jacques Huber, écrite depuis Óbidos. Les images sont également présente dans la plupart de ses écrits, comme dans *L'Amazonie brésilienne* (Le Cointe, 1922a), illustrée par 66 photographies.

texte, et l'absence d'images d'animaux ou de plantes. Du Madidi seules deux photographies sont listées (mais elles ne sont pas collées dans le carnet) : un panorama de la rivière et l'embarquement du caoutchouc produit à Mirlitonville.

Différemment, dans le récit du retour au Brésil, suite à son expérience de gérant de *seringal*, son regard est particulièrement attentif au contexte de l'exploitation et du commerce du caoutchouc, que ce soit dans la description du maillage des comptoirs le long du parcours, ou dans celle des produits dérivés du caoutchouc, sans oublier les conditions de travail et les acteurs impliqués dans cette industrie : Indiens, *seringueiros*, concessionnaires, *seringalistas*, etc. L'intérêt de Le Coite pour les questions géopolitiques – principalement les disputes territoriales entre le Brésil, la Bolivie et le Pérou, en partie liées à des rivalités dans l'exploitation du caoutchouc – apparaît clairement dans le récit qu'il fait de sa descente des rivières Madre de Dios et Madeira. Par exemple, il décrit les différents postes militaires et mentionne les troupes de démarcation de frontières rencontrées. Par ailleurs, il observe attentivement les systèmes utilisés pour la transposition des chutes d'eau le long de la rivière et fait l'apologie des avantages offerts par les voies Decauville²² et le chemin de fer, dans un contexte régional de construction d'une voie ferrée entre les rivières Madeira et Mamoré (Figure 5).

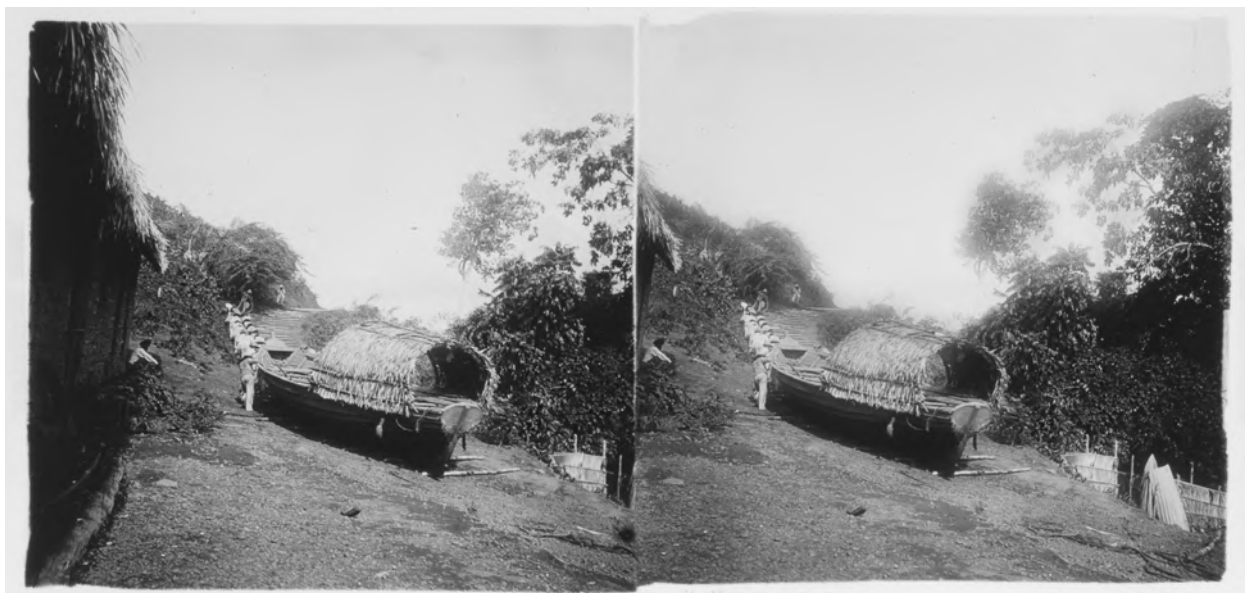


Figure 5. Traversée d'un rapide en Amazonie, sur une route d'écoulement du caoutchouc, avec un bateau hissé sur la berge par des hommes au moyen de fins rondins de bois. Stéréoscopie du début du XXe siècle, de la collection Paul Rivet, donnée au Musée de l'Homme par la société Bergougnan. Fondée à Clermont-Ferrand par Raymond Bergougnan à la fin du XIXe siècle, cette entreprise française a été l'un des principaux fabricants de pneus avant et après la Première Guerre mondiale. Elle a été rachetée par Michelin au début des années 1960. Musée du Quai Branly – Jacques Chirac, PV0082945. Reproduction autorisée.

²² Paul Decauville (1846-1922) a été l'inventeur, au XIXème siècle, de la voie de chemin de fer à faible écartement (de 40 à 60 cm). Facilement démontables, les voies Decauvilles étaient utilisées dans le transport de charges lourdes sur de faibles distances, surtout dans les ports, dans les mines, dans l'industrie et les travaux publics.

Un chroniqueur français des enjeux socio-géopolitiques de l'Amazonie à l'aube du XXe siècle

L'arrivée de Le Cointe en Amazonie, au début des années 1890, coïncide avec l'aggravation de tensions frontalières dans la région, provoquées par des disputes géopolitiques et commerciales. À 21 ans, il souhaitait explorer le territoire situé entre les rivières Oiapoque et Araguari, dans l'actuel État de l'Amapá, initialement disputé par la France et le Portugal, ensuite par le Brésil, depuis le XVIIIe siècle.²³ En 1891, Le Cointe sollicite auprès du Ministère de l'Instruction Publique son appui pour s'installer dans le territoire contesté, dans un lieu d'accès aisé. À partir de cette base, il se proposait de voyager dans le territoire avec pour objectifs dessiner une carte et faire des collectes pour le Muséum National d'Histoire Naturelle de Paris, ainsi qu'inventorier et divulguer les ressources naturelles locales pour attirer les colons français. Après l'obtention d'un accord, Le Cointe s'installe en Amazonie la même année, mais son projet est rapidement annulé par le Ministère lui-même pour des raisons diplomatiques (voir le texte de Patrick Petitjean dans ce livre).

Il est possible que le projet de Le Cointe ait été influencé par Henri Coudreau, qui a publié, en 1886 et 1887, un livre capital pour la diplomatie française, *La France Equinoxiale*, basé sur les voyages que l'auteur a réalisés dans la région amazonienne depuis 1881 (Coudreau, 1886, 1887a, 1887b). Le livre, en deux volumes et un atlas, est devenu une pièce centrale pour le fameux parti colonial, puisqu'il réunit des arguments économiques, sociaux et prétendument scientifiques pour défendre l'expansion territoriale française vers le sud, en direction de l'ancienne Guyane Brésilienne, et vers l'ouest, en direction du Rio Branco, dans l'actuel État du Roraima (Mérian, 2004 ; Sanjad, 2010).

Le degré d'implication de Le Cointe dans ce conflit diplomatique n'est pas clair, après le conflit armé de 1895, quand les troupes françaises quittent Cayenne et attaquent le village Amapá. Mais il devait certainement être très attentif à cette question. Le Cointe ne s'est pas manifesté dans les journaux brésiliens, où la polémique était vive, mais il a produit, en tant qu'agent consulaire de France à Óbidos, nommé en 1896, un rapport sur la « situation économique et financière » de la basse Amazonie, envoyé la même année à l'ambassade de France à Rio de Janeiro, puis transféré au Ministère du Commerce à Paris.²⁴ Néanmoins, il

23 Ce territoire fut déclaré zone neutre par la France et par le Brésil en 1841, lorsque les deux pays se sont engagés à ne pas l'occuper jusqu'à ce que la frontière soit établie. Dans les années 1880 et 1890, des projets d'occupation coloniale encouragés par des capitalistes, des militaires et des explorateurs français ont fait monter les tensions dans ce territoire, culminant en un grave conflit armé dans la ville d'Amapá, en 1895. Ce conflit a eu pour conséquence directe la signature d'un traité d'arbitrage en 1897, dans lequel le Brésil et la France reconnaissent le président de la Confédération Helvétique comme arbitre de cette question. Après un processus de présentation de preuves et de réponses, le jugement fut divulgué en décembre 1900, donnant gain de cause au Brésil (Carvalho, 1959).

24 Lettre de l'ambassadeur de France au Brésil à Paul Le Cointe. Petrópolis, 12 novembre 1897. Ministère des Affaires Etrangères, Légation de Rio de Janeiro, Série A, 573PO/A, boîte 77, dossier « Correspondance avec l'agence consulaire à Óbidos, 1896-1908 ». Centre des Archives diplomatiques de Nantes, France. Le rapport de Le Cointe n'est pas annexé à la documentation de l'agence consulaire de Óbidos. Malheureusement, il ne nous a pas été possible de le localiser.

existe une preuve de l'alignement de Le Cointe avec le mouvement colonialiste : son adhésion à la Société de Géographie Commerciale de Paris (SGCP) en novembre 1896, l'année même où il a produit le rapport cité ci-avant.

La SGCP était l'épicentre du parti colonial, et réunissait intellectuels, commerçants, industriels, capitalistes, militaires et toutes sortes d'aventuriers qui voyaient dans l'Outremer des opportunités d'exploration et de faire des affaires. Parmi ses membres, on trouvait, par exemple, comme secrétaire général, le journaliste Jules Gros (1829-1891), mondialement connu pour avoir proclamé l'indépendance de la République de Cunani, au sein du territoire contesté de Guyane, et s'être auto-déclaré Président en 1886, sans jamais n'avoir mis le pied dans cette région ; Coudreau lui-même avait publié dans le bulletin de la société, dans les années 1880 et 1890, plusieurs textes défendant une intervention plus marquée de la France en Guyane et en Amazonie brésilienne.²⁵ Le Cointe était un membre actif de la SGCP ; il publia plusieurs textes dans son bulletin dans les années 1890 et 1910, et en a été lauréat en 1904 (voir le texte de Patrick Petitjean dans ce livre). Sa vision coloniale de l'Amazonie, explicite jusque dans les années 1920, y compris dans le premier volume de *L'Amazonie brésilienne* (Le Cointe, 1922a), attend encore une étude plus approfondie.

Lorsque Le Cointe décida de quitter Óbidos en 1899, il se rendit dans un espace frontalier encore plus troublé que l'Amapá : la vallée de la rivière Madeira. Toute la région située entre le haut cours de la rivière Madeira et celui de la rivière Juruá connaissait des soubresauts sociaux depuis le début de la décennie, provoqués par la migration massive de Brésiliens qui remontaient les rivières à la recherche de caoutchouc (*seringa*) et de *caucho* (variété inférieure de caoutchouc), de Boliviens et de Péruviens qui descendaient les mêmes rivières pour collecter ces mêmes produits, et de peuples indigènes expulsés de leurs territoires, réduits en esclavage ou cooptés comme main d'œuvre bon marché par les *seringalistas*, lorsqu'ils n'étaient pas tout simplement massacrés. Comme au nord, la frontière entre les trois pays – Brésil, Bolivie et Pérou – n'avait pas encore été définie et était l'objet de disputes anciennes. Et comme en Amapá, les trois gouvernements ne sortiraient de leur inertie qu'à la suite d'affrontements armés violents, certains provoqués par les forces militaires qui accompagnaient l'installation de douanes pour la collecte d'impôts sur tous les cours d'eau (Tocantins, 1961 ; Leal, 2020 ; Orsag Molina, 2021).

Le Cointe fut recruté par une société coloniale, propriétaire de plusieurs *seringais* en Bolivie et qui finançait des projets d'immigration dans le même pays (Roux, 1999). Elle était surtout présente dans la rivière Madidi, au cœur de l'Amazonie bolivienne, loin des grands

25 Voir, par exemple, deux textes emblématiques des idées coloniales de Coudreau, l'un sur le territoire contesté (Guyane Brésilienne), qu'il dénomme « territoire » ou « province indigène » (Coudreau, 1888-1889), et l'autre sur le potentiel de la « Guyane Centrale » (Française) pour les investissements coloniaux (Coudreau, 1890-1891).

centres urbains andins et de ceux de la forêt – et légèrement plus au sud de l’immense territoire concédé en juin 1901 par le gouvernement bolivien à la compagnie anglo-américaine Bolivian Syndicate. Pour les sociétés comme Devès et Compagnie ou, peu après, le Bolivian Syndicate, le contrôle des voies de navigation en direction du Brésil était essentiel pour écouler la production de caoutchouc (*seringa*) et de *caucho*. Ces sociétés avaient investi dans des embarcations et des chantiers navals, dans le recrutement de milices et de personnel d’appui dans les lieux de chargement, et d’agents dans les douanes. La route de la rivière Madeira était contrôlée par Nicolás Suárez Callaú (1851-1940), propriétaire de la Casa Suárez qui a dominé le marché du *caucho* en Bolivie et financé les combats armés à la frontière avec le Brésil, en association avec d’autres *seringalistas* de la vallée du Madre de Dios.²⁶ La compagnie anglo-américaine, pour sa part, chercha à s’approprier la région du haut cours de la rivière Acre, affluent du Purus, une route alternative à celle du Madeira (Roux, 1999, 2015 ; Gamarra Téllez, 2007).²⁷

L’infrastructure de production et de transport est justement le thème principal de la seconde partie du manuscrit de Le Cointe y indique le nombre de bateaux qu’il observe dans chaque *seringal* ; il fait l’apologie de l’infrastructure de la Cachuela Esperanza, la résidence de Suárez située le long de la rivière Madre de Dios, créée en 1881 et où travaillaient deux mille personnes supervisant des milliers de *seringueiros* sur un territoire de 64 000 Km² (Rabossi, 2019) ; il décrit en détails les chutes d’eau le long de la rivière Madeira et évalue le temps qu’il faut pour les traverser ; et il identifie les postes militaires et douaniers. Ceci fait également l’objet du premier article que Le Cointe publie dans le *Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Paris* en 1902, dont le titre, très suggestif, est « République de l’Acre : chemin de fer Madeira-Mamoré » (Le Cointe, 1902). Curieusement, Le Cointe – reproduisant une stratégie discursive également utilisée par Coudreau lorsque ce dernier a écrit sur la Guyane Brésilienne – n’identifie pas la région comme brésilienne, bolivienne, ou péruvienne. À l’instar du Cunani de Coudreau, où vivaient des « Cunanienses », dans la grande région parcourue par Le Cointe vivent des « Acrenses ». La majorité de la population est composée de *seringueiros* pauvres d’origine brésilienne qui remontent les rivières Purus et Juruá à la recherche d’arbres à caoutchouc. À cette occasion, ils rencontrent fréquemment des *caucheros* boliviens et péruviens qui eux descendent ces mêmes rivières, ce qui engendre

26 Lorsque Le Cointe est arrivé dans le Madidi, Suárez était à l’apogée de ses activités. Ses anciens partenaires commerciaux, Antonio Vaca Diez et Carlos Fermín Fitzcarrald López, était morts dans un naufrage le 9 juillet 1897. Le premier contrôlait la confluence des rivières Beni et Orton ; le second, la confluence des rivières Urubamba et Mishagua, affluents de l’Ucayali. Suárez s’était approprié les embarcations (Shiringa, Esperanza et La Campa) et avait réclamé tous les droits des sociétés qu’il possédait en commun avec les deux défunts, avec pour ambition de connecter physiquement et commercialement les vallées du Madre de Dios et de l’Ucayali.

27 Le gouvernement brésilien réagit rapidement à la création du Bolivian Syndicate. En 1903, le Brésil et la Bolivie signent le Traité de Petrópolis, selon lequel le gouvernement brésilien assumait le paiement d’une amende prévue dans le contrat signé entre le gouvernement bolivien et le Bolivian Syndicate, achetait le territoire de l’Acre et s’engageait à construire la voie ferrée Madeira-Mamoré, un ancien projet bolivien destiné à faciliter l’écoulement de la production de *caucho* et de caoutchouc des vallées des rivières Mamoré et Madre de Dios (Carvalho, 1959).

des conflits armés. Or, selon Le Cointe, cette population se sent abandonnée et ne nourrirait aucun sentiment nationaliste. Il s'agirait alors d'une situation idéale pour qu'un État colonial, comme la France, intervienne avec des politiques d'incitation à l'émigration et d'investissements massifs dans la production économique pour y former un protectorat français.

La question principale, selon Le Cointe, serait de garantir l'accès à cette région intérieure du continent sud-américain. Dans son article, Le Cointe poursuit par une évaluation des routes possibles pour écouler la production, le prix des *commodities*, le coût du transport, les difficultés de navigation et les différents projets de construction de voies ferrées, dont la finalité était de permettre le transport de marchandises par les Andes ainsi que de contourner les chutes d'eau des rivières amazoniennes pour réduire le temps de voyage entre les zones de production et les ports d'exportation, qu'ils soient sur la façade Pacifique ou Atlantique. D'après Le Cointe (1902, p. 71), le « seul projet sérieux, projet qui reçut même un commencement d'exécution, et qu'on [nous, les Français] devra reprendre un jour, fut l'entreprise bien connue dans le pays [Bolivie] sous le nom de « chemin de fer du Madeira-Mamoré ».²⁸ Cette voie ferrée partait de la première chute d'eau de la rivière Mamoré,²⁹ à Guayaramerín,³⁰ « point de concentration déterminé par la nature de tous les produits de la Basse Bolivie » (p. 71).³¹ Le lieu serait également idéal pour installer un entrepôt général de marchandises importées qui, de ce point, pourraient être distribuées dans toute la Bolivie. Depuis cette ville, une route pourrait partir en direction de la rivière Madre de Dios,³² à l'ouest, évitant la cascade Esperanza,³³ et une autre en direction du nord, jusqu'à la chute de Santo Antônio, située au Brésil, la dernière de la rivière Madeira. À partir de là, la rivière est totalement navigable tous les mois de l'année.³⁴

Une entreprise semblable à celle décrite par Le Cointe – laquelle devait être poursuivie par le Brésil peu de temps après, avec la signature du Traité de Petrópolis, en 1903 – n'a pas été la seule projetée dans cette région. Le Cointe mentionne d'ailleurs plusieurs autres projets boliviens pour la construction de voies ferrées. Nous pourrions également rappeler

28 La construction d'une voie ferrée destinée à contourner les chutes des rivières Madre de Dios et Mamoré avait été planifiée par le gouvernement bolivien et initiée par des sociétés françaises. Le gouvernement brésilien a assumé ce projet seulement après la signature du Traité de Petrópolis, en 1903, sous le nom de Chemin de fer Madeira-Mamoré.

29 Le Cointe confond le nom des rivières Madeira et Mamoré, interchangeant l'un avec l'autre.

30 Le Cointe utilise le nom « Guajará-Mirim », qui se trouve, en réalité, sur la rive brésilienne de la rivière Mamoré.

31 Le Cointe se réfère à la Bolivie orientale, amazonienne.

32 Le Cointe confond le nom des rivières Madre de Dios et Beni, interchangeant l'un avec l'autre.

33 Il s'agit ici d'une chute d'eau sur la rivière Madre de Dios et non de la propriété Cachela Esperanza du *seringalista* Nicolás Suárez Callaú.

34 Le Cointe ajoute un *post-scriptum* à cet article pour informer qu'il avait appris, en avril 1902, la création du Bolivian Syndicate, lequel devait administrer un protectorat « en plein cœur de l'Amérique du Sud » (Le Cointe, 1902, p. 79). Ce dernier serait, d'après Le Cointe, la reconnaissance de la part du gouvernement bolivien de l'impossibilité d'exercer sa souveraineté sur le territoire de la vallée de l'Acre.

ici les idées de Carlos Fermín Fitzcarrald López (1862-1897), un *seringalista* péruvien allié de Suárez, qui contrôlait le commerce du caoutchouc sur la rivière Ucayali et qui rêva, dans les années 1890, de construire une connexion entre la rivière Mishagua, affluent de l'Urubamba-Ucayali, et la rivière Manu, affluent du Madre de Dios. Cette connexion aurait permis de créer une route circulaire à l'intérieur du continent et d'intégrer commercialement le Brésil, le Pérou et la Bolivie. Pour prouver la faisabilité de cette route, Fitzcarrald obligea, sous peine de mort, des centaines d'Indigènes à démonter un petit bateau à vapeur et à le transporter pièce par pièce jusqu'à la ligne de partage des eaux qui sépare les deux vallées (Otero Mutín, 2015). À une époque où les frontières étaient imprécises, des hommes comme Fitzcarrald et Suárez agissaient comme des seigneurs féodaux et imposaient leurs propres lois aux populations qu'ils gouvernaient.

Cependant, Fitzcarrald et Suárez n'étaient pas les seuls. De fait, ils entraînaient des dizaines d'autres *seringalistas* qui leurs prêtaient allégeance. Lors du trajet effectué sur les rivières Madidi, Béni, Madre de Dios et Madeira, Le Cointe a compté le nombre de *seringais* en activité, nous donnant ainsi la dimension de la production économique de l'Amazonie bolivienne et contextualisant des initiatives comme celle de la voie ferrée Madeira-Mamoré, ou encore celle de Fitzcarrald. Par exemple, il cite certains des propriétaires ou gérants qu'il connaissait, y compris des femmes, comme Dona Francisca de Farina, Roca Álvares, M. Parejes, Rodolphe Arauz, J. Feichner, Nicolas Suárez, Justino Bastos, Madame Blaymont, Bertini et Antonio Monteiro. Il mentionne aussi une autre compagnie française qui contrôlait des *seringais* dans la région, Braillard et Compagnie, fondée à Paris par deux frères d'origine suisse (Roux, 1999), et le peuple indigène recruté pour l'extraction de gomme élastique, les Kayuvava.

Sur la base du récit de Paul Le Cointe et de la correspondance diplomatique française, il est possible de produire une cartographie des *seringais* localisés sur les rivières citées, un travail actuellement en cours de réalisation par les organisateurs de ce livre. Certains comptoirs sont décrits avec détails tandis que d'autres sont à peine mentionnés, comme le *barracão* (Le Cointe utilise le lusitanisme *barraque*) Etea, qui serait « la plus importante du Béni ». Cet ensemble d'informations démontre combien les *seringalistas* étaient en relation les uns avec les autres, ainsi que la connaissance fine acquise par Le Cointe de ce maillage territorial pendant les 10 mois lors desquels il était à la tête du comptoir Devès et Compagnie. En revanche, la description des propriétés est moins précise sur la partie brésilienne du voyage, ce qui laisse penser que les *seringalistas* boliviens échangeaient moins avec leurs homologues brésiliens.

Au Brésil, d'après Le Cointe, la rivière Madeira comptait 224 comptoirs, tandis que la rivière Purus en comptait 234. En aval de Humaitá (Amazonas), le bateau s'arrêtait toutes les 10 minutes, de *seringal* en *seringal*, pour charger de la gomme élastique. Les descriptions de Le Cointe, très imagées, laissent imaginer les longs convois d'embarcations et d'hommes transportant le caoutchouc le long des cours d'eau : ceux qui savaient nager conduisaient « de longs chapelets de boules de gomme (12 à 14) enfilées sur un câble [...] flottant par eau, longeant la rive [...] nageant le bout du câble aux dents ! Ceux qui ne sav[ai]ent pas nager emport[ai]ent leurs boules par terre, deux à deux, enfilées aux extrémités d'un bâton pointu aux 2 bouts ». Selon Le Cointe, l'effervescence du monde des *seringais* s'estompe à partir de la confluence de la rivière Madeira avec la rivière Aripuanã, c'est-à-dire, un peu plus de 300 kilomètres en ligne droite d'Itacotiara, sur le fleuve Amazone.

La naissance d'un entrepreneur colonial et futur scientifique

Dans la seconde partie du journal de voyage, Paul Le Cointe apparaît comme un fin connaisseur des *seringais*, tant du point de vue de leur fonctionnement (identification des acteurs du réseau de production, des routes d'écoulement et de commercialisation, etc.) que des techniques d'extraction et de conservation du latex pour son transport (boules, galettes, etc.). Son expérience malheureuse dans le comptoir de la société Devès et Compagnie lui a permis d'identifier les principales difficultés que rencontrent les entrepreneurs gommifères au cœur de l'Amazonie : 1) les forêts naturelles d'arbres à caoutchouc étaient toutes localisées dans des régions difficiles d'accès et insalubres ; 2) l'écoulement des produits vers les ports internationaux était complexe en raison de la présence des rapides (d'où les projets de construction de voies ferrées comme une alternative plausible) et de cours d'eau de faible profondeur qui empêchaient la navigation de cargos ; 3) l'exploitation d'Indiens ou de migrants pauvres, dans des conditions proches de l'esclavage, était nécessaire pour maximiser les bénéfices ; 4) la circulation de marchandises se faisait à travers différents postes de douanes, qui prélevaient systématiquement un impôt sur les cargaisons.

Au retour de son périple bolivien, le couple Paul et Maria reste à Belém, pendant 10 mois environ, où se trouve aussi probablement Augusto Corrêa Pinto, frère de Maria, et avocat en activité dans la capitale et dans le bas-Amazone. Pendant cette période, Le Cointe rédige et publie plusieurs cartes et articles (Le Cointe, 1902, 1903a, 1903b, 1903c), parmi lesquels le travail mentionné plus haut sur la future République de l'Acre, qui naîtrait justement avec la voie ferrée Madeira-Mamoré, et un autre sur les potentialités de culture et d'extraction de produits naturels en Amazonie à destination des colons et investisseurs français. Simultanément, Le Cointe tisse des relations de travail avec Jacques Huber (1867-

1914), alors chef de la section Botanique, puis directeur du Museu Paraense de História Natural e Etnografia, spécialiste de l'étude des arbres gommifères, surtout des genres *Hevea*, *Castilloa*, *Manihot* et *Sapium* (Sanjad, 2016). C'est ce que suggère la correspondance entre eux, débutée en 1903 et poursuivie avec une exceptionnelle régularité jusqu'au décès de Huber.³⁵

Il est possible que ce soit dans ce contexte que Le Cointe ait révisé sa prise de notes du voyage au Madidi et rédigé le carnet qui est parvenu jusqu'à nous. Ces dix mois furent également l'occasion de faire germer l'idée qu'il lui serait possible de monter sa propre exploitation de caoutchouc, en tirant évidemment les leçons de l'expérience bolivienne, et dans des conditions technologiques et logistiques bien meilleures. Commercialement, il serait intéressant, selon Le Cointe, de planter des arbres à caoutchouc dans une propriété proche d'une ville (pour recruter de la main d'œuvre locale et qualifiée), au climat agréable, facile d'accès et ouverte à la navigation à vapeur. La région de Óbidos, à l'économie très dynamique à cette époque et située dans le bas cours de l'Amazone, lui parut être le lieu idéal (Le Cointe, 1906b).

En juillet 1902, Le Cointe est à Paris avec son épouse, d'où ils commencent à organiser leur retour à Óbidos. À l'occasion, Le Cointe sollicite auprès du Ministère des Affaires Étrangères la réintégration de ses fonctions d'agent consulaire de France – ce qui lui est refusé. Le couple Paul et Maria retourne à Óbidos en octobre ou novembre 1902.³⁶ Le Cointe commence alors à imaginer une nouvelle façon de gagner de l'argent, mettant à profit le savoir-faire acquis lorsqu'il était gérant de *seringal*. Entre 1903 et 1906, il conceptualise une plantation mixte, où *Hevea brasiliensis*, reconnu pour la qualité de son latex, serait associé à « une autre plante qui lui servira[it] d'abri durant les deux premières années » (Le Cointe, 1906b, p. 636), c'est-à-dire qui fournirait l'ombre nécessaire à son bon développement. Par ailleurs, la culture de deux espèces à la fois permettrait d'alterner la récolte d'une espèce pendant que l'autre se développe (Le Cointe, 1905a, p. 187). Selon Le Cointe, à Óbidos, il suffirait pour cela d'utiliser les vastes plantations de cacaoyers existantes qui surplombent les rives de la plaine d'inondation : « Le cacaoyer et l'hévéa ont été créés l'un pour l'autre ; ils se vouent une mutuelle protection » (Le Cointe, 1906b, p. 636).

En janvier 1905, alors qu'il visite la plantation du lieu-dit Cocal, propriété de Cassiano Vieira Gualberto, Le Cointe se rend compte que le propriétaire a déjà mis son idée en application depuis une quinzaine d'années : chaque pied de cacaoyer est intercalé avec un pied d'arbre

35 Cf. Fonds Jacques Huber, Série Correspondance, Dossier Paul Le Cointe. Archives Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, Brésil.

36 Cf. lettre de Paul Le Cointe au Ministre de France à Rio de Janeiro, Óbidos, le 16 avril 1903. Ministère des Affaires Étrangères, Brésil Légation de Rio de Janeiro, Série A, cote 573PO/A, boîte 77, dossier « Correspondance avec l'agence consulaire à Óbidos, 1896-1908 ». Centre des Archives diplomatiques de Nantes, France. La correspondance avec Jacques Huber confirme cette date.

à caoutchouc (Le Cointe, 1905a, p. 187). D'après Le Cointe, il faudrait attendre 10 ans pour commencer à « saigner » un arbre à caoutchouc, c'est-à-dire pour en extraire le latex qui se trouve sous l'écorce de l'arbre adulte. Acheter une plantation de cacaoyers déjà mature, comme c'était le cas à Cocal, garantirait ainsi une rente minimale jusqu'à la maturité des arbres à caoutchouc (Le Cointe, 1905a, p. 188). Les deux articles publiés par Le Cointe sur ce thème, en 1905 et 1906, cités ici, défendaient ainsi l'intérêt d'une plantation mixte d'arbres à caoutchouc et de cacaoyers dans la plaine d'inondation du bas-Amazone.

En 1907, Le Cointe met enfin son idée en application et crée une société française – la Compagnie Agricole et Commerciale du Bas Amazone (CABA) –, financée par 50 actionnaires et dont Paul Le Cointe prend la gérance à Óbidos.³⁷ La CABA se porte acquéreuse du Cocal ainsi que d'un autre terrain, plus vaste, le très connu Cacoal Imperial,³⁸ pour y implanter à grande échelle une agriculture en consortium d'arbres à caoutchouc et de cacaoyers. Nous savons grâce à la correspondance entretenue avec Jacques Huber que la plantation mixte de la CABA a servi de station expérimentale de la culture du caoutchouc en Amazonie, et a été visitée par de nombreux chercheurs qui venaient y faire des collectes et des expérimentations scientifiques (Figure 6). C'est ainsi que l'expérience de Le Cointe en Bolivie a stimulé son entrepreneuriat personnel à Óbidos, ce qui l'occupera fébrilement jusqu'en 1913. À cette date, la CABA entre en faillite suite aux difficultés financières des actionnaires majoritaires en Asie. Elle coïncide également avec la crise du commerce du caoutchouc en Amazonie et ce, avant même que les arbres à caoutchouc plantés par la CABA aient pu être « saignés ».³⁹

37 Sur la création et l'enregistrement de la CABA, voir les archives régionales de la Somme, fonds du notaire Gaston Devisme, à Amiens, livre de registres d'écritures, volume 966 bis, page 71, registre 12, du 2 avril 1907; sur la régularisation de la CABA au Brésil, voir le Décret n° 6.529, du 20 juillet 1907, qui concède une autorisation à la Compagnie Agricole et Commerciale du Bas Amazone pour fonctionner dans la République [du Brésil]; sur les actes de la CABA et la vie de l'entreprise, voir les Archives de la Ville de Paris, fonds du Tribunal de Seine, série D31U3, boîte 1154; série D32U3, boîtes 140 et 309; série D33U3, boîte 260.

38 Immense terrain situé dans la plaine d'inondation de Óbidos, où la plantation de cacao datait du XVIIIe siècle. La majeure partie du terrain et l'ensemble de la plantation furent détruits par les crues extraordinaires du fleuve Amazone tout au long du XXe siècle – ce qui, en pratique, montre que d'un point de vue environnemental et économique, l'entreprise de Le Cointe n'était pas viable. Sur le Cacoal Imperial, voir Stoll *et al.* (2017).

39 Cf. correspondance entre Paul Le Cointe et Jacques Huber (Fonds Jacques Huber, Série Correspondance. Archives Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Brésil); cf. Acte de mise en faillite de la Compagnie Agricole et Commerciale du Bas Amazone (Fonds du Tribunal de Justiça do Estado do Pará, comarca de Óbidos, Centro de Documentação Histórica do Baixo Amazonas, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, Brésil).



Figure 6. Visite des scientifiques du Musée Goeldi au Cacoal Imperial, Óbidos, en juin 1909. À gauche, debout sur une branche de cacaoyer, Paul Le Cointe ; à droite, adossé contre une autre branche et tenant un fusil de chasse, Adolf Ducke. Photographie d'Andreas Goeldi. Museu Paraense Emílio Goeldi, Archives Guilherme de La Penha, Collection photographique. Reproduction autorisée.

Nous faisons l'hypothèse que cette expérience bolivienne, à laquelle s'ajoute l'influence de Jacques Huber sur Paul Le Cointe, à travers son œuvre et la correspondance qu'ils entretenaient, ont été fondamentales dans la réorientation de la trajectoire professionnelle de Le Cointe. Nous savons peu de chose de ses occupations après 1913 et pendant la Première Guerre mondiale, mais il est certain qu'à partir de 1919, pendant le second mandat de Lauro Sodré comme gouverneur du Pará (1917-1921), l'entrepreneur laissa progressivement la place au scientifique. Certes, Le Cointe continua à écrire à la façon d'un agent colonial, cherchant principalement à interagir avec le public français. Mais cette facette de sa personnalité va s'estomper dans ses travaux des années 1920. Ce moment coïncide avec l'ascension politique du beau-frère de Le Cointe et ancien allié de Sodré, Augusto Corrêa Pinto, à l'Intendance municipale (mairie) de Óbidos, fonction qu'il occupera pendant 12 ans, de 1918 à 1930. Il coïncide aussi avec la création, par l'Association Commerciale du Pará, en 1919, du Museu Comercial do Pará, dont le montage fut confié à Le Cointe (Figure 7). Annexé à ce musée fut créé, en novembre 1921, déjà sous la gestion du gouverneur Antônio Emiliano de Sousa

Castro (1921-1925), un Laboratoire de Chimie Industrielle, où fonctionna l'École de Chimie Industrielle (*Escola de Química Industrial*) jusqu'en 1930, grâce à une subvention fédérale.⁴⁰

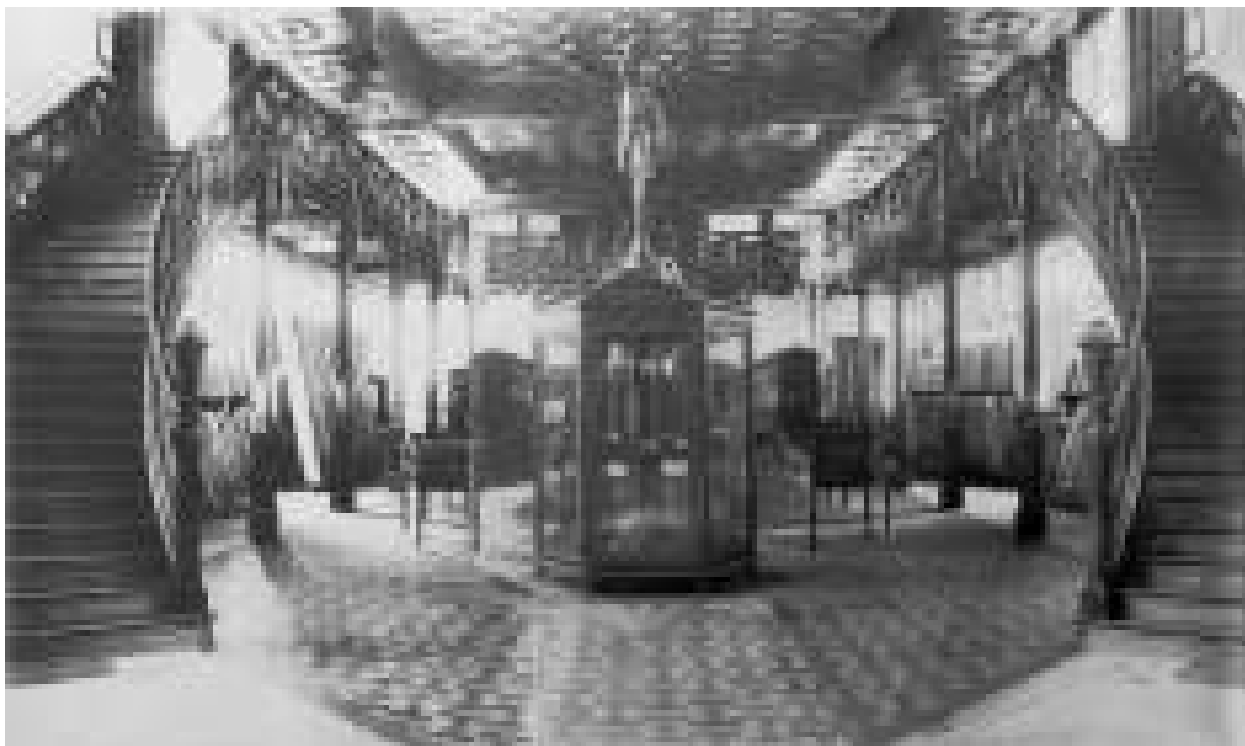


Figure 7. Intérieur du Musée Commercial du Pará vers 1920, où fonctionne actuellement le Théâtre Waldemar Henrique, à Belém (Brésil). Photographie non-identifié. Museu Paraense Emílio Goeldi, Archives Guilherme de La Penha, Collection photographique, Négatif MPEG640. Reproduction autorisée.

Le contact le plus proche de Le Cointe avec le monde de la science, par l'intermédiaire des recherches menées au Laboratoire de Chimie Industrielle et aussi par l'enseignement et la divulgation scientifique faite dans le Musée Commercial, a transformé le regard de Le Cointe et lui a donné une nouvelle vie. Les années 1920 seraient, selon notre lecture, un point d'inflexion dans la trajectoire de Le Cointe, un déclencheur qui se refléterait dans les travaux qu'il a publiés à partir des années 1930 et dans le discours qu'il développe durant cette nouvelle phase. Ses encouragements à l'installation d'entreprises coloniales en Amazonie et à l'immigration de Français, thèmes présents dans presque tous ses écrits antérieurs à 1920, sont substitués, à ce moment, par un agenda de recherche fortement appliqué à l'industrie et par des politiques publiques tournées vers l'exploitation des ressources naturelles.

Le Cointe aura peut-être été, dans les années 1930 à 1950, l'intellectuel qui a le mieux formulé le débat sur les possibilités de développement de la région amazonienne, à partir de la production intensive de connaissances scientifiques et de la planification économique.

40 L'Arquivo Central de l'Universidade Federal do Pará conserve un dossier sur l'Escola de Química Industrial do Pará, qui a été consulté par les organisateurs de ce livre. La création de cette école et la gestion de Le Cointe seront abordées à un autre moment. Pour l'heure, nous recommandons les travaux de Bassalo et Lima (1996), de Petitjean (2012) et de Machado (2016).

Il est l'auteur d'une des premières études recommandant la création d'un organe dédié à la planification et à l'incitation économique dans la région, concrétisée en 1953 par la Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) [Bureau du Plan de Valorisation Economique de l'Amazonie] (Le Cointe, 1948b). Son optimisme pour le futur de l'Amazonie aurait justement été la raison pour laquelle Le Cointe fut invité par l'historien Fernand Braudel (1902-1985) à écrire un article dans la prestigieuse revue française *Annales*.⁴¹ Finalement, Le Cointe n'a jamais écrit cet article et Braudel a dû se contenter de publier un extrait d'une lettre que Le Cointe lui avait envoyée le 5 avril 1948. Dans cette missive, Le Cointe défend une économie amazonienne diversifiée, ne dépendant pas d'un seul produit ou de la demande externe. Nous percevons ainsi combien sa pensée a changé au sujet du positionnement du Brésil vis-à-vis de l'Europe. Le pays n'apparaît plus comme un espace colonial, mais comme une nation qui peut construire son autonomie avec des ressources et des forces qui lui sont propres. Le Cointe critique alors l'inaction de la classe politique locale face aux nombreuses possibilités pour diversifier l'économie de la région, en décalage avec l'insistance anachronique de cette élite à raviver l'industrie du caoutchouc pendant la Seconde Guerre mondiale :

L'Amazonie, qui n'a pas été touchée par la guerre dans ses organes essentiels, et vers laquelle il y a eu plutôt un afflux d'argent dont elle n'a su tirer aucun parti, doit aujourd'hui faire face à une terrible crise économique tout en n'ayant guère pour guides que des meneurs politiques incompetents, trop souvent même simples arrivistes sans scrupules (...) (Le Cointe, 1948a, p. 576).

Malgré sa reconnaissance à l'époque comme intellectuel dédié aux études amazoniennes, malgré l'influence qu'a eue sa vaste œuvre sur la genèse de l'idée de « développement » en Amazonie, basée surtout sur l'exploitation et le traitement des ressources végétales locales, malgré le leadership qu'il a exercé sur la génération qui a commencé à penser en termes de « planification économique », comme Arthur César Ferreira Reis, Ricardo Borges, Clara Pandolfo et Maurício Vaitsman ; malgré avoir rédigé un essai qui s'est révélé fondamental pour la création de la Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), Le Cointe n'a toujours pas reçu l'attention qu'il mérite de la part des chercheurs dédiés aux années 1930-1950 en Amazonie. Les hypothèses esquissées ici, en particulier celle de la transformation que l'on constate dans l'œuvre de Le Cointe durant cette période, d'une perspective coloniale de matrice française vers le national-développementisme de Getúlio Vargas, doivent être soutenues par de nouvelles recherches qui associent contexte politique et agenda scientifique dans le scénario national et international.

41 L'invitation a été relayée par J. Boudet. Voir les manuscrits de l'Institut de France, Archives Fernand Braudel, fonds des correspondances reçues, boîte Le Brun à Le Goff, cotes Ms 8510 (1-220), Ms 8510 (1-116), Ms 8510 (1-116) /68. Date : 1948-1949. Nous remercions Maurice Aymard pour son aimable autorisation à consulter ce fonds.

La circulation et l'édition du carnet de voyage de Le Cointe

Le manuscrit conservé par le Museu Paraense Emílio Goeldi est clairement une copie d'un autre manuscrit. Il est très probable qu'il compile des données à l'origine annotées dans un carnet de terrain, telles que des trajets, des coordonnées géographiques, des distances, la température, la pression atmosphérique, l'altitude, ainsi que des noms et des dates. En d'autres termes, nous soutenons l'idée selon laquelle il aurait existé un journal et un carnet écrits « à chaud » sur le terrain, pendant le voyage, mais dont nous ignorons où ils se trouvent et qui seraient distincts du document dont nous disposons aujourd'hui. Ce qui sous-tend cette hypothèse est le fait que la copie du journal qui nous a été transmise avait vocation à être publiée. Le Cointe l'a conçue en alternant du texte, des photographies et des dessins, en signalant le passage des jours avec une couleur différente dans le texte (rouge) et en insérant un titre sur la page de garde. Le Cointe y a apposé une note manuscrite, qui informe que le texte a été révisé, mais non publié, comme mentionné ci-avant. De plus, le carnet utilisé pour la copie possède un haut standard graphique, comme nous l'avons décrit en introduction, dans un format inhabituel pour les carnets de terrain utilisés par les naturalistes du XIXe siècle.⁴² Nous soutenons, ainsi, que le document n'a pas été produit sur le terrain, dans des conditions souvent précaires et insalubres, exposé aux intempéries, mais qu'il a été planifié et réalisé après le voyage, à une date imprécise, avec pour finalité la publication.

Cette version actuelle du journal de voyage, même si elle est considérée comme « relue » par Le Cointe, manque encore de finition. Par exemple, la deuxième partie du journal, séparée de la première par deux pages blanches, ne suit pas le même modèle que le voyage de l'aller. Elle n'est pas divisée en chapitres, comme pour l'étape antérieure, et ne possède pas non plus de sous-titres. Le Cointe n'y décrit pas la partie du voyage entre Manaus et Belém et ne mentionne pas non plus le jour de son arrivée dans la capitale du Pará. La fin du récit est rédigée de façon sommaire, comme s'il l'avait terminée à la va-vite, ce qui contraste avec les pages antérieures. De plus, l'ensemble du texte possède des lacunes et des incohérences qui ont dû être corrigées par les organisateurs. Nous supposons, ainsi, qu'il s'agirait plutôt de la version utilisée pour la préparation de la version finale, peut-être dactylographiée.

Nous possédons au moins un indice qui montre que le journal de voyage a été traduit en portugais puis imprimé dans une version « miméographiée » par Le Cointe lui-même. Il s'agit du témoignage de Ricardo Borges (1886-1975), contemporain et ami de Le Cointe, personnalité des circuits intellectuels de Belém et auteur de nombreux livres historiques sur

⁴² Nous pouvons par exemple comparer ce carnet avec les dizaines de carnets de terrain de Jacques Huber, contemporain et interlocuteur de Le Cointe, conservés au Museu Goeldi. Sur ce sujet, voir Sanjad (2018).

le Pará.⁴³ Il a écrit une petite note biographique sur Le Cointe, publiée de façon posthume dans la deuxième édition de son livre *Vultos notáveis do Pará* [Figures notables du Pará] (Borges, 1986). Dans cette note, Borges a mentionné l'existence d'une version en portugais intitulée « Voyage Circulaire Tropical », « avec des cartes, des photographies, des observations topographiques, géo-économiques, ethnographiques, etc. » (p. 423). Borges lui-même aurait soumis cette copie, avec l'accord de Le Cointe, à la Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), pour qu'elle soit publiée. L'œuvre, cependant, reçut une évaluation négative car elle « n'intéressait pas l'Amazonie », et n'aurait jamais été restituée à son auteur, ni à Borges, qui pourtant travaillait à la SPVEA depuis ses débuts, en 1953 (Batista, 2016 ; Renha, 2017).

La première édition du livre de Borges fut publiée en 1970, sans la note sur Le Cointe. Le décès de Borges ayant eu lieu en 1975, la note a probablement été écrite peu avant ou après 1970, pour un deuxième volume de biographies de ces « figures notables ». Cela signifie donc que déjà à cette époque, la version traduite et dactylographiée du journal de voyage de Le Cointe avait disparue, comme l'informe Borges à la fin de sa note. Il faisait l'appel suivant :

À qui posséderait la précieuse monographie de Le Cointe, Voyage Circulaire Tropical, nous faisons appel à sa conscience, pour la restitution de cet important travail, extrêmement utile à l'Amazonie, pour sa nécessaire édition et divulgation ; aujourd'hui, de nombreuses institutions à Belém se dédient à la publication d'œuvres amazoniennes de cette valeur. Et nous sommes persuadés que notre appel juste et honnête sera entendu (Borges, 1986, p. 424).

L'appel de Borges n'eut aucun effet et la version traduite, soumise à la SPVEA autour de 1954-1956, n'est jamais réapparue. Si elle a été conservée dans les locaux de la SPVEA, cette version fut probablement détruite dans l'incendie du bâtiment de la Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia [Bureau du Développement Durable] (SUDAM), à Belém, à la fin des années 1980, lorsque la plupart des archives de l'institution, y compris celles de l'ancienne SPVEA, furent brûlées. Lors de l'enquête menée pour ce livre, nous avons réalisé une recherche dans la Bibliothèque Inocêncio Machado Coelho de la SUDAM, sans succès.⁴⁴

La copie manuscrite en français, inscrite dans le beau carnet à la couverture de cuir, a quant à elle connu un autre destin. Selon le journaliste Lúcio Flávio Pinto (2022, s.p.), ce carnet a été donné par Le Cointe à Clara Martins Pandolfo (1912-2009). Cette dernière avait été l'une des élèves diplômées de l'ancienne École de Chimie Industrielle du Pará, où elle a

43 Dans un échange de courriels datée du 20 octobre 2022, Carlos Eduardo Corrêa Pinto, petit-neveu de Maria Corrêa Pinto, a révélé que « ce matériel [la version dactylographiée du récit de voyage en Bolivie] aurait été vue par Jayme da Nobrega Santa Rosa [1903-1998], en 1945, lors d'une visite à Paul – Jayme était le fondateur et le premier éditeur de la *Revista de Química Industrial* ».

44 Nous remercions l'historien Matheus Villani et la bibliothécaire Maria Selma de Castro Ferreira pour leur aide lors de cette recherche.

soutenu sa thèse en 1929, approuvée avec les distinctions et intitulée « Contribution à l'étude chimique des plantes médicinales d'Amazonie » (Martins, 1929). Dans ce travail, Pandolfo a analysé le principe actif de cinq végétaux permettant un potentiel usage thérapeutique : *cipó-cururu* (*Echites cururu* Mart.), *pedra-ume-caá* (*Myrcia sphaerocarpa* DC.), *pau-para-tudo* (*Simaba cedron* Planch.), *caru-caá* (*Varronia multispicata* (Cham.) Borhidi) et *caxinguba* (*Ficus maxima* Mill.). À partir de cette expérience commune à l'École de Chimie Industrielle, Clara Pandolfo (à l'époque Clara Martins) était devenue une très bonne amie de Le Cointe.

À en juger par l'ultime révision du texte faite par Le Cointe, en 1954, le carnet doit avoir été donné peu avant ou après le décès de l'auteur, en 1956. Si tel était le cas, Clara Pandolfo l'aurait conservé pendant plus de 50 ans. Nous ignorons si elle a cherché à le publier pendant cet intervalle de temps, ou si elle en a révélé l'existence à quelqu'un. De la même façon, nous ignorons si elle a eu accès, à un moment ou un autre, à la version traduite du texte, envoyée par Borges à la SPVEA (devenue SUDAM). Clara travaillait aussi dans la même institution que Borges et y a d'ailleurs fait une carrière professionnelle remarquable depuis le début des années 1950 (Machado, 2020 ; Batista et Mourão, 2023).

Il ne nous est pas possible de déduire les raisons qui ont poussé Clara à maintenir ce carnet soustrait au public, étant donné la notoriété de son auteur dans certains cercles intellectuels, et le désir qu'il avait de le publier. Nous pouvons néanmoins proposer quelques pistes : le manuscrit n'était peut-être pas assez finalisé ou alors trop court en comparaison aux livres les plus connus de Le Cointe ; les expressions acrimonieuses et racistes utilisées par l'auteur ; l'échec de sa mission pour la société Devès et Compagnie ; les conflits dans lesquels il s'était impliqué en Bolivie ; ou peut-être la somme de tous ces motifs. On peut aussi penser aux difficultés techniques liées à la publication d'une œuvre de cette nature, qui exige une transcription, révision, édition, restauration des images, etc., ou simplement du peu d'intérêt pour une maison d'édition locale pour une œuvre qui traite davantage de la Caraïbe, des Andes et de l'Amazonie bolivienne que du Brésil. Tous ces motifs sont plausibles mais nous ne le saurons jamais. Le fait est que l'œuvre est réapparue seulement après le décès de Clara Pandolfo, en 2009. Lúcio Flávio Pinto se souvient, dans un texte déjà cité, du moment où il reçut le carnet :

Peu après l'enterrement de la docteure Clara, je suis retourné dans son appartement avec son fils, le médecin et écrivain Sérgio Pandolfo, décédé depuis, (...) pour chercher le bien qu'elle m'avait légué, d'une grande valeur : le journal du voyage du scientifique Paul Le Cointe par la rivière Madeira, en 1900. Ce journal inédit, le dernier dans cette condition des récits de voyages de naturalistes étrangers dans la région. Écrit avec une très belle écriture, enrichi de dizaines de dessins. La docteure Clara avait été l'élève de Le Cointe à l'École de Chimie du Pará (...). D'élève à disciple puis à héritière. Le maître lui aura ainsi donné son journal de voyage et, généreusement, elle me l'a transmis.

Comme le relate encore Lúcio, il confia ensuite le manuscrit au Museu Goeldi, avec l'espoir qu'il soit rapidement publié dans le cadre des commémorations de l'Année de la France au Brésil, célébrée cette même année de 2009 : « J'ai pensé que ce serait le moment idéal pour publier le journal de voyage, révélant ce document, dont l'auteur est français, avec une présence marquée en Amazonie et dans le Pará, et de grande importance pour la science mondiale ». L'entreprise se révéla cependant complexe et coûteuse. La fragilité du carnet exigea sa numérisation immédiate en haute résolution, réalisée à la fin de la même année par le photographe Mauro Ângelo Nascimento. Ensuite, il fallut établir un partenariat avec d'autres institutions brésiliennes pour réaliser des services de transcription et traduction de qualité, comme l'exige le document. Le Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), de Rio de Janeiro, a assumé cette étape du travail et est devenu, ainsi, coéditeur du livre. Ces services ont été réalisés par Maria Aparecida Correa-Paty et finalisés en 2012.

À ce moment, la phase la plus longue et la plus difficile de ce projet a commencé, ce qui a repoussé à plus tard la publication du journal de voyage pendant plusieurs années : contextualiser le long voyage de Le Cointe et de son épouse, sachant que la trajectoire de vie et l'œuvre de Le Cointe sont très peu étudiées. Cela a nécessité d'agrandir l'équipe de recherche, à laquelle se sont ajoutés, au Brésil, Heloisa Maria Bertol Domingues (MAST) et, en France, Emilie Stoll et Patrick Petitjean (CNRS). Ces chercheurs s'intéressaient déjà depuis un certain temps aux activités de Paul Le Cointe en Amazonie, en particulier dans les domaines de la chimie, de la géographie et de la cartographie (Petitjean, 2012 ; Domingues, 2016 ; Stoll *et al.*, 2017). L'apparition du carnet, en 2009, et de celle de la correspondance de Le Cointe avec Jacques Huber, en 2014, localisée par Nelson Sanjad en Suisse, puis donnée par la famille Huber au Museu Goeldi (Sanjad, 2018), permirent d'étendre largement le savoir des activités et des relations professionnelles de Le Cointe, ouvrant un ample champ d'investigations, encore en cours dans le cadre d'un projet de recherche, réalisé depuis 2016 et financé par le Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).⁴⁵ Nous possédons actuellement un panorama bien plus large des intérêts politiques, économiques et scientifiques de Le Cointe, ainsi que de sa trajectoire professionnelle.

Au cours de cette recherche, ont été réalisés des entretiens et plusieurs visites dans des archives situées à Belém, Santarém, Óbidos, au Brésil ; et à Paris, Amiens, Nantes et La Courneuve, en France. Il a aussi été nécessaire de faire une révision détaillée de la transcription et de la traduction du journal de voyage, de façon à ce que le texte définitif

45 Ce projet de recherche a pour objectif la publication de la correspondance de Le Cointe et Huber, dans un autre volume.

puisse être établi, résolvant ainsi les doutes et les incohérences. Ce travail a été réalisé par Emilie Stoll et Nelson Sanjad pendant la pandémie de Covid-19, tout au long de 2021 et 2022. Pendant cette étape, nous avons inséré des notes critiques dans le texte, qui viennent s'ajouter aux notes de la traductrice. Les photographies ont été traitées à la même période. Sur les 33 photographies collées dans le carnet, il a été possible d'en reproduire 22. Parmi celles-ci, nous sommes parvenus à récupérer un minimum d'information iconographique, reconnaissable grâce à la description que Le Cointe en fait dans le texte. Il nous semble important de publier ces photos abîmées car nous traitons un document historique singulier, dans lequel n'importe quelle information peut s'avérer utile. Ce service de récupération d'images a été exécuté par Norberto Tavares Ferreira, grâce à l'appui du projet Exorigins (2019-2023), coordonné par Emilie Stoll, avec un financement du Centre National de la Recherche Scientifique et du programme Emergence(s) Ville de Paris, en France, qui co-éditent également ce livre (Stoll, 2020).

Une fois la première étape de recherche finalisée et le texte de Le Cointe consolidé, le Museu Goeldi et le projet Exorigins (CNRS/Ville de Paris) se sont chargés de l'édition et de l'impression du livre, renforçant ainsi la coopération entre institutions scientifiques du Brésil et de France. Il arrive désormais dans les mains de ses lecteurs 120 ans après avoir été écrit puis maintenu au ban pendant des décennies. Dans cette édition, le récit du voyage de Paul et Maria Le Cointe renaît de ses cendres et, comme un voyageur dans le temps, entre enfin dans des circuits plus larges, insondables pour ce couple qui a traversé les mers, les rivières et les montagnes avec courage et un esprit aventurier. Nous souhaitons que ce livre encourage et inspire de nouvelles investigations sur les multiples vies et l'œuvre complexe de Paul Le Cointe, sans aucun doute un sujet fascinant qui nous invite à penser les défis imposés à l'Amazonie par le capitalisme global.

Referências / Références

- Balzan, Luigi. *A carretón y canoa: la obra del naturalista Luigi Balzan em Bolívia y Paraguay (1885-1893)*. Edición, estudio, notas y traducción del italiano de Clara López Beltrán. La Paz: Plural editores, 2008.
- Bassalo, José Maria Filardo; Lima, Waterloo Napoleão. Pesquisadores franceses em Belém do Pará: Escola de Química Industrial. In: Hamburger, Amélia Império; Dantes, Maria Amélia M.; Paty, Michel; Petitjean, Patrick (Orgs.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996. p. 183-188.
- Batista, Iane Maria da Silva. *A natureza nos planos de desenvolvimento da Amazônia (1955-1985)*. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- Batista, Iane Maria da Silva; Mourão, Leila. Clara Martins Pandolfo (1912-2009): múltiplas faces de uma intelectual amazônica. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 16, n. 1, p. 176-197, 2023.
- Borges, Ricardo. *Vultos notáveis do Pará*. 2a. Edição revista e ampliada. Belém: CEJUP, 1986.
- Braga, Genesio. Le Centenaire du naturaliste Paul Le Cointe. *Journal d'Agriculture Tropicale et de Botanique appliquée*, v. 18, n. 9-10, p. 379-381, 1971.
- Carvalho, Carlos Delgado de. *História Diplomática do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- Costa, Francisco Pereira. *Seringueiros, Patrões e a Justiça no Acre Federal, 1904-1918*. Rio Branco: Edufac, 2005.
- Coudreau, Henri. *La France Équinoxiale. Études sur les Guyanes et l'Amazonie*. Paris: Challamel Ainé Ed., 1886.
- Coudreau, Henri. *La France Équinoxiale. Tome Second: Voyage a travers les Guyanes et l'Amazonie*. Paris: Challamel Ainé Ed., 1887a.
- Coudreau, Henri. *La France Équinoxiale. Étude et Voyage a travers les Guyanes et l'Amazonie. Atlas*. Paris: Challamel Ainé Ed., 1887b.
- Coudreau, Henri. La province Indienne en Guyane Française. *Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Paris*, v. 11, p. 523-536, 1888-1889.
- Coudreau, Henri. La Guyane Centrale et son avenir. *Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Paris*, v. 13, p. 153-160, 1890-1891.
- Domingues, Heloisa Maria Bertol. As ciências naturais e a “cobiça” sobre a Amazônia. In: Barboza, Christina Helena da Motta (Org.). *Histórias de Ciência e Tecnologia no Brasil*. Rio de Janeiro: MAST, 2016. p. 107-125. (Mast: 30 anos de pesquisa, v. 3).
- Ferretti, Federico. Imperial ambivalences. Histories of lady travelers and the French explorer Octavie Renard-Coudreau (1867-1938). *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography*, v. 99, n. 3, p. 238-255, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/04353684.2017.1353887>.
- Gamarra Téllez, María Del Pilar. *Amazonía norte de Bolívia. Economía gomera (1870-1940): bases económicas de un poder regional, la casa Suárez*. La Paz: Colegio Nacional de Historiadores de Bolívia, Producciones CIMA Editores, 2007.
- Iglesias, Marcelo Piedrafita. *Os Kaxinawá de Felizardo: correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá*. Brasília: Paralelo 15, 2010.

Leal, Davi Avelino. *Mundos do trabalho e conflitos sociais no rio Madeira (1861-1932)*. Manaus: Editora Valer, 2020.

Machado, Jorge Ricardo Coutinho. *Educação, ciência e redenção econômica em uma capital na periferia da modernidade: a Escola de Química Industrial na Belém dos anos 1920*. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemáticas). Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, Belém, 2016.

Machado, Jorge Ricardo Coutinho. Clara Pandolfo, ciência e Amazônia: tessituras sociotécnicas. In: Silva, Maria Dulcimar de Brito; Reis, André Silva dos (Orgs.). *História da ciência no Pará: tópicos, propostas e perspectivas*. Belém: EDUEPA, 2020. p. 30-47.

Martins, Clara. *Contribuição ao estudo químico das plantas medicinaes da Amazônia*. Belém: Oficinas Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1929.

McGrath, David. Parceiros no crime: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. *Novos Cadernos NAEA*, v. 2, n. 2, p. 57-72, 1999. DOI: <http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v2i2.109>.

Meira, Márcio. *A persistência do aviamento: colonialismo e história indígena no noroeste amazônico*. São Carlos: Edufscar, 2018.

Mérian, Jean-Yves. L'Amazonie Brésilienne à la fin du XIX^e Siècle sous le regard de deux explorateurs Français: Henri Coudreau et Paul Le Cointe. In: Farré, Michel; Martinez, Françoise; Olivares, Itamar (Orgs.). *Hommes de Science et intellectuels européens en Amérique Latine (XIX^e – XX^e siècles). Actes du colloque international et interdisciplinaire, 18-20 novembre 2004, Université Paris X, 2004, p. 19-35.*

Orsag Molina, José Octavio. *Civilización y barbarie: los pueblos no reducidos en el auge de la goma, Bolivia, 1880-1912*. Monografía (Graduação em História) – Universidad Mayor de San Andrés, La Paz, 2017.

Orsag Molina, José Octavio. *Circuitos económicos durante el auge de la goma en Bolivia (1880-1912)*. La Paz: Centro de Investigaciones Sociales, 2021.

Otero Mutín, Rafael. *Fitzcarrald: pionero y depredador de la Amazonía*. Lima: Pakarina Ediciones, 2015.

Petitjean, Patrick. Auguste Chevalier, Paul Le Cointe e a Amazônia: plantas úteis entre a botânica colonial e a etnobotânica. In: Domingues, Heloisa Maria Bertol; Kleiche-Dray, Mina; Petitjean, Patrick (Orgs.). *História das substâncias naturais: saberes tradicionais e química. Amazônia e América Latina*. Rio de Janeiro: MAST; Paris: IRD, 2012. p. 61-108.

Pinto, Lúcio Flávio. À mestra, com carinho, 11 de junho de 2022. Disponível em: <https://lucioflaviopinto.wordpress.com/2022/06/11/a-mestra-com-carinho>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Rabossi, Fernando. De Cachuela Esperanza a Guajará-Mirim: recursos, escalas e transformações. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, n. 3, p. 199-212, 2019.

Renha, Carlos Eugênio Aguiar Pereira de Carvalho. *A Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, a política de desenvolvimento regional e o Amazonas (1953-1966)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, 2017.

Roux, Jean-Claude. Un roman noir des fronts pionniers de l'Amazonie bolivienne: Albert Mouton et les crimes du rio Madidi, 1890-1896. *Revue Française d'Histoire d'Outre-mer*, v. 86, n. 324-325, p. 305-327, 1999. DOI: <https://doi.org/10.3406/outre.1999.3751>.

Roux, Jean-Claude. Bolívia: les guerres des confins et de la mémoire historique perdue (1879-1935). In: Fortifications et frontières entre guerre et paix. *Actes du 136^e Congrès national des sociétés historiques et scientifiques*, "Faire la guerre, faire la paix", Perpignan, 2011. Paris: Editions du CTHS, 2015. p. 35-46. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/acths_1764-7355_2015_act_136_12_2750. Acesso em: 12 dez. 2022.

Sanchez, Fábio José Bechara. A ocupação do interflúvio Erepecurú/Curuá (Pará). In: *XXII Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, 27 a 31 de outubro de 1998. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt04-11/5063-fabiosanchez-a-ocupacao/file>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Sanjad, Nelson. *A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907*. Brasília: IBRAM; Belém: MPEG; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010.

Sanjad, Nelson. De Basileia a Belém: a carreira transnacional do botânico Jacques Huber (1867-1914). In: Cavalcante, Maria Juraci Maia; Holanda, Patrícia Helena Carvalho; Lustosa, Francisca Geny; Dias, Roberto Barros (Orgs.). *Histórias da Pedagogia, Ciência e Religião: discursos e correntes de cá e do além-mar*. Fortaleza: Edições UFC, 2016. p. 159-181.

Sanjad, Nelson. Jacques Huber. In: Kury, Lorelai (Org.). *Cadernos de viagens*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2018. p. 164-171.

Stoll, Emilie; Fischer, Luly Rodrigues da Cunha; Folhes, Ricardo Theophilo. Recenser la propriété en Amazonie brésilienne au tournant du XXe siècle. *Histoire & Mesure*, v. 32, n. 1, p. 53-90, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4000/histoiremesure.5756>.

Stoll, Émilie. Paul Le Cointe, un français de la saga du caoutchouc en Amazonie (Brésil), 10 de janeiro de 2020. In: *EXORIGINS: De la diversité bio-culturelle dans les jardins des parisiens. Circulations croisées de végétaux, de personnes et d'imaginaires*. Disponível em: <https://exorigins.hypotheses.org/815>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Tocantins, Leandro. *Formação histórica do Acre*. 3 v. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1961.

Walle, Paul. *Au pays de l'or noir (Para, Amazonas, Matto Grosso)*. Paris: E. Guilmoto, 1909.

AS MÚLTIPLAS VIDAS DE PAUL LE COINTE

Patrick Petitjean

Em direção à Amazônia

Paul Le Cointe foi um cientista francês, nascido em 24 de setembro de 1870 em Tournon-sur-Rhône (Ardèche), onde seu pai era diretor de colégio. Após concluir precocemente o bacharelado, ele não pôde seguir a desejada carreira marítima por motivos médicos e voltou-se para a química.¹ Obteve sua licenciatura na Faculdade de Ciências de Nancy e, em 1890, tornou-se preparador no Instituto de Química, sob a supervisão de Albin Haller (1849-1925).² Em dezembro de 1891, partiu para a Amazônia em uma missão oficial sem ônus para o Ministério da Instrução Pública. Ali permaneceu pelo resto da vida, embora fizesse frequentes viagens à França no início do século XX. Le Cointe exerceu simultaneamente ou sucessivamente várias profissões científicas: explorador, coletor de história natural, agrimensor, cartógrafo, químico, plantador de seringueiras, diretor de uma escola de química industrial e, principalmente, geógrafo econômico. Ele também foi agente consular da França em Óbidos e depois em Belém, e da Bélgica em Belém. Faleceu em Belém em 3 de fevereiro de 1956.

O apelo da colonização

O final do século XIX na França foi o período de ascensão da ideologia colonial. Jules Ferry (1832-1893), ministro em várias ocasiões na década de 1880, foi um dos defensores da colonização, tendo como discurso: “Repito que há, para as raças superiores, um direito, porque há um dever para elas. Elas têm o dever de civilizar as raças inferiores” (28 de julho de 1885).³

1 Carta de Paul Le Cointe ao cônsul de Belém, 15 de outubro de 1899, anexada à carta de 31 de outubro de 1899 do cônsul de Belém ao embaixador no Rio de Janeiro: “Licenciado em ciências aos 16 anos e meio, quis inicialmente seguir a carreira marítima, mas fui impedido por uma enfermidade no olho direito, o que me levou a ser rejeitado pelo conselho de revisão”. Centre des Archives diplomatiques de Nantes (doravante, CADN), fundos da Embaixada do Rio de Janeiro, caixa 77, correspondência com o posto de Óbidos. Nantes, França.

2 Fundado em 1887, esse Instituto foi o primeiro centro de química industrial na França. Albin Haller nasceu na Alsácia, foi membro da Academia de Ciências, diretor do Instituto de Química de Nancy, depois diretor da Escola Superior de Física e de Química Industrial de Paris. Le Cointe manteve a relação com Haller, notadamente quando criou a Escola de Química Industrial do Pará, na última parte de sua vida (ver mais adiante).

3 Ferry, Jules, “Les fondements de la politique coloniale”, discurso pronunciado na Assembleia Nacional durante a sessão parlamentar de 28 de julho de 1885. Disponível em: <https://www2.assemblee-nationale.fr/decouvrir-l-assemblee/histoire/grands-discours-parlementaires/jules-ferry-28-juillet-1885> (consultado em 16 de novembro de 2021).

Nessa época, desenvolve-se um conjunto de organizações, lobbies parlamentares e grupos profissionais, formando um “partido colonial” informal, a favor da expansão da colonização. Seu componente científico é composto, principalmente, pelas sociedades de geografia comercial, sendo a mais importante a de Paris (SGCP, fundada em 1873). Essa sociedade, com a qual Le Cointe teve relações próximas ao longo de sua vida, defendia a exploração econômica das riquezas naturais do mundo pelos europeus.

Desenvolver um projeto colonizador, junto com a ideologia que o acompanha, permaneceu na agenda de Le Cointe na Amazônia.

O chamado da Amazônia

Nessa época, a Amazônia era um mito capaz de inspirar jovens naturalistas. Antes da partida de Le Cointe, Henri Coudreau (1859-1899)⁴ publicou na década de 1880 seus relatos de exploração na Guiana Francesa. Em 1887, ele publicou “Les Français en Amazonie”, um apelo para a imigração europeia na Amazônia, visando sua exploração.

Jules Crevaux (1847-1882) publicou diversos trabalhos sobre suas expedições na Amazônia entre 1873 e 1881.⁵ Elas foram amplamente divulgadas na imprensa, assim como no *Bulletin de la SGCP*. Seu assassinato no Chaco, em 1882, teve um impacto significativo nos jornais. Como era natural de Nancy, a cidade dedicou uma rua a ele em 1889, quando Le Cointe estudava ali.

Uma viagem pelo Amazonas, “La Jangada” (1881), faz parte da coleção de romances “Voyages extraordinaires”, de Jules Verne (1828-1905), cujas publicações alimentavam o interesse pela aventura e pela partida rumo a mundos desconhecidos.

A Exposição Universal de 1889 também foi a ocasião para uma importante atividade editorial sobre o Brasil. Emile Levasseur (1828-1911, membro da SGCP)⁶ publicou “Le Brésil”; Frederico José de Santa’Anna Néry (1848-1901)⁷ publicou, em 1885, “Le Pays des Amazones: L’Eldorado, les terres à caoutchouc”. Para a exposição, ele também publicou “Le Brésil en 1889” e um “Guide de l’émigrant au Brésil”. Seus livros de 1885 e 1889 tinham o objetivo de atrair colonos e investidores para a Amazônia: “Queremos contar aos nossos amigos da França o que está acontecendo nas fronteiras de sua Guiana, quais tesouros estão abertos

4 Professor francês de história e geografia, explorador e geógrafo da Guiana e dos afluentes do rio Amazonas.

5 Médico militar francês, explorador da Guiana (Grandhomme, 2011).

6 Historiador, economista, estatístico e geógrafo francês, administrador do Collège de France de 1903 até sua morte.

7 Santa Anna Néry foi um publicista, nascido em Belém, próximo do Barão de Rio Branco (1845-1912). Foi membro da comissão brasileira para a exposição de 1889. Em 1881, lançou o jornal *Le Brésil*, depois, em 1884, a *Revue du Monde latin*. Foi fundador da Sociedade Internacional de Estudos Brasileiros, em 1884, e da Sociedade Paraense de Imigração, em 1885.

ao seu trabalho e à sua atividade, se eles concordarem em unir suas forças às nossas, seus capitais aos nossos para explorar o solo amazônico e compartilhar conosco o glorioso clima do qual o inglês Bates fala com inveja” (Santa Anna Néry, 1885, p. vii).

Responder ao chamado: conhecer, depois explorar

No seu primeiro pedido de missão, Le Cointe anuncia sua partida para a Amazônia com um amigo. Sua decisão estava tomada: “partirei em alguns meses para a Amazônia brasileira”; esse pedido de missão sem ônus apoiaria uma decisão prévia. Ele estabelece dois objetivos: “uma exploração da região entre o rio Parou [Paru] e o rio Branco. Há grande interesse nessa área: a parte norte é disputada entre a França e o Brasil”. Ir para o “Contestado” era, portanto, um objetivo explícito.⁸ Seu segundo objetivo: “cinco expedições francesas científicas ou industriais partiram de Óbidos para subir o rio Trombetas, nunca tivemos notícias de nenhuma delas. Enquanto exploro o país, talvez seja possível encontrar a causa dessa completa desapareção”.⁹

Em resposta ao Ministério, que pediu esclarecimentos, Le Cointe anunciou sua partida para novembro, desta vez com dois amigos. Acrescentou na primeira parte de sua carta uma apresentação do que pretendia fazer:

Após explorar o país por cerca de um ano e meio, um dos amigos que me acompanham, tendo então uma pequena fortuna, fundaria comigo uma feitoria agrícola em um local tão avançado quanto os meios de comunicação permitissem. Aproveitando esse ponto de apoio e os recursos que me proporcionaria, retomaria o estudo dessa região para elaborar um mapa tão completo quanto possível (...).¹⁰

Ele escolheu a região do “Contestado” porque era acessível pelo rio Amazonas e podia ser conectada à Guiana Francesa: “Depois de reunir um grande número de informações geográficas e científicas, eu me ocuparei de publicá-las, de tornar conhecidos os recursos do país e seus meios de acesso, e de popularizá-los para atrair colonos franceses”. E conclui este trecho: “Em resumo, meu objetivo é, como você vê, começar a conquista comercial e industrial da Amazônia em benefício da França”.

Em seguida, Le Cointe volta-se mais detalhadamente para a questão das expedições desaparecidas. Por fim, ele conta seu itinerário pessoal, remontando seu projeto de viagem

8 “Contestado” é o termo que designa tanto o território disputado pela França e pelo Brasil, entre os rios Oiapoque e Araguari, quanto a disputa geopolítica entre os dois países, no final do século XIX, de caráter violento e estratégico.

9 Carta de Paul Le Cointe ao Ministro da Instrução Pública, 11 de julho de 1891. Archives nationales de France (doravante, AN), Instrução pública, serviço de missões, dossier Le Cointe, F/17/2983/1. Pierrefitte-sur-Seine, França.

10 Carta de Paul Le Cointe ao Ministro da Instrução Pública, 8 de agosto de 1891. AN, Instrução pública, serviço de missões, dossier Le Cointe, F/17/2983/1. Pierrefitte-sur-Seine, França.

aos seus estudos de ciências físicas, antes mesmo de trabalhar como preparador químico junto a Haller. Então,

(...) seguindo os conselhos do Sr. Thoulet, professor de mineralogia na mesma faculdade, vim para Paris para concluir a preparação da minha viagem. Nos últimos meses, tenho estudado cuidadosamente a flora e a fauna do país, bem como todas as informações geográficas reunidas até agora. Pretendo concluir meus estudos preparatórios no Museu [de História Natural] e no Observatório de Montsouris para estar apto a fazer uma viagem frutífera do ponto de vista científico.¹¹

Le Cointe estava fascinado pelas riquezas naturais da Amazônia, mas mantinha uma visão distante de uma abordagem romântica. Ele via esses recursos como potenciais para a exploração e futura colonização. Além disso, com o *boom* da borracha,¹² a Amazônia se tornou um importante centro econômico. Vários plantadores ou empresários franceses se instalaram em Belém e no interior da região amazônica, incluindo Donatien Barreau, presidente da Associação Comercial do Pará nas décadas de 1870-1880 e exportador de borracha para a empresa Denis Crouan. Sua neta, Clara Martins (mais tarde Clara Pandolfo), foi estudante na Escola de Química Industrial do Pará, dirigida por Le Cointe na década de 1920. Foi ela quem recebeu do professor o jornal publicado nesse volume (ver texto de Nelson Sanjad e Emilie Stoll).

A Guiana Brasileira

Le Cointe já havia chegado à “Guiana brasileira” (atual estado do Amapá) quando recebeu uma convocação do Ministério da Instrução Pública em Paris pedindo a alteração de seu itinerário, “a missão apresentando os mais graves inconvenientes do ponto de vista diplomático”.¹³ O Ministério das Relações Exteriores temia que a presença de Le Cointe na região do “Contestado” fosse posteriormente invocada pelas autoridades brasileiras como justificativa para as reivindicações do Brasil.¹⁴ A missão foi cancelada, assim como todas as cartas de apresentação dadas a Le Cointe.¹⁵

Le Cointe recusou abandonar seu projeto: “Eu não vim de tão longe da França para voltar sem tentar fazer o que me propus: Manaus [Manaus] não está a apenas algumas

11 Le Cointe não menciona explicitamente em que contexto fez cursos no Museu.

12 Entre 1850 e 1910, a Amazônia brasileira tornou-se o maior produtor mundial de borracha, matéria-prima essencial para a segunda revolução industrial. A exportação da borracha levou à urbanização das principais cidades da região e ao enriquecimento de uma burguesia ligada à propriedade da terra, aos serviços públicos, ao comércio de importação e exportação e ao mercado financeiro.

13 Carta do Ministério da Instrução Pública a Paul Le Cointe, 30 de dezembro de 1891. AN, Instrução Pública, serviço de missões, dossier Le Cointe, F/17/2983/1. Pierrefitte-sur-Seine, França.

14 Carta do Ministério das Relações Exteriores ao Ministério da Instrução Pública, 31 de dezembro de 1891. AN, Instrução Pública, serviço de missões, dossier Le Cointe, F/17/2983/1. Pierrefitte-sur-Seine, França.

15 Aviso Ministerial, 6 de janeiro de 1892. AN, Instrução Pública, serviço de missões, dossier Le Cointe, F/17/2983/1. Pierrefitte-sur-Seine, França.

horas de Paris.”¹⁶ Ele já havia sido obrigado a partir sozinho, embora a missão tivesse sido planejada com outras três pessoas. Teve que pilotar um barco a motor por conta própria no rio Sena, do cais Sully, em Paris, até Le Havre, para embarcar em um transatlântico inglês para a Amazônia.¹⁷

É possível que Le Cointe tenha se mantido afastado do “Contestado” (onde ocorreram numerosos incidentes, incluindo uma intervenção armada francesa), ao contrário de Henri Coudreau, seu contemporâneo nesta parte da Amazônia. O projeto inicial de Le Cointe incluía a subida do rio Trombetas a partir de Óbidos, o que ele faz efetivamente em 1895-1896, na mesma época em que Coudreau explorava a parte superior dessa bacia. No entanto, não há evidências de que eles tenham se encontrado. Coudreau faleceu em 1899 durante essa viagem. Le Cointe e Coudreau têm em comum o fato de terem enriquecido seus relatos de exploração com considerações sobre a sociedade amazônica e suas diversas populações. Mas suas interpretações, e especialmente suas concepções sobre o devir da Amazônia, são baseadas em pontos de vista ideológicos diferentes. Segundo Mérian (2005, p. 21-22, 29, 35), Coudreau teria uma visão “mais humanista e sincrética e mais respeitosa sobre o valor relativo das civilizações”, enquanto Le Cointe teria “uma abordagem etnocêntrica e muito eurocêntrica”. Além disso, mais utilitarista e voltada para a colonização europeia, como o próprio Le Cointe explica:

Portanto, há um amplo campo de exploração para a iniciativa pessoal do colono europeu em busca de um país onde a competição não torna o sucesso duvidoso como na Europa. É nossa responsabilidade, como franceses, aproveitar a simpatia que nossa comunidade de raça nos garante na Amazônia para levar para lá os braços e o capital necessários para a utilização de suas florestas e de seu solo (Le Cointe, 1903b, p. 66).

Em Óbidos e na Bolívia (1892-1901)

Os primeiros anos em Óbidos: agrimensor, cartógrafo e explorador

Le Cointe forneceu elementos biográficos em várias de suas publicações. Também é possível encontrá-los em suas cartas ao embaixador da França no Rio de Janeiro, em seu processo na Chancelaria para a Legião de Honra ou no testemunho de Genesino Braga.¹⁸

16 Carta de Paul Le Cointe ao Ministério da Instrução Pública, 6 de fevereiro de 1892. AN, Instrução Pública, serviço de missões, dossier Le Cointe, F/17/2983/1. Pierrefitte-sur-Seine, França.

17 Le Cointe narra isso anos depois, em carta a Fernand Braudel, impressa em *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations* (Le Cointe, 1948a).

18 “Le Centenaire du naturaliste Paul Le Cointe” apareceu inicialmente no *Jornal do Comércio* de 11 de outubro de 1970 e foi traduzido pelo *Journal d'agriculture traditionnelle et de botanique appliquée*, v. 18, n. 9-10, setembro-outubro 1971, p. 379-381.

Em 1892-1893, ele trabalhou na instalação (que não foi concluída na época) do telégrafo terrestre entre Belém e Manaus, como chefe da seção entre Óbidos e Alenquer, com a ajuda de Jules Blanc para a seção Faro-Óbidos (Le Cointe, 1903b, p. 54).¹⁹ Esse episódio profissional permitiu-lhe estabelecer relações com o General Ferrié, que em 1922 propôs o nome de Le Cointe para o Prêmio Binoux, da Academia de Ciências, e que interveio, em 1926, para que lhe fosse concedida a Cruz de Cavaleiro da Legião de Honra.²⁰

A colonização e a integração da Amazônia ao Estado brasileiro são questões importantes nesta época. Delimitações, demarcações de propriedades, mapas, infraestruturas a serem construídas eram projetos consideráveis, nos quais Le Cointe encontrou facilmente seu lugar (Stoll *et al.*, 2017). Ele tinha as habilidades necessárias para isso.

Em 1894, ele supervisionou a abertura da estrada de Manaus em direção às pradarias do rio Branco, como preparação para a construção de uma ferrovia (que nunca chegou a ser implantada). Em 1895, ele obteve o diploma de topógrafo do estado do Pará, cargo que ocupou até 1912. Essa função o autorizou a realizar numerosas demarcações, delimitando mais de 100 propriedades em Santarém, Faro, Alenquer e Óbidos (Braga, 1971). Além de ser seu meio de sustento, o cargo de topógrafo também permitiu que ele conduzisse seus levantamentos geográficos. Em 1895-1896, ele faz mais duas viagens de exploração ao norte de Óbidos, na bacia do Trombetas. Em uma nova viagem, em 1897, ele foi acompanhado por Jules Blanc (Le Cointe, 1903b, p. 54). E tudo isso, sem perder de vista seu objetivo mercantil: “sempre tive em mente estudar o resultado econômico que pode decorrer de minhas observações cuidadosamente registradas e classificadas” (Le Cointe, 1948a, p. 575).

Le Cointe descreveu sua maneira de combinar o trabalho de topógrafo com as explorações:

O mapa anexo a este número foi elaborado tomando como eixo levantamentos topográficos da estrada aberta em 1892-93 entre as cidades de Faro e Alenquer para o estabelecimento da linha telegráfica que deveria ligar Manaos [Manaus] a Belém (...). A partir de cada lado dessa linha – que foi determinada com a maior precisão com um teodolito e uma corrente, fiz em uma série de pequenas viagens sucessivas o levantamento estadimétrico dos paranás ou canais e dos lagos que se estendem ao longo das margens do rio (Le Cointe, 1903b, p. 54).

19 Ver também a carta de Paul Le Cointe de 15 de outubro de 1899 ao cônsul de Belém, anexada à carta de 31 de outubro de 1899 do cônsul ao embaixador no Rio de Janeiro. CADN, fundo da Embaixada do Rio de Janeiro, caixa 77, correspondência com o posto de Óbidos. Nantes, França.

20 Carta do General Ferrié ao serviço de protocolo, 23 de novembro de 1926. Centre des Archives diplomatiques du ministère des Affaires étrangères (doravante, CADMAE), protocolo 1542-1975, série D, caixa 597 (Français au Brésil nommés), dossier Le Cointe. La Courneuve, França.

Esses levantamentos topográficos eram muito difíceis, considerando os instrumentos ainda pouco adaptados e as rápidas variações no nível dos rios. Foram necessários 16 anos para finalizar seu mapa do baixo Amazonas em 1911 (Stoll *et al.*, 2017, p. 69).

Com a Sociedade de Geografia Comercial de Paris

A Sociedade de Geografia Comercial de Paris (SGCP), fundada em 1878, reunia geógrafos econômicos e exploradores voltados para a exploração de territórios, ao contrário da Sociedade de Geografia, mais voltada para geógrafos e etnólogos universitários. Charles Wiener ou Paul Walle eram membros influentes da SGCP, que também era uma componente importante do partido colonial.

Em 1896, o caminho de Le Cointe cruza com o de Charles Wiener,²¹ que o nomeia agente consular em Óbidos.²² Este último apresentou uma palestra na SGCP, em 15 de dezembro de 1896, sobre “O Brasil em 1895-1896”.

Na segunda metade da década de 1890, Le Cointe começa a estabelecer redes na França, apoiando-se em seu cargo consular. Ele foi eleito membro da SGCP na sessão de 3 de novembro de 1896, na qualidade de agente consular, e foi listado entre os membros ainda naquele ano como topógrafo (SGCP, 1896, p. 954, e suplemento, p. 2). Ele será um membro ativo por cerca de vinte anos, participando da eleição dos administradores (por correspondência em 1899) e comparecendo aos almoços mensais quando estava presente em Paris.

No *Bulletin de la SGCP*, os artigos e as notas sobre a Amazônia eram frequentes, especialmente devido ao “Contestado”.²³ A partir de 1902, Le Cointe fez dessa revista seu principal local de publicação (ver a lista de publicações de Le Cointe).

Na sociedade de Óbidos

Em 1895, Le Cointe se casou em Óbidos com Maria Corrêa Pinto, filha de uma família proeminente. Seu cunhado, Augusto Corrêa Pinto, era o intendente de Óbidos desde 1889 (Stoll *et al.*, 2017, p. 69-71).²⁴ Le Cointe apoiou as ações políticas de sua família por casamento

21 Charles Wiener (1851-1913) foi um explorador e linguista que viajou pela América Latina (particularmente pelo Peru) entre 1874 e 1910. Tornou-se diplomata em 1879, ocupou vários cargos na América Latina. Na França, fundou o Museu de Etnografia do Trocadéro em 1879. Participou regularmente das sessões da SGCP.

22 Carta de Paul Le Cointe ao embaixador no Rio de Janeiro, 16 de abril de 1903. CADN, fundo da Embaixada no Rio de Janeiro, caixa 77, correspondência com o posto de Óbidos. Nantes, França.

23 Ver, por exemplo, o *Bulletin de la SGCP* para 1895, 1897 e 1898.

24 Durante uma investigação de campo realizada em Óbidos, em 2019, Emilie Stoll verificou que Augusto Corrêa Pinto era o cunhado e não o sogro de Le Cointe (comunicação pessoal).

e se envolveu nas convulsões políticas do início da República. Em 1900, o Partido Republicano perdeu as eleições municipais e os amigos de Corrêa Pinto enfrentaram dificuldades.

No momento da criação do posto consular, havia apenas três franceses em Óbidos, incluindo um padre “irascível” e um agricultor que retornou à França pouco depois.²⁵ De junho a setembro de 1899, os conflitos se intensificaram. Le Cointe apoiou o padre em seu conflito com notáveis locais, que o acusaram de tê-los ameaçado com armas. O padre foi expulso de Óbidos e se refugiou em Belém, acompanhado por Le Cointe. O cônsul de Belém teve que intervir várias vezes para acalmar os conflitos com o governador do estado. Todos esses incidentes estão documentados abundantemente no arquivo do posto consular francês de Óbidos – e foram amplamente divulgados em outubro de 1899, no jornal *A Província do Pará*, de Belém. No final de outubro, o cônsul resolveu retirar Le Cointe de Óbidos, conforme solicitado pelo próprio interessado: “gostaria de me dedicar em tempo integral aos meus estudos, sem ser interrompido por essas intrigas nauseantes. Portanto, minha intenção não é permanecer por muito tempo em Óbidos.”²⁶ Le Cointe tentou obter um cargo no Museu Paraense de História Natural e Etnografia (atual Museu Paraense Emílio Goeldi), mas isso não deu certo (ver o texto de Nelson Sanjad e Emilie Stoll neste volume). Foi quando ele decidiu partir em uma viagem com sua esposa para a Bolívia.

O interlúdio boliviano

Segundo seu diário, Le Cointe foi convidado pela Compagnie Devès, de Paris, para gerenciar um seringal no rio Madidi, na Bolívia, localizado no encontro com o rio Beni. Em maio de 1900, ele viajou a Manaus para se encontrar com o Sr. Norden, representante da companhia, e assinar seu contrato. Sendo obrigado a deixar Óbidos e os conflitos em que estava envolvido por um tempo, ele escolheu aplicar seus conhecimentos sobre a borracha na administração de um seringal. E combinou essa função com explorações territoriais, como nos anos 1890.

Acompanhado de Norden, Le Cointe se reuniu em 26 de junho de 1900 com o cônsul francês em Belém para entregar os arquivos da agência consular de Óbidos, apresentar sua

25 Carta do cônsul de Belém ao embaixador no Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1899. CADN, fundo da Embaixada no Rio de Janeiro, caixa 77, correspondência com o posto de Óbidos. Nantes, França. São inúmeras as cartas trocadas entre Paul Le Cointe e o cônsul de Belém em setembro de 1899 a respeito desses incidentes. Nesse arquivo também está incluído o artigo do jornal *A Província do Pará* (9 de outubro de 1899) que critica Le Cointe.

26 Carta de Paul Le Cointe de 15 de outubro de 1899 ao cônsul de Belém, anexada à carta de 31 de outubro de 1899 do cônsul ao embaixador no Rio de Janeiro. CADN, fundo da Embaixada no Rio de Janeiro, caixa 77, correspondência com o posto de Óbidos. Nantes, França.

renúncia e anunciar sua partida para a Bolívia.²⁷ Le Cointe, Norden e suas esposas embarcaram em 20 de julho de 1900 para La Paz, passando pelo Panamá. Le Cointe encontrou agentes da Compagnie Devès em várias etapas de sua viagem, principalmente em La Paz, onde conheceu o Sr. Goguet, seu antecessor e o responsável pelos estabelecimentos Devès na Bolívia.

Seu diário de viagem não registra sua estadia no Madidi, entre sua chegada em 17 de novembro de 1900 e sua partida para Riberalta em 10 de setembro de 1901 – um período de dez meses. O relato da viagem de barco entre o Madidi e Riberalta (de 10 a 21 de setembro) é muito resumido, sem observações sobre o curso do rio. Além disso, Le Cointe foi bastante lacônico sobre sua estadia de três meses em Riberalta, de onde partiu de volta para o Brasil em 10 de dezembro de 1901. As observações geográficas reaparecem assim que ele atravessou a fronteira.

No *curriculum vitae* de Le Cointe para a obtenção da Legião de Honra, elaborado nos anos 1920, consta a menção “Diretor de uma grande propriedade francesa de exploração de borracha no Beni (Amazônia boliviana) de 1900 a 1902”,²⁸ mas isso parece distante da realidade. As aventuras de Le Cointe no Madidi e a realidade do estabelecimento Devès são descritas em vários documentos dos arquivos da Embaixada da França em La Paz. No trecho a seguir, o próprio Le Cointe relata o drama que atingiu a seringal Devès et Cie. – e que o fez abandonar seu cargo de diretor do estabelecimento:

O indivíduo chamado J. B. Brouillon, contratado em La Paz por Mr. Goguet, covardemente assassinou o Sr. F. Linon nesta manhã e tentou fazer o mesmo com minha esposa e comigo. Justiça foi feita. Eu mandei executar o assassino antes que nosso pobre amigo desse seu último suspiro. No dia 9 do corrente, fui obrigado a expulsar daqui os outros contratados por Mr. Goguet. (...) Todos os infortúnios que nos atingiram me encheram profundamente de desgosto por este país. Minha esposa está doente, e eu não posso perder o único afeto que me resta. Escrevo por essa remessa aos senhores Devès em Paris, suplicando que me retirem do meu posto, onde só permaneço por dever. Espero que eles me proporcionem os meios para retornar à França.²⁹

Em cartas posteriores, Le Cointe foi mais longe: ele via uma verdadeira conspiração, cujo líder era um alemão empregado pela Maison Braillard em Riberalta. Le Cointe e sua

27 Carta do cônsul de Belém ao embaixador no Rio de Janeiro, 5 de junho de 1903. CADN, fundo da Embaixada no Rio de Janeiro, caixa 77, correspondência com o posto de Óbidos. Nantes, França. Para o cônsul de Belém, o fechamento da agência consular de Óbidos foi feito sem autorização, “dando um caráter irrevogável à sua decisão”.

28 Nota do embaixador no Rio de Janeiro para o serviço de protocolo, 1924. CADMAE, protocolo 1542-1975, série D, caixa 597 (Français au Brésil nommés), dossier Le Cointe, ficha de informações, 1924. La Courneuve, França.

29 Carta de Paul Le Cointe a Bouillette (encarregado dos negócios da Maison Devès em La Paz), 19 de agosto de 1901. CADN, fundo da Embaixada em La Paz, caixa 30, pasta “agências consulares” 1903, dossier “assassinato de Linon e Brouillon, sucessão”. Nantes, França.

esposa escaparam por pouco da morte. Ele foi preso em 10 de setembro e foi levado para Riberalta, onde ficou por três meses. Acabou por ser libertado e quis voltar para a França.³⁰

Outra testemunha, bastante desfavorável a Le Cointe (acusado de ser incompetente em termos contábeis e de passar o tempo tirando fotos em vez de gerenciar a produção), descreveu o estabelecimento Devès em Madidi como um centro de corrupção e um covil de assassinos organizado por Goguet.³¹

O tom das cartas subsequentes de Le Cointe é de desespero:

Agora tenho a prova definitiva de que todos os crimes e atentados cometidos em Madidi foram instigados pela Maison Braillard (...). Eu imploro a você, faça algo por minha esposa e por mim (...). Minha esposa se une a mim para suplicar a você e sua esposa para que não nos abandonem. Não podemos sair daqui.³²

Nada muda e ele continuava desejando retornar à França. Ele era obrigado a se apresentar diariamente à polícia. Sua esposa estava enfraquecida, doente e desmoralizada. E ele implorava ao cônsul para que interviesse junto ao embaixador da França em La Paz.³³

Segundo o diário de Le Cointe, um novo agente consular foi nomeado em Riberalta em 20 de novembro e tudo estava resolvido em 29 de novembro. Ele pôde partir em 10 de dezembro para o Brasil, de barco pelo rio Madeira.

A sua experiência como diretor de seringal acabou rapidamente em alguns meses. E em uma situação de caos e intrigas que deixaram pouco tempo para que Le Cointe se ocupasse da produção. Pode-se também levantar dúvidas sobre a dimensão “exploração de borracha” da Maison Devès. Ela entrou em falência geral na Bolívia alguns meses após os incidentes no Madidi. Em seu inventário constam muitas minas, mas o posto de Madidi nem sequer é mencionado.³⁴

Em uma carta datada de 7 de dezembro, mas expedida somente depois de Le Cointe chegar a Óbidos, e destinada ao embaixador francês em La Paz, Le Cointe justificou mais uma

30 Carta de Paul Le Cointe a Bouillette (encarregado dos negócios da Maison Devès em La Paz), 7 de outubro de 1901. CADN, fundo da Embaixada em La Paz, caixa 30, pasta “agências consulares” 1903, dossier “assassinato de Linon e Brouillon, sucessão”. Nantes, França.

31 Carta do Dr. Rossi ao embaixador em La Paz, 20 de agosto de 1901. CADN, fundo da Embaixada em La Paz, caixa 30, pasta “agências consulares” 1903, dossier “assassinato de Linon e Brouillon, sucessão”. Nantes, França.

32 Carta de Paul Le Cointe a Bouillette (encarregado dos negócios da Maison Devès em La Paz), 10 de outubro de 1901. CADN, fundo da Embaixada em La Paz, caixa 30, pasta “agências consulares” 1903, dossier “assassinato de Linon e Brouillon, sucessão”. Nantes, França.

33 Carta de Paul Le Cointe a Bouillette (encarregado dos negócios da Maison Devès em La Paz), 28 de outubro de 1901. CADN, fundo da Embaixada em La Paz, caixa 30, pasta “agências consulares” 1903, dossier “assassinato de Linon e Brouillon, sucessão”. Nantes, França.

34 CADN, fundo da Embaixada em La Paz, caixa 29, pasta “falência Devès 1902”. Nantes, França.

vez sua atitude (ter mandado fuzilar o assassino). E prometeu ao embaixador um relatório detalhado sobre o comércio de borracha no rio Beni.³⁵

O acompanhamento policial durante sua jornada entre o Madidi e Riberalta não é mencionado no diário, assim como sua situação pessoal em Riberalta. No entanto, duas alusões em seu diário confirmam os eventos. Uma delas, irônica, em 12 de dezembro, após uma reunião em Villa Murtinho com um policial desertor acompanhado de prisioneiros fugitivos: “vão me acusar de ter fugido levando a polícia!” A outra, na segunda-feira, 16 de dezembro, quando ele descobriu que teria que retornar a Villabella para embarcar: “então vou voltar para a Bolívia, embora essa manobra não me pareça muito prudente.” Ele qualifica a Bolívia algumas linhas depois como um “belo país de patifes”.

A informação sobre esse conflito chegou ao consulado de Belém, “transmitida por um inglês encontrado em um barco”.³⁶ Le Cointe teria participado de um acerto de contas (duas mortes) entre funcionários do estabelecimento da Casa Devès no Madidi. Preso pela polícia de Riberalta, teria escapado e seria considerado um fugitivo pela justiça boliviana. Esse episódio não afetou sua carreira posteriormente: em seu dossiê para a Legião de Honra, foi dito que Le Cointe atendia a todos os critérios de boa moralidade.

Entre Óbidos e Paris (1902-1919)

Ao retornar a Óbidos em janeiro de 1902, Le Cointe encontrou uma carta da SGCP solicitando um artigo sobre a possibilidade de ser criada uma nova república na região do rio Acre, pedido provavelmente motivado pela repercussão na França dos distúrbios nessa área. Ele atendeu à solicitação e seu artigo, datado de 3 de fevereiro, foi publicado no *Bulletin de la SGCP* (Le Cointe, 1902, p. 67-79). Nele, Le Cointe explica que “a República do Acre viveu o que as rosas vivem” e que o governo boliviano retomou o controle da situação: a corrida pela borracha requeria uma certa autoridade administrativa. No entanto, para Le Cointe, a situação não estava estabilizada: a maioria da população era brasileira, as comunicações aconteciam através do Brasil, os militares bolivianos eram “índios esfarrapados”, as fronteiras não estavam realmente delimitadas.

O artigo contém uma descrição das vias de penetração na baixa Bolívia [Amazônia boliviana], dos cursos d’água com um mapa da bacia do alto rio Madeira, proveniente das anotações de seu diário. No entanto, o essencial de seu artigo é dedicado às condições

35 Carta de Paul Le Cointe ao embaixador em La Paz, 7 de dezembro de 1901. CADN, fundo da Embaixada em La Paz, caixa 30, pasta “agências consulares” 1903, dossier “assassinato de Linon e Brouillon, sucessão”. Nantes, França. O relatório mencionado não figura nesse dossier.

36 Carta do vice-cônsul em Belém ao embaixador no Rio de Janeiro, 5 de abril de 1904. CADN, fundo da Embaixada no Rio de Janeiro, caixa 77, correspondência com o posto de Óbidos. Nantes, França.

socioeconômicas do desenvolvimento da região, especialmente ao projeto da ferrovia Madeira-Mamoré, com 320 km de extensão e, em princípio, sem ter que atravessar um rio importante. Lançado cerca de trinta anos antes e depois abandonado, o equipamento estava enferrujado e havia sido saqueado. Era, entretanto, a única solução para desenvolver a região. Le Cointe implorou que algum investidor francês relançasse essa ferrovia. Isso permitiria criar um mercado para desenvolver outras produções, além da borracha.

No *post-scriptum*, datado de 25 de maio de 1902, Le Cointe anunciou que a Bolívia havia entregado a gestão do Acre a um consórcio anglo-americano, o que foi criticado tanto no Brasil quanto no Peru. E que o futuro do Acre seria, naturalmente, brasileiro (ver o texto de Nelson Sanjad e Emilie Stoll neste volume).

Outros elementos de sua viagem circular foram incorporados em publicações geográficas posteriores.

Em Paris: publicações e SGCP

Entre 1902 e 1919, Le Cointe manteve laços estreitos com a SGCP e participou regularmente das reuniões durante suas estadias em Paris.

Em 1902, logo após seu retorno da Bolívia, sua chegada na cidade foi anunciada na seção “viajantes” de abril. Ele estava presente nos almoços de maio, junho e julho. Seu retorno a Óbidos foi anunciado em dezembro, juntamente com artigos de sua autoria planejados para o *Bulletin* (SGCP, 1902, p. 672).³⁷ Le Cointe aproveitou essa estadia para tentar, junto ao Ministério, recuperar seu cargo de agente consular em Óbidos, o que lhe foi negado em 1903.³⁸

Le Cointe fez do *Bulletin de la SGCP* seu principal local de publicação a partir de 1902. Ele também publicou regularmente nos *Annales de Géographie*, a revista da Sociedade de Geografia, desde 1903. Lá, ele desenvolveu ainda mais as observações feitas em suas viagens, especialmente com mapas (Le Cointe, 1903b). Ele também publicou um mapa do curso do Amazonas (Le Cointe, 1906b, 1907b) e um mapa detalhado do baixo Amazonas (Le Cointe, 1911).

37 A SGCP organizava almoços mensais, com relatórios e lista de participantes. Também há informações regulares sobre as atividades dos membros.

38 Carta de Paul Le Cointe ao ministro das Relações Exteriores, 30 de julho de 1902; carta de Paul Le Cointe ao cônsul em Belém, 8 de novembro de 1902; carta do cônsul em Belém a Paul Le Cointe recusando-se a apoiar sua demanda, 23 de março de 1903; carta do embaixador da França no Rio de Janeiro a Paul Le Cointe para confirmar a não reabertura da agência consular de Óbidos, 30 de junho de 1903. CADN, fundo da Embaixada no Rio de Janeiro, caixa 77, correspondência com o posto de Óbidos. Nantes, França.

Suas outras publicações são amplamente voltadas para a borracha e o desenvolvimento econômico da Amazônia, especialmente na revista *Le Caoutchouc et la gutta-percha* (ver a lista de publicações de Le Cointe).

As duas primeiras décadas do século XX são especialmente frutíferas em publicações. Entre elas, os relatos das explorações de Le Cointe nos anos 1890. Ele respeitou o compromisso assumido em sua solicitação de missão em 1891 de não publicar nada antes de residir dez anos na Amazônia. Ele lembra disso na introdução de “Amazonie brésilienne” (Le Cointe, 1922a, p. 9).

Em 1904, Le Cointe recebeu da SGCP a medalha Pra, reservada para a América Latina. Segundo a SGCP,

(...) importantes e frequentes são as comunicações que o Senhor Le Cointe envia de Óbidos e do Brasil setentrional para nossa Sociedade. Ele estudou bem as regiões onde a vida não é fácil para os franceses, entre os seringueiros ou coletores de borracha. (...) Assim, o Senhor Le Cointe presta serviços reais ao alertar o imigrante sobre o que encontrará na Amazônia, e seus conselhos são ainda mais valiosos, dado que a Amazônia é uma grande reserva para a colonização do futuro (SGCP, 1905, p. 114).

Parece que ele não estava presente durante a cerimônia de entrega dos prêmios.

Le Cointe, plantador e especialista em borracha

De volta da Bolívia, Le Cointe se reinstalou em Óbidos. Ele adquiriu algumas propriedades para realizar diferentes pesquisas e experimentar uma cultura mista de seringueiras e cacauzeiros (Stoll *et al.*, 2017, p. 71). Esses terrenos e uma fazenda de criação de gado ficavam localizados próximos a Óbidos (Le Cointe, 1948a, p. 576).

Ao mesmo tempo, ele iniciou uma correspondência detalhada com o botânico suíço Jacques Huber (1867-1914), pesquisador do Museu Goeldi, em Belém, e autor de várias publicações sobre borracha.³⁹ O contato entre os dois contribuiu para dar uma orientação mais científica aos trabalhos de Le Cointe e foi essencial para Huber obter informações sobre as possibilidades e os limites do cultivo da seringueira na Amazônia (ver o texto de Nelson Sanjad e Emilie Stoll neste volume).

Le Cointe continuou, paralelamente, seu serviço como agrimensor até 1912, recebendo visitantes interessados em suas experimentações e observações botânicas ou entomológicas. Em 1905, ele acompanhou uma missão aos planaltos da Guiana Inglesa (Braga, 1971, p. 380).

39 A correspondência entre Huber e Le Cointe está conservada no Arquivo do Museu Goeldi, em Belém. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo Jacques Huber, Série 1 (Correspondência), dossier Paul Le Cointe. Agradeço a Emilie Stoll e Nelson Sanjad por compartilharem essa informação.

Seu visitante mais frequente foi Adolf Ducke (1876-1956), entomólogo e botânico do Museu Goeldi, que trabalhava diretamente sob as ordens de Huber. Ducke esteve em Óbidos, de passagem, em 1903, 1905, 1910 e 1913. Ele foi consultado por Le Cointe quando organizava o terceiro volume de “Amazonia Brasileira”.⁴⁰

Le Cointe fez várias viagens a Paris durante este período. A borracha ocupava um lugar de destaque no comércio e na indústria francesa. A correspondência com Huber atesta a provável presença contínua de Le Cointe em Óbidos entre 1903 e o início de 1906, mas ele retornou a Paris em meados desse ano: o *Bulletin de la SGCP* relata sua participação nos almoços mensais entre agosto de 1906 e maio de 1907. Em janeiro de 1907, Le Cointe foi homenageado por seu trabalho sobre a borracha.

Le Cointe também recebeu a medalha de oficial da Instrução Pública durante a sessão de entrega de medalhas da SGCP em 19 de março de 1907 (SGCP, 1907, p. 213). Ele aproveitou sua estadia em Paris para solicitar novamente ao Ministério o restabelecimento do posto de agente consular em Óbidos, baseando-se em Adolphe Hanoteau (1814-1897).⁴¹ Nessa ocasião, ele se apresentou como presidente ou administrador da Compagnie Agricole et Commerciale du Bas Amazone (CACBA). Essa solicitação acabou sendo negada mais uma vez.⁴²

A CACBA foi criada em Paris por Le Cointe em 12 de março de 1907, com vários sócios. O objetivo da empresa era adquirir, desenvolver e explorar plantações na região de Óbidos. O estatuto foi registrado no dia seguinte em Amiens. A empresa operava em 4.500 hectares de cacauzeiros e seringueiras.⁴³ Le Cointe controlava 700 das 1.200 ações iniciais que compunham o capital da empresa. Dessa forma, ele monetizou suas contribuições materiais e intelectuais como fundador. O restante das ações foi oferecido a pequenos subscritores.⁴⁴ Le Cointe era o diretor em Óbidos.

Em 1909, Le Cointe fez uma nova viagem, aparentemente mais curta, a Paris, comparecendo apenas aos almoços da SGCP em dezembro de 1909 e janeiro de 1910. Ele estava novamente presente nesses eventos entre março e dezembro de 1911. No final desse

40 Conforme os relatórios anuais do Museu Goeldi e a correspondência entre Le Cointe e Huber.

41 General especialista na cultura kabyle, da Argélia, membro ativo da Sociedade de Geografia Comercial de Paris.

42 Carta do Ministério das Relações Exteriores ao embaixador no Rio de Janeiro, 18 de maio de 1907; carta de Hanoteau ao embaixador no Rio de Janeiro, 14 de março de 1908; carta de Hanoteau ao embaixador no Rio de Janeiro, 25 de março de 1908; carta do embaixador no Rio de Janeiro ao Ministério das Relações Exteriores para a recusa final, 28 de outubro de 1908. CADN, fundo da Embaixada no Rio de Janeiro, caixa 77, correspondência com o posto de Óbidos. Nantes, França.

43 Carta de Hanoteau ao embaixador no Rio de Janeiro, 14 de março de 1908. CADN, fundo da Embaixada no Rio de Janeiro, caixa 77, correspondência com o posto de Óbidos. Nantes, França. O estatuto da CACBA está anexado a essa carta.

44 Estatuto da Compagnie Agricole et Commerciale du Bas Amazone, minuta de 23 de março de 1907. Archives départementales de la Somme, fundo de Gaston Devisme, cartorário em Amiens, cota 3, E 17770. Amiens, França.

ano, proferiu uma conferência com Paul Walle: “Le Brésil et son caoutchouc: le Pará”. Retornou a Belém em dezembro, junto com Victor Cayla e Oscar Labroy, contratados pelo governo brasileiro para estudar as condições de desenvolvimento de plantações de seringueiras (Labroy, 1913). Durante essa missão, Cayla e Labroy visitaram a plantação de Le Cointe e estudaram seus métodos (SGCP, 1912, p. 207-208).⁴⁵

Sob o duplo impacto de questões internas à CACBA (conflitos e crise financeira) e da queda abrupta dos preços da borracha em 1911, os investimentos feitos por Le Cointe em Óbidos enfrentaram dificuldades e a empresa deixou de existir, provavelmente em 1913. As plantações, contudo, continuaram a ser visitadas. A missão “Rondon-Roosevelt” passou por lá em 1913.

Um “plano de defesa econômica da borracha” foi adotado pelo Governo Federal em 1912, incluindo a criação de sete estações experimentais para seringueiras. Le Cointe fez uma análise feroz desse plano, chamando-o de “um verdadeiro delírio de transformações e criações”, especialmente porque o escritório central responsável pela implementação estava localizado no Rio de Janeiro e não na Amazônia (Le Cointe, 1922a, v. I, p. 405-408).

No entanto, em 1913, Le Cointe foi designado pelo Governo Federal brasileiro para assumir a direção da estação experimental de borracha planejada no estado do Amazonas (Le Cointe, 1922a, v. 1, p. 411; SGCP, 1913, p. 730), após ter sido recusado para a estação no Pará em favor de Labroy (Dean, 1989, p. 104). Le Cointe havia proposto que suas plantações em Óbidos servissem como embrião para a estação no Pará, para evitar que ela começasse do zero. A proposta não foi aceita e Le Cointe foi “logo deixado de lado [porque ele se recusava] obstinadamente a instalá-la em terrenos que não eram adequados de forma alguma”; “esse fantasma de estação agrícola que não prestará nenhum serviço” seria o último vestígio do plano de defesa da borracha e foi fechado em janeiro de 1916 (Le Cointe, 1922a, v. 1, p. 411). Os financiamentos foram praticamente suprimidos em 1915 como medida de economia. As críticas de Le Cointe contrastam com a proposta de um programa de dezoito pontos para desenvolver a cultura da borracha na Amazônia (Le Cointe, 1922a, v. 1, p. 417-419).

“Amazônia brasileira”

Em 1915, Le Cointe concluiu em Óbidos a redação dos dois primeiros volumes de “Amazonie brésilienne”, uma obra cujo projeto figurava em sua solicitação de missão e que ele anunciou ao cônsul em Belém desde 1899: “Trabalho na redação de um ‘guia do colono e do viajante’, obra volumosa que eu já teria concluído se todos os problemas que me afligem

⁴⁵ Paul Walle (1872-1950), explorador e economista; Oscar Labroy (1877-1953), botânico econômico; Victor Cayla (1880-1958), botânico e zoólogo.

não me fizessem perder o melhor do meu tempo”.⁴⁶ Esse livro é também a síntese de suas explorações e análises econômicas sobre o desenvolvimento da Amazônia, com uma compilação de publicações feitas anteriormente em várias revistas. Assim como as observações que permeiam a maioria de seus artigos, o livro está repleto de considerações sobre as populações amazônicas, especialmente no capítulo dedicado especificamente a elas, onde Le Cointe deixa entrever os preconceitos raciais que fundamentam os projetos colonizadores que ele defendia.⁴⁷ Apesar de advogar pelo “branqueamento” da população amazônica, ele não acreditava muito em colonos franceses e propôs um colonialismo comercial:

Em relação à política de expansão colonial, havendo discordância sobre nossa capacidade limitada de povoar os territórios conquistados, eu gostaria de vê-la substituída por uma política de expansão comercial e, nesse caso, a Amazônia seria uma das regiões para as quais deveríamos primeiro direcionar os olhos (Le Cointe, 1922, p. 8).

Publicado em Paris em 1922, “Amazonie brésilienne” rendeu a Le Cointe várias premiações: o prêmio Binoux, da Academia de Ciências, concedido em 18 de dezembro de 1922,⁴⁸ e a medalha Crevaux, da SGCP, em 1923, que destacou o aspecto econômico do livro (SGCP, 1923, p. 226-227). No mesmo ano, ele recebeu o Grande Prêmio da Exposição do Centenário (1922-1923), no Rio de Janeiro, por suas publicações.

Le Cointe fez uma última viagem a Paris em 1919, conforme ele mesmo indica em sua carta a Fernand Braudel de 5 de abril de 1948, em um trecho não publicado.⁴⁹ Le Cointe esteve presente nos almoços da SGCP em julho, agosto e setembro. Em agosto, apresentou seu artigo “Impressions d’Amazonie”. Em conexão com a abertura do Museu Comercial do Pará, em Belém, ao qual já estava anexado um “laboratório de testes de matérias-primas”, ele procurou adquirir equipamentos científicos e estabelecer um “escritório de informações comerciais” em Paris para comercializar produtos da Amazônia (SGCP, 1919, p. 209).

Le Cointe foi eleito em 21 de novembro de 1919 como membro da Sociedade de Geografia (*La Géographie*, 1919, p. 632).⁵⁰ Patrocinado por Paul Rivet, ele recebeu em 1920 o prêmio Logerot, da Sociedade, por seu trabalho cartográfico. Além disso, Le Cointe foi

46 Carta de Paul Le Cointe ao cônsul de Belém, 15 de outubro de 1899, anexada à carta de 31 de outubro de 1899 do cônsul de Belém ao embaixador no Rio de Janeiro. CADN, fundo da Embaixada no Rio de Janeiro, caixa 77, correspondência com o posto de Óbidos. Nantes, França.

47 Mérian (2005, p. 28-35) analisa longamente as ideias de Le Cointe expressas em “Amazonie brésilienne” e as compara àquelas de Henri Coudreau.

48 Academia de Ciências, serviço de arquivo, Prix Binoux, dossier Le Cointe, relatório do General Ferrié: “O livro do Sr. P. Le Cointe é uma obra vivida, verdadeiramente pessoal, e não uma compilação. É também o trabalho mais imparcial e o mais documentado já publicado sobre a Amazônia, na língua francesa”.

49 Carta de Paul Le Cointe a Fernand Braudel, 5 de abril de 1948. Arquivo do Instituto da França, arquivo de Fernand Braudel. Paris, França.

50 A Sociedade de Geografia reunia geógrafos profissionais desde 1824 e tinha um reconhecimento científico muito mais forte do que a SGCP.

premiado por “ter principalmente em vista, durante suas explorações, o estudo econômico dos países visitados, embora conduzisse esse estudo como um cientista e naturalista” (*La Géographie*, 1920, p. 185).

Em Belém, as plantas úteis e a química

O Museu Comercial do Pará

Le Cointe se estabeleceu em Belém desde 1916 (Machado, 2015, p. 83). Com sua nomeação para dirigir o Museu Comercial do Pará e depois, em 1921, a Escola de Química Industrial do Pará (EQIP), o trabalho de Le Cointe toma uma nova direção.⁵¹ Primeiramente, houve um retorno à química de plantas e à botânica nas décadas de 1920 e 1930. Em seguida, em continuação às suas considerações sobre geografia econômica, ele participa das discussões recorrentes sobre o desenvolvimento da Amazônia.

Le Cointe foi oficialmente nomeado diretor do museu em 7 de novembro de 1919, após seu retorno de Paris, pouco antes da inauguração. A primeira finalidade do museu era ser uma exposição permanente dos produtos do Pará. No entanto, em uma nota escrita no final de 1918 para o Ministério das Relações Exteriores da França, Le Cointe indicou que também haveria um “serviço técnico encarregado de classificar e estudar os elementos para o desenvolvimento da região, e também de popularizar os ensinamentos práticos e indispensáveis para aumentar e melhorar sua produção”.⁵² Além disso, “serão adicionados ao Museu diversos agrônomos que, percorrendo o estado, serão encarregados...”, especialmente, de realizar palestras nas vilas e escolas, e “de realizar, com a ajuda dos proprietários, experimentos e demonstrações práticas dos processos mais avançados aplicados ao cultivo, à extração e à preparação dos produtos”. O museu deveria compreender três seções (indústrias, produtos naturais, agricultura), voltadas para a exportação dos produtos do Pará. O vice-cônsul da França no Pará indicou que um escritório de informações estava planejado para apoiar o museu na Europa, e Le Cointe havia conseguido que fosse instalado em Paris, o que o levaria a passar seis meses por ano na França.⁵³ A maioria dessas funções seria posteriormente assumida pela EQIP, criada logo depois.

51 A criação do Museu Comercial do Pará foi decidida em 20 de maio de 1918 pela Associação Comercial do Pará (Cruz, 1964, p. 270-271).

52 Carta do vice-cônsul da França no Pará (de Payan) ao ministro das Relações Exteriores, 30 de dezembro de 1918, com duas notas anexas de Le Cointe. CADMAE, série B-Amérique 1818-1940, vice-consulado do Pará, caixa 36. La Courneuve, França.

53 Segundo relato do vice-diretor do Museu Comercial do Pará, escrito durante a viagem de Le Cointe, este esteve em Paris para adquirir equipamentos científicos e expor produtos paraenses. Arquivo Central da Universidade Federal do Pará (doravante, AC-UFGPA), dossier Associação Comercial do Pará. Belém, Brasil.

Ainda a borracha

Os novos compromissos de Le Cointe não implicaram no abandono total da borracha. Em 1923, uma missão norte-americana subiu o rio Amazonas para estudar a borracha. Uma equipe brasileira foi formada para acompanhar essa missão. Le Cointe foi o especialista que acompanhou o trajeto no Pará (Cardoso e Heizer, 2012, p. 160). A expedição partiu de Belém em 15 de agosto de 1923, com desfiles e festividades.

Após essa missão, Le Cointe foi eleito membro correspondente da Sociedade de Geografia de Nova York e verá seus trabalhos citados várias vezes em 1925 na revista *Rubber Production in the Amazon Valley*, editada pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos.⁵⁴

Mesmo sem estar presente, Le Cointe contribuiu para a sétima exposição internacional de borracha em Paris, em 1927. Nessa ocasião, ele publicou a tradução francesa de seus “Apontamentos sobre as sementes oleaginosas, os bálsamos e as resinas da floresta amazônica” (Le Cointe, 1924b, 1927a). Em 29 de julho de 1927, foi nomeado cavaleiro da Legião de Honra, uma distinção para a qual estava sendo proposto desde 1924. Sua ficha de informações ressalta a contratação de professores químicos franceses pela EQIP.⁵⁵

Em 1940, Le Cointe elaborou, em nome da Associação Comercial do Pará, um estudo comparativo entre a borracha natural e a borracha sintética (Le Cointe, 1940a) e propôs um projeto para o Instituto da Borracha e da Castanha na Amazônia (Le Cointe, 1940b).

Escola de Química Industrial do Pará

Uma decisão do governo brasileiro fez o jogo mudar. A importância da química durante a Primeira Guerra Mundial o levou a desenvolver os estudos superiores em química no país (Lei 3.991, de 5 de janeiro de 1920), com a decisão de criar escolas superiores em seis cidades, incluindo Belém. Devido à inexistência de estabelecimentos universitários ou politécnicos, como nas outras capitais, as instalações ainda rudimentares do Museu Comercial do Pará serviram de base para a criação da Escola de Química Industrial do Pará, para onde convergiram os financiamentos estatais necessários, fora do alcance da Associação Comercial do Pará.⁵⁶

54 CADMAE, protocolo 1542-1975, série D, caixa 597 (Français au Brésil nommés), dossier Le Cointe, notícia Le Cointe, 1926. La Courneuve, França.

55 Ela também credita a Le Cointe sua missão em 1891 para o Ministério da Instrução Pública, além da gerência do consulado francês em Belém. Nada é dito sobre o cancelamento da referida missão nem sobre os conflitos a propósito da agência consular de Óbidos.

56 Carta de Paul Le Cointe à Associação Comercial do Pará, 4 de setembro de 1920, “Uma oportunidade magnífica”. AC-UFPA, dossier Associação Comercial do Pará. Belém, Brasil.

A EQIP foi inaugurada em 16 de novembro de 1921 (Bassalo e Lima, 1996; Machado, 2015).⁵⁷ A equipe de professores incluiu cientistas brasileiros residentes em Belém, Antônio Marçal e Renato Franco, e dois químicos franceses, Charles Paris e Raymond Joannis. Chegando em meados de 1921, eles ministraram cursos preparatórios antes mesmo da abertura da Escola.⁵⁸ As aulas começaram em 16 de janeiro de 1922. Georges Bret e René Rougier assumiram o lugar dos dois primeiros franceses em 1925. Foram acompanhados por Camille Henriet. André Callier substituiu Rougier em 1928. Essa equipe enfatizou as pesquisas práticas nos laboratórios.

A EQIP desapareceu quando o financiamento federal foi suprimido durante o governo de Getúlio Vargas, a partir de 1930: o suporte local não pôde ser mantido. Nesse meio tempo, nove estudantes concluíram o curso e apresentaram as teses necessárias para obter seus diplomas.

Para divulgar os trabalhos dos professores e estudantes da EQIP, Le Cointe iniciou a edição do *Boletim da Escola de Química Industrial do Pará*, cujo primeiro número apareceu em 1929. O fechamento da EQIP impediu a continuação dessa publicação. O Boletim publicou várias contribuições de Le Cointe, tanto sobre a exploração das florestas amazônicas quanto sobre os princípios ativos das plantas do gênero *Ryania*, conhecido pela produção de alcaloides utilizados em inseticidas naturais (ver lista de publicações de Le Cointe). Ele também fez uma síntese da tese de Clara Barrau do Amaral Martins,⁵⁹ “Contribuição ao estudo químico das plantas amazônicas”. Com os químicos formados, iniciou-se toda uma tradição em química de plantas no Pará, da qual Le Cointe é a origem. Sua contribuição essencial é destacada por Machado (2015) e na documentação da Escola, preservada na Universidade Federal do Pará.

“Amazônia brasileira”, volume III

Le Cointe concluiu a redação do terceiro volume de “Amazônia brasileira” em julho de 1932, em Belém. A primeira edição (Le Cointe, 1934a) foi republicada nacionalmente em 1947 por uma editora de São Paulo, destacando a importância da obra. Ela foi redigida em português, ao contrário dos dois primeiros volumes, escritos em francês. Publicada quase quinze anos mais tarde, ela é de natureza diferente, não apenas em sua forma, como “um pequeno dicionário”, conforme modestamente menciona Le Cointe em sua introdução. Adolf

57 Pandolfo, Clara Martins, relatório sobre a história da Escola até 1961. AC-UFGA, dossier Associação Comercial do Pará (bem como vários documentos do dossier). Belém, Brasil.

58 Le Cointe, Paul, histórico da Escola, 1922. AC-UFGA, dossier Associação Comercial do Pará (esse dossier também contém relatórios anuais de Le Cointe sobre a EQIP, professores, pesquisas etc.). Belém, Brasil.

59 Mais tarde, Clara Pandolfo, considerada como sua principal aluna e que herdaria o diário publicado nesse volume (ver o texto de Nelson Sanjad e Emilie Stoll).

Ducke, antigo amigo do Museu Goeldi (trabalhando agora no Jardim Botânico do Rio de Janeiro), revisou todo o dicionário antes da publicação e corrigiu as identificações errôneas.

Le Cointe se posiciona explicitamente na perspectiva das “plantas úteis”: reunir (aqui, em um dicionário) conhecimentos botânicos e práticos sobre árvores e outras plantas, bem como seus usos contemporâneos ou potenciais, as condições para sua coleta. De certa forma, a obra complementa as informações geográficas que ele havia reunido no início do século em seus mapas, onde esses recursos às vezes eram localizados. Mais do que nunca, a visão de Le Cointe é a valorização e o comércio desses recursos.

Na introdução, Le Cointe explica que seu “principal objetivo é estabelecer um vínculo mais estreito entre os estudos puramente científicos dos especialistas e o conhecimento prático da população local”. Ele destaca a enorme confusão existente entre os nomes populares e a classificação das espécies vegetais, uma herança, segundo ele, dos relatos de viagem. Ele menciona ter incluído as plantas com propriedades medicinais relatadas pelas populações locais.

Para cada espécie, Le Cointe fornece informações sobre o habitat, a distribuição geográfica, as propriedades e o uso “popular”, especialmente medicinal. Uma tabela alfabética dos nomes científicos em latim relaciona essas espécies com os nomes comuns. Na verdade, muito poucos desses nomes são de origem especificamente ameríndia.⁶⁰

A referência às “plantas úteis” é uma constante nas políticas de “valorização” que marcaram a botânica nos impérios coloniais e nos países tropicais. Posteriormente, isso se aplicou a todos os países e regiões. Botânicos, médicos, agrônomos, etnólogos se uniram em torno dessa noção para legitimar a exploração dos recursos naturais. O discurso sobre a “missão civilizadora” refletia um suposto “altruísmo colonial”, cujo objetivo era utilizar os recursos naturais para “o bem de toda a humanidade”, algo que as populações locais eram, é claro, “incapazes de realizar por si mesmas”.

Na França, Auguste Chevalier (1873-1956) foi o principal defensor da noção de “plantas úteis” e transformou a botânica colonial em etnobotânica.⁶¹ Ele foi um dos pilares da SGCP, mas raramente se encontrava com Le Cointe durante as refeições mensais: ele estava na África ou na Indochina na maior parte do tempo antes de 1919, quando ocorreu a última viagem de

60 Le Cointe foi criticado por invisibilizar o conhecimento indígena e pela forma como coletou suas informações, principalmente no que diz respeito às plantas medicinais (Romani, 2008, p. 51).

61 Ver Bonneuil (1996) para sua biografia e Petitjean (2012, p. 73-82) para suas relações com o Brasil e os cientistas brasileiros.

Le Cointe a Paris. Ao contrário de Le Cointe, Chevalier, um agrônomo, interessou-se pelas práticas locais, não apenas pelas plantas úteis.⁶²

Nos arquivos de Chevalier preservados no Museu Nacional de História Natural, em Paris, existem algumas cartas de Le Cointe sobre suas publicações e o envio de espécimes. Em 1928, Chevalier fez uma viagem ao Brasil para estudar as madeiras tropicais. No entanto, ele permaneceu na região de São Paulo e Rio de Janeiro, sem ir até a Amazônia. No “Caderno de notas: Brasil”, que trata de sua viagem de 1928, está incluída, como folha solta, uma carta de Le Cointe datada de 23 de maio de 1928, antes da partida de Chevalier, na qual se desculpa por seus atrasos e lamenta não poder ir a Paris:

Eu gostaria muito de passar algum tempo na França, mas isso me é difícil: as viagens são muito caras, e não posso deixar por vários meses os serviços que estão sob minha responsabilidade. No entanto, espero que a oportunidade surja, e terei muito prazer em visitá-lo. Aqui, permaneço à vossa inteira disposição.⁶³

O retorno da geografia

A partir de 1940, observa-se um retorno à geografia física e à geografia econômica nas publicações de Le Cointe.

O livro “O Estado do Pará”, publicado em 1945, foi uma encomenda oficial financiada pelo Governo do Pará para servir como manual de geografia nas escolas do estado (Romani, 2018, p. 51). Ele abrange todo o Pará, e não apenas as regiões onde Le Cointe havia feito suas observações. A geografia física é privilegiada em detrimento da geografia humana: o objetivo era a exploração dos recursos do território amazônico.⁶⁴

Em 1949, Le Cointe participou, com Fernand Braudel e Pierre Monbeig, de uma contribuição coletiva sobre o Brasil na revista *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*. Sob o título “Résurrection de l’Amazonie”, ele desenvolveu uma análise do Plano de Valorização da Amazônia, lançado pelo novo regime brasileiro (Le Cointe, 1949a, p. 484-486), análise essa que ele também realizou para a revista brasileira *Economia Amazônica* (Le Cointe, 1948b).

62 Le Cointe é mencionado como “colaborador” da *Revue de Botanique appliquée*, da qual Chevalier era o editor. Ali publicou vários artigos nos anos 1920-1930.

63 Auguste Chevalier, *Carnets de voyage au Brésil, 1928*. Archives du Muséum national d’Histoire naturelle, Dossier Auguste Chevalier. Paris, França.

64 Romani compara a abordagem de Le Cointe à de Paul Vidal de la Blache (que havia feito uma memória sobre o “contestado”) e à de Henri Coudreau. Para ele, Le Cointe é o geógrafo do poder, produzindo um saber a ser utilizado pelo Estado (Romani, 2018, p. 52-56).

Le Cointe contra o esquecimento?

Le Cointe recebeu prêmios e reconhecimentos na França durante os anos 1920, no auge do movimento neocolonial. Em 1948, sua posição social (gerente do consulado, membro da Sociedade Francesa de Beneficência no Pará e do Clube de Engenheiros, etc.) em Belém foi reconhecida na sua promoção ao grau de oficial da Legião de Honra, mais do que seus trabalhos científicos.⁶⁵

Durante seus 65 anos de presença na Amazônia, Le Cointe atravessou várias épocas e viveu várias vidas. Ele se dedicou a várias disciplinas científicas, com duas mudanças importantes em sua carreira profissional: primeiro, para o setor de borracha, após seu retorno da Bolívia; depois, para a química de plantas ao chegar a Belém, sem abandonar totalmente suas outras especialidades. Le Cointe é mencionado na história de várias disciplinas. Ele aparece muito como um naturalista viajante típico do século XIX, um explorador que passa da cartografia para a geografia econômica.

Seu “diário circular”, relato da viagem realizada em 1900-1901, escrito em 1915 (Bassalo e Lima, 1996, p. 188), é publicado apenas agora. Ele ocupa um lugar à parte na obra de Le Cointe. É seu único verdadeiro relato de viagem, enquanto suas outras experiências como explorador são integradas em publicações mais analíticas.

Le Cointe é mencionado no dicionário ilustrado de Numa Broc (1999, p. 192).⁶⁶ Como explorador do século XIX, ele é frequentemente comparado a Coudreau (Romani, 2018; Mérian, 2005). Além disso, é pela dimensão econômica de seus trabalhos sobre a borracha, e não por suas técnicas de cultivo, que ele aparece na “Géographie universelle” (Denis, 1927)⁶⁷ e em livros de história da borracha, como Santos (1980) e Dean (1989).

Como botânico, o terceiro volume da “Amazônia brasileira” se assemelha mais aos dicionários de plantas em voga na primeira metade do século XX do que a estudos etnobotânicos. Algumas de suas entradas ainda eram referenciadas em revistas especializadas, especialmente no *Journal d’agriculture tropicale et de botanique appliquée*, na segunda metade do século XX. Além disso, Le Cointe emprestou seu nome a várias plantas: por exemplo, *Zamia lecointeí*, da família cicadaceae (planta semelhante a palmeiras), extremamente rara e coletada em Óbidos, sendo descrita por seu amigo Adolf Ducke em 1925 (Le Cointe, 1934a).

65 CADMAE, protocolo 1542-1975, série D, caixa 597 (Français au Brésil nommés), dossier Le Cointe, notícia Le Cointe, 1948. La Courneuve, França.

66 Entre os trabalhos de Le Cointe, Broc menciona as publicações nos *Annales de Géographie* (Le Cointe, 1903b, 1906c, 1907b) e “Amazonie brésilienne” (Le Cointe, 1922a), qualificada como essencialmente econômica.

67 Com uma foto de uma floresta inundada nos arredores de Belém, que lhe foi formalmente atribuída (entre as páginas 128 e 129).

Os mapas e as demarcações fundiárias da região de Óbidos e do baixo Amazonas feitos por Le Cointe mantiveram grande parte de sua validade (Stoll *et al.*, 2017). O mesmo ocorre com sua influência sobre a fitoquímica brasileira, seja por meio de seus estudos sobre o potencial dos recursos vegetais amazônicos, seja por meio de químicos formados na EQIP, que, fechada em 1930, foi reaberta em 1956 e posteriormente incorporada à Universidade Federal do Pará (Bassalo e Lima, 1996). O melhor exemplo da permanência da obra de Le Cointe talvez seja Clara Pandolfo, que, formada na EQIP, teve uma carreira profissional singular na Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, e depois na Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Machado, 2020; Batista e Mourão, 2023). É também graças a ela que hoje o leitor pode consultar o diário da “Viagem circular” de Le Cointe.

LES MULTIPLES VIES DE PAUL LE COINTE

Patrick Petitjean

Vers l'Amazonie

Paul Le Cointe est un savant français, né le 24 septembre 1870 à Tournon-sur-Rhône (Ardèche), où son père est principal de collège. Bachelier précoce, il ne peut suivre la carrière maritime souhaitée, pour des raisons médicales, et se tourne vers la chimie¹. Il obtient sa licence à la Faculté de sciences de Nancy, puis devient, en 1890, préparateur auprès d'Albin Haller (1849-1925) à l'Institut de chimie². Il part en Amazonie en décembre 1891, dans le cadre d'une mission officielle gratuite du Ministère de l'Instruction publique. Il y restera toute sa vie, tout en faisant de fréquents séjours en France au début du XXe siècle. Il exercera, simultanément ou successivement, plusieurs professions scientifiques : explorateur, collecteur naturaliste, géomètre, cartographe, chimiste, planteur de caoutchoutiers, directeur d'une école de chimie industrielle, et, surtout, géographe économique. Il fut aussi agent consulaire de France à Óbidos puis à Belém, et de Belgique à Belém. Il meurt à Belém le 3 février 1956.

L'appel de la colonisation

La fin du XIXe siècle est, en France, la période de la montée en puissance de l'idéologie coloniale. Jules Ferry (1832-1893), à plusieurs reprises ministre dans les années 1880, est l'un des apôtres de la colonisation, avec comme discours : « Je répète qu'il y a, pour les races supérieures, un droit, parce qu'il y a un devoir pour elles. Elles ont le devoir de civiliser les races inférieures » (28 juillet 1885)³.

1 Lettre de Paul Le Cointe au consul de Belém, 15 octobre 1899, annexée de la lettre du 31 octobre 1899 du consul de Belém à l'ambassadeur à Rio de Janeiro : « Bachelier en sciences à 16 ans ½, je voulais d'abord embrasser la carrière maritime, j'en fus empêché par une infirmité à l'œil droit qui me fit refuser au conseil de révision ». Centre des Archives diplomatiques de Nantes (ci-après CADN), fonds de l'Ambassade de Rio de Janeiro, carton 77, correspondance avec le poste d'Óbidos. Nantes, France.

2 Fondé en 1887, cet institut est le tout premier centre de chimie industrielle en France. Albin Haller est né en Alsace, membre de l'Académie des Sciences, devenu directeur de l'Institut de chimie de Nancy, puis directeur de l'École Supérieure de Physique et de Chimie Industrielle de la ville de Paris. Le Cointe restera en relation avec Haller, notamment lorsqu'il créera l'Escola de Química Industrial do Pará, dans la dernière partie de sa vie (voir ci-après).

3 Ferry, Jules, « Les fondements de la politique coloniale », discours prononcé à l'Assemblée Nationale, lors de la séance parlementaire du 28 juillet 1885. Disponible en : <https://www2.assemblee-nationale.fr/decouvrir-l-assemblee/histoire/grands-discours-parlementaires/jules-ferry-28-juillet-1885> (consulté le 16 novembre 2021).

Se développe à cette époque un ensemble d'organisations, de lobbies parlementaires, de groupes professionnels formant un « parti colonial » informel, en faveur de l'expansion de la colonisation. Sa composante scientifique est notamment constituée des sociétés de géographie commerciales, dont la plus importante est celle de Paris (la SGCP, fondée en 1873). Elle plaide pour la mise en valeur économique des richesses naturelles par les Européens. Le Cointe aura des relations étroites avec la SGCP tout au long de sa vie.

Développer un projet colonisateur, avec l'idéologie qui l'accompagne, restera l'agenda de Le Cointe en Amazonie.

L'appel de l'Amazonie

À cette époque, l'Amazonie est un mythe susceptible d'entraîner des vocations de jeunes naturalistes. Avant le départ de Le Cointe, Henri Coudreau (1859-1899)⁴ a publié dans les années 1880 ses récits d'exploration en Guyane française. En 1887, il publie *Les Français en Amazonie*, un plaidoyer pour l'immigration européenne en Amazonie afin de la mettre en valeur.

Jules Crevaux (1847-1882) a publié plusieurs ouvrages sur ses expéditions en Amazonie entre 1873 et 1881⁵. Elles sont abondamment rapportées dans la presse comme dans le *Bulletin de la SGCP*. Son assassinat dans le Chaco, en 1882, aura un impact considérable dans les journaux. Originaire de Nancy, la ville lui dédie une rue en 1889, quand Le Cointe y fait ses études.

Une descente de l'Amazonie, *La Jangada* (1881), fait partie de la collection de romans *Voyages extraordinaires* de Jules Verne (1828-1905), dont les publications alimentent l'attrait pour l'aventure et le départ vers des mondes inconnus.

L'exposition universelle de 1889 est également l'occasion d'une importante activité éditoriale sur le Brésil. Emile Levasseur (1828-1911, membre de la SGCP)⁶ publie *Le Brésil* ; Frederico José de Santa'Anna Néry (1848-1901)⁷ publie, en 1885, *Le Pays des Amazones : L'Eldorado, les terres à caoutchouc*. Pour l'exposition, il publie encore *Le Brésil en 1889* et un *Guide de l'émigrant au Brésil*. Ses livres de 1885 et 1889 ont pour but d'attirer colons et investisseurs en Amazonie : « Nous voulons apprendre à nos amis de France ce qui se passe aux frontières de leur Guyane, quels trésors sont ouverts à leur travail et à leur activité, s'ils

4 Professeur d'histoire et géographie français, explorateur et géographe de la Guyane et des affluents de l'Amazone.

5 Médecin militaire français, explorateur de la Guyane (Grandhomme, 2011).

6 Historien, économiste, statisticien et géographe français, administrateur du Collège de France de 1903 à sa mort.

7 Santa Anna Néry est un publiciste, né à Belém, proche du Baron de Rio Branco (1845-1912). Il est membre de la commission brésilienne pour l'exposition de 1889. En 1881, il avait lancé le journal *Le Brésil*, puis, en 1884, la *Revue du Monde latin*. Il est fondateur de la Société Internationales d'Études Brésiliennes, en 1884, et de la Sociedade Paraense de Imigração en 1885.

consentent à unir leurs forces à nos forces, leurs capitaux à nos capitaux pour exploiter le sol amazonien et partager avec nous le climat glorieux dont parle avec envie l'Anglais Bates » (Santa Anna Néry, 1885, p.vii).

Répondre à l'appel : explorer, puis exploiter

Dans sa première demande de mission, Le Cointe annonce son départ pour l'Amazonie avec un ami. Sa décision est prise : « je pars dans quelques mois pour l'Amazonie brésilienne » ; la demande de mission gratuite vient appuyer une décision préalable. Il se fixe deux objectifs : « une exploration de la région comprise entre le *rio* Parou [Paru] et le *rio* Branco. Un grand intérêt s'attache à cette contrée : la partie Nord est contestée entre la France et le Brésil ». Aller dans le « Contesté » est donc un but explicite⁸. Son deuxième objectif : « cinq expéditions françaises scientifiques ou industrielles sont parties d'Óbidos pour remonter le *rio* Trombetas, on n'a jamais eu de nouvelles d'aucune. Tout en explorant le pays, peut-être me sera-t-il possible de trouver la cause de cette disparition complète »⁹.

En réponse au Ministère qui lui demande des précisions, Le Cointe annonce son départ pour novembre, cette fois-ci avec deux amis. Mais surtout, il ajoute dans la première partie de sa lettre une présentation de ce qu'il veut faire ensuite :

Après avoir exploré le pays pendant un an et demi environ, un des amis qui m'accompagnent disposant alors d'une petite fortune, fonderait avec moi une exploitation dans un endroit aussi avancé que les moyens de communication pourraient le permettre. Profitant de ce point d'appui qu'elle me donnerait et des ressources qu'elles me fourniraient, je reprendrai l'étude de cette contrée de manière à en dresser une carte aussi complète que possible (...) ¹⁰.

Il a choisi cette région car elle est accessible par l'Amazone, et peut être reliée à la Guyane française : « Ayant réuni un assez grand nombre de renseignements géographiques et scientifiques, je m'occuperai de les publier, de faire connaître les ressources du pays et ses moyens d'accès, et de les vulgariser pour attirer les colons français ». Et de conclure ce passage : « En résumé, mon but est, comme vous voyez, de commencer la conquête commerciale et industrielle de l'Amazonie au profit de la France ».

8 « Contesté » est le terme qui désigne à la fois le territoire disputé par la France et le Brésil, entre les rivières Oiapoque et Araguari, et le différend géopolitique entre les deux pays qui a pris, à la fin du XIXe siècle, un caractère violent et stratégique.

9 Lettre de Paul Le Cointe au Ministre de l'Instruction publique, 11 juillet 1891. Archives nationales de France (ci-après AN), Instruction publique, service des missions, dossier Le Cointe, F/17/2983/1. Pierrefitte-sur-Seine, France.

10 Lettre de Paul Le Cointe au Ministre de l'Instruction publique, 8 août 1891. AN, Instruction publique, service des missions, dossier Le Cointe, F/17/2983/1. Pierrefitte-sur-Seine, France.

Il revient ensuite plus longuement sur la question des expéditions disparues. Enfin, il raconte son itinéraire personnel, faisant remonter son projet de voyage au cours de ses études de sciences physiques, avant même son année de préparateur chimique avec Haller. Puis,

(...) sur les conseils de Monsieur Thoulet, professeur de minéralogie à cette même faculté, je suis venu à Paris pour achever la préparation de mon voyage. Depuis quelques mois, j'ai étudié avec soin la flore et la faune du pays, ainsi que tous les renseignements géographiques recueillis jusqu'à maintenant. Je me propose d'achever mes études préparatoires au Muséum et à l'Observatoire de Montsouris pour être à même de faire un voyage fructueux au point de vue scientifique¹¹.

Le Cointe est fasciné par les richesses naturelles de l'Amazonie, mais reste loin d'une vision romantique. Il les voit comme des ressources potentielles pour une mise en valeur et une future colonisation. De plus, avec le boom du caoutchouc¹², l'Amazonie est un enjeu économique important et plusieurs planteurs ou entrepreneurs français sont installés à Belém et en Amazonie, dont Donatien Barreau, président de l'Association commerciale du Pará dans les années 1870-1880 et exportateur de caoutchouc pour la société Denis Crouan. Sa petite-fille, Clara Martins (plus tard Clara Pandolfo), était étudiante à l'Escola de Química Industrial do Pará, que dirigeait Le Cointe dans les années 1920. C'est elle qui reçut du professeur le journal publié ici (voir texte de Nelson Sanjad et Emilie Stoll dans ce volume).

La Guyane brésilienne

Le Cointe est déjà arrivé dans la « Guyane brésilienne » (état actuel d'Amapá) quand il reçoit une convocation du Ministère de l'Instruction publique à Paris pour se voir notifier des modifications d'itinéraires, « la mission offrant les plus graves inconvénients du point de vue diplomatique »¹³. Le Ministère des Affaires étrangères craint que l'accueil de Le Cointe par les autorités brésiliennes ne soit invoqué par la suite comme justifiant les revendications du Brésil¹⁴. La mission est annulée, ainsi que toutes les lettres d'introduction données à Le Cointe¹⁵.

11 Le Cointe ne mentionne pas explicitement dans quel cadre il a suivi des cours au Muséum.

12 Entre 1850 et 1910, l'Amazonie brésilienne devient le premier producteur mondial de caoutchouc, matière première essentielle à la seconde révolution industrielle. L'exportation du caoutchouc a conduit à l'urbanisation des principales villes de la région et à l'enrichissement d'une bourgeoisie liée à la propriété foncière, aux services publics, au commerce d'importation et d'exportation et au marché financier.

13 Lettre du Ministère de l'Instruction publique à Paul Le Cointe, 30 décembre 1891. AN, Instruction publique, service des missions, dossier Le Cointe, F/17/2983/1. Pierrefitte-sur-Seine, France.

14 Lettre du Ministère des Affaires étrangères à celui de l'Instruction publique, 31 décembre 1891. AN, Instruction publique, service des missions, dossier Le Cointe, F/17/2983/1. Pierrefitte-sur-Seine, France.

15 Arrêté ministériel, 6 janvier 1892. AN, Instruction publique, service des missions, dossier Le Cointe, F/17/2983/1. Pierrefitte-sur-Seine, France.

Le Cointe refuse d'abandonner son projet : « Je ne suis pas venu si loin de la France pour repartir sans essayer de faire ce pour quoi je me suis proposé : Manaus [Manaus] n'est pas à quelques heures de Paris »¹⁶. Il avait pourtant déjà dû partir seul, alors que la mission avait été élaborée avec trois autres personnes. Il dû conduire lui-même un canot à moteur sur la Seine, du quai Sully à Paris jusqu'au Havre pour embarquer sur un paquebot anglais pour l'Amazonie¹⁷.

Le Cointe s'est maintenu, semble-t-il à l'écart du « Contesté » (où se déroulent de nombreux incidents dont une intervention armée française), contrairement à Henri Coudreau, son contemporain dans cette partie de l'Amazonie. Le projet initial de Le Cointe comportait la remontée du *rio* Trombetas depuis Óbidos, ce qu'il fait effectivement en 1895-1896, à la même période où Coudreau explore le haut de ce bassin. Mais il n'y a aucune indication qu'ils se soient rencontrés. Coudreau décédera en 1899 lors de cette exploration. Le Cointe et Coudreau ont en commun d'avoir agrémenté leurs récits d'exploration de considérations sur la société amazonienne et ses diverses populations. Mais leurs interprétations, et surtout leurs conceptions de l'évolution de l'Amazonie, se font à partir de points de vue idéologiques différents. Selon Mérian (2005, p. 21-22, 29, 35), Coudreau aurait une vision « plus humaniste et syncrétique et plus respectueuse de la valeur relative des civilisations », et Le Cointe « une approche ethnocentrique et très européocentrique ». Plus utilitariste aussi, et tournée vers la colonisation européenne comme il l'explique lui-même :

Il y a donc là un vaste champ d'exploitation pour l'initiative personnelle du colon européen à la recherche un pays où la concurrence ne rend pas comme en Europe le succès douteux. C'est à nous Français de profiter de la sympathie que notre communauté de race nous assure en Amazonie pour y porter les bras et les capitaux nécessaires à l'utilisation de ses forêts et de son sol (Le Cointe, 1903b, p. 66).

A Óbidos et en Bolivie (1892-1901)

Les premières années à Óbidos : géomètre, cartographe et explorateur

Le Cointe a donné des éléments biographiques dans plusieurs de ses publications. On en retrouve aussi dans ses lettres à l'ambassadeur de France à Rio de Janeiro, dans son dossier à la Chancellerie pour la Légion d'honneur ou dans le témoignage de Genesino Braga¹⁸.

16 Lettre de Paul Le Cointe au Ministère de l'Instruction publique, 6 février 1892. AN, Instruction publique, service des missions, dossier Le Cointe, F/17/2983/1. Pierrefitte-sur-Seine, France.

17 Le Cointe en fait le récit des années plus tard, dans une lettre à Fernand Braudel, reprise dans *Annales : Economies, Sociétés, Civilisations* (Le Cointe, 1948a).

18 « Le Centenaire du naturaliste Paul Le Cointe » paru initialement dans le *Jornal do Comércio* du 11 octobre 1970 et traduit dans le *Journal d'agriculture traditionnelle et de botanique appliquée*, v. 18, n. 9-10, septembre-octobre 1971, p. 379-381.

Il a travaillé en 1892-1893 à l'installation (non conclue à l'époque) du télégraphe terrestre entre Belém et Manaus, comme chef de la section entre Óbidos et Alenquer, avec l'aide de Jules Blanc pour la section Faro-Óbidos (Le Cointe, 1903b, p. 54)¹⁹. Cet épisode professionnel lui permettra d'entrer en relations avec le Général Ferrié, qui le proposera en 1922 pour le prix Binoux de l'Académie des sciences et qui interviendra, en 1926, pour lui faire décerner la Croix de Chevalier de la Légion d'Honneur²⁰.

La colonisation et l'intégration à l'État brésilien de la basse-Amazonie est un enjeu majeur de cette époque. Délimitations, démarcations des propriétés, cartes, infrastructures à construire, sont des chantiers considérables, où Le Cointe trouve facilement sa place (Stoll *et al.*, 2017). Il a les compétences nécessaires.

En 1894, il dirige l'ouverture de la route de Manaus vers les prairies du rio Branco, en prélude à la construction de la voie de chemin de fer. Il passe le diplôme de géomètre-arpenteur de l'État du Pará, en 1895, fonction qu'il occupera jusqu'en 1912. Cette fonction l'autorise à procéder à de nombreuses démarcations, jalonnant plus de 100 propriétés, à Santarém, Faro, Alenquer et Óbidos (Braga, 1971). Cette fonction, outre de lui servir de gagne-pain, lui permet de mener ses relevés d'exploration. En 1895-1896, il fait deux autres voyages d'exploration dans le nord d'Óbidos, dans le bassin du Trombetas. Lors d'un nouveau voyage, en 1897, il est accompagné par Jules Blanc (Le Cointe, 1903b, p. 54). Et cela, sans perdre de vue son objectif mercantile : « j'ai toujours eu en vue d'étudier le résultat économique pouvant découler de mes observations soigneusement notées et classées » (Le Cointe, 1948a, p. 575).

Le Cointe décrit sa manière de combiner travail de géomètre et explorations :

La carte jointe à ce numéro a été dressée en prenant pour axe des levés topographiques la route ouverte en 1892-93 entre les villes de Faro et Alenquer pour établissement de la ligne télégraphique qui devait relier Manaos [Manaus] à Belém (...). Rayonnant de chaque côté de cette ligne – qui fut déterminée avec la plus grande exactitude au théodolite et à la chaîne, je fis en une série de petits voyages successifs le relevé à la stadia des *paraná*s ou canaux et des lacs qui s'étendent le long des rives du fleuve (Le Cointe, 1903b, p. 54).

Ce travail de relevés topographiques est très difficile, compte tenu des instruments encore peu adaptés et des variations rapides du niveau des rivières. Il a fallu 16 ans pour finaliser sa carte du bas-Amazone en 1911 (Stoll *et al.*, 2017, p. 69).

19 Voir aussi la lettre de Paul Le Cointe du 15 octobre 1899 au consul de Belém, annexée de la lettre du 31 octobre 1899 du consul à l'ambassadeur à Rio de Janeiro. CADN, fonds de l'Ambassade de Rio de Janeiro, carton 77, correspondance avec le poste d'Óbidos. Nantes, France.

20 Lettre du Général Ferrié au service du protocole, 23 novembre 1926. Centre des Archives diplomatiques du ministère des Affaires étrangères (ci-après CADMAE), protocole 1542-1975, série D, carton 597 (Français au Brésil nommés), chemise Le Cointe. La Courneuve, France.

Avec la Société de Géographie Commerciale de Paris

La Société de Géographie Commerciale de Paris (SGCP), fondée en 1878, regroupe les géographes économiques et les explorateurs, tournés vers la mise en valeur des territoires, au contraire de la Société de géographie tournée davantage vers les géographes et ethnologues universitaires. Charles Wiener ou Paul Walle seront des membres influents de la SGCP, qui est aussi une composante importante du parti colonial.

En 1896, sa route croise celle de Charles Wiener²¹, qui le fait nommer agent consulaire à Óbidos²². Ce dernier donne une conférence à la SGCP, le 15 décembre 1896, sur « le Brésil en 1895-1896 ».

Dans la deuxième partie des années 1890, Le Cointe commence à tisser des réseaux en France, s'appuyant sur son poste consulaire. Il est élu membre de la SGCP lors de la séance du 3 novembre 1896, en sa qualité d'agent consulaire et est répertorié parmi les membres cette même année comme géomètre-arpenteur (SGCP, 1896, p. 954, et supplément, p. 2). Il en sera un membre actif pendant une vingtaine d'années, participant à l'élection des administrateurs (par correspondance en 1899), assistant aux repas mensuels quand il est présent à Paris.

Dans le *Bulletin de la SGCP*, les articles et notes sur l'Amazonie sont fréquents, notamment en raison du « Contesté »²³. Le Cointe en fera son principal lieu de publication à partir de 1902 (voir la liste des publications de Le Cointe).

Dans la société d'Óbidos

En 1895, il se marie à Óbidos avec Maria Corrêa Pinto, fille d'une famille de notables. Son beau-frère²⁴, Augusto Corrêa Pinto, est le maire républicain d'Óbidos depuis 1889 (Stoll *et al.*, 2017, p. 69-71). Il épouse les actions politiques de sa belle-famille et est mêlé aux convulsions politiques du début de la République. En 1900, le parti républicain perdra les élections municipales et les amis de Corrêa Pinto sont en difficultés.

21 Charles Wiener (1851-1913) est un explorateur et linguiste qui parcourt l'Amérique latine (notamment le Pérou) entre 1874 et 1910. Devenu diplomate en 1879, il occupera de nombreux postes en Amérique latine. En France, il sera à l'initiative du Musée d'Ethnographie du Trocadéro en 1879. Il est un habitué des séances de la SGCP.

22 Lettre de Paul Le Cointe à l'ambassadeur à Rio de Janeiro, 16 avril 1903. CADN, fonds de l'Ambassade de Rio de Janeiro, carton 77, correspondance avec le poste d'Óbidos. Nantes, France.

23 Voir, par exemple, le *Bulletin de la SGCP* pour 1895, 1897 et 1898.

24 Lors d'une enquête de terrain réalisée à Óbidos, en 2019, Emilie Stoll a vérifié qu'Augusto Corrêa Pinto était le beau-frère et non le beau-père de Le Cointe (communication personnelle).

Au moment de la création du poste consulaire, il n’y avait que trois Français à Óbidos, dont un curé « irascible » et un cultivateur revenu en France peu après²⁵. De juin à septembre 1899, les conflits dégénèrent. Le Cointe prend parti pour le curé dans son conflit avec des notabilités locales qu’il est accusé d’avoir menacé avec des armes. Le curé est expulsé d’Óbidos et se réfugie à Belém accompagné de Le Cointe. Le consul de Belém doit intervenir à plusieurs reprises pour apaiser les conflits auprès du gouverneur de l’État. Tous ces incidents sont abondamment documentés dans le dossier du poste français d’Óbidos. Les conflits sont étalés en octobre 1899, dans le journal *A Província do Pará* de Belém. Fin octobre, le consul se résout à exfiltrer Le Cointe d’Óbidos, ce que l’intéressé avait lui-même demandé²⁶ : « [il] voudrait s’occuper à plein temps de ses études, sans être arrêté à ces écœurantes intrigues. Mon attention n’est donc plus de rester bien longtemps à Óbidos ». Il pense pouvoir obtenir un poste au Museu Paraense de História Natural e Etnografia (actuel Museu Paraense Emílio Goeldi). Cela ne marchera pas (voir le texte de Nelson Sanjad et Emilie Stoll dans ce volume). Il part alors pour un périple avec sa femme vers la Bolivie.

L’intermède bolivien

Selon son journal, Le Cointe s’était vu offrir par la Compagnie Devès (Paris) la gérance de leur plantation du Beni, en Bolivie, au confluent entre le *rio* Beni et le *rio* Madidi. En mai 1900, il se rend à Manaus pour rencontrer M. Norden, représentant de la Compagnie, et signer son contrat. Dans l’obligation de quitter pour un temps Óbidos et les conflits dans lesquels il était impliqué, il a donc choisi de mettre en œuvre ses connaissances sur le caoutchouc en devenant gestionnaire d’une plantation d’hévéas. Et de combiner cette fonction avec des explorations, comme dans les années 1890.

Avec Norden, Le Cointe rencontre le 26 juin 1900 le consul français à Belém pour lui donner les archives de l’agence consulaire d’Óbidos, lui présenter sa démission et lui annoncer son départ pour la Bolivie²⁷. Le Cointe, Norden et leur femme, embarquent le 20 juillet 1900 pour rejoindre La Paz en passant par Panama. Le Cointe rencontre des agents de la Compagnie à plusieurs étapes de son voyage, principalement à La Paz, notamment M. Goguet, son prédécesseur, et le responsable des établissements Devès pour la Bolivie.

25 Lettre du consul de Belém à l’ambassadeur à Rio de Janeiro, 30 septembre 1899. CADN, fonds de l’Ambassade de Rio de Janeiro, carton 77, correspondance avec le poste d’Óbidos. Nantes, France. Il y a de nombreuses lettres échangées entre Paul Le Cointe et le consul de Belém en septembre 1899 à propos de ces incidents. Figure également l’article du journal *A Província do Pará* (9 octobre 1899) qui prend à partie Le Cointe.

26 Lettre de Paul Le Cointe du 15 octobre 1899 au consul de Belém, annexée de la lettre du 31 octobre 1899 du consul à l’ambassadeur à Rio de Janeiro. CADN, fonds de l’Ambassade de Rio de Janeiro, carton 77, correspondance avec le poste d’Óbidos. Nantes, France.

27 Lettre du consul de Belém à l’ambassadeur à Rio de Janeiro, 5 juin 1903. CADN, fonds de l’Ambassade de Rio de Janeiro, carton 77, correspondance avec le poste d’Óbidos. Nantes, France. Pour le consul de Belém, la fermeture de l’agence consulaire à Óbidos s’est faite sans autorisation, « donnant un caractère irrévocable à sa décision ».

Son journal de voyage comporte un blanc complet pour son séjour à Madidi, entre son arrivée le 17 novembre 1900 et son départ pour Riberalta le 10 septembre 1901 (soit 10 mois). Son récit de navigation entre Madidi et Riberalta (10 au 21 septembre) est très succinct, sans observations sur le cours du fleuve. Il est également peu disert sur son séjour de trois mois à Riberalta, d'où il repart pour le Brésil le 10 décembre 1901. Les observations géographiques reprennent dès qu'il a franchi la frontière.

Le *curriculum vitae* de Le Cointe pour l'obtention de la Légion d'Honneur comporte encore dans les années 1920 la mention « Directeur d'une grande exploitation française de caoutchouc au Béni (Amazonie bolivienne) de 1900 à 1902 »²⁸, mais cela semble loin de la réalité. Les aventures de Le Cointe à Madidi et la réalité du comptoir Devès sont décrites dans plusieurs documents des archives de l'Ambassade de France à La Paz. Dans l'extrait ci-dessous, Le Cointe lui-même relate le drame qui a frappé le *seringal* de Devès et Cie. – et qui lui a fait abandonner son poste de directeur de l'établissement :

Le nommé J. B. Brouillon, contracté à La Paz par Mr Goguet a lâchement assassiné ce matin Mr F. Linon et a cherché à faire de même à ma femme et moi. Justice a été faite. J'ai fait fusiller l'assassin avant que notre pauvre ami ne rende le dernier soupir. Le 9 courant, j'avais été obligé d'expulser d'ici les autres engagés par Mr Goguet. (...) Tous les malheurs qui nous frappent m'ont profondément dégoûté de ce pays. Ma femme est malade, et je ne peux perdre la seule affection qui me reste. J'écris par ce courrier à MM Devès à Paris, les suppliant qu'ils me retirent de mon poste où je ne reste que par devoir. J'espère qu'ils me trouveront les moyens de retourner en France²⁹.

Dans des lettres ultérieures, Le Cointe va plus loin : il y voit une véritable conspiration dont le chef était un Allemand employé par la Maison Braillard à Riberalta. Le Cointe et sa femme ont échappé de peu à une mise à mort. Il a été arrêté le 10 septembre et s'est laissé conduire à Riberalta où il a été emprisonné pendant trois mois. Il vient d'être libéré et veut rentrer en France³⁰.

Un autre témoignage, par ailleurs plutôt défavorable à Le Cointe (accusé d'être incompetent sur le plan comptable et de passer son temps à prendre des photos au lieu de diriger la plantation), fait du comptoir Devès à Madidi un centre de corruption et un repaire d'assassins organisé par Goguet³¹.

28 Note de l'ambassadeur à Rio de Janeiro pour le service du protocole, 1924. CADMAE, protocole 1542-1975, série D, carton 597 (Français au Brésil nommés), chemise Le Cointe, fiche de renseignements, 1924. La Courneuve, France.

29 Lettre de Paul Le Cointe à Bouillette (chargé d'affaires de la Maison Devès à La Paz), 19 août 1901. CADN, fonds de l'Ambassade de La Paz, carton 30, chemise « agences consulaires » 1903, dossier « assassinat de Linon et Brouillon, succession ». Nantes, France.

30 Lettre de Paul Le Cointe à Bouillette (chargé d'affaires de la Maison Devès à La Paz), 7 octobre 1901. CADN, fonds de l'Ambassade de La Paz, carton 30, chemise « agences consulaires » 1903, dossier « assassinat de Linon et Brouillon, succession ». Nantes, France.

31 Lettre du Dr. Rossi à l'ambassadeur à La Paz, 20 août 1901. CADN, fonds de l'Ambassade de La Paz, carton 30, chemise « agences consulaires » 1903, dossier « assassinat de Linon et Brouillon, succession ». Nantes, France.

Le ton des lettres suivantes de Le Cointe est même désespéré :

Je viens d'avoir la preuve définitive que tous les crimes et attentats commis au Madidi l'ont été à l'instigation de la Maison Braillard (...). Je vous en supplie, faites quelque chose pour ma femme et moi (...). Ma femme se joint à moi pour vous supplier, vous et votre femme, de ne pas nous abandonner. Nous ne pouvons bouger d'ici³².

Rien ne change, il souhaite retourner en France. Il a l'obligation de se présenter tous les jours à la police. Sa femme est affaiblie, malade et démoralisée. Il supplie le consul d'intervenir auprès de l'ambassadeur de France à La Paz³³.

Selon le journal de Le Cointe, un nouvel agent consulaire est nommé à Riberalta le 20 novembre et tout est arrangé dès le 29 novembre. Il peut partir le 10 décembre pour le Brésil, par bateau sur la rivière Madeira.

Son expérience de directeur de plantation a donc tourné court en quelques mois. Et dans une situation de chaos et d'intrigues qui ne laissent guère place à des activités de planteur. On peut aussi avoir des doutes sur la dimension « exploitation de caoutchouc » de la Maison Devès. Elle sera en faillite générale en Bolivie quelques mois après les incidents à Madidi. Dans son portefeuille, nombre de mines, mais le comptoir de Madidi n'est même pas mentionné³⁴.

Dans une lettre datée du 7 décembre, mais expédiée d'Óbidos, et destinée à l'ambassadeur à La Paz, Le Cointe justifie une nouvelle fois son attitude (avoir fait fusiller le meurtrier). Il lui promet un rapport détaillé sur le commerce du caoutchouc dans le Beni³⁵.

L'accompagnement policier pour sa navigation entre Madidi et Riberalta n'est pas mentionné dans son journal, pas plus que sa situation personnelle à Riberalta. Cependant, deux allusions dans son journal confirment les événements. L'une, ironique, le 12 décembre, à la suite de sa rencontre à Villa Murтинho avec un policier déserteur accompagné de prisonniers évadés : « on va m'accuser d'avoir fui en emmenant la police ! ». L'autre, le lundi 16 décembre, quand il apprend qu'il va devoir retourner à Villabella pour embarquer : « je vais donc retourner en Bolivie, bien que cette manœuvre ne me paraisse pas bien prudente ». Bolivie qu'il qualifie quelques lignes plus loin de « beau pays de gredins ».

32 Lettre de Paul Le Cointe à Bouillette (chargé d'affaires de la Maison Devès à La Paz), 10 octobre 1901. CADN, fonds de l'Ambassade de La Paz, carton 30, chemise « agences consulaires » 1903, dossier « assassinat de Linon et Brouillon, succession ». Nantes, France.

33 Lettre de Paul Le Cointe à Bouillette (chargé d'affaires de la Maison Devès à La Paz), 28 octobre 1901. CADN, fonds de l'Ambassade de La Paz, carton 30, chemise « agences consulaires » 1903, dossier « assassinat de Linon et Brouillon, succession ». Nantes, France.

34 CADN, fonds de l'Ambassade de La Paz, carton 29, chemise « faillite Devès 1902 ». Nantes, France.

35 Lettre de Paul Le Cointe à l'ambassadeur à La Paz, 7 décembre 1901. CADN, fonds de l'Ambassade de La Paz, carton 30, chemise « agences consulaires » 1903, dossier « assassinat de Linon et Brouillon, succession ». Nantes, France. Le rapport annoncé ne figure pas dans ce dossier.

L'information sur cette rixe était parvenue au consulat de Belém, « transmise par un Anglais rencontré sur un bateau »³⁶. Le Cointe aurait participé à un règlement de comptes (deux morts) entre employés du comptoir de Madidi de la Maison Devès. Arrêté par la police de Riberalta, Le Cointe aurait réussi à fuir, et serait considéré comme un fugitif pour la justice bolivienne. Cet épisode n'a pas pesé sur la suite de sa carrière : dans son dossier pour la Légion d'Honneur, il est dit présenter tous les critères de bonne moralité.

Entre Óbidos et Paris (1902-1919)

A son retour à Óbidos en janvier 1902, Le Cointe trouve une lettre de la SGCP lui commandant un article sur la possibilité de créer une nouvelle république dans la région de la rivière Acre, demande sans doute suscitée par l'écho en France des troubles dans cette région. Il s'exécute, et son article, daté du 3 février, est publié dans le *Bulletin de la SGCP* (Le Cointe, 1902, p. 67-79). Il y explique que « la République de l'Acre a vécu ce que vivent les roses » et que le Gouvernement bolivien a repris le contrôle de la situation : la ruée vers le caoutchouc a besoin d'une certaine autorité administrative. Mais, pour Le Cointe, la situation n'est pas stabilisée : la majorité de la population est brésilienne, les communications sont tournées vers le Brésil, les militaires boliviens sont « des Indiens déguenillés », les frontières ne sont pas vraiment délimitées.

L'article comporte une description des voies de pénétration en basse-Bolivie, des cours d'eau avec une carte du haut bassin du *rio* Madeira, issu des relevés de son journal. Mais l'essentiel de son article est consacré aux conditions socio-économiques du développement de la région, et particulièrement au projet de chemin de fer Mamoré-Madeira, long de 320 kilomètres sans avoir, en principe, à franchir une rivière importante. Lancé une trentaine d'années plus tôt, puis abandonné, le matériel rouille et est pillé. Mais c'est la seule solution pour développer la région. Le Cointe plaide pour qu'un investisseur français relance ce chemin de fer. Il permettrait aussi de donner un débouché pour développer d'autres productions que le caoutchouc.

En *post-scriptum*, daté du 25 mai 1902, Le Cointe annonce que la Bolivie a donné l'Acre en gestion à un consortium anglo-américain, ce qui est décrié au Brésil comme au Pérou. Et que l'avenir de l'Acre ne peut qu'être naturellement brésilien (voir le texte de Nelson Sanjad et Emilie Stoll dans ce volume).

D'autres éléments de son voyage circulaire seront repris dans des publications géographiques ultérieures.

³⁶ Lettre du vice-consul à Belém à l'ambassadeur à Rio de Janeiro, 5 avril 1904. CADN, fonds de l'Ambassade de Rio de Janeiro, carton 77, correspondance avec le poste d'Óbidos. Nantes, France.

A Paris : publications et SGCP

Entre 1902 et 1919, Le Cointe aura des liens étroits avec la SGCP et participera régulièrement aux réunions lors de ses séjours à Paris.

Ce sera le cas en 1902, peu après son retour de Bolivie. Son arrivée est annoncée dans la rubrique « voyageurs » d'avril. Il est présent aux repas de mai, juin et juillet. Son retour à Óbidos est annoncé en décembre, ainsi que de futurs articles de sa part (SGCP, 1902, p. 672)³⁷. Il profite de ce séjour pour tenter, en intervenant directement auprès du Ministère, de retrouver son poste d'agent consulaire à Óbidos, ce qui lui sera refusé en 1903³⁸.

Le Cointe fait du *Bulletin de la SGCP* son principal lieu de publication à partir de 1902. Il publie aussi régulièrement dans les *Annales de Géographie*, revue de la Société de Géographie, dès 1903. Il y développe davantage les observations faites dans ses voyages, notamment avec des cartes (Le Cointe, 1903b). Il publie également une carte du cours de l'Amazone (Le Cointe, 1906b, 1907b) et une carte détaillée du bas-Amazone (Le Cointe, 1911).

Ses autres publications sont, pour beaucoup, tournées vers le caoutchouc et le développement économique de l'Amazonie, notamment dans la *Revue du Caoutchouc et de la gutta-percha* (voir la liste des publications de Le Cointe).

Les deux premières décennies du XXe siècle sont particulièrement fructueuses en publications. Il rend compte de ses explorations des années 1890. Il a respecté l'engagement pris dans sa demande de mission en 1891 de ne rien publier avant dix ans de présence en Amazonie. Il le rappelle dans l'introduction de *l'Amazonie brésilienne* (Le Cointe, 1922a, p. 9).

Il reçoit en 1904 la médaille Pra de la SGCP, réservé à l'Amérique latine. Selon la SGCP,

(...) importantes et répétées sont les communications que Monsieur Le Cointe a adressées d'Óbidos et du Brésil septentrional à notre Société. Il a bien étudié les régions où la vie n'est pas facile pour le Français parmi les *seringueiros* ou récolteurs de caoutchouc. (...) Monsieur Le Cointe rend donc de réels services en prévenant l'émigrant de ce qu'il trouvera en Amazonie, et ses avis sont d'autant plus précieux que l'Amazonie est une grande réserve pour la colonisation de l'avenir (SGCP, 1905, p. 114).

Il ne semble pas avoir été présent lors de la remise des prix.

37 La SGCP organise des repas mensuels, avec compte rendu et liste des participants. Il y a aussi des informations régulières sur les activités des membres.

38 Lettre de Paul Le Cointe au Ministre des affaires étrangères, 30 juillet 1902 ; lettre de Paul Le Cointe au consul de Belém, 8 novembre 1902 ; lettre du consul de Belém à Paul Le Cointe refusant d'appuyer sa demande, 23 mars 1903 ; lettre de l'ambassadeur de France à Rio de Janeiro à Paul Le Cointe pour confirmer la non réouverture de l'agence consulaire d'Óbidos, 30 juin 1903. CADN, fonds de l'Ambassade de Rio de Janeiro, carton 77, correspondance avec le poste d'Óbidos. Nantes, France.

Le Cointe, planteur et expert en caoutchouc

De retour de Bolivie, Le Cointe se réinstalle à Óbidos. Il acquiert quelques propriétés pour faire différentes recherches et expérimenter une culture mixte d'hévéas et de cacaoyers (Stoll *et al.*, 2017, p. 71). Ces terrains et une station d'élevage sont situés à proximité d'Óbidos (Le Cointe, 1948a, p. 576).

En même temps, il commença une correspondance fournie avec le botaniste suisse Jacques Huber (1867-1914), chercheur du Musée Goeldi à Belém et auteur, entre autres, de nombreuses publications sur le caoutchouc³⁹. Le contact entre les deux contribua à donner une orientation plus scientifique aux travaux de Le Cointe et fut essentiel pour Huber pour obtenir des informations sur les possibilités et les limites de la culture de l'hévéa en Amazonie (voir le texte de Nelson Sanjad et Emilie Stoll dans ce volume).

Il poursuit parallèlement jusqu'au 1912 son service de géomètre-arpenteur, reçoit des visiteurs intéressés par ses expérimentations et ses observations botaniques ou entomologiques. En 1905, il accompagne une mission sur les plateaux de la Guyane anglaise (Braga, 1971 p. 380).

Son visiteur le plus fréquent était Adolf Ducke (1876-1956), entomologiste et botaniste au Musée Goeldi, qui travaillait directement sous les ordres de Huber. Ducke était à Óbidos, de passage, en 1903, 1905, 1910 et 1913. Il sera consulté par Le Cointe pour le tome III d'*Amazonia brasileira*⁴⁰.

Le Cointe fait plusieurs séjours à Paris dans cette période. Le caoutchouc y occupe une grande place. Si la correspondance entre Le Cointe et Huber atteste de sa probable présence continue à Óbidos entre 1903 et début 1906, il repart à Paris mi-1906 : le *Bulletin de la SGCP* rend compte de sa participation aux repas mensuels à plusieurs reprises entre août 1906 et mai 1907. En janvier 1907, il fut honoré pour son travail sur le caoutchouc.

Le Cointe a également reçu la médaille d'officier de l'Instruction publique lors de la séance officielle de la remise des médailles de la SGCP le 19 mars 1907 (SGCP, 1907, p. 213). Il profite de son séjour pour demander de nouveau au Ministère le rétablissement du poste d'agent consulaire à Óbidos, s'appuyant sur Adolphe Hanoteau (1814-1897)⁴¹. A cette occasion,

39 La correspondance entre Huber et Le Cointe est conservée aux archives du Musée Goeldi à Belém. Museu Paraense Emílio Goeldi, Archives Guilherme de La Penha, Fond Jacques Huber, Série 1 (Correspondance), dossier Paul Le Cointe. Je remercie Emilie Stoll et Nelson Sanjad d'avoir partagé cette information.

40 D'après les rapports annuels du Musée Goeldi et la correspondance entre Le Cointe et Huber.

41 Général spécialiste de la culture kabyle en Algérie, membre actif à la Société de Géographie Commerciale à Paris.

il se présente comme Président ou administrateur de la Compagnie Agricole et Commerciale du Bas Amazone (CACBA). Cette demande finira par être une nouvelle fois refusée⁴².

Le CACBA a été créé à Paris par Le Cointe le 12 mars 1907, avec plusieurs associés. L'objectif de l'entreprise est d'acquérir, aménager et exploiter des plantations dans la région d'Óbidos. Les statuts sont déposés le lendemain à Amiens. La société exploite 4 500 hectares de cacaoyers et d'hévéas⁴³. Le Cointe s'est vu attribuer 700 des 1200 parts sociales initiales qui constituent le capital de la société. Il monnaie ainsi ses apports matériels et intellectuels en tant que fondateur. Le reste est fourni par de petits souscripteurs⁴⁴. Le Cointe en est le directeur pour Óbidos.

Le Cointe fait un nouveau voyage, plus court semble-t-il, à Paris, avec une présence aux seuls repas de la SGCP en décembre 1909 et janvier 1910. Il est, de nouveau, présent aux repas entre mars et décembre 1911. A la fin de 1911, il y prononce une conférence avec Paul Walle : « Le Brésil et son caoutchouc : le Pará ». En décembre, il regagne Belém en même temps que Victor Cayla, appelé par le Gouvernement brésilien, avec Oscar Labroy, pour étudier les conditions du développement de plantations d'hévéas (Labroy, 1913). Au cours de cette mission, Cayla et Labroy visitent la plantation de Le Cointe, et étudient ses méthodes (SGCP, 1912, p. 207-208)⁴⁵.

Sous le double effet de raisons internes à la CACBA (conflits et crise financière) et de la chute brutale des cours du caoutchouc en 1911, l'exploitation d'Óbidos est en difficultés et la société cessera d'exister, sans doute en 1913, ce qui n'empêchera pas les plantations de Le Cointe d'être encore visitées. La mission « Rondon-Roosevelt » y passe en 1913.

Un « plan de défense économique du caoutchouc » est adopté par le Gouvernement fédéral en 1912, comportant la création de sept stations expérimentales pour l'hévéa. Le Cointe livre une analyse féroce de ce plan – « un véritable délire de transformations et de créations » – dont le bureau central chargé de la mise en œuvre se trouve à Rio de Janeiro et non en Amazonie (Le Cointe, 1922a, v. I, p. 405-408).

42 Lettre du Ministère des affaires étrangères à l'ambassadeur à Rio de Janeiro, 18 mai 1907 ; lettre d'Hanoteau à l'ambassadeur à Rio de Janeiro, 14 mars 1908 ; lettre d'Hanoteau à l'ambassadeur à Rio de Janeiro, 25 mars 1908 ; lettre de l'ambassadeur à Rio de Janeiro au Ministère des affaires étrangères pour le refus final, 28 octobre 1908. CADN, fonds de l'Ambassade de Rio de Janeiro, carton 77, correspondance avec le poste d'Óbidos. Nantes, France.

43 Lettre d'Hanoteau à l'ambassadeur à Rio de Janeiro, 14 mars 1908. CADN, fonds de l'Ambassade de Rio de Janeiro, carton 77, correspondance avec le poste d'Óbidos. Nantes, France. Les statuts de la CACBA sont annexés à cette lettre.

44 Statuts de la Compagnie Agricole et Commerciale du Bas Amazone, minute du 23 mars 1907. Archives départementales de la Somme, fonds de Gaston Devisme, notaire à Amiens, cote 3, E 17770. Amiens, France.

45 Paul Walle (1872-1950), explorateur et économiste ; Oscar Labroy (1877-1953), botaniste économique ; Victor Cayla (1880-1958), botaniste et zoologiste.

Cependant, en 1913, Le Cointe est désigné par le Gouvernement fédéral brésilien pour prendre la direction de la station d'essais du caoutchouc projetée dans l'Etat d'Amazonas (Le Cointe, 1922a, v. 1, p. 411 ; SGCP, 1913, p. 730), après avoir été récusé pour la station du Pará (Dean, 1989, p. 104) au profit de Labroy. Le Cointe avait proposé que ses plantations à Óbidos soient l'embryon de la station du Para, pour éviter qu'elle parte de zéro. La proposition n'a pas été acceptée et Le Cointe fut « bientôt mis de côté [parcequ'il refusait] obstinément de l'installer dans des terrains qui ne convenaient d'aucune façon » ; « ce fantôme de station agricole qui ne rendra aucun service » est le dernier reste du plan de défense du caoutchouc, et sera fermé en janvier 1916 (Le Cointe, 1922a, v. 1, p. 411). Les financements avaient été pratiquement supprimés en 1915 par mesure d'économies. Les critiques de Le Cointe ont pour contrepoint la proposition d'un programme en dix-huit points pour développer la culture du caoutchouc en Amazonie (Le Cointe, 1922a, v. 1, p. 417-419).

Amazonie brésilienne

1915 est l'année où Le Cointe achève à Óbidos la rédaction des deux premiers tomes de *l'Amazonie brésilienne*, un ouvrage dont le projet figurait dans sa demande de mission et qu'il annonçait au consul à Belém dès 1899 : « Je travaille à la rédaction d'un 'guide du colon et du voyageur', ouvrage volumineux que j'aurais déjà conclu si tous les ennuis qui m'arrivent ne me faisaient perdre le meilleur de mon temps »⁴⁶. C'est également la synthèse de ses explorations et de ses analyses économiques sur la mise en valeur de l'Amazonie, avec une reprise de publications faites antérieurement dans différentes revues. A l'instar de remarques qui parsèment la plupart de ses articles, le livre fourmille de considérations sur les populations amazoniennes, notamment dans le chapitre qui leur est spécifiquement consacré, où il fait sien les préjugés raciaux qui sont à la base des projets colonisateurs qu'il défend⁴⁷. Mais tout en défendant l'idée de « blanchiment » de la population amazonienne, il ne croit guère à des colons français, et propose un colonialisme commercial :

A la politique d'expansion coloniale, peu d'accord avec notre faible capacité de peuplement des territoires conquis, je voudrais maintenant voir succéder une politique d'expansion commerciale, et, dans ce cas, l'Amazonie serait une des régions vers laquelle nous devrions tout d'abord tourner les yeux (Le Cointe, 1922, p. 8).

46 Lettre de Paul Le Cointe au consul de Belém, 15 octobre 1899, annexée de la lettre du 31 octobre 1899 du consul de Belém à l'ambassadeur à Rio de Janeiro. CADN, fonds de l'Ambassade de Rio de Janeiro, carton 77, correspondance avec le poste d'Óbidos. Nantes, France.

47 Mérian (2005, p. 28-35) analyse longuement les idées de Le Cointe dans *l'Amazonie brésilienne* et les compare à celles de Henri Coudreau.

Publiée en 1922 à Paris, l'*Amazonie brésilienne* lui vaudra plusieurs récompenses : le prix Binoux, de l'Académie de sciences, accordé le 18 décembre 1922 pour ce livre⁴⁸, et la médaille Crevaux de la SGCP, en 1923, où la dimension économique est mise en avant (SGCP, 1923, p. 226-227). Cette même année, il aura le Grand prix de l'exposition du Centenaire (1922-1923) à Rio de Janeiro pour ses publications.

Le Cointe fait un dernier voyage à Paris en 1919, comme il l'indique lui-même dans sa lettre à Fernand Braudel du 5 avril 1948, dans un passage non publié⁴⁹. Il est présent en juillet, août septembre aux repas de la SGCP. En août il présente son article « Impressions d'Amazonie ». En lien avec l'ouverture du Museu Comercial do Pará à Belém, auquel est déjà annexé un « laboratoire d'essais de matières premières », il cherche à se procurer du matériel scientifique et à installer un « bureau d'informations commerciales » à Paris pour commercialiser les produits amazoniens (SGCP, 1919, p. 209).

Il est élu le 21 novembre 1919 comme membre de la Société de Géographie (*La Géographie*, 1919, p. 632)⁵⁰. Parrainé par Paul Rivet, il reçoit en 1920 le prix Logerot de la Société pour son travail cartographique. Mais au-delà, Le Cointe est récompensé pour avoir « eu surtout en vue au cours de ses explorations l'étude économique des pays visités, mais il a fait cette étude en savant et naturaliste » (*La Géographie*, 1920, p. 185).

À Belém, les plantes utiles et la chimie

Le Museu Comercial do Pará

Le Cointe est installé à Belém depuis 1916 (Machado, 2015, p. 83). Avec sa désignation pour diriger le Museu Comercial do Pará, puis la création de l'Escola de Química Industrial do Pará (EQIP) en 1921, le travail de Le Cointe prend une nouvelle direction⁵¹. Il y a d'abord à un retour à la chimie des plantes et à la botanique dans les années 1920 et 1930. Puis, dans le prolongement de ses considérations de géographie économique, il participe aux discussions récurrentes sur la mise en valeur de l'Amazonie.

48 Académie des sciences, service des archives, Prix Binoux, dossier Le Cointe, rapport du Général Ferrié : « L'ouvrage de Mr P. Le Cointe est une œuvre vécue, vraiment personnelle, et non pas une compilation. Il est aussi le travail le plus impartial et le plus documenté qui ait été publié sur l'Amazonie, en langue française ».

49 Lettre de Paul Le Cointe à Fernand Braudel, 5 avril 1948. Archives de l'Institut de France, archives de Fernand Braudel. Paris, France.

50 La Société de Géographie regroupe les géographes professionnels depuis 1824 et a une reconnaissance scientifique bien plus forte que la SGCP.

51 La création du Museu Comercial do Pará a été décidée le 20 mai 1918 par l'Associação Comercial do Pará (Cruz, 1964, p. 270-271).

Le Cointe est officiellement nommé directeur du musée le 7 novembre 1919, à son retour de Paris, peu avant l'inauguration officielle. Le musée a pour première destination d'être une exposition permanente des produits du Pará. Mais, dans une note⁵², fin 1918, pour le Ministère français des Affaires étrangères, Le Cointe indique qu'il y aurait aussi un « service technique chargé de classer et d'étudier les éléments pour le développement de la région, et aussi de vulgariser les enseignements pratiques et indispensables afin de provoquer l'augmentation et l'amélioration de sa production ». De plus, « on adjoindra au Musée divers agronomes qui, parcourant l'État, seront chargés... » notamment de faire des conférences dans les villages et les écoles, et « de réaliser avec l'aide des propriétaires des expériences et des démonstrations pratiques des procédés les plus perfectionnés appliqués à la culture, à l'extraction des produits et à leur préparation ». Le musée devait comprendre trois sections (industries, produits naturels, agriculture), tournées vers l'exportation des produits du Pará. Le Vice-Consul de France au Pará indique qu'un bureau d'informations étant prévu pour relayer le musée en Europe, Le Cointe avait obtenu que cela soit à Paris, ce qui devait le conduire à séjourner six mois par an en France⁵³. La plupart de ces fonctions seront reprises par l'EQIP créée peu après.

Caoutchouc encore

Ces nouvelles directions n'impliquent pas un abandon total du caoutchouc. En 1923, une mission américaine remonte l'Amazone pour étudier le caoutchouc. Une équipe brésilienne est constituée pour accompagner cette mission. Le Cointe sera l'expert pour le trajet au Pará (Cardoso et Heizer, 2012, p. 160). L'expédition partira de Belém le 15 août 1923, avec défilés et fête.

Suite à cette mission, Le Cointe est élu membre correspondant de la Société de géographie de New York et verra ses travaux cités à plusieurs reprises en 1925 dans la revue *Rubber Production in the Amazon Valley*, éditée par le département d'État américain du commerce⁵⁴.

Sans y être présent, il contribue à la septième exposition internationale sur le caoutchouc de Paris, en 1927. A cette occasion, il publie la traduction française de ses « Apontamentos sobre as sementes oleaginosas, os bálsamos e as resinas da floresta

52 Lettre du vice-consul de France au Pará (de Payan) au Ministre des Affaires étrangères, 30 décembre 1918, avec deux notes annexes de Le Cointe. CADMAE, série B-Amérique 1818-1940, vice-consulat du Para, carton 36. La Courneuve, France.

53 Selon un rapport du sous-directeur du Museu Comercial do Pará, écrit pendant le voyage de Le Cointe, ce dernier était à Paris pour acquérir du matériel scientifique et mettre en valeur les produits du Pará. Arquivo Central da Universidade Federal do Pará (ci-après AC-UFPA), dossier Associação Comercial do Pará. Belém, Brésil.

54 CADMAE, protocole 1542-1975, série D, carton 597 (Français au Brésil nommés), chemise Le Cointe, notice Le Cointe, 1926. La Courneuve, France.

amazônica » (Le Cointe, 1924b, 1927a). Le 29 juillet 1927, il est fait chevalier de la Légion d'Honneur, distinction pour laquelle il était proposé depuis 1924. Sa fiche de renseignements met en avant l'embauche de professeurs chimistes français à l'EQIP⁵⁵.

En 1940, il dressera encore, pour le compte de l'Associação Comercial do Pará, une étude comparative de la gomme naturelle et de la gomme synthétique (Le Cointe, 1940a) et proposera un projet d'un Instituto Federal da Borracha e da Castanha na Amazonia (Institut fédéral du caoutchouc et de la châtaigne d'Amazonie) (Le Cointe, 1940b).

Escola de Química Industrial do Pará

Une décision du Gouvernement brésilien allait changer la donne. L'importance prise par la chimie au cours de la Première Guerre mondiale le conduisit à décider de développer les études supérieures en chimie (loi 3.991 du 5 janvier 1920), avec la décision de créer des écoles supérieures de chimie dans six villes, dont Belém. Faute d'établissements universitaires ou polytechniques comme dans les autres capitales, les installations, encore rudimentaires, du Museu Comercial do Pará serviront de base pour la création de l'Escola de Química Industrial do Pará (École de chimie industrielle du Pará), et faire converger les financements étatiques indispensables, hors de portée de l'Associação Comercial do Pará⁵⁶.

L'EQIP est inaugurée le 16 novembre 1921 (Bassalo et Lima, 1996 ; Machado, 2015)⁵⁷. L'équipe enseignante comprend des scientifiques brésiliens de Belém, Antônio Marçal et Renato Franco, et deux chimistes français, Charles Paris et Raymond Joannis. Arrivés mi-1921, ils donnent des cours préparatoires dès avant l'ouverture de l'École⁵⁸. Les cours commencent officiellement le 16 janvier 1922. Georges Bret et René Rougier prennent le relai des deux premiers Français en 1925. Ils seront rejoints par Camille Henriet et André Callier remplacera Rougier en 1928. Cette équipe valorise les recherches pratiques dans les laboratoires.

L'EQIP disparaîtra quand les financements fédéraux seront supprimés dans le gouvernement de Getúlio Vargas à partir de 1930 : le relai ne pouvait être pris localement. Entre temps, neuf étudiants auront fini le cycle de cours, et présenté les thèses nécessaires pour obtenir leur diplôme.

55 Elle crédite aussi Le Cointe de sa mission de 1891 pour le Ministère de l'Instruction publique, ainsi que d'être gérant du consulat de France à Belém. On passe l'éponge sur l'annulation de la mission et sur les conflits à propos de l'agence consulaire de Óbidos.

56 Lettre de Paul Le Cointe à l'Associação Comercial do Pará, 4 septembre 1920 ; « Une opportunité magnifique ». AC-UFPA, dossier Associação Comercial do Pará. Belém, Brésil.

57 Pandolfo, Clara Martins, rapport sur l'histoire de l'École jusqu'en 1961. AC-UFPA, dossier Associação Comercial do Pará (ainsi que de nombreux documents dans le dossier). Belém, Brésil.

58 Le Cointe, Paul, historique de l'École, 1922. AC-UFPA, dossier Associação Comercial do Pará (ce dossier comprend aussi des rapports annuels de Le Cointe sur l'EQIP, les enseignants, les recherches, etc.). Belém, Brésil.

Pour diffuser les travaux des enseignants et élèves de l'EQIP, Le Cointe entreprend l'édition d'un *Boletim da Escola de Chimica Industrial do Pará*, dont le premier numéro paraît en 1929. La fermeture de l'EQIP empêchera la poursuite de cette publication. Le *Boletim* comporte plusieurs contributions de Le Cointe, aussi bien sur l'exploitation des forêts amazoniennes que les principes actifs des plantes du genre *Ryania*, connu pour la production d'alcaloïdes utilisés dans les insecticides naturels. Il y fait aussi une synthèse de la thèse de Clara Barrau do Amaral Martins⁵⁹, « Contribution à l'étude chimique des plantes amazoniennes ». Avec les chimistes formés, c'est toute une tradition en chimie des plantes dans le Pará dont Le Cointe est à d'origine. Son apport essentiel est souligné dans la documentation de l'École, conservée à l'Université fédérale du Pará, et par Machado (2015).

Amazonie brésilienne, volume III

Le Cointe a achevé la rédaction du troisième volume de *Amazonie brésilienne* en juillet 1932, à Belém. La première édition (Le Cointe, 1934a) sera reprise dans une édition nationale, en 1947, à Sao Paulo, soulignant la portée de l'ouvrage. Il est rédigé en portugais contrairement aux deux premiers volumes, en français. Publié quinze ans plus tard, il est de nature différente, pas seulement pour sa forme, « un petit dictionnaire », indique modestement Le Cointe dans son introduction. Adolf Ducke, ancien ami du Musée Goeldi (travaillant désormais au Jardin botanique de Rio de Janeiro), a relu tout le dictionnaire avant la publication et rectifié les identifications erronées.

Le Cointe se situe explicitement dans la perspective « plantes utiles » : rassembler (ici dans un dictionnaire) les connaissances botaniques et pratiques sur les arbres et les plantes, ainsi que sur leurs usages actuels ou potentiels, les conditions de leur récolte. D'une certaine façon, l'ouvrage complète le repérage géographique qu'il avait fait au début du siècle dans ses cartes, où ces ressources étaient parfois localisées. Plus que jamais, l'optique de Le Cointe est leur mise en valeur et leur commerce.

Dans l'introduction, Le Cointe explique que son « objectif principal est d'établir un lien plus étroit entre les études purement scientifiques des spécialistes et les connaissances pratiques de la population locale ». Il souligne la confusion énorme existante pour la correspondance entre les noms populaires et les espèces végétales classifiées, un héritage, selon lui, des récits de voyages. Il indique avoir mentionné comme propriétés médicinales celles signalées par les populations locales.

59 Plus tard, Clara Pandolfo, considérée comme sa principale élève et qui hérita du journal publié dans ce volume (voir le texte de Nelson Sanjad et Emilie Stoll).

Pour chaque espèce, il donne l'habitat, la répartition géographique, les propriétés et l'utilisation « populaire », notamment médicinale. Une table alphabétique des noms scientifiques latins les met en relation avec les noms communs. En fait, très peu sont d'origine spécifiquement amérindienne⁶⁰.

La référence aux « plantes utiles » est une constante des politiques de « mise en valeur » qui ont marqué la botanique dans les empires coloniaux et au-delà dans les pays tropicaux. Ultérieurement, elle a concerné tous les pays et régions. Botanistes, médecins, agronomes, ethnologues se retrouvent autour de cette notion pour légitimer l'exploitation des ressources naturelles. Le discours sur la « mission civilisatrice » reflétait un prétendu « altruisme colonial » dont l'objectif était l'utilisation des ressources naturelles pour « le bien de toute l'humanité », ce que les populations locales étaient, bien sûr, « incapables de réaliser toutes seules ».

En France, Auguste Chevalier (1873-1956) est le principal propagandiste de la notion de « plantes utiles » et fera évoluer la botanique coloniale vers l'ethnobotanique⁶¹. Il est un des piliers de la SGCP, mais ne croise que rarement Le Cointe lors des repas mensuels : il est en Afrique ou en Indochine la plupart du temps avant 1919, dernier voyage de Le Cointe à Paris. Contrairement à Le Cointe, Chevalier, qui est agronome, s'intéresse aux pratiques locales, pas seulement aux plantes utiles⁶².

Dans les archives de Chevalier au Muséum national d'Histoire naturelle à Paris, il y a quelques lettres de Le Cointe à propos de ces publications et des envois de spécimens. En 1928, Chevalier fait un voyage au Brésil pour étudier les bois tropicaux. Mais il restera dans la région de São Paulo et Rio de Janeiro, sans aller jusqu'en Amazonie. Dans le « cahier de notes Brésil », qui concerne son voyage de 1928, est incluse, comme feuille volante, une lettre de Le Cointe datée du 23 mai 1928, avant le départ de Chevalier, où il s'excuse de ses retards et où il regrette de ne pas pouvoir aller à Paris :

Je voudrais bien aller passer quelques temps en France, mais cela m'est difficile : les voyages sont très chers, et je ne puis guère abandonner pendant plusieurs mois les services qui sont à ma charge. J'espère cependant que l'occasion se présentera, et j'aurai beaucoup de plaisir à aller vous voir. Ici, je reste à votre entière disposition⁶³.

60 Il a été reproché à Le Cointe d'invisibiliser les savoirs indigènes eux-mêmes, et la manière dont il avait recueilli ses informations, notamment concernant les plantes médicinales (Romani, 2008, p. 51).

61 Voir Bonneuil (1996) pour sa biographie et Petitjean (2012, p. 73-82) pour ses relations avec le Brésil et les savants brésiliens.

62 Le Cointe est répertorié comme « collaborateur » de la *Revue de Botanique appliquée* dont Chevalier est le directeur. Il y publie plusieurs articles dans les années 1920-1930.

63 Auguste Chevalier, Carnets de voyage au Brésil, 1928. Archives du Muséum national d'Histoire naturelle, Dossier Auguste Chevalier. Paris, France.

Le retour de la géographie

A partir de 1940, les publications de Le Cointe marquent un retour vers la géographie physique et la géographie économique.

Le livre *O Estado do Pará*, publié en 1945, est une commande officielle, financée par le Gouvernement du Pará pour servir de manuel de géographie dans les écoles de l'État (Romani, 2018, p. 51). Il couvre l'ensemble du Pará, et non seulement les régions où Le Cointe avait fait ses observations. La géographie physique est privilégiée, au détriment de la géographie humaine : la visée est l'exploitation des ressources de la terre amazonienne⁶⁴.

En 1949, Le Cointe participe avec Fernand Braudel et Pierre Monbeig à une contribution collective sur le Brésil dans la revue *Annales : Economies, Sociétés, Civilisations*. Sous le titre « Résurrection de l'Amazonie », il y développe une analyse du *Plano de valorização da Amazônia* (Plan de valorisation de l'Amazonie) que vient de lancer le nouveau régime brésilien (Le Cointe, 1949a, p. 484-486), analyse qu'il fait aussi pour la revue brésilienne *Economia Amazônica* (Le Cointe, 1948b).

Le Cointe contre l'oubli ?

Le Cointe avait reçu prix et récompenses en France dans les années 1920, à l'apogée du mouvement néocolonial. En 1948, c'est sa position sociale (gérant du consulat, membre de la Société française de bienfaisance au Pará et du Club des ingénieurs, etc.) à Belém qui est récompensée par sa promotion au grade d'officier de la Légion d'Honneur, davantage que ses travaux scientifiques⁶⁵.

Au cours de 65 ans de présence en Amazonie, Le Cointe a traversé plusieurs époques et mené plusieurs vies. Il s'est consacré à plusieurs disciplines scientifiques, avec deux bifurcations importantes de sa vie professionnelle : vers le caoutchouc à son retour de Bolivie, puis vers la chimie des plantes à son arrivée à Belém, sans pour autant abandonner totalement ses autres spécialités. Le Cointe est donc cité dans des histoires de plusieurs disciplines. Il apparaît beaucoup comme un voyageur naturaliste typique du XIXe siècle, un explorateur qui passe de la cartographie à la géographie économique.

Son « Journal circulaire », récit du voyage effectué en 1900-1901, écrit en 1915 (Bassalo et Lima, 1996, p. 188), est publié seulement maintenant. Il occupe une place à part

64 Romani compare l'approche de Le Cointe avec celles de Paul Vidal de la Blache (qui avait fait un mémoire sur le « contesté ») et de Henri Coudreau. Pour lui, Le Cointe est le géographe du pouvoir, produisant un savoir pour être utilisé par l'État (Romani, 2018, p. 52-56).

65 CADMAE, protocole 1542-1975, série D, carton 597 (Français au Brésil nommés), chemise Le Cointe, notice Le Cointe, 1948. La Courneuve, France.

dans son œuvre. Il est son seul vrai récit de voyage, ses autres explorations étant intégrées dans des publications plus analytiques.

Le Cointe apparaît dans le dictionnaire illustré de Numa Broc (1999, p. 192)⁶⁶. En tant qu'explorateur du XIXe siècle, il est d'ailleurs souvent comparé à Coudreau (Romani, 2018 ; Mérian, 2005). C'est aussi pour la dimension économique de ses travaux sur le caoutchouc, et non pour ses techniques de culture, qu'il apparaît dans la *Géographie universelle* (Denis, 1927)⁶⁷ ou dans des livres d'histoire du caoutchouc, par exemple, Santos (1980) et Dean (1989).

Comme botaniste, le troisième tome de l'*Amazonie brésilienne* relève plus des dictionnaires des plantes en vogue dans la première moitié du XXe siècle que de l'ethnobotanique. Mais certaines de ses entrées sont encore référencées dans des revues spécialisées, notamment dans le *Journal d'agriculture tropicale et de botanique appliquée*, dans la deuxième moitié du XXe siècle. Par ailleurs, Le Cointe donnera son nom à plusieurs plantes : par exemple, *Zamia lecointeï*, cicadaceae (plante semblable aux palmiers) extrêmement rare récoltée à Óbidos et décrite par son ami Adolf Ducke, en 1925 (Le Cointe, 1934a).

Les cartes et délimitations foncières de la région d'Óbidos et du bas-Amazone réalisées par Le Cointe ont conservé une grande part de leur validité (Stoll *et al.*, 2017). Il en est de même de son influence sur la phytochimie brésilienne, soit à travers ses études sur le potentiel des ressources végétales amazoniennes, soit à travers des chimistes formés à l'EQIP, qui, fermée en 1930, sera réouverte en 1956 et plus tard incorporé à l'Université fédérale du Pará (Bassalo et Lima, 1996). Le meilleur exemple de la permanence de l'œuvre de Le Cointe est peut-être Clara Pandolfo, qui, diplômée de l'EQIP, a eu un parcours professionnel unique à la Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (Surintendance du Plan de Valorisation Économique de l'Amazonie), puis à la Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Surintendance du Développement de l'Amazonie) (Machado, 2020; Batista e Mourão, 2023). C'est aussi grâce à elle qu'aujourd'hui le lecteur peut consulter le journal du « Voyage circulaire » de Le Cointe.

66 Parmi les travaux de Le Cointe, Broc retient les publications dans les *Annales de Géographie* (Le Cointe, 1903b, 1906c, 1907b) et l'*Amazonie brésilienne* (Le Cointe, 1922a), qualifiée d'essentiellement économique.

67 Avec une photo d'une forêt inondée aux environs de Belém lui est officiellement attribuée (entre les pages 128 et 129).

Fontes e referências bibliográficas / Sources et références bibliographiques

1. Arquivos consultados / Archives consultées

Archives de l'Académie des sciences. Paris, France.

Archives centrales de l'Université fédérale du Pará. Belém, Brasil.

Archives départementales de la Somme. Amiens, France.

Archives Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, Brasil.

Archives du Muséum national d'Histoire naturelle, Paris, France.

Archives nationales de France. Pierrefitte-sur-Seine, France.

Centre des Archives diplomatiques du ministère des Affaires étrangères (CADMAE). La Courneuve, France.

Centre des Archives diplomatiques de Nantes (CADN) : fonds de l'Ambassade de Rio de Janeiro et de l'Ambassade de La Paz. Nantes, France.

2. Referências / Références

Bassalo, José Maria Filardo; Lima, Waterloo Napoleão de. Pesquisadores Franceses em Belém do Pará: Escola de Química Industrial. In: Hamburger, Amélia I. *et al.* (Orgs.). *A Ciência nas Relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996. p. 183-188.

Batista, Iane Maria da Silva; Mourão, Leila. Clara Martins Pandolfo (1912-2009): múltiplas faces de uma intelectual amazônica. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 16, n. 1, p. 176-197, 2023.

Bonneuil, Christophe. Auguste Chevalier, savant colonial. In: Petitjean, Patrick (ed.). *Les Sciences coloniales: figures et institutions*. Paris: ORSTOM Éditions, 1996. p. 16-35.

Braga, Genesino. Le Centenaire du naturaliste Paul Le Cointe. *Journal d'agriculture tropicale et de botanique appliquée*, v. 18, n. 9-10, p. 379-381, 1971.

Broc, Numa. *Dictionnaire illustré des explorateurs et grands voyageurs français du XIXe siècle*. T. 3, Amérique. Paris: CTHS, 1999.

Cardoso, Luciene Pereira Carris; Heizer, Alda. Os norte-americanos na missão à Amazônia, em 1923. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 5, n. 1, p. 156-170, 2012.

Coudreau, Henri. *Les Français en Amazonie*. Paris: Librairie d'éducation nationale, 1887.

Cruz, Ernesto. *História da Associação Comercial do Pará*. Belém: Imprensa universitária do Para, 1964.

Dean, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. São Paulo: Livraria Nobel, 1989.

Denis, Pierre. *Géographie universelle (publiée sous la direction de P. Vidal de La Blache et L. Gallois)*. Tome XV, Amérique du Sud. Paris: Armand Colin, 1927.

Grandhomme, Francis. *Une figure lorraine : Jules Crevaux (1847-1882) et l'exploration de l'Amérique du Sud*. Thèse de doctorat d'Histoire, Université Nancy 2, 2011.

La Géographie, v. 32, 1919.

La Géographie, v. 34, 1920.

Labroy, Oscar. *Culture et exploitation du caoutchouc au Brésil*. Paris: Société Générale d'Édition, 1913.

Levasseur, Émile. *Le Brésil*. Paris: Lamurault et Cie., 1889.

Machado, Jorge Ricardo Coutinho. Natureza e Cultura entrelaçadas: o Boletim científico da Escola de Química Industrial do Para. *Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemática*, v. 11, n. 22, p. 78-95, 2015.

Machado, Jorge Ricardo Coutinho. Clara Pandolfo, ciência e Amazônia: tessituras sociotécnicas. In: Silva, Maria Dulcimar de Brito; Reis, André Silva dos (Orgs.). *História da ciência no Pará: tópicos, propostas e perspectivas*. Belém: EDUEPA, 2020. p. 30-47.

Mérian, Jean-Yves. L'Amazonie brésilienne à la fin du XIXe siècle sous le regard de deux explorateurs français: Henri Coudreau et Paul Le Cointe. In: Farré, Joseph (Ed.). *Hommes de sciences et intellectuels européens en Amérique latine XIXe et XXe siècles*. Paris: Editions Le Manuscrit, 2005. p. 19-35.

Petitjean, Patrick. Auguste Chevalier, Paul Le Cointe e a Amazônia: as plantas úteis entre a botânica colonial e a etnobotânica. In: Domingues, Heloisa Maria Bertol; Kleiche-Dray, Mina; Petitjean, Patrick (Orgs.). *História das substâncias naturais: saberes tradicionais e química*. Rio de Janeiro: MAST; Paris: IRD, 2012. p. 61-107.

Romani, Carlos. Algumas geografias sobre a fronteira franco-brasileira. *Ateliê Geográfico*, v. 2, n. 1, p. 43-64, 2008.

Santa'Anna Néry, Frederico José de. *Le Pays des Amazones: l'Eldorado et les terres à caoutchouc*. Paris: Librairie Finzine et Cie., 1885.

Santa'Anna Néry, Frederico José de. *Le Brésil en 1889*. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1889.

Santa'Anna, Frederico José de. *Guide de l'émigrant au Brésil*. Paris: Société d'études brésiliennes/Revue du Monde latin, 1889.

Santos, Roberto. *História Econômica da Amazonia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. de Queiroz, 1980.

SGCP (Bulletin de la), v. 17: Henri Coudreau, « La question du territoire contesté franco-brésilien », p. 11-26, 1895.

SGCP (Bulletin de la), v. 19: F. Romanet du Caillaud, « La rivière de Vincent Pinzon », p. 270-290, 1897.

SGCP (Bulletin de la), v. 20: M. Levat, « La Guyane et le contesté franco-brésilien », p. 164-169, 1898.

SGCP (Bulletin de la), v. 24, 1902.

SGCP (Bulletin de la), v. 25, 1903.

SGCP (Bulletin de la), v. 27, 1905.

SGCP (Bulletin de la), v. 28, 1906.

SGCP (Bulletin de la), v. 29, 1907.

SGCP (Bulletin de la), v. 31, 1909.

SGCP (Bulletin de la), v. 34: Victor Cayla, « Lettre d'Amazonie », p. 207-208, 1912.

SGCP (Bulletin de la), v. 35, 1913.

SGCP (Bulletin de la / devenu Revue économique française), v. 41, 1919.

SGCP (Bulletin de la / devenu Revue économique française), v. 45, 1923.

Stoll, Emilie; Fischer, Lully Rodrigues da Cunha; Folhes, Ricardo Teófilo. Recenser la propriété en Amazonie brésilienne au tournant du XXe siècle. Des registres de terres de João de Palma Muniz aux cartes de Paul Le Cointe. *Histoire & Mesure*, v. 32, n. 1, p. 53-90, 2017.

Verne, Jules. *La Jangada. 800 lieues sur l'Amazone*. Paris: Hetzel, 1881.

Wiener, Charles. Le Brésil en 1895-1896. *Bulletin de la SGCP*, v. 18, n. 12, p. 959-961, 1896.

Wiener, Charles. *333 jours au Brésil*. Paris: Librairie Charles Delagrave, 1911.

UM ENSAIO PARA A APROXIMAÇÃO COM A OBRA DE PAUL LE COINTE

Nelson Sanjad, Emilie Stoll & Patrick Petitjean

Paul Le Cointe é autor de numerosa e diversificada obra sobre a Amazônia, disseminada por meio de periódicos e livros no Brasil e na França. Essa produção intelectual foi profícua: teve repercussões nos campos da ciência, educação, economia e administração pública – repercussões cuja dimensão e profundidade ainda não foram investigadas. Nesse ensaio, fazemos uma primeira aproximação à obra de Le Cointe, caracterizando-a do ponto de vista temático e contextualizando sua gênese.

Elaboramos a lista de referências bibliográficas que segue levantando fontes em bibliotecas, arquivos e bases de dados disponíveis na internet, no Brasil e na França, além de consultar os próprios textos de Le Cointe e de outros intelectuais que o citaram. Esse levantamento nunca havia sido realizado e resultou em muitas surpresas. Com efeito, era comum, na academia, considerar a obra de Le Cointe como sucinta. Essa ideia aderiu bem à imagem do naturalista autodidata que chegou à academia no final da vida por caminhos transversais ou atalhos pouco evidentes, a saber, por meio de uma instituição, a Escola de Química Industrial, ligada ao mundo empresarial. Há, de fato, poucos indícios da quantidade e diversidade de textos de Le Cointe: sua obra é pouco citada, os periódicos onde publicou são pouco conhecidos e seus livros, peças raras.

Ao final desta investigação bibliográfica, fica evidente que Le Cointe escreveu com fervor. Coligimos 36 textos em francês e 48 em português. A lista apresentada abaixo demonstra bem a frequência com que publicava, os veículos que utilizava, os temas a que se dedicava e o público que mirava. É possível que essa lista não esteja completa, pois muitos periódicos onde Le Cointe publicou não estão disponíveis em meio digital. Ainda é necessário um levantamento sistemático em jornais, sobretudo os publicados em Belém do final do século XIX a meados do século XX, pois Le Cointe foi ativo em debates públicos sobre a economia amazônica.

O primeiro aspecto a observar na obra de Le Cointe é uma clara mudança que ocorre na década de 1920. Até esse momento, seus textos têm um marcado viés colonialista. Le

Cointe escreve, geralmente, em francês e para o público francês, sobretudo empreendedores e possíveis imigrantes. Nesses primeiros textos, ele se coloca como um agente político em campo, isto é, como alguém habilitado a descrever e avaliar o território e os recursos naturais da Amazônia para investidores e colonos franceses. Ele, de fato, almejou essa posição, pois foi cônsul francês em Óbidos até 1900 e mais tarde tentou recuperar essa função, sem sucesso.

Praticamente todos os textos da primeira fase foram motivados ou demandados pelo movimento neocolonialista que se expandiu fortemente na França no final do século XIX, incluindo o diário que se publica nesse volume. Assim como seus conterrâneos Jules Crevaux (1847-1882) e Henri Coudreau (1859-1899), Le Cointe foi um árduo defensor da expansão colonial francesa na América do Sul, principalmente na Amazônia, em razão do mercado internacional da borracha. A França era o segundo maior importador da borracha amazônica, atrás apenas da Inglaterra. Investia, também, na aquisição de grandes propriedades e na exploração de seringais, sobretudo na Bolívia – como foi o caso de Mirlitonville, da empresa Devès & Compagnie, que Le Cointe administrou em 1900 e 1901.

Ao regressar de sua experiência boliviana, Le Cointe deu início à sua intensa atividade editorial, marcada por uma série de publicações significativas. Datam desse período os nove textos publicados no *Bulletin de la Société de géographie commerciale de Paris* entre 1902 e 1919; os dois textos do *Journal d'Agriculture Tropicale*, de 1907 e 1919; os dois textos de *Le Caoutchouc et la Gutta percha*, de 1907 e 1911; e os quatro textos da *Revue de botanique appliquée et d'agriculture coloniale*, de 1922, 1924 e 1936. Este último texto é um bom exemplo da forma como um Le Cointe mais maduro associou pesquisas botânicas, etnobotânicas e fitoquímicas, particularmente sobre plantas tóxicas e com propriedades inseticidas.

Esses textos apareceram em revistas vinculadas ao movimento colonial francês, que associavam conhecimento científico, desenvolvimento tecnológico e exploração econômica de colônias. A escolha dessas revistas, entre muitas outras disponíveis na França, é um bom indicador da militância de Le Cointe em favor de uma causa que elegeu como promissora. Le Cointe foi um dos editores e representante no Brasil (até 1912) da revista *Le Caoutchouc et la Gutta percha*, criada em 1904 para sustentar os interesses franceses da indústria da borracha e dos plantadores de espécies gomíferas na África e na Ásia.

Além desse conjunto, é possível distinguir um outro grupo de textos produzido na primeira fase da obra de Le Cointe: são os estudos cartográficos e geográficos, que também podem ser vinculados ao movimento colonialista, mas que, em Le Cointe, assumem características próprias. Esses estudos são vinculados à primeira ocupação profissional de Le Cointe no baixo Amazonas, a de topógrafo contratado pela intendência municipal de Óbidos, ainda na década de 1890. Essa ocupação exigiu que Le Cointe fizesse muitas viagens de

reconhecimento geográfico e levantamento cartográfico, que certamente estão na origem dos seis estudos publicados nos *Annales de Géographie* entre 1903 e 1908, incluindo o mapa “Vallée de l’Amazone de Faro a Alemquer [sic]: Rio Trombetas-Rio Ariramba”. Um texto suplementar, publicado nos *Annales* em 1935, atualiza um estudo de 1908 sobre as enchentes no Amazonas, reforçando assim a contribuição de Le Cointe ao conhecimento geográfico da região.

Desse grupo fazem parte, igualmente, o livro “Limites do Município de Óbidos: estudo geographico”, de 1907, e um notável mapa, “Carte du Bas Amazone: de Santarem à Parintins (Municipe de Óbidos et partie des municipes limitrophes – État du Pará)”, de 1911. Esse foi o último mapa produzido por Le Cointe, com escala e um nível de detalhe singulares, ainda referência para aquela região. Seus três mapas (1903, 1907 e 1911) se mantêm atuais e importantes para estudos históricos, antropológicos, geográficos e ambientais do território que vai de Manaus a Belém.

A partir do final da década de 1910, já é possível observar uma mudança no foco e na perspectiva de Le Cointe. A Primeira Guerra Mundial e as dificuldades de comunicação com a França talvez tenham favorecido essa mudança, mas isso é difícil de precisar. Em 1918, tem início as publicações com um viés diferente, que aqui identificamos como desenvolvimentista. Movido pela crise econômica que se instalou na Amazônia, causada pela queda na exportação da borracha, Le Cointe troca de público-alvo e começa a escrever para empreendedores brasileiros, particularmente aqueles interessados na exploração de recursos vegetais que ele considerava alternativos às árvores gomíferas.

Le Cointe foi, possivelmente, instado por representantes do governo do estado do Pará, que em 1918 lhe encomendaram três livretos técnicos sobre a cultura do cacau, a pecuária e o processamento da borracha. Aproximou-se também da Associação Comercial do Pará (ACP), que havia criado, em 1910, a *Revista Commercial e Industrial do Pará* (depois *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará* e, mais tarde, *Revista da Associação Comercial do Pará*). Entre 1918 e 1940, Le Cointe publicou 25 textos nessas revistas, geralmente compilatórios e orientativos sobre recursos vegetais disponíveis para a exploração comercial e sobre o cultivo de espécies nativas da Amazônia.

Paralelamente a essas contribuições editoriais, o Museu Comercial do Pará foi fundado em 1919 sob a liderança de Le Cointe. Ele passou a contar com um espaço cativo nas páginas das revistas da ACP. Pouco tempo depois, Le Cointe também cria a Escola de Química Industrial do Pará, igualmente vinculada à ACP e inaugurada em 1921. Em 1929, a escola criou a sua própria revista, o *Boletim da Escola de Chimica Industrial*, mas com viés mais científico, sobretudo no campo da fitoquímica, silvicultura e agronomia. Le Cointe tornou-se o

editor da revista, onde publicou seis textos no único fascículo publicado. A Escola de Química Industrial do Pará foi extinta após o golpe de estado de 1930.

Na década de 1920, a partir de sua posição como diretor do Museu Comercial e da Escola de Química Industrial, Le Cointe transformou muitos textos que publicou previamente em pequenos catálogos ou inventários de recursos vegetais. São os casos dos livretos “Apontamentos sobre as sementes oleaginosas, os bálsamos e as resinas da floresta amazônica”, de 1924 (depois ampliado e republicado mais quatro vezes até 1939), e “Principais madeiras paraenses”, de 1928. Esses livretos foram produzidos para feiras e exposições nacionais e internacionais. Testemunham o engajamento de Le Cointe em favor da ampliação da economia regional.

Em 1922, ainda como diretor do Museu Comercial, Le Cointe publica a sua obra considerada mais importante, “L’Amazonie brésilienne”, em dois volumes. Trata-se de uma compilação de dados ambientais, geográficos, econômicos e demográficos recolhidos ao longo de décadas e também o resultado de um inventário sistemático de recursos vegetais e animais da região, além de um vigoroso libelo sobre o potencial econômico da Amazônia, então imersa em grave crise. O terceiro volume apareceu somente em 1947, concebido como uma enciclopédia de plantas amazônicas.

A autoridade local e internacional conferida a Le Cointe como diretor do Museu Comercial e da Escola de Química Industrial pode ser conferida nos dois textos que publicou no *Bulletin de la Chambre de commerce franco-brésilienne* em 1928 e também no pequeno texto que apareceu na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* em 1932, “As pedras verdes das Amazonas”. Neste último, Le Cointe relata suas conclusões sobre o tipo de rocha encontrada pouco tempo antes nas imediações do Monte Roraima e que estava sendo comparada com a rocha utilizada na fabricação de muiraquitãs por antigos povos amazônicos. A análise lhe fora encomendada por Carlos Estevão de Oliveira (1880-1946), então diretor do Museu Goeldi.

A partir da década de 1930, destacam-se as macroanálises de Le Cointe sobre a economia amazônica e as possibilidades de desenvolvimento regional baseado na exploração de recursos vegetais e na agropecuária. Le Cointe se ocupou da política econômica voltada para a Amazônia desde o início do século, como se pode observar no texto “Développement économique de l’Amazonie”, publicado no *Bulletin de la SGCP* em 1904, talvez a primeira vez em que o termo “desenvolvimento econômico” tenha sido aplicado em semelhantes análises; e também nos textos “A agricultura e o seu fomento na Amazônia”, da *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, de 1921, e “Exploração das florestas do Pará”, do *Boletim da Escola de Chimica Industrial*, de 1929. Preocupações com uma economia diversificada – não

dependente de um único produto, como a borracha – também perpassam os dois volumes de “L’Amazonie brésilienne” (1922) e o livro “O Estado do Pará”, que aparece em 1945.

Em 1933, Le Cointe retoma o assunto em um extenso artigo produzido especialmente para o *Diário de Pernambuco*, “As possibilidades econômicas do Pará”. Em 1940, em consonância com discussões nacionais mais amplas sobre incentivos fiscais para a produção de determinadas *commodities*, como o café, o açúcar e o cacau, Le Cointe defende na *Revista da Associação Comercial do Pará* a criação de um “Instituto Federal da Borracha e da Castanha”, a ser sediado em Belém. Esse instituto nunca chegou a ser criado.

Le Cointe segue, contudo, pressionando por uma ação mais eficaz do governo federal no incremento da economia amazônica por meio de incentivos fiscais e investimentos diretos em infraestrutura. É o que ele defende em “Apontamentos para o plano de valorização da Amazônia”, uma espécie de projeto para a criação de uma autarquia federal destinada a coordenar políticas econômicas especialmente concebidas para a região, publicado na revista *Economia Amazônica* em 1948; e também nos textos “A valorização da Amazônia”, do *Boletim da Secretaria de Fomento Agrícola do Pará*, também de 1948, e “Résurrection de l’Amazonie”, dos *Annales : Économies, Sociétés, Civilisations*, de 1949.

Essas são as últimas publicações de Le Cointe. Aos 79 anos, seu prestígio político e seu reconhecimento como intelectual especializado em assuntos amazônicos eram largamente reconhecidos nas páginas dos jornais da capital paraense, do nordeste brasileiro e do Rio de Janeiro, então capital federal.

Em nossa percepção, o impacto que sua obra produziu no meio político local e nacional, sobretudo suas fortes críticas quanto à condução da política econômica regional, feitas a partir da década de 1930, está diretamente relacionado à criação, em 1953, da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA). Foi Le Cointe quem concebeu o termo “valorização econômica”, possivelmente traduzido da expressão francesa *mise en valeur*, utilizada em doutrinas políticas que justificavam o colonialismo. Le Cointe o aplicou primeiramente à borracha produzida na região (“valorização da borracha amazônica”), cujo valor de mercado, na década de 1910, foi fortemente depreciado no comércio internacional após Inglaterra, França e Holanda inundarem as indústrias europeias e norte-americanas com a borracha produzida em suas colônias asiáticas e africanas, mais barata e abundante.

Nos anos 1930 e 1940, o termo “valorização” reaparece associado a “desenvolvimento”, chave para o nacional-desenvolvimentismo brasileiro que começa a ser forjado em âmbito governamental na mesma época. É essa doutrina que vai justificar, sobretudo a partir dos anos 1950, as intervenções estatais na Amazônia, muitas delas autoritárias. No caso de Le

Cointe, pode-se argumentar que seu compromisso com o desenvolvimentismo de meados do século XX tem raízes no colonialismo do final do século XIX. O contexto, contudo, havia mudado radicalmente. Le Cointe havia eleito outros interlocutores e direcionado suas críticas e propostas ao Estado brasileiro, então mais sensível e aberto às demandas regionais.

Os primeiros planos de desenvolvimento elaborados pela SPVEA foram certamente influenciados pela obra e pela concepção de “economia amazônica” desenvolvida por Le Cointe, fortemente enraizada na exploração de recursos vegetais e na agropecuária. Em pesquisas futuras, cabe investigar com profundidade o que Le Cointe delineou como “valorização”, “desenvolvimento” e “economia” – e qual a influência intelectual que exerceu sobre lideranças da SPVEA, como Arthur César Ferreira Reis, Clara Pandolfo e Ricardo Borges. Assim como cabe comparar a estrutura da SPVEA e de seus planos com as críticas e os projetos publicados por Le Cointe a partir da década de 1920.

Pelas razões aqui apontadas, é de se admirar que tal personagem tenha sido (quase) totalmente ocultado pelos pensadores das décadas seguintes. Se não fosse um apelo feito por Ricardo Borges em um jornal, depois publicado em livro, e se não fosse o empenho de pessoas como Clara Pandolfo e Lúcio Flávio Pinto em preservar a obra de Le Cointe, a memória desse intelectual talvez levasse bem mais tempo para ser redimensionada.

UN ESSAI POUR SAISIR L'ŒUVRE DE PAUL LE COINTE

Nelson Sanjad, Emilie Stoll & Patrick Petitjean

Paul Le Cointe est l'auteur d'une œuvre à la fois prolifique et variée portant sur l'Amazonie, diffusée dans des périodiques et des ouvrages, au Brésil comme en France. Cette production intellectuelle s'est avérée fructueuse : elle a eu des effets significatifs dans les domaines de la science, de l'éducation, de l'économie et de l'administration publique – des impacts dont l'ampleur et la profondeur n'ont à ce jour pas encore été étudiés. Dans cet essai, nous offrons une analyse introductive de l'œuvre de Le Cointe, en examinant ses thèmes principaux et en situant l'origine de sa création.

Nous avons compilé la liste de références bibliographiques de Le Cointe (voir ci-après) grâce à une exploration minutieuse des fonds de bibliothèques, archives et bases de données en ligne, tant au Brésil qu'en France. Cette recherche, enrichie par la consultation des écrits de Le Cointe lui-même et des références d'autres intellectuels l'ayant cité, est inédite et a révélé de nombreuses surprises. En effet, la perception répandue dans les milieux universitaires considérait l'œuvre de Le Cointe comme limitée. Cette idée était cohérente avec celle du naturaliste autodidacte, qui s'est frayé un chemin vers la reconnaissance académique en fin de carrière, empruntant des chemins de traverse parfois obscures, notamment à travers l'École de Chimie Industrielle, une institution liée au monde des affaires. Jusqu'à présent, peu d'éléments témoignaient de l'ampleur et de la variété de ses contributions : ses œuvres sont rarement mentionnées, les périodiques dans lesquels il a publié sont peu connus, et ses livres sont devenus des raretés.

À l'issue de cette enquête bibliographique, il est désormais évident que Le Cointe a écrit avec ferveur. Nous avons répertorié 36 textes en français et 48 en portugais. La liste présentée ci-après souligne l'assiduité avec laquelle il publiait, la diversité des supports qu'il a utilisés, la variété des thèmes abordés et l'audience visée. Il est probable que cette liste ne soit pas exhaustive, étant donné l'indisponibilité en format numérique de nombreux périodiques où Le Cointe a publié. Un inventaire systématique des journaux, en particulier ceux de Belém de la fin du XIXe siècle au milieu du XXe siècle, s'impose encore, Le Cointe ayant activement participé aux débats publics sur l'économie de l'Amazonie.

Le premier aspect notable dans l'étude de l'œuvre de Le Cointe est la transformation évidente qui s'opère durant les années 1920. Avant cette période, ses écrits révèlent un fort penchant colonialiste. Le Cointe rédige majoritairement en français et pour un public français, en particulier les entrepreneurs et les immigrants potentiels. Dans ces textes initiaux, il se positionne en tant qu'agent politique sur le terrain, capable de décrire et d'évaluer les terres et les ressources naturelles de l'Amazonie au profit des investisseurs et des colons français. Cette ambition n'est pas fortuite, Le Cointe ayant occupé le poste d'agent consulaire français à Óbidos jusqu'en 1900 et ayant ensuite cherché à retrouver cette fonction, bien que sans succès.

Pratiquement tous les textes de la première période ont été influencés ou sollicités par le courant néocolonialiste qui prend de l'ampleur en France à la fin du XIXe siècle, à l'exemple du journal de voyage que nous publions dans ce volume. À l'instar de ses compatriotes Jules Crevaux (1847-1882) et Henri Coudreau (1859-1899), Le Cointe était un fervent défenseur de l'expansion coloniale française en Amérique du Sud, en particulier en Amazonie, stimulée par le rôle prépondérant de l'industrie du caoutchouc sur le marché international. La France, deuxième importatrice de caoutchouc amazonien après l'Angleterre, était investie dans l'acquisition de vastes domaines et dans le développement de plantations de caoutchouc, notamment en Bolivie, comme en atteste l'exemple de Mirlitonville, gérée par Le Cointe pour le compte de l'entreprise Devès & Compagnie en 1900 et 1901.

Suite à son retour de Bolivie, Le Cointe entame une prolifique carrière éditoriale marquée par une série de publications significatives. Entre 1902 et 1919, il publie neuf textes dans le *Bulletin de la Société de géographie commerciale de Paris* ; deux articles dans le *Journal d'Agriculture Tropicale* en 1907 et 1919 ; deux contributions à *Le Caoutchouc et la Gutta percha* en 1907 et 1911 ; et quatre articles dans la *Revue de botanique appliquée et d'agriculture coloniale* en 1922, 1924 et 1936. Ce dernier texte illustre bien l'approche de Le Cointe, plus mature, qui intègre des recherches botaniques, ethnobotaniques et phytochimiques, particulièrement sur les plantes toxiques et aux propriétés insecticides.

Tous ces textes ont été publiés dans des revues liées au mouvement colonial français, qui associait étroitement connaissance scientifique, développement technologique et exploitation économique des colonies. Le choix de ces revues, parmi d'autres options en France, témoigne du militantisme de Le Cointe pour une cause qu'il considérait comme porteuse d'avenir. Il fut également éditeur et représentant au Brésil (jusqu'en 1912) de la revue *Le Caoutchouc et la Gutta percha*, lancée en 1904 pour soutenir les intérêts français de l'industrie du caoutchouc et des planteurs d'espèces gommifères en Afrique et en Asie.

En parallèle à ce corpus, Le Cointe a également produit une série d'études cartographiques et géographiques distinctes, qui, bien qu'elles puissent être associées au mouvement colonialiste, ont un statut à part dans sa démarche personnelle. Ces travaux découlent de sa première fonction professionnelle dans le bas Amazone, en tant que topographe pour la municipalité d'Óbidos dans les années 1890. Cet emploi l'a conduit à effectuer de multiples expéditions de reconnaissance géographique et des relevés cartographiques, aboutissant à la publication de six études dans les *Annales de Géographie* entre 1903 et 1908, dont la carte « Vallée de l'Amazone de Faro a Alemquer [sic] : Rio Trombetas-Rio Ariramba ». Un texte supplémentaire, publié dans les *Annales* en 1935, actualise une étude de 1908 sur les inondations en Amazonie, renforçant ainsi son apport à la compréhension géographique de la région.

Cet ensemble comprend également l'ouvrage *Limites do Município de Óbidos : estudo geographico* de 1907, ainsi qu'une carte exceptionnelle, « Carte du Bas Amazone : de Santarem à Parintins (Municipe de Óbidos et partie des municipes limitrophes – État du Pará) » réalisée en 1911. Cette dernière carte, qui représente le dernier travail cartographique de Le Cointe, se distingue par son échelle et son niveau de détail sans précédent, et reste une référence incontournable pour cette région. Ses trois cartes (1903, 1907 et 1911) conservent toute leur pertinence et leur importance pour les recherches historiques, anthropologiques, géographiques et environnementales sur le territoire entre Manaus et Belém.

Dès la fin des années 1910, on peut noter un changement dans l'approche et la perspective de Le Cointe. La Première Guerre mondiale et les difficultés de communication avec la France peuvent avoir contribué à ce virage, bien que cela reste difficile à établir avec certitude. En 1918, il entame la publication d'œuvres d'une nature différente, que l'on peut qualifier de développementistes. Influencé par la crise économique qui frappe l'Amazonie, suite à l'effondrement du marché du caoutchouc, Le Cointe s'oriente vers un nouveau public : les entrepreneurs brésiliens, en particulier ceux intéressés par l'exploitation de ressources végétales qu'il voit comme alternatives aux cultures gommifères.

Il est probable que Le Cointe ait été approché par des représentants du gouvernement de l'État du Pará, qui lui commandent en 1918 trois brochures techniques sur la culture du cacao, ainsi que sur l'élevage et le traitement du caoutchouc. Il se rapproche également de l'Association Commerciale du Pará (ACP), qui avait lancé en 1910 la *Revista Commercial e Industrial do Pará* (qui deviendra par la suite la *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, puis la *Revista da Associação Comercial do Pará*). Entre 1918 et 1940, Le Cointe publie 25 articles dans ces revues, offrant souvent des synthèses et des conseils sur les ressources végétales exploitables commercialement et sur la culture d'espèces natives de l'Amazonie.

En parallèle à ces contributions éditoriales, le Musée Commercial du Pará est fondé en 1919, avec à sa tête Le Cointe, qui bénéficie d'un espace de publication dédié dans les revues de l'ACP. Cette période voit également la création de l'École de Chimie Industrielle du Pará, affiliée à l'ACP et inaugurée en 1921. En 1929, cette école lance sa propre revue, le *Boletim da Escola de Chimica Industrial*, adoptant une ligne éditoriale plus scientifique, notamment dans les domaines de la phytochimie, de la sylviculture et de l'agronomie. Le Cointe, en tant qu'éditeur de cette revue, y publie six articles dans l'unique volume paru avant la dissolution de l'école, suite au coup d'État de 1930.

Dans les années 1920, grâce à sa position de directeur du Musée Commercial et de l'École de Chimie Industrielle, Le Cointe a converti plusieurs de ses textes antérieurs en brochures ou catalogues détaillant les ressources végétales, tels que *Apontamentos sobre as sementes oleaginosas, os bálsamos e as resinas da floresta amazônica* de 1924 (ultérieurement élargi et réédité à quatre reprises jusqu'en 1939), et *Principais madeiras paraenses* de 1928. Ces publications, destinées à promouvoir les ressources végétales de l'Amazonie lors de foires et d'expositions nationales et internationales, témoignent de son engagement en faveur du développement économique de la région.

En 1922, toujours en sa qualité de directeur du Musée Commercial, Le Cointe publie *l'Amazonie brésilienne*, considérée comme son œuvre majeure. Ce livre en deux volumes est une vaste compilation de données environnementales, géographiques, économiques et démographiques recueillies au fil des décennies et fruit d'un inventaire systématique des ressources végétales et animales de la région. Il constitue un vigoureux plaidoyer sur le potentiel économique de l'Amazonie, alors en pleine crise. Un troisième volume, paru en 1947, se présente comme une encyclopédie des plantes amazoniennes.

L'influence de Le Cointe, tant au niveau local qu'international, en tant que directeur du Musée Commercial et de l'École de Chimie Industrielle, se manifeste aussi dans ses publications dans le *Bulletin de la Chambre de commerce franco-brésilienne* en 1928, ainsi que dans un article plus succinct, « As pedras verdes das Amazonas », paru dans la *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* en 1932. Dans ce dernier, il livre ses conclusions sur un type de roche découvert près du Mont Roraima, comparé à celui utilisé dans la confection des *muiraquitãs* par d'anciens peuples amazoniens, suite à une commande de Carlos Estevão de Oliveira (1880-1946), alors directeur du Musée Goeldi.

À partir des années 1930, Le Cointe entreprend des analyses macroéconomiques sur l'économie amazonienne et sur les potentialités de développement régional axé sur l'exploitation des ressources végétales et l'agro-industrie. Son intérêt pour la politique économique en Amazonie remonte au début du siècle, comme le montre son texte « Développement

économique de l'Amazonie », paru dans le *Bulletin de la SGCP* en 1904. Il y emploie, peut-être pour la première fois le terme de « développement économique » dans ce contexte. Cet intérêt se manifeste également dans « A agricultura e o seu fomento na Amazônia », publié dans la *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará* en 1921, et « Exploração das florestas do Pará », dans le *Boletim da Escola de Chimica Industrial* en 1929. Son engagement pour une économie diversifiée – qui ne dépend pas d'un seul produit, comme le caoutchouc – transparait à travers les deux volumes de *l'Amazonie brésilienne* (1922) et dans son livre *O Estado do Pará* (1945).

En 1933, il aborde à nouveau cette thématique dans « As possibilidades econômicas do Pará », un article longuement développé pour le *Diário de Pernambuco*. En 1940, en écho aux discussions nationales sur les incitations fiscales pour la production de matières premières telles que le café, le sucre et le cacao, Le Cointe plaide dans la *Revista da Associação Comercial do Pará* pour la création d'un « Institut Fédéral du Caoutchouc et de la Noix du Brésil », qui serait situé à Belém. Cet institut n'a jamais vu le jour.

Toutefois, Le Cointe continue à militer pour une action gouvernementale plus efficace dans le soutien à l'économie amazonienne, via des incitations fiscales et des investissements en infrastructures. Il défend cette position dans « Apontamentos para o plano de valorização da Amazônia », publié dans *Economia Amazônica* en 1948, envisageant la création d'une entité fédérale pour coordonner des politiques économiques spécifiques à l'Amazonie ; ainsi que dans « A valorização da Amazônia » dans le *Boletim da Secretaria de Fomento Agrícola do Pará* en 1948, et dans « Résurrection de l'Amazonie », paru dans les *Annales : Économies, Sociétés, Civilisations* en 1949.

Ces contributions sont les dernières publications de Le Cointe. À l'âge de 79 ans, son prestige politique et sa réputation en tant qu'intellectuel expert des affaires amazoniennes étaient largement reconnus dans les pages des journaux de la capitale du Pará, du nord-est brésilien et de Rio de Janeiro, alors capitale du Brésil.

Il nous semble que l'impact de son travail et de ses critiques virulentes émises dès les années 1930 sur la gestion de la politique économique régionale a probablement influencé la création en 1953 de la *Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia* (SPVEA). C'est Le Cointe qui a conçu le terme « valorisation économique » (*valorização econômica*), peut-être traduit de l'expression française « mise en valeur », utilisée dans les doctrines politiques qui justifiaient le colonialisme. Le Cointe l'a d'abord appliqué au caoutchouc amazonien (« valorisation du caoutchouc amazonien »), dont la valeur marchande, dans les années 1910, avait été fortement dépréciée dans le commerce international après que l'Angleterre, la France et les Pays-Bas aient inondé les industries européennes et nord-

américaines avec le caoutchouc produit dans leurs colonies asiatiques et africaines, moins cher et plus abondant.

Dans les années 1930 et 1940, le terme « valorisation » réapparaît sous sa plume, associé cette fois au terme « développement », une notion-clé du national-développementisme brésilien (*nacional-desenvolvimentismo*) en cours de construction au sein des hautes sphères de l'État à la même époque. Cette doctrine va justifier, surtout à partir des années 1950, les interventions étatiques en Amazonie, pour la plupart d'entre elles autoritaires. Dans le cas de Le Cointe, il est possible d'argumenter que son engagement en faveur du développementisme du milieu du XXe siècle trouve ses racines dans le colonialisme de la fin du siècle précédent. Mais le contexte a radicalement changé. Le Cointe avait choisi d'autres interlocuteurs et adressait ses critiques et ses propositions à l'Etat brésilien, alors plus sensible et ouvert aux demandes régionales.

Les premiers plans de développement élaborés par la SPVEA ont certainement été influencés par l'œuvre, les propositions et la conception d' « économie amazonienne » développées par Le Cointe, fortement enracinées dans l'exploitation des ressources végétales et l'agro-industrie. Dans des recherches futures, il nous apparaît nécessaire d'enquêter en profondeur sur ce que Le Cointe entendait par les concepts de « valorisation », « développement » et « économie », et d'examiner quelle influence intellectuelle il a exercé sur les dirigeants de la SPVEA, comme Arthur César Ferreira Reis, Clara Pandolfo et Ricardo Borges. Une comparaison entre la structure de la SPVEA et les idées de Le Cointe pourrait révéler des liens directs entre ses propositions à partir des années 1920 et les plans de développement élaborés par l'agence.

Pour toutes les raisons indiquées ci-avant, il est remarquable qu'une figure aussi influente que Le Cointe ait été (presque) totalement occultée et oubliée par les penseurs des décennies suivantes. Sans l'appel à témoins de Ricardo Borges lancé dans un journal puis publié dans un livre, et sans l'engagement de personnes comme Clara Pandolfo et Lúcio Flávio Pinto pour préserver et mettre en avant son travail, la réhabilitation de sa mémoire et de son œuvre aurait pu prendre bien plus de temps.

Bibliografia comentada / *Bibliographie annotée*

Le Cointe, Paul. République de l'Acre : chemin de fer Madeira-Mamoré (avec carte). *Bulletin de la SGCP*, v. 24, p. 67-79, 1902.

O texto detalha o retorno de Paul Le Cointe de sua viagem à Bolívia, onde observou a complexa situação da hipotética “República do Acre” e os grandes desafios logísticos relacionados ao transporte e à comunicação na região. Sublinha a adaptação dos habitantes, majoritariamente brasileiros, à pressão boliviana para abandonarem a luta pela independência em favor da exploração da borracha, apesar das aspirações iniciais de autonomia. O relato expõe, em seguida, as dificuldades ligadas ao transporte de mercadorias (como a borracha) e à comunicação nesta região, marcada por custos exorbitantes, por naufrágios frequentes e pela utilização de meios de transporte rudimentares, que tornavam o comércio difícil e caro. São mencionadas várias tentativas de desenvolver rotas comerciais, incluindo fluviais, ferroviárias e através das montanhas, mas todas encontraram dificuldades substanciais. O projeto ferroviário Madeira-Mamoré é apresentado como uma iniciativa promissora, mas não concretizada, para melhorar a conexão das terras baixas da Bolívia com o mundo exterior, facilitando a exploração dos recursos naturais e incrementando o comércio. O autor destaca a importância estratégica, política e comercial deste projeto, ao mesmo tempo em que expressa preocupações sobre a viabilidade de futuros investimentos na região, muitas vezes dificultados por fracassos passados e pela desconfiança dos investidores europeus devido a experiências negativas anteriores.

Le texte détaille le retour de Paul Le Cointe de son voyage en Bolivie, où il a observé la situation complexe de l'hypothétique « République de l'Acre » et les défis logistiques majeurs liés au transport et à la communication pour la région. Il souligne l'adaptation des habitants, majoritairement Brésiliens, à la pression bolivienne en abandonnant la lutte pour l'indépendance au profit de l'exploitation du caoutchouc, malgré les aspirations initiales à l'autonomie. Le récit expose ensuite les difficultés liées au transport de marchandises (comme le caoutchouc) et à la communication dans cette région, marquées par des coûts exorbitants, des naufrages fréquents, et l'utilisation de moyens de transport rudimentaires qui rendent le commerce difficile et coûteux. Plusieurs tentatives de développer des routes commerciales, y compris par voie fluviale, ferroviaire, et à travers les montagnes, sont mentionnées, mais toutes se heurtent à des difficultés substantielles. Le projet de chemin de fer Madeira-Mamoré est présenté comme une initiative prometteuse, mais non réalisée, pour améliorer la connexion de la Basse-Bolivie avec le monde extérieur, facilitant l'exploitation des ressources naturelles et améliorant le commerce. L'auteur souligne l'importance stratégique, politique, et commerciale de ce projet, tout en exprimant des inquiétudes concernant la viabilité des futurs investissements dans la région, souvent entravés par des échecs passés et la méfiance des investisseurs européens due à des expériences négatives antérieures.

Le Cointe, Paul. La Forêt amazonienne. *Bulletin de la SGCP*, v. 25, p. 382-392, 1903a.

Le Cointe, Paul. Le Bas Amazone. *Annales de Géographie*, v. 12, n. 61, p. 54-66, 1903b.

Le Cointe, Paul. [Carte de la] Vallée de l'Amazone de Faro a Alemquer [sic]: Rio Trombetas-Rio Ariramba. *Annales de Géographie*, v. 12, n. 61, p. 96, 1903c.

Le Cointe, Paul. Développement économique de l'Amazonie. *Bulletin de la SGCP*, v. 26, p. 472-488, 1904a.

Le Cointe, Paul. Les Insectes curieux d'Amazonie. Un faux serpent ailé. *La Nature. Revue des Sciences et de leurs applications aux arts et à l'industrie*, n. 1640, p. 337-338, 1904b.

Le Cointe, Paul. Les insectes curieux d'Amazonie. Un dragon en miniature. *La Nature. Revue des Sciences et de leurs applications aux arts et à l'industrie*, n. 1649, p. 5, 1904c.

Le Cointe, Paul. La plantation du caoutchouc dans le Bas-Amazone [sic]. *Bulletin de la SGCP*, v. 27, p. 187-189, 1905a.

Esse breve texto é a junção entre a experiência de gestor de seringal em Beni e a fase seguinte, quando Paul Le Cointe fundou e dirigiu a Compagnie Agricole et Commerciale du Bas-Amazone, cujo objetivo era o cultivo misto de seringueiras e cacauzeiros. Esse texto é um marco e expõe, em poucos parágrafos, o manifesto da sua atividade como plantador em Óbidos. O texto aborda a crise do setor da borracha na Amazônia, agravada pela concorrência das plantações de *Hevea* na África e na Ásia. Ele propõe uma solução por meio da plantação de seringueiras, combinadas com a cultura de cacau, nas margens do rio Amazonas para aproveitar o clima, os solos adequados e a facilidade de transporte. O autor relata a sua visita a uma plantação na região de Óbidos, onde a sua ideia já estava sendo aplicada: os intervalos entre os cacauzeiros eram ocupados por seringueiras. Descreve o método de plantio e os resultados promissores em termos de crescimento e produção de borracha. A experiência descrita sugere que as plantações de seringueira poderiam tornar-se lucrativas após dez anos, proporcionando uma alternativa econômica viável à exploração tradicional da borracha silvestre. O autor conclui com a vantagem econômica de combinar culturas de cacau com plantações de seringueira, permitindo uma remuneração modesta, mas segura, sobre o capital investido, ao mesmo tempo em que se abre caminho para a exploração lucrativa da borracha a longo prazo.

Ce court texte est la jonction entre l'expérience de gérant de plantation de caoutchouc au Béni et la phase suivante, lorsque Paul Le Cointe fondera et dirigera la Compagnie agricole et commerciale du Bas-Amazone, dont l'objectif était la culture mixte d'arbres à caoutchouc et de cacaoyers. Ce texte est un marqueur et pose, en quelques paragraphes, le manifeste de son activité de planteur à Óbidos. Le texte aborde la crise dans le secteur du caoutchouc en Amazonie, aggravée par la concurrence des plantations d'*Hevea* en Afrique et en Asie. Il propose une solution à travers la création de plantations artificielles de caoutchouc, combinées avec des cultures de cacao, sur les rives de l'Amazone pour tirer parti du climat, des sols adaptés, et de la facilité de transport. L'auteur relate sa visite à une plantation dans la région de Óbidos où son idée est déjà en application : les intervalles entre les cacaoyers sont occupés par des hévéas. Il décrit la méthode de plantation et les résultats prometteurs en termes de croissance et de production de caoutchouc. L'expérience décrite suggère que les plantations de caoutchouc peuvent devenir rentables après dix ans, offrant une alternative économique viable à l'exploitation traditionnelle du caoutchouc sauvage. L'auteur conclut sur l'avantage économique de combiner les cultures de cacao avec les plantations de caoutchouc, permettant une rémunération modeste mais sûre du capital investi, tout en préparant le terrain pour une exploitation lucrative du caoutchouc à long terme.

Le Cointe, Paul. L'Élevage en Amazonie. *Bulletin de la SGCP*, v. 27, p. 491-500, 1905b.

Le Cointe, Paul. La France en Amazonie. *Bulletin de la SGCP*, v. 28, p. 577-583, 1906a.

Le Cointe, Paul. Exploitation et culture des arbres à caoutchouc en Amazonie. *Bulletin de la SGCP*, v. 28, p. 625-652, 1906b.

Esse texto é claramente uma síntese do conhecimento adquirido por Paul Le Cointe durante sua experiência como gerente de um seringal na Bolívia. Ele fornece um panorama das atividades de extração de látex no Brasil. Com um olhar preciso e etnográfico, descreve as técnicas de coleta e coagulação do látex para cada espécie de árvore. Contudo, Le Cointe não analisa as relações de poder entre os patrões e os seringueiros pobres e nem sequer menciona o sistema de aviação. O custo exorbitante das mercadorias, que tornava a atividade extrativa totalmente não lucrativa, foi correlacionado apenas às restrições de circulação e acesso aos seringais. Um dos objetivos desse artigo foi fazer a apologia ao plantio de seringueiras e insistir para que essas plantações fossem feitas na Amazônia brasileira e não nas colônias africanas e asiáticas da França. Os argumentos racistas ou fantasiosos utilizados por Le Cointe não são muito convincentes. Por fim, ele lançou as bases para o seu projeto pessoal de criação de uma fazenda mista na várzea de Óbidos, quando deu a ideia de aproveitar as plantações de cacau já existentes no baixo Amazonas para ali inserir seringueiras.

Ce texte est clairement une synthèse des connaissances acquises par Le Cointe lors de son expérience comme gérant d'un *seringal* en Bolivie. Il dresse un panorama des activités d'extraction de latex au Brésil. Avec un regard précis et ethnographique, il décrit les techniques de collecte et de coagulation du latex pour chaque espèce d'arbre. Néanmoins,

Le Cointe n'analyse pas les relations de pouvoir entre les patrons et les pauvres *seringueiros* et n'évoque même pas le système de l'*aviamento*. Le cout exorbitant des marchandises qui rendent l'activité extractive totalement non-rentable est uniquement corrélé aux contraintes de circulation et d'accès aux *seringais*. L'un des objectifs de cet article est de faire l'apologie de la plantation d'hévéas et d'insister pour que ces plantations soient réalisées en Amazonie brésilienne et non dans les colonies françaises africaines et asiatiques. Les arguments employés, racistes ou fantaisistes sont peu convaincants. Finalement, il pose les jalons de son projet personnel de création d'une exploitation mixte dans la plaine d'inondation de Óbidos, lorsqu'il donne l'idée d'utiliser les plantations de cacaoyers déjà existantes dans la vallée du bas-Amazone pour y intercaler des plantations d'hévéa.

Le Cointe, Paul. Le climat amazonien et plus spécialement le climat du Bas Amazone. *Annales de Géographie*, v. 15, n. 84, p. 449-462, 1906c.

Le Cointe, Paul. Carte du cours de l'Amazone depuis l'Océan jusqu'à Manaus et de la Guyane brésilienne. *Annales de Géographie*, v. 16, n. 86, p. 192, 1907a.

Le Cointe, Paul. Notice sur la carte du cours de l'Amazone et de la Guyane brésilienne depuis l'Océan jusqu'à Manaus. *Annales de Géographie*, v. 16, n. 86, p. 159-174, 1907b.

Le Cointe, Paul. L'Exploitation et la culture du caoutchouc en Amazonie. *Le Caoutchouc et la Gutta-percha*, v. 4, p. 731-743, 1907c.

Le Cointe, Paul. Exploitation et commerce de la châtaigne ou noix du Brésil. *Journal d'Agriculture Tropicale*, n. 68, p. 43-46, 1907d.

Le Cointe, Paul. *Limites do Município de Óbidos: estudo geographico*. Belém: Typographia da Livraria Loyola, 1907e.

Le Cointe, Paul. Histoire de singes américains. *L'Université de Paris. Revue mensuelle de l'Association Générale des Etudiants*, v. 24, juin 1908a.

Le Cointe, Paul. La crue de l'Amazone en 1908. *Annales de Géographie*, v. 17, n. 94, p. 366-367, 1908b.

Le Cointe, Paul. *Carte du Bas Amazone: de Santarem à Parintins (Municipe de Óbidos et partie des municipes limitrophes – État du Pará)*. Paris: Armand Colin, 1911a (publiée par le gouvernement de l'État du Pará, Brésil).

Le Cointe, Paul. Le Caoutchouc amazonien et son concurrent asiatique. *Le Caoutchouc et la Gutta-percha*, v. 8, n. 91, p. 5516-5533, 15 septembre; v. 8, n. 92, p. 5604-5611, 15 octobre; v. 8, n. 93, p. 5677-5682, 15 novembre 1911b.

Nesse texto, Paul Le Cointe defendeu a ideia de que o segundo *boom* asiático da borracha não prejudicaria a produção amazônica, uma vez que a demanda por borracha aumentaria necessariamente até 1920 e que a borracha sintética era pouco provável. Ele acusa a falta de visão dos brasileiros, que não se anteciparam em plantar seringais artificiais antes de manter a produção em áreas remotas e hostis.

Dans ce texte, Paul Le Cointe défend l'idée selon laquelle le second *boom* du caoutchouc asiatique ne mettra pas à mal la production amazonienne puisque les demandes en caoutchouc vont nécessairement augmenter d'ici 1920 et qu'un caoutchouc de synthèse est peu probable. Il accuse dans ce texte le peu de clairvoyance des Brésiliens qui ne se sont pas empressés de planter des *seringais* artificiels plutôt que de maintenir la production dans des zones reculées et peu amicales.

Esse longo e bem documentado texto é, de certa forma, um apelo à manutenção da atividade gomífera na Amazônia, apesar da crise na economia da região provocada pela concorrência da borracha asiática.

O texto explora detalhadamente a história, os desafios e as perspectivas da indústria da borracha no Brasil, com foco principalmente nas várias regiões da Amazônia, como Pará, Amazonas e Acre. No início do século XX, o Brasil dominava o mercado global da borracha, exportando grande parte da produção mundial graças à exploração da *Hevea brasiliensis*. Contudo, a concorrência das plantações de *Hevea* na Ásia, particularmente na Malásia e na Indonésia, começou a ameaçar a supremacia brasileira nesse setor.

O texto também discute a diversidade de plantas gomíferas exploradas no Brasil, incluindo a mangabeira e a maniçoba, bem como as técnicas tradicionais de coleta e processamento do látex. Descreve as difíceis condições de vida dos seringueiros, os trabalhadores que coletavam a borracha, e os sistemas econômicos que muitas vezes os mantinham presos a um ciclo de dívidas com os proprietários dos seringais.

Diante da concorrência asiática, o documento sublinha a necessidade de o Brasil modernizar e otimizar sua produção de borracha. Destaca as vantagens naturais da Amazônia, como a proximidade com os mercados europeu e americano, e a qualidade superior da borracha do Pará obtida por defumação, preferida para determinadas aplicações industriais.

O autor apela a um maior compromisso do capital europeu, particularmente francês, para apoiar a modernização da indústria da borracha na Amazônia. Ele propõe incentivos governamentais, tais como concessões de terras e garantias de juros, para incentivar o desenvolvimento das plantações e a produção de borracha na região. O texto conclui com uma nota de esperança, sugerindo que a Amazônia poderia superar seus desafios atuais e continuar a desempenhar um papel importante no mercado global de borracha, desde que se adaptasse às exigências da concorrência internacional e adotasse práticas mais modernas e sustentáveis.

Ce texte très long et très documenté est en quelque sorte un plaidoyer pour le maintien de l'activité gommifère en Amazonie malgré la crise de l'économie du caoutchouc dans cette région fortement concurrencée par l'Asie.

Le texte explore en détail l'histoire, les défis et les perspectives de l'industrie du caoutchouc au Brésil, en se concentrant principalement sur les régions de l'Amazonie, telles que le Para, l'Amazonas et l'Acre. Au début du XXe siècle, le Brésil dominait le marché mondial du caoutchouc, exportant une grande partie de la production mondiale grâce à l'exploitation de l'*Hevea brasiliensis*. Cependant, la concurrence des plantations d'hévéa en Asie, notamment en Malaisie et en Indonésie, a commencé à menacer la suprématie brésilienne dans ce secteur.

Le texte aborde également la diversité des plantes à caoutchouc exploitées au Brésil, dont la *mangabeira* et la *maniçoba*, ainsi que les techniques traditionnelles de récolte et de transformation du latex. Il décrit les conditions de vie difficiles des *seringueiros*, les travailleurs de la récolte du caoutchouc, et les systèmes économiques qui les maintiennent souvent dans un cycle de dette envers les propriétaires des *seringais*.

Face à l'émergence de la concurrence asiatique, le document souligne la nécessité pour le Brésil de moderniser et d'optimiser sa production de caoutchouc. Il met en avant les avantages naturels de l'Amazonie, comme sa proximité avec les marchés européens et américains, et la qualité supérieure du caoutchouc Para obtenu par enfumage, préféré pour certaines applications industrielles.

L'auteur appelle à un engagement accru des capitaux européens, particulièrement français, pour soutenir la modernisation de l'industrie du caoutchouc en Amazonie. Il propose des mesures incitatives gouvernementales, telles que des concessions de terre et des garanties d'intérêt, pour encourager le développement de plantations et la production de caoutchouc dans la région. Le texte conclut sur une note d'espoir, suggérant que l'Amazonie peut surmonter ses défis actuels et continuer à jouer un rôle important sur le marché mondial du caoutchouc, à condition de s'adapter aux exigences de la concurrence internationale et d'adopter des pratiques plus modernes et durables.

Le Cointe, Paul. *A valorização da borracha e o processo de coagulação "Cerqueira Pinto"*. Belém: 1918c.

Le Cointe, Paul. O plantio da seringueira (I). *Revista Commercial e Industrial do Pará*, v. 8, n. 106, p. 4-5, 1918d.

Le Cointe, Paul. O plantio da seringueira (II). *Revista Commercial e Industrial do Pará*, v. 8, n. 107, p. 4, 1918e.

Esse é o primeiro texto de Paul Le Cointe em português sobre o plantio de seringueiras. É, na verdade, um trecho traduzido de outro estudo, no qual resume, em poucas linhas, como deve ser organizada uma plantação desse tipo, o custo da infraestrutura, equipamentos e pessoal, o custo médio por hectare, a estimativa de produção, a área plantada de seringueiras no Oriente e a produção mundial de borracha entre 1900 e 1917.

C'est le premier texte en portugais de Paul Le Cointe sur la plantation d'hévéas. Il s'agit en fait d'un extrait traduit d'une autre étude, qui résume, en quelques lignes, comment doit être organisée une plantation de ce type, le coût des infrastructures, des équipements et du personnel, le coût moyen par hectare, l'estimation de la production, la superficie plantée d'hévéas à l'Est et la production mondiale d'hévéas entre 1900 et 1917.

Le Cointe, Paul. Impressions d'Amazonie. *Bulletin de la SGCP*, v. 41, p. 208-210, 1919a.

Le Cointe, Paul. Plantation d'une cacaoyère en Amazonie. *Journal d'Agriculture Tropicale*, n. 161, p. 308-311, 1919b.

Le Cointe, Paul. Fibras têxteis indígenas. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 2, p. 57-59, 1920a.

Le Cointe, Paul. A área de ilha de Marajó. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 2, p. 60, 1920b.

Le Cointe, Paul. Plantas industriaes paraenses. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 3, p. 100-101, 1920c.

Le Cointe, Paul. Bálsamos e resinas paraenses. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 3, p. 102-104, 1920d.

Le Cointe, Paul. O aproveitamento industrial da aninga. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 3, p. 105-106, 1920e.

Le Cointe, Paul. Plantas industriaes paraenses: plantas tinctoriaes. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 4, p. 130-131, 1920f.

Le Cointe, Paul. Plantas industriaes paraenses: fructas oleaginosas da Amazônia (I). *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 6, p. 199-203, 1920g.

Le Cointe, Paul. Plantas industriaes paraenses: fructas oleaginosas da Amazônia (II). *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 7, p. 238-239, 1920h.

Le Cointe, Paul. Preparo do tabaco em folhas para a exportação. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 8, p. 278-280, 1920i.

Le Cointe, Paul. Fermentação do cacáo. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 8, p. 280-282, 1920j.

Le Cointe, Paul. Fructas oleaginosas da Amazônia (III). *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 9, p. 322-323, 1920k.

Le Cointe, Paul. Fructas oleaginosas da Amazônia (Conclusão). *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 11, p. 376-378, 1920l.

Le Cointe, Paul. Le climat amazonien. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 12, p. 414-428, 1920m.

Le Cointe, Paul. Lista das madeiras paraenses aproveitáveis na fabricação de cellulose para papel. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 12, p. 432, 1920n.

Le Cointe, Paul. As grandes culturas da Amazônia. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 12, p. 434-436, 1920o.

Le Cointe, Paul. Museu Commercial do Pará: Catálogo geral. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 10, n. 12, p. 497-507, 1920p.

Le Cointe, Paul. A agricultura e o seu fomento na Amazônia. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 11, n. 1-2, p. 541-547, 1921.

Le Cointe, Paul. *L'Amazonie brésilienne : le pays, ses habitants, ses ressources. Notes et statistiques jusqu'en 1920*. Paris: Augustin Challamel, 1922a. 2v.

Trata-se de um livro generalista sobre a Amazônia, no qual Paul Le Cointe divulga uma série de anedotas e informações relacionadas diretamente à sua experiência no Beni e depois como responsável por uma plantação de seringueiras e cacauzeiros no baixo Amazonas.

Dans ce livre généraliste sur l'Amazonie, Paul Le Cointe propose un ensemble d'anecdotes et d'informations directement rapportées de son expérience au Béni, puis comme exploitant d'une plantation d'hévéa et de cacaoyers.

Le Cointe, Paul. La culture et la préparation du manioc en Amazonie. *Revue de botanique appliquée et d'agriculture coloniale*, v. 2, 331-337, 1922b.

Le Cointe, Paul. Quelques fruitiers tropicaux peu connus. *Revue de botanique appliquée et d'agriculture coloniale*, v. 2, 509-513, 1922c.

Le Cointe, Paul. Exposição do Centenário: Relação dos produtos remetidos pelo Museu Commercial do Pará. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 12, n. 19-20, p. 885-888, 1922d.

Le Cointe, Paul. Apontamentos para a exploração da balata e da gutta na Amazônia. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 13, n. 22-23, p. 949-951, 1923a.

Esse texto documenta o incremento da exploração de gutas (resinas elásticas) na Amazônia, sobretudo na Guiana Francesa e no Amapá. Paul Le Cointe tenta esclarecer a diferença entre a balata, um tipo de gutta extraída da espécie *Mimusops bidentata* DC e mais adequada à substituição da gutta asiática (gutta-percha), e outras resinas gomíferas menos adequadas à indústria. Informa que o valor das gutas era superior ao da borracha. Descreve a espécie, o processo de extração, preparação e propriedades físico-químicas da balata.

Ce texte documente l'augmentation de l'exploitation des guttas (résines élastiques) en Amazonie, notamment en Guyane française et en Amapá. Paul Le Cointe tente de clarifier la différence entre la balata, un type de gutta extrait de l'espèce *Mimusops bidentata* DC et plus adaptée pour remplacer la gutta asiatique (gutta-percha), et d'autres gommes-résines moins adaptées à l'industrie. Il informe que la valeur des guttas était supérieure à celle du caoutchouc. Décrit l'espèce, le processus d'extraction, la préparation et les propriétés physico-chimiques du balata.

Le Cointe, Paul. Productos novos ou pouco conhecidos da floresta amazônica. *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, v. 13, n. 22-23, p. 951-952, 1923b.

Le Cointe, Paul. Les *Elæis* de l'Amazonie et du Para. *Revue de botanique appliquée et d'agriculture coloniale*, v. 4, p. 532-533, 1924a.

Le Cointe, Paul. *Apontamentos sobre as sementes oleaginosas, os bálsamos e as resinas da floresta amazônica*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1924b.

Le Cointe, Paul. *Notes sur les graines oleagineuses, les baumes et les résines de la forêt amazonienne*. 2a. ed. Paris: Imp. M. Barnagaud, 1927a. (tradução de "Apontamentos sobre as sementes oleaginosas, os bálsamos e as resinas da floresta amazônica" para a 7a. Exposition Internationale du Cacutchouc, des autres produits tropicaux et industries qui s'y rattachent).

Le Cointe, Paul. *Apontamentos sobre as sementes oleaginosas, os bálsamos e as resinas da floresta amazônica*. 3a. ed. rev. amp. Belém: Museu Commercial do Pará, 1927b.

Le Cointe, Paul. Étude sur les graines oléagineuses et les baumes de l'Amazonie (I). *Bulletin de la Chambre de commerce franco-brésilienne*, n. 15, p. 16-20, 1928a

Le Cointe, Paul. Étude sur les graines oléagineuses et les baumes de l'Amazonie (II). *Bulletin de la Chambre de commerce franco-brésilienne*, n. 16, p. 15-22, 1928b.

Le Cointe, Paul. *Principaes madeiras paraenses (densidade média determinada em amostras seccas ao ar livre durante a estação secca, em Belém)*. Belém: Museu Commercial do Pará, 1928c.

Le Cointe, Paul. [Prefácio]. *Boletim da Escola de Chimica Industrial*, n. 1, p. 3-4, 1929a.

Le Cointe, Paul. Novas sementes oleaginosas. *Boletim da Escola de Chimica Industrial*, n. 1, p. 26-29, 1929b.

Le Cointe, Paul. Contribuição ao estudo chimico das plantas amazônicas (analyse da these apresentada em 31 de agosto de 1929 pela Srta. Dra. Clara B. do Amaral Martins). *Boletim da Escola de Chimica Industrial*, n. 1, p. 33-39, 1929c.

Le Cointe, Paul. O princípio activo das plantas do gênero "Ryania" ou "Patrisia" (Flacourtiaceas). *Boletim da Escola de Chimica Industrial*, n. 1, p. 43-47, 1929d.

Le Cointe, Paul. Exploração das florestas do Pará. *Boletim da Escola de Chimica Industrial*, n. 1, p. 71-79, 1929e.

Le Cointe, Paul [com George Bret]. O cajueiro. *Boletim da Escola de Chimica Industrial*, n. 1, p. 9-13, 1929f.

Le Cointe, Paul. *Apontamentos sobre as sementes oleaginosas, bálsamos, resinas, essências, borrachas, guttas e balatas da floresta amazônica*. 4a. ed. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio / Departamento Nacional do Comércio, 1931.

Le Cointe, Paul. As pedras verdes da Amazônia. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, v. 7, p. 170-172, 1932.

Le Cointe, Paul. As possibilidades econômicas do Pará. *Diário de Pernambuco*, Ano 108, n. 85, p. 17-18, 13 abr. 1933.

Le Cointe, Paul. *A Amazônia brasileira, árvores e plantas úteis (indígenas e aclimadas): nomes vernáculos e nomes vulgares, classificação botânica, habitat e principaes aplicações e propriedades*. 1a ed. Belém: Livraria Clássica, 1934a. v. 3.

Le Cointe, Paul. *A cultura do cacau na Amazônia*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura / Diretoria de Estatística da Produção, 1934b.

Le Cointe, Paul. Les crues annuelles de l'Amazone et les récentes modifications de leur régime. *Annales de Géographie*, v. 44, n. 252, p. 614-619, 1935.

Le Cointe, Paul. Les plantes à roténone en Amazonie. *Revue de botanique appliquée et d'agriculture coloniale*, v. 16, n. 180, p. 609-615, 1936.

Le Cointe, Paul. Les Animaux curieux de l'Amazonie. *Bulletin de la Chambre de commerce franco-brésilienne*, p. 25-27, septembre 1937.

Le Cointe, Paul. *Apontamentos sobre as sementes oleaginosas, bálsamos, resinas, essências, borrachas, guttas e balatas da floresta amazônica*. 5a. ed. Belém: Instituto Lauro Sodré, 1939.

Le Cointe, Paul. Borrachas sintéticas e borracha natural da Amazonia. *Revista da Associação Comercial do Pará*, v. 5, n. 20-21, p. 107-108, 1940a.

Le Cointe, Paul. Notas relativas ao projeto de criação do Instituto Federal da Borracha e da Castanha na Amazônia. *Revista da Associação Comercial do Pará*, v. 5, n. 20-21, p. 127-134, 1940b.

Le Cointe, Paul. *O Estado do Para: a terra, a água e o ar; a fauna e a flora, minerais*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, ser. 5, v. 5).

Le Cointe, Paul. *Amazônia Brasileira III. Árvores e plantas úteis (indígenas e aclimadas): nomes vernáculos e nomes vulgares, classificação botânica, habitat e principais aplicações e propriedades*. 2a ed. il. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, ser. 5, v. 251).

Le Cointe, Paul. Une lettre de Paul Le Cointe sur l'Amazonie. *Annales : Économies, Sociétés, Civilisations*, v. 3, n. 4, p. 575-576, 1948a.

Le Cointe, Paul. Apontamentos para o plano de valorização da Amazônia. *Economia Amazônica*, v. 1, n. 2, p. 57-71, 1948b.

Le Cointe, Paul. A valorização da Amazônia. *Boletim da Secretaria de Fomento Agrícola do Pará*, n. 6-7, p. 81-89, 1948c.

Le Cointe, Paul. Résurrection de l'Amazonie. *Annales : Économies, Sociétés, Civilisations*, v. 4, n. 4, p. 484-486, 1949a.

Le Cointe, Paul. O clima amazônico (particularmente o clima do Baixo Amazonas). *Boletim geográfico*, v. 7, n. 77, p. 500-508, 1949b. (tradução de « Le climat amazonien et plus spécialement le climat du Bas Amazone », 1906).

Le Cointe, Paul. A floresta amazônica. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 2, p. 3-6, 1949c. (tradução das páginas 1 a 6 de "L'Amazonie brésilienne", 1922).

Le Cointe, Paul. As grandes enchentes do Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 10, p. 175-184, 1949d.

POR TERRA E POR ÁGUA NA AMÉRICA TROPICAL:

NOTAS DE VIAGEM

~~~~~

Da foz  
do  
Rio Madeira  
às suas nascentes  
pelo Panamá

17 de junho – 17 de novembro de 1900<sup>1</sup>

**Paul Le Cointe**

(Notas de viagem: redação estabelecida e corrigida, inédita)

Revisado, mas não publicado.

1954 P. L. C.

---

<sup>1</sup> Paul Le Cointe e a esposa deixaram Óbidos em 17 de junho de 1900 e chegaram a Belém no dia 21 do mesmo mês. Embarcaram para o Panamá somente em 20 de julho de 1900. O dia 17 de novembro de 1900 marca a data em que o casal chegou em Mirlitonville, no rio Madidi, sede da empresa Devès & Compagnie. As datas anotadas na folha de rosto indicam que talvez Le Cointe não planejasse publicar o diário da viagem de volta: o casal deixou o rio Madidi em 10 de setembro de 1901 e chegou a Belém por volta de 20 de janeiro de 1902. A “viagem circular” do casal Le Cointe durou, portanto, um ano e sete meses.

Julho – novembro 1900

## I. De Belém a Barbados

Os Srs. Devès e Cia. [Companhia], de Paris, tendo-me oferecido a gerência de seus estabelecimentos do Beni (Bolívia), me levaram a Manaus em maio para tratar deste assunto com seu representante, o Sr. Martin Norden, que me anunciou sua chegada da Europa. Lá, tendo concordado rapidamente com o contrato, ficou decidido que, enquanto o Sr. Norden subiria até Iquitos para liquidar alguns negócios, eu voltaria para minha casa, em Óbidos, para fazer meus preparativos de viagem. Marcamos nosso encontro em Belém, no fim do mês de junho, já que seguiremos viagem juntos.

No dia 17 de junho de 1900, embarcamos em Óbidos, minha mulher e eu, a bordo do *Conde d'Eu*, da Cia. do Amazonas,<sup>2</sup> e chegamos no dia 21 em Belém. Somente no dia 8 de julho chegou o vapor de Iquitos, trazendo o Sr. e a Sra. Norden. Nossa partida foi logo marcada para o dia 20, pelo primeiro vapor que partisse para Barbados, o *Hildebrand*, da Booth Line.<sup>3</sup> Demos preferência à via Panamá-Mollendo-La Paz<sup>4</sup> por causa da epidemia de peste bubônica que, então, reinava no Rio de Janeiro e que poderia atrasar-nos a viagem, se passássemos pela República Argentina.<sup>5</sup> Quanto a subir pelo [rio] Madeira, nem se poderia pensar. Essa rota, embora mais curta, é a mais difícil. Em S. [Santo] Antônio, ao pé das quedas d'água, sempre faltam homens e embarcações para continuar a viagem, e lá reinam febres terríveis, que tornam a estadia por demais perigosa. Por outro lado, a passagem das quedas d'água teria sido muito penosa para as damas.

No escritório da Cia. [Companhia], recebemos uma má notícia. Qualquer navio saído do porto de Belém é considerado suspeito por causa da febre amarela, que é endêmica aqui, e é obrigado a passar 14 dias em isolamento antes de ter livre acesso a um porto inglês.

A viagem daqui até Barbados dura geralmente quatro dias, mas lá tivemos de fazer dez dias de quarentena. Fora essas precauções, fazem-nos depositar, além do preço da passagem (8 libras esterlinas por pessoa), uma [Fim do fº 2] soma de 5 libras esterlinas como garantia

---

2 Trata-se da Amazon Steamship Company, antiga Companhia de Navegação e Comércio do Rio Amazonas, criada em 1852 por Irineu Evangelista de Souza, futuro Barão de Mauá. Em 1871, a antiga empresa, de capital exclusivamente brasileiro, foi vendida aos ingleses, tornando-se The Amazon Steamship Company, com o monopólio da navegação fluvial na bacia amazônica no Brasil até 1911.

3 Companhia inglesa que, em 1866, estabeleceu uma linha regular de navegação a vapor entre a Europa e a Amazônia.

4 Mollendo, cidade do Peru e porto comercial do Oceano Pacífico. Note-se que Le Cointe fez questão de descrever o caminho que percorreu na região andina, com a preocupação de apontar as distâncias, as posições geográficas, os obstáculos naturais e também humanos, para chegar à Bolívia, que não tem saída direta para o mar.

5 Le Cointe refere-se à possibilidade de chegar à Bolívia pelos rios da Prata e Paraná.

de despesas de quarentena. Por outro lado, o Estado do Pará cobra um imposto individual de 30\$000 réis sobre as passagens.

~~~~~

20 de julho de 1900.⁶ Às 9h da manhã, já estamos a bordo do *Hildebrand*. Foram rápidas as despedidas: a maior parte de nossos amigos está agora na França, atraída pela exposição;⁷ e nós vamos nos internar no centro da Bolívia, na parte mais inacessível da América do Sul, sem comunicação com o Oceano Atlântico, pela série de quedas d'água que atravancam o curso superior do r. [rio] Madeira, nem com o Pacífico, pela imensa Cordilheira dos Andes.

Partimos às 10 horas. Tempo bom. Somos vinte passageiros na primeira [classe], entre os quais várias damas e algumas crianças. O navio tem apenas 1.223 toneladas, segundo o registro, e o espaço reservado aos passageiros, na parte de trás, não é considerável. As cabines são muito estreitas, mas tudo é limpo e bem iluminado, graças à eletricidade. A mesa é variada e bem servida. Durante a refeição, ventiladores elétricos mantêm uma temperatura suportável. Pena que o cozinheiro se sintia obrigado a pôr açúcar em tudo, mesmo na salada!

Às 2h da tarde, começamos a sentir um pouco o marulho; as duas margens não se diferenciam mais no horizonte. O navio está bem pouco carregado; ele dançará muito se o mar estiver um pouco agitado.

Às 8h da noite, nós nos aproximamos do farol de Salinas⁸ e deixamos o práctico, vamos entrar em pleno mar.

21 [de julho]. À noite, o marulho está bem forte. De manhã, bom tempo. A água é de um azul magnífico; muitos peixes-voadores lançam-se em todas as direções, semelhantes a grandes borboletas brancas espantadas pelo navio. Navegamos a somente 70 milhas da costa para aproveitar a correnteza. Ao meio-dia, encontramos-nos de novo em águas turvas: são as águas do Amazonas que a correnteza trouxe até aqui.

6 As datas são escritas por completo apenas na primeira ocorrência do mês: os demais dias são simplesmente designados pelo número.

7 Trata-se da Exposição Universal de Paris, em 1900, na qual o Brasil não foi diretamente representado por causa dos conflitos territoriais com a França (desacordo sobre o traçado da fronteira com a Guiana Francesa). Note-se o contraste que Le Coite estabelece entre esta celebração da indústria e das ciências modernas e as regiões por onde passaria, com vias de comunicação ainda precárias.

8 Vila costeira do estado do Pará, situada na costa atlântica, próxima à foz do rio Amazonas.

Posição ao meio-dia – 2° 26 L. N. [Latitude Norte] – 50° 44' 15'' Lg. O. [Longitude Oeste] de Paris – a 187 milhas de Salinas – (ao largo do Cabo Norte) e a 921 m. [milhas]⁹ de Barbados – curso: N. 46° 16'. O.¹⁰

A maior parte de nossos companheiros de viagem não tem estômago para suportar o balanço [de navios] [Fim do f° 3] e foi refugiar-se nas cabines. Minha mulher suporta bem o mar, melhor do que todos nós.

Nosso capitão, John Diny, de Guernesey,¹¹ fala muito bem francês e português. É um bravo homem, cuja conversa, cheia de bom senso, ajuda-nos a suportar a monotonia da travessia.

22 [de julho]. À noite, o tempo ficou um pouco nublado; caiu um aguaceiro e o marulho, demasiado intenso, fez balançar o navio de maneira desagradável. De manhã, céu aberto, nascer do sol magnífico. O mar, antes de um azul escuro, fica de novo nitidamente azulado por volta das 9h da manhã.

Às 11h, um cardume de atuns vem brincar perto do navio.

Posição ao meio-dia. 6° 2' 8'' Lt. N. – 53° 41' 15''. Lg. O. (ao largo de Caiena)

A distância percorrida desde ontem é de 301 ml [milhas] – curso efetuado: 36° N. O.

Curso a efetuar: 51° 3' N. O. – 625 ml [milhas]

A corrente desviou-nos muito na direção do alto mar, mas também nos ajuda. Ela atinge aqui uma velocidade de aproximadamente duas milhas por hora.

À tarde, neblina, o mar engrossa um pouco e a chuva faz-nos fugir da ponte, onde viemos refrescar-nos.

23 [de julho]. Tivemos uma boa noite, apesar do marulho. De manhã, tempo bom. Inúmeros peixes-voadores.

9 A milha náutica é uma unidade internacional de medida de distâncias na navegação marítima, correspondente à distância de dois pontos da Terra com a mesma longitude e cujas latitudes diferem em um minuto. A milha tem, por convenção, 1.852 metros (exceto nos países da Commonwealth, onde tem 1.853,18 metros). (Fonte: Dicionário Larousse).

10 As siglas utilizadas por Le Cointe são: L. (às vezes, Lt. ou lat.) para latitude; Lg. (às vezes, long.) para longitude; N para Norte; O (às vezes, W) para Oeste. A seguir, o mesmo para os demais pontos cardeais: NE (Nordeste), E (Leste), SE (Sudeste), S (Sul), SO (Sudoeste) e NO (Noroeste).

11 Guernesey, a mais ocidental das ilhas anglo-normandas, próxima da costa francesa.

Posição ao meio-dia. 10° 9' Lt. N. – 57° 34' 15" Lg. O.

Distância percorrida: 318 ml [milhas] a 46° N. O.

Curso a efetuar: 313 ml [milhas] a 57° N. O.

Por pouco, não tivemos um fim de dia triste. Um de nossos companheiros de viagem, o Sr. Ver Valen, dentista reputado em Belém, vai para Nova York com sua jovem esposa e seus filhos, três charmosas meninhas alegres e buliçosas, cujas travessuras nos divertem a todos. Enquanto uma delas corria atrás da irmã, um violento movimento do navio a fez escorregar e a pobrezinha, passando sob a balaustrada, foi precipitada da passarela para a ponte de serviço. Pensávamos que tivesse morrido instantaneamente, mas por sorte [Fim do f° 4] ela sofreu apenas algumas contusões sem importância.

À noite, tempo chuvoso.

24 [de julho]. Não passamos uma boa noite; o balanço muito forte do navio impediu-nos de dormir. De manhã, tempo claro, mas ainda há marulho. Às 9h, tempo nublado, de um momento a outro, cai uma chuva fina e o marulho acentua-se ainda mais.

Posição ao meio-dia. 13° 5' Lt. N. – 61° 32' 15" Lg. O.

Curso efetuado: 53° N. O. – 295 ml [milhas]

Curso a efetuar: Oeste – 20 ml [milhas]

A correnteza empurrou-nos ligeiramente para o norte. Íamos ultrapassar Barbados. Ao meio-dia, repentinamente, a ilha surge na bruma, colinas de altura média são claramente visíveis; seus flancos bem cultivados estão salpicados de pequenas casas brancas, agrupadas em torno das usinas.¹² O conjunto tem um aspecto gracioso e próspero. Contornamos a ilha pelo sul e, às 3h, lançamos âncora diante de Bridgetown, sua capital. Alguns grandes edifícios que aparecem, dos dois lados, denotam ser esta uma cidade muito importante. As casas, pintadas de branco, são todas de madeira; os próprios telhados, de um vermelho intenso, são construídos com pequenas tábuas pintadas. O porto é uma enseada bem protegida e de profundidade razoável. Alguns navios a vapor e muitos barcos, de todas as dimensões, estão ali ancorados.

12 Supostamente, usinas de açúcar.

Ao norte da baía, a duzentos metros do bordo da ilha, há um pequeno ilhéu, onde foi construído o lazareto.¹³ É ali que vamos passar dez dias, como acaba de informar-nos o capitão do porto, que se mantém prudentemente em sua canoa, a cerca de 60 braças¹⁴ do *Hildebrand*. Ridículas precauções, já que o agente da Cia. [Companhia] vem a bordo várias vezes. Estaria imunizado e, então, considera-se que ele é incapaz de transportar algum dos inúmeros micróbios que supostamente devoram-nos?

O ilhéu onde passaremos a quarentena tem o gracioso nome de Pelican Island (Ilha dos Pelicanos). Antes de tudo, transportamos nossas bagagens para a canoa de bordo; finalmente, às 5h¹/₂, desembarcamos, vigiados de perto por um destacamento de polícia, cuja embarcação toma o cuidado de manter-se entre a terra firme e nós, para impedir qualquer tentativa de fuga. É evidente que pensam que nossas fisionomias [Fim do f° 5] assemelham-se às de pessoas capazes de transportar a febre amarela para Bridgetown; os ingleses fazem questão de preservar a excelente reputação do clima de sua ilha.

Foto 1. Ausente do caderno.

II. A Ilha dos Pelicanos: a quarentena

25 [de julho de 1900]. A Ilha dos Pelicanos é um pequeno banco de areia e de coral, cercado de diques, constituídos de restos madrepóricos empilhados uns sobre os outros.¹⁵ O solo, posteriormente elevado pela areia, encontra-se assim ao abrigo das vagas; ali se construiu, sobre estacas, o pavilhão do lazareto. Em uma extremidade, isolado, fica o hospital; na outra, as [Fim do f° 6] habitações reservadas aos viajantes, que devem ficar em observação; uma, para os de primeira classe; outra, para os de terceira. – Tudo é de madeira: os assoalhos, erguidos a 60 cm acima do chão; os telhados duplos, para evitar o aquecimento; e os muros em persianas.¹⁶ Os quartos são amplos, bem arejados, cômodos e limpos. Banheiros para duchas de água doce; vasta cabine na praia para os banhos de água de mar, nada falta. Em suma, instalação prática e excelente para um porto de tão pouca importância.

O serviço está a cargo de um casal de negros, ajudados por uma doméstica ainda mais negra. Com o ilhéu conectado com a terra firme por telefone, pode-se pedir todos os dias tudo o que desejamos. Todos os dias, a pessoa encarregada das compras na cidade, deixa-as na extremidade de um pequeno quebra-mar, situado na frente da casa, agita uma campainha e

13 A palavra designava originalmente um leprosário. Aqui, se aplica às instalações de um porto, onde se faz o controle sanitário e a quarentena das pessoas suspeitas de doenças contagiosas.

14 Em francês, à *demi encablure*. Cada *encablure* equivale a, mais ou menos, 200 metros.

15 Madrepores são variedades de corais marinhos existentes em águas tropicais.

16 Provavelmente, paliçada feita com fileiras de tábuas ou estacas.

retira-se, sob o olhar vigilante de dois soldados de polícia, que escoltaram sua canoa. Nosso hoteleiro vai então buscar as provisões no quebra-mar, sem perigo para os barbadianos.

A noite estava fresca, mas estamos moídos, já que as camas são muito duras. Percorremos o terreno em todas as direções, o que não pede muito tempo. A Ilha dos Pelicanos tem aproximadamente 200 m por 50. As damas estão encantadas; elas chafurdam na água para apanhar caranguejos, que são numerosos, e coletar conchas. Às 8h, a chuva obriga-nos a entrar. Parece que estamos na estação das chuvas.

Às 9h, passando a vau o braço de mar que nos separa da terra firme, chega uma tropa de condenados, acompanhada de três carcereiros.¹⁷ Eles vêm trabalhar no acabamento dos diques de nossa ilha de cascalheira madrepórica.

Os ingleses são uns palhaços! Eles nos consideram como pestiferados. A polícia guarda-nos à vista dia e noite; uma canoa com dois agentes fica sempre estacionada entre a terra firme e nós, mas ninguém teme enviar-nos, todos os dias, 20 ou 30 pessoas para passarem o dia conosco e retornar à terra firme, sem nenhuma desinfecção. Os guardas de cárcere entabulam conversa com algumas negrinhas jovens, que também desembarcaram do *Hildebrand*, mas parecem fazer pouco caso do terrível vírus.¹⁸ – O médico vem de tarde e visita apenas um martinicano, o Sr. Viard, que veio conosco, completamente entrevado de reumatismos; ele [o doutor] nem se informa sobre nossa saúde!

Enfim, paciência, poderia ser pior. Temos sorvete [Fim do fº 7] à vontade, mas a água é fervida e tem um gosto desagradável. Uma outra coisa a que não me habituarei tão cedo é a cozinha inglesa, que tem cheiro de farmácia.

17 Em francês, *garde-chiourme*: muitas vezes, trata-se de um condenado que vigia os outros condenados nas galés e prisões (Fonte: Rey, Alain. Dictionnaire Historique. Paris: Le Robert, Paris, 2010).

18 Le Cointe usa indiferentemente os termos vírus, micróbio etc.



Foto 2

26 [de julho]. Os leitos, levando-se em conta a elasticidade, parecem mais mesas de dissecação. Ao nos levantarmos, estamos todos com torcicolo. Há muitos peixes. Com arco e flechas, apanharíamos muitos facilmente, pois a água é muito clara. Se um dia eu fizer uma nova estadia na Ilha dos Pelicanos, terei o cuidado de me munir de várias ferramentas de pesca. – O jornal, que um amável guarda-carcereiro nos traz, anuncia uma nova revolução na Colômbia;¹⁹ Panamá e Colón²⁰ estão sitiados; a estrada de ferro está interceptada. Que azar! O que vamos fazer? Tudo estará em paz, quando chegarmos? E não tem outra rota!

Nossa cozinheira negra preparou-nos, esta tarde, excelentes sorvetes de baunilha; como fez muito calor durante o dia, nós os apreciamos como mereciam. No fim da tarde, jogamos petanca na areia.²¹ Tirei algumas fotografias, [Fim do f° 8] que vou tentar revelar esta noite. Falta em nossa ilha uma câmara escura; não se pensou em tudo.

19 Trata-se da guerra civil conhecida como a Guerra dos Mil Dias (1899-1902), que levou a Colômbia a perder uma parte de seu território, inclusive o Panamá.

20 Colón, cidade panamenha com um porto voltado para o Caribe, onde se tomava o trem que atravessava o istmo em direção à Cidade do Panamá, voltada para o Oceano Pacífico. O canal do Panamá foi inaugurado somente em 1914.

21 Em francês antigo e no manuscrito, *jeu au cochonnet*, hoje denominado *pétanque*.

27 [de julho]. Esta manhã, às 6h^{1/2}, entra um barco a vapor, o *Navigator*. Ele vai diretamente para o porto, o felizardo! – Comemos peixes-voadores. Parece que é uma especialidade do país; é excelente, dou minha palavra; é semelhante ao linguado. – As marés são muito fracas, o desnivelamento é apenas de 60 cm.



Foto 3

28 [de julho]. Minhas fotografias ficaram muito boas, portanto, trarei comigo algumas lembranças da Ilha dos Pelicanos, onde começamos francamente a nos entediar. A manhã transcorre bem; à maré baixa, eu me distraio a procurar conchas, mas a tarde é terrivelmente fastidiosa. – Um telegrama publicado pelos jornais de Bridgetown anuncia a derrota dos revoltosos no Panamá e o restabelecimento das comunicações. Será que isso vai durar até nossa passagem [por lá]? Até lá há ainda tempo suficiente para duas ou três revoluções [Fim do f° 9].

29 [de julho]. Esta noite um forte temporal abateu-se sobre a ilha. O dia passa vagorosamente. Deambulamos tristemente sobre os quebra-mares de coral, como os melancólicos pelicanos procurando pasto.

30 [de julho]. Tempo esplêndido, sol muito quente, mas aqui tem sempre muito ar. – A revolução, dizem, foi definitivamente sufocada no Panamá. – Viemos a saber que o vapor em que vamos embarcar passa pelo Haiti e pela Jamaica. Boa viagem, provavelmente, mas a travessia do mar das Antilhas é perigosa atualmente. É a época dos ciclones, poderíamos bem nos deparar com um. – Esta manhã chegou um navio de guerra inglês, o Cruzador *Pearl*.

31 [de julho]. Esta manhã entra o *Syracuse*, que vem do Rio de Janeiro. Ele traz a febre amarela a bordo. Duas pessoas mortas, além de cinco doentes. Alerta! Falso, felizmente. Fazem abrir o hospital de isolamento, depois ficamos sabendo que ninguém virá incomodarnos, o *Syracuse* prosseguindo seu desvio de itinerário. Ainda bem, aqui o ar é saudável e não fazemos questão de vizinhos doentes!



Foto 4

[Fim do f° 10]

1º de agosto – quarta-feira. O *Olbers* chegou do Brasil e partiu duas horas depois, sem deixar passageiros.

2 [de agosto]. Último dia de quarentena. Trazem para o hospital um marinheiro de um navio em rota que partirá amanhã à noite. Ele tem a febre e está parálítico. Um guarda especial vem da cidade para cuidar dele.



Foto 5

III. Ilha de Barbados – Bridgetown

3 [de agosto de 1900]. Temporal durante toda a noite; esta manhã ainda chove. Enfim, às 8h, o médico vem suspender a quarentena. Pela primeira vez, ele nos estendeu a mão. É sinal de redenção. Às 8 h^{1/2}, vamos à terra firme, onde um bando de negros nos [Fim do f° 11] espera para agarrar nossas bagagens.²² Felizmente, tínhamos contratado previamente o transporte delas até o hotel Ice House, onde vamos descer, e [assim] escapamos sem muita dificuldade. Fomos a pé, para vermos melhor a cidade. A parte que atravessamos é curiosa; tudo é de madeira, até os telhados; as ruas são pequenas, tortuosas, de larguras desiguais, salpicadas de casinhas de madeira pintadas, quadradas, baixas, com paliçadas. Como se fosse

²² Le Cointe usa pejorativamente o termo *bande*, associado ao verbo *arracher*. Ele desconfia dos negros, que considera mais como ladrões. Aos poucos, durante a viagem, ele mudará de ideia sobre o assunto.

um zoológico, uma espécie de alameda de jardim botânico. As grandes casas de comércio estão agrupadas em uma única rua, Broadstreet, na frente do hotel. (Da Costa tem dois andares, Harrison tem três).

Durante todo o dia alternam-se cinco minutos de chuva e cinco minutos de um sol insuportável. As ruas estão cheias de negros inoportunos, correndo atrás dos transeuntes, grudando para receber algum centavo. Nas ruas principais, as casas sempre inteiramente de madeira, com um único andar, guarnecido por grandes balcões fechados de venezianas. As calçadas muito estreitas, quase sempre sobrepujadas por esses balcões, sustentados por pilares de madeira. As ruas macadamizadas, mas recobertas de uma lama branca viscosa. Os magazines fecham às 4h^{1/2}; os empregados moram fora da cidade. Todos os europeus, aliás, habitam em casas de campo nos arredores e só vêm à cidade para fazer negócios.

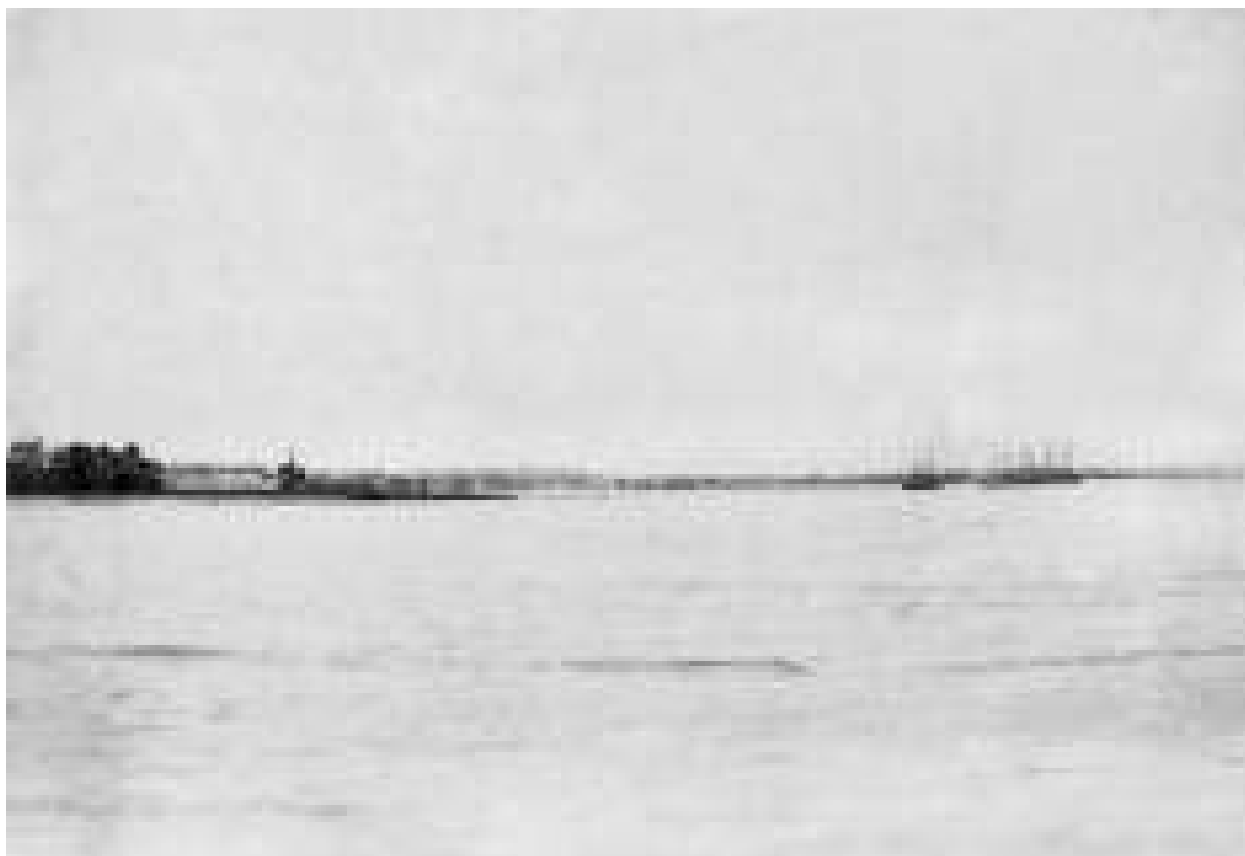


Foto 6

Superfície de Barbados: 166 milhas quadradas. – População da ilha em [18]91: 182.306 h. [habitantes], entre os quais: 15.613 brancos – 43.976 mestiços – 122.717 negros.

Posição: 13° 4' lat. N. e 59° 37' long. O. de Greenwich. [Fim do f° 12].

O Hotel Ice House é uma grande barraca que pretende, pelo seu reclame, passar por um hotel de primeira classe; em suma, não passa de um boteco sujo. Serviço mal-feito, comida ruim (6 *sch.* [*schillings*] por dia, sem vinho).

Após o jantar, fizemos um passeio de coche, durante uma hora, por 2 *sch.* [*schillings*]. Nos arredores de Bridgetown há belas casas de madeira, rodeadas de jardins esplêndidos. As estradas macadamizadas e o terreno plano favorecem a circulação dos carros²³ e das inúmeras bicicletas. De longe, avistam-se colinas, cujos flancos estão cobertos de culturas e salpicados de casinhas brancas com telhados de madeira, pintados da cor de telha escura.

Durante a noite, nenhuma iluminação pública! Nas casas, o gás é de má qualidade, e, como a luz é intermitente, mal posso escrever.

Já me faz falta a Ilha de Pelicanos!

Às 9h N. [Noite] Barômetro: 760 mm. Termômetro: 29° C.



Foto 7

23 Evidentemente, o termo tem aqui o sentido genérico de meio de transporte, incluindo carroças, coches, tílburis etc.

4 [de agosto].

6h M. [Manhã] – B [barômetro]: 759 mm – T [termômetro]: 26°5

Meio-dia – 760 mm 5 – 30°

3h N. [Noite] – 759,2 – 31°5

7h – 758,8 – 30°5

9h – 759,5 – 30°

População de Barbados: 195.000 h. [habitantes], entre os quais 190.000 negros ou mestiços.

Produção da ilha: tabaco – algodão – índigo – açúcar – aloés – *ginger*²⁴

[Fim do f° 13].

A cidade tem o aspecto de acampamentos de um exército, mas tudo é velho, sujo. Tombuctu²⁵ deve ser semelhante a isso, a não ser que lá haja menos negros. A partir de 6h¹/₂ da manhã, os magazines começam lentamente a abrir, os empregados chegam tarde. Existem quatro linhas de bonde que circulam de meia em meia hora, mas a população não parece apreciá-los, estão sempre vazios. Os marcos das esquinas das ruas são velhas peças de artilharia, enterradas pela metade.

24 Em inglês, no manuscrito: gengibre, com o qual se prepara o *ginger ale*.

25 Cidade do Mali, na África central.



Foto 8

Para ter horror de negros, basta morar alguns dias em um lugar como este. Ele [o negro] é chamativo, importuno, mal-educado e sujo. Compreendo agora como um homem de natureza mais afável possa chegar a matar um desses negros que vos perseguem por toda parte, nos magazines, nas escadarias do hotel, para vos oferecer serviços de que não se tem necessidade. Não se pode dar um passo sem ser atacado por um bando de cocheiros pretos como a capota de seus veículos. [Se] seus gritos não vos fazem parar, eles estacionam seus veículos, cortando a passagem, de maneira a vos barrar o caminho, assim vos obrigando a atravessar as poças d'água, a saltar os riachos, e só se escapa às manobras de um para se meter sob as pernas do cavalo de um outro. Um desses cocheiros parou um ciclista para perguntar se ele queria um coche! É para se fechar em casa e não mais colocar o [Fim do f° 14] nariz na rua. Penso que se ficasse por aqui, acabaria cometendo um crime.

Que lugar de mendigos; a rua está cheia de gente em farrapos sórdidos. Todas as mulheres negras trazem um lenço, mais ou menos sujo, amarrado na cabeça, como um turbante. Os negros cobrem a cabeça com os mais extravagantes ornamentos: fundos de chapéu alto, farrapos de chapéus de feltro. E as sobrecasacas de cores inéditas, cujas abas descem até a barriga da perna! Com tudo isso, sapatos brancos furados e, naturalmente, sem meias.

O dia foi seco, calor estafante. À noite, um pequeno passeio de coche refresca-nos e repousa-nos do enervamento que nos causam os negros.

Fizemos algumas compras. As mercadorias são baratas e os magazines bem abastecidos. – O que não se encontra por aqui é tabaco de qualidade; só existe o amarelo dos Estados Unidos, que é realmente repugnante pelo gosto e pelo cheiro.

5 [de agosto].

6h¹/₂ M. [Manhã] – Bar. [barômetro] – 758 mm, 75 – T. [termômetro] – 28°

10h – 759,60 – 29°5

2h T. [Tarde] – 758,80 – 31°5

10h [Noite] – 759,50 – 29°5

Hoje, domingo, tudo está fechado, até os cafés; a cidade está morta.

Foto 9. Ausente do caderno.

Nas ruas, nem mesmo um gato, apenas, cá e lá, destacam-se as silhuetas de alguns [Fim do f° 15] agentes de polícia pretos, como todo o resto.

O negro de Barbados, apesar de ser extremamente provocador, não é mau, ele não ameaça com faca. Depois de suborná-lo, para se ver livre, se lhes damos 2 centavos, ele vai embora encantado.

Vestígios de costumes evangélicos: ontem, às 2h da tarde, em pleno magazine, fomos agarrados por uma negra, em traje de ciclista, que, em voz alta, oferece-nos mulheres de todos os gêneros, persegue-nos, insiste, dizendo que ela as tem de todas as cores, etc.

Foto 10. Ausente do caderno.

Às 2h¹/₂ chega nosso vapor, o *Pará*.

Foto 11. Ausente do caderno.

À noite, fazemos um esplêndido passeio de carro. Isso me reconcilia [Fim do f° 16] um pouco com Barbados. Passeio que começou com o ar fresco do crepúsculo e que terminou com a bela luz da lua. A estrada costeia primeiramente o mar; depois, na volta, contornamos a cidade, seguindo as elevações que a circundam. Em todos os lugares, plantações bem cuidadas, vastos campos de cana-de-açúcar, inhame, batata, milho. Poucas frutas (importam-

se laranjas de Sta. Lúcia). Nas imediações da cidade, lindas casas de campo e belos jardins. As estradas sempre bem entretidas. Decididamente, começo a compreender que se possa viver aqui. Pena que haja tanta negrada²⁶ por aqui! – Para um veículo de quatro lugares, pagamos 3 *sch.* [*schillings*] por hora, é razoável.

Foto 12. Ausente do caderno.

IV. De Barbados a Colón

6 [de agosto de 1900].

6h M. [Manhã] – Bar. [barômetro] 758°50 – T. [termômetro] 27°5

Meio-dia – 759°50 – 31°

10h N. [Noite] – 761°25²⁷ – 29°75

Dia magnífico, o porto está em festa. Estão lá quatro navios da Royal Mail: o *Pará*, da linha principal, e três anexos que asseguram o serviço nas Pequenas Antilhas e na Guiana Inglesa. Ao todo, sete navios devem partir ao alto mar ainda hoje. Embarcamos às 4h no *Pará*, que é um velho navio de ferro, de cerca de 4.000 toneladas. A instalação é boa, as cabines espaçosas, o serviço bem-feito, ao que parece [Fim do f° 17].

26 Em francês, no manuscrito, *moricauds*, palavra que deriva de mouros e que, na época, tinha sentido pejorativo. Designava, geralmente, negros e mestiços.

27 Le Cointe utiliza, de maneira errada, o símbolo de graus (temperatura) no lugar do milímetro para transcrever as medidas de seu barômetro.



Foto 13

Cinco ou seis canoas, em forma de losango, com fundo plano, feito de tábuas de pinheiro, cada uma com dois negros a bordo, agrupam-se perto do navio. Os remadores entoam uma barcarola²⁸ e, depois, começam os exercícios de natação. Qualquer moeda miúda jogada do navio ao mar é apanhada por esses intrépidos mergulhadores antes que elas toquem o fundo. Por uma moedinha, todos se precipitam de cabeça. Nada é perdido. Eles reaparecem na superfície da água com a moeda nos dentes, jamais cansados, empurrando-se, gritando, mergulhando sem parar. Por um *schilling*, eles atravessam a quilha do navio, de um lado para outro.

28 Em francês, *Barcarole* ou *Barcarolle*, canto dos barqueiros.



Foto 13bis

[Fim do f° 18]

Depois, chega uma canoa cheia de negros; é uma banda de músicos: um pistão, um violoncelo, um trombone, dois baixos, uma flauta e um triângulo. Eles tocam alguns ares alegres sem grande resultado: o pouco de dinheiro que as pessoas jogam repercute na canoa, cai na água e é apanhado pelos mergulhadores. Os músicos só recebem em cheio as gotas d'água que os mergulhadores fazem ricochetear, ao mergulhar. Eles não tardam muito a partir e tentar o efeito de suas melodias junto a outros barcos onde a concorrência é menor. Às 5h, os três anexos partem. Nós mesmos partimos, por volta das 7h da noite. O mar é bonito, muitos e alegres passageiros. Já muito tarde, na ponte ressoam os oboés acompanhados por um piano que ali fora instalado.

7 [de agosto]. Passamos a noite entre Sta. Lúcia e São Vicente. Vamos diretamente para Jacmel (Haiti). Avançamos a toda velocidade e a estabilidade do navio torna o marulho quase imperceptível. Além disso, o mar está muito calmo. De manhã, nuvens de peixes-voadores riscam o azul escuro das vagas como relâmpagos prateados.

Tempo magnífico.

3h M. [Manhã] T. [termômetro] 28°5 – Bar. [barômetro] 760 mm

7h – 28°5 – 760 mm

10h – 28°75 – 761°5²⁹

2h T. [Tarde] – 29°75 – 761°

6h [Noite] – 29°25 – 761°

10h – 28°5 – 761°5

8 [de agosto]. Avançamos, em média, a 14 milhas por hora. O tempo continua bom. À noite, tem baile na ponte. O capitão, muito amável e alegre, dirige a festa. Não faltam jovens e, entre os passageiros, encontram-se uma meia dúzia de moças que vão à Jamaica. Como para o jantar, os homens portam costumes pretos e as mulheres estão bem-vestidas, a ponte transformou-se em um salão de festa dos mais elegantes. Nesse momento, aprovo a maneira de se trajar dos ingleses em seus navios, mas, por exemplo, ao meio-dia, dispensaria tal rigor; o traje preto convém pouco a esses climas, ainda mais em uma sala de jantar mal ventilada.

Em suma, luxo aparente, nada de fundo. Muitos empregados domésticos, mas serviço [Fim do f° 19] mal feito. À mesa, mordomos em luvas brancas, sujas, completamente perdidos para dar conta de servir, cada um, quatro pessoas. – Cardápio longo, mas sem variedade, comestíveis de qualidade inferior; carne e peixe conservados no gelo, nunca frescos, com um gosto de coisa podre. – As bagagens estão em um porão escuro, absolutamente inabordável.

Tempo muito bom.

6h M. [Manhã] – T. [termômetro] – 28°5 – Bar. [barômetro] 760 mm 75

10h – 29°5 – 762 [mm]

1h T. [Tarde] – 30° – 761 mm 5

4h – 30° – 760 [mm] 25

8[h] [Noite] – 29°5 – 760 [mm] 50

10[h] – 28°75 – 761 [mm] 60

Foto 14. Ausente do caderno.

29 A partir das 10h, Le Cointe confunde graus e milímetros ao anotar as medidas de seu barômetro.

9 [de agosto]. Chegamos a Jacmel (Haiti), às 6h da manhã. A cidade situa-se no fundo de uma pequena baía, encastrada entre colinas bastante elevadas e cobertas de florestas. Ao fundo, uma cadeia de altas montanhas surge pouco a pouco do nevoeiro que o sol absorve. O porto parece bem pouco animado; nenhuma embarcação. Às 7h^{1/2}, nós [Fim do f° 20] partimos. Costeamos a ponta oeste do Haiti. A região é arborizada, montanhosa, terminando por altos penhascos ao longo do mar. Ela parece totalmente desabitada. Na extremidade da ilha da Vaca, encalhou um grande navio a vapor de quatro mastros: o *Corinthia*.

Tempo abafado, calor insuportável.

1h M. [Manhã] – T. [termômetro] 28°5 – Bar. [barômetro] 760 mm 6

6h – 28°5 – 760 mm 2

9h – 27°5 – 760 mm 9

Meio-dia – 29° – 760 mm 9

2h T. [Tarde] – 29°5 – 760 mm 2

3h T. [Tarde] – 29°75 – 760 mm 1

4h T. [Tarde] – 31° – 760 mm

6h N. [Noite] – 31° – 760 mm 25

9h^{1/2} – 30°5 – 761 [mm]

10 [de agosto]. Às 6h^{1/2} da manhã, chegamos em Kingston (Jamaica). A cidade é muito bem situada no fundo de uma baía profunda, cujo acesso tornou-se perigoso devido aos recifes de coral, felizmente bem iluminados. Na entrada, à direita, fica a cidadezinha de Port Royal. Um círculo de altas montanhas cerca a baía. O *Pará* toca o grande cais de madeira, pertencente à Cia. da Royal Mail. Fomos passear na cidade. Ela tem o aspecto da cidade de Bridgetown, mas com melhor aparência. Aqui, a maior parte das construções é feita com tijolos. Como lá, as calçadas das principais ruas são cobertas por grandes balcões salientes, fechados por venezianas e sustentados por colunas de madeira. O calor é terrível, o solo de um branco brilhante reflete o sol e essa reverberação cega. Por momentos, turbilhões de vento levantam uma nuvem de poeira impalpável, que entra nos olhos e acaba tornando o passeio pouco agradável nessas horas quentes do dia! Tomamos o bonde para ir visitar os subúrbios mais comodamente. Os bondes são à tração elétrica e muito confortáveis. Há numerosos bons magazines, as mercadorias são baratas, mas, como em Barbados, os negros, em grande número, são insuportáveis. Os cocheiros, entre outros, apesar da vigilância da polícia, que os obriga a circular, são a assassinar. Eles [Fim do f° 21] vos barram o caminho, vos perseguem com seus chamados, vos seguem durante 10, 15 minutos, sem se desencorajar. – Demos uma

volta no mercado, vasta construção limpa e bem organizada, onde há magníficas frutas de todas as espécies, em abundância. Fizemos uma provisão. Se não fosse esse calorão, a vida não seria desagradável aqui: a região é rica e tem muitos recursos; o clima parece saudável, ela se situa em lugar alto. O quartel dos soldados europeus fica quase no topo das montanhas que se erguem atrás da cidade, em New-Castle. Voltamos a bordo do navio para o jantar. O vento, que era forte à tarde, diminui completamente no início da noite, e a gente sufoca nas cabines. Por outro lado, o barulho que fazem os carregadores de carvão impede-nos de fechar os olhos.

6h M. [Manhã] – T. [termômetro] 29° – Bar. [barômetro] 759 mm 6

2h T. [Tarde] – 31° – 759 mm 5

5h½ – 30°25 – 759 mm 7

9h½ [Noite] – 30° – 760 mm 5

11 [de agosto]. Partimos às 2h da tarde. Venta muito, o mar está agitado, mas o navio balança pouco. À noite, parecia que o tempo iria ficar feio, o mar engrossou, mas o barômetro manteve-se muito alto, nada aconteceu.

De manhã, ainda fomos passear de bonde nos arredores de Kingston. Como cerca, utilizam cactos espinhosos, o que dá um aspecto curioso ao campo. Muitos coqueiros; em geral, muitas frutas. As marés são quase imperceptíveis, o que podemos notar passando pela praia.

6h M. [Manhã] – T. [termômetro] – 29°25 – Bar. [barômetro] – 760 mm 2

10h – 31°50 – 762 mm 7

2h T. [Tarde] – 31° – 762 mm 8

3h – 31° – 760 mm 6

7h½ [Noite] – 31° – 762 mm

9h – 30°75 – 762 mm 1

[Fim do f° 22]

12 [de agosto]. Domingo

6h M. [Manhã] – T. [termômetro] 29°5 – Bar. [barômetro] 759 mm 9

Meio-dia – 29°5 – 759 mm 8

3h T. [Tarde] – 29°75 – 757 mm 9

10h [Noite] – 29°75 – 759 mm 9

Forte ventania durante todo o dia; tempo nublado, incerto; mar um pouco agitado.

13 [de agosto]. Desde de manhã, costeamos a costa rochosa do Istmo do Panamá. Chegamos a Colón às 11h. O navio acosta em uma plataforma de madeira. Os telhados dos armazéns do porto, de zinco, estão crivados de buracos. Dizem que são os vestígios da última revolução. Nossas bagagens vão diretamente para a estação da estrada de ferro do Panamá e nós vamos almoçar no Grande Hotel Suíço. Comida boa e barata. Todas as construções são de madeira e erigidas ao longo da estrada. Não é uma cidade e sim um grande acampamento: tudo parece provisório. Vê-se bem que houve um grande impulso, mas que depois tudo foi paralisado, caindo em decadência. A maior parte dos magazines de varejo é entretido por chineses. As ruas são sujas, o terreno em que as casas são construídas é pantanoso. Isso deve favorecer muitas doenças.

Às 2h45, partimos para o Panamá [Cidade do Panamá]. Temos o direito de despachar apenas 30 libras de bagagem por pessoa; para o percurso, pagamos 30 *cents* por quilo. É caro. O trem parece um longo bonde, mal entretido e incômodo. Avança lentamente. De tempos em tempos, a estrada ladeia o traçado do canal. Em toda parte, imensos armazéns cheios de máquinas; nos campos, vagões, trilhos, guindastes etc. De lugar em lugar, agrupamentos de casas de madeira, isto é, o acampamento do pessoal. Tudo abandonado, mas as máquinas parecem bem cuidadas, a maior parte em bom estado de conservação. O único lugar em que se trabalha é na Culebra, a grande dificuldade é a espinha dorsal do Istmo.³⁰ Há lá, atualmente, perto de 2.000 trabalhadores, negros da Jamaica. Dizem-me que eles trabalham bem e suportam perfeitamente o clima. Ainda vão trazer mais 1.000, mas ainda tem muita coisa para fazer! Enfim, parece que nunca se trabalhou tanto quanto agora e também economicamente. Se isso continuar, veremos talvez um dia terminar o famoso [Fim do f° 23] canal, que nos teria evitado uma desagradável baldeação, se já existisse.

Foto 14bis. Ausente do caderno.

V. De Panamá a Mollendo

Capengando, chegamos ao Panamá [Cidade do Panamá] às 6h da tarde. Nossas bagagens vão para o porto de embarque do Pacífico e vamos hospedar-nos no Hotel Central. Ficaremos alguns dias no Panamá para esperar a partida do vapor da Cia. Chilena. É uma cidade

30 O Corte Gaillard ou Corte Culebra é o nome dado a um vale artificial cortado na serra homônima, fazendo parte do Canal do Panamá.

antiga, feia, as ruas tortuosas, com subidas e descidas, pavimentadas de calhaus, horríveis para as plantas dos pés. Tem luz e bondes elétricos, mas que bondes! Eles só circulam entre 5 e 7 horas da noite! E que sujeira, em toda parte! As ervas crescem nas ruas enfeitadas de lixo. À maré baixa, exala do porto um mau cheiro insuportável. A maior parte das casas, todas de madeira, são pardieiros infectos onde formiga uma quantidade de chineses não muito limpos. Em todo lugar [Fim do f° 24] enxames de moscas zumbem, odores indefinidos impregnam o ar.

O Hotel Central está situado na única praça limpa, bem ajardinada,³¹ em frente da catedral. É um grande e belo estabelecimento, bem entendido, para um lugar como este, mas que atualmente anda meio deserto. A gente se perde nesses vastos salões sem mobília; nos corredores, caminham de um lado para outro alguns raros viajantes. O cozinheiro é francês, vamos poder recuperar um pouco nosso estômago estragado pelos produtos químicos do *Pará*.

6h M. [Manhã] – T. [termômetro] 28°5 – Bar. [barômetro] 759 mm 4.

14 [de agosto]. Noite fresca, mas às 10h o sol já está muito quente. Enquanto estava à janela do meu quarto, passou um destacamento de tropas regulares em andrajos, pés nus, vestidos de trapos de todas as cores, a cabeça coberta de um grande chapéu pontudo, de palha. Dir-se-ia um bando de bandidos calabreses. O oficial que os conduz tem aspecto miserável, de militar somente traz o quepe e o sabre; ele amarrou no pescoço uma toalha suja. Nas ruas não se encontra um único soldado vestido com um uniforme completo, apenas com farrapos multicoloridos. Alguns trazem um sabre como único equipamento, [Fim do f° 25] outros, um quepe; e outros tantos, uma calça etc.

Foto 15. Ausente do caderno.

A aparência da guarda da caserna também é fantástica: que caras de bandidos! – Todas as mulheres e mocinhas saem à rua sem chapéu, a cabeça quase sempre coberta por uma mantilha preta, raramente branca, aliás, elas estão quase sempre vestidas de preto, muito pálidas e, além disso, cobertas por uma espessa camada de pó de arroz, que também contribui para lhes dar um aspecto pouco agradável.

Os dias são quentes, mas esfria muito assim que o sol se põe.

3h T. [Tarde] – T. [termômetro] – 29° – Bar. [barômetro] 755 mm 4

5h – 29°5 – 755 mm 4

8h [Noite] – 28°75 – 757 mm 3

³¹ No manuscrito, *bien'ajardinée*. Essa não é uma expressão francesa aplicável a este contexto. Em português existe o verbo ajardinar, logo, o adjetivo ajardinado. É este, provavelmente, o sentido da expressão utilizada por Le Cointe. Em francês, *bon à jardiner* significa bom para se fazer um jardim.

15 [de agosto]. Estivemos no palácio do governo para tirar nossos passaportes, em vista do estado da revolução. O guarda está descalço, vestido como um bandido de *vaudeville*:³² grande chapéu pontudo, ornado de uma pena de abutre, enorme cinturão, onde balança um longo sabre, vestimenta, segundo o gosto de cada um, sem sapatos. Eu não sei se a recente revolta basta para explicar tantos andrajos. – Quanto à polícia, pelo menos está vestida decentemente, à inglesa. À noite, às 5h, [fim do f° 26] música na frente do hotel, no jardim público. As damas comparecem, parece que é dia de festa. Vemos, enfim, algumas moças bonitas, mas muito brancas e, sobretudo, muito empoadas.

6h M. [Manhã] – T. [termômetro] – 26°75 – Bar. [barômetro] 757 mm 3

10h – 27°5 – 757 mm 8

2h T. [Tarde] – 29° – 756 mm 9

6h [Noite] – 29°30 – 757 mm 1

16 [de agosto]. Dia da partida. O transporte de nossas bagagens da estação de trem até o trapiche³³ custa-nos ½ lb. [libra]. De lá, o resto corre por conta da Companhia de Navegação. Às 5h da tarde, embarcamos no pequeno vapor *Bolívar*, que nos conduz a bordo do *Loá*, a ½ hora daqui. O *Loá* é um navio que pertence à Cia. Chilena Sul Americana; de 1.487 ton. [toneladas] de registro. A passagem até Mollendo vale 25 lb. [libras], 5 por pessoa.

6h M [Manhã] – T. [termômetro] 27° – Bar. [barômetro] – 757 mm 3

17 [de agosto]. Partimos hoje à meia-noite e meia. O *Loá* tem excelentes acomodações para os passageiros. Seu interior é muito mais luxuoso do que o do *Pará*, com bela sala de jantar na ponte superior, fresca, bem iluminada e bem ventilada. Belas e grandes cabines, que podem, se se quer, comunicar duas a duas entre elas. Porém, a comida é muito ruim, o pão atroz, os domésticos sujos e mal-educados. Vê-se bem que estamos em um navio sul-americano. – Se a ponte de passageiros é limpa, pela simples razão de que estes, pouco numerosos, não a sujam, o mesmo não ocorre com a segunda ponte. Ali fica o gado e o navio está infestado de um forte cheiro de urina pútrida que jamais é lavada. O navio não consegue avançar muito, pois é muito largo em relação ao comprimento.

32 Personagem característico de um gênero de entretenimento de variedades comum no final do século XIX.

33 Vocábulo em português, usado no manuscrito.

Somos os únicos passageiros vindos pelo *Pará* que esperaram o *Loá*; os outros continuaram imediatamente a viagem pelo vapor da Cia. do Pacífico, que partiu do Panamá [Cidade do Panamá] na mesma noite em que chegamos a Colón. Eles tinham bilhetes diretos para a costa. Em Colón, eles não precisaram transportar suas bagagens até a estação, elas foram levadas diretamente para a ponte de embarque do Panamá [Cidade do Panamá]. É o que, de fato, nós deveríamos [Fim do f° 27] ter feito; teria sido mais econômico e, além disso, o Panamá não vale uma estadia de mais de três dias.

3h T. [Tarde] – T. [termômetro] – 29°5 – Bar. [barômetro] 757 mm 6

6h [Noite] – 29° – 757 mm 5

8h – 28°½ – 757 mm 3

18 [de agosto]. Dia nublado, vento fresco, leve marulho. O *Loá* vai devagar.

6h ½ M. [Manhã] – T. [termômetro] 27° – Bar. [barômetro] 757 mm 7

9h – 27° – 759 mm 4

3h T. [Tarde] – 27°¼ – 757 mm 8

6h N. [Noite] – 27° – 757 mm 7

8h – 26°½ – 759 mm 4

19 [de agosto]. Tempo nublado, fresco. À noite, o mar esteve agitado, acalmando-se somente pela manhã. A partir de 7h, pôde-se avistar à leste, atravessando a bruma no horizonte, aqui e ali, alguns picos das cordilheiras. À 1h, passamos ao largo do Cabo San Lorenzo. Às 3h, passamos pela ilha Plata, ao largo da costa. É uma pequena ilha rochosa, com margens abruptas, sobrepujada de um farol. À noite, espantamos um cardume de peixes grandes, que fugiram na direção da terra firme, dando, às vezes, saltos prodigiosos. Às 9h da noite, passamos ao largo do farol da Ponta de Santa Helena, que limita ao norte o Golfo de Guayaquil.

6h M. [Manhã] – T. [termômetro] – 24°½ – Bar. [barômetro] – 759 mm 8

10h – 24°¾ – 760 mm 4

1h T. [Tarde] – 24°½ – 760 mm

3h – 24°¼ – 759 mm 4

5h – 24° – 759 mm 5

9h [Noite] – 23°¼ – 760 mm 4

20 [de agosto]. De manhã, costeamos a ilha Puña [Puná], no sudeste.³⁴ Já estamos no rio de Guayaquil. Decididamente [Fim do f° 28] nosso vapor não avança, é uma verdadeira carroça e, assim sendo, a máquina faz tremer tudo. Poderíamos pensar que estamos a bordo de um torpedeiro lançado a toda velocidade, se não víssemos sempre o mesmo ponto da costa através do navio.

Às 9h, lançamos âncora na frente da cidade de Puña [Puná]. É o lazareto de Guayaquil. O *Guatemala* também está aqui. É o navio que saiu do Panamá, no mesmo dia em que chegamos, e percebemos a bordo alguns dos passageiros que viajaram conosco no *Pará*. É evidente que vamos ter de fazer quarentena. A visita médica se faz esperar. Na costa, percebemos apenas uma dezena de casas, nenhuma embarcação visível. Enfim, após duas horas de espera, a visita médica vem a bordo. Nossa sentença é pronunciada: dois dias de quarentena, em vista da circunstância atenuante de não se ter manifestado nenhum caso de febre amarela no Panamá, desde dois dias. O que possivelmente pode ocorrer é que ela se manifeste agora, a bordo: desde nossa chegada, faz mais calor e o odor infecto que vem da parte baixa [do navio] difunde-se em toda parte. Tempo abafado.

Somos obrigados a depositar, como despesa de quarentena, ½ lb. [libra] por dia e por pessoa. Já nos fizeram depositar ½ lb. [libra] pelas duas chaves e por nossas cabines! Apesar disso, comida repugnante. Todos os pratos, qualquer que seja, são servidos com um molho viscoso, sempre o mesmo, qualificado no cardápio ora como inglês, ora como francês, outras vezes, como italiano, ou até chileno e peruano. O vinho é chileno e nem por isso é melhor, bem ao contrário.

À noite, tempo fresco e os mosquitos não vêm aborrecer-nos, embora estejamos apenas a 400 m da terra firme.

O *Guatemala* lança âncora às 10h da manhã, indo para Guayaquil. Foram três dias de quarentena.

6h½ M. [Manhã] – T. [termômetro] – 23° – Bar. [barômetro] – 760 mm 2

9h – 23°½ – 760 mm 4

1h T. [Tarde] – 24°¾ – 759 mm 7

4h – 24°½ – 757 mm 9

9h [Noite] – 24° – 760 mm 4

34 À entrada do golfo de Guayaquil, é a maior ilha do Equador, à exceção de Galápagos.

21 [de agosto]. Tempo nevoento. Às 11h, chega o barco alemão, o [Fim do f° 29] *Totmes*, de Hamburgo. – Às 2h, chega o *Herodot*, também de Hamburgo; em seguida, passa o *Guatemala*, saindo de Guayaquil.

7h M. [Manhã] – T. [termômetro] – $23^{\circ}\frac{1}{2}$ – Bar. [barômetro] – 760 mm 4

11h – $23^{\circ}\frac{3}{4}$ – 760 mm 3

1h T. [Tarde] – 24° – 759 mm 8

6h [Noite] – 25° – 759 mm 5

10h – $24^{\circ}\frac{1}{2}$ – 760 mm 4

22 [de agosto]. O rio Guayaquil lembra-me o Amazonas. Mesma rede de canais largos ou estreitos separando uma infinidade de ilhas baixas; ao longe, algumas pequenas montanhas isoladas, do mesmo tipo que as de Prainha.³⁵

A força da maré faz sentir-se intensamente aqui. As águas leitosas, durante a maré baixa, são de um verde-claro sujo, quando as águas sobem. Às 9h da manhã, a quarentena foi suspensa, mas devemos esperar que a maré seja favorável. Partimos ao meio-dia, com tempo nublado, anunciando temporal.

35 Cidade do baixo Amazonas, próxima a Óbidos.



Foto 16

Primeiramente, contornamos uma ilha baixa coberta por uma vegetação [Fim do f° 30] uniforme. Sequer uma árvore, nem uma palmeira. Em um dado momento, aproximamos da margem, chego a reconhecer as árvores de mangue com tronco esguio, desprovidas de grandes ramos, de múltiplas raízes, emergindo da água na maré baixa.

Chegamos a Guayaquil às 3h. De longe, o aspecto da cidade é agradável. Ela estende-se ao longo da margem direita do rio, encostada em pequenas colinas. Lançamos âncora a 300 metros da margem. No rio, encontramos um grande número de jangadas, que cortam dificilmente a corrente com seus dois grandes remos, e também algumas canoas indígenas feitas de um único tronco, com bordas verticais, proa e popa alongadas e elevadas, munidas de uma pequena vela quadrada.

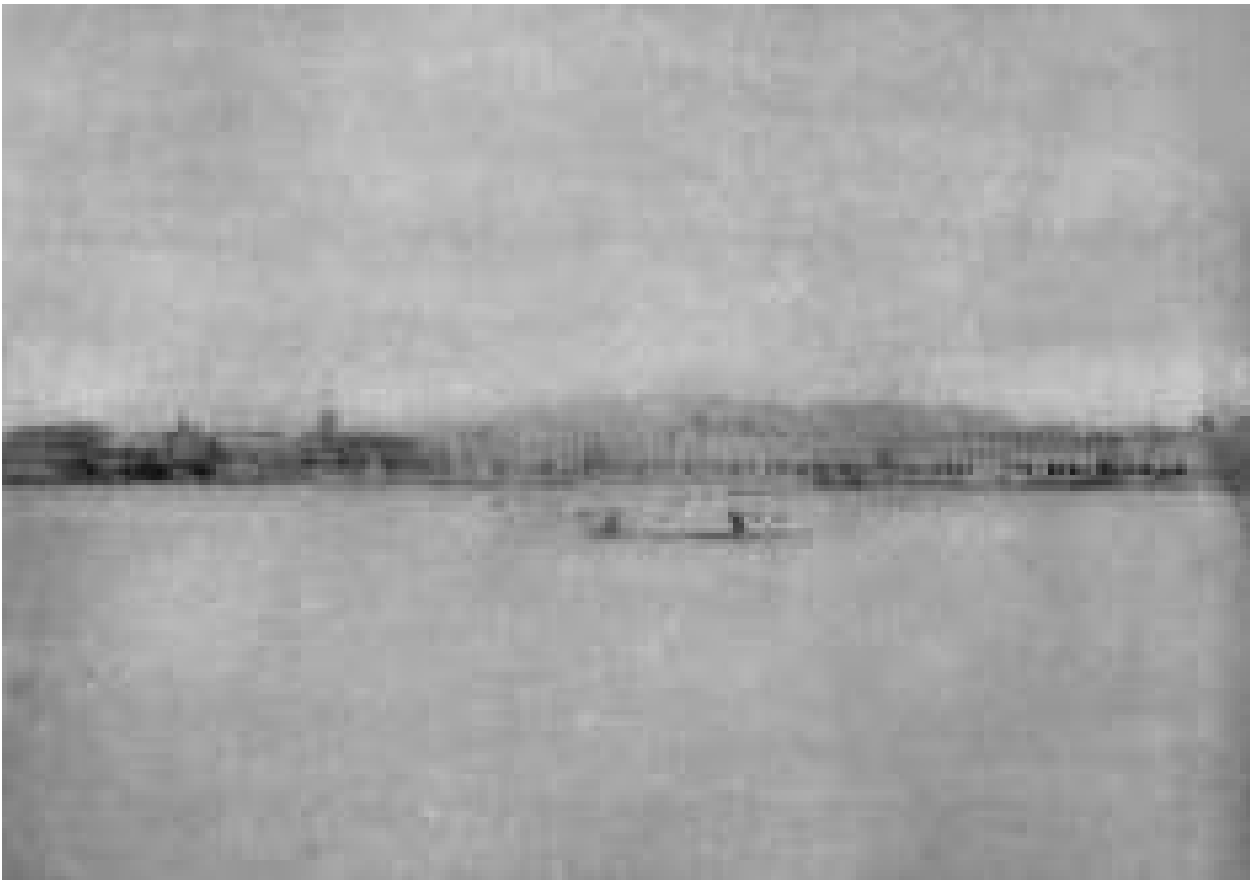


Foto 17

Quase todos os nossos companheiros de viagem desembarcam. Amanhã visitaremos a cidade, que parece muito animada.

6h M. [Manhã] – T. [termômetro] 24° – Bar. [barômetro] – 759 mm 8

[Fim do f° 31]

11h M. [Manhã] – T. [termômetro] – 24° – Bar. [barômetro] – 759 mm 9

Meio-dia – $24^{\circ}\frac{1}{2}$ – 759 mm 7

6h N. [Noite] – $25^{\circ}\frac{1}{2}$ – 757 mm 4

9h – $25^{\circ}\frac{1}{2}$ – 759 mm 6

23 [de agosto]. Mal amanhece o dia e já um grande número de canoas carregadas de frutas acostam o *Loá*. Embarcam uma enorme quantidade de bananas e laranjas.



Foto 18

Às 8h vamos à terre firme. Um esplêndido ramalhete de louros cobertos de flores embeleza a saída do desembarcadouro. A cidade é toda feita de madeira, as ruas largas, cortando-se em ângulo reto. Não mais balcões, como nas Antilhas, mas belas casas de dois andares, projetando-se sobre as calçadas, formando, dessa maneira, arcadas ininterruptas. Belos magazines nas três ou quatro ruas paralelas ao rio. Mais longe, tudo é sujo. Em todo caso, o incêndio, que devorou $\frac{3}{4}$ da cidade há dois anos, fez bem. Se um sinistro desse tipo não viesse de tempos em tempos fazer uma limpeza [Fim do f° 32] completa, a imundície invadiria tudo, pois nunca se pensaria em derrubar os casebres apodrecidos. A reconstrução ainda não terminou, mas trabalha-se para isso ativamente. A carcaça dos edifícios é de madeira, os muros são feitos de bambus fendidos, recobertos de emboços ou de tábuas pintadas, imitando pedra. A fachada é, na maioria das vezes, ornada de esculturas em madeira de um belo efeito. O seguro é de 7% sobre o valor dos imóveis, de maneira que um incêndio a cada dez anos é quase desejável.

As ruas são bem pavimentadas, com grandes lajes de 30 a 40 cm de lado. Os bondes são conduzidos por mulas magras e os empregados desses veículos são tão sujos que só com pinças se pode tocá-los, e ainda assim com cuidado.

Embora o sol, ao meio-dia, seja muito quente, não se transpira, pois o ar é seco e fresco. Caminhamos a pé até uma pequena colina que se ergue ao norte e onde se erguem, sobre os seus flancos, casinhas de tábua que, de longe, parecem bastante agradáveis, mas que, de perto, exalam um cheiro bem pouco atraente: é a parte da cidade que não queimou.

A iluminação é a gás, bastante abundante. Uma rede completa de telefone serve a cidade toda. Os carros fúnebres são bem adaptados para as vias de bonde.

O comércio parece ativo. Muitos chineses e italianos. Como no Panamá, as mulheres não saem na rua sem seus grandes chales pretos e os [Fim do f° 33] homens do povo cobrem-se, apesar do sol, com ponchos de várias cores chamativas, principalmente o vermelho.



Foto 19

Às 3h, chega o vapor *Quito*, da Cia. do Pacífico.

Foto 20. Ausente do caderno.

Deveríamos partir às 4h da tarde, mas só partiremos às 2h¹/₂ da [Fim do f° 34] manhã, porque há ainda bananas e laranjas para embarcar! Essas frutas destinam-se, dizem, a Valparaíso.³⁶ Se continuarmos a avançar nessa velocidade, nem sei em que estado elas vão chegar.

Foto 21. Ilegível

À noite, às 9h¹/₂, quando íamos nos deitar, ouvimos, de repente, vindos do lado da proa, estalidos, seguidos de um choque violento que abala o navio. Alerta! Foi o *Quito* que

36 Cidade portuária situada na costa chilena.

arrastou suas âncoras e se chocou contra o nosso [navio], empurrado pela corrente violenta da maré que baixa. A proa do *Loá* sofreu o choque na traseira, na altura do mastro da mezena. Ele [o vapor *Quito*] barra a passagem e a correnteza, exercendo uma forte pressão sobre ele, faz com que se incline abruptamente; mas nosso capitão logo faz arriar a corrente de nossa âncora, que resistiu, e o *Quito* pôde ser recuperado, posicionando-se ao lado do *Loá*; apenas fica presa a traseira, que mordeu a proa do *Loá*. Em suma, no fim das contas, só temos avarias insignificantes porque o gurupés do *Loá*, muito saliente, amorteceu o choque.³⁷ O *Quito* teve uma canoa arrebatada e algumas avarias nas obras mortas.³⁸ Só poderemos nos separar quando a correnteza diminuir.

7h M. [Manhã] – T. [termômetro] – 24°¾ – Bar. [barômetro] – 759 mm 6

Meio-dia – 25°½ – 759 mm 4

3h T. [Tarde] – 26°½ – 757 mm 3

[Fim do f° 35]

24 [de agosto]. Às 2h½ da manhã, partimos, sem acidente. Às 7h menos ¼, passamos novamente pela cidadezinha de Puña [Puná], onde, parece, pessoas de Guayaquil vêm passar a estação quente (o inverno³⁹).

Às 11h45, chegada em Tumbes, primeiro porto da costa peruana. Lançamos âncora a 100 metros de uma costa baixa; nenhuma habitação em vista, árvores em toda parte. Tumbes fica a alguma distância no interior, às margens de um pequeno rio, cuja foz podemos perceber vagamente. Nem apitamos. Nada se mexe; quanto tempo ainda perderemos aqui? Enfim, apitamos, mas sem resultado. Finalmente, às 3h½, chega a visita médica; em seguida, uma barca, que nos traz como carga duas dúzias de barris vazios e 50 cocos. E é tudo, nada para descarregar, nem correio. Às 4h½, tudo está pronto, mas o capitão do porto está com fome e pede que sirvam seu jantar. Esperamos, então, que o Senhor tenha terminado de tomar seu café e comer seu pão com manteiga! Partimos às 5h½.

Noite escura – tempo nublado. Brisa fria. Tumbes fica a 1.417 km do Panamá.

1h M. [Manhã] – T. [termômetro] – 25°5 – Bar. [barômetro] 759 mm 6

7h – 25°35 – 759 mm 7

37 Gurupés é o mastro que aponta para a frente, colocado no bico da proa.

38 O termo “obras mortas” é usado em construção naval para se referir à parte do casco localizada acima da linha d’água em condições de carga total e que permanece constantemente exposta.

39 Isto é, inverno na Europa.

2h T. [Tarde] – 24°5 – 757 mm 7

3h½ – 24° – 757 mm 4

6h [Noite] – 23°75 – 757 mm 8



Foto 22

[Fim do f° 36]

25 [de agosto]. Para nós, que estamos habituados a uma temperatura média de 30°, faz frio; esta noite tivemos de nos cobrir com cobertores de lã!

Foto 23. Ilegível

De manhã, a costa aparece, ladeada de altas falésias rochosas. Às 8h, chegamos a Payta [Paíta],⁴⁰ que se encontra ao pé mesmo da falésia, em uma de suas cavidades. Dali, parte uma estrada de ferro que sobe na direção norte, em um plano inclinado durante 1 km, e depois dobra para o interior. O navio lança âncora a 300 metros da terra firme, não longe de um grande cais de ferro, provido de dois guindastes a vapor. Mal o médico parte do *Loá*,

40 Cidade portuária do extremo norte do Peru.

17 canoas deixam a terra firme, lutando com velocidade para alcançar o navio. Este embarca um certo número de passageiros de terceira classe. Muitos índios vêm vender chapéus do Panamá. Mas os pobres diabos, não conseguindo vender grande coisa, acabam deixando suas mercadorias quase de graça, visto o trabalho delicado da palha. Compro por 6 *soles* um chapéu de qualidade, que deve ter bem custado duas semanas de trabalho e que no Brasil valerá pelo menos 200 mil réis.

Payta [Paita] tem a reputação de ser o lugar mais seco do mundo; o intervalo entre duas ocorrências de chuva seria ali de sete anos [Fim do f° 37].

Na costa, não se avista nenhuma espécie de vegetação. Em todos os lugares, rochas ou terra árida, amarelo-acinzentada. Estamos em frente do “deserto de sechuro” (deserto da seca). – Embora a carga a ser embarcada seja insignificante, partimos somente às 2h¹/₄ da tarde. A costa continua abrupta, rochosa e nua; a água tem, sob o sol, reflexos marrons-avermelhados. O mar está agitado.

Distância do Panamá: 1.582 km.

6h ¹/₂ M. [Manhã] – T. [termômetro] – 20°¹/₂ – Bar. [barômetro] 759 mm 7

2h T. [Tarde] – 22° – 757 mm 6

4h – 20°³/₄ – 757 mm 4

8h ¹/₂ [Noite] – 19°¹/₂ – 759 mm 7

Foto 24. Ilegível

26 [de agosto]. Domingo – Desde o pôr do sol, aproximamo-nos de Eten.⁴¹

Acabamos de contornar uma costa baixa e curiosamente mamelonada. Um pouco atrás, desdobra-se uma cadeia de montanhas abruptas e denteladas. É ao pé de um contraforte desta cordilheira, que se avança quase a pique até o mar, que se encontra o porto de Eten. Lançamos âncora na frente, às 8h [Fim do f° 38] da manhã. Ao mesmo tempo, chega do sul o *Santiago*, da Cia. do Pacífico. Em terra firme, não se vê nada, senão, ao longe, imensos hangares e um longo cais de ferro, que se estende, pelo menos, a 450 metros na direção do mar. Uma linha de estrada de ferro parte deste cais e, embrenhando-se na falésia, cortada por um fosso profundo, vai até Chiclaya, uma cidade importante, situada um pouco ao norte. A costa tem sempre o mesmo aspecto de desolação.

Foto 25. Ilegível

41 Cidade portuária peruana.

Nenhuma vegetação. Aqui e ali, rochas onde o mar se quebra, espumoso.

O *Loá* ficou a 500 m do desembarcadouro. Os viajantes que um trem traz, por volta das 9h, vêm a bordo em uma bateira, onde a grou de bordo acolhe-os e transporta-os em uma espécie de vagonete,⁴² para [então] depositá-los sobre a ponte.

Carregamos uma boa quantidade de arroz para o Callao.⁴³ O arroz daqui é de qualidade superior ao da Ásia, mas um pouco mais caro.

Dist. [Distância] do Panamá: 1.857 km.

Partimos às 11h. A costa segue, bordejada pela cordilheira, cada vez mais elevada, cheia de dentelos, nua, amarelenta, sem uma única mancha de verdura para alegrá-la. Faz frio, a brisa forte nos faz tiritar. O mar é de um verde-claro [Fim do fº 39] sujo.

Chegamos em Pacasmayo⁴⁴ às 2h¹/₂. Pelo menos aqui se vê uma cidadezinha. Um belo cais de ferro de 300 m de comprimento presta também serviço para uma via de estrada de ferro que vai para o interior. Ao fundo, altas montanhas que a névoa não deixa entrever; e, a perder de vista, continuam as falésias amarelas, nuas. Todos os edifícios hastearam uma bandeira a meio mastro; distingo em minha luneta as das nações chinesa [China], Equador, Alemanha, Estados Unidos, Peru. Parece que é por causa da morte do vice-prefeito. A água do mar mudou de cor mais uma vez; agora, é marrom-esverdeada.

Foto 26 (duas fotos coladas, formando um panorama). Ilegível

Embarcam mais arroz para o Callao. Às 4h, chega o vapor alemão *Karnak*. Partimos às 8h da noite.

7h M. [Manhã] – T. [termômetro] – 20°25 – Bar. [barômetro] – 759 mm 9

9h – 20° – 760 mm 2

Meio-dia – 20°25 – 759mm 9

2h T. [Tarde] – 19°50 – 757mm 7

4h¹/₂ – 19°50 – 757mm 5

9h [Noite] – 19°75 – 759 mm 8

42 Em francês, *benne*, literalmente, caixa ou cesto em que se transportam mercadorias ou pessoas, como nas minas.

43 Principal porto de pesca e comercial do Peru.

44 Cidade portuária peruana.

Dist. [Distância] do Panamá, 1.915 km.

27 [de agosto]. – Avançamos lentamente durante toda a noite. Ao despontar o dia, estamos diante de Salaverry.⁴⁵ Às 6h, lançamos âncora a 100 metros de uma colina de pedras que avança a pique no mar. Sobre o flanco norte desses rochedos, um pequeno cais de ferro, com uma grou a vapor e via férrea, é quase a única indicação [Fim do f° 40] da presença de um porto. Veem-se, quando muito, algumas casinhas alinhadas sobre uma praia estreita, fechada, na parte de trás, por um maciço de elevadas montanhas de rocha nua. Ainda nenhum sinal de vegetação. De cada lado, a perder de vista, dunas de areia escura que abrem passagem, de espaço em espaço, a grandes rochedos pretos.

Foto 27. Ilegível

Às 8h¹/₂, chega do sul o *Chile*, da Cia. do Pacífico. Em sua última viagem, saindo do Panamá, este navio teve, a bordo, sete casos mortais de febre amarela e não foi recebido nos portos do Chile nem nos do Peru.

Em Salaverry, o desembarque e embarque de passageiros também é feito por batelões, auxiliados por um vagonete; muito marulho, mesmo se não venta e, [assim] não se pode acostar a canoa da escada.

O que embarcamos é ainda, principalmente, arroz e açúcar escuro. Esperamos até às 4h da tarde o trem que nos traz ainda mais passageiros. Estes embarcam na praia, por meio de cadeiras transportadas [Fim do f° 41] nos braços até as canoas que não podem aproximar-se; destas cadeiras, eles passam a bordo por meio de um vagonete.

45 Cidade portuária do Peru, situada na província de Trujillo.



Foto 28

Em todos esses portos da costa peruviana, embora o mar seja aparentemente tranquilo, amplas e profundas ondulações balançam continuamente, violentamente, os navios.

Às 5h chegam três batelões carregados de álcool de cana-de-açúcar em barris e em tonéis de ferro, colocados dentro de caixões quadrados. O embarque é muito demorado por causa do balanço do navio.

Partimos às 9h da noite.

6h M. [Manhã] – T. [termômetro] 20° – Bar. [barômetro] – 759 mm 9

9h – 19°³/₄ – 760 mm 2

1h T. [Tarde] – 20° – 759 mm 7

4h – 20° – 757 mm 4

8h [Noite] – 20° – 759 mm 8

Distância de Salaverry ao Panamá: 2.032 km.

28 [de agosto]. A bordo, a comida é simplesmente infecta. Mata-se todos os dias [um animal], mas nunca se vê à mesa um bom pedaço. Provavelmente, é a tripulação ou os garçons que se deleitam. Hoje serviram-nos até carne estragada. Exceto o comandante, que

é um bravo homem e bem-educado, e as cabines, que são espaçosas, nada vale um só centavo neste barco. Somos invadidos pela sujeira, ele avança como uma tartaruga que perambula e, por incrível que pareça, ele para dias inteiros em todos os pequenos portos da costa, para embarcar dez toneladas de mercadorias. Uma das coisas mais irritantes é o contato com esses domésticos imundos e atrevidos. Em cada porto, mesmo sem ser pudicos, ficamos chocados pela grosseria dos estivadores. Estamos em plena América do Sul! [Fim do f° 42].

À 1h da tarde, avistamos perto do navio, do lado da terra firme, uma meia dúzia de baleias, que foram assinaladas primeiramente pela coluna de água, misturada aos vapores que lançam com violência pelas ventas que esguicham água. Por volta das 4h, uma pequena baleia vem respirar a pouca distância do bombordo e mostra seu dorso enorme; de todos os lados, elevam-se jatos d'água pulverizada. Algumas baleias nadam rapidamente, o dorso visível, acima das vagas; depois, mergulham, levantando suas longas caudas bem alto, quase verticalmente. Algumas delas vêm brincar pertinho do navio.

Às 7h^{1/2}, passamos pelo meio do aglomerado de ilhas Huaura, pequenos rochedos bem curiosos, que, durante a noite, tomam formas fantásticas; um deles parece um animal enorme, preto, que flutua na água a estibordo. Grandes bandos de pássaros do mar que repousam na água, flutuando em filas estreitas que o marulho balança, voam gritando quando o navio se aproxima.

Chegamos no Callao à meia-noite; ancoramos ao largo do porto, na baía. – Dist. [Distância] do Panamá a Callao: 2.482 km.

9h M. [Manhã] – T. [termômetro]: 19^{3/4} – Bar. [barômetro]: 760 mm 6

3h T. [Tarde] – 20° – 759 mm 8

8h [Noite] – 19^{1/2} – 760 mm 2

29 [de agosto]. O *Lôa* [Loá] só poderá acostar no cais esta tarde, após a partida do *Guatemala*. Portanto, descemos de canoa (4 *reales* por cabeça). O porto está animado: uma dezena de barcos a vapor e outro tanto de navios à vela carregam ou descarregam [mercadorias]. Dois navios de guerra estão ancorados na baía. O *Rio de La Plata*, cruzador espanhol, e o *Lima*, cruzador peruano.

Depois de ter as valises examinadas pela alfândega, vamos imediatamente para a estação da estrada de ferro, atravessando uma pequena praça horrivelmente pavimentada de pedras pontudas que encantam os olhos, mas fazem muito mal para os pés.

A cada hora e meia, parte um trem para Lima.⁴⁶ Às 9h¹/₄, partimos. Este trem, parecido com o do Panamá, é, antes de tudo, um longo bonde a vapor. Ele circula em plena rua sob paliçadas e para a cada 500 m. [Fim do f° 43].

Entre as duas Cias., Ferrocarril Inglés e Ferro-carril central del Peru, circulam 18 trens por dia, de Callao a Lima; entre 6h da manhã e 9h da noite, partindo de Callao, e entre 7h40 da manhã e 10h05 da noite, partindo de Lima.

O porto de Callao é o mais importante do Peru. Aliás, ele tem um abrigo único nesta costa sem fragosidades. A baía de Callao é imensa e segura; posição: 12° 3' 53" lat. S [latitude Sul] e 75° 33' 15" long. O. [longitude Oeste] – fundo variando entre 1 e 50 m, progressivamente bem protegido. Limitado no S.O. [Sudoeste] pela ilha de San Lorenzo, a N.O. [Noroeste] por um banco rochoso: El Camotal – e a S.E. [Sudeste], por um longo promontório, que se estende a mais de 2 m no mar. Entre os dois obstáculos, a N.W. [Noroeste], fica a entrada ou *Boquerón*. – Todos os anos, de dezembro a abril, ocorre na baía um fenômeno singular: a *aguaja*, ou *Callao Barber*. Trata-se de uma emanção de ácido sulfídrico que colore de marrom os navios pintados de branco-chumbo e enche o ar de odores pútridos.

O lazareto está provisoriamente a bordo do pontão Peru; um outro está sendo construído na ilha de San Lorenzo.

Vista do porto, a cidade apresenta uma linha monótona de casas construídas ao nível do mar, apenas dominadas, aqui e ali, por um sino de alguma igreja: no entorno, estende-se a planície uniforme.⁴⁷ Atrás, ao longe, cortada pela linha de verdura que ladeia o rio Rimac, que desemboca na planície norte da baía, uma cadeia de altas montanhas limita o horizonte. De cada lado, ao norte e ao sul, estende-se a planície uniforme. Hora do estabelecimento do porto: 5h55 – Diferença de nível nas marés: 1m02.

A falta d'água e as emanções mefíticas⁴⁸ do *Callao Barber*, e mais a pouca limpeza dos habitantes, fazem de Callao um lugar insalubre.

A cidade de Callao e o campo até Lima situam-se em terreno baixo e plano. Nada mais triste do que esta planície sem habitações e inteiramente quadriculada por pequenos muros baixos, feitos de grossos blocos de barro amarelo, secado ao sol, que separam as diferentes propriedades pequenas.⁴⁹ – Nada anuncia a proximidade de uma grande cidade. De repente,

46 Capital do Peru.

47 Trecho acrescentado a lápis, que se repete três linhas depois.

48 Ácido mefítico ou gás mefítico, antigamente ácido carbônico, dito aéreo.

49 A palavra foi rasurada, a identificação é apenas provável.

entra-se em um subúrbio, constituído de casas baixas, o trem segue no meio da rua suja [Fim do f° 44] e logo chega à estação feia e triste. Pegamos um carro para nos conduzir ao Hotel de France e de Inglaterra, o primeiro de Lima, dirigido por uma francesa. Ruas pouco largas, mas bem alinhadas, cortadas em ângulo reto de NE [nordeste] a SO [sudoeste] e de NO [noroeste] a SE [sudeste]. Belos magazines de varejo, mas as casas são baixas e sem decoração exterior. No primeiro andar, balcões fechados. Belos monumentos públicos. Magnífico edifício de correios e telégrafos, bela praça de caserna, na qual um dos lados está fechado pelo palácio do governo; e o outro, pela catedral. Em frente da catedral, encontra-se também a prefeitura, cujo térreo é ocupado por lojas. Os dois lados desta praça, reservados para o comércio, são ladeados por grandes arcadas. O palácio do governo foi construído por Francisco Pizarro, no mesmo ano da fundação de Lima, em 1535. Desde então, ele passou por várias modificações, mas conservou seu aspecto primitivo, pouco elegante e incômodo. A catedral também data da época da fundação e, em uma de suas capelas, foram conservados os restos de Francisco Pizarro. Sua vasta fachada, ornada de esculturas em estuque, cor de creme, é limitada por duas torres de 33 m 50 de altura. O interior é rico e elegante, e contém até algumas preciosidades, como “La Veronica”, de Murillo.⁵⁰ – Muitas igrejas, com fachadas sobrecarregadas de esculturas em estuque.

As mulheres, sempre ornadas de chales pretos ou de lenços de renda preta e muito empoadas, não causam uma bela impressão. Se chego a encontrar algumas moças bonitas, mas muito pálidas, sob o véu preto, cruzo antes com uma quantidade de velhas muito feias, com suas pretensiosas maquiagens de gesso e bochechas flácidas. Vistas de longe, as mulheres parecem religiosas.

Tempo nublado. À tarde e à noite, cai uma espécie de neblina espessa que não molha a terra, mas cobre-nos de uma umidade glacial. Parece que estamos no inverno: os meses mais frios são julho e agosto, os mais quentes, fevereiro e março.

Grande número de bondes, puxados por mulas, das 7h da manhã até 10h da noite. – Iluminação pública e privada mista: eletricidade e gás [Fim do f° 45].

Às 3h da tarde, bela procissão desfila em torno da praça da caserna, indo para a catedral, acompanhada de tropas de soldados e música na frente. Belos uniformes das tropas. Cidade muito religiosa. Muitos franceses. Alguns grandes armazéns chineses.

Serviço de limpeza pública muito mal-feito. – Canalização de água insuficiente.

50 Bartolomé Esteban Murillo (1617-1682) foi um pintor do barroco espanhol, conhecido por seus retratos de mulheres e crianças pobres.

30 [de agosto]. Às 7h da manhã, o termômetro marca $16^{\circ}\frac{3}{4}$!

O observatório de Lima, de Unanue,⁵¹ fica a 158 m 50 acima do nível do mar. Boletim do 28 corrente:

Lat. S. [latitude Sul]: $12^{\circ}3'$

Longit. O. [longitude Oeste]: $79^{\circ}21'$

Pressão atm. [atmosférica] média à 0h: 748 mm 55

Temperat. [temperatura] máxima à 1h T. [tarde]: $19^{\circ}80$

Temper. [temperatura] mínima às 6h M. [manhã]: $14^{\circ}80$

Umidade relativa média: 94,50

Horas de sol: 0

Chuva: 0 – direção predominante do vento S. SE. [sul-sudeste]

Velocidade média: 3m35 por segundo.

Parece que aqui nunca chove; nada se passa além desta neblina penetrante. Agora o sol também não aparece e não se vê, nas ruas de Lima, guarda-chuva nem guarda-sol.

O mercado é bem abastecido. As frutas dos climas tropicais e temperados são abundantes em todas as estações. Nunca faltam legumes frescos, mesmo durante a pior estação, como é a atual; podemos encontrar ervilhas, couve-flor, pêssegos, framboesas, peras e violetas. Da costa, vem uma grande variedade de peixes, mexilhões, ostras; camarões de água doce que se encontram nos regatos da vizinhança e, nos arredores, abundam animais de caça.

À tarde, o sol aparece durante alguns instantes; ele chega em boa hora para iluminar a procissão organizada para honrar Santa Rosa, a padroeira de Lima, cuja festa é hoje celebrada. Esta procissão é imponente. Muitos monges e religiosas participam do cortejo. Todas as autoridades civis e militares acompanham também as relíquias da santa [Fim do f° 46].

Um passeio pelas principais ruas não me faz descobrir nada de particularmente curioso. As fachadas das casas não têm arquitetura, elegância nem decoração. Todo o luxo está no interior, apenas entrevisto pelos belos vestíbulos que permitem avistar o pátio interno rodeado de arcadas graciosas.

51 Trata-se do médico José Hipólito Unanue y Pavón (1755-1833), o primeiro a propor a construção deste observatório, edificado em 1808.

As igrejas e os principais monumentos são construções de madeira, cobertas de terra e de estuque, como os palácios da Exposição de Paris.⁵² Lá pelo fim da tarde, demos uma volta no jardim botânico, cuja vegetação, apesar de não estarmos na boa estação, alegra um pouco os olhos. Ele deve ser muito bom no verão. Aqui e ali, parques e jaulas abrigam alguns animais, cujos principais são uma família de leões e um orangotango.

31 [de agosto]. – O que há de mais notável em Lima é o seu cemitério, com suas alamedas ladeadas de ricos mausoléus e as folhagens discretas revelando um verdadeiro bom gosto.

1º de setembro – Sábado. A partir de 8h da manhã, cai uma chuvinha extremamente fina, mas que em poucos instantes penetra até nos ossos. Por volta das 10h, vou fazer algumas compras na cidade. As calçadas das ruas estão cobertas de uma lama preta e viscosa, a água goteja dos telhados, sente-se perfeitamente as gotas de chuva impalpáveis que batem no rosto e, no entanto, nenhum guarda-chuva em vista. Creio que os limenhos estão brincando quando dizem que aqui não chove e que eles são capazes de enganar a si próprios só para não ir contra esta pretensão. O meu guarda-chuva chama a atenção, então, prefiro fechá-lo para evitar os olhares curiosos dos transeuntes! Meia hora depois, quando retorno, minhas roupas estão ensopadas de água.

Talvez seja também uma incongruência dizer que as limenhas não merecem a reputação que têm, mas já faz quatro dias que caminho por todas as grandes ruas de Lima e ainda não encontrei uma única mulher bonita; ao contrário, muitas velhas [Fim do fº 47] de bochechas flácidas, cobertas de pó de arroz. Em compensação, em outros lugares do Peru, encontrei muitas moças lindas e gosto de suas maneiras amáveis, do jeito decidido, sem excesso. Em geral, as limenhas que vi tinham cores frescas, que pareceriam bem mais agradáveis sem o abuso do pó de arroz, belos olhos, belos cabelos, mas nenhuma perfeição nos traços.

Aqui, as mulheres não devem entrar de chapéu na igreja, somente a famosa mantilha preta!

Almoço com Alexandre Riveira [Rivera], o deputado de Iquitos, e sua família.

Partida de Lima pela estrada de ferro central do Peru, às 3h45. Embarque às 4h½, a bordo do *Loá*.

Muitos novos passageiros.

52 Le Cointe faz referência à Exposição Universal de 1900.

Às 6h, deixamos a plataforma e fomos terminar de carregar [o vapor] na baía. Partimos às 8h.

Em suma, minha impressão de Lima foi uma decepção, arredores horríveis, dir-se-ia que é um vasto cemitério devastado por um incêndio. Na cidade, nenhum grande magazine, ruas estreitas, nenhuma praça pública frequentada, nem belas limenhas.

Muitos comerciantes franceses e italianos; estes últimos dirigem todas as tabernas.

2 [de setembro]. Domingo. Durante a noite, o mar esteve agitado. Às 6h da manhã, chegamos a Cerro Azul.⁵³ Sempre o mesmo gênero [de paisagem]: uma ponta de rochedo que avança a pique no mar; algumas casas em uma praia plana, ao pé das montanhas nuas, formando o fundo do quadro. Tempo sempre horrivelmente nublado.

1h M. [Manhã] – T. [termômetro] – 19°½ – Bar. [barômetro]: 761mm9

Distância do Panamá = 2.613 Km.

Embarcamos algodão.

Partida de Cerro Azul às 10h da manhã. Tempo muito nevoento. Às 2h, chegamos a Pisco.⁵⁴ Aqui, a costa é [Fim do f° 48] mais plana. A cidade foi construída ao nível da água, em uma planície. Ao longe, no fundo, mal se distingue a cadeia de montanhas. Bela baía fechada em meio círculo, no sul, por uma ponta de terras elevadas que avança ao largo pelas ilhas Chinchas,⁵⁵ rochosas, abruptas; no mar, muitos pequenos ilhéus; grandes bandos de pássaros de mar passam diante de nós, formando uma longa echarpe, na maioria das vezes, de mais de 1 km.

O navio está a 1 km da terra firme. Distingue-se apenas um grande cais de ferro de 3[00] a 400 m de comprimento, terminado por um farol.

Embarcamos ainda mais algodão. Aqui, fabrica-se aguardente de uva, que goza de uma boa reputação no país, sob o nome de *pisco*.

53 Cidade portuária do Peru.

54 Cidade portuária do Peru.

55 Grupo de três pequenas ilhas no Pacífico, situadas a 21 km da costa sudoeste do Peru, próximas a Pisco.

Os inúmeros pássaros de mar sujaram tudo; os barcos que trazem mercadorias ficam brancos de excrementos. O vento, às vezes, até nos traz o odor característico do *guano*.⁵⁶

Partida às 7h da noite. Às 8h, passamos pelo meio das ilhas Chinchas.

1h T. [Tarde] – T. [termômetro] 20° – Bar. [barômetro] – 759 mm 9

8h [Noite] – 19°³/₄ – 759 mm 9

Distância do Panamá = 2.689 km

3 [de setembro]. O dia anuncia-se bem; vento muito forte e frio, mas o sol aparece desde a manhã. O sol se fez tão raro depois de algum tempo, que sua aparição dá prazer. A costa é sempre bordejada de dunas elevadas; ao fundo, a linha de montanhas já não apresenta dentelos, é uma cordilheira quase sempre da mesma altura, cujos cumes são ligeiramente arredondados.

À uma hora da tarde, chegada a Lomas:⁵⁷ algumas barracas de madeira, no fundo de uma pequena enseada, formada por uma ponta estreita de rochedos baixos, que avança de 4[00] a 500 m pelo mar. Uma gruta natural, aberta nesses rochedos no flanco que fica de frente para o porto, foi convertida em capela, indicada por uma grande cruz de madeira, pintada de branco, encimando o rochedo [Fim do f° 49].

Foto 29. Ilegível

Partida às 3h. Hoje o marulho estava forte, vento frio, mas dia claro.

Dist. [Distância] de Lomas ao Panamá: 2.965 Km

8h M. [Manhã] – T. [termômetro] 19°¹/₄ – Bar. [barômetro] 776 mm

1h T. [Tarde] – 18°³/₄ – 760 mm 5

7h N. [Noite] – 18°¹/₂ – 762 mm

Foto 30. Ilegível

[Fim do f° 50]

56 Guano ou *huano de pajaros* é um material formado a partir de excrementos de aves marinhas, usado como fertilizante. Graças à ausência de chuva, não se liquefaz e sua massa pode atingir muitos metros de espessura. Exala um odor desagradável. Le Cointe não parece associar a presença do guano aos odores podres que sentiu ao chegar a Callao. No entanto, provavelmente seria o mesmo fenômeno.

57 Cidade portuária do Peru.

VI. De Mollendo a Puno

4 [de setembro de 1900]. Chegada a Mollendo às 10h^{1/2}; cidadezinha construída no alto da falésia a pique, sobre o flanco da cordilheira que bordeja a costa. Porto muito profundo, mas de abordagem difícil. Pé da falésia rodeado de rochedos, onde o mar quebra-se com força. No porto, dois grandes mastros e um vapor alemão, o *Abydos*. Desembarcamos por meio de uma canoa, o vapor ficando a 300 m ao largo. Fortes ondulações fazem-nos dançar contra nossa vontade.

Em uma anfractuosidade dos rochedos, está o cais de ferro da Railway: foi lá que atracamos.

Na alfândega, os empregados muito amáveis não nos causam aborrecimento algum; eles nem fazem abrir minha mala trancada: em meia hora, tudo está terminado. Seguimos com nossas bagagens para o hotel da estrada de ferro, a vinte passos da Alfândega, a cinquenta do cais e a 200 m da estação de trem.

Foto 31 (duas fotos coladas, formando um panorama). Ilegível

A cidade foi construída na encosta da montanha e é limitada por córregos profundos. Algumas casas boas, de aspecto alegre, ruas largas, limpas, calçadas de madeira que seguem as ondulações do terreno, parecendo com um corredor de montanhas russas. A perder de vista, de todos os lados, areia branca, ou escura, e rochedos [Fim do f° 51].

O vapor da [Companhia] Pacific, vindo do sul, o *Cachapare*, chega às 11h.



Foto 32

Foto 33. Ilegível

Bom clima; ar fresco, mas sol quente. Trem todos [Fim do f° 52] os dias às 8h da manhã para Arequipa,⁵⁸ mas de Arequipa a Puno somente no domingo. À noite, uma forte neblina desce sobre a cidade.

7h M. [Manhã] – T. [termômetro]: 18°½ – Bar. [barômetro]: 761 mm 9

58 Cidade peruana, capital de província, localizada a 2.335 metros acima do nível do mar, no sopé dos vulcões Misti e Chachani, nos Andes peruanos.



Foto 34

5 [de setembro]. Tempo bom. O hotel da estrada de ferro é espaçoso, bem situado, mas entretido como um boteco. Existe um outro grande hotel: o Hotel Central. Preço da passagem de trem, em primeira classe, de Mollendo até Arequipa: 5 *sols* por cabeça, ou seja, 12 f [francos] 50. –Temos direito a 25 kg de bagagem. Preço do transporte das bagagens suplementares:

[Fim do f° 53]

De Mollendo a Arequipa: 4 *sols* 40

De Mollendo a Puno: 10 *sols* 40

De Mollendo a Chililaya: 13 *sols* 20 por 100 Kg.

Foto 35. Ilegível

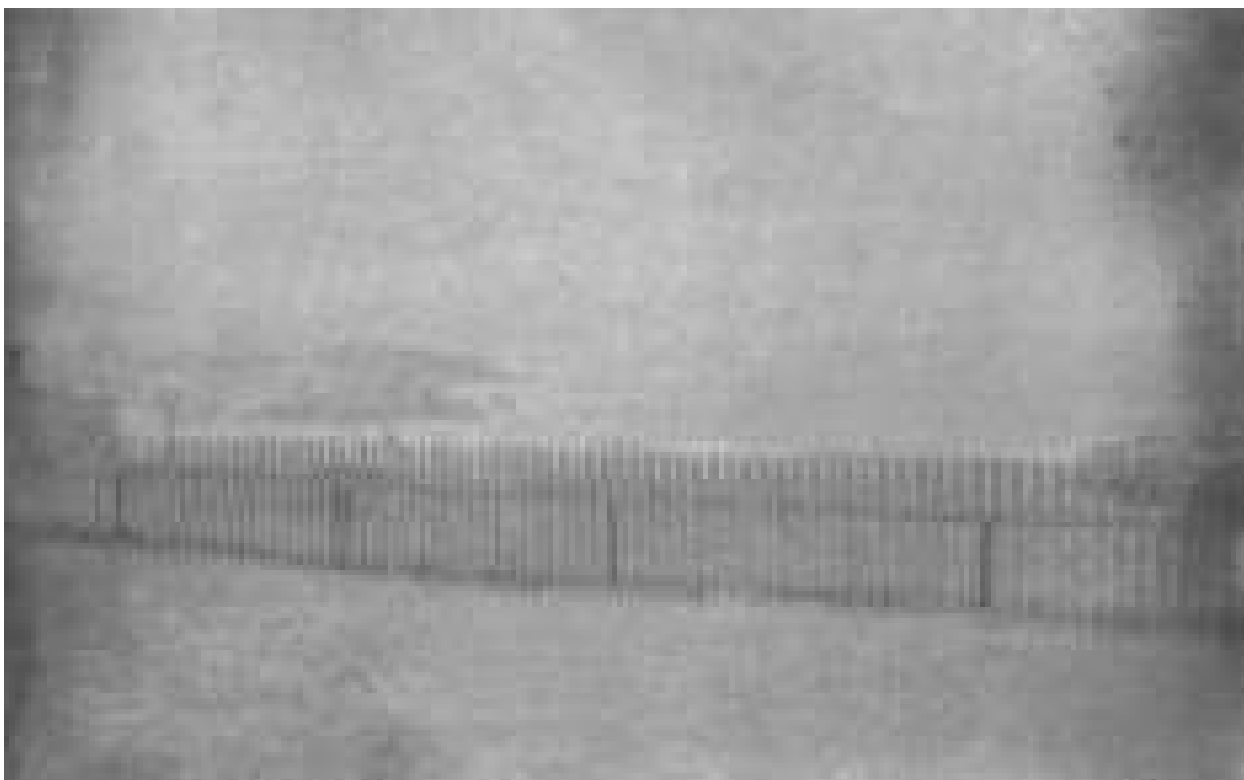


Foto 36

Com efeito, é possível comprar os bilhetes de bagagem até Chililaya,⁵⁹ vapor incluído (lago Titicaca). Ficaremos em Arequipa até domingo. Lá, poderemos retirar da estação provisoriamente as bagagens de que teremos necessidade.

6 [de setembro]. Partida às 8h da manhã, por um trem muito parecido com o do Panamá: corredor central no vagão, separando os assentos de dois lugares. Locomotiva de três rodas acopladas: cinco vagões, sendo três de passageiros. Vagões compridos, montados sobre apenas dois eixos.

Saindo da estação, cortando uma ponta de rochedos, a estrada chega até a praia, que ela segue, primeiramente, a 100 m do mar, que agora é baixo, mas que durante a maré alta chega a roçar a estrada em certos lugares, ao pé da falésia. No cume desta, [Fim do f° 54] cortando os desvios, segue a linha de telefone que liga Mollendo a Arequipa. Em alguns lugares, a praia estende-se agora a mais de 500 m ao largo. As ondas de fundo ali vêm quebrar-se, formando elegantes volutas de água com mais de 3 m de altura, que parecem prosseguir, engrossando, desabando e reaparecendo sem cessar com um tal estrondo, que irrita minha mulher, mas que para mim tem um charme especial; quando reveremos o mar?

59 Localidade situada na Bolívia, às margens do lago Titicaca.

Às 8h24, primeira estação: Mejia. Às vezes, passamos por entre rochedos isolados, restos da falésia demolida pelas águas. Depois, a praia torna-se cada vez mais larga e a areia árida é substituída por um vasto prado verdejante, onde pastam bois e mulas. Alguns buquês de árvores rompem agradavelmente a monotonia da paisagem, limitada, de todos os lados, por colinas arenosas. Às 8h35, chegamos a Ensenada, a 21 km de Mollendo. Estamos apenas a 9 m 75 de altitude. A nossos pés, a leste, estende-se o vicejante, mas estreito, vale do rio Tambo, salpicado de habitações, de fazendas, que, graças à presença de água nas vizinhanças, podem existir no meio deste deserto.

A partir daqui, a estrada vira em direção ao norte e começa a subir um aterro, na vertente não escarpada das primeiras colinas totalmente compostas de areias avermelhadas. A velocidade diminui consideravelmente. De um e de outro lado, mamelões arredondados e nesta mesma cor escura avermelhada, uniforme. Nada mais, só areia. Logo entramos em uma vala, larga na abertura, saímos por um aterro no intervalo entre duas colinas, fazendo curtos ziguezagues. Agora o terreno é pedregoso, mistura de grossos calhaus e de areia, sem a mínima vegetação. Avista-se apenas, aqui e ali, buquês de pequenas flores brancas, espécie de açucena, cuja haste se ergue isolada, sem folha alguma, a apenas 20 cm de altura. Em uma brecha, avista-se o mar a 200 m mais baixo, já do lado esquerdo, enquanto a estrada atravessa um pequeno planalto. Na frente, sobre o flanco da montanha que logo iremos alcançar, a diferentes alturas, correm dois trens, que nos precedem, cortando com seu rasto de fumaça branca a uniformidade da rocha. É por ali [Fim do f° 55] que nós também vamos passar. Às 9h15, chegada em Tambo, a 30 km de Mollendo, sobre o planalto, a 304 m 80 de altitude. Algumas casas pobres, algumas árvores frutíferas, espantadas de se encontrarem ali, no meio da planície vermelha, e é tudo. Esta bela localidade abriga, entretanto, um razoável número de seres humanos; o trem é invadido por umas vinte mulheres, que, com um barulho infernal, vêm oferecer aos viajantes pacotinhos de cana-de-açúcar cortada em pedaços de 30 cm e ramalhetes dessas açucenas, que tínhamos avistado no meio das pedras e que, provavelmente, são vistas aqui como um verdadeiro fenômeno de vegetação luxuriante.

Depois de uma parada de cinco minutos, continuamos rapidamente a travessia do planalto. À direita, embaixo, ao nível do mar, surge ainda o vale do rio Tambo; em seguida, voltando repentinamente, retomamos a subida no flanco da montanha, que domina o mar a 350 m. Ora enganchados no flanco da montanha, ora atravessando córregos sem água nos altos aterros, subimos rapidamente. Uma vegetação raquítica, no meio da qual se erguem alguns cactos, agora colore ligeiramente de verde as alturas que nos dominam.

Ziguezagueando sempre, nós nos introduzimos por entre as montanhas, avistando o mar, algumas vezes, por meio de uma brecha. Por instantes, também aparece quase acima

de nossas cabeças um outro trem que nos precede. Nós nos aproximamos, nos afastamos dele, ora pela direita, ora pela esquerda.

Desaparecemos no fundo de uma vala aberta no rochedo; depois, reaparecemos dominando, a partir de um aterro elevado, um profundo barranco que separa duas montanhas. O sol entra em cena e dissipa pouco a pouco a cerração que limitava a vista. Às 9h52, chegamos a uma simples poça d'água, no fundo de um fosso, à 557 m de altitude; em seguida, fazendo um círculo quase completo, passamos de novo, a 25 m a pique, acima [Fim do f° 56] da estação. Sempre subindo, costeamos, na direção oposta e em um nível mais elevado, o caminho que acabamos de fazer. Às 10h, entre dois mamelões, aparece também o mar a 550 m, embaixo. Subimos cada vez mais rapidamente, os eixos rangem nas voltas bruscas das curvas caprichosas da estrada. A mais de 300 m, avistamos a estrada que acabamos de percorrer. No horizonte, por causa do nevoeiro, mal chegamos a entrever a linha de espuma branca que bordeja a praia a S.O. [sudoeste]. – O planalto que atravessamos surge, embaixo de nós, como uma várzea, ao nível do mar; e sempre voltamos a rever, a diferentes alturas, cada vez mais elevadas de 30 a 40 metros, o trajeto que acabamos de fazer. Às 10h¹/₄, seguimos a toda velocidade em direção do mar. À nossa frente, parece faltar chão, a montanha parece terminar a pique; lá embaixo surge a cidadezinha de Tambo. Bruscamente, damos uma volta e entramos no meio de um amontoado de mamelões entremeados, em todas as direções, de barrancos profundos. Estamos a 650 m. Em torno de nós, nada mais do que um número infinito de cimos arredondados, que, em parte, já dominamos, verdadeiro caos, sem orientação particular, no meio dos quais corremos, às vezes, rapidamente em um plano, para, em seguida, subir lentamente em espiral, avançar em linha reta, contornar abruptamente e reaparecer mais alto, exatamente acima do lugar pelo qual passamos dez minutos antes. A cada instante, parece que vamos chegar ao topo da cordilheira, mas novas alturas surgem sem cessar, sempre cada vez mais elevadas. Às 10h¹/₂, estamos a 800 m. Nenhum sinal de água: os córregos estão secos, com um aspecto que indica que por ali nunca escorre muita água. À nossa esquerda, uma mina de ouro em atividade é delimitada por uma dezena de buracos escavados no rochedo. As minas não são muito produtivas, dizem, por causa da falta de gente [para o trabalho] e de máquinas.

As valas abertas nos rochedos aumentam, os altos aterros multiplicam-se também, o terreno tornando-se cada vez mais tortuoso. No km 54, mais uma olhada [Fim do f° 57] para o mar, que distinguimos apenas pela reverberação das águas em meio à bruma que turva o horizonte. Estamos a 900 m de altitude. No km 55, chegamos a um planalto. Ao norte, surgem altos picos cobertos de neve (atrás, uma cadeia de montanhas). É a cordilheira da Caldera, que limita o vasto pampa de Islay, que se estende à nossa frente, e, atrás, as cristas dos altos topos da cordilheira, [ou seja], os vulcões Chachani, Misti, Pichu Pichu etc.

Às 10h55, chegada à estação de Cachendo, a 56 km de Mollendo e a 990 m 60 de altitude. Aqui, fazemos uma parada de meia hora para almoçar no bufê. Este é um pequeno albergue em que nos servem, para dizer a verdade, um almoço muito bom, que terminamos em 20 minutos. O ar da montanha abriu nosso apetite. O mais curioso é que não nos roubam: 1 *sol* (2 f [francos] 50) por um almoço, em um lugar destes, é dado. Às 11h29, partimos a toda velocidade, atravessando o planalto bem nivelado a 995 m de altitude. É uma vasta planície de areia escura, lisa, salpicada de grossas pedras pretas. Vamos quase em linha reta, cortando o pampa do sul ao norte. Estamos no primeiro andar da Cordilheira. Quanto mais avançamos, mais a região toma o aspecto de um verdadeiro deserto, com suas areias moventes, sua falta absoluta de vegetação. Algumas colinas de rochedos enegrecidos que perfuram a camada de areia e [que] limitavam o horizonte aproximam-se, a planície tem fim. Recomeçamos a subir lentamente um alto vale. Sempre a mesma desolação em tudo. Dir-se-ia que o fogo devastou tudo, deixando nua a terra em pedaços, calcinada, salpicada aqui e ali de grandes rochedos enegrecidos. Sempre correndo em linha reta na direção NNO [nor-noroeste], a 1.000 m, o vale se alarga de novo e a linha retoma o nível e, algumas vezes, até desce um pouco, e percorremos o declive a uma velocidade vertiginosa. Ultrapassamos a linha de dunas que, por um momento, havia interrompido [Fim do f° 58] o planalto e estamos novamente no pampa. A grande cordilheira reaparece e corremos na sua direção, em linha reta, em um terreno plano que parece alargar-se mais e mais de cada lado. A crista de dentelos da cordilheira é coberta, de ponto a ponto, por grandes manchas de neve, dominada aqui e ali por altos picos isolados, cujas calotas de um branco brilhante resplandecem ao sol. Um deles, na forma de cone regular bruscamente truncado, indica um vulcão, é o Misti, que domina Arequipa. Ao pé da cordilheira, à beira do planalto, quase a um nível inferior, parece estender-se um vasto pântano, onde se espelham pequenas ilhas de ervas e de arbustos verdejantes. Sempre atravessando a toda velocidade o planalto, dirigindo-nos agora de viés para as grandes montanhas, subimos imperceptivelmente até 1.200 m. O que tínhamos tomado por água, não o é; fomos o juguete de uma miragem. Por momentos, a [miragem] desaparece, deixando-nos ver a planície interrompida; depois, novamente parece que um lençol de água, ora claro, ora esverdeado, estende-se ao pé da cordilheira. De repente, a visão se esvanece e a planície nua, sozinha, mostra à nossa frente seu triste manto de areia.

Agasalhamo-nos bem, pensando que sentiríamos frio, mas o sol está muito quente e estamos incomodados pela elevação de temperatura.

Às 12h20, chegada a La Joya, a 87 km de Mollendo, a 1.262 m 18 de altitude. Cruzamos com o trem que está descendo. Nenhuma outra casa, além da estação. A planície vermelha continua, salpicada de pedras e de um monte de areia branca, encrespada pelo vento que os amontoou. À 1h, chegamos ao fim do planalto, quase ao pé da segunda linha da Cordilheira

que costeamos. Estamos a 1.475 m. Mamelões, cada vez mais elevados, começam a ondular em torno de nós: finalmente, por volta do km 111, seguimos em sentido oblíquo, quase a leste, e penetramos de novo na região montanhosa à 1h¹/₄. A subida rápida recomeça em meio a colinas de areia salpicadas de [Fim do f° 59] pequenos cristais de mica, que brilham ao sol. Ultrapassada uma primeira linha, descemos novamente 30 m até o km 116, a 1.575 m de altitude, em um extenso vale nu e pedregoso; é o vale do rio de Vitor, atualmente seco.

Os primeiros sintomas do *soroche*⁶⁰ aparecem em algumas pessoas. Os rostos [das pessoas] estão avermelhados e muitos sofrem de uma forte dor de cabeça.

À 1h¹/₂, deixando para atrás o vale, chegamos à estação de Vitor, no km 104, a 1.630 m 68 de altitude. Encontram-se ali uma dúzia de casas cobertas por ramagens entrelaçadas, o que prova que a chuva não faz medo. Na frente da estação, uma casinha de bela aparência, com um pequeno jardim, não sem pretensão, expõe o letreiro atraente do “Gran Hôtel”. Após uma parada de 5 minutos, retomamos a estrada, atacando a terceira linha de altura por uma subida rápida, que segue o fundo de um vale estreito. O calor é insuportável, o sol reverberando nas areias brancas e a rocha nua. Os ziguezagues recomeçam através das alturas eriçadas e quase cobertas de rochas escuras e nuas, rachadas, desmoronadas, onde a areia é vista somente nas dobras do terreno. É como se viajássemos no meio de uma região abalada por um cataclismo terrível, que teria rompido o solo em todas as direções, arrancado os rochedos, empilhando-os caprichosamente ou quebrando-os em miúdos fragmentos, deixando em toda parte e em tudo, depois de sua passagem, este tom de ferrugem, que faz pensar em um incêndio violento que teria calcinado tudo. Nenhum sinal de terra cultivável. Aliás, se não há vegetação, também ainda não avistamos nenhum ser vivo, nem mesmo um carneiro. Em toda parte, só morte e desolação. Aqui e ali, rastos de fumaça escura no flanco dos rochedos indicam, por onde passa a linha de trem, embaixo, os restos de carvão soprados pela locomotiva, tendo-se acumulado nas anfractuosidades da pedra, de onde nenhuma chuva vem desalojá-los.

No km 129, estamos a 1.830 m e subimos [Fim do f° 60] cada vez mais, descrevendo um vasto círculo ao longo das paredes internas de um imenso circo. No alto, sobre o cume, aparecem os restos de construções, cujos muros são de pedras empilhadas, simplesmente, umas sobre as outras. Passamos ao lado. Dali, pode-se abarcar toda a região do lado do Pacífico, mas agora, com a bruma, não é possível distingui-la no horizonte. O lugar fora bem escolhido pelos antigos habitantes do país para construir esta espécie de fortaleza.

60 Mal da montanha devido às variações bruscas de clima e de altitude. Caracteriza-se por calafrios, seguidos de suores, da aceleração do coração e de uma intensa dor de cabeça.

Às 2h¹/₂, 1.920 m, retomamos o terreno de nível e prosseguimos a toda velocidade. Ultrapassamos o terceiro escalão [de montanhas] e temos em vista diretamente a cadeia central, onde os grandes picos, que havíamos percebido de manhã, elevam-se. À esquerda, ao fundo de um barranco, corre um regato e, em suas margens bordejadas de vegetação, há um vilarejo; é a primeira nota alegre desde esta manhã. Este regato é o rio Chili, que passa por Arequipa e vai reunir-se com rio de Vitor. Ele é bem baixo, nesta época.

Continuamos enganchados nos flancos da montanha, em um entalho feito no próprio rochedo, acima do precipício. Uma vez alcançada a crista [da montanha], nós a seguimos um momento a 2.000 m de altitude. Novamente, à esquerda, bem no fundo, surge uma cidadezinha, às margens da torrente. Às 3h, por volta do km 142, seguimos rapidamente por uma estrada ligeiramente ondulada, oscilando entre 1.980 m e 2.010 m, dominando a pique o pequeno vale fertilizado pela torrente. A rocha, de novo, cede lugar à areia, que tudo cobre de um manto movente, acastanhado, onde, por vezes, ossos de animais, brancos, destacam-se.

A partir do km 146, prosseguimos, subindo lentamente o flanco das alturas que fecham o vale. Depois de atingir 2.080 m, recomeçamos a descer a 1.965 m, na estação de Uchumayo, pequeno vilarejo que já tínhamos avistado embaixo, se se pode chamar vilarejo uma aglomeração de muros feitos de pedras empilhadas. Entre estes, apenas alguns são cobertos por telhados de folhagens, por demais primitivos. Aqui e ali, no topo dos mamelões, encontra-se implantada uma cruz de madeira [Fim do f° 61] também coberta por um telhado de ramos de árvores. Dali a pouco, chegamos perto do próprio fundo do vale que se elevou até nós, já muito reduzido, e seguimos a torrente que uma estreita faixa de vegetação acompanha. Por momentos, o vale estreita-se ainda mais, mal dando passagem para a estrada e para o curso de água; altas paredes rochosas dominam os dois lados. Depois, ele alarga-se bruscamente, dando lugar a alguns campos cultivados, a pequenos prados de um verde claro, onde se elevam algumas habitações.

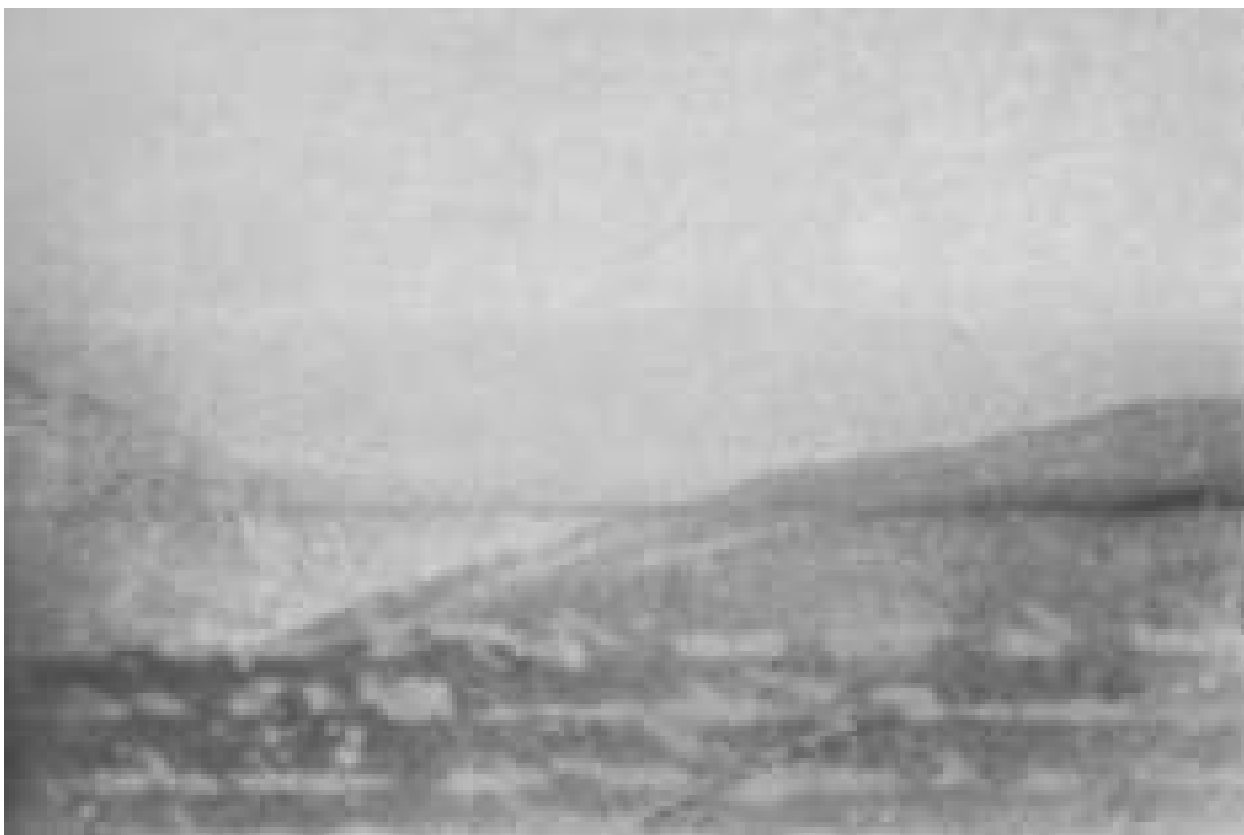


Foto 37

No km 155, estamos a 2.065 m. Recomeçamos a subir lentamente o vale, que, pouco a pouco, transforma-se em um simples penhasco, em cujos flancos a estrada se engancha, graças às valas abertas no rochedo. Em seguida, o vale alarga-se novamente e lá está a estação de Huaico [Huayco], a 157 km de Mollendo, a 2.080 m de altitude; são 3h50.

Cada vez mais o vale se expande; surgem algumas construções [Fim do f° 62] que parecem mais com habitações humanas.

Foto 38. Ilegível

De pressa, seguimos para o leste, a subida sendo pouco intensa. Às 4h, estamos em Tiabaya, a 161 km de Mollendo, a 2.057m 40. As vertentes do vale já são menos abruptas, a vegetação aumenta, algumas fontes de água brotam dos rochedos e derramam aqui e ali suas águas vivificantes, que, saltitantes, vão unir-se ao rio Chili, deixando em sua passagem uma longa linha de verdura. Grandes vilarejos, bem construídos, aparecem; em seguida, por uma brecha, longe, no fundo do vale, que se tornou muito largo, surge, de repente, Arequipa e suas casas brancas.

Transpomos um barranco, em cujo fundo ribomba uma torrente. É o rio de Sabandia, sobre o qual se construiu uma boa ponte de ferro, denominada Tingo Grande, que o atravessa a 15 m de altura, por um único vão entre duas vigas, de 33 m de comprimento [Fim do f° 63].

Os arredores de Arequipa, a segunda cidade do Peru, são verdejantes, bem povoados e cultivados, entremeados por inúmeros regatos. Por outro lado, em torno do vale que é ali ainda mais belo, encontram-se sempre as mesmas montanhas nuas, em que crescem apenas tristes cactos. Ao norte e a leste, a vista é limitada pelos altos cimos, entre os quais se destaca o Misti, vulcão em atividade, cuja altura ultrapassa os 6.000 m; esplêndido cone, cujas bordas da cratera estão brancas de neve.

Aqui e ali, construções feitas de blocos de barro seco pelo sol, como em perto de Lima. Ao nos aproximarmos do fundo do vale, o terreno não parece mais tão fértil quanto [visto] de longe; somente nos lugares onde tem água por perto há terrenos bem cultivados; em todo o resto, percebe-se sua aridez natural pela vegetação definhada e rara. Aliás, não estamos atualmente na boa estação.

Foto 39. Ilegível

Para engendrar a umidade necessária ao campo, as pequenas torrentes que [Fim do f° 64] descem da montanha são cuidadosamente canalizadas e seus cursos subdivididos em uma quantidade de pequenas valas, regos que sulcam a planície.

Chegada a Arequipa às 4h35, a 2.301 m 24 de altitude, a 172 km 20 de Mollendo.

Foto 40. Ilegível



A estação de trem não fica no fundo do vale, mas a 1 km ½ do Hotel Central, para onde vamos em pequenos bondes puxados por cavalos. – Ruas bem alinhadas, mas casas baixas, brancas, todas planas, cujas sacadas são entremeadas de grades abauladas. Ruas pouco frequentadas. Rebanhos de asnos e de lhamas passam, carregados de mercadorias. Os bondes só circulam até 5h½ da tarde. Pouca iluminação elétrica na cidade. O único lugar [iluminado?] é a praça, rodeada de arcadas, diante da catedral, de fachada imponente, mas com esculturas que parecem esboços, nas quais a massa de pedra [Fim do fº 65] de talho fictício parece esperar o artesão para ser talhada e ter mais leveza e elegância.

7 [de setembro]. A cidade estende-se ao pé mesmo do vulcão Misti; pertinho também, na direção norte, eleva-se o vulcão Chacchani [Chachani]. O primeiro destes dois magníficos cumes com 5.684 m;⁶¹ o segundo, com 5.791 m. A proximidade destes torna a região muito sujeita aos tremores de terra. Em quase todas as semanas ocorre um abalo sísmico mais ou menos forte em Arequipa. Nessas condições, nem se pode pensar em construir belos edifícios.

As ruas estão ocupadas por uma multidão de mendigos indígenas, até crianças, com seus ponchos coloridos. As mulheres do povo transportam seus bebês nas costas, envolvidos em um cobertor dobrado. Ruas extremamente sujas. A cada instante, encontramos crianças agachadas, à beira das calçadas, fazendo suas necessidades no rego.

Ar muito seco, a tal ponto que o papel se encarquilha, os charutos, à mínima pressão, esmigalham-se, os lábios racham.

O sol é muito quente, mas à noite faz frio e a gente não sai. – Não se deve comer frutas nem beber água para evitar a diarreia, muito comum por aqui. Há uma fábrica de cerveja, de qualidade, e uma outra de sorvete.

8 [de setembro]. O acaso me favorece. O senhor Caldeiron, chefe do estabelecimento Devès em La Paz, está aqui no Hotel. Ele me conta que o Sr. Goguet, atual gerente do Madidi,⁶² está em La Paz e deve partir hoje para a Europa. Passo um telegrama, pedindo que espere minha chegada. Por pouco, não nos encontraríamos.

Esta manhã, minha mulher e eu fomos passear nos arredores. Primeiramente, atravessamos a bela ponte de ferro, que permite à estrada de ferro de Puno transpor o vale a 30 m de altura. Esta ponte tem mais de 500 metros de comprimento. Em seguida,

61 Ou 5.784: o 6 parece estar sobreposto ao 7.

62 O rio Madidi é um afluente do rio Beni. Por extensão, dá nome a uma região então conhecida por abrigar seringais. Ali se encontrava a propriedade da Maison Devès, denominada Mirlitonville, da qual Le Cointe assumiu a gestão. Ferdinand Henri Goguet, um comerciante francês nascido em Paris em 1864, administrou este seringal durante seis anos. Quando Le Cointe chega a La Paz, Goguet está em trânsito nesta cidade para retornar à França.

atravessamos alguns vilarejos horríveis; os caminhos são tortuosos, impossíveis, ladeados de muros de pedra seca, a poeira e as pedras tornam a caminhada [Fim do f° 66] muito penosa. Tudo é pobre e, sobretudo, sujo. Os índios, em farrapos multicoloridos, de estatura baixa, têm uma aparência miserável. Cruzamos com alguns deles que iam à cidade levar algumas mercadorias: homens e mulheres sentados atrás, no dorso dos asnos, com a carga na frente. Vimos muitos belos cachorros e cavalos, raras mulas. – Encarrego um fotógrafo do lugar de revelar minhas fotos da costa do Pacífico; ele estragou quase todas.

9 [de setembro]. Domingo. – Partida de Arequipa às 7h10 da manhã. – Travessia vagarosa da ponte da estrada de ferro: todo o campo de Arequipa desdobra-se a nossos pés; depois, subimos lentamente uma longa linha reta. Logo que nos afastamos do fundo do vale, não se vê mais algum vestígio de cultura. Novamente, campos de pedras, ligeiramente inclinadas, mamelonadas, onde apenas brotam cactos espinhosos. Dali a pouco, atingimos o pé das montanhas ao NO [noroeste] de Arequipa e seguimos o flanco a 2.400 m de altura, indo para o oeste.

A estrada recomeça sua ginástica do outro dia, serpenteando entre montes de rochedos, atravessando os barrancos sobre altos aterros, quase sempre subindo, ora descendo; na maioria das vezes, contornando os barrancos e mantendo-nos enganchados no flanco quase a pique de uma ponte ou na abertura de um túnel.

Às 8h¼, parada de dez minutos em Yura, a 2.575 m 56 de altura, a 29 km de Ar. [Arequipa]. Deixamos ali um vagão. Seguimos então um estreito vale, em cujo fundo corre uma pequena torrente que vai lançar-se, mais abaixo, no rio de Vitor. Um pouco de vegetação, algumas casas de indígenas que parecem fornos de barro, secados ao sol; rebanhos de asnos e de cavalos. Aqui, a água deixou em toda parte traços evidentes de sua passagem, mas atualmente tudo está seco. Às 9h¼, contornamos um precipício profundo; ao longe, do outro lado, surge um vilarejo com casas brancas, são as Águas Calientes. Voltamos a subir o pequeno vale até o momento em que o leito do curso d'água nada mais forma do que um barranco estreito no meio do vale, desaparecendo, enfim, quase completamente, entre os rochedos. Nós o transpomos por meio de um simples aterro [Fim do f° 67].

Ainda que o vagão esteja fechado, faz frio; meus pés estão gelados.

Agora subimos rapidamente, a velocidade diminuiu muito, as curvas aumentam; às vezes, temos a impressão de voltar para atrás, mas mais alto, sobre o flanco da montanha. Adiante, avistamos longamente, do outro lado do barranco, os diferentes andares da estrada, por onde ainda vamos passar. Grandes cimos, cheios de neve, dominam, à esquerda, as alturas arenosas, entre as quais avançamos sempre. Nenhum animal, nenhum pássaro. A administração

nem mesmo teve a ideia de introduzir no trajeto alguns condores para maravilhar os turistas. A metade de nossos companheiros de viagem está cochilando; é a sonolência ocasionada pelo *soroche*. Ainda não sentimos nada, senão o incômodo da garganta seca. Passamos por barrancos estreitos, onde foi necessário, muitas vezes, abrir valas profundas. Às 9h½, entramos em um pequeno túnel, o primeiro e o único, parece, de todo o itinerário. Ele tem apenas 124 metros de comprimento. Às 9h50, chegamos a uma pequena estação, a 3.420 m. Os lábios estão rachados pelo ar frio, extremamente seco e já rarefeito.

Às 10h¼, avistamos uma cidadezinha em um vasto vale estéril. Fazemos uma parada na estação Pampa de Arrieros, a 3.749 m de altitude, a 70 km 80 de Arequipa. Ao assoar meu nariz, vejo algumas gotas de sangue no lenço. O ar seco engendra uma sensação de queimação no nariz. Temos ¼ de hora para jantar em um pequeno hotel, onde nos servem passavelmente por 1 *sol* por pessoa, cerveja boa por 1 *sol* a garrafa grande. Há muitos viajantes. Parece que, em geral, são poucos. Como jamais houve tantos, o hoteleiro não sabe o que fazer primeiro. Partimos às 10h45, atravessamos uma planície rodeada de altas montanhas. A oeste, destaca-se um grande cimo coberto por uma esplêndida calota de neve brilhante, é o Coropuna (6.949 m).

O sol está muito quente, obrigando-nos a abrir as janelas [Fim do f° 68].

Espantamos um rebanho de lhamas perto de uma barraca de pedras empilhadas, a 4.000 m. Um homem e uma mulher vivem neste deserto! Às 11h½, a 4.100 m, desembocamos em uma vasta planície de pedras, que atravessamos a toda velocidade, correndo em direção do círculo de altos picos que parece fechar o caminho ao norte. Esses picos mostram todos os rochedos nus, embora tenham uma altura média de 5.000 m. Aqui e ali, brilham algumas raras manchas de neve. Ao norte, vemos agora Misti, pelo outro lado.

Respiração entrecortada por causa do ar muito rarefeito. Estes vagões são, aliás, muito incômodos, estamos como sardinhas em lata.

Atravessamos uma torrente que corre na planície e chegamos à estação de Cañaguas, a 4.078 m 22, 93 km 72 de Arequipa. Um rebanho de bois pasta a erva rara das beiras do curso d'água. Em seguida, descemos 150 m, seguindo as curvas a uma velocidade vertiginosa, para, depois, recomeçar a subir.

A respiração difícil provoca um mal-estar intenso, o sangue sobe à cabeça, as têmporas parecem estar inchadas.

Atravessamos um amontoado fantástico de rochedos empilhados ali, por todos os lados, quebrados, em pedaços, como se resultassem de um cataclismo, uma verdadeira

paisagem lunar. O cimo da montanha parece estar fendido. Dir-se-ia que caiu do céu uma verdadeira chuva de granizos de rochedos, que cobriu o solo de escombros, de quartos de pedras grosseiramente esquadriadas, como as que se encontram nas proximidades de um grande canteiro de obras de pedra de cantaria. Parece que a crista da montanha é encimada por uma espécie de muralha da China em ruínas. Às 12h20, estação de Sumbay, a 4.150 m de altitude, a 104 km 5 de Arequipa. Aqui há minas de prata.

Mal partimos e já transpomos um barranco a pique, sobre uma ponte de ferro de 90 m de comprimento, a 60 m acima do fundo, onde ribomba uma torrente espumosa entre os rochedos. Dali, subimos de novo bruscamente. À 1h [da tarde], estamos a 4.300 m. As ervas raquíticas que crescem entre as pedras são tão secas que, por vezes, são queimadas pelas centelhas da locomotiva, e o [Fim do f° 69] fogo expande-se, deixando grandes manchas escuras no flanco da montanha.

O tempo continua sempre esplêndido, nenhuma nuvem.

De longe, nos altos vales, um rebanho de lhamas corre com a cabeça para a frente quando o trem se aproxima.

Às 2h menos 20, penetramos em um vasto planalto de cristas elevadas, algumas delas cobertas de neve. No meio do planalto, a estação de Vincocaya a 4.377 m de altitude, a 154 km de Arequipa. Nesse momento, sinto uma dor violenta no coração, bocejos, náuseas, suor frio, mal-estar geral, a cabeça pesada. Mas só por instantes. Sempre, aqui e ali, alguns rebanhos de lhamas.

Atravessamos um rio que corta a planície totalmente nivelada, onde o vento, em alguns lugares, levanta grossas colunas de areia.

Às 2h45, chegamos à estação de Crucero Alto, a 4.470 m de altitude; é o ponto culminante da linha, a 190 km de Arequipa. Às 3h½, a 4.360 m, passamos em frente de um esplêndido pequeno lago de águas azuis, que avistamos a partir de 500 m. São as Lagunillas de Saracocha [Sara Cocha].⁶³ As margens, à nossa frente, ao norte, são constituídas de altas montanhas, coroadas de neve; o espetáculo é magnífico. Ziguezagueando, contornamos a metade do lago. Se uma dobra do terreno o esconde, logo ele reaparece com seus contornos sinuosos, penetrando profundamente nas chanfraduras da cordilheira. Nós o costeamos, enganchados no flanco das margens elevadas, quase a pique. Em uma enseada, pasta um rebanho de gado. Sobre a vertente da margem fica o curral de pedras empilhadas, onde os

63 Le Cointe aqui se refere a uma rede de lagos interligados ao Lago Titicaca. Porém, ele cita dois desses lagos – Lagunilla e Sara Cocha – como se esse fosse o nome do conjunto de lagos.

animais passam a noite. Um pouco mais adiante, do outro lado da estrada, à nossa direita, outro pequeno lago de águas azuis. Um rebanho de carneiros corre diante de nós, mal se distinguindo dos montinhos de ervas secas. Descemos praticamente ao nível do segundo lago, a *lagunilla* de Cachipasana,⁶⁴ plissado por um vento extremamente forte e coberto de linhas brancas de espuma [Fim do f° 70].

Perto das margens, uma erva vermelha aparece translúcida, contrastando com o azul vivo das águas. Um bando de cavalos olha o trem passar. Às 4h, chegamos à estação Saracocha, a 4.248 m 91, a 225 km de Arequipa. Descemos a toda velocidade uma garganta incrustada.

Às 4h10, chegada à Santa Lucia, a 4.248 m 91, a 225 km de Arequipa. Devemos percorrer ainda 113 km até Puno, mas os ultrapassaremos rapidamente na descida. Aqui há um hotel e paramos para comer um lanche. Mal partimos e já desembocamos em um amplo vale, que percorremos descendo o curso de uma torrente estreita entre duas margens em declive, de 4 a 5 metros de altura, o que lhe dá a aparência de um canal feito pela mão do homem, quase dessecado. É rio de Cabanilla, que une as *lagunillas* ao lago Titicaca.

Às 5h20 [4h20], chegada a Maravillas a 3.940 m 40 de altitude, a 250 km de Arequipa. À esquerda, uma bifurcação da estrada conduz a um importante estabelecimento mineiro, a 500 m dali. Em seguida, o vale se retrai, quase se fecha; estrada e torrente correm lado a lado entre as muralhas elevadas que se aproximam mais e mais, para se afastarem e logo se aproximarem de novo. Às 5h, estacionamos na frente de uma casa. Seu telhado é totalmente enfeitado com corpos [peles] de raposas dessecados; há mais de cem. Estamos a 3.900 m. A torrente, engrossada por numerosos riachos, já forma um rio, que continuamos a seguir. O vale se alarga muito, alguns raros campos cultivados aparecem. Às 5h20, chegamos a uma estação importante: Cabanillas, a 271 km de Arequipa e a 3.886 m 10 de altitude. Uma cidadezinha surge, mal se distinguindo das alturas circunvizinhas, pois suas casas de barro são da mesma cor do terreno, mas elas são sobrepujadas por uma torre de igreja bastante alta. Aqui e ali, diversos estabelecimentos industriais mineiros. Um ponte foi lançada sobre o rio para abrir passagem para a estrada que cruza a via férrea.

O leito do rio é plano e corre sem profundidade, [Fim do f° 71] estendendo-se até as pedras. A planície alarga-se a perder de vista. A oeste e ao norte, só o horizonte é limitado pela grande cordilheira. Inúmeros rebanhos de gado pastam, de um e de outro lado. Estamos

64 Le Cointe enganou-se ao nomear este lago. Na verdade, a estação ferroviária de Saracocha está localizada às margens do Lago Sara Cocha.

no grande planalto central da Bolívia.⁶⁵ Pouco a pouco, aparece a cultura [de produtos]: vemos muitos campos lavrados e semeados, mas como a estação é de seca, nenhuma vegetação.

Na planície plana, algumas pequenas habitações de indígenas, feitas de blocos de barro empilhados.

Chegada à Juliaca às 6h05, a 3.825 m de altitude e [a] 304 km de Arequipa. É nesta estação que se bifurca a via férrea. Um ramal vai para Cuzco; o outro, para Puno. É este último que vamos seguir. Partida às 6h20. Já anoiteceu. Chegada a Puno às 7h½, a 351 km de Arequipa e a 3.822 m de altitude. Prosseguimos até a plataforma de embarque, à beira do lago Titicaca. O barco já lá está; subimos imediatamente. É uma algazarra indescritível nas escadas escorregadias, nos corredores estreitos, em meio à obscuridade quase total. Não contavam com tantos passageiros, os empregados estão enlouquecidos. Finalmente, temos uma cabine de duas camas, triste, pobre, suja; não queremos nem jantar e nos deitamos imediatamente; a cabeça nos faz sofrer muito e, neste ar confinado, volta a ânsia de vômito. Até às 10h [da noite,] os empregados bêbados fazem um barulho infernal. Enfim, apesar de tudo, o sono vem e durmo pesadamente até a manhã seguinte.

VII. De Puno a La Paz

10 [de setembro de 1900]. Acordo às 6h, meio asfixiado, subo até a ponte para respirar um pouco. Está gelado ainda. Poças d'água congeladas no chão. Partimos às 7h, vagarosamente, seguindo um estreito canal pouco profundo, para sair da baía de Puno, cercada de altos rochedos escuros e nus. De tempos em tempos, veem-se conjuntos de habitações feitas de [Fim do f° 72] um barro amarronzado, mal se distinguindo da vertente escura das altas montanhas. Um estreitamento entre dois rochedos separa a baía do lago propriamente dito. Penetramos neste às 9h½. Um imenso lençol de água aparece; ao sul, a margem mais próxima mostra-se com mais nitidez, caprichosamente entrecortada por longas pontas de rochedos de um marrom avermelhado, uniforme, sem vegetação. A leste, o horizonte de água, cuja linha é apenas entrecortada, aqui e ali, pela silhueta obscura de algum ilhéu rochoso. Ao norte, a grande cordilheira, inteiramente branca, bordeja o lago de um amontoado caprichosamente dentelado de montanhas de neve e de gelo que resplandecem ao sol, pouco se distinguindo das nuvens algodoadas, ao fundo.

Nosso barco é o *Coya*, longo de cerca de 40 m, largo de 8, elevado sobre a água. Dizem que é o melhor dos dois que existem no lago! Pessoal sujo e barulhento, capitão mal-educado, de nacionalidade peruana.

65 Le Cointe e a esposa ainda estavam em território peruano.

A água do lago é de um verde azulado, muito transparente. Seguimos uma direção de 75° SE [sudeste]. Sem vento, a água é ligeiramente ondulada. O ar frio e seco racha os lábios e resseca a garganta.

Por volta de 1h depois do meio-dia, as ilhas, cujas silhuetas avistamos esta manhã, a partir dos pontos culminantes, estão agora na nossa frente, escondendo quase toda a extensão do lago. A NE [nordeste], a cordilheira aproxima-se; altos picos de um branco brilhante, apenas sombreados, aqui e ali, pelas brechas entre os rochedos, perdem suas cristas entre as nuvens algodoadas que se erguem ao fundo, pouco a pouco. Avançamos lentamente, nosso vapor, muito largo para o comprimento, move-se com dificuldade, retardado por uma alvarenga que transportamos a reboque. Já não sinto tanto os sintomas do *soroche*, apenas a cabeça pesada.

Por volta das 3h^{1/2}, o lago estreita-se cada vez mais à nossa frente; depois, não oferecendo mais do que uma passagem de 200 m entre a ilha de Titicaca e a costa. A partir dali, é um verdadeiro desfilar entre [Fim do f° 73] ilhas e pontas rochosas da costa escarpada, onde se elevam, aqui e ali, as ruínas dos antigos monumentos erigidos pelos Incas. Agora, o maciço da Sorata estende-se à nossa frente, imponente, contrastando magnificamente com o céu de um puro azul. Ao longe, um outro grande maciço: o Huayna Potosí ou Hachacaca.

Só à noite, chegamos ao porto. Faz muito frio. Às 8h, vamos nos deitar. A porta de nossa cabine estando fechada, a vela apaga; repito a experiência várias vezes, abrindo e fechando a porta, o resultado é o mesmo: a vela só se mantém acesa quando a porta está aberta, mas minha mulher faz questão de fechá-la. Nem sei como não morremos em tal atmosfera.

Chegada a Chililaya às 8h^{1/2}. Lançamos âncora a 1 km do porto.

11 [de setembro]. Desembarque às 8h, o vapor aproxima-se do cais de madeira que avança a uma centena de metros no lago. Todas as bagagens devem passar pela alfândega. Não nos aborrecem muito, mas ainda perdemos ali duas horas. O carro que tínhamos encomendado por telegrama enviado de Arequipa está esperando.

Uma multidão de índios, com seus ponchos coloridos, os rostos virgens de contato com água,⁶⁶ com seus cabelos compridos que escondem as orelhas e de corte reto à altura do pescoço, chapéu oval de feltro claro,⁶⁷ precipita-se, uns vinte de uma vez, para carregar uma valise.

66 O autor quer dizer, sem dúvida, que os índios estão sujos, como se seus rostos nunca tivessem tido contato com a água.

67 De fato, trata-se de um chapéu que tem a forma de uma bacia oval, como as utilizadas para fazer a barba. Daí a expressão utilizada por Le Cointe em francês: *plat à barbe*.

Finalmente, partimos às 9h45. A estrada atravessa uma região quase plana, com planícies repletas de pedras, campos lavrados para a semeadura, mas desprovidos atualmente de vegetação; somente inumeráveis pilhas de pedras amontoadas pelos pobres lavradores para deixar, no seu intervalo, a terra à vista. Estrada empoeirada, onde o vento forma colunas de areia vermelha, coberta de grossas pedras que obrigam o carro a dar saltos pavorosos. Este carro parece mais uma caixa mal suspensa por quatro rodas, pouco sólidas, que, a cada [Fim do f° 74] instante, temo que se desprenda ou que voe em pedaços. E aqui chamam este aparelho de tílbur!⁶⁸

Cruzamos rebanhos de asnos, carregados de bagagens, acompanhados por índios soprando suas grosseiras flautas de cana. Às 11h20, parada para trocar as quatro mulas de nosso carro. Às 2h da tarde, outra pausa, para o almoço. Entramos em um casebre de barro, onde nos servem, para ser sincero, um muito bom almoço. Às 4h, chegamos à beira do planalto: de repente, no fundo de um precipício, a nossos pés, surge a cidade de La Paz.⁶⁹ Panorama magnífico. Um buraco de 500 m, com um muro quase a pique, dominado, por um lado, por uma enorme montanha coberta de neve, o Illimani (6.470 m); só avistamos os telhados planos e vermelhos a 3.657 m. Descemos a galope pela estrada sinuosa, entalhada na própria parede do precipício. Depois de saltos inimagináveis, de arremessos vertiginosos, a dois passos do precipício, chegamos à cidade, em meio a um labirinto de ruas tortuosas e acidentadas. Mantemos as duas mãos agarradas [às laterais do carro] para evitar que sejamos arremessados para fora. Finalmente, às 5h¹/₂, chegamos ao Grande Hotel Haura, onde descemos. Os senhores Bouillet [Bouillette]⁷⁰ e Goguet⁷¹ estão esperando-nos, e somos recebidos com amabilidade.⁷² Estamos todos empoeirados, sujos, exaustos e nossas bagagens só chegarão amanhã à noite! Após um jantar rápido, fomos nos deitar, extenuados e, principalmente, incomodados pela falta de ar. – Quartos mobiliados, mas pequenos e sem luz.

12 [de setembro]. Nenhuma notícia de nossas bagagens. – Horrível vida de hotel. Frio, mas sol quente, por volta de meio-dia. Qualquer passeiozinho na cidade deixa-nos ofegantes.

13 [de setembro]. Nenhuma notícia de nossas bagagens. Passeio na cidade extremamente fatigante: ruas acidentadas, pedras grossas pontiagudas, escorregadias nas descidas, quase a pique. Ao meio-dia, cai um pouco de granizo meio derretido.

68 Tílbur é um veículo pequeno de duas rodas e dois assentos, sem boleia, com capota, puxado por um só animal. Foi inventado no início do século XIX.

69 Capital administrativa da Bolívia.

70 Émile Bouillette era sócio da Maison Devès et Cie. [Compagnie] em La Paz.

71 Ex-gerente da exploração de borracha da Maison Devès et Cie. no rio Madidi, a quem Le Cointe iria substituir.

72 A notar que Le Cointe, a partir deste momento, torna-se lacônico, não relatando jamais as entrevistas com os responsáveis da empresa ou com notáveis locais.

14 [de setembro]. As bagagens chegaram finalmente e pedimos [Fim do f° 75] que fossem transportadas para o hotel. Falta minha mala grande de couro, onde estão os mapas. E o telégrafo para Chililaya não funciona. O que mais acontecerá? Recebo da Devès 200 B [bolívares] para as despesas de preparação de viagem. Quase todo o dinheiro na cidade é de papel ou fundido em peças de meio *sol* de prata. Não há moedas de ouro nem de cobre. As moedinhas são em níquel. – Hoje também temos granizo.

15 [de setembro]. Nenhuma notícia da minha mala. Jantamos na casa do senhor Bouillet [Bouillette]; encantadora família. Sr. Norden⁷³ não tem notícias da empresa e não sabe se vai partir conosco. Ao meio-dia, granizo; depois, chove.

16 [de setembro]. Chuva o dia todo.

17 [de setembro]. Esta manhã, todas as montanhas nos arredores mostram-se cobertas de neve, que desaparece ao meio-dia.

18 [de setembro]. Belo dia, mas faz frio nos quartos, e neste país sujo não se conhece nenhum meio de aquecimento. As casas não têm lareiras.

19 [de setembro]. Depois de passar o dia correndo atrás, finalmente, encontro minha mala. Para evitar complicações, devo deixar minha valise de fotos e tudo vai passar novamente pela alfândega! Somos enviados de um funcionário para outro, vemos o administrador e, por fim, é necessário que ela passe pelas mãos do agente do estabelecimento. Sr. Goguet viajou esta manhã para a Europa.

20 [de setembro]. Esforços inúteis para reaver minha mala.

21 [de setembro]. Enfim, de tarde, recebo a mala, sem sequer [Fim do f° 76] me fazerem abri-la. O que eles queriam é um monte de papelada. Bando de cretinos!

22 [de setembro]. Hoje, às 3h da tarde, chegada de Monsenhor Gaspar, enviado pelo papa. Ele vem por Chililaya. Chegou de carro, acompanhado de uma dúzia de outros veículos horríveis, sujos, e de uma multidão de pessoas; os trajes pretos misturam-se aos trapos mais variados, predominando a cor vermelha. Umas cem crianças envolvidas em farrapos sujos, bandeiras com as cores nacionais sobre a cabeça representando as escolas da cidade; alguns pensionatos de freiras, de padres, limpos. De uma janela, jogam pequenos papéis coloridos como os confetes de carnaval.

73 Representante da Maison Devès et Cie. [Compagnie] no Brasil e na Bolívia.

24 [de setembro].⁷⁴ Preparação da viagem para Mapiri.⁷⁵

25 [de setembro]. Preparação da viagem para Mapiri.

26 [de setembro]. Preparação da viagem para Mapiri.

27 [de setembro]. Preparação da viagem para Mapiri.

28 [de setembro]. Preparação da viagem para Mapiri.

29 [de setembro]. Preparação da viagem para Mapiri.

VIII. De La Paz a Mapiri

30 [de setembro de 1900]. Saímos de La Paz às 9h, de carro, depois de carregar as bagagens. – Bom carro e boas mulas (do Presidente Pando.)⁷⁶

Às 10h¹/₄, chegada a Alto. – Ali, esperamos nossa caravana até às 11h. Um vento frio roça nossos rostos. Às 11h10, todos nós partimos de Alto. Estrada plana. Como não trouxemos nada para o almoço, precisamos apertar as cinturas; caminhamos até às 5h da tarde, sem parar. Minha mulher, que monta [uma mula] pela primeira vez, está muito cansada, doente. Chegamos ao *tambo* de Chipamayo.⁷⁷ É uma cabana de barro de dois metros de lado, por dois metros e dez de altura, onde arrumamos nossos quatro sacos de dormir. Lhérault⁷⁸ e sua mulher, que nos acompanham, contratados como cozinheiro e faxineira para o Madidi, são muito úteis. Fazem [Fim do f° 77] a comida, conseguem preparar camas quase apresentáveis, usando coberturas de mulas, cobertores, vestimentas etc. Passamos péssima noite neste cômodo mal coberto.

74 Le Cointe não escreve em 23 de setembro.

75 Mapiri é uma localidade do departamento de La Paz, na Bolívia, localizada na província de Larecaja.

76 José Manuel Inocência Pando Solares foi presidente da Bolívia de 1899 a 1904.

77 Tambo (do quéchua *Tanpu*) designava uma pousada construída ao longo das principais estradas incas, usada como abrigo e armazenamento. Nas estradas incas, esses *tambos* eram construídos a cada 20 a 30 quilômetros (ou seja, a um dia de caminhada um do outro).

78 O francês Auguste Lhérault era açougueiro, nascido em Charente em 9 de agosto de 1863, empregado da Maison Devès em Madidi. É possível que sua esposa não fosse francesa, o que explicaria o motivo pelo qual não se encontrou nenhuma menção a ela na lista de franceses inscritos no consulado francês em La Paz, estabelecido na região de Beni (fonte: Archives diplomatiques de Nantes, Ambassade de France à La Paz, cota 341PO/1).

Primeiro de outubro. Partida às 7h $\frac{1}{2}$ da manhã. Minha mulher está melhor e pode montar de novo a mula. O jovem G. Bollati, que também vai para Mapiri, junta-se a nós para seguir viagem. Belo dia.

Minha mulher canta; então vai tudo bem, ela recuperou sua energia. Cruzamos índios que lavram seus campos com um grande arado de madeira, puxado por dois bois. Outros conduzem rebanhos de asnos, de pelos longos, ou de lhamas elegantes, tocando flautas de caniço. – Ao meio-dia, chegamos à *posada* de Copancara, boa taberna, com comida bem variada; bom almoço. Prosseguimos [viagem] à 1h $\frac{1}{2}$. Muito gado à beira do lago Titicaca, que contornamos. Às 2h45, chegamos a Huarina e vamos ser hospedados na casa da irmã do hoteleiro de Copancara. Temos agora um quarto bom, seco, [com porta] que fecha bem. Encontramos boa carne, leite, ovos, vinho, cerveja. Maroca⁷⁹ não está muito bem, muito cansada, mas melhor do que ontem. À noite, Lhérout e Bollati vão caçar à beira do lago e matam cinco pássaros, que assaremos amanhã. – Margens do lago pantanosas – balsas de palha trançadas. Huarina já é uma cidade.

2 [de outubro]. Passamos uma boa noite. Partimos às 8h; vento terrível, tão frio que machuca o rosto e levanta nuvens de areia, que entra em nossos olhos e bocas. Caminho sinuoso, subimos até 3.920 m, estrada boa, mas tempo inclemente. Exaustos, gelados, contrariados, chegamos ao meio-dia a Hachacacha [Achacachi]. Pequena cidade, uma praça com um repuxo de água. – Povo ruim, ladrão e assassino. Temos na *posada* de S. [San] Pedro quartos grandes, onde mando instalar uma cama quase verdadeira para minha mulher. As paredes estão rachadas e foram cobertas de papel, que cai em frangalhos, mas, pelo menos, encontra-se [Fim do f° 78] aqui quase tudo o que se deseja comer. De tarde, o padre, um homem encantador, vem visitar-nos. O vento diminui, descansamos bem.

3 [de outubro]. Partida às 7h $\frac{1}{2}$. Travessia da planície baixa junto ao lago Titicaca, seca atualmente; em seguida, começamos a subir para transpor a primeira cordilheira. Estrada boa. Aqui e ali, grupos de índios encostados em pequenos muros de pedras amontoadas fabricam flautas de caniço. Compro duas por 20 centavos. Um pouco de chuva; depois, granizo, mas o sol reaparece logo. Sem dificuldade, chegamos ao topo a 4.360 m. Depois, começa a descida. Logo, ela se acentua e o caminho estreita-se. Torna-se apenas um bom caminho para mula, na maior parte do tempo, entalhado no flanco, quase a pique, da montanha. O vale do alto [rio] Mapiri surge profundo, escarpado. Ao longe, embaixo, enganchada à meia altura, a cidadezinha de Illabaya [Ilabaya]. Acima de nós, à direita, esplêndido, brilhante de neve, o Illampu domina com sua massa imponente. Da calota de gelo saem fios prateados, que formam sulcos no rochedo enegrecido. São as torrentes que vão perder-se abaixo, nas profundas ravinas,

79 Apellido afetuoso dado por Le Cointe a Maria Corrêa Pinto, sua esposa.

que, reunidas, formam pouco a pouco o braço do rio Mapiri. – Passamos, por meio de uma abertura entre as montanhas, como por uma porta, a passagem de Carapatá. Descobrimos, de repente, o vale de Sorata, profundo e estreito. Sorata logo surge, do outro lado, em uma passagem brusca do rochedo, quase ao fundo. A descida é ainda mais rápida, o caminho tem inúmeras curvas, na maioria das vezes, escavado a pique na rocha, sobrepujando o abismo. A vegetação aumenta, a temperatura já é mais amena. Enfim, às 4h, transpondo uma pequena ponte de pedra, o Mapiri, que ribomba em meio de rochedos desabados, uma queda d'água e curta subida leva-nos à pequena, mas vicejante cidade de Sorata, a 2.665 m. Seguindo uma rua estreita, escorregadia, logo chegamos à porta da Casa Perez. O gerente, Sr. Frick, para quem trago cartas de recomendação, recebe-nos com braços abertos. Sua mulher e sua filha, que voltam de um passeio, [Fim do f° 79] também nos acolhem calorosamente. Um bom jantar, regado de alegria, nos reconforta. Logo depois, fazemos um passeio pelo pequeno jardim que enfeita a praça pública e, às 9h, uma boa cama acaba repousando-nos da viagem cansativa do dia.

4 [de outubro]. Dia de descanso. À tarde, minha mulher vai, com a família Perez, tomar um banho no rio e fazer uma merenda sobre a grama. Ela me traz um buquê de violetas selvagens.

A praça pública é bem ajardinada – flores europeias, de todas as espécies, esplêndidas rosas e, entre os canteiros, vários tipos de legumes: couve, cebolas, alfaces, ervilhas etc.

5 [de outubro]. De manhã, chove torrencialmente e não se enxerga nada a cinquenta passos adiante, por causa da cerração que cobre o vale. Somos obrigados a esperar. Ao meio-dia, envio as bagagens, que vão na frente. Elas nos esperarão a três léguas daqui, em um local onde há pasto para as mulas. Continua chovendo até às 5h da tarde. Às 8h, recebo um telegrama de Bouillet [Bouillette], desejando boa viagem e dizendo que o Sr. Norden ainda não sabe quando poderá viajar.

6 [de outubro]. Partimos às 7h45, em meio a um nevoeiro denso. Subida rápida, em ziguezague. Às vezes, passamos acima da cerração; o vale, a nossos pés, esconde-se na nuvem algodoada. Depois, penetramos em outras nuvens, mas nem vento, nem chuva; não se pode, portanto, reclamar, senão do fato de que não se pode apreciar o esplêndido panorama que deve desenrolar-se a nossos pés.

Às 11h, estamos a 4.015 m. Depois de ter prosseguido, à mesma altura, durante algum tempo, subimos ainda, por meio de valas abertas no rochedo, um caminho, transformado em verdadeira escada escorregadia, à beira de precipícios a pique; às 12h¹/₄, estamos a 4.150 m, em uma dobra de terreno, ao pé da segunda cordilheira. É ali que está nosso pessoal. Hoje já

está muito tarde para seguirmos até Engenho; decidimos passar [Fim do f° 80] a noite aqui. Com as bagagens, faço levantar muros, sobre os quais jogamos uma corda por cima de tudo; fixamos nossa tenda no chão, com estacas de madeira ou de ossos de animais mortos no local, pois a madeira é rara. Em ½ hora, tudo está pronto, as camas armadas. Tiro uma foto. A alegria reina, ver nossa casa deixou todo mundo de bom humor. Às 2h¼, aproveitando uma rápida passagem de luz, tiro uma outra foto. Devo correr para chegar até o ponto onde a vista é boa, mas fico sem fôlego ao termo de vinte passos. Tiro a foto depressa, a cerração vem do vale com a velocidade de um cavalo a galope; apenas um minuto depois de ter pressionado o botão [do aparelho], tudo é novamente envolvido em uma névoa algodoada; não se vê mais nada a dez passos. A cerração, por outro lado, aquece-nos.

Aqui e ali, sobre os rochedos, uma ou outra mancha de neve resplandecente. Um arroio, ribombando, precipita-se a dez passos da tenda. Para acender o fogo, temos de buscar pedaços de madeira bem longe, embaixo, onde o mato seco é abundante. Jantar alegre. Nossa tenda tem um curioso aspecto com nossas quatro camas de acampamento; o jovem italiano dorme no chão forrado de selas de cavalo. Todas as cobertas foram cuidadosamente vedadas com caixas, com arreios e mosquiteiros.

7 [de outubro]. No início da noite, a temperatura ainda era agradável sob nossa tenda, o nevoeiro formava uma espécie de manto em torno de nós; no entanto, a partir de meia-noite, o tempo abriu, a lua iluminou magnificamente tudo, mas fez cada vez mais frio, a tal ponto que passamos mal o resto da noite.

Às 5h½, já é dia claro. Levantamo-nos com os pés gelados. Lá fora, gela. Faz muito tempo que não sentia tanto frio. Os dedos adormecem dolorosamente ao dobrar as lonas úmidas da tenda. Partimos às 7h½. Subida difícil. As mulas são obrigadas a parar a cada trinta passos por causa do *soroche*. Às 8h35, estamos no alto de uma primeira encosta, a 4.555 m. Em seguida, voltamos a descer um pequeno vale, em cujo fundo a nascente de um rio forma um pequeno lago de água azul-escura, e nós [Fim do f° 81] escalamos novamente a última crista da cordilheira através de uma subida muito difícil. À direita, eleva-se majestoso, coberto de neve brilhante, o cimo do monte Tipuani. Às 10h½, alcançamos o ponto culminante do topo da montanha, a 4.856 m. Aqui e ali, placas de neve. Dali, começa a descida; no início, sem precipitação, mas depois, através de uma verdadeira escada de pedra, costeando uma torrente na margem esquerda. As mulas escorregam a cada passo. É preciso descer bem devagarzinho essas pedras inclinadas. Pouco a pouco, o vale aperta e torna-se apenas uma garganta estreita e profunda, onde o caminho costeia a torrente que atravessa uma ponte formada por duas grandes pedras planas, projetadas sobre as pontas de dois rochedos. Às 2h, chegamos a Engenho, antiga mina de ouro, a 3.587 m. – Agrupamento de casas de

índios, de barro seco. No meio, destaca-se a casa do administrador, de um andar, coberta de zinco. O proprietário, ludibriado por suas esperanças, matou-se com um tiro na cabeça há dois anos. Entretanto, tem ouro no rio. Uma índia acaba de oferecer-nos algumas pepitas. Aqui, encontramos um bom alojamento: dois quartos com assoalho no primeiro andar. Assim, dormimos melhor do que na noite passada.

8 [de outubro]. Partimos às 7h^{1/2}, seguindo, no início, o igarapé do Engenho, na frente dos trabalhos da antiga mina de ouro; depois, tornamos a subir o estreito vale de um afluente. A água deste arroio é muito ferruginosa, as pedras são cobertas de uma camada de ferrugem avermelhada. Atravessando esta torrente, escalamos o flanco da montanha, subindo, descendo. Às 9h50, passamos o topo, a 3.900 m. A partir dali, descida rápida em espiral, verdadeira escada natural. A chuva nos apanha no meio do caminho e dura todo o resto do dia, intermitente. Sequência de subidas e de descidas entre 3.650 m e 3.850 m. Às 10h^{1/2}, almoço à beira do arroio ferruginoso. Às 10h45, partida. A neblina nos envolve. Chegamos ao grande Tornillo, a 3.800 m. Descida a pique do precipício por um caminho em ziguezague, talhado na rocha de pedras [Fim do f° 82] escorregadias extremamente inclinadas. Temos de prosseguir a pique para evitar uma queda terrível. Mesmo assim, a descida não é fácil. Nem sei como as mulas podem suportar toda esta carga. As pobres bestas deixam-se escorregar pouco a pouco, quase sentadas. Às 11h45, estamos sob esta passagem complicada, a 3.700 m. Alternamos entre subidas e descidas. Caminho geralmente muito ruim, pedras escorregadias. Inúmeras correntezas cortam o caminho que atravessamos. Em certos lugares, verdadeiras interrupções quase a pique, onde os animais escorregam. Aqui e ali, em sítios inacreditáveis, pedras lisas, justapostas, cobrindo um espaço de dois metros quadrados, indicam um leito de índio!

O caminho segue a crista da montanha, de 5 a 6 m de largura, um precipício de cada lado; depois, tornamos a subir. Às 3h, a 3.940 m, descida em ziguezague intenso; às 4h^{1/2}, a 3.700 m. Enfim, às 5h^{1/2}, ensopados, cansados, puxando as mulas pelas cordas, chegamos a Tolapampa [Tola Pampa], a 3.515 m. É uma casa de pedras [de barro] secas, sem portas, construída por viajantes.

Com dificuldade, acendemos o fogo com alguns pedaços de madeira pouco madura que encontramos ali. Limpamos a sujeira acumulada. Obstruímos a entrada com as malas e os ponchos molhados e fazemos fumaça, que nos atordoa conscientemente, para preparar a sopa. Às 6h^{1/2}, a lua aparece em meio a um resto de neblina que esconde seus raios [luminosos], entre duas montanhas que formam um V. Ela está enorme, vermelha, esplêndida, entre as duas massas escuras que se mostram vagamente.

9 [de outubro]. Tivemos uma boa noite, um pouco enfumaçados, mas não expostos à brisa. Todas as roupas, ponchos, que estão pendurados em facas enfiadas nos interstícios das pedras da muralha, dão a nosso quarto um ar de brechó. Às 6h, estamos de pé. Belo dia, tempo claro, o que, parece, é extraordinário nesta região. Às 8h menos $\frac{1}{4}$, partimos: ora subimos, ora descemos, continuamente. Apesar disso, ganhamos rapidamente a região onde começa a vegetação. Ela ainda é mirrada, mas deixa a atmosfera mais alegre; e parece que aqui uma queda seria menos arriscada, teremos talvez a sorte [Fim do f° 83] de poder nos agarrar melhor do que sobre uma rocha nua. Às 11h $\frac{1}{4}$, estamos a 2.650 m, e ali almoçamos. Ao meio-dia, subida até 2.700 m. Sempre seguindo as cristas estreitas, os vales profundos, de cada um dos lados. Descidas imensas em ziguezague, mas não perigosas; o caminho, quase sempre, um pouco escarpado por causa das águas que o escavaram. Muitas samambaias, orquídeas e musgos cobrem as árvores. A 1h $\frac{3}{4}$, no alto, a 2.689 m: grande descida cansativa (da Amargura), passagem ruim, obrigando-nos a caminhar para evitar os escorregões perigosos. Bela vista, o ar é claro sob as nuvens que se deslocam acima de nós. Avista-se, ao longe, o vale do Mapiri, limitado, do outro lado, pelas altas montanhas. À nossa frente, a crista prossegue sob a forma de dorso de asno, entre o vale do Coriaguira, à direita, e o vale Pauchinto [Pauchinta], à esquerda, indicado pela linha clara do caminho que acompanha sempre todas as suas sinuosidades, seus altos e baixos. O caminho corta cada vez mais uma floresta densa e elevada. Às 3h $\frac{1}{4}$, estamos embaixo, a 1.985 m; em seguida, tornamos a subir. Às 4h, a 2.125 m, alternam-se subidas e descidas. – Agora o caminho é bastante bom. Às 5h $\frac{1}{4}$, passamos por Pararani. Pagamos 20 centavos para cada mula [ter direito de] passagem, para a manutenção do caminho. Ali encontramos algumas laranjas. Enfim, às 6h, chegamos a Cantería, a 1.465 m. É uma simples barraca, onde não há nada para comprar, nem frutas, nem ovos. A própria água potável fica longe e morremos de sede. Pagamos um índio para ir buscar um pouco de água no vale. Meia hora depois, ele nos traz um pouco, mas suja.

Finalmente, podemos preparar a sopa. A temperatura é amena. A barraca está bem coberta, mas aberta aos quatro ventos. Minha mulher pendura sua rede, durmo do lado de fora, no saco de dormir. Sentimo-nos quase em casa! Viva o sol e a vegetação!

A jornada foi longa, difícil, mas com tempo esplêndido para viajar, nem sol, nem chuva. Este caminho foi mal concebido, pois acompanha sempre as cristas das montanhas, de maneira que subidas e descidas se sucedem e nunca se encontra água. – À [Fim do f° 84] noite, estamos ao abrigo de uma tempestade que desaba ao longe.

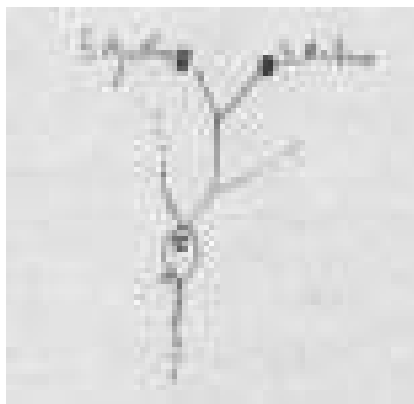
10 [de outubro]. Tivemos uma boa noite. De manhã, esperamos, durante duas horas, água e forragem. Partimos às 9h $\frac{1}{2}$ – subida, às 10h estamos a 1.540 m; às 10h $\frac{1}{2}$, embaixo, a 1.435 m. Em seguida, encontramos três sinuosidades da crista estreita que seguimos

sempre. – Às dez para as onze, embaixo da segunda [sinuosidade], a 1.340 m, há uma poça d'água, onde nossas mulas matam a sede. No alto da terceira, às 11h05, a 1.325 m; no alto da quarta, às 11h20, a 1.365 m. No alto da quinta, às 11h25, a 1.365 m – descida, embaixo às 11h30, a 1.345 m.⁸⁰ Poça d'água de chuva para os animais beberem. Partida às 12h15. Às 12h25, no alto, a 1.390 m; a 1h, embaixo, a 1.155 m. À 1h40 [da tarde], São José, no alto, a 1.290 m – parada [para descanso] em uma boa casinha, onde nos recebem com muita cordialidade e onde tomamos uma deliciosa limonada. Partida às 2h½, descida; às 3 h, uma cruz no alto, a 1.295 m. A crista se divide: dois caminhos, à direita, San Antonio; à esquerda, Bella Vista, Copacabana e Mapiri. Queremos passar por San Antonio, tomamos a direita. Descida. Em seguida, o caminho contorna à esquerda, sobe e volta a encontrar-se com o primeiro, no alto, às 3h¼, a 1.305 m. Então, nós nos enganamos.

Ali, há um pequeno cemitério e o caminho bifurca-se de novo. Tomamos a direita. – Em direção ao alto, às 3h25, a 1.320 m, desaba tempestade dos dois lados, mas apenas algumas gotas nos atingem. Outra bifurcação. Vamos pela esquerda; subida e, logo depois, descida.

Às 3h45, estamos no alto de uma encosta, a 1.325 m. Às 3h50, embaixo, a 1.245 m, terreno plano. Em seguida, descida; às 4h05, a 1.225 m, o caminho se divide. Seguimos pela esquerda; ali começam a aparecer [algumas] palmeiras-piaçaba. Chegada a San Augustine às 5h¼. Nosso guia, o jovem Bolati [Bollati], enganou-se, perdemos o caminho para S. Antonio. Aqui, plantações de cafezais carregados de grãos, mas nenhuma alma. Tudo está abandonado por causa do pouco valor do café, devido à dificuldade de transporte.

Fazemos o caminho de volta até Bella Vista. Dali, levo comigo um mocinho para ser nosso guia. Nós [Fim do f° 85] continuamos viagem à noite. Foi à altura da segunda bifurcação que nos enganamos. Deve-se seguir à direita. Viajamos em meio à noite escura, confiando no instinto das mulas, cujas orelhas nem conseguimos ver, [atentos] para não sermos precipitados em algum abismo. Às 7h45, chegamos a S. Antonio, a 1.095 m.



80 O texto não é claro sobre essas sinuosidades. Le Cointe afirma que eram três, mas enumera cinco.

Somos bem acolhidos pelo Sr. Smidt e por Dona Christina.⁸¹ Um bom jantar, cama etc. Bela *hacienda*: [produção] de borracha e de quinino (mais de dois milhões de árvores de quina).

11 [de outubro]. Partida às 11h45. No alto, às 12h10, a 1.225 m. À esquerda, vista sobre o vale do [rio] Mapiri, que corre entre as colinas, quase seco, deixando seu leito descoberto, constituído de grossas pedras. Às 12h¹/₄, descida. Às 12h35, embaixo, a 1.135 m. Em seguida, descida rápida, em ziguezague, até 700 m. Chegamos ao Mapiri às 2h, a 550 m.

Ao redor da praça, dez casas de bambu, cobertas de palha, a 20 m acima do nível do rio.

O Sr. Carvajal, nosso agente, recebe-nos amavelmente; ele já reservou uma pequena casa com dois quartos para nós. A embarcação também já está pronta. Partiremos amanhã. Que sorte extraordinária! Esta embarcação é uma jangada ou *callapó*, composto de três balsas. Além do mais, parece que teremos os melhores balseiros.

Encontro aqui o Sr. Hernandez de Reyes, que, muito amável, entrega-me uma carta para seu gerente de Rurrenabaque.⁸² Passamos um dia agradável, gratificados, já que a viagem terminou sem acidente. Aproveito para enviar ao senhor Bouillet [Bouillette] orquídeas que encontrei pelo caminho.

Contrato provisoriamente, por três meses, o jovem Bolati [Bollati], que viaja conosco desde La Paz. Penso que ele poderá ser útil para alguma coisa no Madidi.

À tarde, tomamos um magnífico banho no [rio] Mapiri. Aqui, a temperatura já está muito alta. Parece que o lugar tem uma má reputação por causa das febres [Fim do f° 86].

IX. De Mapiri a Rurrenabaque

12 [de outubro de 1900]. Passei uma boa noite na minha rede, que pude pendurar pela primeira vez, depois de meses. – Logo de manhã, preparamos a embarcação. Ela é uma jangada vulgar a que se dá o nome de *callapó*. É constituída pela reunião de três outras pequenas jangadas, que chamam de balsas. Cada balsa é composta de sete pedaços de madeira redondos, talhados de viés na proa, ligeiramente erguida, e atravessada por pedaços de palmeira pupunheira,⁸³ que os interligam uns aos outros. O todo pode ter de 5 a 6 metros de comprimento por 1 m 50 de largura, o que dá ao *callapó* uma largura de 4 m 50 por 5 a

81 O termo Dona marca deferência para mulheres casadas, cujos maridos tinham status social elevado (por exemplo, proprietários de uma *hacienda* ou fazenda).

82 Rurrenabaque é uma cidade no norte da Bolívia, situada às margens do rio Beni.

83 *Bactris gasipaes* Kunth, originária da Amazônia.

6 metros de comprimento. A madeira das balsas é a envira,⁸⁴ cada tronco com cerca de 20 cm de diâmetro. Um *callapó* levanta 2.555 libras de carga (100 arrobas). Os *callapós* são deixados à mercê da correnteza; os balseiros procuram apenas retê-los com seus remos primitivos, pás longas de 60-70 cm, larga de 20 cm, e com um longo cabo de 1 m 50, desprovido de punho, talhados de forma grosseira.

O porto fica a 35 m abaixo da cidade. Extensa praia de pedras.

Nossos balseiros estão vestidos com uma calça de tecido branco e com uma espécie de camisa vermelha, com desenhos azuis e brancos bordados em torno das cavas, de mangas curtas e largas, o colarinho aberto como os ponchos.

Para subir de Guanay a Mapiri, passam-se três dias e meio de viagem; e, de Rurrenabaque a Guanay, de dez a doze dias.

Partimos à 1h da tarde. O rio está baixo. Somos numerosos em nossa jangada: cinco passageiros, sete marujos e dois cachorros. Tomo nota do curso do rio:⁸⁵



40° – NE – 350 m [milhas]

10° – NO – 50 m pt. [ponto] = A. largura 15-20 m

10° – NE – 35 m

Norte – 25 m Alturas [montanhas] arborizadas dos dois lados, a cada contorno, no interior, praias de grossas pedras e corredeiras.

35° – NO – 50 m

35° – NE – 50 m

560 [m]

84 Nome comum e genérico das plantas da família das Anonáceas.

85 A partir desse ponto, Le Cointe fez anotações que mais tarde lhe permitiriam desenhar um mapa do rio Mapiri. Registra, assim, a direção do curso d'água, a extensão de cada trecho de rio percorrido, a localização de ilhas e corredeiras, bem como alguns destaques ambientais. Nas suas anotações, o "m" é uma abreviatura de milhas náuticas.

As árvores das margens estão cobertas de orquídeas.

[Fim do f° 87]

R. [Resumo] 560 [m]

65° – NE – 50 m

60° – SE – 100 m

85° – NE – 120 m

60° – NE – 80 m

75° – NE – 85 m

75° – SE – 120 m

80° – SE – 60 m

30° – NE – 30 m

50° – NE – 60 m

75° – NE – 65 m

Corredeira

50° – SE – 85 m

Sul – 55 m

1.470 [m]

R. [Resumo] 1.470 [m]

35° – SE – 40 m

65° – SE – 95 m

52° – SE – 60 m

Corredeira

70° – SE – 250 m

80° – SE – 120 m

65° – SE – 80 m

Corredeira

80° – SE – 40 m

Leste – 180 m

Corredeira

75° – NE – 100 m

Leste – 60 m

Pequena ilha e corredeira

2.495 [m]

R. [Resumo] 2.495 [m]

50° – SE – 150 m

Corredeira

85° – SE – 80 m

Corredeira

60° – SE – 95 m

45° – SE – 40 m

Corredeira

75° – SE – 30 m

Leste – 40 m Leito mais estreito.

75° – NE – 100 m Colinas elevadas de 250 m.

85° – NE – 70 m

70° – SE – 80 m Corredeira forte.

50° – SE – 120 m

10° – SE – 60 m Montanha à pique, à direita.

40° – NE – 120 m Rio na encosta.

Corredeira forte

20° – SE – 100 m

Corredeira forte, pouca água. Nossos marujos estão embriagados.

3.580 [m]

[Fim do f° 88]

R. [Resumo] 3.580 [m]

Um deles cai na água. Felizmente, mesmo nesse estado, consegue nadar como um peixe. Mas, ainda assim, perdeu o chapéu; o segundo, desde nossa partida.

20° – SO – 100 m

Sul – 50 m

Corredeira – a madeira da jangada raspa as pedras, que rolam sob nossos pés.

70° – NE – 60 m Rio na encosta, entre colinas elevadas, quase a pique.

30° – NE – 85 m

Leste – 150 m

35° – SE – 40 m

Corredeira muito forte sobre rochedos, passagem estreita

Sul – 50 m

40° – SE – 70 m

Corredeira

60° – SE – 85 m

Corredeira

Sul – 80 m

60° – SO – 90 m

Corredeira

Sul – 30 m

35° – SE – 100 m

70° – SE – 60 m

No fim, à direita, pequeno rio.

70° – NE corredeira forte – 40 m

Chegando ao fim da corredeira, parecia que o *callapó* ia bater contra a muralha de rochedos, mas a um metro de distância ele mergulhou 50 cm do lado esquerdo, endireitou-se, seguiu a correnteza.

55° – SE – 50 m

Corredeira

60° – NE – 100 m

No fim, corredeira.

Norte – 125 m

4.940 [m]

[Fim do F° 89]

Foto 76. Ausente do caderno.⁸⁶

R. [Resumo] 4.940 [m]

No fim, corredeira e passagem estreita, violenta correnteza. Passamos perfeitamente entre as duas águas; em dois segundos, ultrapassamos o rochedo.

50° – NE – 80 m

70° – SE – 100 m

Sul – 150 m

No fim, corredeira forte.

55° – SE – 100 m

75° – SE – 120 m

No fim, passagem estreita e uma forte corredeira; curto mergulho, choque contra os rochedos, um grito, conseguimos passar. Resultado: duas crianças caíram na madeira da balsa, nada foi perdido.

50° – SE – 120 m

40° – SE – 50 m

No fim, forte corredeira, a água sobe 50 cm acima do chão [Fim do f° 90] das balsas.

5.660 [m]

R. [Resumo] 5 660 [m]

80° – SE – 50 m

No fim, vê-se, à direita, a parede do rochedo. Plano inclinado, os marujos se deitam no chão das balsas para, com força, melhor remar. Passamos sem obstáculos, saltando entre as pedras.

10° – NE – 50 m

No fim, outra corredeira, contorno brusco. Dir-se-ia que o *callapó* iria quebrar ao roçar as pedras.

70° – SE – 140 m

86 A última foto mencionada por Le Cointe foi a de número 40. Há, portanto, um salto não explicada para a foto número 76.

No meio, à direita, paramos para passar a noite. São 5 h^{1/4} [da tarde]. Monto uma barraca com bambus e cubro com nossa tenda. Armamos os mosquiteiros e as redes.

13 [de outubro]. Tivemos uma boa noite. Às 5 h^{1/4} da manhã, fomos acordados por uma trovoadas, acompanhada de forte chuva. Todos correm para a nossa barraca. Chove a cântaros, a água cai gota a gota aqui, mas é pouca coisa.⁸⁷ Às 7h, a chuva cessa.

Partida às 7h20. Corredeira – 70° – NE – 80 m

40° – NE – 50 m

Ao fim, corredeira forte do [rio] Atin.

No ano passado, um balseiro de nome Villeneuve aqui se afogou. O acidente aconteceu na época das cheias, o *callapó* virou, empurrado pela contracorrente. Passamos sem problema, mesmo com a água cobrindo nosso *callapó*, molhando-nos até os joelhos.

Confluência à esquerda com o rio Atin, que tem muita água.

40° – SE – 100 m No fim, corredeira, colinas elevadas.

50° – NE – 120 m No fim, corredeira, colinas elevadas.

40° – SE – 180 m

10° – SO – 160 m No meio, corredeira.

30° – SO – 80 m

Sul – 50 m Corredeira

Leste – 30 m No fim, baía à direita.

40° – NE – 30 m Corredeira forte, pequena ilha no meio.

Leste – 150 m Corredeira forte, pequena ilha no meio.

Sul – 150 m No fim, corredeira do [rio] Selinabará.

7.080 [m]

[Fim do f° 91]

R. [Resumo] 7.080 [m]

87 Le Cointe refere-se a goteiras dentro de sua tenda.

Cruzamos três balsas que passam subindo a corredeira. As balsas são puxadas por cordas, com água até a cintura. Corredeira longa e forte.

40° – SO – 250 m No fim, corredeira.

70° – NO – 250 m

No meio, corredeira muito forte, mas em linha reta.

20° – SO – 40 m

20° – SE – 160 m No meio, à direita, pequeno igarapé.

65° – SO – 100 m

Oeste – 125 m No meio, corredeira.

30° – SO – 100 m No fim, corredeira.

80° – NO – 100 m

70° – SO – 200 m No fim, corredeira no contorno e afluente à direita.

70° – SE – 200 m

O leito do rio alarga-se de 20 a 30 m e mesmo 40 m.

80° – NE – 200 m Encontramos duas balsas subindo [o rio].

30° – NE – 120 m

À direita, grandes rochedos de 15 m de altura, completamente cobertos por ninhos de vespas. – Guilherme improvisa uma bandeira com cintos de algodão colorido e uma longa vara e a crava no chão, no meio do *callapó*.

40° – SE – 100 m Cruzamos com outra balsa, rebocada por uma corda.

15° – SO – 150 m No fim, corredeira.

15° – SE – 150 m

10° – SO – 180 m No fim, corredeira.

60° – SE – 120 m

Leste – 80 m Afluente à direita – corredeira no final.

Norte – 100 m

Corredeira

80° – NE – 200 m

50° – NE – 200 m No fim, corredeira.

10.205 [m]

[Fim do f° 92].

R. [Resumo] 10.205 [m]

Norte – 50 m

40° – NE – 60 m

85° – NE – 600 m No meio, corredeira.

No fim, no contorno, altos rochedos nos dois lados.

40° – NO – 90 m No fim, corredeira.

15° – NO – 40 m

20° – NE – 100 m No fim, corredeira e, à direita, grande praia de pedras grossas polidas.

50° – SE – 100 m No fim, fortes corredeiras, altas ondas.

70° – SE – 80 m

40° – NE – 120 m

70° – NE – 250 m

70° – SE – 110 m

20° – SE – 100 m

20° – SO – 100 m

À direita, a colina ribeirinha, arborizada, com 50 m de altura, foi devastada por um verdadeiro ciclone, as árvores empilharam-se umas sobre as outras, as raízes no ar.

No fim, corredeira.

40° – SE – 150 m

No fim, queda em plano inclinado (1 m 50); é a corredeira de Guercane. Passamos à terra firme, entre as pedras da praia, para tirar uma foto. O *callapó* passa sem incidente.

20° – SO – 70 m

40° – SO – 100 m

Sul – 150 m

30° – SE – 100 m

No fim, no contorno, forte corredeira de Atchiquira, passagem estreita, entre praias de pedras grossas, muitas vagas. 70 m de comprimento.

Leste – 100 m

Norte – 120 m No fim, corredeira.

12.775 [m]

[Fim do f° 93]

Foto 77. Ausente do caderno.

R. [Resumo] 12.775 [m]

80° – NE – 150 m

60° – SE – 250 m No meio, corredeira muito forte, grande plano inclinado. Partimos como uma flecha, as ondas chegam até as pernas.

Leste – 180 m

40° – SE – 150 m

30° – SE – 120 m Casa à direita: Calaponte; no fim, corredeira.

65° – SE – 150 m

Leste – 250 m No fim, corredeira com 80 m de comprimento e, à esquerda, casa.

Sul – 60 m

Oeste – 80 m No meio, corredeira forte, contorno difícil.

10° – SO – 100 m Série de corredeiras.

Uma jaquiranaboia⁸⁸ cai na balsa, os índios tocam nela sem medo e não sabem o seu nome.

14.265 [m]

[Fim do f° 94]

Foto 78. Ausente do caderno.

R. [Resumo] 14.265 [m]

60° – SE – 350 m Larg. [largura] 35 m; no meio, à esquerda, Carura (casa). No fim, grande corredeira.

Sul – 180 m

88 Inseto hemíptero inofensivo, do gênero *Fulgora*, semelhante a uma grande borboleta com cabeça proeminente. Também é conhecida pelos nomes vulgares cobra-voadora ou jequitiranaboia.

No começo, corredeira curta, mas forte, as ondas cobrem meu bloco de notas, sobre meus joelhos. No fim, no contorno, encontramos uma balsa que sobe [o rio]. No fim, na curva, casa à direita.

40° – SE – 130 m

80° – SE – 280 m O vale já é mais largo.

75° – NE – 400 m

A 100 m do final, à direita, três casas – cana-de-açúcar, duas balsas no porto, é o vilarejo de Culebra. No fim, corredeira e casa, à direita.

45° – SE – 200 m No começo, duas casas à direita.

50° – SO – 225 m

No começo, corredeira e casa à direita. – Na segunda metade, corredeiras, igarapé à esquerda. No fim, encontro com quatro balsas. Aqui, há uma cruz, é a tumba de um negro que se afogou um pouco acima [do rio].

30° – SE – 120 m

55° – SE – 420 m No meio, corredeira.

75° – SE – 200 m

No fim, corredeira muito forte, mas curta. À esquerda, balsa sobre a terra.

45° – NE – 150 m

No fim, encontro com uma balsa subindo [o rio], bem pequena, com uma mulher e uma criança.

80° – SE – 130 m No fim, corredeira.

30° – SO – 250 m

No fim, alargamento, pequena ilha no meio e corredeira forte.

25° – SE – 120 m

Leste – 200 m No fim, corredeira.

40° – SE – 160 m

10° – SE – 130 m

No fim, corredeira e rochedo no meio.

17.810 [m]

[Fim do f° 95]

R. [Resumo] 17.810 [m]

45° – SE – 120 m No meio, à esquerda, casa – larg. [largura] 40 m

60° – SE – 450 m

No meio, à esquerda, casa, três balsas no porto; no meio, corredeira. A 120 m, antes do final, à esquerda, casa (Pelera) (cana de açúcar) e corredeira longa.

20° – NE – 100 m No fim, corredeira forte.

80° – NE – 150 m No meio, corredeira forte.

50° – SE – 350 m

No meio, à direita, três casas e quatro balsas nos portos (Chabarea). No fim, à esquerda, balsa no seco. Em todas as casas, extensas plantações de bananeiras. Duas balsas subindo [o rio].

Leste – 350 m

O nível da água aparece nitidamente na margem. O rio sobe pouco, em suma, tendo-se em vista os do baixo Amazonas, 1m^{1/2}, no máximo. – No fim, corredeira.

60° – SE – 180 m No meio, à direita, casa – 3 balsas. No fim, corredeira.

80° – NE – 150 m À direita, no meio, abre-se no rochedo um gruta, a 5 m acima do nível da água.

Sul – 40 m

20° – SO – 40 m

40° – SO – 400 m

No final, corredeiras. – Sempre pequenos bambus nas margens. E já muitas árvores [semelhantes às] do baixo Amazonas (Periquiteiros):⁸⁹ poucas palmeiras.

30° – SE – 100 m

65° – SE – 200 m No meio, à esquerda, 6 casas (Wituponte). 5 balsas no porto. À direita, outra balsa.

No fim, à direita, porto de Guanay. 14 balsas em terra firme. Pausa às 4h^{1/2}, a 427 m de altitude.

Bem recebidos pelo Sr. Telleria, a quem entrego uma carta da parte do Sr. Frick. Encontram dois quartos para nós, com paredes de bambu, cobertos de trançados de bambu também. Penduramos nossas redes; as camas altas, feitas de trançados de bambu, [Fim do f° 96] servem de mesas.

89 *Trema micrantha* (L.) Blume: árvore da família Cannabaceae, nativa da América tropical e subtropical e com propriedades medicinais.

20.340 [m]

R. [Resumo] 20.340 [m]

É perfeito. Às 5h^{1/2}, chegam pescadores com um dourado de 35 kg. Pensava que peixes assim não existiam em lugar tão alto.

Às 9h [da noite], vamos nos deitar; não tem mosquito algum.

Domingo. 14 [de outubro]. Às 3h^{1/2} da manhã, começa uma forte chuva, que dura até o pôr-do-sol. Todas as bagagens vão se molhar mais uma vez e o peso vai aumentar também; o que é um inconveniente.

Guanay é composta por uma dezena de barracas de palha, a 200 m do rio Mapiri e a 50 m do rio Tipuani, que desemboca um pouco mais abaixo.

G. Bolati [Bollati] não quer mais seguir viagem; ele fica aqui.

Partida às 10h45, saudados por 22 tiros de revólver. É costume aqui atirar na chegada e na partida de um *callapó*.

45° – NE – 150 m

70° – NE – 50 m No fim, corredeira.

35° – SE À direita, confluência do Tipuani, águas vermelhas devido à grande quantidade de terra arrastada; largura de 25 m, muita água e correnteza [Fim do f° 97] forte.

20.540 [m]

R. [Resumo] 20.540 [m]

No rio Tipuani, encontram-se também uma dúzia de balsas. – Abaixo da confluência, a água mistura-se dificilmente, formando manchas vermelhas e pretas, bastante curiosas.

50° – SE – 160 m No fim, corredeira – largura do rio 40-45 m; águas profundas já.

Paramos à direita, em uma casa; no porto, em frente, há quatro balsas. O proprietário do *callapó*, Sr. Telleria, veio com a gente esta manhã e nos faz perder tempo.

60° – SE – 100 m

No fim, à direita, afluente: o rio de Challana, mais recente do que o Tipuani e menos vermelho – largura 15 m, também muita água.

50° – SE – 120 m

Esses dois afluentes engrossaram muito o Mapiri e aumentaram sua correnteza, a navegação será mais fácil.

80° – SE – 35 m

25° – NE – 250 m

50° – NE – 100 m

70° – NE – 150 m

80° – SE – 100 m

72° – SE – 350 m No começo, corredeira, as pedras estão todas cobertas e a corredeira só é percebida pela agitação das águas; à esquerda, na praia, duas balsas.

No fim, à direita, igarapé de água limpa: o rio Coroico, de uma largura de 10 m. A água clara segue durante 100 m na margem direita.

75° – NE – 100 m No fim, corredeira forte que mistura as águas.

45° – NE – 200 m No começo, continuação da corredeira; no final, corredeira.

60° – NE – 600 m

No começo, à esquerda, casa e pequeno igarapé. No meio, à direita, um *callapó*, que passou [por nós] esta manhã, está parado, vindo do Mapiri e indo para Isapore. No fim, à esquerda, casa, cruzamos uma balsa [Fim do f° 98] subindo [o rio].

22.805 [m]

R. [Resumo] 22.805 [m]

Paramos na casa do capitão de nossos balseiros. Aqui, tomamos *chicha* de milho, bebida azedinha e refrescante.⁹⁰ Partida à 1h^{1/2}.

Partimos com seis balseiros, um aprendiz, a filha e o jovem filho do patrão balseiro e também o Sr. Telleria; estamos bem carregados.

Logo ao contornar, corredeira.

15° – NE – 150 m No meio, corredeira muito forte, com volta brusca de correnteza.

Aqui, outro dia, Sr. Rocha, engenheiro, caiu na água e quase morreu, a balsa tendo batido na parede dos rochedos enquanto ele tocava acordeão, sentado em sua mala. Ele não

90 Bebida fermentada típica dos Andes.

pôde tirar as mãos das correias para nadar. – Passamos em melhores condições, porque a água está mais alta.

No fim, outra corredeira. – Entre os dois, cruzamos uma balsa subindo [o rio].

65° – SE – 250 m No meio, corredeira.

55° – NE – 40 m À direita, casa no contorno.

20° – NE – 100 m

No começo, à esquerda, casa. No fim, no contorno, ilha no meio.

60° – NE – 150 m Sempre colinas elevadas nos dois lados.

80° – NE – 250 m Depois, quase até o fim, corredeira. – No final, no contorno, corredeira forte.

60° – NE – 30 m

20° – NE – 20 m Corredeira.

45° – NE – 150 m

Pedras grossas e rochedos amontoados nos dois lados do rio, que tem aqui apenas 18 m de largura.

Uma enorme pedra desprende-se a 100 m de altura da parede da encosta, quase a pique, à esquerda, e, descrevendo uma parábola, vem quebrar-se nos rochedos da margem, a 15 m de onde estamos.

30° – NE – 100 m

50° – NE – 200 m

85° – NE – 300 m

24.545 [m]

[Fim do f° 99]

24.545 [m]

No final, fazenda de Oyapi (Fco. [Francisco] Oiti). No fim, corredeira forte.

55° – NE – 100 m

No fim, à esquerda, ainda uma casa de Oyapi e pequeno afluente antes (água clara) – 8 m de largura. Ali, encontra-se um francês, velho bêbado, empregado a 60 Bs [bolívares] por mês. Amigo de A. [Auguste] Lhérault.

80° – SE – 150 m

No final, corredeira muito forte, as ondas chegam quase até nossos joelhos.

60° – NE – 60 m

30° – NE – 200 m

Leste – 100 m

60° – SE – 200 m

Neste local, a 150 m do começo, fica a passagem de Mal Agua. É uma cachoeira inclinada, as ondas são muito violentas, mas felizmente há muita água e os rochedos estão cobertos. Desço sozinho até os rochedos para tirar duas fotos, às 3h½. Em Mal Agua morreu um dos balseiros que acompanhava o Sr. Goguet. Aliás, aqui houve vários acidentes. No fim, à direita e à esquerda, alta montanha.

Foto 79. Ausente do caderno.

Leste – 200 m

No fim, na curva, corredeira, nosso *callapó* submerge um dos seus lados, a [Fim do f° 100] pelo menos, 60 m.

25.555 [m]

R. [Resumo] 25.555 [m]

25° – SE – 250 m

Leste – 300 m

Foto 80. Ausente do caderno.

A 50 m do início, a passagem difícil do Tchukina; corredeira violenta, corremos como uma flecha; a água cobre as balsas, que correm para o rochedo do contorno. Aqui, a força da correnteza faz o *callapó* revirar bruscamente, no momento mesmo de atingir [o rochedo]; ele inclina-se sobre a água, uma caixa de vinho desliza à deriva na direção da proa, conseguimos agarrá-la a tempo. Esta [correnteza] é do mesmo gênero que Mal Agua, mas mais curta.

No final, corredeira e, à direita, casa, com três balsas no porto. Paramos ali para passar a noite. Por causa dessas repetidas paradas, todo o pessoal está embriagado. Armamos nossa barraca na entrada da casa. Boa noite, sem chuva. De manhã, recebemos a visita do Sr. Machicado, de Rurrenabaque, que está aqui de passagem. O rio baixou de novo 50 cm esta noite e a água tornou a ficar clara.

Segunda-feira. 15 [de outubro]. Partida às 6h45. Telleria fica aqui.

60° – SE – 250 m

No fim, bela praia de pedras à esquerda e casa.

26.355 [m]

[Fim do f° 101].

R. [Resumo] 26.355 [m]

Leste – 100 m

20° – NE – 180 m

No fim, à esquerda, *hacienda* de Alexandre, 5 casas, 9 balsas no porto. No meio, corredeira.

Temos agora quatro balseiros e uma criança-aprendiz e sempre a filha de nosso primeiro capitão, pois o capitão foi substituído por causa de sua bebedeira de ontem, e agora é simplesmente marujo.

Foto 81. Ausente do caderno.

85° – NE – 220 m

No início, à esquerda, casa e duas balsas. Aqui, o rio forma uma baía. Logo depois, estreitamento muito acentuado entre duas grandes praias de pedras, e corredeira.

70° – NE – 250 m

No fim e no contorno, corredeira.

15° – NE – 100 m

40° – NE – 260 m

50° – NE – 60 m

80° – NE – 150 m

27.675 [m]

[Fim do f° 102]

R. [Resumo] 27.675 [m]

70° – NE – 200 m

No final, corredeira de Retamo. Enormes rochedos caídos no meio do rio o estreitam. Desta vez, é uma verdadeira cachoeira inclinada. Vamos à terre firme para tirar algumas fotos e levar meus papéis, pois temo que naufraguem. O *callapó* passa diante de nós como uma flecha no meio da espuma, a água o cobre a um metro de altura, ele desaparece atrás dos rochedos. Por terra, saltando, escorregando por entre os rochedos, corremos mais perigo do que nas balsas. Levamos uma hora para chegar ao *callapó* abaixo da cachoeira. Várias vezes corremos o risco de quebrar o pescoço ou de sermos precipitados nas águas furiosas que se chocam contra a muralha na qual estamos agarrados.

55° – NE – 400 m

As ondas furiosas continuam a formar uma correnteza rápida e a água agita-se até a metade. No fim, corredeiras.

25° – NO – 150 m

No meio, passagem difícil, corredeira forte. Como a água subiu, ainda passamos bem.

60° – NE – 150 m

No fim, corredeira de Noir. – Aqui, pedras no meio da água retêm a correnteza que engrossa. Subimos, descemos, como em uma montanha russa, e passamos perfeitamente em meio à espuma.

75° – NE – 200 m

45° – NE – 500 m

A partir daqui, podemos dizer que todos os perigos da viagem foram suplantados. No fim, corredeira forte. Nosso *callapó* gira como um pião uma volta inteira na correnteza. – O rio tem agora 40 m de largura, as margens são rochosas, mas as colinas menos elevadas (50-100 m) e o leito menos [próximo] das encostas.

Leste – 300 m

No fim, à esquerda, casa e corredeira forte.

30° – NE – 100 m

No fim, corredeira.

85° – NE – 250 m

29.925 [m]

[Fim do f° 103]

R. [Resumo] 29.925 [m]

No meio, corredeira.

55° – NE – 120 m

10° – NE – 250 m

No começo, pequena corredeira.

60° – NE – 80 m

75° – NE – 200 m

No fim, corredeira forte.

Foto 82. Ausente do caderno.

45° – SE – 200 m Correnteza fraca.

50° – NE – 60 m

10° – NO – 250 m

No meio, à esquerda, casa e duas balsas no porto.

25° – NE – 200 m

45° – NE – 200 m

No meio, à direita, parada às 10h¹/₂ à sombra de árvores já grandes. O capitão vai cortar, a alguns passos dali, bananas para a comida [da tripulação]. Essas frutas são muitas ao longo do rio e aqui é a alimentação principal. No fim, corredeira.

40° – SE – 600 m

32.085 [m]

[Fim do f° 104]

R. [Resumo] 32.085 [m]

55° – SE – 100 m

No fim, pequena corredeira.

25° – NE – 100 m

60° – NO – 250 m

No começo, à direita, grandes rochedos a pique, que pendem a um metro de altura.
O vale abre-se mais e mais. Só avistamos baixas colinas.
No final, corredeira e, à direita, casa e quatro balsas no porto.

Foto 83. Ausente do caderno.

40° – NE – 70 m

20° – NO – 250 m

20° – NE – 50 m (corredeira)

Norte – 800 m

Cem metros antes do fim, o rio alarga-se, faz um braço à direita e forma uma grande ilha. À esquerda, no final, vilarejo de Mayaya. Sete ou oito casas e cinco balsas.

34.355 [m]

[Fim do f° 105]

R. [Resumo] 34.355 [m]

Cruzamos com uma balsa que sobe [o rio]. No fim, à esquerda, duas casas e uma balsa, e à direita, encontro com um braço [afluente]; o rio tem agora 60 m de largura.

Foto 84. Ausente do caderno.

80° – NO – 500 m No fim, corredeira.

60° – NO – 700 m No fim, corredeira.

Oeste – 100 m

Paramos durante meia hora para lançar na água uma velha balsa que está na praia e colocá-la sob a metade de nosso *callapó*, para erguê-lo. A simples pressão da água a mantém ali sem amarrá-la.

20° – SO – 80 m

Sul – 100 m

20° – SO – 400 m No meio, ilha.

45° – SO – 400 m

No meio, larga abertura; um braço [do rio] à direita forma uma grande ilha e duas outras pequenas.

Oeste – 250 m

No encontro dos braços, corredeira.

Norte – 650 m

37.535 [m]



[Fim do f° 106]

R. [Resumo] 37.535 [m]

Há sempre pequenos bambus em abundância nas margens e as árvores são cada vez mais altas. As margens são bordejadas por grandes filas de troncos de árvores, que a última enchente deixou a 1 m 50 acima do nível atual. No fim da curva, corredeira.

80° – NO – 40 m

Oeste – 60 m

50° – NO – 120 m

20° – NO – 600 m

Norte – 800 m

Hoje, o sol estava quente e não havia o mínimo vento para refrescar a atmosfera. Somente às 4h começou a fazer menos calor.

30° – NO – 300 m

Cruzamos duas balsas, que subiam [o rio].

No meio, à direita, igarapé de 8 m de largura. Paramos na foz, às 4h os balseiros vão pescar com flechas. Às 6h, eles nos trazem uns vinte, na maioria, jaraquis.⁹¹

Como eles não me preveniram que aqui passaríamos a noite e que eles não armariam a tenda, passo-lhes um sabão e não lhes dou cachaça, o que os chateia muito mais. Eles armam a barraca em poucos minutos. Essa gente é do tipo que não pode ser bem-tratada, se se quer conseguir alguma coisa.

Terça-feira. 16 de outubro. Partida às 6h45.

85° – NO – 600 m

No fim, corredeira na curva, vamos de encontro a grandes rochedos.

40° – SO – 200 m

75° – SO – 200 m

70° – NO – 125 m

10° – NO – 420 m

No fim, um pequeno braço [do rio] à esquerda forma uma grande ilha. O rio vai alargando-se, ele agora tem 70 m.

41.000 [m]

[Fim do f° 107].

R. [Resumo] 41.000 [m]

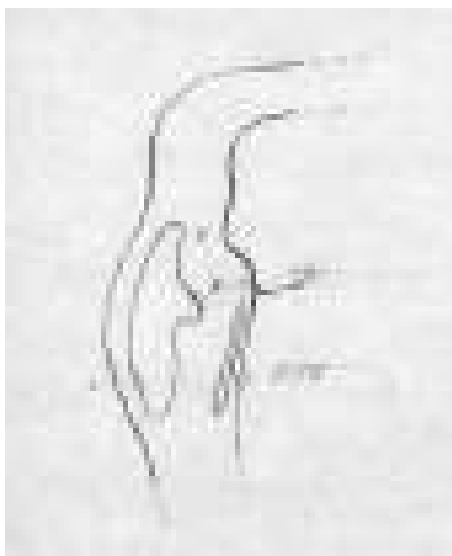
20° – NE – 600 m

No fim, corredeira e pequeno igarapé à direita.

1-2⁹² 20° – NO – 200 m

91 Espécies do gênero *Semaprochelodus*; um dos peixes mais consumidos na bacia amazônica.

92 Os números (1 e 2) referem-se ao trecho identificado no desenho.



Dos dois lados do rio arrulham pombos, aracuãs (Willopée), tucanos. Avistamos três garças brancas.

15° – NO – 100 m

50° – NO – 200 m

No fim, pequena corredeira.

10° – NO – 50 m No fim, corredeira pequena.

35° – NE – 400 m

10° – NO – 60 m

30° – NO – 200 m

75° – NO – 50 m Pequena corredeira.

50° – SO – 150 m

15° – SO – 300 m

A 100 m antes do final, um braço [do rio] à direita forma uma ilha triangular. Passamos por esse braço.

35° – SO – 100 m

80° – SO – 50 m Pequena corredeira no fim.

Encontro com o braço principal.

35° – NO – 300 m

Um pato selvagem passa acima de nós; avistamos um bando de maçaricos⁹³ na margem.

5° – NO – 700 m

93 Nome que designa diversas espécies de aves da família Scolopacidae.

Ao longe, alguns tachizeiros⁹⁴ em flor fazem uma mancha vermelha na folhagem verde-escura; algumas embaubeiras⁹⁵ também riscam árvores da margem com suas hastes brancas.

35° – NO – 850 m

Cruzamos com duas balsas subindo [o rio]. A largura média do rio é agora de 70 m.

No fim, corredeira de Chiniri. – Dois altos rochedos dividem o rio em três canais iguais. Passamos ao longo da [Fim do f° 108] margem direita.

45.310 [m]

R. [Resumo] 45.310 [m]

30° – NE – 250 m

No meio, à esquerda, casa e cinco balsas no porto. Corredeira. No fim, à direita, pequeno igarapé.

25° – NO – 120 m

No começo, pequena corredeira.

30° – NE – 150 m Corredeira.

No meio, deságua um afluente à esquerda, o rio Chiniri, de 15 m de largura.

75° – NE – 750 m

O rio estreita-se a 40 m e encaixa-se entre colinas.

20° – NO – 150 m

35° – NE – 800 m

10° – NE – 750 m

55° – NE – 250 m

Cruzamos com uma balsa subindo [o rio]. No fim, o rio alarga-se em 100 m, deixando uma ilha baixa de pedras no meio.

80° – NE – 40 m

10° – NO – 650 m

A 100 m do começo, corredeira. No meio, corredeira forte.

35° – NO – 300 m

15° – NO – 300 m

94 Nome popular e genérico de diversas árvores da região amazônica, geralmente do gênero *Tachigali*.

95 Nome que designa comumente diversas espécies de árvores, principalmente do gênero *Cecropia*.

30° – NO – 750 m

5° – NE – 500 m

15° – NE – 50 m

50° – NE – 250 m

65° – NE – 160 m

20° – NE – 140 m

No começo, corredeira bastante forte.

30° – NO – 250 m

60° – NO – 250 m

75° – SO – 550 m No fim, corredeira.

Oeste – 60 m

45° – NO – 150 m

5° – NO – 200 m No fim, corredeira.

53.070 [m]

[Fim do f° 109].

R. [Resumo] 53.070 [m]

40° – NE – 120 m

80° – NE – 100 m

75° – SE – 180 m

40° – SE – 250 m No meio, corredeira.

85° – NE – 500 m

Desde algum tempo, as árvores que cobrem as colinas da margem estão ressecadas, quase sem folhas; o rochedo aparece, aqui e ali, nas vertentes. A terra vegetal quase não existe aqui, é o que deve tornar a vegetação tão definhada.

60° – NE – 400 m

15° – NE – 200 m

45° – NO – 600 m Largura 70-80 m

85° – NO – 1.200 m

No começo, à direita, um braço [do rio] forma uma ilha comprida com 800 m; no final da ilha, largura 100 m.

No final, corredeira, divisão em três canais, passamos pelo meio – casa à esquerda.

55° – NO – 600 m

45° – NE – 260 m

85° – NE – 400 m Largura – 100 m

80° – SE – 500 m

No começo, pequena ilha à direita; no fim, estreitamento. Na frente, à distância, surge uma alta cadeia de montanhas, enviesada, direção N.S. [norte-sul].

50° – NE – 150 m

Confluência do Mapiri e do rio de La Paz.

A partir desse momento, o rio é chamado de Beni. Aqui, o Mapiri tem 80 m de largo, o rio de La Paz não tem mais do que 40-50 m, mas traz muita água, suja, terrosa. São 3h¼.

Rio Beni. – Norte – 1.800 m

Correnteza forte, largura de 120 m no começo, depois 100 m.

Terras baixas dos dois lados. Na segunda metade, 150 m de largo.

60.430 [m]

[Fim do f° 110]

R. [Resumo] 60.430 [m]

Pertinho da metade, o rio estende um braço à esquerda e forma uma grande ilha até o contorno. No fim, corredeira.

20° – NO – 400 m

No fim, corredeira.

65° – NO – 1.500 m

Largura de 90 m, rápida correnteza. À direita, colinas ligeiramente arborizadas. Embaixo, o rochedo nu forma um cais ininterrupto, a prumo; à esquerda: terrenos baixos e bambus.

A muralha ligeiramente inclinada tem, às vezes, 30 m de altura, apenas dissimulada por raros arbustos que se prendem em suas raízes, entre as fendas.

85° – SO – 120 m

35° – SO – 200 m

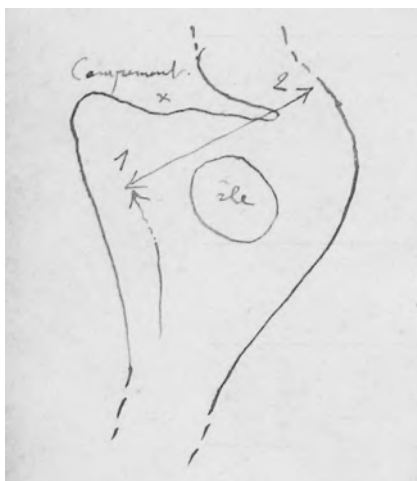
70° – SO – 300 m

Uma paca⁹⁶ corre na margem e entra no bambuzal.

Encontro com o braço que formou a grande ilha, largura de 120 m.

20° – NO – 650 m

1-2⁹⁷ 25° – NE – 300 m



Paramos para acampar às 5h¹/₄.

O sabão [bronca] que ontem passei nos balseiros foi útil; em quinze minutos, hoje, eles levantam nossa tenda. Aliás, eles começam a compreender como devem comportar-se. Depois, foram caçar e trouxeram um cajubi⁹⁸ e papagaios.

Quarta-feira. 17 de outubro. Partida às 6h45. Ameaça de temporal durante toda a noite. Esta manhã, fortes trovoadas e relâmpagos sucedem-se sem parar. Ao norte, o céu esta preto de fumaça; vamos ficar ensopados.

No fim de 1-2, corredeira.

25° – NO – 200 m

35° – NO – 1.300 m

65.400 [m]

[Fim do f° 111]

96 Grande roedor, medindo aproximadamente 70 cm de comprimento, que habita as ribanceiras dos rios na América Central e do Sul.

97 Os números (1 e 2) referem-se ao trecho identificado no desenho.

98 Ave galiforme da família dos cracídeos, também conhecida como jacutinga.

R. [Resumo] 65.400 [m]

À noite, os mosquitos não nos incomodaram até agora, mas durante o dia há muitos deles. São os maruins e os piuns.⁹⁹ Esta manhã, nuvens inteiras de piuns nos atacaram. Nossos rostos e mãos estão mosqueados de manchas vermelhas e inchados. É insuportável.

À direita, sempre colinas de pedras; terrenos baixos à esquerda, onde predominam embaubeiras e bambus.

Às 7h¹/₄, a tempestade se aproxima, começa a chover.

70° – NO – 600 m

No fim, à esquerda, rio Kendéque – 25 m de largura, forte correnteza, mas pouca água.

5° – NO – 550 m

No fim, pequeno igarapé à esquerda.

25° – NE – 60 m No fim, corredeira.

45° – NE – 100 m

85° – SE – 150 m

No começo, corredeira forte.

O rio estreita-se a 40 m entre pequenas colinas arborizadas. Os dois rios estão cobertos de rochas amontoadas, entremeadas de árvores secas arremessadas ali pela correnteza.

60° – NE – 900 m

Às 8h, a chuva para. Na margem, avistamos um mutum e um cujubim.¹⁰⁰ Acostamos, Lhéraut desce em terra firme, mas coberto por seu poncho e calçado com grandes botas que o estorvam. Após quinze minutos, ele retorna, sujo, molhado, cheio de terra. Ele caiu umas vinte vezes e não viu nada. Os índios olham para ele, rindo. Eles parecem ter pena dele.

30° – NE – 120 m No fim, corredeira.

65° – NE – 200 m No meio, à esquerda, igarapé.

55° – NE – 100 m Forte corredeira de Larajani.

80° – SE – 120 m

68.300 [m]

[Fim do f° 112]

99 Maruins, da família dos ceratopogonides, são pequenas moscas hematófagas. Os piuns (*Simulium* sp.) são mosquitos hematófagos. A picada dessas duas espécies é dolorosa. São um importante vetor de doenças na região amazônica.

100 As duas espécies de aves galiformes são da família dos cracídeos.

R. [Resumo] 68.300 [m]

70° – NE – 50 m

30° – NE – 120 m

Rio cada vez mais estreito, entre amontoados de rochedos. Agora, o rio tem apenas 28-30 m de largura.

45° – NE – 150 m

50° – NE – 650 m

No meio, passagem de Yéo.

O rio estreita-se a 15 m e precipita-se em um plano inclinado, mas não há rochedos no meio; as vagas são ligeiramente fortes. Passamos como uma flecha, sem dificuldades.

No fim, à direita, parede rochosa ergue-se a pique, avermelhada, a 80 m de altura e, às vezes, 120 m. Do topo, precipita-se um pequeno riacho.

35° – NE – 120 m

20° – NE – 400 m Fim da alta parede.

25° – NE – 500 m

No começo, igarapé à direita; corre, saltando entre os rochedos. O rio, sempre mais estreito, entre 10 e 20 m, continua entre os rochedos. No meio, à esquerda, precipita-se com estrondo, em três saltos, um igarapé de água lamacenta. –No fim, cruzamos com duas balsas subindo [o rio].

5° – NO – 100 m

No meio, à direita, igarapé de dois metros de largura.

40° – NE – 150 m

No fim, corredeira de Shamá, forte, na curva.

10° – NE – 60 m

Norte – 50 m

No fim, corredeira.

25° – NO – 250 m

No fim, corredeira e pequeno igarapé à esquerda.

20° – NE – 120 m Corredeira.

10° – NO – 350 m

O rio alarga-se um pouco; ele atinge, às vezes, 80 m; as margens também são menos abruptas. No fim, cruzamos com duas [Fim do f° 113] balsas subindo [o rio].

71.370 [m]

R. [Resumo] 71.370 [m]

40° – NO – 800 m

Norte – 250 m

No meio, corredeira forte de Chipité e, à esquerda, o rio Chipité. – 10 m de largura, quase seco. Ao atravessarmos a corredeira, uma grande onda cobre-nos até os joelhos.

25° – NO – 350 m

5° – NO – 300 m

50° – NE – 600 m

O rio estreita-se de novo entre colinas rochosas. A 100 m antes do final, à esquerda e à direita, pequenos igarapés correndo sobre os rochedos. No fim, à direita, recomeça a imensa parede de rochedos a pique, com 100 m de altura. A uma altura de 50 m, o rochedo pende e, embaixo, abre-se uma enorme caverna escura, de onde sai um riacho.

60° – NE – 700 m

A 200 m do fim, pequenos igarapés à direita e à esquerda.

40° – NE – 2 000 m

O rio alarga-se entre 70 e 80 m; quase não há mais correnteza. Estamos quase imobilizados, girando lentamente em torno de nós mesmos. O capitão atira uma flecha em uma grande paca que comia frutas caídas de uma grande árvore, inclinada sobre a margem do rio. – O rio tem agora 90 m de largura. Ao meio-dia e quinze, começa a chover de novo. A partir do meio do estirão, as colinas distanciam-se de cada lado e as margens tornam-se planas. O rio tem 120 m de largura. No fim, um braço [do rio] à esquerda vai formar uma grande ilha.

75° – NE – 700 m

No fim, barreiras vermelhas à direita, com 20 a 25 m de altura.

30° – NE – 200 m id. barreiras – Sem correnteza.

Norte – 300 m No fim, fim da ilha.

20° – NO – 400 m

25° – NE – 800 m

À esquerda, um braço [do rio] vai formar uma grande ilha. No meio, corredeira.

78.770 [m]

[Fim do f° 114]

R. [Resumo] 78.770 [m]

Norte – 600 m

50° – NO – 1.600 m

Na margem direita, inúmeras palmeiras embelezam a mata (sobretudo, paxiubeiros).¹⁰¹

10° – NO – 600 m Largura de 150 m

45° – NE – 300 m

70° – NE – 1.000 m

80° – SE – 300 m

30° – NE – 150 m

40° – NO – 800 m

25° – NE – 1.250 m

35° – NE – 1.000 m

Demos inutilmente salvas de artilharia nos papagaios e cujabins [cajubins]¹⁰² empoleirados nas árvores da margem. Consigo matar, no entanto, uma bela cutia que fugia da beira d'água para desaparecer na mata densa.

20° – NO – 200 m

60° – NE – 900 m

Às 5h, parada a 200 m, no início, à esquerda. Acampamento.

Quinta-feira. 18 [de outubro]. Partimos às 6h55. No fim, pequena corredeira.

5° – NO – 800 m

20° – NE – 800 m

No fim, grandes barreiras à direita. O rio forma numerosas ilhas baixas, também muitas árvores ressecadas, plantadas no fundo, obstruem, em alguns lugares, parte do leito. A correnteza é bastante forte. No meio, à esquerda, um braço [do rio] forma uma ilha.

25° – NE – 2.500 m

101 Palmeira *Socratea exorrhiza*, com grandes raízes aéreas cobertas de espinhos, semelhantes a tentáculos.

102 Cajubim ou jacutinga, ave galiforme da família dos cracídeos.



Esta manhã, há muitos papagaios e araras. Vemos passar marrecos, curicacas, arancuans [aracuãs].¹⁰³ A 300 m antes do fim, um grande braço [do rio] à direita forma uma ilha; depois, no fim, outro braço, à esquerda.

50° – NE – 120 m

91.680 [m]

[Fim do f° 115]

R. [Resumo] 91.680 [m]

Norte – 1.500 m

30° – NO – 200 m

50° – NO – 200 m

No fim, à esquerda, encontro com o grande braço que formou as ilhas.

15° – NE – 200 m

55° – NE – 1.500 m

70° – SE – 200 m

50° – SE – 800 m

Hoje, desde às 7h¹/₂, o sol já estava muito quente. Em compensação, não há mosquitos por aqui.

103 Curicacas são aves pelecaniformes da família dos tresquiornítídeos. Os aracuãs são aves galiformes da família dos cracídeos.

70° – SE – 200 m

80° – NE – 200 m

35° – NE – 200 m

20° – NE – 1.500 m Ilha à direita.

À nossa frente, aparece uma pequena cordilheira ameada, entrecortada, no meio, por uma garganta estreita, onde, provavelmente, vai passar o rio. Aqui, ele forma inúmeros canais, ilhas e bancos de pedras.

10° – NO – 200 m Grande ilha à direita.

30° – NE – 500 m

10° – NE – 200 m

50° – NO – 700 m

No fim, à esquerda, o rio San José. 65 m de largura. Água vermelho-vivo. Esta água segue a margem esquerda sem se misturar, produzindo um efeito curioso. De longe, parece um barranco de terra vermelha.

5° – NO – 900 m

No fim, pequena ilha à direita.

70° – NE – 800 m Barreiras à esquerda.

50° – NE – 250 m

80° – NE – 1.000 m

No começo, encontro com o grande braço [do rio] à direita; ele conservou a água cinza; a água vermelha continua a costear a margem esquerda.

102.930 [m]

[Fim do f° 116]

R. [Resumo] 102.930 [m]

25° – NE – 300 m

Norte – 150 m

Agora, o rio inteiro está vermelho, sujo.

15° – NE – 500 m

Entramos na garganta. O rio estreitou-se muito em um único canal de 80 m de largura.

5° – NO – 400 m

Altas paredes rochosas dos dois lados. Aqui, o rio deve ser muito profundo, pois não há correnteza. Cruzamos com duas balsas subindo [o rio]. Começa a chover bastante. No fim, cruzamos com quatro balsas subindo [o rio].

20° – NE – 50 m

Fim das paredes rochosas, o rio alarga-se a 100 m, as margens são ainda altas.

5° – NO – 650 m

10° – NE – 600 m

No meio, à direita, casa, quatro balsas no porto e quatro balsas subindo [o rio].

75° – NE – 700 m

20° – NE – 750 m Largura de 150 m.

40° – NO – 200 m

Oeste – 900 m

No começo, à esquerda, casa, uma balsa no porto.

No fim, à esquerda, barreiras vermelhas. A 100 m antes do fim, casa à direita e uma balsa no porto.

60° – NO – 200 m Barreiras à esquerda.

10° – NO – 600 m

No começo, à esquerda, igarapé de 4 m.

45° – NO – 1.000 m

À esquerda, em terra firme, três balsas. A 200 m do começo, casa à esquerda. A 550 m do começo, outra casa à esquerda e duas balsas.

Desde meio-dia, a chuva alterna com um sol ardente, o tempo anuncia tempestade. No fim, casa à direita.

109.930 [m]

[Fim do f° 117]

R. [Resumo] 109.930 [m]

Nova linha de colinas cortadas pelo rio.

5° – NO – 500 m

No meio, igarapé de 3 m à esquerda. No fim, o rio estreita-se de 60 a 70 m entre rochedos.

25° – NO – 600 m

Norte – 2.000 m

A 600 m à direita, porto de Rurrenabaque.

Começa a tempestade, a chuva cai a cântaros. Ensopados, acostamos e corremos debaixo de chuva até a casa de J. Burgos.¹⁰⁴ São 3h da tarde. Logo a chuva para. Mando desembarcar as bagagens na casa dos Burgos. Lhéraut e sua mulher vão ficar na casa de Carrier para contentar todo mundo.

Sexta-feira. 19 [de outubro]. Esta noite, violenta tempestade; chove, assim como lá fora, na parte da casa em que estamos, pois está em mau estado. Todas as malas estavam abertas e todos os objetos expostos para secar; na obscuridade, já que os palitos de fósforo de La Paz, de péssima qualidade, não acendem, patinhando e escorregando com os pés descalços, sob as goteiras do teto, arrumamos tudo e fechamos as malas. Minha rede está totalmente molhada. Que noite!

Finalmente, amanhece. Furiosos, saímos da casa dos Burgos e mudamos para a casa de Carrier, que põe à nossa disposição um quarto bem coberto. Reavemos todas as nossas bagagens. Nossas coisas estão em um estado digno de dó. Felizmente, não chove mais; podemos estender tudo para tomar ar. À noite, tudo já estava seco e pôde ser novamente guardado nas malas. Mas muitas coisas não poderão mais ser usadas. O pior é que quase todas as minhas placas fotográficas estão estragadas; principalmente, as tomadas de vista a partir de Arequipa até Mapiri.¹⁰⁵ Em suma, as mais interessantes.

Carrier e Burgos estão amuados. Por outro lado, desde minha partida [da casa dele], Burgos está contrariado. Em suma, todos estão [Fim do f° 118] com má vontade e não vejo como vamos poder sair daqui.

113.030 m [milhas] Corr [Correspondência] = 169 km 545

104 Intendente municipal de Rurrenabaque. Era também o agente de Le Cointe, isto é, uma espécie de representante ou procurador.

105 Esse talvez seja o motivo de haver tantas fotos ausentes do diário.

Todas as embarcações foram levadas para a expedição do Acre e não voltaram ainda,¹⁰⁶ e é impossível reunir pessoal [trabalhadores] antes da festa do Dia de Todos os Santos.

Sábado. 20 [de outubro]. Ed. Brice, inglês, nosso *floteiro*, chegou. Ele mora a 4 ou 5 horas mais abaixo, em Atamanani. Por um momento, tive esperança de que ele pudesse arranjar as coisas para a nossa viagem. Ele tem uma canoa, mas faltam os homens.

Rurrenabaque é composta por umas trinta casas cobertas de palha, espalhadas ao acaso. Em frente, já na outra margem do Beni, fica San Bonaventura, outro conjunto de dez casas. Arredores insípidos. Nenhum caminho além do que vai a Reyes. Nada de caça.

Domingo. 21 [de outubro]. Chegada do correio por terra, de La Paz, vindo de Apollo. – Jornais velhos de quatro meses.

Partida de nossa vizinha, do Madidi, Dona Francisca de Farinas, de Todos Santos.¹⁰⁷ Escrevo ao Sr. Linon,¹⁰⁸ o gerente interino, prevenindo-o de nossa chegada. Minha mulher não passa bem, temo que ela tenha pegado um resfriado na noite de nossa chegada. Ela se queixa de nevralgias.

Creio que só poderemos sair daqui com o correio no dia 8 do mês que vem. O que fazer até lá? Temo, principalmente, por nossa saúde, se a estadia for longa nessa região insalubre, onde ultimamente a gripe e a disenteria fizeram muitas vítimas.

Esta manhã, a mulher de Carrié [Carrier], D. [Dona] Magdalena, uma índia desta região,¹⁰⁹ embriagou-se (como habitualmente) e, querendo ir até sua propriedade nos arredores, caiu da mula e torceu um braço. [Fim do f° 119].

106 A viagem de Le Cointe ocorre em um momento de fortes tensões entre Brasil e Bolívia em torno do estabelecimento da fronteira do atual estado do Acre, que seria finalmente definida em 1903. Após a proclamação da Primeira República do Acre, em 1899, por Luís Galvez Rodríguez de Arias, diversas respostas militares foram organizadas pelo Brasil e pela Bolívia para recuperar o controle desse território. Le Cointe refere-se a uma dessas expedições, sem dúvida boliviana, e anterior à expedição de Floriano Peixoto, organizada pelo Brasil em novembro do mesmo ano de 1900.

107 Todos Santos é o posto de exploração de borracha no Madidi mais próximo do da companhia Devès Frères. Sua proprietária era Dona Francisca de Farinas.

108 Félix Linon, braço direito de Le Cointe na gerência do seringal da companhia Devès, será assassinado em 1901 pelo francês Jean-Baptiste Brouillon (nascido em Brives la Gaillardes em 1865). Brouillon trabalhava no seringal desde 1899. Como castigo, foi fuzilado por ordem de Le Cointe (cf. Petitjean, nesse volume).

109 Apesar de seu estatuto de “índia da região”, Magdalena foi chamada de “Dona” por Le Cointe em virtude do status social elevado de seu marido.

Segunda-feira. 22 [de outubro]. Minha mulher não passa nada bem; ela teve de ficar deitada hoje. Aliás, não tenho mais nenhum remédio aqui, exceto antipirina.¹¹⁰ Ela tem um pouco de febre e um lado do pescoço inchado.

Foto 85. Ausente do caderno.

Terça-feira. 23 [de outubro]. Minha mulher está melhor. Carrié [Carrier] acaba de terminar um batelão novo. É com ele que podemos descer no dia 8. Mas corre uma notícia de que novos soldados vão chegar.¹¹¹ Se for verdade, o governo requisitará tudo e ficaremos aqui.

Venta muito durante todo o dia. Em suma, não faz muito calor em Rurrenabaque.

Quarta-feira. 24 [de outubro]. Depois que Magdalena Carrié [Carrier] ficou doente, as coisas vão de pior em pior na casa; as índias não obedecem a Carrié [Carrier] e uma bagunça [Fim do f° 120] completa reina em tudo. Deixam apodrecer a carne fresca, comprada ontem, e no jantar só nos servem sopa de arroz!

Quinta-feira. 25 [de outubro]. Hoje, mandei comprar carne e mando Lhérout cozinhar. As índias são tão sujas e têm tanta má vontade, que já não podemos nos preocupar com as conveniências.

Magdalena Carrié [Carrier] fala todo o dia que comemos todos os seus legumes, que Carrié [Carrier] não é dono de nada, que tudo lhe pertence etc.

Chuva durante o dia todo. Em volta da casa, lama pegajosa e profunda, a gente não pode pôr o nariz para fora.

Sexta-feira. 26 [de outubro]. Não existe no mundo região mais atrasada do que esta: os habitantes, brancos ou índios, não têm nenhuma indústria, nem mesmo a do caboclo do Amazonas, que é 100 vezes superior em termos de civilização. As mulheres nem sabem como carregar suas crianças, exceto transportando-as dentro de uma toalha jogada nos ombros.

Aqui, as águas estão no máximo em fevereiro [tempo das cheias]. Do fim de dezembro até o fim de abril, não se circula mais em balsas entre Rurrenabaque e Mapiri.

Altura acima do mar: mais ou menos 150 m.

Chuva durante o dia inteiro.

110 Medicamento utilizado para o alívio da febre e da dor, analgésico.

111 Le Cointe aqui se refere à expedição de Floriano Peixoto, organizada pelo Brasil.

Às 3h da tarde, chega um *callapó* do Mapiri trazendo quatro oficiais e um soldado. Desembarcam debaixo de forte chuva. Toda a população está inquieta. Teme-se a vinda de uma nova expedição. Burgos, como intendente, faz as honras da cidade e os conduz até a prefeitura. Parece que são membros da comissão de limites.¹¹² Todo mundo corre atrás de notícias, apesar da chuva. Eles precisam de batelões para descer [o rio], pois logo [Fim do f° 121] deve chegar a carga que vão levar para o Acre. Burgos, nosso agente, mesmo sabendo que reservei o batelão do correio, diz que é o único disponível; mas o acaso está contra ele. Nesse momento mesmo, dois batelões são avistados vindo de baixo: são justamente os de Burgos.

Foto 86. Ausente do caderno.

X. De Rurrenabaque ao Madidi

Sábado. 27 [de outubro de 1900]. Os dois batelões de Burgos são requisitados. O chefe da comissão, oficial argentino, diz que precisa de três e que, em caso de necessidade, pedirá também o do correio.

Quando nossa viagem parecia estar comprometida, Brice, que chegou ontem à noite, imaginou uma nova solução.

Um comerciante de S. Bonaventura que deseja ir a Riberalta, mas cuja canoa está em Salinas, poderia emprestá-la para mim, caso ele e sua carga possam partir no batelão [Fim do f° 122] do correio. Brice irá buscar a canoa e levá-la para Altamarani, enquanto nós iremos encontrá-lo, na terça-feira, com um *callapó*. Isso é perfeito. Se não houver nenhuma complicação! Amanhã, vou enviar um mensageiro a Reyes para buscar dinheiro na casa de nosso banqueiro, J. Hengartner. À noite, o mensageiro vem dizer que Burgos não o deixa partir, ainda essa! Enviarei um outro, empregado de Carrié [Carrier].

Domingo. 28 [de outubro]. O mensageiro foi para Reyes e voltará amanhã.

Aqui eles nem sabem como abrir a palha para cobrir uma casa, tanto é assim que precisam três vezes mais do que no Brasil.

A gente nem encontra uma linha para pescar, a tarrafa lhes é completamente desconhecida.

Segunda-feira. 29 [de outubro]. Desde esta manhã, Carrié [Carrier] está alegre, pois comprou, pagando caro, doze garrafas de uma horrível preparação, qualificada com o

¹¹² A Comissão de Limites foi responsável por estabelecer fisicamente as fronteiras do Brasil com os países vizinhos, incluindo a Bolívia.

nome pomposo de vinho, e bebe um copo atrás do outro. Acho até que ele guarda em algum lugar uma garrafa de cachaça e que ele mistura. Hoje ele não quer fazer nada, amanhã vamos preparar o *callapó*.

À noite, chega de Reyes meu mensageiro. Ele traz 200 Bs [bolívaes] em dinheiro e uma letra de câmbio de 300 Bs de Burgos. Vou receber imediatamente [a soma]: cabeça de Burgos.¹¹³

Terça-feira. 30 [de outubro]. Durante toda a noite, Carrié [Carrier] nos aborreceu, correndo e gritando sozinho no seu quarto. Além disso, uma enorme quantidade de mosquitos nos assedia e não nos dá um momento de descanso, obrigando-nos a levantar e armar [instalar] nossos mosquiteiros. De manhã, Carrié [Carrier] está melhor [Fim do f° 123], mas ele recomeça logo a beber e, sem demora, fica pior do que ontem.

Finalmente, depois de muitas dificuldades, ao meio-dia, os dois *callapós* estão prontos; carregamos as bagagens e às 2h partimos. Carrié [Carrier], que dormiu um pouco e está mais tranquilo, acompanha-nos até a casa de Brice.

A 1 km abaixo de Rurrenabaque, à esquerda, desembocadura do rio Caijene. Um pouco mais abaixo, muitas árvores plantadas no leito do rio dificultam seu curso, depois o rio abre-se, divide-se em muitos braços pouco profundos, formando várias ilhas baixas de pedras e de lama.

Chegada às 4h¹/₄ em Altamarani, margem esquerda, no encontro de todos os braços.

A partir dali, o rio tem um curso regular; as lanchas já vieram até aqui.

Bela terra firme, plana e bastante elevada, mas carapanãs¹¹⁴ formam verdadeiras nuvens noite e dia, um verdadeiro suplício. Nunca vi tantos em minha vida, em pleno dia.

Ontem, Brice foi a Salinas e só retornará amanhã. Sua mulher, uma índia, recebe-nos bem. – bela e boa *chicha*.

Quarta-feira. 31 [de outubro]. Noite ruim por causa dos carapanãs.

113 Uma letra de câmbio é um escrito pelo qual um credor (aqui, Burgos) empresta dinheiro a um devedor (aqui, Le Cointe). Le Cointe explica que ele vai pedir o dinheiro a Burgos imediatamente, e que este, não esperando, faz uma careta.

114 Termo usado na Amazônia para designar mosquitos hematófagos, em geral.

Lhéraut e a mulher passam a noite a gemer e a xingar. – Para dormir tranquilamente, é preciso, depois de entrar no mosquiteiro, prender bem a parte inferior dele com pedaços de madeira e sapatos, depois acender uma vela e matar um por um os carapanãs que já entraram.

De manhã, vou caçar; mato um macaco-prego. Encontramos também mutuns, araras, [Fim do f° 124] inambus,¹¹⁵ mas não consegui acertar nenhum.

Na mata, tem menos carapanãs do que dentro de casa. À tarde, pegamos nossas cadeiras dobráveis e vamos instalar-nos a 200 passos da casa.

Brice chega às 5h da tarde com a canoa.

Os índios são completamente selvagens, tomam banho no porto junto com suas mulheres. Faço o possível para fazer três deles entenderem que devem se afastar, para deixar minha mulher tomar banho. Vão embora, mas rindo.

Amanhã, Brice vai a Rurrenabaque buscar três de seus homens que vão chegar do Mapiri e depois de amanhã vamos embora. Mais um dia de suplício, portanto, com os mosquitos.

Quinta-feira. 1° de novembro. Brice parte às 7h por terra. Vamos caçar, mas não consigo tirar um único tiro de fuzil. Desde ontem, todos trabalham aqui na preparação da *chicha*, para a festa de hoje.

Um altar improvisado com dois pedaços de tecidos vermelhos e brancos, bandeirinhas são feitas com lenços amarrados em uma vara. Uma bela estátua de N. S. [Nossa Senhora] de Lourdes, que veio do Madidi, é colocada no altar e os índios acocoram-se, formando roda, enquanto um deles recita as orações em sua língua. – Danças primitivas, consistindo apenas em uma caminhada mais ou menos cadenciada ao som de um monótono tambor de única vara e duas flautas de cana, repetindo os mesmos sons indefinidamente.

À noite, um dos índios, o mais instruído, que frequentou um missionário,¹¹⁶ organiza a litania e lê as da Santa Virgem, em latim! Os outros respondem em coro, estropiando as palavras de uma maneira bizarra. – Nem é preciso dizer que durante todo [Fim do f° 125] o dia beberam a *chicha* de milho, em abundância.

À noite, o ambiente esquentou. Até uma hora tardia da noite, continuaram os cantos e as batidas de tambor.

115 Aves terrestres da família Tinamidae, também conhecidas pelos nomes populares macuco, inhambu e tona.

116 Isto é, que teve aulas ou conviveu com um missionário.

Sexta-feira. 2 [de novembro]. Brice chega por volta das 10h. Com ele vem P. Mariaca, que traz três índios de D. [Dom] Oporto, proprietário da canoa, para descerem comigo.

Mariaca está bêbado; ele começa a discutir com Brice, que lhe dá um soco magistral, quebrando dois de seus dentes. Um pouco mais tarde, os três índios querem fugir. Brice amarra seus pés e suas mãos.

Também os mosquitos que se encontram por aqui tornam a situação terrível. A pedido de todos, Brice liberta os índios, o medo os impedirá de tentar uma nova fuga. Durante este tempo, prepararam a montaria¹¹⁷ de Oporto.

Partiremos somente amanhã; carregaremos tudo bem cedinho. Passamos o dia na mata, onde limpo uma parte de terreno, e instalamos nossas cadeiras e redes; ali almoçamos e jantamos quase tranquilamente.

Sábado. 3 [de novembro]. Logo cedo, carregamos a montaria. Com todo o cuidado possível para com a carga, pois é evidente que esta embarcação é frágil e pode virar ao mínimo choque. Ela só é boa para carregar pedras.

Contudo, ainda não poderemos partir. Que azar! É necessário descarregar; novamente, nossas bagagens estão espalhadas na praia. Minha mulher sentou-se em uma mala e não quer mais voltar à casa. Finalmente, depois de duas horas de hesitações, Brice resolve oferecer-nos sua pequena canoa e vai descer [Fim do fº 126] ele mesmo nossas bagagens em *callapó*.

Colocamos a canoa na água, as estivas feitas para a montaria ficarão com ele [Brice]. Conosco levamos o estritamente necessário. Brice partirá amanhã com o resto.

Partimos à 1h.

A canoa é pequena, não mais comprida do que larga, mal feita, a tenda de palha é mal construída. Esses índios não sabem nem fazer uma japa.¹¹⁸ Logo começa a chover. Todas as nossas bagagens estão no chão, pois não tem outro lugar. A canoa enche de água, sem parar a esvaziamos para que as malas não se molhem.

Só temos três homens conosco: um piloto e dois remadores. Estes, com dois pequenos remos, sem alça, largos de 30 cm, feitos para crianças brincarem. Eles nem mesmo sabem remar. Jogam quantidades de água para trás, dentro da canoa.

117 Termo utilizado na Amazônia para designar uma canoa pequena.

118 Na Amazônia, é uma esteira tecida com folhas de palmeira, usada como porta ou cobertura contra a chuva.

Às 4h menos $\frac{1}{4}$, passamos diante do porto de Salinas, porto de Reyes. Lá se encontram apenas uma barraca e quatro ou cinco canoas.

Às 5h, debaixo de uma chuva forte, acostamos em uma margem elevada, de lama escorregadia. Lá, no alto, passamos a noite. Para subir, foi preciso se enterrar na lama até os joelhos. Sob uma chuva que cega, mandei armar a tenda. Para ir e voltar da canoa, mandei amarrar um cabo que ia de uma árvore da margem até ela, evitando assim, um escorregão perigoso.

Depois de meia hora de trabalho, conseguimos acender o fogo; comemos conservas frias, mas pudemos tomar uma xícara de chá quente, que nos regenera.

Pouco a pouco, os carapanãs reúnem-se em torno de nossa tenda, obrigando-nos a procurar refúgio embaixo do mosquiteiro ensopado. Chove durante toda a noite. Nossa tenda esburacada deixa a água cair gota a gota sobre nossas camas, já bastante molhadas [Fim do f° 127].

Domingo. 4 [de novembro]. De manhã, acordar foi desagradável. Precisamos vestir as roupas molhadas e calçar sapatos cheios de água e de lama para voltar à canoa e arrumar de novo as bagagens viscosas e enlameadas. Felizmente, por volta das 6h $\frac{1}{2}$, a chuva cessa. Às 8h, partimos.

O rio tem, em geral, cerca de 120 a 150 m de largura. Muitas árvores, arrastadas pela correnteza, fixaram-se aqui e ali, dificultando a navegação, tornando-a perigosa com embarcações tão mal construídas, feitas de madeira de má qualidade.

Inúmeras aves aquáticas alinham-se à beira das praias: passarões, garças, curicacas, marrecas, marrecões etc.¹¹⁹

Às 2h $\frac{1}{2}$, chegamos em Santa Thereza, na margem esquerda. É um conjunto de quatro ou cinco barracas, atrás de um grande *platanal* [bananal], a 200 m da beira d'água. Ficamos aqui para secar as bagagens e comprar bananas para a comida de nossos homens. Oferecem-nos um grande hangar limpo para passar a noite. É uma maravilha. O sol muito quente seca rapidamente todos os leitos e nossos mosquiteiros.

Segunda-feira. 5 [de novembro]. Partimos às 7h $\frac{1}{2}$. Tempo bom. Nossos índios são preguiçosos e extremamente rudes. Não sabem preparar uma canoa e são tão primitivos que

119 O passarão é uma ave aquática da família Ciconiidae, igualmente chamada cabeça-seca, jaburu-moleque, cabeça-de-pedra e trepa-moleque; o marrecão é um grande pato da família Anatidae, uma das aves mais apreciadas pelos caçadores.

ficam repentinamente nus, a um metro de minha mulher, na canoa, para trocar de calças. É preciso muita paciência para não lhes dar uma chibatada nos rins. Enfim, estamos à mercê deles. Não conheço o rio e sou obrigado a ter paciência para que eles não me aprontem alguma.

O rio fica cada vez mais largo, atingindo 250 m. A chuva de ontem o engrossou muito e as águas, cheias de argila, estão vermelhas e arrastam [Fim do f° 128] muitos troncos de árvores. A correnteza aumentou muito.

Assim, a chuva, que nos maltratou tanto, vai agora nos ajudar, fazendo com que avancemos mais depressa. Às 11h, parada para cozinhar o almoço de nossos índios: bananas verdes fervidas com um pedaço de carne de sol.

Bom tempo durante todo o dia. Às 4h45, paramos na margem esquerda para acampar. No mesmo momento, passa um batelão subindo [o rio] com oito homens. Eles já quase não têm mais recursos; oferecemos um pouco de sal, de carne seca e de bananas. Ao cair da noite, uma nuvem de carapanãs se abate contra nós. Durante toda a noite, eles atacam nossos mosquiteiros, fazendo um barulho que lembra o zumbido de um enxame de abelhas. Nosso capitão tem um acesso de febre; ele bate os dentes, dou-lhe quinina.¹²⁰

Terça-feira. 6 [de novembro]. Logo cedo, todo mundo está de pé. Dançando, por causas dos carapanãs que não nos deixam abrir os olhos; tomamos o chá feito com água lamacenta e, às 6h^{1/2}, partimos, fugindo o mais rápido possível dos mosquitos e que levamos bem uma boa hora de trabalho para expulsar da canoa. Às 9h^{1/2}, encontramos o batelão de Brice, que sobe [o rio]: a bordo estão 12 índios, 3 passageiros e 4 ou 5 mulheres e crianças, que gritam em meio às bagagens. Ele estendem um mosquiteiro em uma vara, à guisa de bandeira.

O rio é amplo e com grandes extensões [quando segue] em linha reta, mas o curso muda absolutamente a cada curva e, em suma, a gente não avança. Às vezes, o canal é muito estreito e em ziguezague; encalhamos nos fundos rasos e os índios pulam na água para empurrar a canoa. Muitos passarões e marrecos, mas não podemos chegar até a praia por causa da falta de água.

Às 11h, paramos para almoçar perto da foz do igarapé [Fim do f° 129] Tarene (margem esquerda). Muitos carapanãs pinima.¹²¹

120 Substância extraída da casca da árvore *Cinchona*, utilizada no tratamento da malária.

121 Termo tupi que designa o mosquito “pintado”, provavelmente *Aedes aegypti*.

Partida às 12h^{1/4}. Por duas vezes, acostamos e o capitão vai caçar macacos que avistamos da canoa. Ele ficou feliz porque matou um coatá e dois macacos-prego.¹²²

Por volta das 4h, anuncia-se uma tempestade ao norte, o vento nos pega de lado e a canoa, redonda e pouco empurrada pelos dois pequenos remos de meus índios, é empurrada para a margem esquerda, constituída de aluviões a pique de 3 m de altura e que, minada pelas águas, vai desmoronando em pedaços a cada instante. Em um dado momento, quando a canoa está a um metro e meio da margem, um monte de terra de três a quatro metros cúbicos desprende-se; temos apenas um segundo para puxar uma canoa de 50 cm. O capitão grita; vejo [vislumbro] a terra desabar dentro da canoa, levando-a para o fundo. Felizmente, em vez de cair girando, a terra escorrega sobre a base e bate na beira da canoa, que enche com uma boa quantidade de água, salta sobre a vaga, mas resiste. Escapamos por um triz. A cachorra de Lhéraut, que estava deitada na proa, foi jogada na água, assim como alguns pacotes que estavam no toldo, mas nada se perdeu. Quinze minutos depois, Lhéraut e sua mulher ainda continuavam pálidos.

Somos obrigados a acostar um pouco mais abaixo, em um local onde a margem escarpada não é mais a pique, e esperar que o vento diminua, o que não demora muito.

Que má canoa e que maus remadores. O rio para nós é um arroio,¹²³ e é incompreensível que se possa ali naufragar; no entanto, os naufrágios são bem comuns nesse local. Acabo de ter uma prova. Ignora-se quase completamente o uso de barco a velas.

Às 5h, atingimos a margem direita para acampar na mata; o vento levou embora a chuva que ameaçava [cair].

Quarta-feira. 7 [de novembro]. Esta noite, havia relativamente poucos [Fim do f° 130] carapanãs. Partimos às 6h45.

Logo cedo, o vento é forte e dificulta nosso percurso. De repente, o fundo da canoa bate em uma árvore coberta pela água; a proa eleva-se completamente para fora da água; a canoa cai de lado, a água entra e vejo [vislumbro] o momento em que ela vai virar, quando, felizmente, desliza, descreve um arco de círculo e volta a cair na água. A correnteza logo nos leva, mas sem bater nos numerosos troncos que aparecem em torno de nós. A 300 m mais abaixo, o capitão dá-se conta de que seu fuzil caiu. E nem pensar em voltar a subir a correnteza para ir buscá-lo. É uma grande perda, pois era um bom fuzil e o capitão, bom caçador, assegurava-nos comida fresca todos os dias. – Era o único fuzil de nossa gente.

122 Macaco-aranha ou coatá é o nome comum dado a vários primatas do gênero *Ateles*.

123 Le Cointe provavelmente refere-se ao fato de o rio não ter grandes dimensões, como outros rios amazônicos.

Cada vez mais forte, o vento não nos permite avançar; às 9h45, paramos na margem direita para almoçar e esperar que o tempo se acalme um pouco. Às 12h15, partimos, mas ainda venta muito e não conseguimos avançar. O capitão mata um coatá com meu fuzil; logo, não ficaremos completamente sem caça.

Às 4h, paramos na margem direita para acampar. Não há muitos mosquitos.

Quinta-feira. 8 [de novembro]. Esta manhã, chove; os carapanãs estão em nuvens; partimos às 6h45. A cachorrinha do Lhérout escondeu-se mais uma vez quando foi chamada e tivemos de partir sem ela. Lamento pelo pobre bicho, mas é uma preocupação de menos. Eu nunca deveria ter autorizado a trazerem as duas cachorras.

Às 8h, tempestade e chuva. Às 9h¹/₂, acostamos para preparar o almoço dos índios. O rio, largo de 250 m e, às vezes, 300 m, é quase sempre bordejado de bambus; as margens são constituídas de aluviões, enlameados, minados pelas águas e desmoronando sem cessar, obstruindo [Fim do f° 131] o rio com uma quantidade de árvores encalhadas nos fundos rasos. Ausência de praias de areia, sempre a lama.

Partida às 11h; a chuva parou, mas ameaça sempre; o tempo continua tempestuoso. Como o sol está nublado, os índios, ensopados até os ossos, remam com boa vontade para se esquentar.

O capitão mata mais um coatá com meu fuzil.

Por volta das 2h, a chuva recomeça e não para mais. Às 4h, deixamos, na margem esquerda, a foz do rio Inapuréra, 25 m de largura, profundo. Entramos nele e, a 150 m acima da embocadura, na margem esquerda, cortamos na direção de um verdadeiro cacoal natural. A chuva para logo, mas patinamos na lama. Mal nos deitamos e já um bando de macacos noturnos vem brincar acima de nossas cabeças. Ficam por ali até meia-noite, quando o capitão, cansado de seus gritos, dispara dois tiros de fuzil. Chega a ferir um deles, mas a fera má escapa quando cai e a noite nos impede de persegui-la.

Sexta-feira. 9 [de novembro]. Partida às 7h. Bom tempo.

A canoa parece uma verdadeira cloaca de tão imunda. Esses índios não têm cuidado com nada, são sujos, negligentes e bestas.

O vento eleva-se muito forte esta manhã e impede a canoa de avançar. O rio tem alguns lugares largos, bordejados de praias baixas, onde o vento força sem obstáculos e

levanta pequenas vagas. Mal podemos, mesmo com minha ajuda, segurar a canoa. Às 11h^{1/4}, o vento diminui e muda de direção, já não nos incomodando tanto.

Paramos na margem esquerda às 4h50. A partir de hoje, não devemos mais acampar na margem esquerda; índios selvagens já fizeram várias incursões por aqui. Entretanto, por volta das 8h [da noite], um de nossos índios, Mathias (o capitão é Manuel; o outro, Raymundo), que se afastou uns 50 passos para buscar gravetos [Fim do f° 132] secos e que levava um tição, deixou-o cair e voltou correndo, dizendo que ouviu alguém caminhar e perguntado se todos estavam lá [no acampamento]. Estávamos todos no acampamento. Um pouco antes, o capitão também escutou o ruído de passos precipitados que se afastavam, e pensou ser um índio que fugiu ao nos ver. Algumas vezes, eles atravessam o rio com qualquer tronco de árvore que a correnteza arrasta. É verdade que, sendo pouco numerosos, não se arriscam a atacar.¹²⁴

Sábado. 10 [de novembro]. Passamos a noite sem acidente, só as nuvens de carapanãs nos incomodaram, apesar dos mosquiteiros.

Partida às 6h^{1/2}. O rio subiu. Sem vento, avançamos bem. Parada às 10h na margem esquerda. O capitão mata um taititu.¹²⁵ Encontro pés de massaranduba [maçaranduba]¹²⁶ e de sorveira.¹²⁷ Preparamos um mingau de bananas com o leite de uma sorveira para variar nosso [cardápio] ordinário, para o grande espanto dos índios, que não conhecem esse produto de suas florestas.

Partimos ao meio-dia. Ao meio-dia e meia, passamos pela foz do rio Eméru, na margem esquerda, e pela do rio Chaméro, na mesma margem. Parada às 4h^{1/2}, margem direita, para acampar. Poucos mosquitos.

Domingo. 11 [de novembro]. O rio subiu bastante durante a noite, a correnteza é mais forte. Partida às 6h^{1/4}. Desde de manhã os maribuins [maruins] não nos dão um instante de repouso.

124 A região atravessada por Le Cointe e comitiva ainda era habitada por muitos grupos indígenas. Nesta época, vários povos foram escravizados ou dizimados por seringalistas, o que explica a desconfiança e a hostilidade desses grupos para com os brancos. Encontrar índios poderia ser, portanto, perigoso.

125 Mamífero artiodátilo do gênero *Dicotyles*, também conhecido como caititu, pecari, porco-do-mato e patira.

126 Nome que designa diversas espécies de árvores de madeira densa, dura e resistente, utilizadas principalmente na construção civil. Essa árvore fornece látex comestível e fonte de balata, usada para modelar, calafetar e fazer borracha.

127 É difícil identificar a qual árvore Le Cointe se refere. O termo usado no original (*sorbier*) refere-se, possivelmente, à sorva ou sorveira. Na Amazônia, diversas espécies possuem esse nome. É possível que seja uma espécie do gênero *Couma*, produtora de látex (não elástico) e frutos comestíveis.

Às 8h^{1/4}, pequeno afluente na margem esquerda, rio Móké. Todos esses rios da margem esquerda são habitados por índios ferozes.

Tempo bom, mas vento desagradável.

Paramos para almoçar às 11h, na margem esquerda. De repente, [Fim do f° 133] começa a chover, mas dura pouco e o vento diminui. Partida às 12h15.

Por causa da enchente que se acentua, o rio arrasta uma grande quantidade de árvores secas, arrancadas das margens, onde foram arremessadas pela última inundação. Hoje, os piuns estão insuportáveis.

O tempo continua chuvoso. A 1h^{1/2} [da tarde], forte aguaceiro.

Os índios não sabem sequer conservar suas caças pela defumação ao *moquen* [moquém];¹²⁸ e como o sal é raro e caro, todos os dias ficamos empestados pelos restos de caça que eles conservam crus de um dia para outro, jogados no fundo da canoa, na água e na lama.

Às 2h, passamos a foz do rio Negro, na margem direita, pequeno e não navegável.

Às 2h^{1/2}, outra chuva, acompanhada de rajadas de vento, que nos obrigam a ficar na margem direita para esperar um melhor tempo. A chuva passa logo, partimos, mas o tempo continua tempestuoso; de vez em quando, grossas gotas de água saltam em torno de nós.

O rio está cada vez mais desobstruído e largo de 300 a 350 m. O que há de mais característico é que, desde Rurrenabaque, não vimos nenhum sinal de terra firme nas margens, sempre a várzea mais ou menos alta. Nada mais do que lama, praias de lama, nenhum sinal de areia ou de pedras. Por volta das 4h, chegamos a um lugar onde o rio alargado é dividido em dois braços por uma ilha baixa de terra nua, tendo apenas, em seu centro, 50 m acima do nível das águas. O mais curioso é que aqui não choveu e o vento levanta a terra ressecada em verdadeiras nuvens de poeira esbranquiçada.

Sobre as bordas desta ilha, numerosos passarões de cabeça preta passeiam seriamente com suas pernas compridas.¹²⁹

Paramos às 4h^{1/2}, margem direita. [Fim do f° 134].

128 Grelha de madeira construída sobre uma lareira, usada para cozinhar ou secar peixe ou carne, por vezes enrolado com folhas.

129 No original, *se promènent gravement sur leurs échasses*: literalmente, andam seriamente sobre suas pernas de pau (ou palafitas).

Segunda-feira. 12 [de novembro]. Péssima noite. Por volta das 11h, começa uma chuva torrencial, que logo atravessa nossa tenda e nos faz passar a noite toda molhados. Pela manhã, a chuva, que havia cessado, recomeça com mais força, acompanhada de um vento que levanta vagas, comprometendo a segurança de nossa canoa, já sobrecarregada na proa por causa da tenda e das camas encharcadas. A canoa enche de água, deixando-nos apenas o tempo de esvaziar o fundo com a ajuda de uma cabaça.

Só por volta de 1h para de chover. Estamos gelados, batendo os dentes.

Às 4h, o capitão diz que estamos apenas a quinze minutos de Peña Guaray; então decido que dormiremos lá, mas passadas várias meia-horas, acaba anoitecendo e nada de Guaray.

Navegamos até às 8h, durante a noite escura, correndo o risco de batermos em algumas árvores. Finalmente, chegamos sem acidente a Guaray, onde somos recebidos com amabilidade pelo gerente, D. Pacífico Lavayou.¹³⁰

Terça-feira. 13 [de novembro]. O capitão voltou a ter febre, todas as nossas coisas estão molhadas; D. Pacífico oferece-nos tão cordialmente sua hospitalidade, dizendo para esperarmos o *callapó* de Brice, pois ele nos emprestará seus homens e seu batelão para ir ao Madidi, que me decido a ficar. O dia está bonito, secamos tudo e podemos até lavar algumas roupas. – Belo dia.

D. Pacífico trata-nos bem e fornece-me preciosas informações sobre o Madidi. Estou vendo que lá terei muito trabalho, muitas reformas para fazer.

Quarta-feira. 14 [de novembro]. O capitão recuperou-se de suas febres, mas chove quase o dia inteiro e continuamos a esperar Brice, que não chega.

Quinta-feira. 15 [de novembro]. Tempo bom. Às 5h da tarde, um grito: “*callapó* [Fim do f° 135] *arriba!*”. É Brice. Chegou sem acidente. Partiremos amanhã cedo.

Sexta-feira. 16 [de novembro]. Partimos às 7h, de canoa. O *callapó* continua até a embocadura do igarapé Vira, onde se encontra o batelão de D. Pacífico.

5° – NE – 1.500 m

A 250 m do começo, à direita, Peña Guaray, uma dezena de casas, terreno de argila vermelha elevado e cascalhos ferruginosos. – largura do rio: 300 m.

130 É, provavelmente, o gerente de um seringal, motivo pelo qual Le Cointe usa o distintivo Dom.

15° – NO – 1.100 m

85° – NO – 350 m

5° – SO – 800 m

60° – SO – 600 m

A 100 m antes do fim, à esquerda, uma estreita faixa de terra de apenas 50 m divide o rio, que vai fazer uma longa curva acentuada.

45° – NO – 800 m

25° – NE – 800 m

No fim, à esquerda, pequeno igarapé e, imediatamente abaixo, o porto de Vira.

Chegamos a Vira às 9h, partimos às 2h na montaria de D. Pacífico, onde arrumamos nossas bagagens. Deixamos o *callapó* à mercê da correnteza.

50° – NE – 1.800 m

Norte – 500 m

40° – NO – 300 m

No fim, à direita, margem elevada de barro vermelho – largura 200 m.

75° – NO – 1.600 m

No fim, à esquerda, lugarejo chamado de Sta. Roza. Antigamente, o rio fazia ali uma longa curva, que foi cortada.¹³¹ – Travessas de pedras visíveis nas águas rasas [Fim do f° 136].

10.150 [m]

10.150 [m]

Norte – 200 m

25° – NE – 900 m Larg. [Largura] 300 m

Total – 11.250 m = 17 km

No fim, à esquerda, foz do [rio] Madidi.

Em seguida – 50° – NE No fim, à direita, porto de Guaray e, a meia hora do centro deste último, o vilarejo de Cavinás.

Rio Madidi

¹³¹ Le Coindre refere-se às mudanças frequentes no curso do rio Beni, como a interseção de meandros e o desvio de braços. Essa é uma característica de vários rios da margem direita do Amazonas, como o Juruá e o Purus.

Entrada [no rio] às 3h20 – largura da foz : 60 m, agora, pouca correnteza porque o Beni sobe.

65° – NO – 350 m

40° – NO – 600 m

80° – SO – 100 m

40° – SO – 200 m larg. [largura] 80 m

15° – SO – 150 m

5° – SE – 200 m

50° – SO – 200 m

80° – SO – 300 m

20° – SO – 100 m

15° – SE – 500 m

Acampamento às 4h½ – margem direita. – Quase nenhum carapanã.

Sábado. 17 [de novembro]. Partida às 6h. Brice diz que nunca viu o rio tão calmo.

10° – SO – 200 m

30° – SO – 650 m

70° – SO – 200 m

30° – NO – 400 m

65° – NO – 150 m

30° – SO – 200 m

No começo, naufragou a lancha *Orton*.

15° – SO – 450 m

No fim, à direita, onde a lancha *Orton* virou.¹³²

65° – NO – 250 m

75° – SO – 100 m

5.300 [m]

[Fim do f° 137]

¹³² Provavelmente, deve-se entender que o acidente ocorreu em todo este trecho do rio, desde o desequilíbrio na entrada, saindo da primeira curva, até a inversão completa no final, entrando na segunda.

5.300 [m]

20° – SO – 500 m

A 100 m do começo, margem esquerda, curva de um igarapé de 3 m, que vem de uma grande laguna, perto daqui.

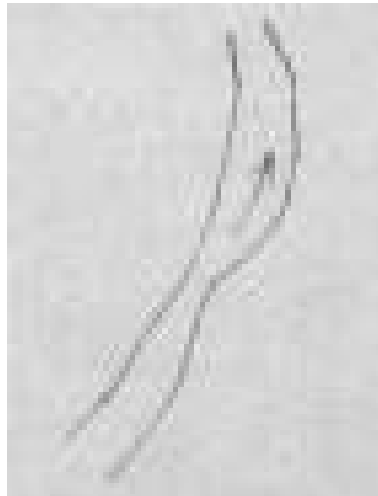
Brice vive como os índios; ele até habituou-se a mascar coca. Este tabaco é preparado da seguinte maneira: folhas secas de coca para encher a bochecha, um pouco de cinzas de Matacú (palmeira injá, cinza da casca do cacho [das frutas]), contida em uma ponta de chifre, que faz, às vezes, de caixa de tabaco, e retirada com espátula feita de um osso de pássaro e um pedaço de cipó *tchamarié*, amarelo, amargo. Tudo isso reunido, dizem, tem um gosto adocicado.

50° – SO – 100 m

80° – NO – 250 m larg. [largura] 80 m

55° – NO – 800 m

No meio, estreitamento a 60 m, depois novamente a 80 m. No fim, a margem esquerda aproxima-se de novo da direita.



O Madidi nada tem de pitoresco. Ele atravessa terrenos baixos e pantanosos. Margens enlameadas cobertas de ervas aquáticas, bordejadas de embaubeiras ou de bambus. – Águas sujas.

80° – NO – 200 m

45° – SO – 200 m

No meio, margem esquerda, barraca de seringueiros (Cayuvava),¹³³ canoas de índios. Nós os deixamos na praia, na frente de dois cachos de bananas, que eles pedem aos gritos.

25° – SE – 200 m

55° – SE – 550 m

25° – SE – 100 m

60° – SO – 200 m

85° – NO – 350 m

8.750 [m]

[Fim do f° 138]

8.750 [m]

65° – NO – 200 m

A correnteza aumenta à medida que subimos [o rio].

45° – NO – 250 m

85° – NO – 150 m

40° – SO – 200 m

25° – SO – 450 m

45° – SO – 400 m

No fim, margem direita, foz de uma laguna.

70° – SO – 100 m

No começo, margem esquerda, foz de uma laguna que sai de um centro de [produção de] goma [borracha].

80° – SO – 1.000 m

80° – NO – 150 m

25° – NO – 400 m

Encontramos uma lontra.

40° – NO – 200 m

80° – NO – 200 m

133 Pela primeira vez em seu relato, Le Cointe menciona o nome de um povo indígena, os Cayuvava, também conhecidos como Cayuwaba ou Cayubaba. Este povo ainda vive na região do rio Beni e fala uma língua isolada.

No fim, margem esquerda, foz de um igarapé de 6 m de largura (*arroyo* [espaço em branco]).

65° – SO – 450 m

45° – SO – 600 m

70° – NO – 150 m

50° – NO – 900 m

Oeste – 100 m

40° – SO – 50 m

25° – SE – 350 m

65° – SO – 500 m

Batemos em uma árvore coberta pela água, a quilha passa com dificuldade. Seria realmente um azar se naufragássemos justamente agora; mas passamos.

30° – SO – 100 m

Sul – 600 m

80° – NO – 100 m

16.350 [m]

[Fim do f° 139]

16.350 [m]

65° – NO – 550 m

75° – NO – 200 m

70° – SO – 350 m

17.450 [m] = 26 km

No fim, vira à direita. No meio, margem direita.

Vila de Madidi.¹³⁴ Chegada às 1h45.

[Fim do f° 140]

[f° 141: página em branco]

134 Na verdade, Mirlitonville.

Nota dos organizadores

Entre 17 de novembro de 1900 e 10 de setembro de 1901, Paul Le Cointe atuou como gerente da empresa Devès Frères na exploração de borracha no rio Madidi. Nada sobre este assunto é mencionado no seu diário de viagem, o qual, inicialmente, terminaria com a sua chegada a Mirlitonville, como sugere o título da obra. Contudo, Le Cointe acabou por acrescentar a viagem de retorno, de Madidi a Óbidos, provavelmente porque passou pelo rio Madeira para regressar ao Brasil. Com efeito, a gestão dos estabelecimentos Devès por Le Cointe revelou-se desastrosa do ponto de vista financeiro (Devès faliu em 1902) e humano: após um acerto de contas entre Félix Linon (gerente interino) e Jean-Baptiste Brouillon (funcionário), Le Cointe, fazendo justiça com as próprias mãos, manda executar seu funcionário e se vê nas mãos da Justiça boliviana, o que põe fim à sua experiência como seringalista. Foi então intimado à delegacia de Riberalta, onde foi colocado em prisão domiciliar por dois meses, antes de poder sair, graças à intervenção do cônsul francês em La Paz. Le Cointe e a esposa, em fuga, regressaram às pressas a Óbidos pelo caminho mais curto, que não exigia a travessia de múltiplas fronteiras: os rios Beni, Madre de Dios e Madeira. A segunda parte do diário de viagem descreve este périplo, que começa em Madidi, enquanto Le Cointe se dirige à delegacia de Riberalta. Esta situação explica que o relato não é linear e que há saltos nas datas quando Le Cointe estava ocupado com atividades que não estavam diretamente ligadas à expedição, sobre as quais desejou manter silêncio. Notamos que, devido à sua experiência no Madidi, as descrições da segunda parte do caderno são muito focadas na produção e no transporte da borracha.

Terça-feira, 10 de setembro de 1901. Partida do Madidi às 3h da tarde, em um batelão. – Chegada às 5h^{1/2} na barraca de Cayuvava, onde dormimos.¹³⁵

Quarta-feira. 11 [de setembro]. Passamos por Guanay. Porto simples em Cavinás, situado a uma légua. Boa viagem. Chegada a Todos Santos (Da. Fca. [Dona Francisca] de Farinas).¹³⁶

Quinta-feira. 12 [de setembro].

Sexta-feira. 13 [de setembro]. Partida de manhã de Todos Santos. – Passamos por Carmen Alto (Fco. [Francisco] Rivero) – em S. [San] Antonio (Roca Alvarès [Alvarez]). – Em Natividad.

135 Possivelmente, maloca ou aldeia indígena integrada na produção de borracha.

136 Entre parênteses, Le Cointe indica o nome dos proprietários dos seringais por onde passa.

Chegada em Los Angeles (M. Parejes).

Sábado. 14 [de setembro]. Passamos por Vitumbo – Carnavales.

Chegamos a Etea às 6h da tarde, depois de um terrível furacão, que derrubou uma casa e esmagou pela metade duas crianças.

Domingo. 15 [de setembro]. Parada em Etea, a barraca mais importante do Beni.

Segunda-feira. 16 [de setembro]. Partida de manhã às 11h; chegada de tarde na [barraca] Blanca Flor.

Terça-feira. 17 [de setembro]. Partida pela manhã; à noite, dormimos na mata, [rio] acima de [da barraca] Copacabana.

Quarta-feira. 18 [de setembro]. Chegamos à [barraca] Conception [Concepción] (Rodolphe [Rodolfo] Arauz). É daqui que se vai por terra ao [rio] Geneshuaya.

[Fim do f° 142]

Quinta-feira. 19 [de setembro]. Dormimos à noite na mata.

Sexta-feira. 20 [de setembro]. Encontramos a lancha *Braillard* na frente da [barraca] Libertad. Vamos passar a noite na praia, um pouco mais abaixo [do rio].

Sábado. 21 [de setembro]. Chegada a Riveralta [Riberalta].

Sábado. 28 [de setembro].¹³⁷ Partimos de A. Escalante p. [para] o Madidi.

Sexta-feira. 4 de outubro. Chegada das tropas de Cochabamba, indo [que vão] para o Acre.

Quarta-feira. 16 [de outubro]. Retorno da lancha *Braillard* do Madidi.

Sábado. 19 [de outubro]. Chegada de *De La Jaille*.

Segunda-feira. 4 de novembro. Partida de *De La Jaille*.

137 Detido em Riberalta durante dois meses (de 21 de setembro a 29 de novembro), Le Cointe deixou de fazer anotações diárias; ele começa a pular dias ou omitir acontecimentos que lhe dizem respeito e a descrever o movimento na cidade.

Quinta-feira. 14 [de novembro]. Partida de Fr. [Friedrich] Seiler¹³⁸ para Villabella.

Quarta-feira. 20 [de novembro]. Sr. Dr. Ximenez foi nomeado agente consular da França em Riveralta [Riberalta].

Sexta-feira. 29 [de novembro]. Tudo foi resolvido pelo Dr. Ximenez.¹³⁹

[Fim do f° 143].

10 X^{bre} [de dezembro].¹⁴⁰ Partimos de Riveralta [Riberalta]. Deixamos o Chaco de Durand às 5h¹/₂ da tarde, a bordo da lancha *Braillard*. Chegada a Orton¹⁴¹ às 6h45. Boa casa de moradia com um andar, mas em mau estado. As cabanas dos trabalhadores estão quase todas vazias; as ervas e o mato invadem a barraca. J. Feichner, o diretor, não está; ele foi a Cachuela Esperanza [Esperanza].¹⁴² Só encontramos P. de Barneville, que me dá a impressão de não ser o autor da invenção da pólvora de canhão, mas sim da pólvora de escape.¹⁴³

11 [de dezembro]. Partimos às 6h¹/₂ da manhã; o rio subiu muito e arrasta uma grande quantidade de árvores. – Quinze minutos mais abaixo [do rio], passamos a boca do rio Orton, estreita e [com] terras baixas. A lancha *Esperanza* naufragou há alguns dias neste rio, poucas horas depois de ter ajudado a salvar a *Sernamby*, que acabava de se chocar contra um tronco de árvore. Quase toda a goma [borracha] retirada da *Esperanza* foi transportada para dois batelões, dos quais um naufragou um pouco mais abaixo [do rio].

O Beni aumenta muito de largura e a corrente é muito forte (800 m de largura).

Às 8h, uma ilha divide o rio; dir-se-ia que estamos em um braço do rio Amazonas, [pois ele tem o] mesmo aspecto com margens baixas e arborizadas, mesma água lodosa. Às 8h20, passamos diante da [barraca] Florida, margem direita. Embaixo, oficina de construção e montagem de lanchas, na foz de um pequeno rio, e, um pouco mais abaixo [do rio], algumas barracas sobre um terreno muito elevado, a pique, de barro vermelho; quase tudo está

138 Suíço, adquiriu a Casa Braillard, concorrente da Devès, cuja sede era em Riberalta.

139 Le Cointe se refere à sua libertação pela polícia, permitindo-lhe sair da Bolívia.

140 Retomada das anotações diárias do Le Cointe.

141 Outro importante seringal na região do rio Madidi.

142 Residência de Nicolás Suárez Callaú (1851-1940), proprietário da Casa Suárez e do maior seringal da região, localizada no rio Madre de Dios, entre Riberalta e Guayaramerín. No começo do século XX, Suárez Callaú estabeleceu um império comercial na Bolívia. A sede do seu império ficava em um local cortado por corredeiras, o que obrigava à transposição da carga e lhe permitia controlar a navegação pelos rios Madre de Dios e Beni.

143 No original: *Nous ne trouvons que P. de Barneville qui me fait l'impression de n'être pas l'auteur de l'invention de la poudre à canon, mais plutôt de la poudre d'escampette*. A expressão significa que não era uma pessoa corajosa (o inventor da pólvora que se usava em canhões de ataque), e sim uma pessoa que usava seus recursos para fugir sorrateiramente.

abandonado. Margem direita bordejada de terras altas, o rio estreita-se a 350 m. – Às 9h25, Sta. [Santa] Cruz de Apontes, margem esquerda, apenas duas casas e um *platanal* [bananal] – largura do Beni: 800 m.

Às 10h, o Beni estreita-se novamente a 350 m, terra firme, margem esquerda, depois alarga-se um pouco.

Às 11h^{1/2}, ilha no meio do rio; às 12h20, duas ilhas em fila, canal estreito à direita, pelo qual passamos. Às 12h^{1/2}, Persévéranga [Perserverancia] à esquerda, na frente da ponta inferior, rio abaixo, da segunda ilha, pequena e bonita barraca sobre um terreno elevado. – À 1h^{1/2}, chegamos à cabeça [parte superior] da *cachuela* [cachoeira]. – O rio alarga-se muito, formando uma [Fim do f° 144] baía na margem esquerda; costeamos esta margem para evitar a forte correnteza da direita. O rio vira à direita; avista-se, no fundo, o barracão de Esperanza, de Nicolás Suárez. – A 1h^{3/4}, chegamos a Esperanza, na frente mesmo da *cachuela* [cachoeira] deste nome. – Há sete lanchas no porto, contando com a nossa.

Braillard – com roda de pás, de Braillard et Cie. [Compagnie]

Illimani – “ de Reyes Ortiz

Campa – “ de Suárez

Roca – “ “

Sernamby – “ de Orton R. Cie. [Compagnie]

Tahuamanu – com hélice, de Orton R. Cie. [Compagnie]

Sena – com roda de pás, de Suárez.

Falta apenas a *Luiz Ernesto*, da Braillard, que foi para o Madidi.

Abaixo da cachoeira, na praia, estão uns vinte batelões, uns na água, outros, em terra firme, para serem calafetados. Homens, mulheres e crianças movimentam-se sem parar, uns montando trempe para cozinhar, outros preparando cipós e folhas de palmeira para [tecer] os camarotes dos batelões. – Empurram um destes para a água sobre troncos de árvores, gritando em língua indígena.

Cinco minutos antes de nossa chegada, acabava justamente de partir um batelão para Villabella, o que fazer? Felizmente, Sr. Alfred Ufenast, o gerente, é muito amável e empresta-nos uma boa canoa, persuadindo um empregado de Braillard a nos ceder os marinheiros da lancha, e partimos às 6h. Sr. Ufenast também nos emprestou um bom piloto para sair da contracorrente da cachoeira. Passamos pelo meio desta sem acidente. Deixamos nosso piloto, que volta para terra firme, e continuamos com a graça de Deus. Logo, logo, anoitece. Vamos

entre as árvores flutuantes, a correnteza é violenta; o rio bifurca-se; passamos por um braço estreito à esquerda. Ao longe, um estrondo anuncia uma queda d'água, ou pelo menos, uma corredeira. Em cinco minutos a alcançamos. Massas escuras indicam vagamente, à direita e à esquerda, na superfície da água, rochedos. De repente, a proa de nossa canoa submerge, deslizamos durante um segundo em plano inclinado, [Fim do f° 145] estamos já em águas calmas. Parece que é a última corredeira.

Na noite escura, seguimos viagem. Às 9h^{1/2}, chegamos à Villabella. Às 10h, finalmente, encontramos o Sr. Alfred Stockmann, nosso agente, amável, que nos consegue um quarto e algumas conservas; não tínhamos comido desde 10h da manhã.

12 X^{bre} [de dezembro]. Às 6h, acordam-nos. Vamos em seguida para a outra margem do Mamoré, Vila Murtinho.¹⁴⁴ Deram-me uma carta para o comandante da cidadezinha brasileira, Lourenço Justiniano da Cruz, um negro alto, que nos recebe com um camisão estampado, enlaçado por um bonito cinturão, calçado com belos sapatos, um lenço de algodão no pescoço. Ele nos consegue uma casa. Dentro de três dias, os batelões de Suárez vão descer e nos levarão com eles, como prometeu o Sr. Ufenast.

A primeira pessoa que encontro aqui é o chefe do destacamento de polícia de Riveralta [Riberalta], que desertou há três dias e trouxe dois ou três prisioneiros com ele. Ele quer descer o rio Madeira. Vão acusar-me de ter fugido levando a polícia comigo!¹⁴⁵

Sexta-feira. 13 X^{bre} [de dezembro] de 1901. O dia de ontem, o primeiro que passamos em território brasileiro, foi um pouco triste, choveu o tempo todo; mas, em compensação, nossos hospedeiros trataram-nos muito bem. O imponente comandante D. [Dom] Lourenço convidou-nos para almoçar e ofereceu-nos um cardápio tão variado quanto exótico; entre outros pratos, três sopas diferentes! Em suma, para famintos como nós, a comida era saudável (pelo menos tinha a aparência) e abundante; é o principal, e honramos a refeição. Nosso anfitrião, porém, não comia nada. Perguntei sobre sua saúde e ele respondeu, com toda inocência, diante de sua mulher, de duas outras e de um outro convidado, que sofria muito com a sífilis. Isso diminuiu um pouco nosso entusiasmo.

À noite, é Francisco de Souza que prepara o jantar para nós e é outra coisa; na véspera, ele havia caçado um veado e dois javalis e ofereceu-nos um jantar preparado com mão de

144 Neste ponto, entre Villabella e Vila Murtinho, no encontro dos rios Madre de Dios e Mamoré, Le Cointe cruza a fronteira entre Bolívia e Brasil.

145 Essa é uma das poucas alusões de Le Cointe aos problemas que enfrentava com a Justiça boliviana.

mestre. Foi a melhor comida que [Fim do f° 146] tivemos certamente desde que saímos de nossa casa, em Óbidos. Onde vai esconder-se o talento de um Vatel?¹⁴⁶

Passamos uma boa noite, não há carapanãs. Em compensação, durante o dia, os maruins são violentos.

Hoje, forte cerração de manhã e, depois, tempo nublado. – Por volta das 9h, três batelões de Mencias, que vêm de San Antonio, bandeira boliviana hasteada; imagino com que prazer eles veem o fim desta difícil viagem.

Nosso anfitrião Francisco de Souza empregou como ajudante de cozinha uma velha negra leprosa, cujo rosto está coberto de tubérculos como uma velha batata! Enfim, na guerra como na guerra.¹⁴⁷

Escrevo hoje para o cônsul brasileiro Cândido Hollanda e para o Sr. Stockmann, para que me enviem algumas provisões. Um menino vai a Villabella, em montaria, levar as cartas.

Esta noite, um indivíduo escapou da prisão de Villabella e veio refugiar-se aqui.

A população de Villa-Murtinho [Vila Murtinho] é quase exclusivamente composta de negros (mineiros, mato-grossenses). Ela está constantemente em conflito com o povo de Villabella. De tempos em tempos, o cônsul brasileiro passa para este lado [o brasileiro], onde há mais segurança. Há um mês, os bolivianos vieram com treze rifles atacar Villa-Murtinho [Vila Murtinho] para sequestrar um fugitivo da prisão. Fugiram, deixando um deles para trás, assassinado pelo próprio comandante, mas a cada instante surgem novos problemas. – Os bolivianos prometem voltar; parece que vão enviar um destacamento de tropas brasileiras em guarnição para cá.

À 1h, chegam também dois batelões de Santo Antônio, um deles completamente vazio. Ocorre com frequência a falta de carga em Santo Antônio.

Às 3h, chega um batelão do alto Mamoré. Também são bolivianos, mas descem contentes, bandeira hasteada, batendo o [Fim do f° 147] tambor.

146 François Vatel (1631-1671) foi um confeitoiro e mordomo que trabalhou na Corte francesa. Foi um grande organizador de festas excepcionais e banquetes suntuosos em diversos castelos. Ele passou à posteridade por cometer suicídio durante uma recepção, quando a entrega do pescado atrasou.

147 No original: *à la guerre comme à la guerre*. Expressão antiga da língua francesa, que significa que, quando os recursos são limitados, como em uma guerra, tem-se que se contentar com os meios disponíveis.

Sábado. 14 X^{bre} [de dezembro]. Desde esta manhã, a chuva cai forte. Ontem, Stockmann ainda não tinha enviado nada do que lhe pedi. Falta pão, carne, álcool. Creio que nossas dificuldades ainda não chegaram ao fim.

Na casa de nosso anfitrião, há uma peça de [ilegível] da [lança] *Concordia II.* – a n° 10. – Na casa do vizinho, avistei duas outras.

Choveu até às 4h^{1/2} p.m.

Por volta das 5h, desce um batelão do [rio] Mamoré, batendo com força o tambor.

Os maruins são insuportáveis; passo o dia sentado na frente da porta, olhando a foz do Beni,¹⁴⁸ com a esperança de ver as canoas de Suárez despontarem. À noite, envio Francisco de Souza à Villabella para buscar notícias e provisões, pois Stockmann esqueceu a gente e estamos sem víveres.

Domingo. 15 [de dezembro]. Francisco de Souza só voltou esta manhã; ele embriagou-se e esqueceu-nos; ontem à noite dormimos com fome. Finalmente, ele traz o que eu havia pedido a Stockmann.

Esta manhã, tempo chuvoso, mas está com jeito de que o sol vai aparecer.

Falei, esta manhã, com o agente de Suárez, que veio à casa do Cdt. [Comandante]. As canoas só estarão aqui amanhã e partirão apenas na quarta-feira. Parece-nos muito tempo.

À tarde, chuva.

Segunda-feira. 16 [de dezembro]. Parece que o dia vai ser bonito. Muito movimento em Villabella. – Desde 7h da manhã, três batelões partiram para o Mamoré – dois outros passam, bandeiras [Fim do f° 148] hasteadas, descendo o [ao] Madeira – seis batelões surgem atrás da ponta de Villabella e vão acostar na outra margem do Beni [Madre de Dios], em uma barraca do estabelecimento da Gran Cruz. Estas são provavelmente as embarcações de Suárez. Elas não ficam na cidade, temendo que o pessoal beba muito.

Ontem, o oficial de polícia de Riveralta [Riberalta] e seus homens partiram; eles vão tentar descer as cachoeiras em montaria, com um indivíduo que já fez algumas viagens, mas não tem prática. Temo que não possam ir muito longe.

148 Na verdade, é a foz do Madre de Dios.

De tarde, chove de novo. No momento mais forte do aguaceiro, chega o batelão de Suárez para me procurar.

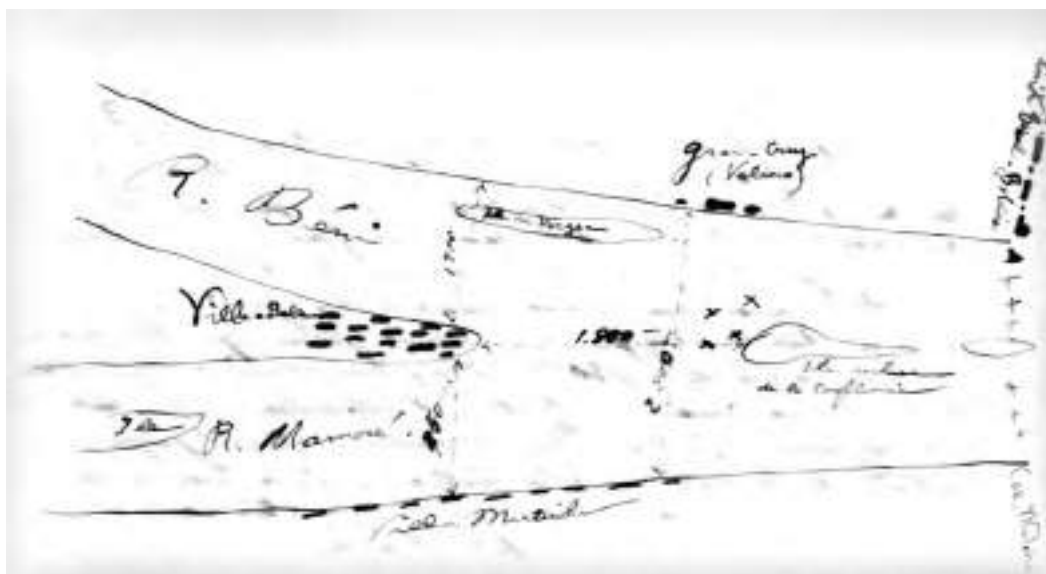
Stockmann escreve, pedindo que eu embarque e vá a Villabella, de onde partiremos amanhã. Portanto, vou de novo para a Bolívia, ainda que esta manobra não me pareça prudente.¹⁴⁹

Por volta das 4h $\frac{1}{2}$, para de chover, atravessamos. A alfândega nos detém, pois viemos da margem brasileira. Esperamos durante 1h $\frac{1}{2}$ o administrador da alfândega. Finalmente, ele chega e, depois de meia hora de discussão, deixa-nos desembarcar, mas cobra 100 bol. [bolívares] de multa a Eriberto Velasco, o patrão das canoas de Suárez, sob o pretexto de que seu batelão não deveria ter saído da costa brasileira depois de ter sido “despachado”. É nossa última recordação deste belo país de canalhas.

Vamos pernoitar no mesmo quarto do outro dia; o batelão atravessa a outra margem do Beni [Madre de Dios]. O patrão, Velasco, com medo de que seu pessoal se embriague, fica em Villabella. – Jantamos na casa de Stockmann, com quem conversamos sobre o Amazonas, que ele conhece bem.

Terça-feira. 17 [de dezembro]. Às 6h $\frac{1}{2}$, passamos para o outro lado da margem em montaria. Arrumamos nossas bagagens, distribuindo-as entre os batelões e, às 7h $\frac{1}{2}$, partimos.

Seguimos, sete batelões em fila indiana. Faz cerração e cai uma chuva fina. Estamos sozinhos, minha mulher e eu, em nosso camarote [Fim do f° 149].



149 Outra referência de Le Cointe aos problemas que enfrentou na Bolívia. Ele temia ser preso novamente.

Nos outros batelões, vão também quatro passageiros, entre os quais duas peruanas.

O rio é semeado de ilhéus na parte de trás da ilha da Confluência. Como esta ilha, são rochedos que emergem e formam a cabeça da cachoeira.

Transportamos um carregamento de cerca de um milhão em borracha.

Passamos em ziguezague entre os ilhéus, ganhando a margem direita. Não escutamos o barulho da cachoeira, mas aparece diante de nós, em meio ao nevoeiro, uma linha onde saltam bruscamente pingos brancos. Mais perto, a água aparece em uma ebulição tumultuosa. – Somos os últimos, vemos os outros batelões desfilarem à nossa frente. Uma linha de rochedos corta o rio de uma margem à outra.

Antes de nos aproximarmos deles, dobramos à direita e avançamos como uma flecha, costeando a corredeira e, depois, seguindo a margem, entramos no canal, no meio da água em fúria; passamos como um raio, o batelão salta, uma grande quantidade de água entra; remamos com ainda mais força e já estamos abaixo da primeira corredeira; encostamos na margem direita para preparar a [Fim do fº 150] passagem pela segunda; são 8h. – Vamos descarregar um pouco para passar, passamos por terra. – Depois de nós, chegam ainda dois batelões. Passa uma montaria subindo [o rio]. Está vazia e seus cinco tripulantes cortam¹⁵⁰ facilmente a correnteza, seguindo a margem, saltando na água quando a canoa bate, remando, empurrando, puxando, vão em frente.

Às 9h, nossos batelões começam a passar. Descarregamos todas as bagagens e um pouco da borracha, que transportamos para um varador [varadouro]¹⁵¹ de 350 m aproximadamente; bom caminho; os batelões passam sucessivamente com 15 minutos de intervalo. Duplicamos a tripulação: eles aproximam-se lentamente até a beira da cachoeira em plano inclinado; depois, o proeiro [homem que vai na proa], de pé, com um longo remo endireita a embarcação, que a correnteza logo domina. Remamos com força para que o timão faça seu trabalho e a canoa vai embora no meio da vaga e da espuma; passados dez segundos, ele [o batelão] está abaixo [da cachoeira].

É um travessão¹⁵² rochoso, cujas pontas emergem aqui e ali por ilhéus, que cortam todo o rio e formam a cachoeira. A passagem é pela margem direita, costeando a terra firme, entre esta e os últimos ilhéus de rochedos. Da cabeça ao pé, a cachoeira forma um arco de

150 No original, o início da palavra é ilegível, podendo ser *recoupent*, *coupent* ou *occupent*.

151 O termo designa um caminho transitável na margem de um rio para fazer avançar os barcos, deslizando-os sobre troncos de madeira, cortando assim trechos demasiado tumultuosos do rio.

152 Bancos de areia ou pedra que cortam o leito do rio na passagem de cachoeiras.

círculo. As pedras são de argila, entrecortadas por veios de quartzo (até mesmo quartzo hialino); direção ENE – OSO [este-nordeste – oeste-sudoeste].

Partimos às 9h40. Temos agora nove batelões, que carregam 7.000 arrobas de borracha.¹⁵³ Após cinco minutos de descida, passamos o pé da cachoeira. Terceiro travessão quase totalmente coberto, é apenas uma linha de recifes, aumentando a correnteza, eriçando as águas.



[Fim do f° 151]

Faz calor, nuvens imensas passam em todas as direções; de tempos em tempos, um véu de chuva fina nos envolve; depois, um raio de sol aparece durante alguns minutos.

Viajamos à deriva no rio veloz, mas tranquilo; nossos marujos descansam. Aliás, eles trabalham apenas durante a passagem pelas cachoeiras; depois, a indolência e a inconsciência perduram; não fosse isso, essa viagem duraria a metade do tempo.

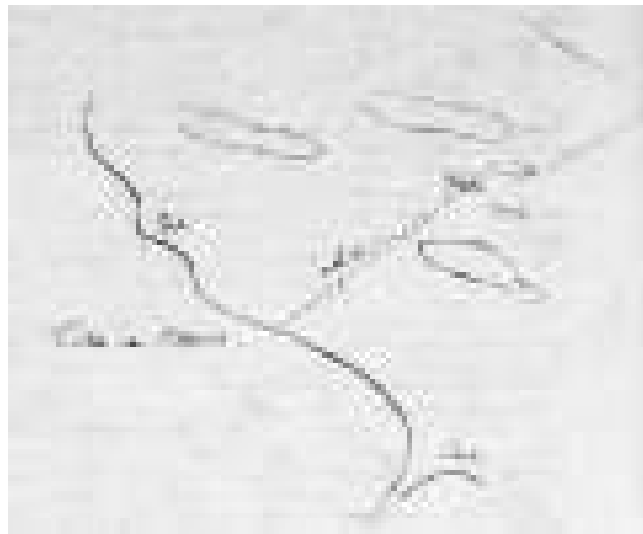
Às 12h40, passamos a corredeira da Misericórdia, formada por uma ponta de rochedos que avança na direção da margem direita e estreita muito o rio. Passamos pelo meio, um pouco à esquerda, depois, cortamos pela margem direita. Atualmente, época de águas médias, passa-se por ali sem se dar conta. A corredeira é perigosa, dizem, nas cheias.

O curso do rio é, em seguida, salpicado de pequenas ilhas. À 1h¹/₄, uma linha de rochedos E. W. [leste-oeste] forma uma muralha, que une os dois ilhéus no meio do rio, deixando duas passagens principais repletas de armadilhas, à direita e à esquerda. Acostamos na margem direita. É a cabeça da [corredeira] Ribeirão. Passaremos por terra. O rio faz aqui, na margem direita, um verdadeiro plano inclinado, seguido de uma longa e violenta corredeira. Algumas

153 Equivalentes a aproximadamente 103 toneladas de borracha.

vezes, seguimos pelo canal, longo desfiladeiro, onde a água entra com violência entre duas linhas de rochedos; é imprudente. Descarregamos tudo. Um pouco mais abaixo, desemboca um igarapé profundo, onde recarregaremos [os batelões]. Ali, há uma casa abandonada por Monteiro; nos instalamos. Dizem-nos que a casa foi abandonada porque nela várias pessoas morreram de bexiga [varíola]! Decididamente, se ainda não ficamos doentes nesta endiabrada viagem, é porque temos sorte. Estamos amontoados: quatro passageiros, entre os quais dois bolivianos e dois americanos, duas peruanas, nós dois e o patrão das canoas.

Chove até meia-noite. O piloto de nossa canoa [Fim do f° 152] chama-se Loreto; e, ao todo, somos treze a bordo, contando conosco!



Quarta-feira. 18 [de dezembro]. As pessoas armaram barracas na grande laje de pedra, na margem do igarapé, colocando piquetes nos buracos das bolas de borracha e estendendo, por cima, as lonas. Dormimos bem na nossa casa empestada.



De manhã o tempo clareou, mas logo fica feio, e às 8h cai uma chuva fina, seguida, às vezes, de céu aberto. Desde às 5h^{1/2}, os homens [Fim do f° 153] transportam borracha. Creio que poderemos embarcar depois do almoço. Durante a manhã, o sol reaparece e podemos

secar nossas coisas, mas ao meio-dia cai um forte aguaceiro, que dura pouco, felizmente. Os homens já cortaram as toras de madeira para passar os batelões pelo varador (350 m e um montículo arredondado de pedra de uma altura de cerca de 4 m). O rio subiu muito desde ontem. Aqui, estamos com dez batelões e 127 homens, entre os quais, três patrões, nós dois, duas peruanas, mãe e filha, que vêm de Cachuela Esperanza, e dois maquinistas das lanchas de Suárez (a *Rocca* e a *Esperanza*). O resto é a tripulação, fora três ou quatro mulheres indígenas. Esta manhã, uma montaria chegou de Villabella trazendo o correio.

À 1h, a chuva, desta vez, parece que não vai parar tão cedo. Sob esta chuvarada, à 1h^{1/2}, içamos os primeiros batelões; 50 homens, uns puxando um cabo amarrado na proa, os outros empurrando a embarcação dos dois lados para fazê-las deslizar sem dificuldade sobre as toras de madeira previamente colocadas de través na passagem. Às 4h, todos os batelões estão na água, abaixo da cachoeira, exceto um que rachou no fundo, obrigando-nos a voltar para pregar um pedaço de tábua no lugar. Este já não presta mais. Chegando a Santo Antônio, se chegar, será abandonado.

A chuva não para. Teremos de passar mais uma noite nesta infecta barraca. Nossos companheiros bolivianos são tão educados quanto os porcos, e tão pudicos quanto os cachorrinhos; suas conversas são capazes de deixar um cafetão com vergonha. Toda essa gente é, aliás, bem suja e fala [besteiras] como se se tratasse de coisa natural – quando voltaremos a viver na limpeza de nossa casa? Minha pobre mulher sofre muito [Fim do fº 154], mas até a mim [tudo isso] repugna. Que país sujo que é a Bolívia, e que gente suja, esses bolivianos!¹⁵⁴

Toda essa população do alto dos rios,¹⁵⁵ da célebre região dos seringais, esqueceu completamente o que é a civilização. Os próprios europeus dão o exemplo da negligência, da grosseria, do vício sob todas as suas formas.

A cachoeira é inteiramente formada de granito enegrecido pelo acúmulo de substância ferruginosa.

Quinta-feira. 19 [de dezembro]. Partimos às 8h; choveu a noite inteira e parece que ainda vai chover durante o dia. Saindo do igarapé, estamos abaixo da foz do canal da cachoeira, onde escorre furiosa a água engrossada pelo rio; as vagas que nos atingem de lado batem com força e muita água entra nos batelões. Seguimos perto da margem; um pouco mais abaixo, nosso piloto lança-nos no meio da violenta correnteza. A água agita-se intensa e rapidamente, saltando, esguichando de todos os lados, mas prosseguimos velozmente.

154 Le Cointe escreve como se ainda estivesse na Bolívia, mas, nesse momento, já navega no rio Madeira, que faz a divisa com o Brasil.

155 Le Cointe refere-se ao alto curso do rio Madeira, que, em Vila Murтинho, divide-se no Mamoré, que segue para o sul como divisa entre Brasil e Bolívia, e no Madre de Dios, que segue para sudoeste, em território boliviano.

Atrás, a queda d'água bem visível divide-se em três partes por meio de duas ilhas, perto da margem direita. Entre a ilha e a margem esquerda, a cachoeira forma uma longa linha reta de mais de 1 km de extensão; entre as duas ilhas há apenas uma pequena passagem estreita.

O rio continua com violenta correnteza. Às 8h10, ele se encontra salpicado de rochedos, a correnteza é extremamente forte e desdobra-se em tumulto no seu leito desigual. Íamos nos chocar contra um rochedo, saímos por um fio da correnteza, e vamos refugiar-nos em uma baía onde há calmaria e onde tiramos uma parte da carga para atravessar a violenta corredeira que forma a cauda da cachoeira Ribeirão. Ficaremos aqui até amanhã. Vai ser divertido com este mau tempo e os maruins! Debaixo deste aguaceiro violento, nossos homens preparam um longo rosário de bolas de borracha (cada um com 12 ou 14), enfiadas em um cabo. Eles levam essa serpente flutuante para a água, costeando a margem [Fim do f° 155] até abaixo da corredeira, nadando com a ponta do cabo nos dentes! Os que não sabem nadar trazem suas bolas por terra, duas a duas, enfiadas nas extremidades de uma vara pontuda nas duas partes. Mas, aqui, o varador está em mau estado; a margem é quase abrupta e o varador é entrecortado por dois igarapés lodosos; aliás, ele [o varador] é muito longo.

Às 3h, parte o primeiro batelão; ele sobe de novo pela margem, para cair na correnteza mais longe; depois, lança-se na corredeira por uma estreita passagem, onde a água espuma entre rochedos que afloram. Bruscamente, ele vira à esquerda, vai até o meio do rio; depois, fazendo uma curva, volta para a margem direita, onde encosta ao pé de um grande rochedo escuro, isolado, que avistamos a 700 m daqui; é ali que vamos recarregar [os batelões]. Ele [o batelão] atravessou muito bem com apenas 2/3 da carga. Já estávamos decididos nós mesmos a passar pela corredeira, mas o patrão opôs-se. Vai ser preciso atolar [os pés] na terra. Às 5h, todas as canoas atravessaram satisfatoriamente. Passamos, nós mesmos, pelo varador de quase 1.500 m de comprimento, entrecortado por dois igarapés profundos; um deles passa sobre [sob] um tênue tronco de árvore jogado de través no barranco, a uma altura de 5 m. O porto de embarque é bom, mas faltam toldos para o acampamento. Transformamos nosso camarote em quarto com os cobertores estendidos na frente e atrás, e nos instalamos para [passar] a noite [Fim do f° 156].

Sexta-feira. 20 [de dezembro]. Apesar dos cobertores e das redes estendidas no assoalho de palmeira, rachado, a cama é dura como um saco de pedras. Mas o corpo habitua-se a tudo, dormimos normalmente.

De manhã, às 5h¼, soltamos as amarras [desatracamos].

Primeiramente, subimos [o rio]; depois, ziguezagueando entre os recifes na superfície das águas que se agitam, continuamos a descer até o final da corredeira do Ribeirão, que se

estende ainda por 3 km. Nessa marcha incerta, nosso piloto se atrapalha, um redemoinho nos surpreende e, apesar de nossos homens remarem com força, obriga nosso batelão a girar sobre si mesmo, abandonando-nos, felizmente, depois deste único giro de valsa.

O [rio] Madeira é aqui separado por numerosas ilhas. Às 6h, passamos por Periquitos, apenas indicada [a corredeira] por fortes redemoinhos. Em tempo seco, a passagem é difícil. Uma grande ilha, a ilha de Periquitos, divide o rio em dois. Passamos pela esquerda.

O sol aparece timidamente em meio a uma neblina úmida e fria. Não choveu esta noite, esperamos que o tempo nos dê uma trégua.

Às 7h35, passamos por Araras, assinalada por uma correnteza ligeiramente mais veloz. Aqui também uma grande ilha rochosa divide o rio. Passamos pela direita, costeando a margem, o meio da passagem estando obstruído por alguns grandes rochedos. Em tempo seco, esta corredeira é bastante violenta. Mais abaixo, cruzamos dois batelões subindo [o rio].

Um dos nossos companheiros de viagem, que vai para Santo Antônio, é Roberto Velasko [Velasco], filho do vice-presidente da Bolívia.

O sol aparece nitidamente. Tiramos toda a nossa roupa molhada, nossas coisas úmidas, e estendemos tudo sobre a carga e sobre a cobertura do camarote. O vento é fresco [Fim do f° 157] e leva a calça de nosso capitão. Sem hesitar, embora estejamos no meio do rio, ele mergulha em busca de seu indispensável [traje]; seu esforço é inútil, a calça já desapareceu e nosso pobre piloto volta para a canoa extenuado, ensopado e furioso.

O rio arrasta muitos destroços que as águas engrossadas pelas últimas chuvas carregam das margens. O meio da correnteza é indicado por uma fila ininterrupta de árvores, galhos, troncos, tufo de ervas e espuma.

Às 11h, abordamos a margem íngreme, lamacenta e espessa. Nossos homens, que ainda não comeram nada desde esta manhã, salvo um pouco de xibé entre duas remadas, rapidamente acenderam o fogo; a marmitta esquentada, o arroz e o charque estão quase cozidos e dez minutos depois, retomamos caminho. Um pouco mais abaixo, deixamos a canoa ir à deriva, puxada pela correnteza, e as pessoas comem a mistura, bem merecida.

Sol ardente. Pudemos secar todas as nossas coisas. Às 2h, passamos pela foz do Abunã, margem esquerda.¹⁵⁶ Aqui, a correnteza é violenta e, com o vento forte ajudando, o

156 A foz do rio Abunã marca o extremo norte boliviano. Aqui termina a divisa entre Bolívia e Brasil. De ora em diante, os viajantes percorrerão apenas território brasileiro.

movimento da água é bastante violento. Pouco depois, avistamos uma montanha azul, distante, é a serra do Paredão, aonde chegaremos amanhã.

Às 2h45, avistamos um batelão subindo dificilmente ao longo do rio. A correnteza o faz girar e o joga para trás, sua tripulação é insuficiente; ele deve, para avançar, escorar-se nos arbustos da margem.

Às 4h $\frac{1}{2}$, passamos por Pederneiras. Muitos rochedos submersos fazem agora borbulhar a água, formando grandes redemoinhos que evitamos facilmente.

Às 6h, acostamos a um ponto qualquer da margem para passar a noite, uns mais no alto, outros, mais abaixo. Três batelões ficaram para trás; um deles chega por volta das 8h [Fim do f° 158].

Sábado. 21 [de dezembro]. Nós partimos às 4h45; ainda é noite.

Às 5h40, chegamos perto do Paredão. Deixamos [para trás] uma grande colina, na margem esquerda. O rio bifurca-se; na ponta da ilha que o divide, um aglomerado de rochedos arredondados forma um ilhéu. No alto de um desses rochedos, está uma bela árvore, cujo pé é rodeado de vegetação, formando um buquê. Passamos pelo braço da direita. Ele está praticamente obstruído por grandes rochedos mamelonados, que formam um ilhéu principal perto do meio do rio, mas outras grandes pedras isoladas [também] fazem obstáculo na passagem.

O canal que costeia uma parede de rochedos de 5 a 6 m de altura, à direita, tem apenas 10 m de largura; a água ali se precipita furiosamente. Todos esses rochedos são de granito feldspato.

Retiramos a metade da carga das canoas, que passam por um varador acima do Paredão e que tem mais ou menos 150 m de comprimento. É pela passagem estreita ao longo do Paredão que as canoas sobem; na descida, elas passam pelo grande canal entre a ilha que divide o rio e o ilhéu de rochedos do meio do braço direito.

Recarregamos as canoas na foz de um pequeno igarapé que desemboca justamente abaixo da cachoeira; às 8h $\frac{1}{4}$, estamos prontos, mas os outros batelões, que passaram depois de nós, nos fecharam no igarapé e devemos esperar. A chuva ameaça; felizmente, já estamos bem instalados em nosso camarote. Partimos às 8h $\frac{1}{2}$, debaixo de forte chuva. A corredeira continua ainda ao longo do braço direito do rio. Nosso piloto, que gosta de agitação, leva-nos para [o ponto] mais forte da correnteza. Nosso batelão, muito carregado na proa, enche de

água. Em um dado momento, o rio parece inchar repentinamente à nossa esquerda e a água precipita-se em catarata, entrando na nossa embarcação. Um rápido giro do timão impede o naufrágio iminente. Às 9h¹/₄, estamos na saída do braço, no grande rio. A chuva já parou [Fim do f° 159].

Quase todas as grandes dificuldades dessa viagem poderiam ter sido evitadas com melhorias nas passagens por meio de dinamite, utilizando as vias Decauville¹⁵⁷ nos varadouros para o transporte da carga, e até mesmo, de embarcações. Em caso de naufrágio, evitar-se-ia também a perda de borracha e de bagagens, cobrindo a carga com uma rede de cordas de largas malhas, amarradas nas bordas do barco; com a canoa e a borracha flutuando, o maior perigo seria evitado e, em todo caso, poderíamos recuperar a carga, que estaria somente molhada, caso a embarcação se enchesse de água.

Às 9h¹/₂, passamos as últimas corredeiras do final do Paredão. Pequenas colinas bordejam o rio à esquerda. O rio estreitou-se consideravelmente, ele tem apenas 8[00] a 900 m de largura. Por volta das 10h45, anuncia-se uma tempestade. Fortes rajadas de vento eriçam a superfície da água, mas o vento afasta as nuvens e escapamos mais uma vez da chuva.

Ao meio-dia, acostamos durante uns vinte minutos, apenas o tempo de acender o fogo apressadamente, assar um churrasco de carne seca e ferver uma marmita de arroz; o jantar é embarcado e vamos comê-lo quando a canoa estiver à deriva na correnteza, no meio do rio.

Tempo abafado, ameaçando continuamente chuva e temporal. Os maruins são hoje insuportáveis.

Nessas paragens, encontramos frequentemente bandos de índios mansos (Caripunas), com os quais fazemos trocas.¹⁵⁸ Aqui e ali, em uma ou outra margem, algumas pobres cabanas com um pequeno roçado de milho e alguns pés de bananeiras.

A 1h¹/₄, o rio alarga-se de repente, até 2.000 m ou mais de largura, mas com numerosos ilhéus e dividido em dois principais canais por uma grande ilha. À direita e à esquerda [Fim do f° 160], algumas pequenas colinas se elevam quase à beira da água. Seguimos pelo braço esquerdo. Mais ou menos no meio, uma corredeira pouco perceptível indica o primeiro travessão da cachoeira Três Irmãos, atualmente submersa. É 1h25. Os travessões sucedem-se assim

157 Paul Decauville (1846-1922), inventor da via férrea de bitola estreita (de 400 a 600 mm) no século XIX. Facilmente desmontáveis, os trilhos Decauville encontraram aplicação em muitas áreas que exigem o transporte de cargas pesadas, como mineração, estruturas industriais, portos etc.

158 Assumimos que se trata do povo Ahé, também conhecido como Karipunas de Rondônia, grupo de língua tupi, atualmente reduzido a menos de 100 indivíduos.

até o encontro dos dois braços do rio. Em seguida, o rio corre tranquilamente durante uma grande extensão. As duas margens logo voltam a ser planas, como habitualmente.

Às 5h^{1/2}, acostamos para [passar] a noite. De longe, já podemos escutar o Jirau, que ribomba. Não vamos mais longe, pois devemos cortar árvores para rolar o batelão em Jirau; lá, já cortaram tantas que [as árvores] são raras.

Domingo. 22 [de dezembro]. Partimos às 4h45. Às 5h20, passamos pela primeira corredeira da cabeça [parte superior] de Jirau e vamos acostar em uma pequena baía tranquila, um pouco acima da cachoeira que corta o rio em toda a sua extensão, em uma única linha. Na verdade, não há uma queda vertical, senão em alguns pequenos braços entre os ilhéus que existem no rio, mas um plano inclinado, salpicado de recifes, de fundo desigual, sobre o qual corre furiosamente toda a água do rio consideravelmente estreitado pelas pontas rochosas, que partem das margens, e por uma pequena ilha situada perto da margem direita. Desembarcamos na margem direita. Ali, há uma habitação.

Um longo varador rochoso, de solo desigual, conduz (800 m, aproximadamente) até a parte baixa da cachoeira, em uma enseada protegida contra a violenta agitação das águas. Ali, situa-se a barraca de Justino Bastos (maranhense), seringueiro, que explora um seringal um pouco acima, em um igarapé, perto de Três Irmãos. Pórfiro vermelho.¹⁵⁹

Acampamos na metade do caminho para o varador. Armamos nossas tendas. A minha, de borracha,¹⁶⁰ deixa-me completamente tranquilo na eventualidade de uma chuva, mas, felizmente, o tempo se mantém seco, apesar de nublado. Passeamos sobre as pedras, os rochedos amontoados caoticamente ao longo da corredeira. Tomamos banho na água escumosa e encontramos muitas orquídeas nas árvores que crescem entre os [Fim do f° 161] rochedos. O chefe do piquete de polícia, desertor de Riveralta [Riberalta], nos precedeu aqui, passou sua montaria [pelo varador] e continua [sua] viagem.

À noite, um aguaceiro refresca-nos um pouco, mas transforma o varadouro em um fosso cheio de lama viscosa.

Segunda-feira. 23 [de dezembro]. Pudemos dormir esta noite na rede; isso nos descansou um pouco do chão do camarote. O tempo hoje está chuvoso. Desde às 4h [da manhã], todo mundo está de pé e começamos a passar os batelões [pelo varador]. Mas a carga ainda está na metade do caminho. Logo, não partiremos hoje.

159 Le Cointe refere-se, sem dúvida, à presença de rocha magmática, que apresenta textura característica de grandes cristais de feldspato incrustados em afaníticos.

160 Trata-se de um tecido impermeabilizado com borracha para evitar goteiras.

Aqui, nosso cardápio é um pouco melhor. Encontramos cerveja, biscoito, álcool e galinhas para comprar. Alternando com o patrão [do batelão], fornecemos [Le Cointe e a esposa] o prato principal e passamos muito bem. Choveu um pouco esta noite e esta manhã, mas logo o tempo melhorou. Eu me distraio subindo nos rochedos que bordejam a cachoeira e trepando nas árvores para retirar parasitas.¹⁶¹

Às 3h da tarde, todos os batelões estão na água, abaixo da queda. Recomeçamos a transportar a carga. Só partiremos amanhã por volta do meio-dia.

Quase todos os brasileiros que encontramos aqui são cearenses.

Terça-feira. 24 [de dezembro]. Desde esta manhã, nosso pessoal começou a beber; é véspera de Natal; em breve, dos dez pilotos, oito estarão inutilizados. Passamos as canoas pelo varador com muita dificuldade e, entre a entrada debaixo do varadouro até o ponto de embarque, um dos batelões quase naufragou; chegou cheio de água, com uma polegada do casco fora da água. Justino Bastos convida-nos para jantar e recebe-nos com amabilidade.

Quarta-feira. 25 [de dezembro]. Partimos às 7h¹/₄. Um dos batelões [Fim do f° 162] despreendeu-se durante a noite e partiu com dois moços bêbados.

Felizmente, conseguimos avistá-los acostados a 1 km mais abaixo. Apressamo-nos para evitar mais bebedeira, porque senão só partiremos daqui a três ou quatro dias. Chove e troveja.

O rio estreita-se aqui, para, em seguida, alargar-se bruscamente entre os contrafortes das colinas da margem direita e da esquerda. Alguns ilhéus de rochedos formam a cauda [o final da corredeira] de Jirau.

Às 8h¹/₂, estamos no Caldeirão do Inferno; encostamos à esquerda em um grande remanso. Abaixo, uma ilha bifurca o rio em dois canais. O Caldeirão fica à direita, não o veremos. Chove torrencialmente.

O pessoal está indisposto, o próprio patrão parece não querer fazer nada, e eternizamos neste lugar sob o pretexto de preparar a comida; felizmente, não há muitos maruins.

Às 2h, finalmente, a chuva para e começamos a passar os batelões, um após o outro, com toda a carga, e com a tripulação duplicada. Às 2h¹/₂, passamos. Um grupo de ilhas rochosas divide o rio já estreito entre duas pontas de rochedos, uma em face da outra, em

161 Provavelmente, as plantas que crescem nos galhos das árvores, como bromélias e orquídeas, que não são parasitas, mas epífitas.

cada margem. Passamos pela primeira corredeira; depois, lutamos dificilmente contra a correnteza, que nos arrasta para um salto entre duas ilhas e, finalmente, entramos em um canal estreito e tortuoso, entre a margem esquerda e uma ilha. Ali nos engolfamos com a velocidade de uma flecha.

Na saída do canal, fica o último salto, tão violento que não se pode passar com carga. Os outros batelões já estão ao abrigo em uma cavidade da margem, onde a água é calma, mas nosso piloto não tomou bem a distância e, por pouco, não despencamos cachoeira abaixo. Durante mais de cinco minutos, nosso batelão fica indeciso no meio da correnteza, apesar do esforço de nossos remadores, mas conseguimos sair da correnteza a 25 m acima do salto e acostamos. Retiramos uma parte da carga. [Fim do f° 163].

Um varador de 250 m, passando por cima de uma ponta de terra elevada, conduz ao ponto de embarque abaixo do salto (a mais violenta corredeira). Na subida, as canoas passam pela margem direita. Deste lado, perto de uma ilha, fica o grande redemoinho denominado Caldeirão do Inferno. Faz algum tempo, neste canal, uma canoa de Suárez naufragou; 11 marujos morreram, apenas quatro salvaram-se. Uma cruz alta na margem direita lembra o acidente.

Em suma, aqui duas ilhas dividem o rio em três canais; o principal, na margem direita; no meio, passagem estreita entre as duas ilhas; e o terceiro, ao longo da margem esquerda, por onde descemos.

Todas as canoas passam sem acidente, embora a última tenha se deixado arrastar pela correnteza principal, de onde só pôde sair mais abaixo, a 600 m, depois de encher de água. Retomamos caminho às 5h. Nossa canoa faz uma saída ridícula; um grande redemoinho que se formou repentinamente a faz girar sobre si mesma, apesar do esforço de nossos remadores.

Às 5h^{1/4}, passamos o rabo [o final] do Caldeirão, que é, nesta época, apenas uma forte correnteza, com alguns rochedos no meio do rio.

A partir daqui, o rio começa a alargar-se consideravelmente e corre sem obstáculos durante uma grande distância. Vamos ter um dia inteiro de navegação tranquila.

Quinta-feira. 26 [de dezembro]. Seguimos à deriva durante toda a noite, até às 4h da manhã. Seria imprudente prosseguir assim mais longe, por causa da cachoeira Morrinhos, cuja passagem será difícil, visto que as águas baixaram muito desde ontem.

De manhã, às 6h, passamos por Morrinhos. As ondas são muito fortes, mas passamos bem pela margem esquerda.

Temos bom tempo, logo cedo estaremos [Fim do f° 164] em Theotônio. Partiremos com apenas quatro batelões juntos; os outros acostaram esta noite e estão atrasados.

O rio corre entre duas margens de terra firme elevada. As habitações aparecem mais numerosas.

Às 9h, encostamos para cortar árvores e preparar a passagem das canoas por Theotônio. Partimos às 9h $\frac{1}{2}$. Às 10h, passamos [o salto] do Padre Eterno. Uma longa ponta que avança pela margem direita e alguns rochedos em terreno baixo formam esta corredeira, que não apresenta nenhuma dificuldade nesta época de cheias.

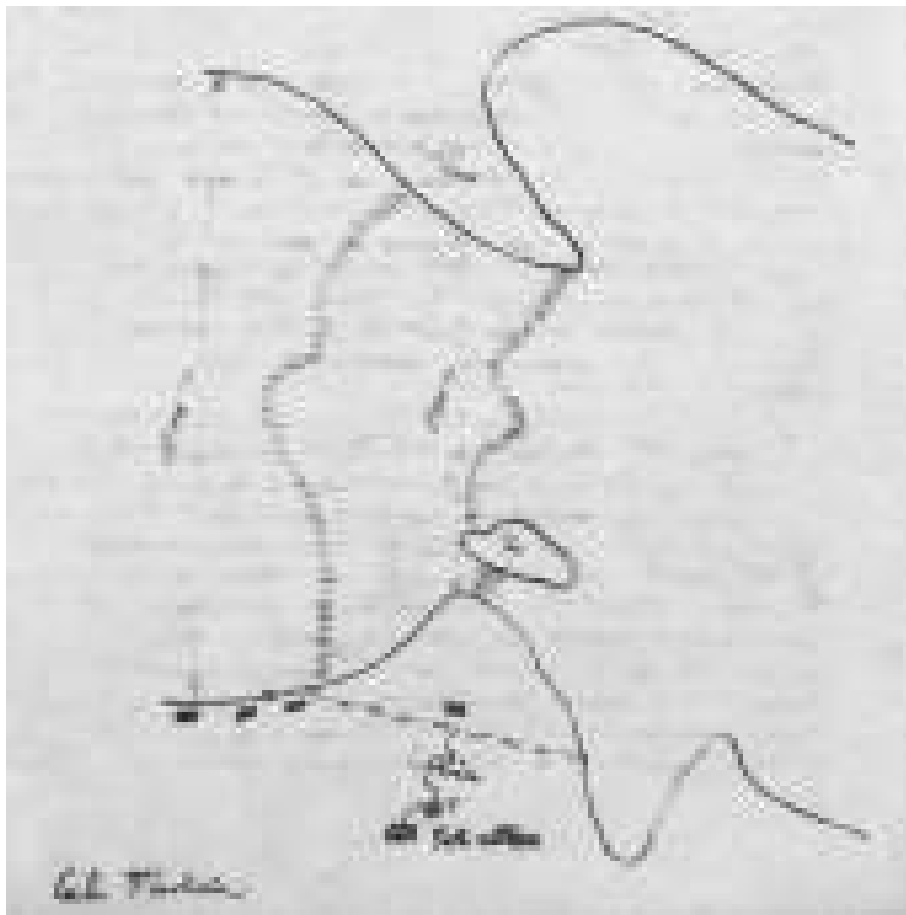
Já ouvimos nitidamente o ribombar surdo de Theotônio. Chegamos às 10h $\frac{1}{2}$ em uma ponta de terra firme, na margem direita, que, com uma outra ponta em frente, na margem esquerda, estreita o rio à altura da cachoeira. No topo desta ponta elevada, encontra-se o quartel do destacamento da força mato-grossense [quartel militar], que, comandado por um tenente, constitui o posto fiscal de Mato Grosso. Sobe-se ali por uma escada em espiral, talhada na pedra e no cascalho. Do topo deste monte, a vista é magnífica. A queda d'água, que se estende em arco de círculo entre as duas pontas de terra que avançam nas duas margens, não é tão majestosa quanto dizem, mas o conjunto, com dois saltos sucessivos e próximos, é interessante.

Na margem direita, um ilhéu próximo de um terreno baixo deixa apenas um estreito canal, no qual cai, em um único salto, um braço de rio.

Vamos visitar o tenente comandante do destacamento, que nos recebe bem; convidamos para jantar e, finalmente, oferece sua casa durante o tempo em que ali ficaremos.

Os outros batelões, que não navegaram durante a noite, começam a chegar por volta das 2h $\frac{1}{2}$ [da tarde]. D. [Dom] Eriberto Velasco, estando com eles, não pudemos começar a descarregar [Fim do f° 165], esperando que ele confira a borracha. Às 3h, D. Eriberto chega e começamos a descarregar. Alinhamos a borracha na esplanada, um batelão após o outro. Todas as bagagens dos moços ou dos outros passageiros ficam espalhadas no chão, apesar da chuva que se anuncia.

O varador é bom, mas escarpado; tem apenas 200 m de comprimento. Altura da colina, onde fica o quartel, acima do nível do rio, abaixo da queda = 33m. – Direção da queda: NNO – SSE [nor-noroeste – sul-sudeste].



[Fim do f° 166]

Imediatamente acima da queda, na margem esquerda, desemboca um igarapé, pelo qual vêm, às vezes, algumas canoas do rio Purus, passando pelo rio Mucuí, que corre próximo deste igarapé, e, [depois], passando a canoa por terra de um para o outro [do rio Mucuí para o igarapé que deságua no Madeira].

Theotônio, que nada mais é do que um posto fiscal do estado de Mato Grosso para a exportação de borracha, arrogou-se os direitos de uma verdadeira alfândega, uma alfândega jamais vista. É um abuso, pois os funcionários e a guarnição do posto nem são federais [do governo federal]. Ali, revistam-se todas as bagagens, malas, sacos de roupa, caixas, pacotes, com uma avidez, uma indelicadeza e uma tal ferocidade que não se vê em nenhum outro

lugar do mundo. Nossa entrada no Brasil deixou-nos realmente uma péssima impressão.¹⁶² O comandante da fronteira de Villa Murinho e a alfândega de Theotônio dão a impressão de estarmos em uma região de negros antropófagos mais do que em um país civilizado. A tropa é, aliás, composta de negros desprezíveis, bêbados, ladrões, grosseiros, que gritam, como todo negro de boa cepa.¹⁶³ Enfim, o pobre passageiro que cai nessas mãos parece estar à mercê de bandidos calabreses e, ainda assim, muitos destes [calabreses] exercem com mais delicadeza seus negócios antissociais.

Felizmente, graças a uma exceção feita pelo Manitu do lugar,¹⁶⁴ o tenente Brito (graças a meu *exequat*¹⁶⁵ do governo brasileiro), somos dispensados da visita, mas nossos pobres companheiros não escapam. É uma verdadeira pilhagem, sob a direção de um bêbado italiano!

Um puxa uma camisa suja, vira e revira, apalpa, cheira; um outro fuça uma caixa de ferramentas, chegando até a abrir um estojo de agulhas. As pequenas bolas de borracha que os ingleses trazem como lembrança são apreendidas, dois cortes [de retalhos] para calças grosseiras de um dos moços também são confiscados. Três pobres retalhos de tecido banal, que pertencem à nossa companheira peruana, são apreendidos. D. Eriberto [Fim do f° 167], nosso patrão [do barco], irrita-se com isso; é imediatamente levado acorrentado para o posto [militar], como [se fosse] um criminoso perigoso.¹⁶⁶ As armas e munições são também confiscadas. Finalmente, a meu pedido reiterado, à noite, eles devolvem os tecidos para as infelizes proprietárias e libertam D. Eriberto. – Cada batelão paga 10 bolivianos [bolívares] para poder passar. Para passar a noite em um hangar que os próprios moços cobriram, fazemos pagar 1 boliviano [bolívar] por rede e 1 bolív. [bolívar] por bagagem.

Dormimos na casa do tenente, lá no alto. Não tem outro jeito, senão levar as coisas com paciência, se queremos evitar alguma desgraça; aqui não adianta reclamar.

Sexta-feira. 27 [de dezembro]. Há muitos peixes de pele¹⁶⁷ nas águas espumosas do pé da cachoeira. Nós os pescamos com um arpão. Durante o dia, vemos passar de 25 a 30 dourados capturados, com os quais nosso pessoal se regala. É um peixe oleoso, pouco agradável, do qual não fazemos caso no Amazonas. A borracha foi verificada [conferida] de

162 Na verdade, Le Cointe e sua comitiva já haviam entrado em território brasileiro há muitos dias, desde Vila Murinho.

163 No original, *bon teint*, locução adjetiva que, em sentido denotativo, é aplicada a tecidos de boa qualidade, com cores bem fixadas. Le Cointe a utiliza em um contexto extremamente racista, fazendo deboche da cor da pele dos funcionários do posto fiscal.

164 Manitu é uma divindade de povos indígenas norte-americanos. Essa expressão corriqueira em francês designa uma pessoa importante que tem poder em uma certa esfera.

165 Decreto pelo qual o governo de um país autoriza um cônsul estrangeiro a exercer as suas funções nesse país. Convém lembrar que Le Cointe não exercia mais a função de cônsul francês em Óbidos.

166 Grifado no original.

167 Expressão que designa as espécies de peixe sem escamas.

manhã, e já faltam seis bolachas [bolas], certamente roubadas em Jirau (anzol para passar a borracha na mata).

Passamos toda a carga e os batelões e vamos cortar [caminho] através das lajes na saída do varador. Nosso toldo, amarrado nas varas sustentadas por tripés, colocados na pedra polida, quase foi levado pelo temporal no início da noite.

Sábado. 28 [de dezembro]. Sob uma forte chuva, carregamos [os batelões] desde às 4h da manhã. Às 8h, partimos. Vista de baixo, a cachoeira Theotônio parece até uma queda a pique que corta o rio em uma única linha, entre as duas pontas de terras altas.

Parece que a mulher de Blaymont é adjudicatária do caminho [de passagem] de veículos de Santo Antônio, em Guajará-Mirim. O estado de Mato Grosso prorrogou o privilégio por três anos [Fim do f° 168].

Às 9h^{1/2}, o rio parece fechar-se diante de nós; uma longa ponta de terra e de rochedos, que vêm da margem esquerda, deixa apenas uma passagem estreita entre ela e um ilhéu de pedras; um pouco mais abaixo, um outro ilhéu de pedra subdivide também o curso do rio, e uma longa ponta de rochas que avança na margem direita acaba de estreitar a passagem, onde as águas passam tumultuosamente, formando a cachoeira de Santo Antônio.

Entramos em um braço da margem direita, acima da ponta de rochedos, a 40 m da queda d'água. Este braço parece não ter saída, mas, no fundo, um estreito canal abre-se à esquerda. Em sua entrada, acostamos às 9h^{1/2} para descarregar parte da borracha. Seguimos por terra até Santo Antônio, que aparece no alto, na margem direita, justamente ao longo deste braço do rio Madeira, em um terreno elevado, acidentado, com grandes rochedos de granito.

Atravessamos toda a cidadezinha, construída de maneira irregular, uma mistura de barraquinhas, em ruínas, e de algumas casas bem construídas, cobertas de telhas, cujos muros de barro são caiados ou até mesmo pintados a óleo.

Abaixo, a última casa é a de Bertini, o único estabelecimento [comercial] importante de Santo Antônio. Belo armazém, boa casa verde e bem construída, perto de uma enseada de águas tranquilas e profundas, abaixo da queda, que serve como porto para o vapor, que vem de baixo. Um plano inclinado com carro de rodas, puxado por um guindaste a vapor, facilita a subida da carga, que é transportada em vagonetes sobre uma via Decauville até os armazéns. Um pontão coberto, ancorado no fundo da enseada, funciona como depósito para a goma, vinda do alto até o ponto de embarque.

Nossos batelões passam sem acidente pelo canal, ao longo da margem direita. Este canal é bom tanto quando as águas estão baixas, quanto quando estão altas; atualmente, ele é um pouco perigoso [Fim do f° 169]. Mal entramos em Santo Antônio e já encontramos João Aguiar, que é aqui uma espécie de subprefeito de polícia, fiscal etc. – Somos bem recebidos por Bertini. Com prazer, bebemos um bom copo de cerveja gelada. Já faz tanto tempo que não temos gelo! Ele consegue uma pequena casa para nós, onde nos instalamos, todos os passageiros, até a chegada do vapor, que é esperado no dia 30 do corrente mês.

Domingo. 29 [de dezembro]. Visitamos, para nos distrair, os restos do material da Companhia da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Uma locomotiva enterrada até os eixos está no jardim de Bertini, já desprovida de todos os seus bronzes e cobres. Uma outra encontra-se no caminho de [para] Jirau, caída embaixo de um barranco. – Também existe em muitos lugares uma grande quantidade de trilhos amontoados. Recentemente, jogaram uma parte em um buraco para desentulhar o terreno.

Segunda-feira. 30 [de dezembro]. Já faz dois dias que tenho febre, todas as manhãs.

Terça-feira. 31 [de dezembro]. Às 3h da tarde, chega o vapor *Campos Salles*.

Quarta-feira. Primeiro de janeiro [de 1902]. O *Campos Salles* é um navio novo, mas ele me parece mal apropriado para a navegação nesses rios. Extremamente fechado, falta espaço aberto para os passageiros, todos em cabines que, evidentemente, devem ser horríveis como aquelas de todos os vapores da Companhia. Partiremos provavelmente às 3[h].

Quinta-feira. 2 [de janeiro]. [em branco]

Sexta-feira. 3 [de janeiro]. [em branco]

Sábado. 4 [de janeiro]. Embarcamos depois do jantar. O navio partirá esta noite. Até o fim [de nossa estadia], o senhor Bertini foi gentil.

Domingo. 5 [de janeiro]. Partimos às 6h da manhã. Não pude tirar uma fotografia de Santo Antônio.

Passamos muito mal a bordo, durante a noite, no porto [Fim do f° 170], por causa dos carapanãs que invadem nosso camarote, embora tivessem dito que, em Santo Antônio, não havia mosquitos.

O *Campos Salles* navega bem. Ele pode, diz o comandante, percorrer 15 milhas por hora. Mal partimos, paramos em São Jorge (Porto Cachoeiras); depois, algumas centenas

de metros mais abaixo, para embarcar, a cada vez, três ou quatro bolas de borracha de uma arroba c./u. [cada unidade]. Às 9h¹/₄, estamos em Bom Jardim, margem esquerda, terreno bastante alto, talhado a pique na margem; o navio quase roça a terra firme. Bonita casa de mestre [construtor] e grupo pitoresco de casinhas, todas iguais, do pessoal.

Às 10h¹/₂, em Hué-Poranga; o navio toca de leve uma ponta de terra baixa, prolongamento de uma ilha. Espero que não encalhemos. Perdemos meia hora para esperar uma montaria trazendo umas vinte bolas de borracha.

À 1h¹/₂, chegada em Belém, espécie de chalé em forma de estação [de trem] ou de mercado, confortável, mas escondido por uma plantação de mandioca: economia de terreno mal concebida.

Às 3h¹/₂, na Brasileira, propriedade de um português (subprefeito de Jamari). – Reconhecemos um português pela abundância de couves e outras verduras, com as quais nosso chefe de cozinha faz uma provisão. Às 4h, mal atravessamos e já acostamos em uma outra barraca, em frente.

De margem a margem, de casa em casa, sem sair de um raio de 2.000 m, passamos a noite. De manhã, estamos ainda em frente da última barraca, vista na véspera, na boca do [rio] Jamari.

Segunda-feira. 6 [de janeiro]. Na boca do [rio] Jamari, a procissão continua. Em cada porto, embarcam passageiros, já somos bem numerosos. No Jamari, 8h de vapor até a primeira cachoeira.

O rio nada tem de singular, águas turvas, amareladas, margens baixas, arborizadas, uniformes, numerosas ilhas baixas; é a [Fim do f° 171] paisagem constante do vale amazônico.

O comandante Rocha é muito gentil conosco. Às 9h¹/₂, estamos em Boa Hora, grande casa para morar, coberta de telhas, com jardim na frente.

Em seguida, descemos um pouco: a todas as casas que nos fazem sinal com uma salva de rifles, respondemos com um assobio, o que significa que voltaremos a passar por ali.

Às 3h, chegamos à casa de Ramon Roca, bonita e grande habitação de um andar, com grande e belo jardim na frente. Desembarcamos uma dúzia de trilhos [de trem], trazidos de Santo Antônio. Pode-se encontrar esse material de estrada de ferro de Riveralta [Riberalta] até a foz do [rio] Madeira. É uma loucura o fato de que a Companhia não tomou medida alguma para recolher ou conservar este material tão caro.

O número de passageiros aumenta consideravelmente. Todo espaço livre está ocupado pelas redes; a circulação é impossível. A sociedade está cada vez mais misturada e promete muitos prazeres até o fim da viagem.¹⁶⁸ O seringueiro é conhecido e reputado por sua grosseria, sua falta absoluta de educação, sua arrogância.¹⁶⁹ Este [seringalista] do [rio] Madeira é ainda tido, felizmente, como o mais civilizado, mas, ai de mim, ele ainda deixa a desejar. Este indivíduo, tipo absolutamente peculiar, ignorante, besta ou rude pelo seu gênero de vida e de convivência, imagina-se superior porque tem os bolsos cheios de dinheiro, obtido às custas do pobre trabalhador, picador de seringueira, que, branco ou índio, sacrifica sua saúde e, muitas vezes, a vida para encher o bolso de seu patrão, sem escrúpulos, que o rouba de todas as maneiras possíveis.¹⁷⁰

Terça-feira. 7 [de janeiro]. À noite, acostamos na (antiga) missão de São Francisco (Hugo Castro-Lima, da Companhia Seringueira do R. Machado);¹⁷¹ depois, passamos a noite inteira a rodar, aqui e ali, voltando para o mesmo lugar. De manhã, embarcamos a borracha, que, finalmente, chegou [Fim do fº 172] de Jamari.

O vapor *Campos Salles*, embora seja novo, não oferece mais conforto do que os outros – camarotes mal arejados (sem saídas de ar embaixo), portas sem chave nem ferrolhos.

A cada instante, a porta entreabre-se e o focinho de um indivíduo desorientado, que procura seu camarote, vem nos incomodar. Não tem mesa de cabeceira. Roupa de cama suja, jamais trocada. No início da viagem, lavaram a ponte, que só voltará a ser limpa na chegada a Manaus. Nem chegam a varrê-la, o que não custa nada. Nunca vimos um empregado entrar no camarote para fazer a limpeza. Nada de garrafas, nem copos; é verdade que se houvesse, os passageiros roubariam. Na sala de banho, nem banco, nem cabide. Os guardanapos de mesa são sempre os mesmos e sujos. Em compensação, os domésticos são um pouco mais limpos do que habitualmente ao servirem a mesa e o serviço é feito “à francesa”; não se assiste a cenas de selvageria tão frequentes a bordo dos vapores desta Companhia, onde os passageiros mal [sentam-se] à mesa e já se precipitam, como um bando de urubus, sobre os pratos que são expostos meia hora antes. Os mais fracos, ou mais tímidos, às vezes, ficam sem comer. Em suma, o que faz com que não nos sintamos bem a bordo destes navios é, principalmente, a falta de civilização dos passageiros. Se a Companhia procurasse melhorar um pouco, eles

168 Por “sociedade”, Le Cointe entende as diferentes classes sociais que dividiam o espaço do navio, referindo-se com sarcasmo à convivência entre elas.

169 Le Cointe refere-se ao seringalista (chamado também de patrão ou coronel), o dono do seringal, e não ao seringueiro, o trabalhador que coletava o látex das héveas. Nas linhas seguintes, Le Cointe critica duramente a exploração dos seringueiros pelos patrões.

170 É curioso observar que Le Cointe não se considera um seringalista, mesmo tendo trabalhado como gerente de um seringal na Amazônia boliviana, região onde as condições de trabalho eram muito cruéis.

171 Rio Machado, também conhecido como Ji-Paraná, afluente do Madeira.

abusariam, pouco acostumados aos refinamentos da civilização, [mesmo] se querem deles usufruir como os porcos que adoram se chafurdar na lama.

Eles chegam até a fazer suas necessidades no local de banho ou na pia dos camarotes. Roubam os cobertores, os copos e até os pratos e as xícaras de café.

Deveria haver duas classes de passageiros.¹⁷² A primeira classe [seria] sobretudo para aqueles que terão de ficar vários dias a bordo, e uma segunda para os que embarcam somente para ir até outra barraca [seringal], um pouco mais distante, ou até a capital do município [Fim do f° 173].

A bordo, a mesa apresenta um aspecto bem curioso. Cada seringueiro [seringalista] quer marcar sua importância pela maneira de pedir uma garrafa de vinho, e do melhor (na casa dele, ele não bebe vinho de mesa ordinário).

Um velho está diante de nós, pouco à vontade em sua camisa apertada e engomada, a gravata do lado do avesso, mas os botões da camisa de pérolas e de diamantes do tamanho de uma noz. Aliás, depois do jantar, sua camisa já está manchada de vinho e [salpicada] de gotas de molho. Um outro, gordo, o gênero de gordura que a asneira, a ausência de trabalho intelectual engendra, grande, opulento, falando alto, sem dúvida um homem importante, está calçando chinelos bordados, os pés mal escondidos nas meias sem calcanhar. Alguns jovens ignorantes, mal-educados, viciosos, com ares de leões da moda, exibindo no peito buquês de flores monstruosas e a gravata branca no pescoço, os pés sempre nos inevitáveis chinelos.

Por voltas das 11h, passamos pela região vizinha do rio Machado, onde os Parintintins fazem a cada ano incursões mortais.¹⁷³

À 1h, chegamos a Mirari, na margem esquerda – propriedade de Antônio Monteiro, filho do coronel Monteiro, de Manaus. Casa de pinheiros vindos da América do Norte! – Bonita casa com jardim (gênero grande chalé), madeira com pintura rajada; no porto, plano inclinado com vagões, às custas da estrada de ferro de Santo Antônio. – Bons armazéns, habitações boas para o pessoal [funcionários]. Muitas árvores frutíferas; o melhor estabelecimento visto até aqui, desde Santo Antônio.

Saímos daqui somente às 4h. Às 8h da noite, chegamos à Humaitá, na margem esquerda. Aqui ficaremos até amanhã de manhã.

172 Le Cointe defende duas categorias de passagens e instalações diferenciadas.

173 Os Kagwahiva habitavam a região leste do rio Madeira, até a foz do rio Machado. Este grupo ficou famoso (e temido) pela resistência à colonização do seu território. Hoje, grande parte desse grupo vive em duas Terras Indígenas, no município de Humaitá, no estado do Amazonas.

Quarta-feira. 8 [de janeiro]. O aspecto de Humaitá é agradável [Fim do f° 174]. Uma pequena igreja, com campanário em forma de pirâmide, fica no fundo de uma praça, na qual um dos lados inteiro é formado por um vasto edifício de um andar, que é a Prefeitura, bastante importante para uma tão pequena cidade. Mais adiante, uma construção isolada, é a prisão. O caminho do porto é estreito e está em mau estado. Os veículos de carga descem em marcha à ré, já que falta espaço para contornar.

A cidade foi construída em um terreno elevado, mas dividido em duas partes por um enorme buraco que ela contorna em semicírculo. Uma rua de trás, bordejada de boas construções, é arborizada de palmeiras barrigudas,¹⁷⁴ mas, infelizmente, cortada em duas partes pelo buraco. Parece que o clima é bom. A cidade aparenta ter sido mais próspera, os postes de lampião estão sem iluminação, o mato cresce nas ruas.

Ainda embarcamos muitos passageiros e partimos às 8h^{1/2} da manhã. Cinco minutos depois, chegamos a uma barraca na mesma margem, coisa absurda, pois essa gente poderia bem centralizar sua [carga de] borracha na cidade vizinha. Desse jeito, é impossível fazer prosperar uma cidade do interior.

De barraca em barraca, navegando dez minutos, parando a cada vez durante uma hora, não avançaremos nunca. No [rio] Madeira, há 224 estações (e 234 no rio Purus).¹⁷⁵

Quinta-feira. 9 [de janeiro]. O navio, que não foi limpo desde nossa partida, já parece um estábulo. Decidiram lavar a ponte hoje. – O primeiro toque do sino é às 5h^{1/2} [da manhã] e o café só é servido às 6h, mas começaram a lavar a ponte justamente às 7[h]. Bela organização para a maior comodidade dos passageiros. Estes são, aliás, muito pouco considerados. Antes de ontem, em uma barraca, uma vez toda a carga embarcada, o comandante, a quem haviam oferecido um porquinho, fez-nos esperar duas horas até que o animal fosse capturado. Com os gritos do porco entrando a bordo, o [Fim do f° 175] pessoal saiu finalmente da sonolência e, então, pudemos partir. Duvido que teriam esperado quinze minutos por um passageiro atrasado.

Também esses passageiros não merecem realmente muita consideração. Com poucas exceções, são todos indivíduos mal-educados e sujos, a viagem seria agradável sem a companhia deles. Não se imagina a que ponto esses indivíduos estão distantes do estado civilizado. Ontem mesmo, um deles fez suas necessidades bem no meio do banheiro; todo o resto [comportando-se] do mesmo jeito.

174 Sem dúvida, uma das espécies de palmeiras conhecidas como macaúba, nativa da Mata Atlântica, com estipe intumescido na parte central (daí o nome barriguda).

175 Pontos de parada do barco, geralmente em seringais, para o embarque de passageiros e de carga.

Um desses tipos curiosos que viaja conosco é o promotor [público] de Humaitá. – Alto, magro, um ligeiro bigode frisado no lábio superior, o queixo ornado (!) com uma barbicha de bode, a cabeça coberta com uma longa cabeleira, com mechas de mais de 25 cm caindo enroladas sobre os olhos, o nariz e, de tempos em tempos, jogadas para trás por um movimento grosseiro da cabeça; as pernas sem fim em arco de círculo, aprisionadas em uma calça colante de alto a baixo, acentuando a forma desgraciosa que lembra, quando caminha, um inseto; a boca desdentada na frente, deixando aparecer, nos cantos, uma linha de dentes quebrados, cariados. Ele passa o dia inteiro, sem parar, a contar, com gritos e gestos de seus longos tentáculos, as peripécias das três ou quatro causas que advogou durante sua curta prática, diante de um grupo de seringueiros [seringalistas] que se admiram da eloquência do “Doutor”;¹⁷⁶ ou a recitar versos de sua composição para os mesmos ouvintes, que veem nele uma das glórias literárias do país. – Exibido, importuno, invasivo, mal-educado, presunçoso, esse jovem aspirante a magistrado certamente é um dos mais [Fim do f° 176] tristes espécimes da raça humana que o *Campos Salles* carrega.

Ainda bem que formamos um pequeno grupo de passageiros vindos de Santo Antônio e procuramos evitar o máximo possível o contato com esses companheiros de viagem pouco simpáticos. O Dr. Alberto Novis, jovem médico de Mato Grosso, é um agradável companheiro para mim.

Às 8h da manhã, estamos em Miriti.

À mesa, no café da manhã, continuo o interessante estudo do tipo promotor de Humaitá. Ele fala sempre alto, dirigindo-se, de uma das pontas da mesa, a uma espécie de advogado barrigudo, que está na outra ponta, também insolente e barulhento. Este traz uma gravata esplêndida, vermelha, azul e branca, eriçada no pescoço. Entre um e outro prato, os passageiros distraem-se a atirar uns nos outros bolinhas de [miolo] de pão, escurecidas de sujeira ou outros detritos, que naturalmente também caem nos pratos dos vizinhos, mais tranquilos, que não tomam parte deste novo jogo de salão e que, algumas vezes, têm o mau gosto de olhar furiosamente para esses artilheiros desastrados.

À noite, algumas brigas começam aqui e acolá. É um pobre passageiro que, tendo se ausentado um momento, viu o lugar onde armou sua rede invadido por outros passageiros, que jogaram a rede dele na ponte inferior.

176 Marca de deferência utilizada para designar pessoas que se consideram estudadas, cultas ou que ocupam cargos acadêmicos, judiciários, políticos ou administrativos. Le Cointe, que se considerava um “Doutor”, ironiza o uso do termo para designar o procurador de Humaitá, que considera rude e ignorante.

Quando saem da mesa, onde o comandante, com muito esforço, obriga os passageiros a vestirem paletó, paletós, coletes e gravatas são abandonados na cabine, e todo o bando fica em mangas de camisa, pés sem meias, nos chinelos que arrastam ruidosamente. Hoje o comandante teve a boa ideia de mandar espalhar areia na ponte; ainda bem, pois ela ficou escorregadia de tanto catarro expectorado pelos passageiros.

Sexta-feira. 10 [de janeiro]. De manhã, em Curuçá, na margem direita, uma cidadezinha. Esta noite, paramos muitas vezes, mas as paradas foram curtas. Começamos [Fim do f° 177] a percorrer distâncias mais longas.

Um outro tipo notável é um moço gordo, empolado, besta, não encontrando nada mais espiritual do que circular da proa até a popa do navio batendo seus enormes tamancos. À mesa, ele se apresenta em vestimenta de praia, pés sem meias no tamanco e, acredita, apesar de tudo isso, ser um dos membros mais distintos da Sociedade Madeirense.

Faltam camarotes. Em alguns deles, já somos sete passageiros. Vários roubos foram assinalados ontem. Entretanto, dois grandes camarotes, o n. 1 e o n. 2, que ficam ao lado do camarote do comandante, trazem apenas suas mercadorias.

Às 2h^{1/2} da tarde, surge Manicoré na margem direita, no fundo de uma extremidade do rio; uma longa linha de casas baixas, brancas, com telhados; no meio, uma igreja toda branca com dois campanários pontudos. Na extremidade, à direita, um grande edifício quadrado sobre um terreno elevado, a pique, na margem, sem profundidade, encostado na floresta. – Duas escadas, uma quase a pique, a outra, um pouco inclinada, comunicam a cidade com o rio sujo, invadido pela vegetação.

O grande edifício à direita, pintado de verde, é a Intendência.

As duas torres da igreja parecem sobrepujadas de pães de açúcar; o navio não pode aproximar-se da terra firme e só se pode descer por meio de pequenas montarias.

Um outro tipo é um advogado de Humaitá, baixinho, gordo, flutuando no interior de vestimentas de corte turco, nariz adunco de rapina, cabelos compridos, volumosos, turbulento como o promotor magro.¹⁷⁷

À noite, às 9h, ouvimos vociferações na traseira [do navio]. É uma briga que acaba de começar entre um grupo de *gentlemen* distintos, que se abandonam ao doce prazer do jogo

¹⁷⁷ Estereótipo racista do turco, termo que designa uma população imigrante originária do antigo Império Turco Otomano, mas também sírios, libaneses e judeus marroquinos.

com a delicadeza característica; o advogado está discutindo com o homem de tamancos! [Fim do f° 178].

Segunda-feira. 11 [de janeiro]. Já há três dias lavam a ponte, mas começando sempre a operação às 7h, e isso dura até as 10h, tempo durante o qual os passageiros são obrigados a passar de um lado para outro respingados de água, chafurdando; nem sabem onde pendurar-se para evitar os baldes de água suja que os marinheiros, com prazer, lançam em suas pernas, sem avisar.

No lugar de honra, à mesa, perto do comandante, estão sentadas as duas *cocottes* provincianas,¹⁷⁸ mãe e filha, peruanas, uma com pretensões de juventude, desmentidas pela pele amarela e enrugada; a outra, fazendo-se de inocente. Todas as duas são motivo de riso para os passageiros.

Às 10h, estamos na foz do rio Aripuanã, na margem direita. Embarca-se ali um bom peso de borracha em grossas bolachas [bolas], como as do Beni, e não em seis ou oito bagos enfiados em um pedaço de madeira, como nas barracas precedentes.

Aqui estamos praticamente nos últimos seringais importantes deste lado da foz do Madeira.

Depois de embarcada a borracha, esperamos mais meia hora até capturarem novos porcos. Decididamente, todos esses porcos vão prolongar a viagem por mais um dia.

Dois tiros de rifle vindos de uma casa por onde já passamos obriga-nos a dar meia volta para embarcar... simplesmente uma carta.

Hoje esqueceram do café da manhã; em suma, tomamos café somente ao meio-dia; no primeiro dia, foi às 10h^{1/2}.

Às 4h da tarde, chegada à Borba, na margem direita; cidadezinha em decadência, o único bom edifício é a intendência. Poucas casas, construídas de maneira irregular, em terreno elevado. Uma escada rudimentar permite descer à beira d'água.

Às 9h da noite, estamos na boca de baixo do paraná do Canhumã, onde desemboca o furo de Canhumã (comércio de guaraná). O guaraná vale 30 mil [Fim do f° 179] réis o quilo em Santo Antônio e 70 mil réis, em Rivalta [Riberalta].

178 Termo antigo que designa uma mulher de moral frouxa ou uma prostituta. Le Cointe o utiliza de maneira preconceituosa e racista.

Domingo. 12 [de janeiro]. Já estamos nas águas do Amazonas. Navegamos agora a toda velocidade. Ao meio-dia, chegamos a Manaus.

Segunda-feira. 13 [de janeiro]. Estadia em Manaus.

Terça-feira. 14 [de janeiro]. Partimos de Manaus às 6h da tarde. Só fazemos uma parada em Parintins e Óbidos, e já seguimos viagem a toda velocidade para ver quanto tempo o *Campos Salles* vai levar para chegar ao Pará [Belém].

Preço da passagem para Óbidos – 67\$100 réis

Pará [Belém] – 133\$000 réis

de Santo Antônio a Manaus – 133\$000 réis

Estrada de ferro de Santo Antônio a Guajará-Mirim

Por enquanto, fazer somente melhorias em Ribeirão-Jirau e Theotonio. Estradas de ferro para o transporte de batelões pelo varador. Não investir grande capital, porque solução provisória, a única definitiva é a estrada de ferro Santo Antônio–Guajará-Mirim.

Poder-se-ia retirar as pedras isoladas que atrapalham as passagens. Em suma, apenas são indispensáveis três cachoeiras. Ribeirão, Jirau e Theotonio. Não se deve tocar nelas, pois servem como represas de água, e, abrindo um canal, faríamos baixar o nível da água acima [das cachoeiras] e surgir novas cachoeiras. – Nessas três, poder-se-ia colocar vias férreas nos varadouros. – Redes para cobrir a borracha nos batelões – proa mais acentuada. Se muita gente morre [na região das cachoeiras], é por causa da falta de higiene e do trabalho de transporte [dos batelões e da carga] muito penoso, má alimentação, ausência de toldos para se cobrir, falta [Fim do f° 180] de tratamento para os ferimentos – o *ferrocarril* economizaria vidas, falta pessoal [para trabalhar] por causa da grande mortalidade, provocada pelos naufrágios ou pelas doenças [contraídas] durante a viagem.

Comércio feito pela estrada [de ferro], aumenta a [produção] da borracha pelo pessoal, caucho, gado, castanha, arroz, milho etc.

Custo do trabalho diminuído, pois material [existente] no local: granito, madeira boa, terra para tijolos, força hidráulica podendo ser utilizada. Três rios para atravessar: Ribeirão, Jaci-paraná [Ji-Paraná] e Três Irmãos. Esses rios têm quedas; logo, boas passagens por terra firme.

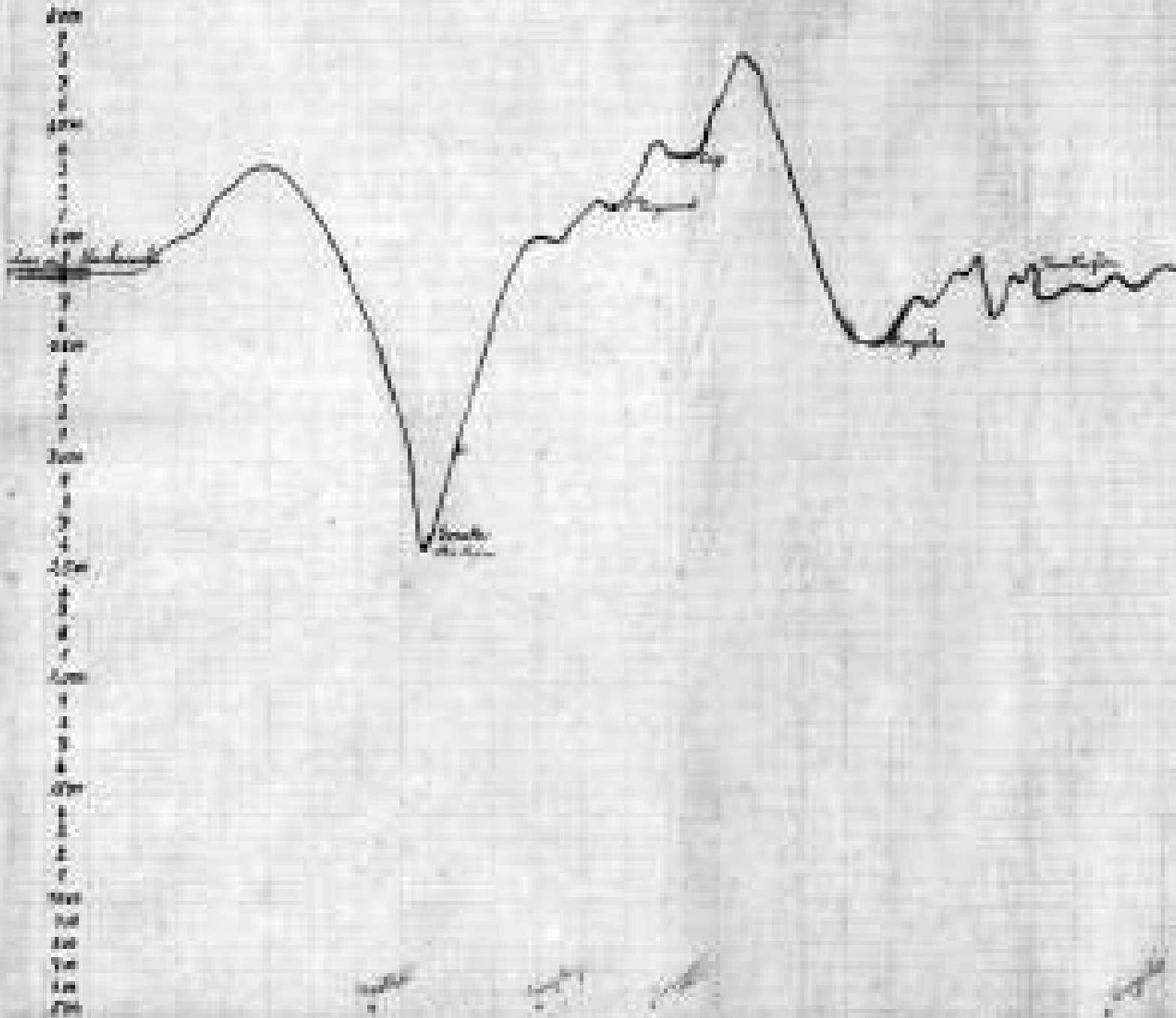
Borracha. – No [rio] Madeira, pica-se sempre nas mesmas estradas,¹⁷⁹ tigelas a 30 cm uma da outra,¹⁸⁰ entalhes a 15 cm acima um do outro.¹⁸¹ Quando se passa de novo [para recolher o conteúdo das tigelas], pica-se entre os entalhes precedentes. – Emprega-se uma escala para começar a sangrar mais alto.¹⁸² As mesmas estradas [de seringueiras] produzem [borracha] continuamente, e até o rendimento aumenta quando a árvore não é maltratada. – Ora, no Beni, com o sistema deles, os seringueiros [seringalistas] estão arruinando-se e no [rio] Madeira eles fazem fortuna! [Fim do f° 181].

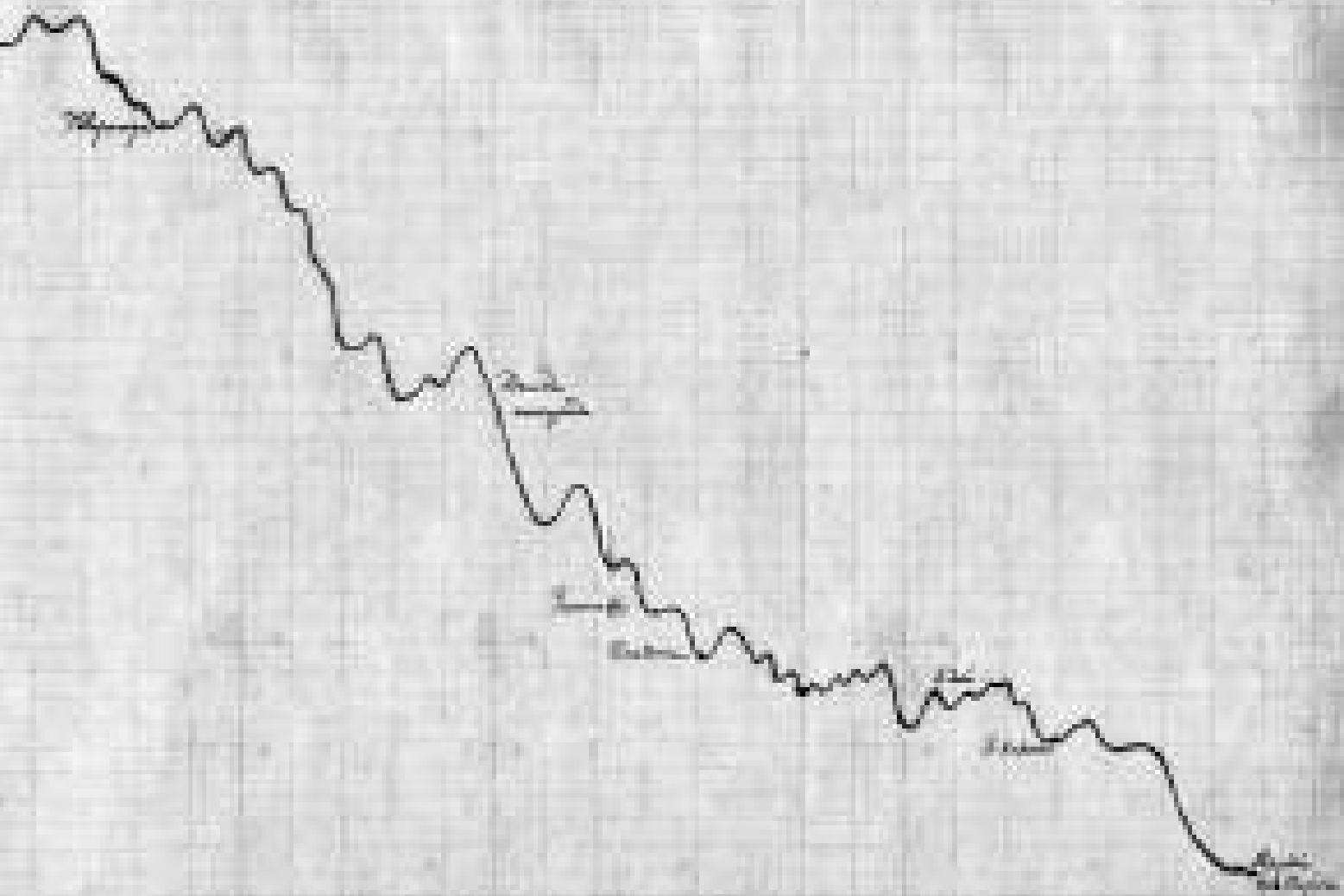
179 Caminho percorrido pelos seringueiros, onde se localizam as seringueiras a serem sangradas.

180 Objeto fixado no tronco da seringueira para recolher o látex.

181 Cortes diagonais na entrecasca da seringueira, com a forma de uma espinha de peixe, por onde o látex escorre.

182 Sangria é o nome dado pelos seringueiros para o processo de extração do látex, que consiste no corte da entrecasca da seringueira com uma machadinha e na recolha do látex com uma tigela.





Fotografias

Ilha dos Pelicanos

1. Condenados construindo diques com rochas madreporicas, em torno da ilha
2. Vista da ilha S.O. [sudoeste]
3. Vista de Bridgetown, tomada a partir da ilha dos Pelicanos
4. Vista da habitação dos [passageiros] vigiados de primeira classe
5. Vista das proximidades do porto de Bridgetown
6. Ilha dos Pelicanos (S.O.) [sudoeste]
7. Trabalho dos condenados na ilha
8. id.
9. Habitação dos [passageiros] vigiados
10. Casas de campo de Bridgetown em frente à Ilha dos Pelicanos

Barbados a Panamá

11. Rua de Bridgetown
12. id.
13. Ilha dos Pelicanos
14. Bridgetown
15. Mergulhadores
16. id.
17. Jacmal (Haiti)
18. Kingstown (Jamaica)
19. id.
20. id.
21. Panamá

De Panamá a La Paz

22. Fazenda, margem de Guayaquil
23. Guayaquil
24. id.
25. id. (o mercado)

26. Vapor fluvial em Guayaquil
27. Payta [Paita]
28. id. com um trem subindo as falésias
29. Vista geral de Payta [Paita]
30. Ponta de Payta [Paita]
31. Eten. Vista panorâmica
32. id. Vista panorâmica
33. Pacasmayo. Vista panorâmica
34. id. Vista panorâmica
35. id. Vista panorâmica
36. Salaverry, de manhã
37. id., ao meio-dia
38. Embarque em Salaverry
39. Cerro Azul
40. Pisco
41. Lomas. Vista panorâmica
42. Lomas. Vista panorâmica
43. Bando de aves em Lomas
44. Mollendo
45. O *Lôa* [Loá]
46. Rochedos do porto de Mollendo
47. Margem ao sul de Mollendo
48. Estação da estrada de ferro de Mollendo
49. Vista tomada da estrada de ferro de Mollendo-Puno no km 32
50. Vista por trás de Cachendo
51. Cordilheira, vista tomada da estação de [em branco]
52. id., vista do planalto
53. id., a 1.220 m de altitude
54. id., a 2.000 m de altitude
55. Habitação indígena perto de Arequipa a 2.100 m
56. [em branco]
57. [em branco]
58. [em branco]

59. [em branco]
60. [em branco]
61. [em branco]
62. [em branco]
63. [em branco]
64. [em branco]
65. [em branco]
66. [em branco]

La Paz a Madidi

67. Vista de nossa caravana. Ao longe, lago Titicaca entre Tambo de Perez e Huarina
68. Tambo de Copancara e lago Titicaca
69. Caça em Huarina, à beira do lago Titicaca
70. Vale do Mapiri, descendo para Sorata
71. Mercado de Sorata e casa de Perez
72. Acampamento na cordilheira, acima de Sorata, à 4.120 m
73. id.
74. Monte Tipuani, tirada a partir da garganta de Sorata à 4.705 m
75. Subida a 2.650 m, depois de Todapampa [Tolapampa]
76. Embarque no *callapó* em Mapiri
77. Passagem da corredeira de Quercano
78. id.
79. Passagem de Mal agua
80. id.
81. Vista geral de Mal agua
82. Passagem de Retamo [Retama]
83. id.
84. Vista geral de Retamo [Retama]
85. Vista do porto de Rurrenabaque
86. Vista da frente de Rurrenabaque
87. Vista do Madidi
88. Embarque da borracha no Madidi

89. Vista de Villabella (tomada de Vila Murtinho)
90. Cachoeira Madeira – passagem de um batelão
91. Cachoeira Ribeirão – descarregamento das canoas
92. id. id. – cabeça da cachoeira
93. Cachoeira Paredão – passagem de um batelão
94. Cachoeira Jirau – salto
95. Cachoeira id. – corredeiras acima do salto
96. id. id. – canal da margem direita
97. Cachoeira Caldeirão do Inferno – passagem de um batelão
98. Cachoeira Theotônio
99. Passagem pelo varador de Theotônio
100. Vista de Mirari (Rio Madeira)
101. Vista de Humaitá – id.

Fotografias

1. Vista de Villabella tirada a partir de Vila Murtinho (10h $\frac{1}{2}$ da manhã, tempo fechado mas luz intensa)
2. Cachoeira Madeira. Batelão sem toldo passando. Tempo coberto, 9h $\frac{1}{2}$ da manhã
3. Cachoeira Ribeirão. Descarregamento das canoas (margem direita). [Sr. ou Sra.] Rosa, em pé, na frente da laje
4. Cachoeira Ribeirão – cabeça. O canal passa atrás do ilhéu de rochedos
5. Cachoeira Paredão. 8h da manhã, tempo coberto. Canoa de toldo passa atrás do ilhéu de rochedos
6. Cachoeira Jirau, salto
7. id. id., corredeiras abaixo do salto, 10h $\frac{1}{2}$ da manhã, luz suficiente
8. id. id., vista da mesma canoa, da margem direita (foto 6), mas na descida [do rio]
9. Cachoeira Caldeirão do Inferno, vista de nossa canoa passando com metade da carga
10. Cachoeira Theotônio, vista do alto da colina, onde se encontra o posto da fronteira
11. Passagem dos batelões pelo varador em Theotônio
12. (2ª também) Vista de Mirari, rio Madeira (propriedade de Antônio Monteiro)
13. Vista de Humaitá

Compras na Europa

Prensa – Alambique – Moinho

Cápsulas de estanho para garrafas

1 chassi para a grande máquina fotográfica (ou uma câmara escura)

Câmara clara, de grande ângulo

Elástico para caminhadas

Manuel de l'explorateur. Blim e Rollet de l'Isle. Gauthier Villars editor¹⁸³

183 *Manuel de l'explorateur: procédés de levers rapides et de détail: détermination astronomique des positions géographiques*, publicado por E. Blim e Charles-Dominique-Maurice Rollet de l'Isle (1859-1943) em 1899. Blim foi engenheiro-chefe do Serviço de Pontes e Estradas na Cochinchina (atual Vietnã, ex-colônia francesa de 1862 a 1946) e Rollet de L'Isle, engenheiro hidrográfico da Marinha Francesa.

PAR TERRE ET PAR EAU EN AMÉRIQUE TROPICALE:

NOTES DE VOYAGE

~~~~~

De l'embouchure

du

*Rio Madera* [Madeira]

à ses sources

par Panamá [Panama]

17 juin – 17 novembre 1900<sup>1</sup>

**Paul Le Cointe**

(Notes de voyage : rédaction mise au point et corrigée, inédite)

Révisé mais non publié.

1954 P. L. C.

---

1 Paul Le Cointe et son épouse sont partis de Óbidos le 17 juin 1900 et sont arrivés à Belém le 21 du même mois. Ils n'ont embarqué pour le Panama que le 20 juillet 1900. Le 17 novembre 1900 marque leur arrivée à Mirlitonville, sur la rivière Madidi, où se trouvait l'établissement de la société Devès & Compagnie. Les dates notées sur la page de garde suggèrent que Le Cointe ne prévoyait peut-être pas de publier le journal du voyage de retour : le couple a quitté la rivière Madidi le 10 septembre 1901 et est arrivé à Belém vers le 20 janvier 1902. Ainsi, le « voyage circulaire » du couple Le Cointe aura duré un an et sept mois.

Juillet – novembre 1900

## I. De Belem à Barbade

MMrs. Devès et C<sup>ie</sup> [Compagnie] de Paris m'ayant offert la gérance de leurs établissements du Béni [Beni] (Bolivie), j'étais allé en mai à Manaós [Manaus] pour m'entendre à ce sujet avec leur représentant Mr. Martin Norden qui m'annonçait son arrivée d'Europe. Là, bien vite d'accord sur le contrat, il fut décidé que tandis que Mr. Norden remonterait jusqu'à Iquitos liquider qqs. [quelques] affaires, je retournerais chez moi à Obidos [Óbidos] [pour] faire mes préparatifs de voyage, et rendez-vous fut fixé à Belém pour la fin du mois de juin ; nous devons faire route ensemble.

Le 17 juin 1900, nous embarquons à Obidos [Óbidos], ma femme et moi, sur [le navire] *Conde d'Eu* de la C<sup>ie</sup> [Compagnie] de l'Amazonie<sup>2</sup> et arrivons le 21 à Belém. Le 8 juillet seulement, le vapeur de Iquitos nous amena Mr. et Mme. Norden. Notre départ fut aussitôt fixé pour le 20, par le 1<sup>er</sup> vapeur en partance pour Barbade, l'*Hildebrand* de la Booth Line.<sup>3</sup> Nous avons, en effet, donné la préférence à la voie Panamá [Panama]-Mollendo-La Paz,<sup>4</sup> en vue de l'épidémie de peste bubonique qui régnait alors à Rio de Janeiro et nous aurait retardé[s] pour un voyage par la République Argentine.<sup>5</sup> Quant à remonter par le [fleuve] Madeira, il n'y fallait pas songer. Cette voie, quoique plus courte, est la plus pénible. À S. [Santo] Antonio, au pied des chutes, il y a manque constant d'hommes et d'embarcations pour continuer la route, et là règnent des fièvres terribles qui rendent le séjour des plus périlleux. D'ailleurs, le passage des chutes aurait été trop pénible pour ces dames.

Aux bureaux de la C<sup>ie</sup> [Compagnie], on nous donne une mauvaise nouvelle. Tout navire sorti du port de Belém est considéré comme suspect à cause de la fièvre jaune qui est endémique ici [ici], et doit compléter 14 jours d'isolement avant d'avoir libre entrée dans un port anglais.

Le voyage d'ici [ici] à Barbade ne durant généralement que 4 jours, nous aurons donc à faire là 10 jours de quarantaine. Par surcroît de précautions, on nous fait déposer, en plus du prix du passage (8 lb. st. [livres sterling] par personne), une [Fin du f° 2] somme de 5 lb. st.

---

2 Il s'agit de la compagnie The Amazon Steamship Company, autrefois Companhia de Navegação e Comércio do Rio Amazonas, créée en 1852 par Irineu Evangelista de Souza, futur Baron de Mauá. En 1871, l'ancienne compagnie, au capital exclusivement brésilien, sera alors vendue à des Anglais, devenant The Amazon Steamship Company, avec le monopole de la navigation fluviale dans le bassin Amazonien au Brésil jusqu'en 1911.

3 Compagnie anglaise qui, en 1866, établit une ligne régulière de navigation à vapeur entre l'Europe et l'Amazonie.

4 Mollendo, ville du Pérou et port de commerce sur l'Océan Pacifique. On remarquera que Le Cointe tient à décrire toutes les voies et chemins qui permettent son déplacement dans la région andine, avec le souci de signaler les distances, les positions géographiques, les obstacles naturels et aussi humains, pour atteindre la Bolivie qui ne possède pas d'issue directe vers la mer.

5 Le Cointe évoque la possibilité de rejoindre la Bolivie par les fleuves Rio de la Plata et Paraná.

[livres sterling] comme garantie de frais de quarantaine. De son côté, l'État du Pará couvre [prélève]<sup>6</sup> un impôt individuel de 30 000 réis sur les passages [billets de bateau]<sup>7</sup>.

~~~~~

20 juillet 1900.⁸ À 9 h du matin, nous sommes à bord de l'*Hildebrand*. Nos adieux ont été bien vite faits : la plupart de nos amis sont en France maintenant, attirés par l'exposition⁹ ; et nous, nous allons nous interner [enfermer] dans le centre de la Bolivie, dans la partie la plus inaccessible de l'Amérique du Sud, coupée de communications avec l'océan Atlantique par la série de chutes qui embarrassent le cours supérieur du R. [*Rio*]¹⁰ Madeira, et avec le Pacifique par l'immense cordillère des Andes.

Nous partons à 10 heures. Beau temps. Nous sommes une vingtaine de passagers de 1^{ère} [classe], dont plusieurs dames et qqs. [quelques] enfants. Le navire n'est que de 1 223 ton. [tonneaux] de registre et l'espace réservé aux passagers, à l'arrière, n'est pas considérable. Les cabines sont très étroites, mais tout est propre et bien éclairé, à l'électricité. La table est variée et bien servie. Pendant le repas, des ventilateurs électriques maintiennent une température supportable. Il est regrettable que le cuisinier se croie obligé de mettre du sucre partout, même dans la salade !

À 2 h de l'après[-]midi, on commence à sentir un peu de houle ; les deux rives ne se distinguent plus à l'horizon. Le navire est très peu chargé, il dansera beaucoup si la mer est un peu dure.

À 8 h du soir, nous approchons du phare de Salinas¹¹ et nous laissons le pilote ; nous allons entrer en pleine mer.

21 [juillet]. La nuit, la houle a été assez forte. Le matin, beau temps. L'eau est d'un bleu magnifique ; de nombreux poissons volants s'élancent de tous côtés, semblables à de grands papillons blancs effrayés par le navire. Nous naviguons à 70 milles seulement de la

6 Lusitanisme. En portugais : *cobra*.

7 Lusitanisme. En portugais : *passagens*.

8 Les dates ne sont écrites complètement que pour la première occurrence du mois : Les autres jours sont simplement désignés par leur numéro.

9 Il s'agit de l'Exposition Universelle de Paris, en 1900, où le Brésil n'est pas directement représenté, à cause de ses conflits territoriaux avec la France (désaccord sur le tracé de la frontière avec la Guyane Française). On remarque le contraste que Le Cointe établit entre cette célébration du génie de l'industrie et de la science modernes et son départ vers des contrées où les voies de communication sont encore très précaires.

10 Tout au long du texte, Le Cointe utilise systématiquement le mot *rio*, en portugais, pour désigner nominativement les fleuves et les rivières.

11 Ville côtière de l'État du Pará située sur la façade atlantique, à l'embouchure de l'Amazone.

côte, afin de profiter du courant. À midi, nous sommes de nouveau en eau trouble ; c'est celle de l'Amazone que le courant a emmené [emmenée] jusqu'ici [ici].

Position à midi – 2° 26 L. N. [Latitude Nord] – 50° 44' 15" Lg. O. [Longitude Ouest] de Paris – à 187 milles de Salinas – (au large du cap Nort [Nord]) et 921 m [milles]¹² de Barbade – course : N. 46° 16'. O.¹³

La plupart de nos compagnons de voyage n'ont pas l'estomac habitué au roulis [Fin du f° 3] et se sont réfugiés dans leurs [leur] cabine. Ma femme supporte très bien la mer, mieux que nous tous.

Notre capitaine, John Diny, de Guernesey,¹⁴ parle très bien le français et le portugais. C'est un brave homme dont la conversation, pleine de bon sens, nous aide à supporter la monotonie de la traversée.

22 [juillet]. La nuit, le temps s'est un peu gâté ; il est tombé une ondée et la houle, assez forte, a fait rouler le navire d'une façon désagréable. Le matin, le ciel s'est éclairci ; le soleil se lève, magnifique. La mer, d'abord d'un bleu noirâtre, redevient franchement bleue vers les 9 h du matin.

À 11 h, une bande de thons vient s'ébattre près du navire.

Position à midi. 6° 2' 8" Lt. N. – 53° 41' 15". Lg. O. (au large de Cayenne)

La distance parcourue depuis hier est [de] 301 ml [milles] – course faite 36° N. O.

Course à faire : 51° 3' N. O. – 625 ml [milles]

Le courant nous a donc pas mal dévié[s] vers le large, mais il nous aide aussi. Il a ici [ici] une vitesse d'environ 2 milles à l'heure.

L'après-midi, le temps se brouille, la mer grossit un peu et la pluie nous chasse du pont où nous étions venus chercher un peu de fraîcheur.

23 [juillet]. La nuit a été bonne sauf un peu de houle. Le matin, beau temps. Les poissons volants sont très nombreux.

12 Le mille marin ou mille nautique est une unité de mesure internationale pour les distances en navigation maritime correspondant à la distance de deux points de la Terre ayant même longitude et dont les latitudes diffèrent d'une minute. Le mille vaut, par convention, 1 852 mètres (sauf dans les pays du Commonwealth, où il vaut 1 853,18 mètres). (Source : Dictionnaire Larousse).

13 L. (parfois Lt. ou lat.) pour latitude ; Lg. (parfois long.) pour longitude ; N pour nord ; O (parfois W) pour ouest. Dans la suite, de même pour les autres points cardinaux : NE (nord-est), E (est), SE (sud-est), S (sud), SO (sud-ouest) et NO (nord-ouest). L'auteur écrit toujours « nort » au lieu de « nord ».

14 Guernesey, la plus occidentale des îles anglo-normandes, proches de la côte française.

Position à midi. 10° 9' Lt. N. – 57° 34' 15'' Lg. O.

Distance parcourue 318 ml [milles] à 46° N. O.

Course à faire 313 ml [milles] à 57° N. O.

La journée a failli se terminer tristement. Un de nos compagnons de voyage, Mr. Ver Valen, dentiste réputé à Belém, va à New York avec sa jeune femme et ses enfants, trois charmantes petites fillettes, gaies et remuantes, dont les espiègleries nous divertent à tous [nous divertissent tous]. Tandis que l'une d'elle[s] courait après sa sœur, un mouvement violent du navire la fit glisser et la pauvre petite, passant sous la balustrade, fut précipitée de la passerelle sur le pont de service. Nous la croyions tuée sur le coup, mais par un [Fin du f°4] bonheur inouï, elle ne s'est fait que qqqs. [quelques] contusions sans importance.

Le soir, temps pluvieux.

24 [juillet]. La nuit n'a pas été très bonne ; le roulis très fort nous a empêché[s] de dormir. Le matin, le temps est clair mais la houle continue. À 9 h, le temps se brouille ; une pluie fine tombe par moments et la houle s'accroît encore.

Position à midi. 13° 5' Lt. N. – 61° 32' 15'' Lg. O.

Course faite : 53° N. O. – 295 ml [milles]

Course à faire : Ouest – 20 ml [milles]

Les courants nous ont donc rejeté[s] un peu au nord. Nous allons dépasser Barbade. À midi, l'île apparaît tout d'un coup dans la brume ; des collines de moyenne hauteur se dessinent nettement ; leurs flancs bien cultivés sont tachetés de petites maisons blanches groupées autour des usines.¹⁵ Le tout a un aspect riant et prospère. Nous contournons l'île par le sud et, à 3 h, nous jetons l'ancre devant Bridgetown, sa capitale. Qqs [Quelques] grands édifices qui apparaissent çà [ici] et là dénotent une ville assez importante. Les maisons, peintes en blanc, sont toutes construites en bois ; les toits, eux[-]mêmes d'un rouge vif, sont en planchettes peintes. Le port est une anse bien abritée et d'une profondeur suffisante. Qqs. [Quelques] vapeurs et un grand nombre de barques de toutes dimensions y sont ancrés.

Au nord de la baie, à deux cents mètres de la rive de l'île, est un petit îlot sur lequel on a construit le lazareth [lazaret].¹⁶ C'est là que nous allons rester pendant dix jours, ainsi que vient de nous le signifier le capitaine du port qui se maintient prudemment dans son canot à une demi encablure de l'*Hildebrand*. Précautions ridicules puisque l'agent de la C^{ie}

15 Il semblerait qu'il s'agisse d'usines de sucre.

16 Le mot désignait originellement une léproserie. Ici, il s'applique au bâtiment, dans un port, où se font le contrôle sanitaire et la mise en quarantaine des personnes atteintes de maladies contagieuses.

[Compagnie] vient à bord à diverses reprises. Est-il donc immunisé et le considère-t-on incapable d'emporter sur lui aucun des nombreux microbes dont on nous suppose dévorés ?

L'îlot où nous allons faire quarantaine porte le gracieux nom de Pelican Island (Île des Pélicans). On emmène d'abord nos bagages dans le canot de bord ; enfin à 5 h 1/2, nous débarquons nous[-]même[s], surveillés de près par une escouade de police dont l'embarcation a soin de se maintenir entre la terre et nous, pour empêcher toute tentative de fuite. Il est clair qu'on nous trouve des physionomies [Fin du f° 5] de gens très capables d'importer la fièvre jaune à Bridgetown, et les Anglais tiennent beaucoup à l'excellente réputation qu'a le climat de leur île.

Photo 1. Absente du carnet

II. L'Île des Pelicans [Pélicans] : La quarantaine

25 [juillet 1900]. L'Île des Pélicans est un petit banc de sable et de corail que l'on a entouré de digues formées de débris madréporiques entassés les uns sur les autres.¹⁷ Le sol ayant été ensuite exhausé avec du sable se trouve ainsi à l'abri du flot et l'on y a construit sur pilotis les bâtiments du lazareth [lazaret]. À une extrémité, isolé, est l'hôpital, à l'autre, les [Fin du f° 6] habitations réservées aux voyageurs mis en observation ; une pour ceux de 1^{ère} classe et une autre pour ceux de 3^{ème}. – Tout est en bois, les planchers élevés de 60 cm au-dessus du sol, les toits doubles pour éviter l'échauffement, les murs à persiennes.¹⁸ Les chambres sont vastes, bien aérées, commodes et propres. Salles de bains pour les douches d'eau douce, vaste cabine sur la plage pour les bains d'eau de mer, rien ne manque. Bref, installation pratique et excellente pour un port si peu important.

Le service est fait par un ménage de noirs¹⁹ aidés d'une domestique encore plus noire. L'îlot étant relié à la terre par le téléphone, nous pouvons faire demander tous les jours ce que nous voulons. La personne chargée des achats en ville les apporte tous les jours à l'extrémité d'une petite jetée située en face de la maison, agite une sonnette et se retire sous l'œil vigilant de deux soldats de police qui ont accompagné son canot. Notre hôtelier va alors chercher les provisions à la jetée sans péril pour les Barbadiens.

La nuit a été fraîche mais nous sommes un peu moulus, les lits étant très durs. Nous parcourons en tous sens notre domaine, ce qui n'est pas long. L'île des Pélicans a environ 200 m sur 50. Les dames sont ravies ; elles pataugent dans l'eau à la poursuite des crabes

17 Les madrépores sont des variétés de corail des mers chaudes.

18 Très probablement un mur à palissade fait de rangées de planches de bois.

19 Il s'agit d'un couple de Noirs (homme et femme) chargés de l'administration du lieu.

qui sont nombreux et à la recherche de coquillages. À 8 h, la pluie nous oblige à rentrer. Nous sommes, paraît-il, dans la saison des pluies.

À 9 h, arrivent, en passant à gué le bras de mer qui nous sépare de terre, une escouade de forçats accompagnés de 3 gardes chiourmes.²⁰ Ils viennent travailler à l'achèvement des digues de notre île en rocaille madréporique.

Les Anglais sont des paillasses²¹ ! On nous considère comme des pestiférés. La police nous garde à vue jour et nuit ; un canot monté par deux agents stationne sans cesse entre la terre et nous, et l'on ne craint pas d'envoyer tous les jours 20 ou 30 personnes passer la journée avec nous et retourner le soir à terre sans aucune désinfection. Les garde-chiourmes entament la causette avec qqs [quelques] jeunes négresses débarquées aussi de l'*Hildebrand* et paraissent faire bien peu cas du terrible virus.²² – Le médecin vient l'après-midi et ne visite qu'un Martiniquais, Mr. Viard, venu avec nous, complètement perclus de rhumatismes ; il ne s'informe même pas de notre santé !

Enfin patience, nous pourrions être plus mal. Nous avons de la glace [Fin du f° 7] à volonté mais l'eau est bouillie et a un goût désagréable. Une chose aussi à laquelle je ne m'habituerai pas vite, c'est la cuisine anglaise ; elle sent la pharmacie.

20 Surveillant des galériens ou des forçats.

21 Le terme est ici utilisé dans le sens de *rigolos* ou de *clowns*, comme le portugais *palhaço*. Ce sens existait en français ancien.

22 Le Cointe semble utiliser indifféremment les termes « microbe » et « virus ».



Photo 2

26 [juillet]. Par leur élasticité, les lits ont plutôt l'air de tables à dissection. Nous avons tous le torticolis en nous levant. Le bain de mer est excellent le matin. Il y a beaucoup de poisson[s]. Avec un arc et des flèches, on en attraperait facilement car l'eau est très claire. Si je reviens jamais passer une saison à l'Île des Pélicans, j'aurai soin de me prémunir [munir] d'engins de pêche variés. – Le journal qu'un aimable garde-chiourme nous remet annonce une nouvelle révolution en Colombie²³ ; Panamá [Panama] et Colon²⁴ [Colón] sont assiégés ; le chemin de fer est coupé. Quelle guigne ! Qu'allons[-]nous faire ? Tout sera-t-il en paix quand nous arriverons ? Et pas d'autre voie !

Notre noire cuisinière nous a fait, cette après-midi, d'excellents sorbets à la vanille ; la journée était chaude et nous les avons appréciés comme ils le méritaient. Le soir, nous avons joué au cochon[n]et sur le sable.²⁵ J'ai tiré quelques vues photographiques

23 Il s'agit de la guerre civile, dite Guerre des Mille Jours (1899-1902), à l'issue de laquelle la Colombie perdra une partie de son territoire, dont le Panama.

24 Colón, ville portuaire panaméenne tournée vers la mer des Caraïbes (côté Atlantique), était le point de départ du train traversant l'isthme en direction de Panama, sur l'océan Pacifique. Le canal de Panama n'a été inauguré qu'en 1914.

25 Jeu du cochonnet : jeu de boules sur la terre ou le sable, encore appelé « pétanque », très pratiqué dans le sud de la France.

[Fin du f° 8] que je vais essayer de révéler [développer] ce soir. Il manque dans notre île une chambre noire ; on n'a pas pensé à tout.

27 [juillet]. Ce matin, à 6 h ½, entre un vapeur, le *Navigator*. Il va directement dans le port, le veinard ! – Nous avons mangé des poissons volants. C'est, paraît-il, une spécialité du pays ; c'est excellent, ma foi ; cela ressemble à des soles. – Les marées sont très faibles, la dénivellation n'est guère que de 60 cm.



Photo 3

28 [juillet]. Mes photographies sont assez bien venues, j'emporterai donc qqs [quelques] souvenirs de l'Île des Pélicans, où nous commençons à nous ennuyer ferme. Le matin passe assez bien ; à marée basse, je me distrais à chercher des coquillages ; mais l'après-midi est horriblement fastidieuse. – Une dépêche publiée par les journaux de Bridgetown annonce la défaite des révoltés à Panamá [Panama] et le rétablissement des communications. Cela durera-t-il jusqu'à notre passage ? Jusque[-]là, il y a encore [le] temps pour 2 ou 3 révolutions. [Fin du f° 9]

29 [juillet]. Cette nuit, une forte tempête s'est déchaînée sur l'île. La journée passe lentement. Nous errons tristement sur les jetées de corail, tels des mélancoliques pélicans cherchant leur pâture.

30 [juillet]. Temps splendide, le soleil est très chaud mais ici [ici], il y a tjr [toujours] beaucoup d'air. – La révolution est, dit-on, définitivement suffoquée à Panamá [Panama]. – Nous apprenons que le vapeur sur lequel nous allons embarquer passe par Haïti et la Jamaïque. Beau voyage, sans doute, mais la traversée de la mer des Antilles est périlleuse maintenant. C'est l'époque des cyclones ; nous pourrions bien en avoir un à la clef. – Il est arrivé ce matin un navire de guerre anglais, le croiseur *Pearl*.

31 [juillet]. Ce matin, entre le *Syracuse* venant de Rio de Janeiro. Il a la fièvre jaune à bord. Il est déjà mort deux personnes et il a encore 5 malades. Alerte ! Fausse, heureusement. On fait ouvrir l'hôpital d'isolement, puis nous apprenons que personne ne viendra nous déranger, le *Syracuse* continuant sa déroute. C'est heureux, ici [ici] l'air est sain et nous ne tenons pas au voisinage de malades !



Photo 4

[Fin du f° 10].

1 août – mercredi. L'*Olbors* est arrivé du Brésil et reparti 2 heures après sans laisser de passagers.

2 [août]. Dernier jour de quarantaine. On amène à l'hôpital un marin d'un navire en route qui partira la nuit prochaine. Il a la fièvre et est paralytique. Un gardien spécial vient de la ville pour le soigner.



Photo 5

III. Île de Barbade – Bridgetown

3 [août 1900]. Tempête toute la nuit ; le matin il pleut encore. Enfin, à 8 h, le médecin vient lever la quarantaine. Pour la 1^{ère} fois, il nous serre la main. C'est le signe de rédemption. À 8 h ½, nous allons à terre où une bande de nègres nous [Fin du f° 11] attend pour nous arracher nos bagages.²⁶ Heureusement, nous avons contracté à l'avance le transport de ceux-ci jusqu'à l'hôtel Ice House, où nous voulons descendre, et nous nous échappons sans

²⁶ On peut remarquer le sens péjoratif du mot « bande », associé au verbe « arracher ». L'auteur se méfie des Noirs qu'il voit plutôt comme des voleurs. Peu à peu, pendant le parcours il changera d'avis à ce propos.

trop de peine. Nous allons à pied pour mieux voir la ville. La partie que nous traversons est curieuse ; tout est en bois, jusqu'aux toits ; les rues sont petites, tortueuses, de largeurs inégales, bordées de toutes petites maisons carrées, basses, en bois, à jalousies,²⁷ peintes. On dirait une ménagerie, une sorte d'allée de jardin des plantes. Les grandes maisons de commerce sont groupées dans une seule rue, Broadstreet, en face de l'hôtel. (Da Costa a 2 étages, Harrisson en a 3).

Toute la journée, alternatives [alternances] de 5 minutes de pluie et 5 minutes d'un soleil de plomb. Les rues sont remplies de noirs²⁸ gênants, courant après les passants, collants, pour attraper qqs [quelques] sous. Dans les rues principales, les maisons tj [toujours] entièrement en bois ont un seul étage garni de grds [grands] balcons fermés de vénésiennes.²⁹ Trottoirs très étroits presque partout recouverts de [couverts par] ces balcons que supportent des piliers en bois. Rues macadamisées, mais recouvertes d'une boue blanche gluante. Les magasins ferment à 4 h ½ ; les employés demeurent hors [de] la ville. Tous les Européens habitent d'ailleurs des villas aux environs et ne viennent en ville que pour leurs affaires.



Photo 6

27 « Jalousie » est l'autre dénomination de « persiennes ». Il s'agit donc toujours de constructions à palissades.

28 Le Cointe n'utilise jamais la majuscule pour se référer aux Noirs. En effet, à cette époque, elle n'était pas de rigueur.

29 Lusitanisme. En portugais, *veneziana*. Il s'agit également de persiennes en bois permettant de fermer les fenêtres ou les vérandas sans en empêcher la ventilation.

Superficie de Barbades [Barbade] : 166 milles carrés. – Population de l'île en [18]91 : 182 306 h. [habitants], dont : 15 613 blancs – 43 976 métis – 122 717 noirs.

Position : 13° 4' lat. N. et 59° 37' long. O. de Greenwich. [Fin du f° 12].

Ice House Hôtel est une grande baraque qui veut par sa réclame se faire passer pour hôtel de 1^{er} ordre ; en somme ce n'est qu'une gargotte [gargote] sale. Service très mal fait, nourriture mauvaise (6 sch. [schillings] par jour, sans vin).

Après souper nous faisons une promenade d'une heure en voiture pour 2 sch. [schillings]. Aux environs de Bridgetown, il y a de belles maisons en bois entourées de jardins splendides. Les routes macadamisées et le terrain très plat, favorisent la circulation en voitures et en bicyclettes dont on aperçoit un assez grand nombre. Au loin, on aperçoit des collines aux flancs couverts de cultures et parsemés de petites maisons blanches aux toits en bois peints couleur de tuile sombre.

La nuit, pas d'illumination publique ! Dans les maisons, le gaz est très mauvais ; la lumière à éclipses ne me permet presque pas d'écrire.

Je regrette déjà l'île des Pélicans !

À 9 h S. [Soir] Baromètre : 760 mm. Thermomètre 29° C.



Photo 7

4 [août].

6 h M. [Matin] – B [baromètre] : 759 mm – T [thermomètre] : 26°5

midi – 760 mm 5 – 30°

3 h S. [Soir] – 759,2 – 31°5

7 h – 758,8 – 30°5

9 h – 759,5 – 30°

Population de Barbade : 195 000 h. [habitants] dont 190 000 noirs ou métis.

Production de l'île : tabac – coton – indigo – sucre – aloès – ginger [gingembre]

[Fin du f° 13].

La ville a l'air de baraquements d'une armée, mais tout est vieux, sal[e]. Tombouctou³⁰ doit ressembler à ça, à moins que là[-bas] il n'y ait pas tant de noirs. À partir de 6 h ½ du matin, les magasins s'ouvrent bien lentement, les employés arrivent tard. Il y a bien 4 lignes de tramways qui circulent de demi[-]heure en demi[-]heure, mais ils ne paraissent guère

30 Ville du Mali, en Afrique centrale.

appréciés par la population ; ils sont tj. [toujours] vides. Les bornes des coins de rue sont de vieilles pièces d'artillerie à demi enterrées.



Photo 8

Pour prendre le noir en horreur, il faut habiter qqs [quelques] jours dans un pays comme celui-ci. Il est criard, mal élevé, sal[e], envahissant. Je comprends très bien comment un homme du naturel le plus doux en peut arriver à tuer un de ces nègres qui vous poursuit partout, dans les magasins, dans les escaliers de l'hôtel, pour vous offrir ses services dont on n'a pas besoin. Ou ne peut faire un pas sans être assailli par une bande de cochers noirs comme la capote de leur voiture. [Si] leurs cris ne vous arrêtent pas, ils mettent leurs véhicules en travers pour vous couper le chemin, vous obligent ainsi à traverser les flaques d'eau, à sauter les ruisseaux, et vous n'échappez aux manœuvres de l'un que pour vous mettre dans les jambes du cheval d'un autre. Un de ces cochers a arrêté un bicycliste pour lui demander s'il voulait une voiture ! C'est à se refermer chez soi et ne plus mettre le [Fin du f° 14] nez dans la rue. Si je restais ici [ici], je commettrais un crime, je crois.

Quel pays de mendiants ; la rue est remplie de gens en haillons sordides. Toutes les femmes noires ont un mouchoir plus ou moins sal[e] attaché sur la tête en forme de turban. Les nègres, eux, ont les coiffures les plus extravagantes : fonds de chapeaux haute forme,

lambeaux de chapeaux mous. Et les redingotes de couleur inédite dont les pans retombent sur les mollets ! Avec ça, des souliers blancs crevés et sans chaussettes, naturellement.

La journée a été sèche, la chaleur accablante. À la [tombée de la] nuit, une petite promenade en voiture nous rafraîchit et nous repose de l'énervement que nous causent les nègres.

Nous avons fait qqs [quelques] achats. Les marchandises sont très bon marché et les magasins assez bien fournis. – Ce que l'on ne trouve pas ici [ici], c'est du bon tabac ; il n'y a que le jaune des Etats[-]Unis qui est vraiment écœurant de goût et d'odeur.

5 [août].

6 h ½ M. [Matin] – Bar. [baromètre] – 758 mm, 75 – Th. [thermomètre] – 28°

10 h – 759,60 – 29°5

2 h S [Soir] – 758,80 – 31°5

10 h – 759,50 – 29°5

Aujourd'hui, dimanche, tout est fermé, jusqu'aux cafés ; la ville est morte.

Photo 9. Absente du carnet

Dans les rues, pas un chat, à peine si ça [ici] et là se détachent les silhouettes de qqs. [quelques] [Fin du f° 15] agents de police, noirs, comme tout le reste.

Le nègre de Barbade, bien qu'agaçant au suprême degré, n'est pas méchant ; il ne joue pas du couteau. Après l'avoir soudoyé pour s'en voir libre, si vous lui donnez 2 sous, il partira enchanté.

Trait de mœurs évangéliques : hier, à 2 h de l'après[-]midi, en plein magasin, nous sommes raccrochés [agrippés] par une noire en costume de cycliste qui, à haute voix, nous offre des femmes de tous genres, nous poursuit, insiste qu'elle en a de toutes les couleurs, etc.

Photo 10. Absente du carnet

À 2 h ½, arrive notre vapeur, le *Pará*.

Photo 11. Absente du carnet

Le soir, nous faisons une splendide promenade en voiture. Cela me remet [Fin du f° 16] un peu avec Barbade. Commencée à la fraîcheur du crépuscule et terminée par un beau clair de lune. La route borde d'abord la mer puis, au retour, nous contourrons la ville en suivant les

hauteurs qui l'environnent. Partout, des plantations soignées, des vastes champs de canne à sucre, d'igname, de patate, de maïs. Peu de fruits (on importe des oranges de S^{te} Lucie [Sainte-Lucie]). Dans les immédiateurs [environs]³¹ de la ville, jolies villas et beaux jardins. Partout, route bien entretenue. Décidément, je commence à comprendre qu'on puisse vivre ici [ici]. C'est dommage qu'il y ait tant de moricauds³² à la clef ! – Pour une voiture à 4 places, nous avons payé à raison de 3 sch. [schillings] l'heure ; c'est raisonnable.

Photo 12. Absente du carnet

IV. De Barbade à Colon [Colón]

6 [août 1900].

6 h M. [Matin] – Bar. [baromètre] 758°50 – Th. [thermomètre] 27°5

midi – 759°50 – 31°

10 h S. [Soir] – 761°25³³ – 29°75

Journée magnifique ; le port est en fête. Il y a là 4 navires de la *Royal Mail* : le *Pará* de la ligne principale et 3 annexes qui font le service des Petites Antilles et de la Guyane Anglaise. En tout, 7 navires doivent prendre la haute mer aujourd'hui. Nous embarquons à 4 h à bord du *Pará* : c'est un vieux navire en fer, d'environ 4 000 t. [tonneaux]. L'installation est bonne, les cabines spacieuses, le service bien fait, semble-t-il [Fin du f° 17].

31 Lusitanisme. En portugais : *imediações*.

32 Mot dérivé de « maures » ; au XIXe siècle il est employé dans un sens péjoratif, pour désigner les Noirs et les métis.

33 Le Cointe utilise par erreur les degrés au lieu des millimètres pour transcrire les mesures de son baromètre.



Photo 13

5 ou 6 canots en forme de losange, à fond plat, fait de planches de sapin, montés chacun par 2 jeunes nègres, se groupent près du navire. Les canotiers entonnent une barcarolle³⁴ puis commencent les exercices de natation. Toute menue monnaie jetée de bord à la mer est attrapée par ces hardis plongeurs avant qu'elle n'ait touché le fond. Pour un sou, tous se précipitent la tête la 1^{ère}. Rien n'est perdu. Ils reparaisent sur l'eau avec la pièce de monnaie dans les dents, jamais fatigués, se bousculant, criant, plongeant sans cesse. Pour un schilling, ils passent sous la quille du navire, d'un bord à l'autre.

34 Barcarole ou Barcarolle, mot emprunté à l'italien *barcaruola*, « chant des bateliers », dérivé de *barca*. Il s'agit d'un air de musique.



Photo 13bis

[Fin du f° 18]

Puis arrive un canot rempli de nègres ; c'est une bande de musique : 1 piston, 1 violoncelle, 1 trombone à coulisse, 2 basses, 1 flûte et 1 triangle. Ils nous jouent qq[s] [quelques] morceaux guillerets sans grand résultat : le peu d'argent qu'on leur jette rebondit dans leur canot, tombe à l'eau et est attrapé par les plongeurs. Les musiciens n'attrapent guère que les éclaboussures de l'eau que ceux-ci font rejallir en plongeant. Ils ne tardent pas à s'en aller essayer l'effet de leurs mélodies près des autres bateaux où la concurrence est moindre. À 5 h, les trois annexes partent. Nous partons nous-même[s] vers 7 h du soir. La mer est belle, les passagers sont nombreux et gais. Très tard encore, le pont résonne de hauts³⁵ accompagnés d'un piano qu'on y a fait transporter.

7 [août]. Nous avons passé la nuit entre S^{te} Lucie [Sainte-Lucie] et S^t Vincent [Saint-Vincent]. Nous piquons droit maintenant sur Jacmel (Haïti). Nous filons bon train et la stabilité du navire rend le roulis presque insensible. D'ailleurs, la mer est très calme. Le matin, des nuées de poissons volants rayent le bleu foncé des flots de leur éclair argenté.

35 Très probablement des « hautbois ».

Temps magnifique.

3 h M. [Matin] Th. [thermomètre] 28°5 – Bar. [baromètre] 760 mm

7 h – 28°5 – 760 mm

10 h – 28°75 – 761°5³⁶

2 h T [*tarde*: soir] – 29°75 – 761°

6 h – 29°25 – 761°

10 h – 28°5 – 761°5

8 [août]. Nous marchons à raison de 14 milles par heure. Le temps se maintient au beau. Le soir, il y a bal sur le pont. Le capitaine, aimable et très gai, dirige la fête. Les jeunes gens ne manquent pas et parmi les passagers il y a une demi-douzaine de jeunes filles qui vont à la Jamaïque. Comme pour le souper, les hommes s'habillent de noir et les femmes se mettent en toilette ; le pont se trouve transformé en un salon des plus élégants. À ce moment, j'approuve la bonne tenue des Anglais sur leurs navires mais, par exemple, à midi je leur ferais grâce de leur rigorisme ; l'habit noir convient bien peu dans ces climats et dans une salle à manger où l'aération fait complètement défaut.

En somme, luxe apparent, rien au fond. Nombreux domestiques, mais service [Fin du f° 19] mal fait. À table, maîtres d'hôtel en gants blancs, sales et perdant la tête pour servir chacun 4 personnes. – Menu très long mais sans variété, comestibles de qualité inférieure ; viande et poisson conservés dans la glace, jamais frais, ayant un goût qui rappelle le pourri. – Les bagages sont dans une cale obscure absolument inabordable.

Très beau temps.

6 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] – 28°5 – Bar. [baromètre] 760 mm 75

10 h – 29°5 – 762 [mm]

1 h S. [Soir] – 30° – 761 mm 5

4 h – 30° – 760 [mm] 25

8 [h] – 29°5 – 760 [mm] 50

10 [h] – 28°75 – 761 [mm] 60

Photo 14. Absente du carnet

9 [août]. Nous sommes arrivés à Jacmel (Haïti) à 6 h du matin. La ville est au fond d'une petite baie encaissée entre des collines assez élevées et couvertes de forêts. Au fond, une chaîne de montagnes élevées surgit peu à peu de la brume que pompe le soleil. Le port

36 À partir de 10 heure, Le Cointe confond les degrés et les millimètres lorsqu'il relève son baromètre.

paraît bien peu animé ; on n’y voit guère d’embarcations. À 7 h ½, nous [Fin du f° 20] partons. Nous longeons la pointe ouest de Haïti. Le pays est boisé, montagneux, se terminant en hautes falaises le long de la mer. Il a l’air absolument déshabité. À l’extrémité de l’île de la Vache, est échoué un grand 4 mâts à vapeur : *Le Corinthia*.

Temps lourd, chaleur accablante.

1 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] 28°5 – Bar. [baromètre] 760 mm 6

6 h – 28°5 – 760 mm 2

9 h – 27°5 – 760 mm 9

midi – 29° – 760 mm 9

2 h S. [Soir] – 29°5 – 760 mm 2

3 h S. [Soir] – 29°75 – 760 mm 1

4 h S. [Soir] – 31° – 760 mm

6 h S. [Soir] – 31° – 760 mm 25

9 h ½ – 30°5 – 761 [mm]

10 [août]. À 6 h ½ du matin, nous arrivons à Kingston (Jamaïque). La ville est dans une jolie situation, au fond d’une baie profonde dont les abords sont rendus dangereux par des récifs de corail, heureusement bien éclairés. À l’entrée à dr. [droite] est la petite ville de Port Royal. Un cercle de montagnes élevées entoure la baie. Le *Pará* touche à un grd [grand] *warf* [*wharf*: quai de chemin de fer]³⁷ en bois appartenant à la C^{ie} [Compagnie] de la Royal Mail. Nous allons nous promener en ville. L’aspect de celle-ci est analogue à celui de Bridgetown mais bien en mieux. Ici [Ici], la plupart des constructions sont en briques. Comme là[-bas], les trottoirs des principales rues sont couverts par des grands balcons saillants fermés de jalousies et soutenus par des colonnes de bois. La chaleur est terrible, le sol d’un blanc éclatant réfléchit le soleil et cette réverbération aveugle. Par moments, des tourbillons de vent soulèvent un nuage de poussière impalpable qui remplit les yeux et achève de rendre la promenade à pied peu agréable à ces heures chaudes de la journée ! Nous prenons le tramway pour visiter les faubourgs plus commodément. Les tramways sont à traction électrique et très confortables. Les beaux magasins sont nombreux, les marchandises très bon marché mais, comme à Barbades [Barbade], les nègres, trop nombreux, sont insupportables. Les cochers, entre autres, malgré la vigilance de la police qui les oblige à circuler, sont à assassiner. Ils [Fin du f° 21] vous barrent le chemin, vous poursuivent de leurs appels, vous filent pendant des 10, des 15 minutes sans se rebuter. – Nous allons faire un tour au marché, vaste construction propre et bien organisée où se rencontre une abondance de magnifiques fruits de toutes sortes.

37 À l’époque, plusieurs auteurs-voyageurs utilisent ce terme anglais pour désigner les gares de chemin de fer.

Nous en faisons provision. Si ce n'était la chaleur, la vie ne serait pas ici [ici] désagréable ; le pays est riche et de ressources ; le climat paraît sain, il est surtout sur les hauteurs. Les soldats européens ont leur caserne presque au sommet des montagnes qui s'élèvent derrière la ville, à New-Castle. Nous rentrons à bord pour souper. Le vent qui était très fort l'après-midi, tombe complètement le soir, et on étouffe dans les cabines. D'ailleurs, le bruit fait par les chargeurs de charbon empêche de fermer l'œil.

6 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] 29° – Bar. [baromètre] 759 mm 6

2 h S. [Soir] – 31° – 759 mm 5

5 h ½ – 30°25 – 759 mm 7

9 h ½ – 30° – 760 mm 5

11 [août]. Nous partons à 2 h de l'après-midi. Le vent est très fort, la mer agitée, mais le navire joue peu relativement. Le soir, le temps a l'air de se brouiller, la mer grossit, mais le baromètre se maintient très haut, ce ne sera rien.

Le matin, nous sommes encore allés faire une promenade en tramway aux environs de Kingston. Comme haie, on emploie beaucoup les cactus épineux, ce qui donne un aspect curieux à la campagne. Beaucoup de cocotiers ; en général beaucoup de fruits. Les marées sont insensibles presque, ce que nous voyons en passant sur la plage.

6 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] – 29°25 – Bar. [baromètre] – 760 mm 2

10 h – 31°50 – 762 mm 7

2 h S. [Soir] – 31° – 762 mm 8

3 h – 31° – 760 mm 6

7 h ½ – 31° – 762 mm

9 h – 30°75 – 762 mm 1

[Fin du f° 22]

12 [août]. Dim. [Dimanche]

6 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] 29°5 – Bar. [baromètre] 759 mm 9

midi – 29°5 – 759 mm 8

3 h S. [Soir] – 29°75 – 757 mm 9

10 h – 29°75 – 759 mm 9

Vent fort toute la journée ; temps couvert, incertain ; mer un peu agitée.

13 [août]. Dès le matin, on longe la côte rocheuse de l'Isthme de Panamá [Panama]. Nous arrivons à Colon [Colón] à 11 h. Le navire accoste à un quai en bois. Les magasins du port ont leur toiture de zinc criblée de trous. Ce sont, dit-on, les traces de la dernière révolution. Nous envoyons directement nos bagages à la gare du chemin de fer de Panamá [Panama] et nous allons déjeuner au grd [Grand] Hôtel Suisse. Bonne nourriture et bon marché. Toutes les constructions sont en bois et s'élèvent le long de la voie. Ce n'est pas une ville mais plutôt un grand campement : tout a l'air provisoire. On voit qu'il y a eu une grande impulsion donnée puis que tout s'est paralysé, tombé en décadence. La plupart des magasins de détail sont tenus par des Chinois. Les rues sont sales, le terrain sur lequel les maisons sont édifiées est marécageux. La maladie doit avoir beau jeu.

À 2 h 45, nous partons pour Panamá [Cité de Panama]. Nous n'avons droit avec nous qu'à 30 livres de bagages par personne ; pour la route, nous payons 30 cents par kgr [kilogramme]. C'est cher. Le train a l'air plutôt d'un grand tramway, mal tenu et inconfortable. Il marche très doucement. De temps en temps, la voie longe le tracé du canal. Partout, d'immenses magasins remplis de machines, dans les champs des wagons, de rails, des grues, etc. De place en place, des groupes de maisons en bois, les baraquements de l'ancien personnel. Partout, l'abandon ; cependant, les machines ont l'air bien traitées, la plupart en bon état de conservation. Le seul endroit où l'on travaille est la Culebra³⁸, la grande difficulté, l'arrête [arête]³⁹ de l'Isthme. On a maintenant là[-bas] près de 2 000 ouvriers, des nègres de la Jamaïque. Ils travaillent bien, me dit-on, et supportent parfaitement le climat. On est en train d'en faire venir 1 000 de plus ; mais il y a encore tout à faire ! Enfin, il paraît qu'on n'a jamais travaillé tant que maintenant et aussi économiquement. Si cela dure, on verra peut-être un jour la fin du fameux [Fin du f° 23] canal qui nous aurait évité un bien désagréable transbordement s'il existait déjà.

Photo 14bis. Absente du carnet

V. De Panamá [Panama] à Mollendo

Clopin-clopant, nous arrivons à Panamá [Cité de Panama] à 6 h du soir. Nos bagages vont au port d'embarquement des bateaux du Pacifique et nous allons loger à l'hôtel Central. Nous resterons qq[s] [quelques] jours à Panamá [Panama] pour attendre le départ du vapeur de la C^{ie} [Compagnie] Chilienne. La ville est vieille, laide, les rues tortueuses, montant, descendant, pavées de galets horribles pour la plante des pieds. Il y a la lumière électrique

38 La coupe Gaillard ou coupe Culebra est le nom donné à une vallée artificielle percée à travers le Panama, formant une partie du canal de Panama reliant l'océan Pacifique au lac Gatún.

39 Au sens d'arête de poisson, ou épine dorsale.

et des tramways électriques, mais quels tramways ! Ils ne circulent qu'entre 5 h et 7 h du soir ! Et quelle saleté partout ! L'herbe croît dans les rues émaillées d'ordures. À marée basse, s'exhale du port une puanteur insupportable. La plupart des maisons qui sont toutes en bois sont des taudis infects où fourmille une quantité de Chinois malpropres. Partout, [Fin du f° 24] des essaims de mouches bourdonnent, des odeurs incompréhensibles [indéfinissables] remplissent l'air.

L'hôtel Central est situé sur l'unique place propre, bien'ajardinée,⁴⁰ en face de la cathédrale. C'est un grand et bel établissement, bien compris [grand] pour ce pays, mais qui est bien désert maintenant. On se perd dans ses vastes salons démeublés, dans ses couloirs où errent çà [ici] et là qqs [quelques] rares voyageurs. Le cuisinier est Français [français], nous allons nous remettre un peu l'estomac, abîmé par les produits chimiques du *Pará*.

6 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] 28°5 – Bar. [baromètre] 759 mm 4.

14 [août]. La nuit a été fraîche mais, à 10 h, le soleil est déjà brûlant. Tandis que j'étais à la fenêtre de ma chambre, passe un détachement de troupes régulières en guenilles, pieds nus, vêtus de chiffons de toutes [les] couleurs, la tête coiffée d'un grand chapeau pointu en paille. On dirait une bande de bandits calabrais. L'officier qui les conduit a l'aspect misérable et n'a de militaire[s] que le képi et le sabre ; son cou est entouré d'une serviette sale. Dans les rues, on ne rencontre pas un soldat revêtu d'un uniforme complet ; ce ne sont que des guenilles bariolées. Les uns ont un sabre pour tout [Fin du f° 25] équipement, les autres un képi, d'autres un pantalon, etc.

Photo 15. Absente du carnet

L'aspect de la garde de la caserne est aussi fantastique : quelles têtes de brigands ! – Toutes les femmes et les jeunes filles sortent sans chapeau, la tête couverte d'une mantille noire presque tjr [toujours], rarement blanche, d'ailleurs presque tj [toujours] vêtues de noir, très pâles de teint et en plus couvertes d'une épaisse couche de poudre de riz qui contribue encore à leur donner un aspect peu agréable.

Les journées sont chaudes mais il fait très frais dès que le soleil se couche.

3 h S. [Soir] – Th. [thermomètre] – 29° – Bar. [baromètre] 755 mm 4

5 h – 29°5 – 755 mm 4

8 h – 28°75 – 757 mm 3

Photo 15bis. Absente du carnet

40 Lusitanisme. En portugais : *ajardinado*. Le Cointe signifie que les végétaux qui ornent la place sont bien entretenus.

15 [août]. Nous sommes allés au palais du gouvernement pour tirer nos passeports, vu l'état de révolution. La garde est nu[-]pieds, en costume de brigand de vaudeville : grand chapeau pointu barré d'une plume de vautour, énorme ceinturon auquel [sur lequel] ballote un grd [grand] sabre, habits au goût de chacun, pieds[-]nus. Je ne sais si la proximité de la dernière révolte suffit à expliquer tant de guenilles. – Quant à la police, elle est vêtue déceimment, genre anglais. Le soir, à 5 h, [fin du f° 26] musique en face de l'hôtel, dans le jardin public. Les dames se montrent, c'est jour de fête, paraît-il. On voit enfin quelques jolies filles, mais trop blanches et surtout trop poudrées.

6 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] – 26°75 – Bar. [baromètre] 757 mm 3

10 h – 27°5 – 757 mm 8

2 h S. [Soir] – 29° – 756 mm 9

06 h – 29°30 – 757 mm 1

16 [août]. Jour du départ. Le transport de nos bagages de la gare au *trapiche* [jetée portuaire] nous coûte ½ lb. [livre]. De là, le reste court pour compte de la C^{ie} [Compagnie] de navigation. À 5 h du soir, nous embarquons sur le petit vapeur *Bolívar* qui nous conduit à bord du *Loá*, à ½ heure de là. Le *Loá* est [un navire] de la C^{ie} [Compagnie] Chilienne Sud[-] Américaine ; de 1487 ton. [tonneaux] de registre. Le passage jusqu'à Mollendo vaut 25 lb [livres] 5 pour chacun.

6 h M [Matin] – Th. [thermomètre] 27° – Bar. [baromètre] – 757 mm 3

17 [août]. Nous sommes partis cette nuit à minuit et demi. Le *Loá* a d'excellentes accommodations pour les passagers. L'intérieur est beaucoup plus luxueux que celui du *Pará*. Belle salle à manger sur le pont supérieur, fraîche, bien éclairée et bien aérée. Belles et grandes cabines communiquant entre elles, 2 par 2, si l'on veut. Par exemple, la nourriture est très mauvaise, le pain atroce, les domestiques sals [sales] et mal élevés. On voit que nous sommes sur un navire Sud-Américain. – Si le pont des passagers est propre par la bonne raison que ceux-ci, peu nombreux, ne le salissent pas, il n'en est pas de même du second pont. Il y a là du bétail et le navire est infecté d'une forte odeur d'urine pourrie que l'on ne lave jamais. Le navire n'a pas une bonne marche : il est très large pour sa longueur.

Nous sommes les seuls passagers venus par le *Pará* qui avons attendu le *Loá* ; les autres ont continué aussitôt leur voyage par le vapeur de la C^{ie} [Compagnie] du Pacifique qui partait de Panamá [Cité de Panama] le soir même de notre arrivée à Colon [Colón]. Ils avaient des billets direct[s] pour la côte. Ils n'ont eu à Colon [Colón] qu'à faire transporter leur[s] bagages à la gare ; le train les a menés directement avec ceux-ci au pont d'embarquement de

Panamá [Cité de Panama]. C'est en somme ce que nous aurions [Fin du f° 27] dû faire : c'eut été plus économique et Panamá [Panama] ne vaut pas un séjour de 3 jours.

3 h S. [Soir] – Th. [thermomètre] – 29°5 – Bar. [baromètre] 757 mm 6

6 h – Th. – 29° – 757 mm 5

8 h – Th. – 28°½ – 757 mm 3

18 [août]. Jour brumeux, vent frais, légère houle. Le *Loá* roule très peu.

6 h ½ M. [Matin] – Th. [thermomètre] 27° – Bar. [baromètre] 757 mm 7

9 h – 27° – 759 mm 4

3 h S. [Soir] – 27°¼ – 757 mm 8

6 h S. [Soir] – 27° – 757 mm 7

8 h – 26°½ – 759 mm 4

19 [août]. Temps couvert, frais. La nuit, la mer a été un peu forte ; elle se calme vers le matin. À partir de 7 h, on aperçoit à l'est, perçant la brume à l'horizon çà [ici] et là, qqs [quelques] hauts sommets des cordillères. À 1 heure, nous passons au large du cap S. [San] Lorenzo. À 3 h, nous longeons l'île Plata du côté de la côte. C'est une petite île rocheuse, aux rivages abrupts, surmontée d'un phare. Le soir, nous effrayons une bande de gros poissons qui fuient vers la terre en faisant parfois des bonds prodigieux. À 9 h du soir, nous passons au large du phare de la Pointe de Ste. Héléna [Sainte-Hélène] qui limite au nord le Golfe de Guayaquil.

6 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] – 24°½ – Bar. [baromètre] – 759 mm 8

10 h – 24°¾ – 760 mm 4

1 h S. [Soir] – 24°½ – 760 mm

3 h – 24°¼ – 759 mm 4

5 h – 24° – 759 mm 5

9 h – 23°¼ – 760 mm 4

20 [août]. Dès le matin, nous longeons l'île Puña [Puná] au sud-est.⁴¹ Nous sommes déjà dans le fleuve de Guayaquil. Décidemment [Fin du f° 28], notre vapeur ne marche pas, c'est un véritable carrosse et, avec ça, la machine fait tout trembler. On se croirait à bord d'un torpilleur lancé à toute vitesse, si l'on ne voyait pas toujours le même point de la côte par le travers du navire.

41 À l'entrée du Golfe de Guayaquil, il s'agit de la plus grande île de l'Équateur, hors îles Galápagos.

À 9 h, nous jetons l'ancre devant la petite ville de Puña [Puná]. C'est le lazareth [lazaret] de Guayaquil. Le *Guatemala* est là aussi. C'est lui qui était parti de Panamá [Panama] le jour de notre arrivée et nous apercevons à bord qqs [quelques] uns de[s] passagers qui sont venus avec nous sur le *Pará*. Il est évident que nous allons encore faire quarantaine. La visite se fait attendre. Sur la côte, à peine aperçoit-on une dizaine de maisons ; pas une embarcation ne se détache. Enfin, après 2 h d'attente, la visite vient à bord. Notre sentence est prononcée : 2 jours de quarantaine vu la circonstance atténuante de ne pas s'être produit depuis qq [quelque] temps [de] cas de fièvre jaune à Panamá [Panama]. Ce qui pouvait bien arriver, c'est qu'elle se manifeste maintenant à bord : depuis que nous sommes arrivés, la chaleur augmente et l'odeur infecte qui vient d'en bas se répand partout. Il fait lourd.

Pour frais de quarantaine, on nous fait payer un supplément de ½ lb. [livre] par jour et par tête. On nous a déjà fait déposer ½ lb. [livre] pour les 2 clefs de nos cabines ! Avec ça, [la] nourriture [est] écœurante. Tous les mets, quels qu'ils soient, sont servis enveloppés d'une sauce gluante, tj [toujours] la même, qualifiée sur le menu tantôt du nom d'anglaise, tantôt de française, autrefois d'italienne ou même de chilienne et péruvienne. Le vin est chilien et n'en est pas meilleur pour ça, au contraire.

La nuit, il fait frais et les moustiques ne viennent pas nous ennuyer, bien que nous ne soyons qu'à 400 m de [la] terre.

Le *Guatemala* lève l'ancre à 10 h du matin allant à Guayaquil. Il a fait 3 jours de quarantaine.

6 h ½ M. [Matin] – Th. [thermomètre] – 23° – Bar. [baromètre] – 760 mm 2

9 h – 23°½ – 760 mm 4

1 h S. [Soir] – 24°¾ – 759 mm 7

4 h – 24°½ – 757 mm 9

9 h – 24° – 760 mm 4

21 [août]. Temps brumeux. À 11 h, arrive le bateau allemand le [Fin du f° 29] *Totmes*, de Hambourg. – À 2 h arrive l'*Herodot*, aussi de Hambourg, puis passe le *Guatemala*, sortant de Guayaquil.

7 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] – 23°½ – Bar. [baromètre] – 760 mm 4

11 h – 23°¾ – 760 mm 3

1 h S. [Soir] – 24° – 759 mm 8

6 h – 25° – 759 mm 5

10 h – 24°½ – 760 mm 4

22 [août]. Cette rivière de Guayaquil me rappelle l'Amazone. Même lacs de canaux larges ou étroits séparant une infinité d'îles basses ; au loin qqs [quelques] petites montagnes isolées dans le genre de celles de Prainha.⁴²

La marée se fait sentir très fortement jusqu'ici [ici]. Les eaux laiteuses à marée basse sont d'un vert clair sale à la montée. À 9 h du matin, la quarantaine est levée, mais il faut attendre que la marée soit favorable. Nous partons à midi, par un temps lourd, menaçant orage.



Photo 16

Nous longeons d'abord une île basse couverte d'une végétation [Fin du f° 30] uniforme. Pas un grand arbre, pas un palmier. À un moment, nous nous rapprochons de la rive et je reconnais des palétuviers ou mangliers au tronc élancé, sans gros rameaux, à racines multiples, émergeant de l'eau à marée basse.

Nous arrivons à Guayaquil à 3 h. De loin, l'aspect de la ville est agréable. Elle s'étend le long de la rive droite du fleuve, adossée à de petites collines. Nous jetons l'ancre à 300 m du rivage. Dans la rivière, nous avons rencontré un grand nombre de radeaux qui coupent difficilement le courant, avec 2 grandes rames, et aussi qqs [quelques] canots indigènes fait

42 Localité du bas-Amazone, au Brésil, proche de la ville de Óbidos où réside Paul Le Cointe.

d'un seul tronc d'arbre creusé, à bords verticaux, proue et poupe allongées et relevées, munis d'une petite voile carrée.

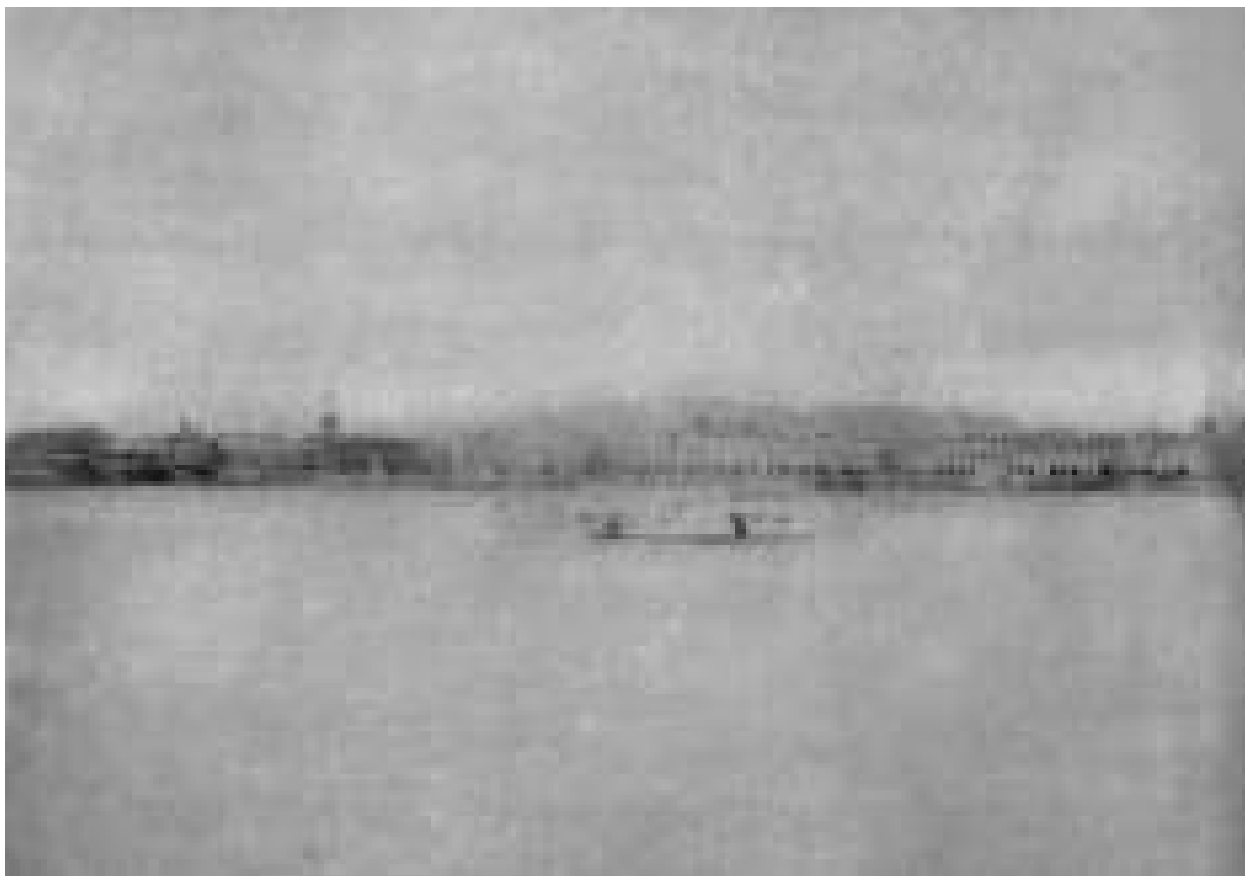


Photo 17

Presque tous nos compagnons de voyage débarquent. Demain nous irons visiter la ville qui paraît très animée.

6 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] 24° – Bar. [baromètre] – 759 mm 8

[Fin du f° 31]

11 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] – 24° – Bar. [baromètre] – 759 mm 9

Midi – 24°½ – 759 mm 7

6 h S. [Soir] – 25°½ – 757 mm 4

9 h – 25°½ – 759 mm 6

23 [août]. À peine fait-il jour qu'un grand nombre de canots chargés de fruits accostent le *Loá*. On embarque une énorme quantité de bananes et d'oranges.

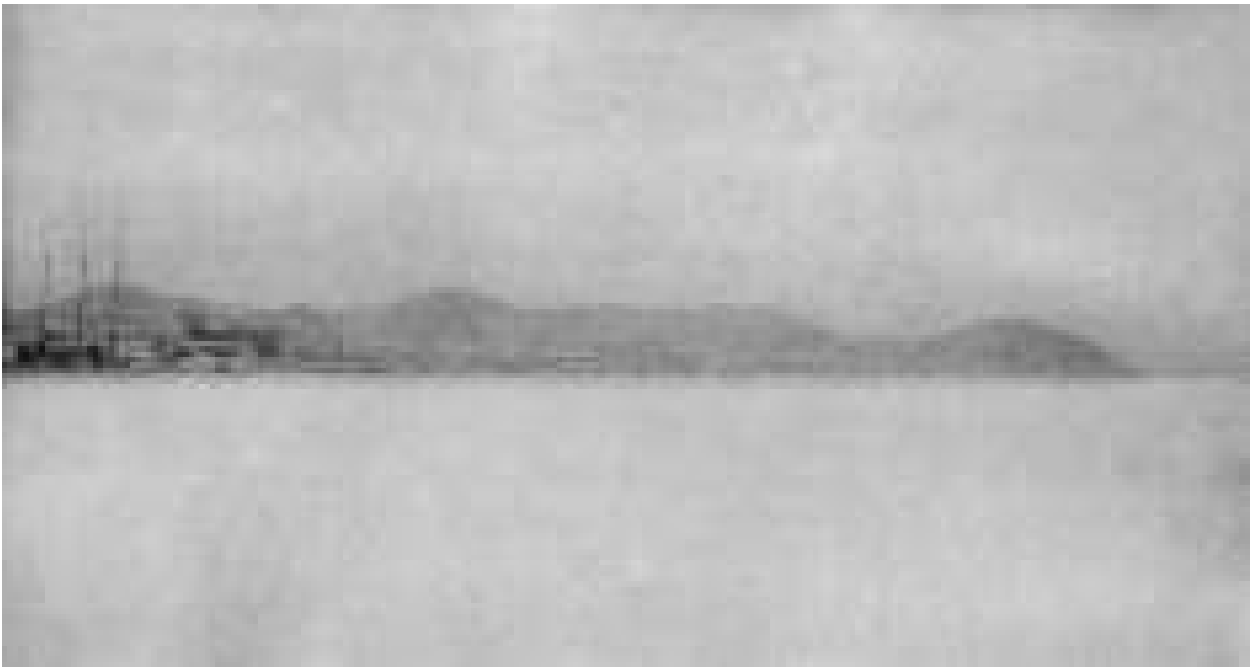


Photo 18

À 8 h, nous allons à terre. Un splendide bouquet de lauriers roses couverts de fleurs embellit la sortie du débarcadère. La ville est toute en bois, les rues larges, se coupant à angle droit. Plus de balcons comme dans les Antilles, mais de belles maisons à 2 étages surplombant les trottoirs et formant ainsi des arcades ininterrompues. Beaux magasins dans les 3 ou 4 grandes rues parallèles au fleuve. Plus loin, tout est sale. L'incendie qui a dévoré les $\frac{3}{4}$ de la ville, il y a 2 ans, a fait du bien, en somme. Si un sinistre de ce genre ne venait de temps en temps faire un nettoyage [Fin du f° 32] complet, l'ordure envahirait tout, car on ne penserait jamais à jeter en bas [jeter à bas] les mesures pourries. La reconstruction n'est pas encore terminée, mais on y travaille activement. La carcasse des édifices est en bois, les murs sont fait[s] de bambous fendus, recouverts de crépi ou de tables peintes imitant la pierre. La façade est souvent ornée de sculptures en bois d'un bel effet. L'assurance est de 7% sur la valeur des immeubles, de sorte qu'un incendie tous les 10 ans est presque à désirer.

Les rues sont bien pavées de grandes dalles de 30 à 40 cm de côté. Les tramways sont à mulets étriqués et les employés de ces véhicules ne pourraient être touchés qu'avec des pincettes et encore.

A midi, bien que le soleil soit chaud, on ne transpire pas, car l'air est sec et frais. Nous nous promenons à pied jusqu'à une petite colline qui s'élève au nord et sur les flancs de laquelle grimpent de petites maisons en planches qui paraissent de loin assez coquettes mais qui, de près, exhalent une odeur peu engageante : c'est la partie de la ville qui n'a pas brûlé.

L'illumination est au gaz, assez abondante. Un réseau complet de téléphone dessert toute la ville. Les chars funèbres sont très pratiquement adaptés sur les voies de tramways.

Le commerce paraît actif. Beaucoup de Chinois et d'Italiens. Comme à Panamá [Panama], les femmes ne sortent pas sans leur grand châle noir et les [Fin du f° 33] hommes du peuple se drapent, malgré le soleil, dans des *punchos* [ponchos] bariolés de couleurs voyantes où domine le rouge.

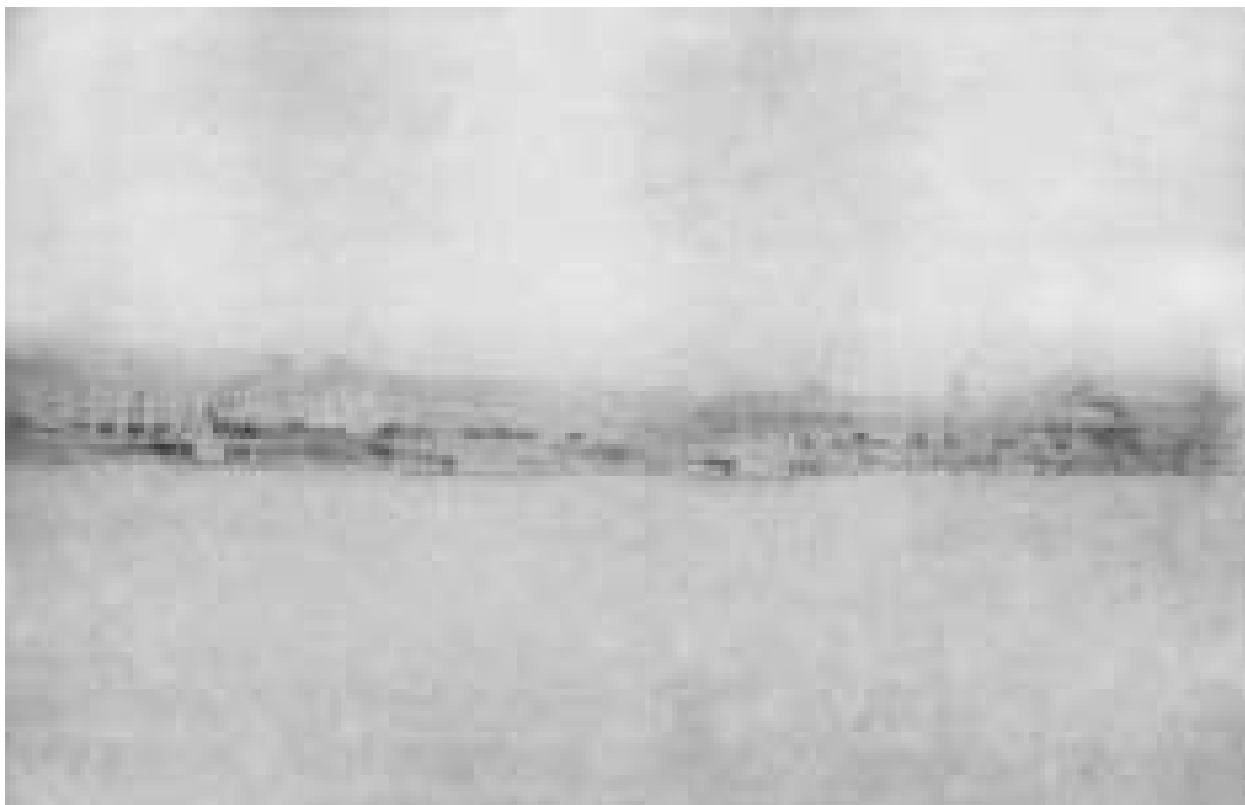


Photo 19

À 3 h, arrive le vapeur *Quito* de la C^{ie} [Compagnie] du Pacifique.

Photo 20. Absente du carnet

Nous devons partir à 4 h mais nous ne partirons plus que cette nuit, à 2 h ½ du [Fin du f° 34] matin, parce qu'il y a encore des bananes et des oranges à charger ! Les fruits sont, paraît-il, destinés à Valparaíso.⁴³ Si nous continuons à marcher aussi vite, je me demande dans quel état ils vont arriver.

Photo 21. Illisible

43 Ville portuaire située sur la côte chilienne.

Le soir, à 9 h ½, quand nous allions [allons] nous coucher, nous entendons tout d'un coup du côté de la proue de violents craquements et un choc violent ébranle le navire. Alerte ! C'est le *Quito* qui a chassé sur son ancre⁴⁴ et qui est venu se jeter sur nous, poussé par le courant violent de la marée qui baisse. La proue du *Loá* l'a pris à l'arrière, à la hauteur du mat [mât] d'artimon. Il se met en travers et le courant, ayant alors grande prise sur lui, le fait incliner fortement ; mais notre capitaine fait rapidement filer la chaîne de notre ancre qui a résisté, et le *Quito* peut se rabattre le long du flanc du *Loá*, restant à peine engagé par l'arrière qui a mordu sur la proue du *Loá*. En somme, tout bien examiné, nous n'avons que des avaries insignifiantes parce que le beaupré du *Loá*, très saillant, a amorti le choc.⁴⁵ Le *Quito* a un canot enlevé et qqcs [quelques] avaries dans les œuvres mortes.⁴⁶ Nous ne pouvons nous séparer que quand le courant aura diminué.

7 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] – 24°¾ – Bar. [baromètre] – 759 mm 6

midi – 25°½ – 759 mm 4

3 h S. [Soir] – 26°½ – 757 mm 3

[Fin du f° 35]

24 [août]. À 2 h ½ du matin, le départ s'effectue sans accident. À 7 h moins [le] ¼ nous repassons devant la petite ville de Puña [Puná] où l'on vient, paraît-il, de Guayaquil passer la saison chaude (l'hiver).⁴⁷

À 11 h 45, arrivée à Tumbes, 1^{er} port de la côte péruvienne. Nous jetons l'ancre à 100 m environ d'une côte basse ; pas une habitation en vue, partout le bois. Tumbes est à qq. [quelque] distance dans l'intérieur, sur les rives d'une petite rivière dont on distingue vaguement l'embouchure. On ne siffle même pas. Rien ne bouge ; combien de temps allons[-] nous perdre encore ici [ici] ? On siffle enfin, mais sans résultat. Enfin, à 3 h ½ arrive la visite, puis une barque qui nous amène, comme charge, 2 douzaines de petits barils vides et 50 noix de cocos. C'est tout, rien à décharger, pas de courrier. À 4 h ½, tout est prêt, mais le capitaine du port s'est senti l'estomac faible et s'est fait servir à dîner. Nous attendons donc que Monsieur ait fini de siroter son café et de manger ses beurrées ! Nous partons à 5 h ½.

Nuit obscure – temps couvert. Brise froide. Tumbes est à 1 417 km de Panamá [Panama].

1 h M. [Matin] – Th [thermomètre] – 25°5 – Bar. [baromètre] 759 mm 6

44 Vocabulaire maritime : « chasser sur son ancre », entraîner ses ancres par suite de tenue insuffisante du fond.

45 Le beaupré est le mât qui pointe vers l'avant, placé à la proue du navire.

46 En construction navale, le terme « œuvres mortes » désigne la partie de la coque située au-dessus de la ligne de flottaison, qui reste constamment exposée, même en charge maximale.

47 C'est-à-dire l'hiver en Europe.

7 h – 25°35 – 759 mm 7
2 h S. [Soir] – 24°5 – 757 mm 7
3 h ½ – 24° – 757 mm 4
6 h – 23°75 – 757 mm 8



Photo 22

[Fin du f° 36]

25 [août]. Pour nous qui sommes habitués à une température moyenne de 30°, il fait froid ; cette nuit il a fallu nous couvrir avec des couvertures de laine !

Photo 23. Illisible

Le matin, la côte apparaît bordée de hautes falaises rocheuses. À 8 h, nous arrivons à Payta [Paita]⁴⁸ qui se trouve au pied même de la falaise, dans un renfoncement de celle-ci. De là[-bas], part un chemin de fer qui grimpe au nord en plan incliné durant 1 km et double ensuite vers l'intérieur. Le navire jette l'ancre à 300 m de terre, non loin d'un grand *warf* [*wharf* : quai] de fer pourvu de 2 grues à vapeur. À peine la visite quitte-t-elle le *Loá* que 17

48 Ville portuaire de l'extrême nord du Pérou.

canots se détachent de terre, luttant de vitesse pour atteindre le navire. Il embarque un certain nbr. [nombre] de passagers de 3^{ème} classe. De nombreux indiens⁴⁹ viennent offrir des chapeaux dits de Panamá [Panama]. Les pauvres diables faisant peu d'affaires en arrivent à laisser leur marchandise presque pour rien vu le travail délicat de la paille. J'achète pour 6 sols un chapeau fin qui a bien coûté 2 semaines de travail et qui vaudrait au Brésil 200 mil réis.

Payta [Paita] a la réputation d'être l'endroit le plus sec du monde, l'intervalle entre deux averses y serait de 7 ans [Fin du f° 37].

Sur la côte, on n'aperçoit aucune espèce de végétation. Partout, la roche ou la terre aride, jaune grisâtre. Nous sommes en face du « désert de sechuro » (désert de sécheresse). – Bien que la charge à embarquer soit insignifiante, nous ne partons que l'après-midi à 2 h ¼. La côte continue abrupte, rocheuse et dénudée, l'eau a, au soleil, des reflets bruns [brun-]rougeâtre. La mer est houleuse.

Distance à Panamá [Panama] : 1 582 km.

6 h ½ M. [Matin] – Th. [thermomètre] – 20°½ – Bar. [baromètre] 759 mm 7

2 h S. [Soir] – 22° – 757 mm 6

4 h – 20°¾ – 757 mm 4

8 h ½ – 19°½ – 759 mm 7

Photo 24. Illisible

26 [août]. Dimanche – Au lever du soleil, nous sommes en vue de Eten.⁵⁰

Nous venons de longer une côte basse et curieusement mamelonnée. Un peu en arrière, court une chaîne de montagnes abruptes et dentelées. C'est au pied d'un contrefort de cette cordillère qui s'avance presque à pic dans la mer, que se trouve le port de Eten. Nous jetons l'ancre en face à 8 h [Fin du f° 38] du matin. En même temps que nous arrive du sud le *Santiago* de la C^{ie} [Compagnie] du Pacifique. À terre, on ne voit rien, sinon au loin, des vastes hangars et un long *warf* [*wharf*: quai] en fer qui s'avance d'au moins 450 m dans la mer. Une ligne de chemin de fer part de ce *warf* [*wharf*] et, s'enfonçant dans la falaise coupée par une tranchée profonde, va jusqu'à Chiclaya, ville importante située un peu au nord. La côte a tj [toujours] le même aspect désolé.

Photo 25. Illisible

49 Le Cointe ne met jamais la majuscule à Indiens (désignant les Amérindiens), comme cela était la règle à l'époque. Nous avons maintenu l'orthographe originale dans la transcription.

50 Ville portuaire péruvienne.

Pas de végétation. Cá [Ici] et là, des rochers où la mer se brise, écumante.

Le *Loá* est bien resté à 500 m du débarcadère. Les voyageurs qu'un train nous amène vers 9 h viennent à bord dans un chaland où la grue de bord les cueille et les enlève dans une benne, pour les déposer délicatement sur le pont.

Nous chargeons une bonne quantité de riz pour le Callao.⁵¹ Le riz d'ici [ici] est de qualité supérieure à celui d'Asie, mais un peu plus cher.

Dist. [Distance] à Panamá [Panama] : 1 857 Km.

Nous partons à 11 h. La côte continue, bordée par la cordillère de plus en plus élevée, dentelée, pelée, jaunâtre sans une tache de verdure qui l'égaye. Il fait froid, la brise forte nous fait grelotter. La mer est d'un vert clair [Fin du f° 39] sale.

Nous arrivons à Pacasmayo⁵² à 2 h ½. Ici [Ici], on voit au moins une petite ville. Un beau *warf* [*wharf*: quai] de fer de 300 m de long dessert aussi une voie de chemin de fer allant à l'intérieur. Fond de hautes montagnes que la brume ne laisse apercevoir ; et à perte de vue continuent les falaises jaunes, dénudées. Tous les édifices ont arboré un pavillon à mi-mât ; je distingue à la longue-vue ceux des nations chinoise, Equateur, Allemagne, Etats[-]Unis, Pérou. C'est, dit-on, à cause de la mort du sous-préfet. L'eau de la mer a encore changé de couleur, elle est maintenant brun[-]verdâtre.

Photo 26 (deux photos collées ensemble, formant un panorama). Illisible

On embarque encore du riz pour le Callao. À 4 h, arrive le vapeur allemand *Karnak*. Nous partons à 8 h du soir.

7 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] – 20°25 – Bar. [baromètre] – 759 mm 9

9 h – 20° – 760 mm 2

midi – 20°25 – 759mm 9

2 h. S. [Soir] – 19°50 – 757mm 7

4 h ½ – 19°50 – 757mm 5

9 h – 19°75 – 759 mm 8

Dist. [Distance] à Panamá [Panama], 1 915 km.

51 Ville péruvienne, proche de Lima, possédant le principal port de pêche et de commerce du pays.

52 Ville portuaire péruvienne.

27 [août]. Nous marchons lentement, toute la nuit. Au point du jour, nous sommes en face de Salaverry.⁵³ À 6 h, nous jetons l'ancre à 100 m d'une colline de pierres qui s'avance à pic dans la mer. Sur le flanc nord de ces rochers, un court warf [*wharf*: quai] en fer, avec grue à vapeur et voie ferrée indique à peu près seul la [Fin du f° 40] présence d'un port. On voit à peine quelques maisons alignées sur une plage étroite fermée en arrière par un massif de hautes montagnes de roche nue. Tj. [Toujours] pas un signal de végétation. De chaque côté, à perte de vue, des dunes de sable brun que percent de place en place de grands rochers noirs.

Photo 27. Illisible

À 8 h 1/2, arrive du sud le *Chile* de la C^{ie} [Compagnie] du Pacifique. Dans son dernier voyage, partant de Panamá [Panama], ce navire a eu 7 cas mortels de fièvre jaune à bord et n'a pas été reçu dans les ports de l'Equateur et du Pérou.

À Salaverry, le débarquement et l'embarquement de passagers se fait aussi en batelons⁵⁴ à l'aide de la benne ; la houle est très forte bien qu'il n'y ait pas de vent et l'on ne pourrait accoster l'échelle en canot.

Ce qu'on embarque est encore principalement du riz et du sucre brun. Nous attendons jusqu'à 4 h de l'après-midi le train qui nous amène des passagers. Ceux-ci embarquent sur la plage au moyen de chaises portées à [Fin du f° 41] bras jusqu'aux canots qui ne peuvent s'approcher ; de ceux-ci, ils passent à bord au moyen de la benne.

53 Ville portuaire du Pérou, située dans la Province de Trujillo.

54 Francisation du mot portugais *batelão*. Il désigne une embarcation au fond plat à faible tirant d'eau, avec ou sans voile, utilisée en Amazonie pour transporter des personnes ou des marchandises sur les cours d'eau peu profonds.



Photo 28

Dans tous ces ports de la côte péruvienne, bien que la mer soit presque unie en apparences [apparence], de larges et profondes ondulations font balancer très fortement les navires, sans discontinuité.

À 5 h, arrivent 3 batelons chargés d'alcool de canne en barils et en boîtes de fer blanc mises en caissons carrés. L'embarquement est très long à cause du balancement.

Nous partons à 9 h du soir.

6 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] 20° – Bar. [baromètre] – 759 mm 9

9 h – 19°³/₄ – Bar. [baromètre] – 760 mm 2

1 h S. [Soir] – 20° – Bar. [baromètre] – 759 mm 7

4 h – 20° – Bar. [baromètre] – 757 mm 4

8 h – 20° – Bar. [baromètre] – 759 mm 8

Distance de Salaverry à Panamá [Panama] : 2 032 km.

28 [août]. La nourriture à bord est simplement infecte. On tue tous les jours, mais on ne voit jamais sur la table un bon morceau. C'est l'équipage ou les garçons qui s'en régaleront probablement. Aujourd'hui, on nous a même servi de la viande pourrie. Excepté le commandant qui est un brave homme et un homme bien élevé et les cabines qui sont spacieuses, rien ne

vaut un sou sur ce bateau. On est envahi par la saleté, la marche est celle d'une tortue qui flâne et, pour comble, il s'arrête à tous les petits ports de la côte des journées entières pour embarquer 10 tonnes de marchandises. Une des choses les plus agaçantes est le contact de ces domestiques crasseux et familiers. À chaque port, sans être pudibond pourtant, nous sommes choqués par la grossièreté inouïe des débardeurs. Nous sommes en pleine Sud Amérique ! [Fin du f° 42].

À 1 h après midi, nous apercevons à qq. [quelque] distance du navire du côté de terre une demi[-]douzaine de baleines qui se sont d'abord signalées par la colonne d'eau mêlée de vapeurs qu'elles lancent avec violence par leurs évènements. Vers 4 h, une petite baleine vient respirer à peu de distance, à bâbord, et nous montre son dos énorme, de tous côtés s'élèvent des jets d'eau pulvérisée. Quelques baleines nagent rapidement, le dos à vue au-dessus du flot, puis plongent en levant à une grande hauteur, presque verticalement, leur énorme queue, qq. [quelques] unes viennent jouer tout près du navire.

À 7 h ½, nous passons au milieu du groupe des îles Huaura, curieux petits rochers qui prennent dans la nuit des formes fantastiques, l'un d'eux paraît un énorme animal noir qui flotte sur l'eau à tribord. De grandes bandes d'oiseaux de mer qui se reposent sur l'eau, flottent en rangs serrés que la houle balance, s'envolent en criant à l'approche du navire.

Nous arrivons au Callao à minuit ; nous mouillons au large du port dans la baie. – Dist. [Distance] de Panamá [Panama] à Callao : 2 482 km.

9 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] : $19^{\circ}\frac{3}{4}$ – Bar. [baromètre] : 760 mm 6

3 h S. [Soir] – 20° – 759 mm 8

8 h – $19^{\circ}\frac{1}{2}$ – 760 mm 2

29 [août]. Le *Lôa* [Loá] ne pourra toucher à quai que cette [cet] après-midi, après le départ du *Guatemala*. Nous descendons donc en canot (4 réales par tête). Le port est animé : une douzaine de vapeurs et autant de navires à voile chargent ou déchargent. Deux navires de guerre sont ancrés dans la baie. Le *Rio de La Plata*, croiseur espagnol, et le *Lima*, croiseur péruvien.

Après avoir fait examiner nos valises à la douane, nous allons de suite à la station du chemin de fer en traversant une petite place horriblement pavée de petits galets pointus qui font très bien à la vue mais très mal aux pieds.

D'heure et demie en heure et demie part un train pour Lima.⁵⁵ À 9 h ¼, nous partons. Ce train, semblable à celui de Panamá [Panama], est plutôt un grand tramway à vapeur. Il circule en pleine rue sous palissades, et s'arrête tous les 500 m. [Fin du f° 43].

Entre les 2 C^{ies} [Compagnies], Ferrocarril Inglés et Ferro-carril central del Peru il y a 18 trains par jour de Calláo [Callao] à Lima, entre 6 h ¾ du matin et 9 h du soir partant de Calláo [Callao], et entre 7 h 40 du matin et 10 h 05 du soir partant de Lima.

Le port de Calláo [Callao] est le plus important du Pérou. Il présente d'ailleurs aux navires un abri unique sur cette côte sans anfractures [anfractuosités].⁵⁶ La baie de Calláo [Callao] est vaste et sûre ; position 12° 3' 53" lat. S [latitude Sud] et 75° 33' 15" long. O. [longitude Ouest] – fond variant de 1 à 50 m progressivement, bien abrité. Limitée au S.O. [sud-ouest] par l'île de San Lorenzo, à [au] N.O. [nord-ouest] par un banc rocheux : El Camotal – et à [au] S.E. [sud-est] par un long promontoire qui s'avance de plus de 2 m en mer. Entre les 2 alea [aléas], au N.W. [nord-ouest]) est l'entrée ou *Boquerón*. – Tous les ans, de décembre à avril [avril], il se produit dans la baie un phénomène singulier : l'*aguaja*, ou *Callao Barber*. Il consiste en un dégagement d'acide sulfhydrique qui colore de brun les navires peints à la céruse et remplit l'air d'émanations putrides.

Le lazareth [lazaret] est provisoirement à bord du ponton Péru ; on en construit un à l'île de San Lorenzo.

Vue du port, la ville présente une ligne monotone de maisons construites au niveau de la mer, à peine dominées ça et là par le clocher de quelque église.⁵⁷ Au loin, par derrière, coupée par la ligne de verdure qui borde le *Río Rimac* qui débouche dans la partie nord de la baie, une chaîne de montagnes élevées borne l'horizon. De chaque côté, au nord et au sud s'étend la plaine uniforme. Heure d'établissement du port : 5 h 55 – Différence de niveau dans les marées : 1 m 02.

Le manque d'eau et les émanations méphitiques⁵⁸ du *Callao Barber* jointe[s] au peu de propreté des habitants font du [de] Calláo [Callao] un endroit insalubre.

La ville de Calláo [Callao] et toute la campagne jusqu'à Lima est en terrain bas et plat. Rien d'aussi triste que cette plaine sans habitation, et toute quadrillée de petits murs bas en

55 Capitale du Pérou.

56 Cavité profonde et irrégulière.

57 À cet endroit, Le Cointe a ajouté au crayon dans l'interligne : « tout autour s'étend la plaine uniforme », sans s'apercevoir que cela figurait déjà dans le texte, trois lignes plus loin.

58 Acide méphitique ou gaz méphitique, se disait autrefois de l'acide carbonique, dit aérien.

gros blocs de terre jaune séchée au soleil qui séparent les différentes menues⁵⁹ propriétés. – Rien n’annonce la proximité d’une grande ville. Tout d’un coup on entre dans un faubourg de maisons basses, le train file au milieu de la rue sale [Fin du f° 44] et l’on arrive bientôt à la station laide et triste. Nous prenons une voiture pour nous conduire à l’hôtel de France et d’Angleterre, le 1^{er} de Lima, tenu par une Française. Rues peu larges mais bien alignées, se coupant à angle droit de NE [nord-est] à SO [sud-ouest] et de NO [nord-ouest] à SE [sud-est]. Beaux magasins de détail, mais les maisons sont basses et sans décoration extérieure. Balcons fermés au 1^{er} étage. Beaux monuments publics. Magnifique hôtel des postes et télégraphes, belle place d’armes dont un côté est fermé par le palais du gouvernement et un autre par la cathédrale. En face de celle-ci est aussi l’hôtel de ville dont le rez[-]de[-]chaussée est occupé par des magasins. Les 2 côtés de cette place, réservés au commerce, sont bordés de larges arcades. Le palais du gouvernement a été construit par Francisco Pizarro, l’année de la fondation de Lima, en 1535. Il a subi depuis plusieurs modifications, mais a conservé son aspect primitif, peu élégant et inconfortable. La cathédrale date aussi de la fondation et dans une de ses chapelles sont conservés les restes de Francisco Pizarro. Sa vaste façade, ornée de sculptures en stuc couleur crème, est limitée par 2 tours de 33 m 50 de haut. L’intérieur est riche et élégant, et renferme même quelques préciosités comme « La Veronica » de Murillo.⁶⁰ – Beaucoup d’églises, à la façade surchargée de sculptures en stuc.

Les femmes, tj [toujours] enveloppées de châles noirs ou de fichus de dentelle noire et très poudrées, ne me produisent pas une belle impression. Si je rencontre qqs [quelques] belles jeunes filles par trop pâles sous le voile noir, je croise une quantité de vieilles très laides avec leur plâtrage prétentieux et leurs joues flasques. De loin, les femmes ont l’air de religieuses.

Temps couvert. L’après-midi et le soir, il tombe une sorte de brouillard épais qui ne mouille pas la terre mais nous couvre d’une humidité glacée. Nous sommes paraît-il en hiver : les mois les plus froids sont juillet et août, les plus chauds février et mars.

Nombreux tramways poussés par mules, de 7 h du matin à 10 h du soir. – Eclairage public et particulier mixte : électricité et gaz [Fin du f° 45].

À 3 h de l’après-midi, [une] belle procession défile autour de la place d’armes, allant à la cathédrale accompagnée de troupes et musique en tête. Bonne tenue des troupes. Ville très religieuse. Beaucoup de Français. Qqs [quelques] grds [grands] magasins chinois.

Service de propreté publique très mal fait. – Canalisation d’eau insuffisante.

59 Le mot est raturé, nous donnons une identification probable.

60 Bartolomé Esteban Murillo (1617-1682) est un peintre baroque espagnol connu pour ses portraits de femmes et d’enfants pauvres.

30 [août]. À 7 h du matin, le Th. [thermomètre] marque $16^{\circ}\frac{3}{4}$!

L'observatoire de Lima de Unánue⁶¹ est à 158 m 50 au[-]dessus du niveau de la mer.
Bulletin du 28 courant :

Lat. S. [latitude sud] : $12^{\circ}3'$

Longit. O. [longitude ouest] : $79^{\circ}21'$

Pression atm. [atmosphérique] moyenne à 0 h : 748 mm 55

Températ. [température] maxima à 1h S. [soir] : $19^{\circ}80$

Tempér. [température] minima à 6 h M. [matin] : $14^{\circ}80$

Humidité relative media [moyenne] : 94,50

Heures de soleil : 0

Pluie : 0 – direction dominante du vent S. SE. [sud sud-est]

Vélocité moyenne : 3 m 35 par seconde.

Il paraît qu'ici [ici] il ne pleut jamais ; rien que ce brouillard pénétrant. Maintenant le soleil ne se montre pas non plus et le parapluie ou parasol ne s'aperçoit pas dans les rues de Lima.

Le marché est bien fourni. Les fruits des climats tropicaux et tempérés abondent l'un et l'autre en tous [tout] temps. Les légumes frais ne manquent jamais, même dans la plus mauvaise saison qui est l'actuelle, nous trouvons en effet des petits pois, des choux-fleurs, des pêches, des fraises, des poires, des violettes. De la côte vient une grande variété de poissons, des moules, des huîtres ; des écrevisses se trouvent dans les ruisseaux voisins ; aux environs, la chasse abonde.

L'après-midi, le soleil se montre enfin pendant qqs [quelques] instants ; il vient à point pour éclairer la procession faite en l'honneur de Sta [Santa] Rosa, la patronne de Lima, dont on célèbre aujourd'hui la fête. Cette procession est imposante. Quantité de moines et de religieuses y concourent. Toutes les autorités civiles et militaires accompagnent aussi les reliques de la sainte. [Fin du f° 46].

Une promenade dans les principales rues ne me fait rien découvrir de particulièrement curieux. Les façades des maisons sont sans architecture, sans élégance ni décoration. Tout le luxe est intérieur, à peine dévoilé par de beaux vestibules laissant apercevoir la cour intérieure entourée d'arcades gracieuses.

61 José Hipólito Unanue y Pavón (1755-1833) a été le premier à proposer la construction de cet observatoire qui a vu le jour en 1808.

Les églises et les principaux monuments sont construits en bois couverts de terre et de stuc, comme les palais de l'Exposition de Paris.⁶² Vers le soir, nous allons faire un tour au jardin botanique dont la verdure, malgré la mauvaise saison, nous égaye un peu la vue. Il doit être très bien en été. Cá [Ici] et là, des parcs et des cages abritent qqs [quelques] animaux dont les principaux sont une famille de lions et un orang outang [orang-outang].

31 [août]. La chose la plus remarquable de Lima est son cimetière dont les allées, bordées de riches mausolées, et les ombrages discrets révèlent un véritable sentiment du goût.

1^{er} Septembre – Samedi. À partir de 8 h du matin, il tombe une petite pluie excessivement fine mais qui, en qqs [quelques] instants, pénètre jusqu'aux os. Vers 10 h, je vais faire qqs [quelques] courses en ville. Les pavés des rues sont couverts d'une boue noire et gluante, l'eau dégoutte des toits, on sent parfaitement la pluie battre le visage de ses gouttes impalpables et pourtant pas un parapluie en vue. Je crois que les Liméniens mettent de la coquetterie à dire qu'il ne pleut pas ici [ici] et qu'ils sont capables de se faire tremper pour ne pas aller contre leur prétention. Moi, avec mon parapluie, je me fais remarquer et je le ferme pour éviter les regards curieux des passants ! ½ heure après, quand je rentre, je n'en ai pas moins les habits imbibés d'eau.

C'est peut-être un barbarisme aussi de dire que les Liméniennes ont volé leur réputation, mais voilà 4 jours que je roule toutes les grandes rues de Lima et je n'ai pas encore rencontré une jolie femme mais, au contraire, beaucoup de vieilles [Fin du f° 47] aux joues flasques couvertes de plâtras. Dans d'autres endroits, au Pérou, j'ai au contraire rencontré beaucoup de belles jeunes filles et j'aime leur genre aimable et décidé sans excès. En général, les Liméniennes aperçues avaient de fraîches couleurs qui auraient paru bien plus agréables sans l'abus de la poudre de riz, de beaux yeux, de beaux cheveux, mais rien de perfection dans les traits.

Içi [Ici], les femmes ne doivent pas porter de chapeau à l'église, seulement la fameuse mantille noire !

Déjeuné [Déjeuner] avec Alexandre Riveira [Rivera], le député de Iquitos, et sa famille.

Partis de Lima par le chemin de fer central du Pérou, à 3 h 45. Embarqué[s] à 4 h ½ à bord du *Loá*.

Pas mal de nouveaux passagers.

62 Le Cointe fait référence à l'exposition universelle de Paris de 1900.

À 6 h, nous quittons le quai et allons terminer le chargement dans la baie. Nous partons à 8 h.

En somme, mon impression sur Lima a été une déception, environs horribles, on dirait un vaste cimetière ravagé par un incendie. Dans la ville, pas de grands magasins, rues étroites, pas de promenades publiques fréquentées, beautés liméniennes introuvables.

Beaucoup de commerçants français et italiens ; ceux-ci ont toutes les tabernes [tavernes].⁶³

2 [septembre]. Dimanche. Pendant la nuit, la mer a été assez forte. À 6 h du matin, nous arrivons à Cerro Azul.⁶⁴ Toujours le même genre : une pointe de rochers qui s'avance à pic dans la mer ; qqs [quelques] maisons sur une page plate au pied des montagnes pelées, formant fond de tableau. Temps tj [toujours] horriblement brumeux.

1 h M [Matin] – Th. [thermomètre] – 19°½ – Bar. [baromètre] : 761 mm 9

Distance à Panamá [Panama] = 2 613 km.

Nous embarquons du coton.

Départ de Cerro Azul à 10 h du matin. Temps très brumeux. À 2 h, nous arrivons à Pisco.⁶⁵ Ici [ici], la côte est [Fin du f° 48] plus plate. La ville est construite au niveau de l'eau dans une plaine. Au loin, au fond, mal apparaît la chaîne de montagnes. Jolie baie fermée au sud en demi[-]cercle par une pointe de terres élevées qui se continue au large par les îles Chinchas [Chincha],⁶⁶ rocheuses, abruptes ; la mer est semée de menus îlots ; de grandes bandes d'oiseaux de mer passent devant nous formant une écharpe longue, souvent de plus de 1 km.

Le navire reste à 1 km de terre. On distingue à peine un grand *warf* [*wharf* : quai] de fer de 3[00] à 400 m de long, terminé par un phare.

Nous embarquons encore du coton. Ici [Ici] on fabrique de l'eau de vie de raisin qui jouit d'une grande réputation dans les pays sous le nom de *pisco*.

63 Lusitanisme. En portugais : *taberna*.

64 Ville portuaire du Pérou.

65 Ville péruvienne située à 290 Km au sud de Lima.

66 Groupe de trois petites îles de l'océan Pacifique situées à 21 km de la côte sud-ouest du Pérou, près de la ville de Pisco.

Tout est sali par les oiseaux de mer qui sont innombrables ; les bateaux qui apportent les marchandises sont blancs d'excréments. Le vent nous apporte même parfois l'odeur caractéristique du *guano*.⁶⁷

Départ à 7 h du soir. À 8 h, nous passons au milieu des îles Chinchas [Chincha].

1 h S. [Soir] – Th. [thermomètre] 20° – Bar. [baromètre] – 759 mm 9

8 h – 19°³/₄ – 759 mm 9

Distance de Panamá [Panama] = 2 689 km

3 [septembre]. Le jour s'annonce bien ; le vent assez fort est froid, mais le soleil se montre dès le matin. Il s'est fait si rare depuis qq [quelque] temps que sa vue fait plaisir. La côte est tj. [toujours] bordée de dunes élancées ; au fond, la ligne de montagnes n'est plus dentelée ; c'est une chaîne d'une hauteur presque tj. [toujours] égale, dont les crêtes sont doucement arrondies.

À une heure de l'après-midi, arrivée à Lomas⁶⁸ : qqs [quelques] baraques de bois au fond d'une petite anse formée par une pointe étroite de rochers bas qui s'avance de 4[00] à 500 m dans la mer. Une grotte naturelle ouverte dans ces rochers sur le flanc qui fait face au port est convertie en chapelle, indiquée par une grde [grande] croix de bois peint [peinte] en blanc, encimant le [plantée au-dessus du] rocher [Fin du f° 49].

Photo 29. Illisible

Départ à 3 h. Aujourd'hui, la houle a été forte, le vent froid mais la journée claire.

Dist. [Distance] de Lomas à Panamá [Panama] : 2 965 Km

8 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] 19°¹/₄ – Bar. [baromètre] 776 mm

1 h S. [Soir] – 18°³/₄ – 760 mm 5

7 h S. [Soir] – 18°¹/₂ – 762 mm

Photo 30. Illisible

[Fin du f° 50]

67 Le *guano* ou le *huano de pajaros* est une matière formée à partir de déjections des oiseaux marins. Grâce à l'absence de pluie il ne se liquéfie pas et sa masse peut atteindre 30 mètres d'épaisseur. Il dégage une odeur désagréable. Le Cointe ne semble pas associer la présence du guano aux odeurs pourries qu'il avait remarquées lors de son arrivée à Callao. Pourtant, vraisemblablement il s'agirait du même phénomène.

68 Ville portuaire du Pérou.

VI. De Mollendo à Puno

4 [septembre 1900]. Arrivée à 10 h ½ à Mollendo ; petite ville construite en haut de la falaise, à pic, sur le flanc de la cordillère qui borde la côte. Port très profond mais de mauvais atterrissage [atterrissage]. Pied de la falaise hérissé de rochers où la mer se brise avec force. Dans le port, 2 gds [grands] trois mâts et un vapeur allemand, le *Abydos*. On débarque en canot, le vapeur restant à 300 m au large. De fortes ondulations nous font danser contre notre volonté.

Dans une anfracture [anfractuosité] des rochers se trouve le *warf* [*wharf* : quai] en fer du Railway [compagnie ferroviaire] : c'est là qu'on aborde.

  la douane, les employés tr s aimables ne nous causent aucun ennui ; on ne me fait même pas ouvrir ma malle clou e : en ½ h c'est fini. Nous allons avec tous nos bagages à l'hôtel du chemin de fer, à 20 pas de la douane, à 50 du *warf* [*wharf* : quai] et à 200 m de la gare.

Photo 31 (deux photos collées ensemble, formant un panorama). Illisible

La ville est construite sur le penchant⁶⁹ même de la montagne et limit e par de profonds ravins. Quelques bonnes maisons, aspect assez gai ; rues larges, propres, trottoirs en bois suivant les ondulations du terrain, ressemblant à une voie de montagnes russes.   perte de vue, de tous côtés, des sables blancs ou bruns ou du rocher [Fin du f  51].

Le vapeur du Pacific [compagnie maritime], venant du Sud, *Le Cachapare*, arrive à 11 h.

69 Au sens ancien pour « versant ».



Photo 32

Photo 33. Illisible

Bon climat ; air frais, mais soleil chaud. Train tous [Fin du f° 52] les jours, à 8 h du matin pour Arequipa⁷⁰ mais, de Arequipa à Puno, seulement le dimanche. Le soir, un fort brouillard descend sur la ville.

7 h M. [Matin] – Th. [thermomètre] : 18°½ – Bar. [baromètre] : 761 mm 9

⁷⁰ Ville péruvienne, capitale provinciale, située à 2 335 mètres d'altitude, au pied des volcans Misti et Chachani, dans les Andes péruviennes.



Photo 34

5 [septembre]. Beau temps. L'hôtel du chemin de fer est spacieux, bien situé, mais tenu comme une gargotte [gargote]. Il y a un autre grd [grand] hôtel : l'hôtel Central. Prix du passage [billet] en chemin de fer 1^{ère} classe de Mollendo à Arequipa : 5 sols par tête ou 12 f [francs] 50. – On a droit à 25 kg de bagage. Prix du transport des bagages supplémentaires :

[Fin du f° 53]

De Mollendo à Arequipa : 4 sols 40

De Mollendo à Puno : 10 sols 40

De Mollendo à Chililaya : 13 sols 20 par 100 Kgr. [kg]

Photo 35. Illisible

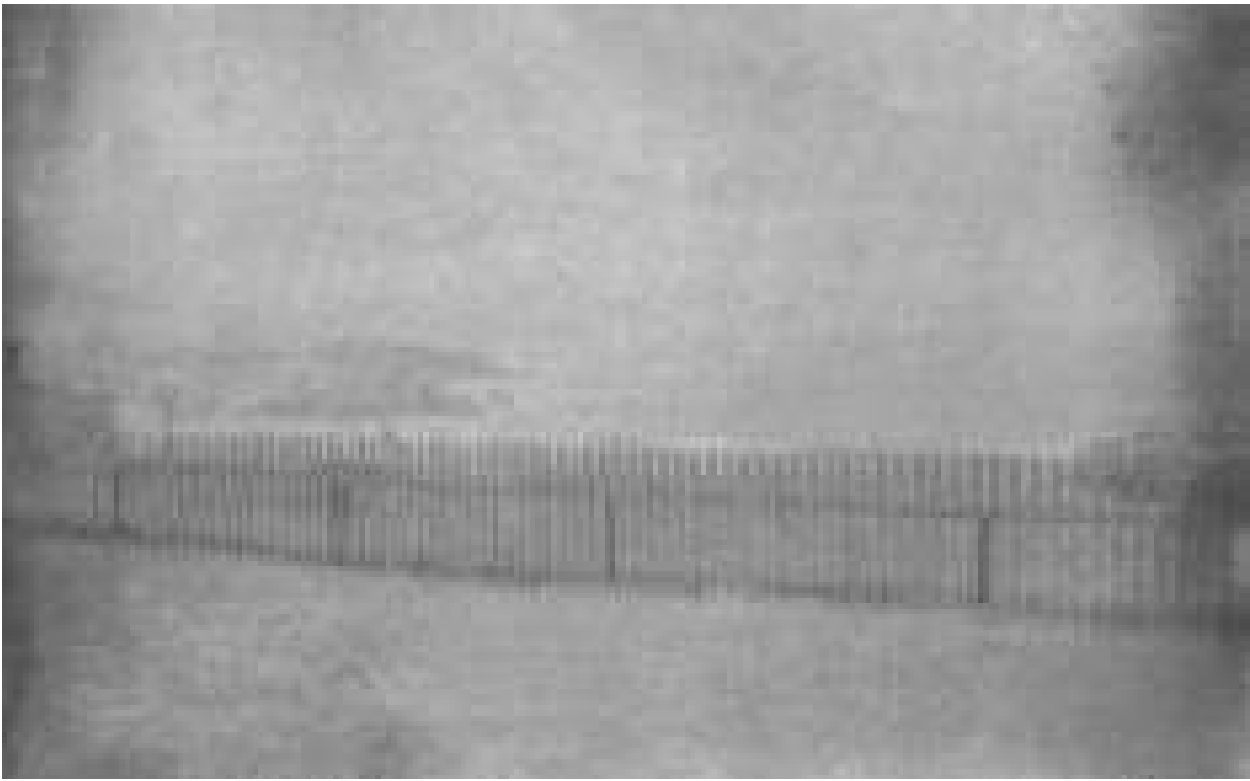


Photo 36

On peut en effet prendre ses billets de bagage jusqu'à Chililaya,⁷¹ vapeur compris (lac Titicaca). – Nous nous arrêterons à Arequipá [Arequipa] jusqu'à dimanche. Là[-bas], nous pourrons tirer provisoirement de la gare les bagages dont nous aurons besoin.

6 [septembre]. Départ à 8 h du matin par le train, semblable à celui de Panamá [Panama] : chemin central dans le wagon, séparant des bancs à 2 places. Locomotive à 3 roues accouplées. 5 wagons, dont 3 de passagers. Longs wagons montés sur 2 essieux seulement.

Au sortir de la gare, coupant une pointe de rochers, la voie atteint la plage qu'elle suit d'abord à 100 m de la mer, qui est basse maintenant, mais qui, à marée haute, effleure par place [par endroits] la voie, au pied de la falaise. À la crête de celle-ci, [Fin du f° 54] coupant les détours, suit la ligne du téléphone qui lie Mollendo à Arequipá [Arequipa]. En qqqs [quelques] endroits, la plage s'étend maintenant à plus de 500 m au large. Les ondes de fond viennent s'y briser en formant d'élégantes volutes d'eau de plus de 3 m de haut qui paraissent se poursuivre, se gonflent, s'écroulent, et reparaissent sans cesse avec un grondement qui agace ma femme et qui, pour moi, a un charme tout particulier ; quand reverrons-nous la mer ?

À 8 h 24, 1^{ère} station : Mejia. Parfois, nous passons au milieu de rochers isolés, restes de la falaise démolie par les eaux. Puis, la plage s'élargit de plus en plus, et le sable aride

71 Localité située en Bolivie, aux abords du lac Titicaca.

est remplacé par une vaste prairie verdoyante où paissent des bœufs et des mulets. Qqs [quelques] bouquets d'arbres rompent agréablement la monotonie du paysage limité partout par des collines sablonneuses. À 8 h 35, nous arrivons à Ensenada, à 21 km de Mollendo. Nous sommes à peine à 9 m 75 d'altitude. À nos pieds, à l'est, s'étend la riante mais étroite vallée du *rio* Tambo parsemée d'habitations, de fermes dont le voisinage de l'eau vivifiante a rendu possible l'existence au milieu de ce désert.

À partir d'ici [ici], la voie tourne au nord [nord] et commence à monter en remblais sur le versant doux des 1^{ères} collines entièrement composées de sables rougeâtres. La vitesse se ralentit considérablement. De tous côtés, des mamelons arrondis de cette même couleur brun[-]rouge uniforme. Rien que du sable. Nous pénétrons bientôt dans une tranchée largement évasée, puis ressortons à demi encoste [contrefort] ou en remblais dans l'intervalle de 2 collines, faisant de courts zigzags. Le terrain est maintenant rocailleux, mélange de gros galets et de sables [sable], pas la moindre végétation. À peine aperçoit-on bientôt, ça [ici] et là, des bouquets de petites fleurs blanches, sortes d'*acucènes*⁷² dont la tige s'élève isolée sans aucune feuille, à 20 cm de hauteur à peine. Dans une coupée,⁷³ on aperçoit la mer à 200 m plus bas, du côté gauche déjà, tandis que la voie traverse un petit plateau. En avant, sur le flanc de la montagne que nous allons bientôt atteindre, à des hauteurs différentes, courent deux trains qui nous précèdent, coupant de leur traînée de fumée blanche l'uniformité de la roche. C'est là [fin du f° 55] que nous allons passer nous aussi. À 9 h 13, arrivée à Tambo, à 30 km de Mollendo, sur le plateau, à 304 m 80 d'alt. [altitude]. Qqs [quelques] pauvres maisons, qqs [quelques] arbres fruitiers étonnés de se voir au milieu de la plaine rouge et c'est tout. Cette belle localité abrite cependant un assez grd. [grand] nombre d'êtres humains ; le train est envahi par une vingtaine de femmes qui, avec un vacarme infernal, viennent offrir aux voyageurs de petits paquets de canne à sucre coupée en tronçons de 30 cm et des bouquets de ces *acuçènes* que nous avons aperçues au milieu des cailloux et qui probablement sont regardées ici [ici] comme un véritable phénomène de végétation luxuriante.

Après un arrêt de 5 minutes, nous continuons rapidement la traversée du plateau. À dr. [droite] en bas, au niveau de la mer apparaît encore la vallée du *rio* Tambo, puis, revenant tout à coup sur nos pas, nous reprenons la montée sur le flanc de la montagne, dominant la mer à 350 m. Tantôt accrochés sur le flanc de la montagne, tantôt franchissant des ravins à sec sur de hauts remblais, nous nous élevons rapidement. Une végétation rachitique au milieu de laquelle se dressent qqs [quelques] groupes de cierge (cactus) teinte maintenant légèrement de vert les hauteurs qui nous dominent.

72 Vraisemblablement, « *açucenas* » (en portugais), plantes de la famille des amaryllidacées.

73 Terme de marine ; ici, au sens de « trouée ».

Zigzaguant tj. [toujours], nous nous faufileons entre les montagnes, apercevant encore la mer qq fois [quelquefois] par une échappée. Par moments, aussi apparaît presque au-dessus de nos têtes un autre train qui nous précède. Nous nous rapprochons, nous nous éloignons de lui, tantôt à dr. [droite] tantôt à gauche.

Nous disparaissions au fond d'une tranchée ouverte dans le rocher, puis reparaissons dominant d'un remblais élevé un profond ravin qui sépare 2 montagnes. Le soleil se met de la partie et dissipe peu à peu le brouillard qui limitait la vue. À 9 h 52, arrivée à un simple dépôt d'eau, au fond d'une tranchée, à 557 m d'altitude ; puis, décrivant un cercle presque complet, nous repassons à 25 m à pic au[-]dessus de [Fin du f° 56] la station. Nous élevant tj [toujours], nous côtoyons à rebours et à un niveau plus élevé⁷⁴ le chemin que nous venons de faire. À 10 h, entre 2 mamelons, apparaît encore la mer à 550 m en bas. Nous montons de plus en plus rapidement, les essieux grincent aux détours brusques des lacets capricieux que décrit la voie. À plus de 300 m en bas, nous apercevons la voie que nous venons de parcourir. À l'horizon, la brume ne permet d'apercevoir que la ligne d'écume blanche qui borde la plage au S. O. [sud-ouest]. – Le plateau que nous avons traversé apparaît au-dessous de nous comme une plaine au niveau de la mer et, sans cesse, nous recoupons à des hauteurs différentes, chaque fois plus élevées de 30 à 40 m, le trajet que nous venons de faire. À 10 h ¼, nous filons à toute vapeur vers la mer. En avant de nous, le sol paraît manquer, la montagne paraît terminer à pic ; là, en bas, apparaît la petite ville de Tambo. Brusquement, nous tournons et rentrons au milieu d'un fouillis de mamelons recortés⁷⁵ [entrecoupés] en tous sens de ravins profonds. Nous sommes à 650 m. Autour de nous, plus qu'un nombre infini de crêtes arrondies dont nous dominons déjà une partie, véritable chaos, sans orientation particulière, au milieu desquelles nous courons parfois rapidement sur un plan pour ensuite nous élever lentement en spirale, filer en ligne droite, tourner court et reparaître plus haut exactement au[-]dessus de l'endroit où nous avons passé 10 minutes plus tôt. À chaque instant, il semble que l'on va arriver au faite de la chaîne, mais de nouvelles hauteurs apparaissent sans cesse, tj [toujours] de plus en plus élevées. À 10 h ½, nous sommes à 800 m. Pas un signal d'eau : les ravins sont à sec et leur aspect n'indique pas qu'il y passe jamais beaucoup d'eau. À notre gauche, une mine d'or en exploitation est marquée par une dizaine de trous creusés dans le rocher. Les mines ne donnant pas grand profit, paraît-il, faute de gens et de machinisme [mécanisation].

Les tranchées ouvertes dans le rocher augmentent ; les hauts remblais se multiplient aussi, le terrain devenant de plus en plus tourmenté. Au km 54, encore⁷⁶ un coup d'œil [Fin du f° 57] sur la mer que l'on ne distingue plus que par le miroitement des eaux au milieu de la

74 Autrement dit : nous surplombons

75 Lusitanisme : verbe « *recortar* » au sens de « *entremear* ».

76 Encore : mot répété dans l'original.

brume qui brouille l'horizon. Nous sommes à 900 m d'altitude. Au km 55, nous arrivons sur un plateau. Au nord, de hauts pics surmontés de neige apparaissent (derrière une chaîne de montagnes). C'est la chaîne de la Caldera qui limite la vaste *pampa* [plaine] de Islay qui s'étend devant nous, derrière laquelle se montrent les crêtes des hauts sommets de la cordillère : le V. [Volcan] Chachani, le V. [Volcan] Misti, le Pichu Pichu, etc.

À 10 h 55, arrivée à la station de Cachendo, à 56 km de Mollendo et à 990 m 60 d'altitude. Il y a ici [ici] un arrêt de ½ heure pour déjeuner au buffet. Celui-ci consiste en une petite auberge où l'on nous sert à la minute un assez bon déjeuner, ma foi, que nous enlevons en 20 minutes. L'air de la montagne nous a ouvert l'appétit. Le plus curieux, c'est qu'on ne nous vole pas : 1 sol (2 f [francs] 50) un déjeuner à un pareil endroit, c'est donné. À 11 h 29, on repart à toute vitesse traversant le plateau bien nivelé à 995 m d'altitude. C'est une vaste plaine de sable brun uni, semé [semée] de grosses pierres noires. Nous allons presque en ligne droite, coupant la *pampa* [plaine] du sud au nord [nord]. Nous sommes au premier étage de la Cordillère. Plus nous avançons, plus la région prend l'aspect d'un véritable désert avec ses sables mouvants, son manque absolu de végétation. Qqs [quelques] collines de rochers noirs qui percent la couche de sable et limitaient [limitent] l'horizon se rapprochent, la plaine prend fin ; nous recommençons à monter lentement une haute vallée. Tj. [Toujours] la même désolation, partout. On dirait que le feu a tout dévasté, laissant à nu la terre morcellée [morcelée], calcinée, tachée, de place en place, de gds [grands] rochers noirâtres. Courant tj [toujours] en ligne droite, en direction NN. O. [nord nord-ouest], à 1 000 m, la vallée s'élargit de nouveau et la ligne reprend le niveau et, qq fois [quelquefois] même, descend un peu et nous en parcourons la pente avec une vitesse vertigineuse. Nous avons franchi la ligne de dunes qui avaient un moment interrompu [Fin du f° 58] le plateau et nous nous retrouvons dans la *pampa* [plaine]. La grde [grande] cordillère reparaît et nous courons vers elle en ligne droite, sur un terrain plat qui paraît s'élargir de plus en plus de chaque côté. La crête dentelée de la chaîne est marquée de place en place par de grandes taches de neige et dominée cà [ici] et là par des hauts pics isolés dont la calotte, d'un blanc éclatant resplendit au soleil. L'un, en forme de cône régulier brusquement tronqué, indique un volcan, c'est le Misti qui domine Arequipa. Au pied de la cordillère, au bord du plateau, un peu en contre bas [contrebas], paraît s'étendre un vaste marécage où se mirent des îlots d'herbes et d'arbustes verdoyants. Traversant tj [toujours] à toute vitesse le plateau, nous dirigeant maintenant en biais vers les grdes [grandes] montagnes, nous nous élevons insensiblement jusqu'à 1 200 m. Ce que nous avions pris pour de l'eau n'en n'est pas ; nous avons été le jouet d'un mirage. Par moments, il disparaît, nous laissant voir la plaine interrompue puis, de nouveau, il semble qu'une nappe d'eau, tantôt claire, tantôt verdâtre, s'étend au pied de la chaîne. Tout d'un coup, la vision s'évanouit et la plaine nue étale seule devant nous son triste manteau de sables [sable].

Nous nous sommes habillés très chaudement, croyant avoir froid, mais le soleil est très chaud et nous nous trouvons plutôt gênés par l'élévation de la température.

À 12 h 20, arrivée à La Joya, à 87 km de Mollendo, à 1 262 m 18 d'altitude. Nous croisons le train descendant. Pas d'autre maison que la station. La plaine rouge, continue, semée de pierres et de gros tas de sable blanc ridé [ridés] par le vent qui les a amassés. À 1 h, nous arrivons à la fin du plateau, presque au pied de la 2^{ème} ligne de la Cordillère que nous longeons. Nous sommes à 1 475 m. Des mamelons de plus en plus élevés commencent à onduler autour de nous : enfin, vers le km 111, nous obliquons un peu à l'est et pénétrons de nouveau dans la région montueuse, à 1 h ¼. La montée rapide recommence au milieu de collines de sable parsemé de [Fin du f° 59] paillettes de mica qui brillent au soleil. Franchie une première ligne, nous redescendons de 30 m jusqu'au km 116, à 1 575 m d'alt. [d'altitude], dans une large vallée dénudée et pierreuse ; c'est la vallée du *rio* de Vitor, maintenant à sec.

Les 1^{ères} atteintes du *soroche*⁷⁷ se font sentir sur qqs [quelques] personnes. Les faces sont colorées et plusieurs se plaignent d'un fort mal de tête.

À 1 h ½, laissant derrière nous la vallée, nous arrivons à la station de Vitor, au km 104, à 1 630 m 68 d'altitude. Il y a une douzaine de maisons couvertes de branchages entrelacés, ce qui prouve que la pluie n'est guère à craindre. En face de la station, une maisonnette de belle apparence avec un petit jardin, s'il vous plait, étale l'écriteau alléchant de « Gran Hôtel ». Après un arrêt de 5 minutes, nous repartons attaquant la 3^{ème} ligne de hauteur par une montée rapide, en suivant le fond d'une vallée étroite. La chaleur est insupportable, le soleil se réverbérant sur les sables blancs et la roche nue. Les lacets recommencent au travers des hauteurs hérissées et presque couvertes de roches brunes nues, craquelées, fendues, éboulées, où le sable n'apparaît plus que comme des coulées dans les plis du terrain. On croirait voyager au milieu d'une région bouleversée par je ne sais quel terrible cataclysme qui aurait rompu le sol en tous sens, soulevé les rochers, les empilant capricieusement ou les brisant en menus fragments, laissant partout et sur tout, après son passage, cette teinte de rouille qui amène l'idée d'un incendie violent qui aurait tout calciné. Pas un indice de terre cultivable. D'ailleurs, si la végétation est nulle, nous n'avons non plus aperçu encore aucun être vivant, pas même un mouton. La mort et la désolation, partout. De place en place, des traînées noires sur le flanc des rochers indiquent où passe la ligne là-bas, les débris de charbon soufflés par la locomotive s'étant accumulés dans les anfractuosités [anfractuosités] de la pierre d'où aucune pluie ne vient les chasser.

77 Mal des montagnes dû aux variations brusques de climat et d'altitude, se caractérise par des frissons suivis de sueurs, d'accélération du cœur et d'une forte céphalée.

Au km 129, nous sommes à 1 830 m et nous montons [Fin du f° 60] de plus en plus, décrivant un vaste cercle le long des parois internes d'un cirque immense. En haut, sur la crête, apparaissent les restes de constructions dont les murs sont construits en pierres empilées simplement les unes sur les autres. Nous passons à côté. De là, on domine toute la contrée du côté du Pacifique, mais la brume empêche maintenant de le distinguer à l'horizon. L'endroit avait été bien choisi par les anciens occupants du pays pour élever cette sorte de forteresse.

À 2 h $\frac{1}{2}$, à 1 920 m, nous reprenons le terrain de niveau et nous filons à toute vitesse. Nous avons franchi le 3^{ème} échelon et nous sommes en vue directement de la chaîne centrale où s'élèvent les grands pics que nous avons aperçu ce matin. À gauche, au fond d'un ravin, court un ruisseau et, sur ses rives bordées de végétation, apparaît un village ; c'est la première note gaie depuis ce matin. Ce ruisseau est le *rio* Chili qui passe à Arequipa et se réunit au *rio* de Vitor. Il est bien maigre à cette époque.

Nous continuons, accrochés aux flancs de la montagne, dans une entaille faite à même le rocher au[-]dessus du précipice. Arrivés à la crête, nous la suivons un moment à 2 000 m d'alt. [d'altitude]. De nouveau, à gauche, tout au fond, apparaît un petit village sur les rives du torrent. À 3 h, vers le Km 142, nous filons rapidement sur une voie très légèrement ondulée, oscillant entre 1 980 m et 2 010 m, dominant à pic la petite vallée fertilisée par le torrent. La roche fait de nouveau place au sable qui recouvre tout d'un manteau mouvant brunâtre, où cà [ici] et là se détachent, en blanc, des ossements d'animaux.

À partir du km 146, nous suivons en montant doucement le flanc des hauteurs qui ferment la vallée. Après avoir atteint 2 080 m, nous redescendons à 1 965 m à la station de Uchumayo, petit village que l'on apercevait en bas, si [l']on peut appeler village une agglomération de murs faits de pierres empilées et dont qq [quelques-]uns seulement sont surmontés de toits des plus primitifs, en branchages. De place en place, sur le sommet des mamelons rocheux, est plantée une croix de bois [Fin du f° 61], également recouverte d'un toit de branches. Bientôt, nous rejoignons le fond même de la vallée qui s'est élevée jusqu'à nous, très rétrécie déjà, et nous suivons le torrent qu'une étroite bande de végétation accompagne. Par moments, la vallée se resserre encore, donnant à peine passage à la voie et au cours d'eau ; de hautes parois rocheuses dominant des 2 côtés. Puis, elle s'élargit brusquement, donnant place à qqs [quelques] champs cultivés, à de petites prairies d'un vert clair où s'élèvent qqs [quelques] habitations.



Photo 37

Au km 155, nous sommes à 2 065 m. Nous remontons doucement la vallée qui, peu à peu, se transforme en un simple ravin aux flancs duquel la voie s'accroche par des tranchées ouvertes dans le roc. Puis, dans un nouvel élargissement, la station de Huaico [Huayco] à 157 km de Mollendo, à 2 080 m d'altitude ; il est 3 h 50.

La vallée s'élargit de plus en plus ; qqs [quelques] constructions [Fin du f° 62] ressemblant plus à des habitations humaines apparaissent.

Photo 38. Illisible

Nous marchons bon train vers l'est, la montée étant très faible. À 4 h, nous sommes à Tiabaya, à 161 km de Mollendo, à 2 057 m 40. Les versants de la vallée sont déjà moins abruptes [abrupts] ; la végétation augmente ; qqs [quelques] sources jaillissent des rochers et répandent cà [ici] et là leur eau vivifiante qui va, bondissant, se réunir au *rio* Chili, marquant son passage d'une longue ligne de verdure. De gros villages bien bâtis se montrent puis, par une coupée [trouée], apparaît tout à coup, au loin, au fond de la vallée devenue très large, Arequipa aux maisons blanches.

Nous franchissons un ravin au fond duquel gronde un torrent. C'est le *rio* de Sabandia sur lequel on a jeté un bon pont en fer, dénommé du [dénommé] Tingo Grande, qui le franchit à 15 m de hauteur par une seule travée de 33 m de long [Fin du f° 63].

Les abords de Arequipa, la seconde ville du Pérou, sont riants, bien peuplés et cultivés, parcourus par de nombreux ruisseaux. D'ailleurs, autour de la vallée qui n'en paraît que plus belle, ce sont tj [toujours] les mêmes montagnes de rochers dénudés au milieu desquels ne croissent que de tristes cactus. Au nort [nord] et à l'est, la vue est limitée par de hauts sommets entre lesquels se détache le Misti, volcan en activité dont la hauteur dépasse 6 000 m ; splendide cône dont les bords du cratère sont blanchis de neige.

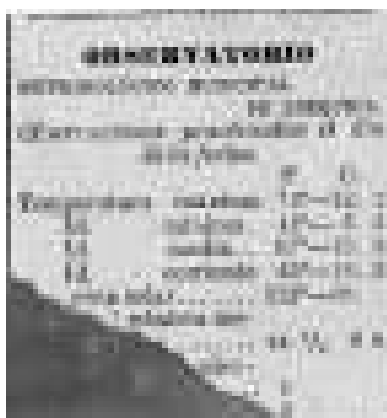
Cà [Ici] et là, des constructions en blocs de terre séchée au soleil comme près de Lima. En nous approchant du fond de la vallée, le terrain ne paraît plus aussi fertile que de loin ; ce n'est que par place [endroits] où l'eau est proche que se présentent des terrains bien cultivés, partout ailleurs se dénote son aridité naturelle par la végétation rabougrie et rare. Ce n'est d'ailleurs pas maintenant la bonne saison.

Photo 39. Illisible

Pour apporter à la campagne l'humidité nécessaire, les petits torrents qui [Fin du f° 64] descendent de la montagne sont canalisés avec soin et leurs cours subdivisé en une quantité de petites tranchées, de rigoles qui sillonnent la plaine.

Arrivée à Arequipa à 4 h 35, à 2 301 m 24 d'altitude, à 172 km 20 de Mollendo.

Photo 40. Illisible



La gare n'est pas au fond de la vallée, il y a bien 1 km ½ jusqu'à l'hôtel Central, où nous allons en de petits tramways poussés [tirés] par des chevaux. – Rues bien alignées, mais maisons basses, blanches, toutes plates et dont les croisées sont lardées de grilles bombées. Peu d'animation dans les rues. Des troupeaux d'ânes et de llamas [lamas] passent, chargés de marchandises. Les tramways ne circulent que jusqu'à 5 h ½ du soir. La ville est très peu éclairée à l'électricité. Le seul endroit est la place, entourée d'arcades, devant la cathédrale, de façade imposante mais dont les sculptures ne paraissent qu'ébauchées et où la masse de la pierre [Fin du f° 65] de taille fictive [factice] paraît attendre l'ouvrier qui doit la fouiller⁷⁸ et lui donner plus de légèreté et d'élégance.

7 [septembre]. La ville s'étend au pied même du volcan Misti ; très près aussi, vers le nord, s'élève le volcan Chacchani [Chachani]. Ces 2 magnifiques sommets se dressent, le 1^{er} à 5 684 m,⁷⁹ l'autre, à 5 791 m. Leur voisinage rend la région très sujette aux tremblements de terre. Il ne se passe presque pas de semaine à Arequipa que l'on n'y sente une secousse plus ou moins forte. Dans de pareilles conditions, on ne peut guère songer à élever de beaux édifices.

Les rues sont encombrées d'une foule de mendiants indigènes aux *punchos* [ponchos] bariolés, même les enfants. Les femmes du peuple transportent leurs bébés sur le dos, enveloppés dans un pli de couverture. Rues remarquablement sales. À chaque instant, on rencontre des gamins accroupis au bord du trottoir, faisant leurs ordures dans le ruisseau.

Air très sec ; à ce point que le papier se racornit, les cigares tombent en poudre à la moindre pression, les lèvres se gercent.

Le soleil est très chaud mais, la nuit, il fait froid et l'on ne sort pas. – Il faut éviter de manger des fruits et de boire de l'eau pour éviter la diarrhée qui est très commune. Il y a une bonne fabrique de bière et une de glace.

8 [septembre]. Le hasard me sert. Mr. Caldeiron, chef de la maison Devès à La Paz est ici [ici], à l'hôtel. Il me dit que Mr. Goguet, l'actuel gérant du Madidi,⁸⁰ est à La Paz et doit partir aujourd'hui pour l'Europe. Par télégramme, je le préviens d'attendre. Un peu plus je ne le rencontrais pas.

78 Terme utilisé dans les Arts au sens de : creuser, tailler au ciseau en évidant.

79 Ou 5 784 : Le 6 est en surcharge d'un 7.

80 Le *rio* Madidi est un affluent du *rio* Beni. Par extension, il donne son nom à une région alors connue pour abriter des exploitations de production de caoutchouc (*seringais*). La propriété de la Maison Devès dont Le Cointe va prendre la gérance s'y trouve justement. Ferdinand Henri Goguet, commerçant français né à Paris en 1864, gérait cette exploitation avant lui. Lorsque Le Cointe arrive à La Paz, Goguet est justement en transit dans cette ville pour rentrer en France après avoir passé six ans dans le Madidi.

Ce matin, je suis allé avec ma femme faire une promenade aux environs. Nous franchissons d'abord le beau pont de fer par lequel le chemin de fer de Puno traverse la vallée à 30 m de hauteur. Ce pont a plus de 500 m de long. Nous traversons ensuite qqs [quelques] villages horribles ; les chemins sont tortueux, impossibles, bordés de murs en pierre sèche ; le sable, la poussière et les pierres rendent la marche [Fin du f° 66] très pénible. Tout est pauvre et surtout sale. Les indiens aux haillons bariolés, de stature basse, ont un aspect misérable. Nous en croisons quelques[-]uns qui vont à la ville porter quelques marchandises ; hommes et femmes, assis sur le derrière des ânes, ont la charge devant eux. Vu beaucoup de beaux chiens et de beaux chevaux, mules très rares. – Je charge un photographe d'ici [ici] de me révéler [développer] mes photos de la côte du Pacifique ; il m'abîme presque tout.

9 [septembre]. Dimanche. Départ de Arequipa à 7 h 10 du matin. – Traversée du grand pont du chemin de fer, très doucement ; toute la campagne d'Arequipa se déroule à nos pieds puis, montée très lente, sur une grande ligne droite. À peine avons[-]nous quitté le fond de la vallée que toute trace de culture disparaît. De nouveau, des champs de pierres légèrement inclinés, mamelonnés, où ne poussent que des cactus épineux. Nous joignons bientôt le pied des montagnes, au N. O. [nord-ouest] d'Arequipa, et nous suivons le flanc à 2 400 m de hauteur, allant vers l'ouest.

La voie recommence la gymnastique de l'autre jour, serpentant au milieu de monceaux de rochers, franchissant les ravins sur de hauts remblais, montant presque toujours, descendant parfois, le plus souvent contournant les ravins et nous maintenant accrochés sur le flanc, presque à pic des hauteurs pierreuses, évitant par des lacets fantastiques la construction d'un pont ou l'ouverture d'un tunnel.

À 8 h $\frac{1}{4}$, arrêt de 10 minutes à Yura, à 2 575 m 56 de hauteur, à 29 km d'Ar. [Arequipa]. Nous laissons là un wagon. Nous suivons alors une étroite vallée au fond de laquelle court un petit torrent qui va se jeter plus bas, dans le *rio* de Vitor. Un peu de verdure, quelques maisons indigènes paraissant des fours en terre séchée au soleil ; des troupeaux d'ânes et des chevaux. Par ici [ici], l'eau a laissé partout des traces évidentes de son passage ; mais maintenant, tout est à sec. À 9 h $\frac{1}{4}$, nous longeons un précipice profond ; au loin, de l'autre côté, apparaît un petit village aux maisons blanches, c'est Águas Calientes. Nous remontons la petite vallée jusqu'au moment où le lit du torrent ne forme plus qu'un ravin étroit, au milieu de la vallée aride, pour disparaître enfin presque complètement au milieu des rochers ; nous le franchissons alors sur un simple remblais [remblai] [Fin du f° 67].

Bien que le wagon soit fermé, il fait froid ; j'ai les pieds gelés.

Nous montons maintenant rapidement, la vitesse a beaucoup diminué, les lacets augmentent, nous revenons parfois presque sur nos pas un peu plus haut sur le flanc de la montagne. Longtemps avant, on aperçoit, de l'autre côté du ravin, les différents étages de la voie où nous allons passer. De grands pics neigeux dominant, à droite, les hauteurs sablonneuses au milieu desquelles nous courons tj [toujours]. Pas un animal, pas un oiseau. L'administration n'a même pas eu l'idée de faire placer sur le trajet qqs [quelques] condors pour le grand ébaubissement [ébahissement] des touristes. La moitié de nos compagnons de voyage est assoupie ; c'est la somnolence produite par le *soroche*. Nous ne sentons rien encore, sinon une sécheresse gênante de la gorge. Nous passons dans des ravins étroits où, souvent, il a fallu encore ouvrir de profondes tranchées. À 9 h ½, nous passons un petit tunnel, le 1^{er} et l'unique, paraît-il, de tout le tracé. Il n'a que 124 m de long. À 9 h 50, arrivée à une petite station, à 3 420 m. Les lèvres se gercent dans cet air froid, d'une sécheresse extrême, et déjà passablement raréfié.

À 10 h ¼, nous apercevons un petit village dans une large vallée stérile. Nous nous arrêtons à la station de Pampa d'Arrieros, à 3 749 m d'altitude, à 70 km 80 d'Arequipa. En me mouchant, je trouve qqs [quelques] gouttes de sang dans mon mouchoir. La sécheresse produit d'ailleurs une sensation brûlante dans le nez. Nous avons ¼ d'heure d'arrêt pour dîner à un petit hôtel où [l']on nous sert tant bien que mal pour 1 sol par personne ; bonne bière pour 1 sol la grde [grande] bouteille. Il y a beaucoup de voyageurs. Il paraît que d'habitude il n'y en a que qqs [quelques] uns. On en a rarement vu autant et l'hôtelier ne sait où donner de la tête. Nous repartons à 10 h 45 ; nous traversons une plaine entourée de hautes montagnes. À l'ouest, se détache un grand sommet couvert d'une splendide calotte de neige éclatante, c'est le Coropuna (6 949 m).

Le soleil est très chaud, il nous oblige à ouvrir les vitres [Fin du f° 68].

Nous effrayons un troupeau de llamas [lamas] près d'une baraque de pierres empilées, à 4 000 m. Là[-bas], vivent un homme et une femme, dans ce désert ! À 11 h ½, à 4 100 m, nous débouchons dans une vaste plaine de pierres que nous traversons à toute vitesse, courant vers le cercle de hauts sommets qui paraît fermer le chemin au nort [nord]. Ces sommets montrent tous les rochers à nu, bien que d'une hauteur moyenne de 5 000 m. À peine qqs [quelques] rares taches de neige éclatent çà et là. Au nord, nous voyons maintenant le Misti par l'autre face.

La respiration est très rapide, l'air étant très raréfié. Ces wagons sont d'ailleurs très inconfortables, on est comme des sardines en boîte.

Nous traversons un torrent qui court dans la plaine et nous arrivons à la station de Cañaguas, à 4 078 m 22, à 93 km 72 d'Arequipa. Un troupeau de bœufs paît l'herbe rare des bords du cours d'eau. Ensuite, nous descendons de 150 m, en faisant des lacets, à une vitesse vertigineuse pour recommencer à monter.

La gêne dans la respiration devient assez forte, le sang monte à la tête, on dirait que les tempes sont enflées.

Nous traversons un amoncellement fantastique de rochers empilés là en tous sens, brisés, morcelés comme par un cataclysme, un véritable paysage lunaire. La cîme [cime] de la montagne paraît crénelée. On dirait qu'il est tombé du ciel une véritable grêle de rochers qui a couvert le sol de débris, des quartiers de pierres grossièrement équarris comme dans les approches d'un grand chantier de construction en pierre de taille. Il semble que la crête est surmontée d'une espèce de grande muraille de Chine en ruines. À 12 h 20, station de Sumbay, à 4 150 m 77 d'altitude, à 104 k m 5 de Arequipa. Il y a ici [ici] des mines d'argent.

À peine repartis, nous franchissons un ravin à pic sur un pont de fer de 90 m de long, à 60 m au[-]dessus du fond où gronde un torrent écumant au milieu des rochers. De là, nous montons de nouveau brusquement. À 1 h [de l'après-midi], nous sommes à 4 300 m. Les herbes rabougries qui croissent au milieu des cailloux sont tellement sèches que les étincelles de la locomotive les allument de place en place, et le [Fin du f° 69] feu se communique de proche en proche, tachant de grdes [grandes] taches noires le flanc de la montagne.

Nous avons tj [toujours] un temps splendide, pas un nuage.

De loin en loin, dans les hautes vallées, un troupeau de llamas [lamas] qui courent la tête tendue en avant, à l'approche du train.

À 2 h moins 20, nous pénétrons dans un vaste plateau de crêtes élevées dont qqs [quelques] unes sont couvertes de neige. Au milieu de ce plateau, [la] station de Vincocaya à 4 377 m d'altitude, à 154 km d'Arequipa. À ce moment, un violent mal au cœur me prend, bâillements, envie de vomir, sueur froide, malaise général, tête de plomb. Ce n'est qu'un moment d'ailleurs. Cá [Ici] et là se montrent tj [toujours] qqs [quelques] troupeaux de llamas [lamas].

Nous traversons une rivière qui coupe la plaine absolument nivelée où le vent soulève par places de grandes colonnes de sable.

À 2 h 45, nous sommes à la station de Crucero Alto, à 4 470 m d'altitude ; c'est le point culminant de la ligne, à 190 km d'Arequipa. À 3 h ½, à 4 360 m, nous passons en

vue d'un splendide petit lac, aux eaux bleues, que nous dominons de 500 m. Ce sont les Lagunillas de Saracocha [Sara Cocha].⁸¹ Le rivage qui nous fait face au nord est formé de hautes montagnes couronnées de neige ; le spectacle est magnifique. En zigzaguant, nous faisons le tour de la moitié du lac. À peine un repli de terrain nous le cache qu'il apparaît de nouveau avec ses contours sinueux pénétrant profondément dans les échancrures de la cordillère. Nous le côtoyons accrochés sur le flanc des rives élevées, presque à pic. Dans une anse, un troupeau de bétail patauge. Sur le versant de la rive est le *curral* [enclos] en pierre empilées où les animaux se réunissent pendant la nuit. Un peu plus loin, de l'autre côté de la voie, à notre droite, autre petit lac aux eaux bleues. Un troupeau de moutons court devant nous, se distinguant à peine de boules d'herbes sèches. Nous descendons presque jusqu'au niveau du 2^{ème} lac, la *lagunilla* de Cachipascana⁸² qu'un vent assez fort plisse et couvre de lignes blanches d'écume. [Fin du f° 70]

Près des rives, une herbe rouge, dans l'eau, apparaît par transparence et tranche sur le bleu vif des eaux. Une bande de chevaux regarde passer le train. À 4 h, nous arrivons à une station. C'est la Saracocha, à 4 248 m 91, à 225 km d'Arequipa. Nous descendons à toute vitesse dans une gorge encaissée.

À 4 h 10, arrivée à Santa Lucia, à 4 248 m 91, à 225 km d'Arequipa. Il y a encore 113 km jusqu'à Puno ; mais ils seront vite enlevés à la descente. Il y a ici [ici] un hôtel. Nous nous arrêtons ¼ d'heure pour casser la croûte. À peine repartis, nous débouchons dans une large vallée, où nous suivons, en descendant, le cours d'un torrent encaissé entre deux rives à talus de 4 à 5 m de hauteur qui lui donnent l'air d'un canal fait à main d'homme presque desséché. C'est le *rio* de Cabanilla qui unit les *lagunillas* au lac de Titicaca.

À 5 h 20 [4 h 20], arrivée à Maravillas, à 3 940 m 40 d'altitude, à 250 km d'Arequipa. À gauche, un embranchement de la voie conduit à un important établissement minier, à 500 m de là. Puis, la vallée se resserre, se ferme presque ; voie et torrent courent côte à côte entre des murailles élevée qui se rapprochent de plus en plus, puis s'éloignent pour se rapprocher encore. À 5 h, nous stationnons devant une maison dont le toit est tout autour enguirlandé de corps [peaux] de renards desséchés ; il y en a plus de 100. Nous sommes à 3 900 m. Le torrent, grossi de nombreux ruisseaux, forme déjà une rivière que nous suivons tj [toujours]. La vallée s'élargit beaucoup ; qqs [quelques] rares champs cultivés apparaissent. À 5 h 20, nous arrivons à une station importante : Cabanillas, à 271 km d'Arequipa et à 3 886 m 10 d'altitude. Une petite ville apparaît, se distinguant à peine des hauteurs environnantes car

81 Le Cointe se réfère ici à un réseau de lacs interconnectés au lac Titicaca. Or, il cite deux de ces lacs – Lagunilla et Sara Cocha – comme s'il s'agissait d'une seule et même rétention d'eau.

82 Le Cointe fait sans doute erreur lorsqu'il nomme ce lac. En effet, la station ferroviaire Saracocha se situe au bord du lac Sara Cocha.

ses maisons de terre sont de la couleur du terrain, mais elles sont dominées par une tour d'église assez élevée. Cá [Ici] et là, divers établissements industriels miniers. Un pont est jeté sur la rivière pour donner passage à la route qui croise la voie ferrée.

Le lit de la rivière est plat et elle coule sans profondeur [Fin du f° 71] étalée sur les galets. La plaine s'élargit à perte de vue. À l'ouest et au nord seulement, l'horizon est limité par de grdes [grandes] cordillères. De nombreux troupeaux de bétail paissent d'un côté et de l'autre. Nous sommes sur le grand plateau central de Bolivie.⁸³ Peu à peu, la culture se montre ; on voit beaucoup de champs labourés et semés, mais vu la saison sèche, aucune verdure.

Dans la plaine plate, quelques petites habitations d'indigènes faites en blocs de terre empilés.

Arrivée à Juliaca, à 6 h 05, à 3 825 m d'altitude et [à] 304 km d'Arequipa. C'est à cette station que se divise la voie. Un rameau se dirige sur Cuzco ; l'autre sur Puno. C'est ce dernier que nous allons suivre. Départ à 6 h 20. Il fait déjà nuit. Arrivée à Puno à 7 h ½, à 351 km d'Arequipa et à 3 822 m d'altitude. Nous continuons bientôt jusqu'au *warf* [*wharf* : quai] d'embarquement, au bord du lac Titicaca. Le bateau est là ; nous y passons immédiatement. C'est un brouhaha indescriptible dans les escaliers glissants, les couloirs étroits, au milieu de l'obscurité presque complète. On ne s'attendait pas à tant de passagers, les employés sont affolés. Enfin, nous avons une cabine à 2 lits, triste, pauvre, sale ; pourtant, nous ne voulons même pas souper et nous couchons tout de suite ; la tête nous fait beaucoup souffrir et, dans cet air confiné, les envies de vomir reviennent. Jusqu'à 10 h, les employés saouls font un bruit d'enfer. Enfin, malgré tout, le sommeil vient et je dors lourdement jusqu'au matin.

VII. De Puno à La Paz

10 [septembre 1900]. À 6 h, je me réveille à moitié asphyxié ; je monte sur le pont chercher un peu d'air. Il gèle encore. Des flaques d'eau sont prises sur le plancher. Nous partons à 7 h ; tout doucement, suivant un étroit chenal peu profond, pour sortir de la baie de Puno, entourée de hauteurs de rochers bruns dénudés. De place en place, des groupes d'habitations faites en [Fin du f° 72] terre brune et se distinguant à peine sur le penchant [versant] brun des hauteurs. Un étranglement entre deux rochers sépare la baie du lac proprement dit. Nous pénétrons dans celui-ci à 9 h ½. Une immense nappe d'eau apparaît ; au sud, la rive plus voisine se montre nettement, capricieusement découpée par de longues pointes de rochers d'un brun rouge uniforme, sans végétation. À l'est, l'horizon d'eau dont la ligne est à peine coupée ça et là par la silhouette obscure de qq [quelque] îlot rocheux. Au

83 Le Cointe se trouve alors encore en territoire péruvien.

nord, la grande cordillère, toute blanche, borde le lac d'un amoncellement capricieusement dentelé de montagnes de neige et de glace qui resplendissent au soleil, se distinguant mal des nuages cotonneux de l'arrière-plan.

Notre bateau est le *Coya*, long de 40 m environ, large de 8, haut sur l'eau ; c'est le meilleur, dit-on !, des deux qui existent sur le lac. Personnel sale et bruyant, capitaine mal élevé, nationalité péruvienne.

Eau du lac vert bleuâtre, très transparente. Nous suivons une direction de 75° S. E. [sud-est]. Pas de vent, l'eau est à peine ridée. L'air froid et sec gerce les lèvres et dessèche la gorge.

Vers une 1 h de l'après-midi, les îles dont nous n'apercevions ce matin que la silhouette des points culminants, sont maintenant devant nous, nous cachant presque toute la largeur du lac. Au N. E. [nord-est], la cordillère se rapproche ; de hauts sommets d'un blanc éclatant, à peine ombré par place [endroits] par des percées de rocher, perdent leur crête au milieu des nuages cotonneux qui s'élèvent peu à peu en arrière. Nous marchons très lentement, notre vapeur, large pour sa longueur, doit avoir mauvaise marche, encore retardée par une *alvarenga*⁸⁴ que nous levons en remorque. Je ne souffre déjà plus guère du *soroche* ; à peine une lourdeur dans la tête.

Vers 3 h ½, le lac se rétrécit beaucoup devant nous, puis ne nous offre plus qu'un passage de 200 m entre l'île de Titicaca et la côte. À partir de là, c'est un véritable défilé entre des [Fin du f° 73] îles et des pointes rocheuses de la côte escarpée où s'élèvent çà et là des ruines des anciens monuments élevés par les Incas. Maintenant, le massif de la Sorata s'étend devant nous, imposant, tranchant magnifiquement sur le ciel, maintenant d'un bleu pur. Au loin, un autre grand massif : le Huayna Potosí ou Hachacaca.

Nous n'arrivons au port que la nuit [qu'à la nuit]. Il fait très froid. À 8 h, nous allons nous coucher. La porte de notre cabine étant fermée, notre bougie s'éteint ; je répète l'expérience plusieurs fois, ouvrant et ferment la porte, le résultat est le même, la bougie ne se maintient allumé que quand la porte est ouverte, et ma femme qui tient à s'enfermer, je ne sais pas comment on ne meurt pas dans une atmosphère semblable.

Arrivée à Chililaya à 8 h ½. Nous jetons l'ancre à 1 km du port.

11 [septembre]. Débarquement à 8 h, le vapeur touchant au quai de bois qui s'avance d'une centaine de mètres dans le lac. Tous les bagages ont à passer par la douane. On ne nous

84 Mot portugais et espagnol, signifiant embarcation de charge et de décharge.

ennuie pas trop, mais encore perd-t-on là 2 heures. La voiture que nous avons demandée par télégramme envoyé d'Arequipa nous attend.

Nuée d'indiens aux *punchos* [ponchos] bariolés, aux visages vierges du contact de l'eau,⁸⁵ aux longs cheveux cachant les oreilles et coupés droits sur le cou, coiffés d'un plat à barbe⁸⁶ de feutre clair, se précipitant [à] 20 pour porter une valise.

Nous partons enfin, à 9 h 45. La route traverse un pays presque plat, des plaines semées de cailloux, des champs travaillés pour les semailles mais n'ayant maintenant aucune verdure, seulement d'innombrables tas de cailloux amoncelés par les pauvres cultivateurs pour laisser, dans leur intervalle, la terre à vue. Route poussiéreuse où le vent forme des trombes de sable rouge, couverte de grosses pierres qui font faire à la voiture des sauts épouvantables. Celle-ci est plutôt une caisse mal suspendue sur 4 roues, peu solides, que je crains à chaque [Fin du f° 74] instant de voir se détacher ou voler en éclats. Et ici [ici], on donne à cet appareil le nom de *tilbury* !⁸⁷

Nous croisons des troupeaux d'ânes chargés de bagages, accompagnés d'indiens soufflant dans de grossières flûtes de roseau. À 11 h 20, arrêt pour changer les 4 mules de notre voiture. À 2 h de l'après-midi, autre arrêt pour le déjeuner. Nous entrons dans une mesure en terre où l'on nous sert, ma foi, un assez bon déjeuner. À 4 h, nous arrivons sur le bord du plateau : tout à coup, dans le fond d'un gouffre, à nos pieds, apparaît la ville de La Paz.⁸⁸ Vue magnifique. Trou de 500 m, à parois presque à pic, dominé d'un côté par une énorme montagne couverte de neige, l'Illimani (6 470 m) ; on n'aperçoit que les toits plats et rouges, à 3 657 m. Nous descendons au galop par la route en lacet[s], entaillée dans la paroi même du gouffre. Après des sauts insensés, des plongements vertigineux à deux pas du précipice, nous arrivons dans la ville par un dédale de rues tortueuses et accidentées. Il faut nous tenir à deux mains pour ne pas être projetés de la voiture. Enfin, à 5 h ½, nous arrivons au Grand Hôtel Haura où nous descendons. Mr Bouillet [Bouillette]⁸⁹ et Mr Goguet⁹⁰ nous [y] attendent et nous reçoivent très aimablement.⁹¹ Nous sommes couverts de poussière, sales, éreintés, et nos bagages n'arriveront que demain soir ! Après un léger souper, nous

85 Sans doute l'auteur veut-il dire que leurs visages sont sales comme s'ils ne les lavaient jamais.

86 Désignation d'un chapeau en forme de plat à barbe (tel qu'utilisé à l'époque) renversé.

87 Le *tilbury* est un petit véhicule à deux roues et deux places, sans cabine, avec une capote, tiré par un seul animal. Il a été inventé au début du XIXe siècle.

88 Capitale administrative de la Bolivie.

89 Émile Bouillette est l'associé de la Maison Devès et C^{ie} [Compagnie] à La Paz.

90 Précédent gérant de l'exploitation de caoutchouc de la Maison Devès et C^{ie} [Compagnie] dans le Madidi.

91 Il est à noter qu'à partir de ce point, Le Cointe devient laconique et ne relate plus les entretiens avec les responsables de la société ou avec les notables locaux.

nous couchons assez fatigués et surtout gênés par le manque d'air. – Chambres meublées mais petites et sans lumière.

12 [septembre]. Pas de nouvelles des bagages. – Vie d'hôtel horrible. Froid – Soleil brûlant vers le milieu de la journée. N'importe quelle promenade en ville essouffle.

13 [septembre]. Pas de nouvelles des bagages. Promenade en ville éreintante : rues accidentées, pavés pointus, glissants dans des descentes presque à pic. À midi, il tombe un peu de grêle demi fondue.

14 [septembre]. Enfin, nos bagages sont arrivés et nous les faisons [Fin du f° 75] conduire à l'hôtel. Il manque ma grande malle de cuir où sont mes cartes. Et le télégraphe ne fonctionne pas pour Chililaya. Que sera-t-il encore arrivé ? Je reçois de Mr Devès 200 B [bolivars], pour mes frais de préparation de voyage. Presque toute la monnaie en ville est de papier ou de grosses pièces de ½ sol en argent. Il n'y a pas d'or ni de cuivre. La menue monnaie est de nickel. – Il grêle encore aujourd'hui.

15 [septembre]. Pas de nouvelles de ma malle. Nous soupçons chez Mr Bouillet [Bouillette] ; charmante famille. Mr Norden⁹² n'a pas de nouvelles de sa C^{ie} [Compagnie] et ne sait s'il partira avec nous. À midi, il grêle, puis il pleut.

16 [septembre]. Pluie toute la journée.

17 [septembre]. Ce matin, toutes les hauteurs environnantes apparaissent couvertes de neige qui disparaît à midi.

18 [septembre]. Belle journée, mais il fait froid dans les chambres, et dans ce sal [sale] pays on ne connaît aucun moyen de chauffage. Les maisons n'ont pas de cheminées.

19 [septembre]. Après avoir couru toute la journée, je déniche enfin ma malle. Pour éviter des complications, il faut que je rende ma valise de photo et le tout va passer de nouveau à la douane ! On nous renvoie d'un employé à l'autre, nous voyons l'administrateur et, finalement, il faut que cela passe par les mains de l'agent de la maison. Mr Goguet est parti ce matin pour l'Europe.

20 [septembre]. Courses inutiles pour avoir ma malle.

92 Représentant de Devès et C^{ie} [Compagnie] au Brésil et en Bolivie.

21 [septembre]. Enfin, [j'ai] reçu ma malle cet après-midi, sans même [Fin du f° 76] qu'on me l'ait faite ouvrir. Ce qu'ils voulaient, c'était un tas de petites paperasses. Tas de crétins !

22 [septembre]. Aujourd'hui, à 3 h de l'après-midi, arrivée de Monseigneur Gaspar, envoyé du pape. Il vient par Chililaya. Il arrive en voiture, suivi de deux douzaines de voitures horribles, sales et d'une foule de peuple où l'habit noir se frotte aux guenilles les plus variées et où domine la couleur rouge. Une centaine d'enfants couverts de haillons sales, bannière en tête aux couleurs nationales, représentent les écoles de la ville ; quelques pensionnats de sœurs et de curés, propres. D'une fenêtre on jette sur l'évêque des petits papiers de couleur, comme les confetti[s] du carnaval.

24 [septembre].⁹³ Préparation du voyage à Mapiri.⁹⁴

25 [septembre]. Préparation du voyage à Mapiri.

26 [septembre]. Préparation du voyage à Mapiri.

27 [septembre]. Préparation du voyage à Mapiri.

28 [septembre]. Préparation du voyage à Mapiri.

29 [septembre]. Préparation du voyage à Mapiri.

VIII. De La Paz à Mapiri

30 [septembre 1900]. Partis de la Paz à 9 h, en voiture, pendant qu'on achève de charger les bagages. – Bonne voiture et bonnes mules (du Président Pando).⁹⁵

À 10 h ¹/₄, arrivée au Alto. – Attendu là jusqu'à 11 h notre caravane. Un vent froid nous coupe la figure. À 11 h 10, nous partons tous du Alto. Route plane. Nous n'avons rien emporté [de] prêt pour le déjeuner et il nous faut serrer les ceintures ; nous marchons jusqu'à 5 h du soir sans arrêt. Ma femme qui monte pour la première fois est très fatiguée, malade. Nous nous arrêtons au *tambo* de Chipamayo.⁹⁶ C'est une hutte de terre de 2 m de côté, sur

93 Le Cointe n'écrit rien le 23 septembre.

94 Mapiri est une localité du département de La Paz, en Bolivie, située dans la province de Larecaja.

95 José Manuel Inocencio Pando Solares a été président de la Bolivie de 1899 à 1904.

96 Tambo (du quechua *Tanpu*) désignait une auberge construite au bord des principales routes incas, utilisée comme abri et comme lieu de stockage. Sur les routes incas, ces *tambos* étaient construits tous les 20 à 30 kilomètres (c'est-à-dire à un jour de marche les uns des autres).

2 m 10 de haut, où nous arrangeons nos 4 lits de camp. Lhérault⁹⁷ et sa femme, qui nous accompagnent, engagés comme cuisinier et femme de ménage pour le Madidi, nous sont fort utiles. Ils nous [Fin du f° 77] préparent à manger et arrivent à nous faire des lits presque présentables à force de housses de mules, couvertures, habits, etc. Mauvaise nuit, froide, dans cette pièce mal couverte.

1er octobre. Départ à 7 h ½. Ma femme va mieux et peut remonter à mule. Le jeune G. Bollati qui va aussi à Mapiri nous rejoint et va suivre le voyage avec nous. Belle journée.

Ma femme chante ; allons, tout ira bien, son énergie a repris le dessus. Nous croisons des indiens qui labourent leurs champs avec un grand crochet de bois tiré par 2 bœufs. D'autres conduisent des troupeaux d'ânes à long poils ou de llamas [lamas] élégants, jouant de la flûte de roseau. – À midi, arrivée à la *posada* [auberge] de Copancara, bonne taberne [taverne] assortie ; bon déjeuner. Nous repartons à 1 h ½. Beaucoup de bétail sur les bords du lac de Titicaca que nous longeons. À 2 h 45, nous arrivons à Huarina et nous allons loger chez la sœur de l'hôtelier de Copancara. Nous avons, cette fois, une chambre assez bonne et sèche, fermant bien. On trouve de la viande, du lait, des œufs, du vin, de la bière. Maroca⁹⁸ n'est pas très bien, très fatiguée, mais mieux en comparaison d'hier. Le soir, Lhéraut et Bollati vont chasser sur les bords du lac et tuent 5 oiseaux qui, demain, nous feront un excellent rôti. – Rives du lac marécageuses – *balsas*⁹⁹ en paille tressée. Huarina est déjà un village.

2 [octobre]. Nous avons bien passé la nuit. Départ à 8 h ; vent terrible, froid qui coupe la figure et soulève des nuages de sable qui remplit les yeux et la bouche. Chemin ondulé, nous nous élevons jusqu'à 3 920 m, bonne route mais temps pénible. Fatigués, gelés, ennuyés, nous arrivons à midi à Hachacacha [Achacachi]. Petite ville, place avec jet d'eau. – Mauvais peuple, voleur et assassin. Nous avons, à la *posada* de S. [San] Pedro, de grandes chambres où je fais installer presque un vrai lit pour ma femme. Les murs sont crevassés et avaient été couverts de papier qui tombe en lambeaux mais, au moins, ici [ici] on trouve [Fin du f° 78] à manger à peu près ce qu'on veut. L'après-midi, le curé, un charmant homme, vient nous visiter [nous rendre visite]. Le vent tombe ; nous nous reposons bien.

3 [octobre]. Départ à 7 h ½. Traversée de la plaine basse laissée à sec maintenant par le lac Titicaca, puis commencement de la montée pour franchir la 1^{ère} cordillère. Bonne route. Cá [Ici] et là, des groupes d'indiens adossés à de petits murs de pierres entassées,

97 Auguste Lhérault est un charcutier français, né à Charente le 9 août 1863, employé par le Comptoir Devès, dans le Madidi, en novembre 1900. Il est possible que son épouse ne soit pas française, ce qui expliquerait qu'on n'en trouve pas mention dans la liste des Français immatriculés au consulat de France à La Paz, établis dans la région du Beni. (Source : Archives diplomatiques de Nantes, ambassade de France à La Paz, côte : 341PO/1).

98 Surnom affectueux donné par Le Cointe à Maria Correa Pinto, son épouse.

99 Mot portugais qui désigne des embarcations. Les traditionnelles *balsas* de roseaux tressés du lac Titicaca sont devenues célèbres.

fabriquent des flûtes de roseau. J'en achète deux pour 20 *centavos* [centimes]. Un peu de pluie, puis de la grêle, mais bientôt reparaît le soleil. Sans difficulté, on arrive en haut du col à 4 360 m. Puis commence la descente. Bientôt, celle-ci s'accroît et le chemin se rétrécit. Ce n'est plus qu'un bon chemin de mulet, la plupart du temps entaillé dans le flanc presque à pic de la montagne. La vallée du haut Mapiri apparaît profonde, encaissée. Au loin, en bas, accrochée à mi-hauteur, la petite ville d'Illabaya [Ilabaya]. Au[-]dessus de nous, à dr. [droite], splendide, éclatant de neige, l'Illampu nous domine de sa masse imposante. De la calotte de glaces partent des filets argentés qui sillonnent le rocher noir. Ce sont des torrents qui vont se perdre à la base, dans de profonds ravins où leur réunion, peu à peu, forme les bras du *rio* Mapiri. – Nous passons au[-]dessus d'Illabaya [Ilabaya], puis tournant brusquement à droite, pénétrant par une coupure de la montagne, comme une porte, le col de Carapatá ; nous découvrons tout à coup la vallée de Sorata, profonde et étroite. Sorata apparaît bientôt de l'autre côté, sur un ressaut de rocher, presque au fond. La descente est encore plus rapide, le chemin fait de nombreux lacets, creusé souvent dans le roc à pic, dominant l'abîme. La végétation augmente, la température est douce déjà. Enfin, à 4 h, franchissant sur un petit pont de pierre, le Mapiri qui gronde au milieu des rochers éboulés, une rapide et courte montée nous conduit à la petite mais riante ville de Sorata, à 2 665 m. Suivant une rue étroite, au pavé glissant, nous sommes bientôt à la porte de la maison Perez. Le gérant, Mr Frick, pour qui j'ai des lettres de recommandation, nous reçoit à bras ouverts. Sa femme et sa fille, qui reviennent bientôt de la promenade, nous [Fin du f° 79] font aussi le plus charmant et le plus franc accueil. Un bon souper, aiguillé de gaieté, nous reconforte. Ensuite, une promenade dans le petit jardin qui orne la place publique et, à 9 h, un bon lit achève de nous reposer du voyage fatiguant de la journée.

4 [octobre]. Journée de repos. L'après-midi, ma femme va avec la famille Perez prendre un bain à la rivière et goûter ensuite sur l'herbe. Elle me rapporte un bouquet de violettes sauvages.

La place publique est bien ajardinée¹⁰⁰ – fleurs d'Europe de toutes espèces, splendides roses, et au milieu des carrés, légumes de toutes sortes : choux, oignons, laitue, petits pois etc.

5 [octobre]. Le matin, il pleut à verse et l'on ne voit pas à 50 pas devant soi à cause du brouillard qui remplit la vallée. Force, nous est d'attendre. À midi, j'envoie les bagages en avant. Ils nous attendront à 3 lieues d'ici [ici], à un endroit où il y a de l'herbe pour les mulets. La pluie continue jusqu'à 5 h du soir. À 8 h, je reçois un télégramme de Mr Bouillet [Bouillette], souhaitant bon voyage et disant que Mr Norden ne sait pas encore quand il pourra partir.

100 Voir plus haut.

6 [octobre]. Partis à 7 h 45 par brouillard épais. Montée rapide en zigzag.¹⁰¹ Par moments, nous passons par[-]dessus du brouillard ; la vallée à nos pieds est ensevelie dans la nuée cotonneuse. Puis, nous pénétrons dans d'autres nuages mais, ni vent, ni pluie ; on ne peut donc guère se plaindre, sinon de ce qu'on ne peut apprécier le splendide panorama qui doit se dérouler à nos pieds.

À 11 h, nous sommes à 4 015 m. Après avoir suivi à la même hauteur durant quelque temps, nous remontons encore par des tranchées ouvertes dans le rocher, par un chemin transformé en véritable escalier glissant au bord de précipices à pic ; à 12 h $\frac{1}{4}$, nous sommes à 4 150 m dans un replis de terrain, au pied de la 2^{ème} cordillère. C'est là que sont nos gens. Il est trop tard pour suivre jusqu'à Engenho aujourd'hui ; nous nous décidons à passer [Fin du f° 80] içi [ici] la nuit. Avec les bagages je fais faire des murs sur lesquels on jette une corde, par[-]dessus le tout, notre grande tente fixée au sol par des piquets en bois ou en os d'animaux morts ici, car le bois est rare. En $\frac{1}{2}$ heure, tout est prêt, nos lits armés. Je tire une photo. La gaieté règne, la vue de notre maison a mis tout le monde de bonne humeur. À 2 h $\frac{1}{4}$, profitant d'une rapide éclaircie, je tire une autre photo. Il me faut courir pour arriver [au] pt [point] d'où la vue est bonne, je suis hors d'haleine au bout de 20 pas. Vite, je tire la photo, le brouillard vient de la vallée avec la vitesse d'un cheval au galop ; une minute après avoir pressé le bouton, tout est de nouveau enveloppé d'un nuage cotonneux ; on ne voit plus à dix pas. Ce brouillard, d'ailleurs, nous tient chaud.

Par place[s] [endroits], sur les rochers, s'accroche une tache de neige éclatante. Un ruisseau se précipite en grondant à dix pas de la tente. Pour le feu, il faut aller chercher du bois assez loin, en bas, où les broussailles sèches abondent. Souper gai. Notre tente a un curieux aspect avec nos 4 lits de camp ; le jeune italien dort à terre, sur les manteaux de cheval. Toutes les couvertures sont soigneusement fermées avec des caisses, des harnais, des moustiquaires.

7 [octobre]. Au commencement de la nuit, il faisait assez bon sous notre tente, le brouillard formait [un] manteau autour de nous ; mais, à partir de minuit, le temps s'étant éclairci, la lune éclaire magnifiquement, mais aussi le froid augmente au point de nous faire passer assez mal le reste de la nuit.

À 5 h $\frac{1}{2}$, il fait jour. Nous nous levons, les pieds gelés. Dehors, il gèle dur. Il y a longtemps que je n'avais ressenti un pareil froid. Les doigts s'engourdissent douloureusement à plier les toiles humides de la tente. Nous partons à 7 h $\frac{1}{2}$. Montée très dure. Les mules sont obligées de s'arrêter tous les 30 pas à cause du *soroche*. À 8 h 35, nous sommes en haut

101 L'auteur écrit parfois zigzac (comme ici), parfois zigzag. Nous transcrivons systématiquement en zigzag.

d'une première côte à 4 555 m. Puis, nous redescendons dans une petite vallée, au fond de laquelle la source d'une rivière forme un petit lac aux eaux bleu foncé, et nous [Fin du f° 81] remontons aussitôt la dernière crête de la cordillère par une montée très dure. À dr. [droite] s'élève, majestueuse, couvert[e] de neige éclatante, la cime du mont Tipuani. À 10 h ½, nous sommes au point culminant du col, à 4 856 m. Cà [Ici] et là, des plaques de neige. De là, commence la descente, d'abord douce, puis par un véritable escalier de pierre[s], côtoyant un torrent sur la rive droite. Les mules glissent à chaque pas. Il faut aller très doucement sur ces dalles inclinées. Peu à peu, la vallée s'est resserrée et n'est plus qu'une gorge étroite et profonde où le chemin côtoie le torrent qu'il traverse sur un pont fait de 2 grandes pierres plates jetées à la tête de 2 rochers. À 2 h, nous sommes à Engenho, ancienne mine d'or, à 3 587 m. – Groupe de maisons d'indiens, faites de pierres sèches. Au milieu, s'élève la maison de l'administrateur, à 1 étage, couverte de zinc. Le propriétaire, trompé dans ses espérances, s'est brûlé la cervelle il y a 2 ans. Cependant, il y a de l'or dans la rivière. Une indienne vient nous offrir quelques pépites. Nous avons ici [ici] un bon logement : 2 chambres avec plancher au 1^{er} [étage]. Nous dormons mieux que la nuit passée.

8 [octobre]. Nous partons à 7 h ½, suivant d'abord l'*ig.* [*igarapé* : cours d'eau] de l'Engenho, à vue des travaux de l'ancienne mine d'or, puis remontant l'étroite vallée d'un affluent. L'eau de ce ruisseau est très ferrugineuse, les pierres sont toutes couvertes d'une couche de rouille rouge vif. Traversant ce torrent, nous grimpons le flanc de la montagne, montant, descendant. À 9 h 50, on passe le col à 3 900 m. De là, descente rapide en spirale, véritable escalier. La pluie nous prend et dure tout le reste de la journée par intervalles. Suite de montées et descentes entre 3 650 m et 3 850 m. À 10 h ½, déjeuner au bord d'un ruisseau ferrugineux. À 10 h 45, départ. Le brouillard nous enveloppe. Nous arrivons au grand Tornillo, à 3 860 m. Descente à pic du précipice par un chemin en zigzag et taillé dans la roche, dalles [Fin du f° 82] glissantes, fortement inclinées. Il faut aller à pic pour éviter une chute terrible. Même ainsi, la descente n'est pas facile. Je ne sais comme[nt] les mules peuvent se tenir avec leur charge. Les pauvres bêtes se laissent glisser peu à peu, presque assises. À 11 h 45, nous sommes en bas de ce mauvais passage, à 3 750 m. Alternatives [Alternances] de montées et descentes. Chemin généralement très mauvais, dalles glissantes. Nombreux torrents coupant le chemin et que l'on traverse. À certains endroits, véritable[s] coupures presque à pic où les animaux glissent. Cà [Ici] et là, dans des sites impossibles, des pierres plates juxtaposées couvrant un espace de 2 mq. [*metros quadrados* : mètres carrés] indiquent un lit d'indien !

Le chemin suit ensuite la crête de la montagne, de 5 à 6 m de largeur, précipice de chaque côté, puis montée de nouveau. À 3 h, à 3 910 m ; à 3 h 45, à 3 940 m, descente en zigzag très forte ; à 4 h ½, à 3 700 m. Enfin, à 5 h ½, trempés, fatigués, poussant les mules par

les cordes, nous arrivons à Tolapampa [Tola Pampa], à 3 515 m. C'est une maison de pierres sèches, sans portes, construite pour les voyageurs.

Difficulté pour allumer du feu avec qqs [quelques] bois verts qu'on trouve là. Grand nettoyage des ordures accumulées. Nous bouchons les portes avec des malles et des *punchos* [ponchos] mouillés et nous nous enfumons consciencieusement pour faire de la soupe. À 6 h $\frac{1}{2}$, la lune apparaît dans un reste de brouillard qui éteint ses rayons, entre 2 montagnes qui forment un V. Elle est énorme et rouge, splendide entre les 2 masses sombres qui se dessinent vaguement.

9 [octobre]. Nous avons passé une bonne nuit, un peu enfumés, mais enfin préservés de la brise, tous les vêtements, *punchos* [ponchos], pendus à des couteaux enfilés dans l'interstice des pierres de la muraille font ressembler notre chambre à un magasin de fripier. À 6 h, nous sommes debout. Belle journée, temps clair par extraordinaire, paraît-il, dans cet endroit. À 8 h moins [le] $\frac{1}{4}$, nous partons : montées, descentes alternatives [alternées] continuent. Même ainsi, nous gagnons rapidement la région où commence la végétation. Elle est encore bien rabougrie, mais c'est plus gai et puis ; il paraît qu'une chute serait déjà moins dangereuse, on aurait peut-être la chance [Fin du f° 83] de pouvoir se raccrocher mieux que sur la roche nue. À 11 h $\frac{1}{4}$, nous sommes à 2 650 m, nous déjeunons. À midi, montée jusqu'à 2 700 m. Suivant toujours les crêtes étroites, vallées profondes de chaque côté. Descentes énormes en zigzag mais pas périlleuses, le chemin se trouvant presque toujours un peu encaissé à cause des eaux qui l'ont raviné. Beaucoup de fougères, orchidées et mousses couvrent les arbres. À 1 h $\frac{3}{4}$, en haut, à 2 689 m : grande descente fatigante (de l'Amargura), mauvais passage nous obligeant de mettre pied à terre pour éviter des glissades dangereuses. Belle vue, l'air est clair sous les nuages qui roulent sur nos têtes. On aperçoit au loin la vallée du Mapiri, limitée de l'autre côté par de hautes montagnes. Devant nous, la crête continue en dos d'âne, entre la vallée du Coriaguira à droite et la vallée du Pauchinto [Pauchinta] à g. [gauche], indiquée par la ligne claire du chemin qui la suit toujours dans tous ses lacets, ses hauts et ses bas. Le chemin coupe des bois de plus en plus touffus et élevés. À 3 h $\frac{1}{4}$, en bas, à 1 985 m ; puis montée de nouveau ; à 4 h, à 2 125 m – alternative [alternance] de montées et descentes. – Le chemin est déjà assez bon. À 5 h $\frac{1}{4}$, passage à Pararani. On paie 20 *centavos* [centimes] pour chaque mule de passage pour l'entretien du chemin. Nous trouvons là qqs [quelques] oranges. Enfin, à 6 h, nous arrivons à Canteria [Cantería], à 1 465 m. C'est une simple baraque où il n'y a rien à acheter, ni fruits, ni œufs. L'eau même est loin et nous mourons de soif. Nous payons un indien pour aller en chercher dans la vallée. Au bout d'une $\frac{1}{2}$ heure, il en apporte un peu, sale.

Enfin, on peut faire la soupe. La température est douce. La baraque est bien couverte, ouverte aux 4 vents ; ma femme accroche son hamac, moi je dors dehors sur mon lit de camp. Nous sommes ici [ici] presque chez nous ! Vive le soleil et la verdure !

La journée a été longue, dure, mais le temps splendide pour le voyage : ni soleil, ni pluie. Ce chemin est mal compris [mal conçu], suivant toujours les crêtes de manière que les montées et descentes se succèdent sans cesse et que l'on ne rencontre jamais d'eau. – La [Fin du f° 84] nuit, l'orage gronde au loin, mais nous sommes à l'abri.

10 [octobre]. Passé une bonne nuit. Le matin, pour attendre du fourrage et de l'eau, il faut rester 2 heures. Départ à 9 h ½ – montée, à 10 h nous sommes à 1 540 m : à 10 h ½, en bas à 1 435 m. Puis 3 ondulations de la crête étroite que nous suivons tj. [toujours]. – À 11 h moins dix,¹⁰² en bas de la 2^{ème}, à 1 340 m, il y a une mare pour faire boire nos mules qui tirent la langue. En haut de la 3^{ème}, à 11 h 05 à 1 325 m, en haut de la 4^{ème}, à 11 h 20, à 1 365 m. En haut de la 5^{ème}, à 11 h 25 à 1 365 m – descente, en bas à 11 h 30, à 1 345 m.¹⁰³ Dépôt d'eau de pluie pour les animaux. Départ à 12 h 15. À 12 h 25, en haut à 1 390 m, à 1 h en bas à 1 155 m. À 1 h 40, S. [San] José en haut à 1 290 m – arrêt dans une bonne maisonnette où l'on nous reçoit avec la plus cordiale hospitalité et où nous buvons une délicieuse limonade. Départ à 2 h ½, descente, puis à 3 h à une croix, en haut, à 1 295 m, la crête se divise : 2 chemins, à dr. [droite] S. [San] Antonio, à gauche, Bella Vista, Copacabana et Mapiri. Nous voulons passer par S. [San] Antonio. Nous prenons à droite. Descente, puis le chemin tourne à gauche, monte et se réunit au 1^{er} en haut, à 3 h ¼, à 1 305 m. Nous nous sommes donc trompés.

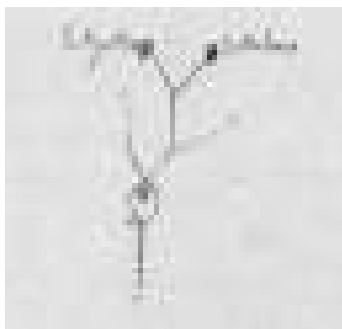
Là, il y a un petit cimetière, le chemin bifurque de nouveau. Nous prenons à droite. – Montée en haut à 3 h 25, à 1 320 m, l'orage gronde des deux côtés, mais à peine si quelques gouttes d'eau nous atteignent. Nouvelle bifurcation. Nous allons à gauche ; montée, puis descente.

À 3 h 45, en haut d'une côte à 1 325 m. À 3 h 50, en bas, à 1 245 m, plat, puis descente ; à 4 h 05, à 1 225 m, division du chemin. Nous prenons à g. [gauche], il commence à y avoir des palmiers à paille. Arrivée à S. [San] Augustine à 5 h ¼. Notre guide, le jeune Bolati [Bollati], s'est trompé, nous avons manqué le chemin de S. [San] Antonio. Ici [Ici], il y a une grande maison, de vastes magasins bien construits en planches ; une grande plantation de cafetiers [caféiers] chargés de café, mais personne. Tout est abandonné, à cause du peu de valeur du café, paraît-il, avec la difficulté des transports.

102 Ecriture en toutes lettres, inhabituelle jusqu'ici (en outre, le x de dix est remplacé par un z).

103 Le texte n'est pas clair sur ces sinuosités. Le Cointe mentionne qu'il y en avait trois, mais en énumère cinq.

Nous retournons sur nos pas jusqu'à Bella Vista. De là[-bas], j'emmène un jeune garçon pour nous servir de guide. Nous [Fin du f° 85] repartons de nuit. C'est à la dernière bifurcation que nous nous sommes trompés. Il faut prendre à droite. Nous voyageons par nuit noire, nous fiant à l'instinct de nos mules dont nous ne voyons même pas les oreilles, pour ne pas être précipités dans quelque abîme. À 7 h 45 nous arrivons à S. [San] Antonio, à 1 095 m.



Bonne réception de Mr Smidt et de Da. [Dona] Christina.¹⁰⁴ Bon souper, lit, etc. Belle Hacienda¹⁰⁵ : caoutchouc et quinquina (plus de 2 millions d'arbres de quina).

11 [octobre]. Départ à 11 h 45. En haut, à 12 h 10 à 1 225 m. Vue à gauche sur la vallée du Mapiri qui court entre des collines, presque sec, laissant son lit à découvert, formé de gros galets. À 12 h ¼, descente. À 12 h 35 en bas à 1 135 m. Ensuite, descente en zigzag rapide jusqu'à 700 m. Arrivée à Mapiri à 2 h, à 550 m.

Place entourée de 10 maisons de bambous couvertes de paille, à 20 m au[-]dessus du niveau de la rivière.

Mr Carvajal, notre agent, nous reçoit aimablement, il a déjà retenu une petite maison à 2 pièces pour nous. L'embarcation aussi est prête. Nous partirons demain ; c'est une chance extraordinaire. C'est [Cette] embarcation est un radeau ou *callapó* composé de 3 *balsas* [petits radeaux]. Pour comble nous avons, paraît-il, les meilleurs balsistes [pilotes].¹⁰⁶

Je rencontre ici [ici] Mr Hernandez de Reyes, très aimable ; il me donne une lettre pour son gérant à Rurrenabaque.¹⁰⁷ On passe gaiement la journée, bien gratifiés puisque le voyage s'est fait sans encombre. J'en profite pour envoyer à Mr Bouillet [Bouillette] des orchidées que j'ai récoltées en chemin.

104 *Dona* est une marque de déférence pour désigner les femmes mariées dont les maris ont un statut social élevé (par exemple, un propriétaire d'*hacienda*).

105 Exploitation agricole.

106 Francisation du mot portugais *balsista* qui désigne le pilote d'une *balsa*.

107 Rurrenabaque est une ville du nord de la Bolivie située sur les abords de la rivière Beni.

J'engage provisoirement pour trois mois le jeune Bolati [Bollati] qui voyage avec nous depuis La Paz. Je pense qu'il pourra servir à quelque chose au Madidi.

Le soir, nous allons prendre un bain magnifique dans le Mapiri. La température est très élevée déjà ici [ici]. Il paraît que l'endroit est très mal réputé pour ses fièvres. [Fin du f° 86].

IX. De Mapiri à Rurrenabaque

12 [octobre 1900]. Passé une bonne nuit dans mon hamac que j'ai pu accrocher pour la 1^{ère} fois depuis des mois. – Dès le matin, on prépare l'embarcation. Celle-ci est un radeau vulgaire auquel on donne le nom de *callapó*. Il est formé de la réunion de trois autres petits radeaux nommés bales.¹⁰⁸ Chaque balse [petit radeau] se compose de 7 morceaux de bois ronds, taillés en biais à la proue, légèrement relevée et traversés par des morceaux de palmiers *pupunheiro*¹⁰⁹ qui les relient les uns aux autres ; le tout peut avoir de 5 à 6 m de long sur 1 m 50 de large, ce qui donne au *callapó* une largeur de 4 m 50 sur 5 à 6 m de long. Le bois des bales [petits radeaux] est *l'invira* [*envira*] ;¹¹⁰ chaque tronc a environ 20 cm de diamètre. Un *callapó* lève 2 555 livres de charge (100 arrobes). Les *callapós* sont laissés au gré du courant dans lequel les balsistes [pilotes] cherchent à peine à les retenir au moyen de rames primitives à pelle longue de 60-70 cm, large de 20 cm, et au long manche de 1 m 50, sans poignée et grossièrement taillées.

Le port est à 35 m au-dessous de la ville. Grande plage de galets.

Nos balsistes [pilotes] sont vêtus d'un pantalon de toile blanche et d'une espèce de chemise à manches courtes et larges, au col en forme de col de *puncho* [poncho], rouges, avec des dessins blancs et bleus brodés autour de l'encolure.

Pour remonter de Guanay à Mapiri il faut, paraît-il, 3 jours ½ et 10-12 jours de Rurrenabaque à Guanay.

Nous partons à 1 h de l'après-midi. La rivière est très basse. Nous sommes nombreux sur notre radeau : 5 passagers, 7 matelots et 2 chiens ; je relève le cours de la rivière :¹¹¹

108 Francisation du mot portugais *balsa* qui désigne ici un petit radeau, non pas en paille de roseaux comme dans la région du lac Titicaca, mais en rondins de bois.

109 Palmier *Bactris gasipaes* Kunth, originaire d'Amazonie.

110 Nom commun et générique des plantes de la famille des Anonaceas.

111 À partir de ce point, Le Cointe prend des notes qui lui permettraient, postérieurement, de dessiner une carte de la rivière Mapiri. Il relève ainsi la direction du cours d'eau, l'extension de chaque portion de rivière parcourue, la localisation des îles et des rapides, ainsi que certaines saillances environnementales. Dans sa prise de notes, le « m » est l'abréviation de « milles [nautiques] ».



40° – NE – 350 m [milles]

10° – NO – 50 m pt. [point] = A. largeur 15-20 m

10° – NE – 35 m

Nort [Nord] – 25 m hauteurs boisées de chaque côté, à chaque tournant, en dedans, plage de gros galets et rapides.

35° – NO – 50 m

35° – NE – 50 m

560 [m]

Les arbres des rives sont couverts d'orchidées.

[Fin du f° 87]

R. [Report] 560 [m]

65° – NE – 50 m

60° – SE – 100 m

85° – NE – 120 m

60° – NE – 80 m

75° – NE – 85 m

75° – SE – 120 m

80° – SE – 60 m

30° – NE – 30 m

50° – NE – 60 m

75° – NE – 65 m

rapide

50° – SE – 85 m

Sul [Sud] – 55 m

1 470 [m]

R. [Report] 1 470 [m]

35° – SE – 40 m

65° – SE – 95 m

52° – SE – 60 m

rapide

70° – SE – 250 m

80° – SE – 120 m

65° – SE – 80 m

rapide

80° – SE – 40 m

Est – 180 m

rapide

75° – NE – 100 m

Est – 60 m

petite île et rapide

2 495 [m]

R. [Report] 2 495 [m]

50° – SE – 150 m

rapide

85° – SE – 80 m

rapide

60° – SE – 95 m

45° – SE – 40 m

rapide

75° – SE – 30 m
Est – 40 m lit plus resserré
75° – NE – 100 m collines élevées de 250 m
85° – NE – 70 m
70° – SE – 80 m rapide fort
50° – SE – 120 m
10° – SE – 60 m Montagne à pic à droite
40° – NE – 120 m rivière encaissée
rapide fort
20° – SE – 100 m
Rapide fort, très peu d'eau. Nos matelots sont saouls.

3 580 [m]

[Fin du f° 88]

R. [Report] 3 580 [m]

L'un d'eux se laisse tomber à l'eau ; heureusement que même dans cet état il nage comme un poisson. Il en est quitte pour perdre son chapeau ; c'est le deuxième depuis le départ.

20° – SO – 100 m
Sud – 50 m
rapide – les bois de la *jangada*¹¹² raclent les pierres et ondulent sous nos pieds.
70° – NE – 60 m Rivière encaissée entre hautes collines presque à pic.
30° – NE – 85 m
Est – 150 m
35° – SE – 40 m
rapide très fort sur rochers, passage étroit
Sud – 50 m
40° – SE – 70 m
rapide

112 Embarcation à voile typique du Nordeste brésilien. Peut également désigner un radeau de rivière.

60° – SE – 85 m

rapide

Sud – 80 m

60° – SO – 90 m

rapide

Sud – 30 m

35° – SE – 100 m

70° – SE – 60 m

À la fin, à droite, petite rivière.

70° – NE rapide fort – 40 m

À la fin du rapide, on dirait que le *callapó* va battre contre la muraille de rochers mais, à 1 m de ceux-ci, il plonge de 50 cm du côté gauche, se redresse, et file dans le courant.

55° – SE – 50 m

rapide

60° – NE – 100 m

À la fin, rapide.

Nort [Nord] – 125 m

4 940 [m]

[Fin du f° 89]

Photo 76. Absente du carnet¹¹³

R. [Report] 4 940 [m]

À la fin, rapide et passage étroit, courant violent. Entre 2 eaux, nous passons parfaitement ; en 2 secondes, nous avons franchi le rocher.

50° – NE – 80 m

70° – SE – 100 m

Sud – 150 m

113 La dernière photo mentionnée par Le Coite était la numéro 40. Il y a donc un saut inexpliqué jusqu'à cette photo-ci, portant le numéro 76.

À la fin, rapide fort.

55° – SE – 100 m

75° – SE – 120 m

À la fin, passage très étroit, très fort rapide ; court plongeon, choc contre les rochers, un cri, tout est passé. Résultat : 2 enfants tombés tout du long sur le bois de la *balsa*, rien de perdu.

50° – SE – 120 m

40° – SE – 50 m

À la fin, fort rapide, l'eau monte de 50 cm sur le plancher [Fin du f° 90] des bales [petits radeaux].

5 660 [m]

R. [Report] 5 660 [m]

80° – SE – 50 m

À la fin, on va droit à la paroi de rocher, à droite. Plan incliné, les matelots se couchent le long des bales [petits radeaux] pour faire force de rames. On passe sans encombre, sautant les galets.

10° – NE – 50 m

À la fin, autre rapide ; tournant brusque. On dirait que le *callapó* se démantibule en frôlant les pierres.

70° – SE – 140 m

Au milieu, à droite on s'arrête pour la nuit. Il est 5 h ¹/₄. Je fais une baraque en bambous, couverts de notre tente. Nous armons les mousquitaires [moustiquaires] et les hamacs.

13 [octobre]. Bonne nuit. À 5 h ¹/₄, le matin, nous sommes réveillés par un orage accompagné d'une forte pluie. Tous courent à notre baraque. Il pleut à verse, l'eau tombe bien, gouttes à gouttes ici [ici],¹¹⁴ mais enfin c'est peu de chose. À 7 h, la pluie cesse.

Départ à 7 h 20. Rapide – 70° – NE – 80 m

40° – NE – 50 m

À la fin, rapide fort de [sur la rivière] Atin.

114 C'est-à-dire sous la tente de fortune.

L'année passée, un *balsista* [pilote] du nom de Villeneuve s'y est noyé. L'accident est arrivé par grandes eaux, le *callapó* s'étant retourné dans un remous. Nous passons sans encombre, l'eau couvrant le *callapó* et nous mouillant jusqu'aux genoux.

Confluent à g. [gauche] du *rio* Atin, qui a beaucoup d'eau.

40° – SE – 100 m À la fin, rapide, collines élevées.

50° – NE – 120 m À la fin, rapide, collines élevées.

40° – SE – 180 m

10° – SO – 160 m Au milieu, rapide.

30° – SO – 80 m

Sud – 50 m Rapide

Est – 30 m À la fin, baie, à droite.

40° – NE – 30 m Rapide fort, petite île au milieu.

Est – 150 m Rapide fort, petite île au milieu.

Sud – 150 m À la fin, rapide du [sur la rivière] Selinabará.

7 080 [m]

[Fin du f° 91]

R. [Report] 7 080 [m]

Nous croisons 3 bales [petits radeaux] qui passent en montant le rapide. Les bales [petits radeaux] sont tirées à corde, dans l'eau jusqu'à la ceinture. Rapide long et fort.

40° – SO – 250 m À la fin, rapide.

70° – NO – 250 m

Au milieu très fort rapide, mais en ligne droite.

20° – SO – 40 m

20° – SE – 160 m Au milieu, à droite, petit *igar*. [*igarapé* : cours d'eau].

65° – SO – 100 m

Ouest – 125 m Au milieu, rapide.

30° – SO – 100 m À la fin, rapide.

80° – NO – 100 m

70° – SO – 200 m À la fin, rapide au tournant, et affluent à droite.

70° – SE – 200 m

Le lit de la rivière s'élargit de 20 à 30 m et même 40 m.

80° – NE – 200 m Rencontrons 2 bales [petits radeaux] montantes.

30° – NE – 120 m

À dr. [droite], grds [grands] rochers de 15 m de hauteur, complètement couverts de nids de guêpes. – Guillaume improvise un drapeau avec des ceintures de coton de couleur et une grande perche et le plante au milieu du *callapó*.

40° – SE – 100 m Croisé autre balse [petit radeau] remorquée à la corde.

15° – SO – 150 m À la fin, rapide.

15° – SE – 150 m

10° – SO – 180 m À la fin, rapide.

60° – SE – 120 m

Est – 80 m Affluent à dr. [droite] – rapide à la fin.

Nort [nord] – 100 m

Rapide

80° – NE – 200 m

50° – NE – 200 m À la fin, rapide.

10 205 [m]

[Fin du f° 92]

R. [Report] 10 205 [m]

Nort [nord] – 50 m

40° – NE – 60 m

85° – NE – 600 m Au milieu, rapide.

À la fin, au tournant, grands rochers de chaque côté.

40° – NO – 90 m À la fin, rapide.

15° – NO – 40 m

20° – NE – 100 m À la fin, rapide et à dr. [droite] grande plage de grosses pierres roulées.

50° – SE – 100 m À la fin, forts rapides, vagues élevées.

70° – SE – 80 m

40° – NE – 120 m

70° – NE – 250 m

70° – SE – 110 m

20° – SE – 100 m

20° – SO – 100 m

À droite, la colline riveraine, boisée, de 250 m de haut, a été ravagée par un véritable cyclone, les arbres sont pendus les uns aux autres, les racines en l'air.

À la fin, rapide.

40° – SE – 150 m

À la fin, chute en plan incliné (1 m 50) ; il est [c'est] le rapide de Guercane. Nous passons à quai par les galets de la plage parce que je veux tirer une photographie. Le *callapó* passe sans incident.

20° – SO – 70 m

40° – SO – 100 m

Sud – 150 m

30° – SE – 100 m

À la fin, au tournant fort rapide de Atchiquira, passage étroit entre plages de grosses pierres. Beaucoup de vagues. 70 m de long.

Est – 100 m

Nort [nord] – 120 m À la fin, rapide.

12 775 [m]

[Fin du f° 93]

Photo 77. Absente du carnet

R. [Report] 12 775 [m]

80° – NE – 150 m

60° – SE – 250 m Au milieu, rapide, très fort, grand plan incliné. Nous filons comme une flèche, les vagues couvrent les jambes.

Est – 180 m

40° – SE – 150 m

30° – SE – 120 m Maison à droite : Calaponte ; à la fin, rapide.

65° – SE – 150 m

Est – 250 m À la fin, rapide, long de 80 m et, à gauche, *casa* [maison].

Sud – 60 m

Ouest – 80 m Au milieu, rapide fort, tournant difficile.

10° – SO – 100 m Suite de rapides.

Une *jakiranamboia*¹¹⁵ tombe sur la balse [petit radeau], les indiens la touchent sans crainte et ne lui connaissent aucun nom.

14 265 [m]

[Fin du f° 94]

Photo 78. Absente du carnet

R. [Report] 14 265 [m]

60° – SE – 350 m Larg. [largeur] 35 m ; au milieu, à g. [gauche], Carura (*casa* [maison]). À la fin, grd. [grand] rapide.

Sud – 180 m

Au commencement, rapide court mais fort, les vagues me recouvrent, mon carnet sur mes genoux. À la fin, au tournant, rencontré une balse [petit radeau] qui monte. À la fin au tournant, à dr. [droite], *casa* [maison].

40° – SE – 130 m

80° – SE – 280 m La vallée est déjà plus large.

75° – NE – 400 m

115 Insecte hémiptère inoffensif, du genre *Fulgora*, ressemblant à un grand papillon à la tête proéminente. Il est également connu sous les noms communs *cobra-voadora*, *jequiranaboia* ou *jequitiranaboia*.

À 100 m de la fin, à droite, 3 *casas* [maisons] – canne à sucre, 2 bales [petits radeaux] dans le port, c'est le village de Culebre. À la fin, rapide et *casa* [maison] à dr. [droite].

45° – SE – 200 m Au commencement, 2 *casas* [maisons] à dr. [droite].

50° – SO – 225 m

Au commencement, rapide et *casa* [maison] à dr. [droite]. – 2^{ème} moitié : rapides, *igarapé* [cours d'eau] à g. [gauche]. À la fin, rencontré 4 *balsas* [petits radeaux]. İçi [Ici], il y a une croix ; c'est la tombe d'un noir qui s'est noyé un peu au-dessus.

30° – SE – 120 m

55° – SE – 420 m Au milieu, rapide.

75° – SE – 200 m

À la fin, rapide très fort, mais court. À gauche, *balsa* [petit radeau] à terre.

45° – NE – 150 m

À la fin, rencontre une balse [petit radeau] montante, toute petite, avec une femme et un enfant.

80° – SE – 130 m À la fin, rapide.

30° – SO – 250 m

À la fin, élargissement, petite île au milieu et rapide fort.

25° – SE – 120 m

Est – 200 m À la fin, rapide.

40° – SE – 160 m

10° – SE – 130 m

À la fin, rapide et rocher au milieu.

17 810 [m]

[Fin du f° 95]

R. [Report] 17 810 [m]

45° – SE – 120 m Au milieu, à g. [gauche], *casa* [maison] – larg. [largeur] 40 m

60° – SE – 450 m

Au milieu, à g. [gauche], *casa* [maison]. 3 *balsas* [petits radeaux] dans le port ; au milieu, rapide. À 120 m avant la fin, à g. [gauche], *casa* [maison] (Pelera) (canne à sucre) et rapide long.

20° – NE – 100 m À la fin, rapide fort.

80° – NE – 150 m Au milieu, rapide fort.

50° – SE – 350 m

Au milieu, à dr. [droite], 3 maisons et 4 *balsas* [petits radeaux] dans les ports (Chabarea).

À la fin, à g. [gauche], *balsa* [petit radeau] à sec. À toutes les maisons, grdes. [grandes] plantations de bananiers. 2 *balsas* [petits radeaux] montantes.

Est – 350 m

Le niveau de l'eau apparaît bien sur la rive. La rivière monte peu en somme, à vue de celles du bas Amazone, 1 m ½ au plus. – À la fin, rapide.

60° – SE – 180 m Au milieu, à dr. [droite], *casa* [maison] – 3 *balsas* [petits radeaux]. À la fin, rapide.

80° – NE – 150 m À dr. [droite], au milieu, dans le rocher s'ouvre une grotte, à 5 m au[-]dessus du niveau de l'eau.

Sud – 40 m

20° – SO – 40 m

40° – SO – 400 m¹¹⁶

À la fin, rapides. – Toujours beaucoup de petits bambous sur les rives. Et déjà beaucoup d'arbres du bas Amazone (*Periquiteiros*¹¹⁷) ; peu de palmiers.

30° – SE – 100 m

65° – SE – 200 m Au milieu, à g. [gauche], 6 *casas* [maisons] (Wituponte). 5 *balsas* [petits radeaux] dans le port. À dr. [droite], autre balse [petit radeau].

À la fin, à dr. [droite], port de Guanay. 14 *balsas* [petits radeaux] à terre. Arrêt à 4 h ½, à 427 m d'altitude.

Bien reçu par Mr Telleria pour qui j'ai une lettre de Mr Frick. On nous arrange 2 chambres à murs de bambous recouverts de nattes de bambous aussi. Nous attachons nos hamacs ; les lits élevés faits de nattes de bambous [Fin du f° 96] nous servent de tables.

20 340 [m]

R. [Report] 20 340 [m]

116 Le premier chiffre est corrigé en surcharge et difficile à discerner : 3 ou 4 (400 m est le plus probable).

117 *Trema micrantha* (L.) Blume (petit orme) : arbre de la famille des Cannabaceae, originaire d'Amérique tropicale et subtropicale et aux propriétés médicinales.

C'est parfait. À 5 h ½, arrivent des pêcheurs avec une dorade de 35 Kgr. [kg]. Je croyais que de pareils poissons ne se rencontraient pas si haut.

À 9 h, nous nous couchons ; il n'y a pas le moindre moustique.

Dimanche. 14 [octobre]. À 3 h ½ du matin, commence une pluie forte qui dure encore au lever du soleil. Tous les bagages vont encore se mouiller, le poids augmente encore aussi ; ce qui est un autre inconvénient.

Guanay se compose d'une dizaine de baraques de paille, à 200 m du *rio* Mapiri et 50 m du *rio* Tipuani qui débouche [un] peu au-dessous.

G. Bolati [Bollati] ne veut plus continuer ; il reste ici [ici].

Départ à 10 h 45, salué de 22 coups de révolver. C'est l'habitude ici [ici] de tirer à l'arrivée et au départ d'un *callapó*.

45° – NE – 150 m

70° – NE – 50 m À la fin, rapide.

35° – SE À dr. [droite], confluent du Tipuani, eau rouge, à cause de la grde. [grande] quantité de terre charriée ; largeur 25 m, beaucoup d'eau et courant [fin du f° 97] fort.

20 540 [m]

R. [Report] 20 540 [m]

Dans le Tipuani, il y a aussi une 12^{aine} de *balsas* [petits radeaux]. – Au[-]dessous du confluent, l'eau se mélange difficilement, formant des taches rouges et noires, fort curieuses.

50° – SE – 160 m À la fin, rapide – largeur de la rivière 40-45 m ; eaux profondes déjà.

Arrêt à dr. [droite] dans une maison ; dans le port de celle-ci il y a 4 bales [petits radeaux]. Le propriétaire du *callapó*, Mr Telleria, est venu avec nous ce matin et nous fait perdre du temps.

60° – SE – 100 m

À la fin, à droite, affluent : le *rio* de Challana, plus jaune que le Tipuani et moins rouge – largeur 15 m, beaucoup d'eau aussi.

50° – SE – 120 m

Ces 2 affluents ont grossi beaucoup le Mapiri et augmenté son courant, la navigation n'en sera que plus facile.

80° – SE – 35 m

25° – NE – 250 m

50° – NE – 100 m

70° – NE – 150 m

80° – SE – 100 m

72° – SE – 350 m Au commencement, rapide, les pierres sont toutes couvertes et le rapide ne se dénonce plus que par le bouillonnement des eaux ; à g. [gauche] sur la plage 2 *balsas* [petits radeaux]. À la fin, à dr. [droite], *igarapé* [cours d'eau] d'eau propre : le *rio* Coroico, d'une largeur de 10 m. L'eau claire suit durant 100 m la rive droite.

75° – NE – 100 m À la fin, rapide fort qui fait mélanger les eaux.

45° – NE – 200 m Au commencement, suite du rapide ; à la fin, rapide.

60° – NE – 600 m

Au commencement, à g. [gauche], *casa* [maison] et *ig.* [*igarapé* : cours d'eau] petit. Au milieu, à dr. [droite], est arrêté un *callapó* qui a [est] passé ce matin venant de Mapiri et allant à Isapore. À la fin, à g. [gauche], *casa* [maison] et croisé une balse [petit radeau] [Fin du f° 98] montante.

22 805 [m]

R. [Report] 22 805 [m]

Arrêt à la *case* [maison] qui est celle du capitaine de nos balsistes [pilotes]. Nous buvons ici [ici] de la *chicha* de maïs, boisson aigrelette rafraîchissante.¹¹⁸ Départ à 1 h ½.

Nous partons avec 6 balsistes [pilotes], 1 apprenti, la fille et le jeune fils du patron balsiste [pilote] et tj. [toujours] Mr Telleria ; nous sommes bien chargés.

Aussitôt, au tournant, rapide.

15° – NE – 150 m Au milieu, rapide très fort, avec tournant brusque de courant. Ici [ici], l'autre jour, Mr. Rocha, ingénieur (?!) est tombé à l'eau et a failli périr, la *balsa* [petit radeau] ayant battu sur la paroi des rochers, tandis qu'il jouait de l'accordéon assis sur une malle. Il

n'a pas pu retirer ses mains des courroies pour nager. – Nous passons mieux parce que l'eau est plus haute.

À la fin, autre rapide. – Entre les 2, nous croisons une balse [petit radeau] montante.

65° – SE – 250 m Au milieu, rapide.

55° – NE – 40 m À droite, *casa* [maison] au tournant.

20° – NE – 100 m

Au commencement, à g. [gauche] *case* [maison]. À la fin, au tournant, île au milieu.

60° – NE – 150 m Toujours collines élevées de chaque côté.

80° – NE – 250 m

Tout est rapide presque jusqu'à la fin. – À la fin, au tournant, rapide fort.

60° – NE – 30 m

20° – NE – 20 m Rapide.

45° – NE – 150 m

Grosses pierres et rochers amoncelés de chaque côté de la rivière encaissée et qui n'a ici [ici] que 18 m de large.

Une énorme pierre se détache à 100 m de haut sur la paroi presque à pic, à gauche, et, décrivant une parabole, vient se briser sur les rochers de la rive, à 15 m de nous.

30° – NE – 100 m

50° – NE – 200 m

85° – NE – 300 m

24 545 [m]

[Fin du f° 99]

24 545 [m].

À la fin, *fazenda* [ferme] de Oyapi (F^{co} [Francisco] Oïti). À la fin, rapide fort.

55° – NE – 100 m

À la fin, à g. [gauche] encore une maison de Oyapi et petit affluent avant (eau claire) – 8 m de large. Là, se trouve un Français, Ortari, vieux soûlard, employé à 60 Bs [bolivars] par mois, ami de A. [Auguste] Lhéraud.

80° – SE – 150 m

À la fin, rapide très fort, les vagues nous sautent presque sur les genoux.

60° – NE – 60 m

30° – NE – 200 m

Est – 100 m

60° – SE – 200 m

Dans cette partie, à 150 m du commencement, est le passage de Mal Agua. C'est une chute inclinée, les vagues sont très fortes mais, heureusement, il y a beaucoup d'eau et les rochers sont couverts [recouverts]. Je descends seul sur les rochers pour prendre trois photographies, à 3 h ½. À Mal Agua est mort un des *balseiros* [pilotes] qui avait accompagné Mr Goguet. Il est d'ailleurs arrivé ici [ici] divers accidents. À la fin, à dr. [droite] et à g. [gauche], haute montagne.

Photo 79. Absente du carnet

Est – 200 m

À la fin, au tournant, rapide, notre *callapó* fait un plongeon de côté, d'au [Fin du f° 100] moins 60 cm.

25 555 [m]

R. [Report] 25 555 [m]

25° – SE – 250 m

Est – 300 m

Photo 80. Absente du carnet

À 50 m du commencement, mauvais passage du Tchukina ; rapide violent, ou file comme une flèche, l'eau couvre les *balsas* [petits radeaux] qui courent au rocher du tournant. Là[-bas], la force du courant fait tourner brusquement le *callapó* au moment de toucher, il s'incline sous l'eau, une caisse de vin s'en va à la dérive vers la proue, on la rattrape à temps. C'est le même genre que Mal Agua, mais plus court.

À la fin, rapide et à droite, *casa* [maison] avec trois *balsas* [petits radeaux] dans le port. Nous nous arrêtons là pour la nuit. À cause de ces arrêts répétés, tous les gens sont

saoûls [saouls]. Nous faisons notre baraque [baraque] sur le terre-plein de la *casa* [maison]. Bonne nuit sans pluie. Le matin, vient nous visiter le *Sr* [*senhor*] Machicado de Rurrenabaque, qui se trouve de passage ici [ici]. La rivière a baissé de nouveau de 50 cm cette nuit, et l'eau est redevenue presque claire.

Lundi. 15 [octobre]. Partis à 6 h 45. Telleria reste ici [ici].

60° – SE – 250 m

À la fin, belle plage de galets à gauche et *casa* [maison].

26 355 [m]

[Fin du f° 101].

R. [Report] 26 355 [m]

Est – 100 m

20° – NE – 180 m

À la fin, à g. [gauche], *hacienda* [exploitation agricole] de Alexandre, 5 maisons, 9 *balsas* [petits radeaux] dans le port. – Au milieu, rapide.

Nous avons maintenant quatre *balsistas* [pilotes] et un enfant apprenti [apprenti], et tj. [toujours] la fille de notre 1^{er} capitaine, car le capitaine a été changé à cause de sa saoulerie [saoulerie] d'hier, et est maintenant simple matelot.

Photo 81. Absente du carnet

85° – NE – 220 m

Au commencement, à g. [gauche], *casa* [maison] et deux *balsas* [petits radeaux]. Ici [ici], la rivière forme une baie. Aussitôt après, rétrécissement très prononcé entre 2 grandes plages de galets, et rapide.

70° – NE – 250 m

A la fin et au tournant, rapide.

15° – NE – 100 m

40° – NE – 260 m

50° – NE – 60 m

80° – NE – 150 m

27 675 [m]

[Fin du f° 102]

R. [Report] 27 675 [m]

70° – NE – 200 m

À la fin, rapide de Retamo. D'énormes rochers tombés au milieu de la rivière la rétrécissent. C'est, cette fois, une véritable chute très inclinée. Nous passons par terre pour tirer des vues et porter mes papiers que je crains de voir naufrager. Le *callapó* passe devant nous comme une flèche au milieu de l'écume, l'eau le couvre à 1 m de hauteur, il disparaît derrière les rochers. Par terre, bondissant, glissant, sur les rochers, nous courons plus le péril que dans les bales [petits radeaux]. Il nous faut une heure pour rejoindre le *callapó* en bas de la chute. Nous avons risqué bien des fois de nous rompre le cou ou de dégringoler dans les eaux furieuses qui battent le pied de la muraille à laquelle il faut nous accrocher.

55° – NE – 400 m

Les ondes furieuses continuent à former un courant rapide et des remous jusqu'à la moitié. À la fin, rapides.

25° – NO – 150 m

Au milieu, mauvais passage, rapide fort. Comme l'eau est haute encore nous passons bien.

60° – NE – 150 m

À la fin, rapide de Noir. – Ici [Ici] des pierres au milieu de l'eau retiennent le courant qui se gonfle. Nous montons, descendons, comme aux montagnes russes et passons parfaitement au milieu de l'écume.

75° – NE – 200 m

45° – NE – 500 m

À partir d'ici [ici], on peut dire que tous les dangers du voyage sont passés. À la fin, rapide fort. Notre *callapó* tourne comme une toupie un tour entier dans le courant. – La rivière a maintenant 40 m de largeur, les rives sont rocheuses, mais les collines moins élevées (50-150 m) et le lit moins encaissé.

Est – 300 m

À la fin, à gauche, maison et rapide fort.

30° – NE – 100 m

À la fin, rapide.

85° – NE – 250 m

29 925 [m]

[Fin du f° 103]

R. [Report] 29 925 [m]

Au milieu, rapide.

55° – NE – 120 m

10° – NE – 250 m

Au commencement, petit rapide.

60° – NE – 80 m

75° – NE – 200 m

À la fin, rapide fort.

Photo 82. Absente du carnet

45° – SE – 200 m Peu de courant.

50° – NE – 60 m

10° – NO – 250 m

Au milieu, à g. [gauche], *casa* [maison] et 2 *balsas* [petits radeaux] dans le port.

25° – NE – 200 m

45° – NE – 200 m

Au milieu, à dr. [droite], arrêt à 10 h ½, à l'ombre d'arbres déjà grands. Le capitaine va couper à qqs [quelques] pas de là 2 beaux régimes de bananes. Il y a beaucoup de ces fruits le long de la rivière et ici [ici] c'est la principale nourriture. À la fin, rapide.

40° – SE – 600 m

32 085 [m]

[Fin du f° 104]

R. [Report] 32 085 [m]

55° – SE – 100 m

À la fin, petit rapide.

25° – NE – 100 m

60° – NO – 250 m

Au commencement, à dr. [droite], grds. [grands] rochers à pic qui surplombent à 12 m de haut.

La vallée s'ouvre de plus en plus. On aperçoit plus que de basses collines.

À la fin, rapide, et, à dr. [droite], *casa* [maison] et 4 *balsas* [petits radeaux] dans le port.

Photo 83. Absente du carnet

40° – NE – 70 m

20° – NO – 250 m

20° – NE – 50 m (rapide)

Nort [Nord] – 800 m

100 m avant la fin, la rivière s'élargit, met un bras à dr. [droite] et forme une grde. [grande] île. À gauche, à la fin, village de Mayaya. 7 ou 8 maisons et 5 bales [petits radeaux].

34 355 [m]

[Fin du f° 105]

R. [Report] 34 355 [m]

Nous croisons une balse [petit radeau] montante. À la fin, à g. [gauche] 2 *casas* [maisons] et 1 *balsa* [petit radeau], et à dr. [droite] réunion du bras ; la rivière à déjà 60 m de large.

Photo 84. Absente du carnet

80° – NO – 500 m À la fin, rapide.

60° – NO – 700 m À la fin, rapide.

Ouest – 100 m

Nous nous arrêtons $\frac{1}{4}$ d'heure pour mettre à l'eau une vieille balse [petit radeau] qui est sur la plage et l'enfiler sous le milieu de notre *callapó* pour le soulever. La simple pression de l'eau l'y maintient sans aucun lien.

20° – SO – 80 m

Sud – 100 m

20° – SO – 400 m Au milieu, île.

45° – SO – 400 m

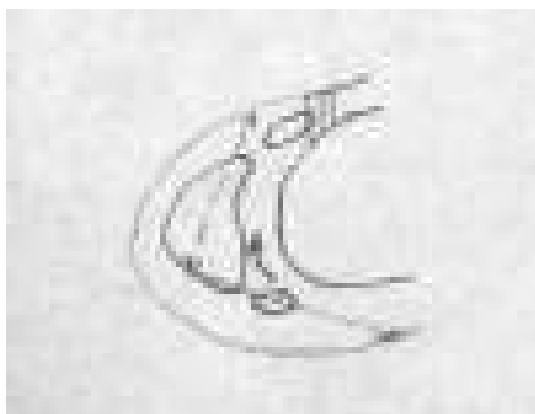
Au milieu, grand élargissement, un bras, à dr. [droite], forme une grde. [grande] île et 2 petites.

Ouest – 250 m

À la réunion des bras, rapide.

Nort [Nord] – 650 m

37 535 [m]



[Fin du f° 106].

R. [Report] 37 535 [m]

Il y a tj. [toujours] grande abondance de petits bambous sur les rives et le bois est de plus en plus élevé. Les rives sont bordées de grandes files de troncs d'arbres que la dernière crue a laissés à 1 m 50 au[-]dessus du niveau actuel. À la fin du tournant, rapide.

80° – NO – 40 m

Ouest – 60 m

50° – NO – 120 m

20° – NO – 600 m

Nort [Nord] – 800 m

Aujourd'hui, le soleil a été brûlant et il n'y a pas eu le moindre vent pour rafraîchir l'atmosphère. À 4 h à peine, la chaleur commence à diminuer.

30° – NO – 300 m

Croisé deux bales [petits radeaux] montantes.

Au milieu, à dr. [droite], *igarapé* [cours d'eau] de 8 m de largeur. On s'arrête à la bouche [l'embouchure], à 4 h les balsistes [pilotes] vont flécher du poisson. À 6 h, ils en rapportent une vingtaine, la plupart des *jarakis*.¹¹⁹

Comme ils ne m'avaient pas prévenu qu'on passerait la nuit ici [ici] et qu'ils n'ont pas préparé la tente, je leur passe un savon et ne leur donne pas de *cachaça* [alcool de canne], ce qui les touche beaucoup plus. Ils font la baraque en quelques minutes. Ces gens sont de ceux qu'il ne faut pas trop bien traiter si on veut en obtenir quelque chose.

Mardi. 16 oct. [octobre]. Départ à 6 h 45.

85° – NO – 600 m

À la fin, rapide au tournant, de rencontre à de grands rochers.

40° – SO – 200 m

75° – SO – 200 m

70° – NO – 125 m

10° – NO – 420 m

À la fin, un petit bras à gauche forme une grande île. La rivière va tj. [toujours] en s'élargissant, elle a déjà 70 m.

41 000 [m]

[Fin du f° 107].

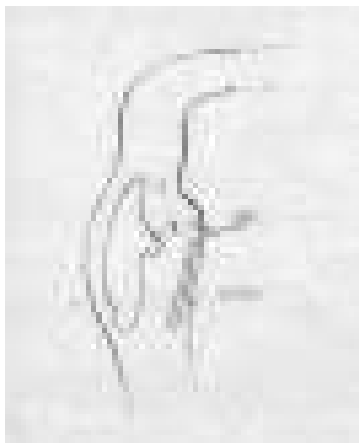
R. [Report] 41 000 [m]

119 En portugais : *jaraqui* ; espèce du genre *Semaprochilodus* ; l'un des poissons les plus consommés du bassin amazonien.

20° – NE – 600 m

À la fin, rapide et *ig.* [*igarapé* : cours d'eau] *peq.* [*pequeno*, petit], à dr. [droite].

1–2¹²⁰ 20° – NO – 200 m



De tous côtés chantent des pigeons, des *arancuans* (Willopée),¹²¹ des *tucanos* [toucans].
Nous apercevons 3 *garces* [*garças* : aigrettes] blanches.

15° – NO – 100 m

50° – NO – 200 m

À la fin, petit rapide.

10° – NO – 50 m À la fin, rapide petit.

35° – NE – 400 m

10° – NO – 60 m

30° – NO – 200 m

75° – NO – 50 m Petit rapide.

50° – SO – 150 m

15° – SO – 300 m

À 100 m avant la fin, un bras à dr. [droite] forme une île triangulaire. Nous passons par ce bras.

35° – SO – 100 m

80° – SO – 50 m Petit rapide à la fin.

Réunion avec le bras principal.

35° – NO – 300 m

120 Les numéros (1 et 2) se réfèrent aux sections identifiées dans le dessin.

121 En portugais : *aracuã* ; nom commun qui désigne plusieurs espèces d'oiseaux de la famille des cracidés.

Un canard sauvage passe au[-]dessus de nous, sur la rive nous apercevons une bande de petits *massaricos*.¹²²

5° – NO – 700 m

De loin en loin, quelques *taxyseiros*¹²³ en fleurs font une tache rouge dans le feuillage vert sombre, qqs. [quelques] *embaubeiros*¹²⁴ aussi rayent le bois de la rive de leur tige blanche.

35° – NO – 850 m

Croisé deux bales [petits radeaux] montantes. La largeur moyenne de la rivière est maintenant de 70 m.

À la fin, rapide de Chiniri. – 2 grds. [grands] rochers divisent la rivière en 3 canaux égaux. On passe le long de la [Fin du f° 108] rive droite.

45 310 [m]

R. [Report] 45 310 [m]

30° – NE – 250 m

Au milieu, à g. [gauche], *casa* [maison] et 5 bales [petits radeaux] dans le port. Rapide. À la fin, à dr. [droite], petit *igarapé* [cours d'eau].

25° – NO – 120 m

Au commencement, petit rapide.

30° – NE – 150 m Rapide.

Au milieu, reçoit à g. [gauche] un affluent, le *rio* Chiniri de 15 m de large.

75° – NE – 750 m

La rivière se rétrécit à 40 m et est encaissée entre collines.

20° – NO – 150 m

35° – NE – 800 m

10° – NE – 750 m

55° – NE – 250 m

Croisé une balse [petit radeau] montante. À la fin, la rivière s'élargit à 100 m ; laissant une île basse de galets au milieu.

122 En portugais : *maçarico* ; nom qui désigne plusieurs espèces d'oiseaux de la famille des scolopacédés.

123 En portugais : *taxizeiro* ; nom populaire et générique de plusieurs arbres de la région amazonienne.

124 En portugais : *imbaubeira* ; désigne communément plusieurs espèces d'arbres, principalement du genre *Cecropia*.

80° – NE – 40 m

10° – NO – 650 m

À 100 m du commencement, rapide. Au milieu rapide fort.

35° – NO – 300 m

15° – NO – 300 m

30° – NO – 750 m

5° – NE – 500 m

15° – NE – 50 m

50° – NE – 250 m

65° – NE – 160 m

20° – NE – 140 m

Au commencement rapide assez fort.

30° – NO – 250 m

60° – NO – 250 m

75° – SO – 550 m À la fin, rapide.

Ouest – 60 m

45° – NO – 150 m

5° – NO – 200 m À la fin, rapide

53 070 [m]

[Fin du f° 109].

R. [Report] 53 070 [m]

40° – NE – 120 m

80° – NE – 100 m

75° – SE – 180 m

40° – SE – 250 m Au milieu, rapide.

85° – NE – 500 m

Depuis quelque temps les bois qui couvrent les collines de la rive sont desséchés, presque sans feuilles ; le rocher apparaît de place en place sur les versants. La terre végétale n'existe presque pas, c'est ce qui fait probablement la végétation tant rabougrie.

60° – NE – 400 m

15° – NE – 200 m

45° – NO – 600 m Largeur 70-80 m

85° – NO – 1 200 m

Au commencement, un bras forme à dr. [droite] une île longue, à 800 m, fin de l'île, largeur 100 m.

À la fin, rapide, division en 3 chenaux¹²⁵, on passe au milieu – *casa* [maison], à g. [gauche].

55° – NO – 600 m

45° – NE – 260 m

85° – NE – 400 m Larg. [Largeur] – 100 m

80° – SE – 500 m

Au commencement, petite île à droite ; à la fin, rétrécissement. Devant, au loin, apparaît une haute chaîne de montagnes en travers, direction N.S. [nord-sud].

50° – NE – 150 m

Confluent du Mapiri et du *rio* de La Paz.

À partir de maintenant, la rivière prend le nom de Béni [Beni]. Ici [Ici] le Mapiri a 80 m de large, le *rio de* La Paz n'a que 40-50 m, mais amène beaucoup d'eau, sale, terreuse. Il est 3 h $\frac{1}{4}$.

Rio Béni [Beni] – Nort [Nord] – 1 800 m

Courant fort, largeur 120 m au commencement, puis 100 m.

Terres basses de chaque côté. À la 2^{ème} moitié, 150 m de large.

60 430 [m]

[Fin du f° 110]

R. [Report] 60 430 [m]

125 Vocabulaire maritime : passage navigable entre des rochers, ou dans le lit d'un fleuve.

Vers le milieu, la rivière met un bras à g. [gauche] et forme une grande île jusqu'au tournant. À la fin, rapide.

20° – NO – 400 m

À la fin, rapide.

65° – NO – 1 500 m

Largeur 90 m, courant rapide. À dr. [droite], collines maigrement boisées. En bas, le rocher à nu forme un quai ininterrompu, à pic ; à g. [gauche] : terrains bas et bambous.

La muraille légèrement inclinée a qqfois. [quelquefois] 30 m de hauteur, à peine dissimulée par de maigres arbrisseaux qui accrochent leurs racines dans leurs fentes.

85° – SO – 120 m

35° – SO – 200 m

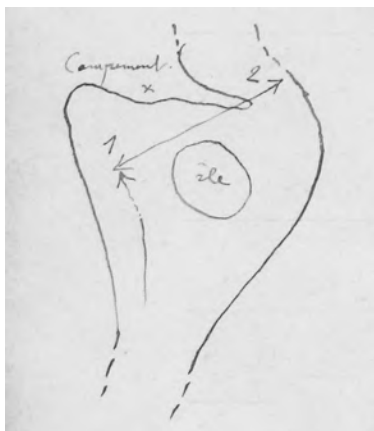
70° – SO – 300 m

Une *paca* [Agouti-paca]¹²⁶ court sur la rive et entre dans le *bambusal* [bosquet de bambous, bamboueraie].

Réunion avec le bras qui a formé la grande île, largeur 120 m.

20° – NO – 650 m

1-2 25° – NE – 300 m



Arrêt pour le campement, à 5 h ¼.

Le savon que j'ai passé hier aux balsistes [pilotes] a servi ; en ¼ d'heure, aujourd'hui, ils apprêtent notre maison. Ils commencent d'ailleurs à comprendre comment il faut s'y prendre. Ils vont ensuite chasser et apportent un *cajubi*¹²⁷ et des perroquets.

126 Grand rongeur, habitant les berges des rivières d'Amérique Centrale et du Sud.

127 Oiseau galliforme de la famille des cracidés, également connu sous le nom de *jacutinga*.

Mercredi. 17 oct. [octobre]. Départ à 6 h 45. L'orage a menacé toute la nuit. Ce matin, le tonnerre gronde fortement et les éclairs se succèdent sans interruption. Le ciel est noir de suie du côté du nord [nord] ; nous allons être rincés.

À la fin de 1–2, rapide.

25° – NO – 200 m

35° – NO – 1 300 m

65 400 [m]

[Fin du f° 111]

R. [Report] 65 400 [m]

Jusqu'à maintenant, la nuit, les moustiques ne nous ont pas encore gênés mais, de jour, il y en a énormément. Ce sont des *meruims* et des *piuns*.¹²⁸ Ce matin des nuées de *piuns* nous assaillent. Nos mains et la figure sont déjà mouchetés [mouchetées] de petites taches noires et rouges et enflés. C'est insupportable.

Tj. [Toujours] des collines de pierres à dr. [droite] et des terrains bas à g. [gauche] où dominant les *embaubeiros* et les bambous.

A 7 h ¼, l'orage approche, la pluie commence.

70° – NO – 600 m

À la fin, à g. [gauche], *rio* Kendéque – 25 m de large, fort courant, mais peu d'eau.

5° – NO – 550 m

À la fin, petit *igarapé* [cours d'eau] à g. [gauche].

25° – NE – 60 m À la fin, rapide.

45° – NE – 100 m

85° – SE – 150 m

Au commencement, rapide fort.

La rivière se rétrécit à 40 m entre de petites collines boisées. Les 2 rives sont couvertes de rochers amoncelés, entremêlés d'arbres secs jetés là par le courant.

60° – NE – 900 m

¹²⁸ *Meruims* ou *maruims*, de la famille des cératopogonidés, sont de petites mouches hématophages. Les *piuns* (*Simulium* sp.) sont des moustiques hématophages. La piqûre de ces deux espèces est douloureuse. Elles sont un important vecteur de maladies dans la région amazonienne.

À 8 h, la pluie cesse. Sur la rive nous apercevons un *mutum* et un *cujubim*.¹²⁹ Nous accostons, Lhéraut va à terre, mais couvert de son *puncho* [poncho] et muni de grandes bottes qui l'embarrassent. Il revient après un ¼ d'heure, sale, mouillé, rempli de terre. Il est tombé une vingtaine de fois et n'a rien vu. Les indiens le regardent en riant. Il a l'air de leur inspirer une profonde pitié.

30° – NE – 120 m À la fin, rapide.

65° – NE – 200 m Au milieu, à g. [gauche], *igarapé* [cours d'eau].

55° – NE – 100 m Fort rapide de Larajani.

80° – SE – 120 m

68 300 [m]

[Fin du f° 112]

R. [Report] 68 300 [m]

70° – NE – 50 m

30° – NE – 120 m

Rivière de plus en plus encaissée, entre amoncellements des rochers. Elle n'a plus que 28-30 m de large.

45° – NE – 150 m

50° – NE – 650 m

Au milieu, passage de Yéo.

La rivière se rétrécit à 15 m et se précipite sur un plan incliné, mais il n'y a pas de rochers au milieu ; les vagues à peine sont fortes. Nous passons comme une flèche, sans difficultés.

À la fin, à dr. [droite], la paroi rocheuse s'élève à pic, rougeâtre, à 80 m de hauteur et quelquefois 120 m. Du sommet, se précipite un petit ruisseau.

35° – NE – 120 m

20° – NE – 400 m Fin de la haute paroi.

25° – NE – 500 m

Au commencement, *ig.* [*igarapé* : cours d'eau] à dr. [droite] ; vient en sautant sur les rochers. La rivière continue tj. [toujours] encaissée entre des rochers de 10 à 20 m. Vers le

129 Ces deux espèces d'oiseaux galliformes sont de la famille des cracidés.

milieu, à g. [gauche], se précipite avec fracas, en 3 sauts, un *ig.* [*igarapé* : cours d'eau] d'eau bourbeuse. – À la fin, croisé 2 bales [petits radeaux] montantes.

5° – NO – 100 m

Au milieu à dr. [droite], *igarapé* [cours d'eau] de 2 m de large.

40° – NE – 150 m

À la fin, rapide de Shamá, fort, au tournant.

10° – NE – 60 m

Nort [Nord] – 50 m

À la fin, rapide.

25° – NO – 250 m

À la fin, rapide et petit *ig.* [*igarapé* : cours d'eau] à g. [gauche].

20° – NE – 120 m Rapide.

10° – NO – 350 m

La rivière s'élargit un peu ; elle atteint parfois 80 m ; les rives sont aussi moins abruptes. À la fin, croisé 2 [Fin du f° 113] bales [petits radeaux] montantes.

71 370 [m]

R. [Report] 71 370 [m]

40° – NO – 800 m

Nort [Nord] – 250 m

Au milieu, rapide fort de Chipité et, à g. [gauche], au milieu, rivière de Chipité. – 10 m de large, presque à sec. Au rapide, une grande vague nous couvre jusqu'aux genoux.

25° – NO – 350 m

5° – NO – 300 m

50° – NE – 600 m

La rivière est de nouveau encaissée entre collines rocheuses. À 100 m, avant la fin, à g. [gauche] et à dr. [droite], petits *ig.* [*igarapés* : cours d'eau] bondissant sur les rochers. À la fin, à dr. [droite], recommence l'immense paroi de rochers à pic de 100 m de haut. À une hauteur de 50 m, le rocher surplombe et, dessous, s'ouvre une énorme caverne noire d'où sort un ruisseau.

60° – NE – 700 m

À 200 m de la fin, petits *igar.* [*igarapés* : cours d'eau], à dr. [droite] et à g. [gauche].

40° – NE – 2 000 m

La rivière s'élargit à 70 – 80 m ; il n'y a presque plus de courant. Nous sommes presque immobiles, tournant lentement sur nous-mêmes. Le capitaine flèche un gros *páca* [agouti-paca] qui mangeait des fruits tombés d'un grand arbre incliné sur la rive. – La rivière a maintenant 90 m de large. À midi ^{1/4}, la pluie recommence. À partir du milieu de l'*estirão*,¹³⁰ les collines s'éloignent de chaque côté et les rives sont plates. La riv. [rivière] a 120 m de large. À la fin, un bras à g. [gauche] va former une grande île.

75° – NE – 700 m

À la fin, *barreras* [falaises] rouges à dr. [droite], de 20 à 25 m de hauteur.

30° – NE – 200 m *id. barreras* [falaises] – Pas de courant.

Nort [Nord] – 300 m À la fin, fin de l'île.

20° – NO – 400 m

25° – NE – 800 m

À g. [gauche], un bras va former une grde. [grande] île. Au milieu, rapide.

78 770 [m]

[Fin du f° 114]

R. [Report] 78 770 [m]

Nort [Nord] – 600 m

50° – NO – 1 600 m

Sur la rive droite, de nombreux palmiers embellissent le bois (surtout des *paxiubeiros*).¹³¹

10° – NO – 600 m Largeur 150 m

45° – NE – 300 m

70° – NE – 1 000 m

80° – SE – 300 m

30° – NE – 150 m

40° – NO – 800 m

25° – NE – 1 250 m

130 Partie rectiligne d'une rivière, entre deux virages.

131 Palmier *Socratea exorrhiza*, aux grandes racines aériennes couvertes d'épines, similaires à des tentacules.

35° – NE – 1 000 m

Nous tirons des salves inutiles sur les perroquets et les *cujabins*¹³² perchés sur les arbres de la rive. Je tue cependant un bel agouti qui fuyait du bord de l'eau et allait disparaître dans le fourré.

20° – NO – 200 m

60° – NE – 900 m

À 5 h, arrêt à 200 m au commencement, à g. [gauche]. Campement.

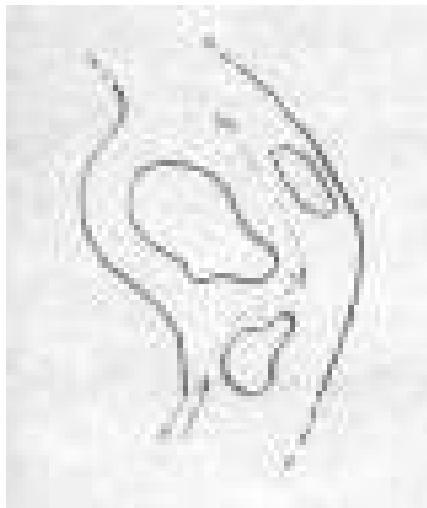
Jeudi. 18 [octobre]. Parti à 6 h 55. À la fin, petit rapide.

5° – NO – 800 m

20° – NE – 800 m

À la fin, grdes. [grandes] *barreras* [falaises] à dr. [droite]. La rivière forme de nombreuses îles basses et beaucoup de grands arbres secs plantés dans le fond obstruent par place [endroit] partie du lit. Le courant est assez fort. Au milieu, à g. [gauche], un bras forme une île.

25° – NE – 2 500 m



Ce matin, il y a beaucoup de perroquets et d'*araras* [aras]. Nous voyons passer des *marecas* [*marrecos* : espèce de canard sauvage], des *curicacas* [ibis mandore], des *arancuans* [espèce d'ortalide].¹³³ À 300 m avant la fin, un grd. [grand] bras à dr. [droite] forme île, puis à la fin autre bras à g. [gauche].

50° – NE – 120 m

132 *Cajubim* ou *jacutinga*, oiseau galliforme de la famille des cracidés.

133 *Curicacas* sont des oiseaux pélécaniformes de la famille des threskiornithidés. Les *aracuans* sont des oiseaux galliformes de la famille des cracidés.

91 680 [m]

[Fin du f° 115]

R. [Report] 91 680 [m]

Nort [Nord] – 1 500 m

30° – NO – 200 m

50° – NO – 200 m

À la fin, à g. [gauche], réunion du grd. [grand] bras qui a formé les îles.

15° – NE – 200 m

55° – NE – 1 500 m

70° – SE – 200 m

50° – SE – 800 m

À partir de 7 h ½ aujourd'hui, le soleil est déjà brûlant. En compensation il n'y a pas de moustiques.

70° – SE – 200 m

80° – NE – 200 m

35° – NE – 200 m

20° – NE – 1 500 m Île à dr. [droite].

Devant nous apparaît une petite cordillère crénelée, coupée vers le milieu d'une gorge étroite où va probablement passer la rivière. Celle-ci forme ici [ici] un grd. [grand] nbr. [nombre] de canaux, îles et bancs de galets.

10° – NO – 200 m Grde. [Grande] île à dr. [droite].

30° – NE – 500 m

10° – NE – 200 m

50° – NO – 700 m

À la fin, à g. [gauche], *rio* S. [San] José. 65 m de large. Eau complètement rouge brique vif. Cette eau suit la rive gauche sans se mélanger, produisant un très curieux effet. De loin, on croyait apercevoir un *barranco* [promontoire] de terre rouge.

5° – NO – 900 m

À la fin, petite île à dr. [droite].

70° – NE – 800 m *Barreras* [falaises] à g. [gauche].

50° – NE – 250 m

80° – NE – 1 000 m

Au commencement, réunion du grd. [grand] bras à dr. [droite] ; il a conservé l'eau grise, l'eau rouge continue à longer la rive g. [gauche].

102 930 [m]

[Fin du f° 116]

R. [Report] 102 930 [m]

25° – NE – 300 m

Nort [Nord] – 150 m

Toute la rivière est rouge sale maintenant.

15° – NE – 500 m

On entre dans la gorge. La rivière se rétrécit beaucoup en un seul canal de 80 m de large.

5° – NO – 400 m

Hautes parois rocheuses des 2 côtés. La rivière doit être très profonde, car il n'y a guère de courant. Nous croisons 2 bales [petits radeaux] montantes. La pluie commence à tomber dru. À la fin, nous croisons encore 4 bales [petits radeaux] montantes.

20° – NE – 50 m

Fin des parois rocheuses, la rivière s'élargit à 100 m, les rives sont encore hautes.

5° – NO – 650 m

10° – NE – 600 m

Au milieu, à dr. [droite], *casa* [maison], 4 bales [petits radeaux] dans le port et 4 bales [petits radeaux] montantes.

75° – NE – 700 m

20° – NE – 750 m Largeur 150 m

40° – NO – 200 m

Ouest – 900 m

Au commencement, à g. [gauche], *casa* [maison], 1 balse [petit radeau] dans le port.

À la fin, à g. [gauche], *barreras* [falaises] rouges. À 100 m avant la fin, *casa* [maison] à dr. [droite] et 1 balse [petit radeau] dans le port.

60° – NO – 200 m *Barreras* [Falaises] à g. [gauche]

10° – NO – 600 m

Au commencement, à g. [gauche], *igarapé* [cours d'eau] de 4 m.

45° – NO – 1 000 m

À g. [gauche], à terre, 3 bales [petits radeaux]. À 200 m du commencement, *casa* [maison] à g. [gauche]. À 550 m du commencement, autre case [maison] à g. [gauche] et 2 bales [petits radeaux].

Depuis midi, la pluie alterne avec un soleil brûlant, le temps est orageux. À la fin, *casa* [maison] à dr. [droite].

109 930 [m]

[Fin du f° 117]

R. [Report] 109 930 [m]

Nouvelle ligne de collines coupées par la rivière.

5° – NO – 500 m

Au milieu, *ig.* [*igarapé* : cours d'eau] de 3 m, à g. [gauche]. À la fin, la rivière se rétrécit à 60-70 m entre [les] rochers.

25° – NO – 600 m

Nort [Nord] – 2 000 m

À 600 m, à droite, port de Rurrenabaque.

L'orage éclate, la pluie tombe à torrents. Trempés, nous accostons et courons sous l'averse jusqu'à la maison de J. Burgos¹³⁴. Il est 3 h de l'après-midi. La pluie cesse bientôt. Je fais débarquer les bagages chez Burgos. L'hérault et femme ira [iront] demeurer chez Carrier pour ne mécontenter personne.

Vendredi. 19 [octobre]. Cette nuit, éclate un violent orage ; la partie de l'habitation où nous sommes est en mauvais état, il pleut comme dehors. Toutes nos malles étaient ouvertes et les menus objets étalés pour sécher ; dans l'obscurité, car les mauvaises allumettes bougies

134 Intendant municipal (maire) de Rurrenabaque, il est également l'agent de Le Cointe.

de La Paz ne prennent pas feu à la moindre humidité, pataugeant et glissant pieds nus dans la boue, sous les filets d'eau qui tombent du toit, nous rangeons tout et refermons les malles ; mon hamac est trempé. Quelle nuit !

Enfin, le jour arrive ; furieux je déménage de chez Burgos et vais chez Carrier qui met à notre disposition une chambre bien couverte. Nous aurons de nouveau tous nos bagages. Nos affaires sont dans un piteux état. Heureusement qu'il ne pleut pas ; nous pouvons étendre tout au grand air. Le soir tout est sec et peut être de nouveau renfermé. Mais combien d'effets hors d'usage. Le pis c'est que presque toutes mes plaques photographiques sont abimées¹³⁵; principalement mes vues depuis Arequipa jusqu'à Mapiri, les plus intéressantes en somme.

Carrier et Burgos sont en bis bis [bisbille : en froid]. Burgos est d'ailleurs froissé de mon départ. En somme, tous y mettent [Fin du f° 118] de la mauvaise volonté, et je ne vois pas comment nous sortirons d'ici [ici].

113 030 m [milles] Corr [Correspondance] = 169 km 545

Toutes les embarcations ont été emmenées par l'expédition de l'Acre et ne sont pas encore revenues¹³⁶; et il est impossible de réunir un personnel avant la fête de la Toussaint.

Samedi. 20 [octobre]. Ed. Brice, anglais, notre *floteiro*, est venu. Il habite à 4 ou 5 h, plus bas, à Atamanani. J'ai eu un moment l'espoir qu'il arrangerait notre voyage. Il a bien un canot mais il manque les hommes.

Rurrenabaque se compose d'une trentaine de maisons couvertes de paille éparpillées [dispersées] au hasard ; en face, sur l'autre rive du Béni [Beni], est [se tient] S. [San] Bonaventura, autre groupe [hameau] de 10 maisons. Environs insipides. Pas de chemins sinon celui qui va à Reyes. Pas de chasse.

Dimanche. 21 [octobre]. Arrivée du courrier par terre, de La Paz, venant d'Apollo. – Journeaux [Journaux] vieux de 4 mois.

135 C'est peut-être la raison pour laquelle il y a tant de photos absentes du journal.

136 Le voyage de Le Cointe intervient à un moment de fortes tensions entre le Brésil et la Bolivie au sujet de l'établissement de la frontière de l'actuel État de l'Acre, qui sera finalement définie en 1903. Suite à la proclamation de la « Ière République de l'Acre », en 1899, par Luis Galvez Rodríguez de Arias, plusieurs ripostes militaires ont été organisées par le Brésil et par la Bolivie pour reprendre le contrôle sur ce territoire. Le Cointe se réfère à l'une de ces expéditions, sans doute bolivienne, et antérieure à l'expédition Floriano Peixoto, dite « des poètes », qui sera organisée par le Brésil en novembre de la même année.

Départ de notre voisine du Madidi, D^a [*Dona*] F^{ca} [Francisca] de Farinas, de Todos Santos¹³⁷. J'écris à Mr Linon¹³⁸, le gérant par intérim, le prévenant de notre arrivée. Ma femme ne va pas bien ; je crains qu'elle n'ait attrapé un fort refroidissement la nuit de notre arrivée. Elle souffre de névralgies.

Je crois que nous ne pourrons partir d'ici [ici] qu'avec le courrier, le 8 du mois prochain. Que faire jusque[-]là ? Je crains surtout pour notre santé à tous, avec un long séjour dans ce pays malsain où, dernièrement, l'influenza et la dysenterie ont fait de nombreuses victimes.

Ce matin, la femme de Carrié [Carrier], D^a [*Dona*] Magdalena, une indienne du pays,¹³⁹ s'est saoulée (c'est assez son habitude) et, voulant aller à sa propriété aux environs, est tombée de mûle [mule] et s'est démis un bras. [Fin du f° 119].

Lundi. 22 [octobre]. Ma femme ne va pas bien du tout ; elle a dû rester couchée aujourd'hui. Je n'ai d'ailleurs aucun remède ici [ici], sinon de l'antipyrine.¹⁴⁰ Elle a un peu de fièvre et un côté du cou fort enflé.

Photo 85. Absente du carnet

Mardi. 23 [octobre]. Ma femme va beaucoup mieux. Carrié [Carrier] vient de terminer un batelon¹⁴¹ neuf. C'est avec celui-ci que nous pourrons descendre, le 8. Mais la notice [nouvelle] court qu'il va arriver de nouveaux soldats¹⁴². Si c'est vrai, le gouvernement réquisitionnera tout et nous serons pris [coincés] ici [ici].

Grand vent toute la journée. En somme, la chaleur n'est pas très forte à Rurrenabaque.

Mercredi. 24 [octobre]. Depuis que Magdalena Carrié [Carrier] est malade, tout va encore plus mal à la maison ; les indiennes n'obéissent pas à Carrié [Carrier] et le relâchement le plus [Fin du f° 120] complet règne en tout. On laisse pourrir la viande fraîche achetée hier et, pour le souper, on nous sert à peine de la soupe et du riz !

137 Todos Santos est le poste d'exploitation de caoutchouc du Madidi le plus proche de celui de Devès Frères. Il a comme propriétaire Dona Francisca de Farinas.

138 Félix Linon, bras droit de Le Cointe dans la gestion de l'exploitation, sera assassiné par le français Jean-Baptiste Brouillon (né à Brive-la-Gaillarde en 1865), employé dans l'exploitation depuis 1899, lequel sera en retour fusillé sur ordre de Le Cointe (cf. Petitjean, dans ce volume).

139 Malgré son statut d'« Indienne du pays », Magdalena est appelée *Dona* par Le Cointe en vertu du statut social élevé de son mari.

140 Médicament utilisé pour le traitement de la fièvre et de la douleur.

141 Francisation du mot portugais *batelão*, comme déjà mentionné dans une note précédente.

142 Le Cointe fait ici référence à l'expédition Floriano Peixoto, organisée par le Brésil.

Jeudi. 25 [octobre]. Aujourd'hui, je fais moi-même acheter de la viande et j'envoie Lhéraut cuisiner ; les indiennes sont si sales et de si mauvaise volonté qu'on ne peut plus s'occuper des convenances.

Magdalena Carrié [Carrier] se plaint toute la journée qu'on lui mange tous ses légumes, que Carrié [Carrier] n'a rien à lui, que tout est à elle, etc.

Pluie tout le jour. Tout autour de la maison, boue gluante et profonde, on ne peut mettre le nez dehors.

Vendredi. 26 [octobre]. Il n'y a pas au monde de pays plus en retard que celui-ci : les habitants, blancs ou indiens, n'ont aucune industrie, pas même celles du *caboclo*¹⁴³ de l'Amazonie qui leur est 100 fois supérieur [supérieure] en civilisation. Les femmes ne savent même pas porter leurs enfants, si ce n'est en paquet dans un torchon jeté sur les épaules.

Içi [ici], les eaux sont au maximum en février. De [la] fin de décembre à [la] fin d'avril, on ne circule plus en bales [petits radeaux] entre Rurrenabaque et Mapiri.

Hauteur au[-]dessus du niveau de la mer : *m ou m* [*mais ou menos* : plus ou moins] 150 m.

Pluie toute la journée.

À 3 h de l'après-midi, arrive un *callapó* de Mapiri amenant 4 officiers et 1 soldat. Ils débarquent sous une pluie battante. Toute la population est en émoi. On craint l'arrivée d'une nouvelle expédition. Burgos, comme intendant, leur fait les honneurs de la ville et les conduit à la maison municipale. Ce sont, paraît-il, des membres de la commission des limites.¹⁴⁴ On court aux nouvelles malgré la pluie. Ils ont besoin de batelons pour descendre : il [Fin du f° 121] doit bientôt arriver de la charge qu'ils vont conduire à l'Acre. Burgos, notre agent, bien que sachant que j'ai retenu le batelon du courrier, l'indique comme le seul disponible ; mais le hasard est contre lui ; à ce même moment 2 batelons sont signalés, venant d'en bas : ce sont ceux de Burgos, justement.

Photo 86. Absente du carnet

143 Terme péjoratif qui désigne les habitants métis pauvres de l'Amazonie brésilienne.

144 La commission des limites était chargée d'établir physiquement les frontières du Brésil vis-à-vis des pays voisins, parmi lesquels la Bolivie.

X. De Rurrenabaque à Madidi

Samedi. 27 [octobre 1900]. Les deux batelons de Burgos sont réquisitionnés. Le chef de la commission [de démarcation de limites], officier argentin, dit qu'il a besoin de 3 batelons et qu'en cas de nécessité il prendra celui du courrier.

Quand notre voyage paraît le plus compromis, Brice, qui est arrivé hier soir imagine une nouvelle combinaison.

Un commerçant de S. [San] Bonaventura qui veut aller à Riberalta et a son canot à Salinas veut bien me prêter celui-ci ; en échange lui et sa charge vient [viennent] dans le batelon [Fin du f° 122] du courrier. Brice ira chercher le canot et l'amènera à Altamarani et nous, nous irons le rejoindre mardi en *callapó*. C'est parfait. Pourvu qu'il ne se présente aucune complication. J'envoie demain un express [coursier] à Reyes pour chercher de l'argent chez notre banquier, J. Hengartner. La nuit, l'express [le coursier] vient me dire que Burgos lui a défendu de partir ; encore une ! J'enverrai un autre employé, même de Carrié [Carrier].

Dimanche. 28 [octobre]. L'express [Le coursier] est parti pour Reyes et reviendra demain.

Içi [ici], ils ne savent même pas ouvrir la paille, si bien qu'il leur en faut 3 fois plus qu'au Brésil pour couvrir une maison.

On ne trouve pas une ligne de pêcher [pour la pêche] ; l'épervier¹⁴⁵ est complètement inconnu.

Lundi. 29 [octobre]. Dès le matin, Carrié [Carrier] est gai et a acheté très cher une douzaine de bouteilles d'une horrible préparation qualifiée du nom pompeux de vin et il s'en enfile verre sur verre. Je crois même qu'il a quelque part une bouteille de *cachaça* [alcool de canne] et qu'il mélange. Il ne veut s'occuper de rien aujourd'hui ; demain on préparera le *callapó*.

Le soir, revient mon coursier de Reyes. Il m'apporte 200 Bs [bolivars] en argent et une lettre [de change] de Bs 300 sur Burgos. Je vais recevoir immédiatement : tête de Burgos.¹⁴⁶

Mardi. 30 [octobre]. Toute la nuit, Carrié [Carrier] nous a embêté[s] en courant tout seul et criant dans sa chambre. De plus, une quantité de moustiques nous assaille et ne nous laisse pas un moment de repos, nous obligeant à nous relever et à armer [dresser] nos

145 Filet de pêche individuel lesté de plomb.

146 Une lettre de change est un écrit par lequel un créancier (ici Burgos) prête de l'argent à un débiteur (ici Le Cointe). Le Cointe explique qu'il va aussitôt demander l'argent à Burgos et que ce dernier, ne s'y attendant pas, fait une grimace.

moustiquaires. Le matin, Carrié [Carrier] va un peu mieux [Fin du f° 123], mais il recommence à boire et ne tarde pas à être encore en plus mauvais état qu'hier.

Enfin, après bien des difficultés, à midi, les 2 *callapós* sont prêts ; nous chargeons les bagages et, à 2 heures, nous partons. Carrié [Carrier] nous accompagne jusque chez Brice, il a dormi un peu et est plus tranquille.

À 1 km au-dessous de Rurrenabaque, à g. [gauche], débouché du *rio* Caijene. Un peu plus bas, une quantité d'arbres plantés dans le lit de la rivière embarrassent son cours, puis la rivière s'étale, se divise en une grde. [grande] quantité de bras peu profonds, formant nbr. [nombre] d'îles basses de galets et de boue.

Arrivée à 4 h ¼ à Atamarani, rive gauche, à la réunion de tous les bras.

À partir de là[-bas], la rivière a un cours régulier ; des *lanchas* [embarcations rapides] sont déjà venues jusqu'ici [ici].

Belle terre ferme, plate et assez élancée, mais *carapanas* [*carapanãs* : moustiques] formant de véritables nuages nuit et jour, véritable supplice ; je n'en ai jamais vu autant en plein jour.

Brice est allé hier à Salinas et ne sera de retour que demain. Sa femme, une indienne, nous reçoit très bien. – belle et bonne *chicha* [boisson fermentée].

Mercredi. 31 [octobre]. Nuit mauvaise à cause des *carapanas* [*carapanãs* : moustiques].

Lhéraut et sa femme passent la nuit à geindre et à jurer. – Pour dormir tranquillement il faut, après être entré sous la moustiquaire, bien assujettir la partie inférieure de celui-ci [celle-ci] avec des morceaux de bois et les souliers, puis allumer une bougie et tuer un par un les *carapanas* [*carapanãs* : moustiques] qui sont entrés.

Le matin, je vais chasser ; je tue un macaque de *prego* [*macaco prego* : singe, capucin brun]. Nous rencontrons aussi des *mutuns*, des *araras* [aras], des [Fin du f° 124] *inambus*,¹⁴⁷ mais je n'ai l'occasion d'en tirer aucun.

Il y a beaucoup moins de *carapanas* [*carapanãs* : moustiques] dans le bois qu'à la maison. L'après[-]midi, nous prenons donc nos chaises pliantes et allons nous installer dans le bois, à 200 pas de la maison.

147 Oiseaux terrestres de la famille des tinamous, également connus sous les noms populaires *macuco*, *inhambu* et *tona* (tinamou cendré).

Brice arrive à 5 h du soir avec le canot.

Les indiens sont tout à fait sauvages ; ils prennent leur bain dans le port avec leurs femmes. J'ai toutes les peines du monde à faire comprendre à 3 d'entre eux qu'ils doivent se retirer pour laisser ma femme se baigner. Ils s'en vont en riant.

Demain, Brice ira à Rurrenabaque chercher 3 hommes à lui qui viennent d'arriver du Mapiri et, après-demain, nous nous en irons. Encore un jour de supplice donc, avec les moustiques.

Jeudi. 1^{er} novembre. Brice part à 7 h, par terre ; nous allons chasser, mais je ne parviens pas à tirer un coup de fusil. Depuis hier, tous ici [ici] travaillent à préparer de la *chicha* [boisson fermentée] pour la fête d'aujourd'hui.

Un autel est improvisé avec des bouts d'étoffes rouges et blanches, de petits drapeaux sont fait avec des mouchoirs attachés à des baguettes. Une jolie statue de N. D. [Notre-Dame] de Lourdes qui vient du Madidi est placée sur l'autel et les indiens s'accroupissent en rond tandis que l'un d'eux récite des prières en leur langue. – Danses primitives consistant à peine en une marche plus ou moins cadencée au son monotone d'un tambour à une seule baguette et de 2 flutes de roseau, répétant les mêmes sons à indéfiniment [à l'infini].

La nuit, un des indiens, plus instruit, qui a fréquenté un missionnaire, organise la litanie et lit celles de la Ste [Sainte] Vierge en latin ! Les autres répondent en cœur [chœur], estropiant les mots d'une manière bizarre. – Il va sans dire que toute [Fin du f° 125] la journée on a bu de la *chicha* de maïs [boisson fermentée] en abondance.

Le soir, toutes les têtes sont montées. Jusqu'à une heure avancée dans la nuit continuent les chants et les jeux de tambour.

Vendredi. 2 [novembre]. Brice arrive vers 10 h. Avec lui vient P. Mariaca qui m'amène 3 indiens de D. [Don] Oporto, le propriétaire du canot, pour descendre avec moi.

Mariaca est saoul [saoul] ; il ne tarde pas à se disputer avec Brice qui lui administre une volée lui brisant 2 dents d'un magistral coup de poing. Un peu plus tard les 3 indiens veulent fuir. Brice les attache des pieds et des mains.

Aussi, les mousquites [moustiques] qu'il y a ici [ici] c'est une situation terrible. À la demande de tous, il les détache bientôt, la peur les empêchera de tenter une nouvelle escapade. Pendant ce temp, on a préparé la *montaria* [petite pirogue monoxyde] de Oporto.

Nous ne partirons que demain ; on chargera de très bonne heure. Nous passons la journée dans le bois où j'ai nettoyé un bon emplacement et où nous avons transporté chaises et hamac ; là nous déjeunons et nous soupons à peu près tranquillement.

Samedi. 3 [novembre]. De bonne heure, on charge la *montaria* [petite pirogue monoxyde]. Avec tous les soins possibles dans le chargement, il est évident que cette embarcation est faible et se retournera au moindre choc. Elle n'est bonne que pour charger des pierres.

Nous ne pourrons donc encore pas [pas encore] partir. Quelle guigne ! Il faut décharger ; de nouveau, voilà nos bagages éparpillés sur la plage. Ma femme s'est assise sur une malle et ne veut pas remonter à la maison. Enfin, après 2 h d'hésitations, Brice se résout à me donner son petit canot et à descendre [Fin du f° 126] lui-même nos bagages en *callapó*.

On met le canot à l'eau, les estives [*estivas* : disposition des marchandises pour équilibrer l'embarcation] faites pour la *montaria* [pirogue monoxyde] seront pour lui. Nous n'emportons avec nous que le strict nécessaire. Brice partira demain avec le reste.

À 1 h, nous partons.

Le canot est petit, guère plus long que large, mal fait, la tente de paille est mal construite. Ces indiens ne savent même pas faire un *japa*.¹⁴⁸ Bientôt, la pluie commence. Tous nos bagages sont sur le plancher, car il n'y a pas de place autre part. Le canot fait eau, il faut tirer celle-ci sans cesse pour que les malles ne se mouillent pas.

Nous n'avons que 3 hommes avec nous : 1 pilote et 2 rameurs. Ceux-ci, avec de petites rames sans poignées, larges de 30 cm, faites pour servir plutôt de jouet à des enfants. Ils ne savent même pas ramer. Ils jettent quantité d'eau en arrière dans le canot.

À 4 h moins $\frac{1}{4}$, nous passons devant le port de Salinas, port de Reyes. Il y a à peine une baraque [baraque] et 4 ou 5 canots.

À 5 h, sous une pluie battante, nous accostons à une rive élevée de boue gluante. Là, en haut, dans le bois, nous allons passer la nuit. Pour monter, on s'enterre dans la boue jusqu'aux genoux. Sous l'averse qui aveugle, je fais établir la tente. Pour faire le va-et-vient au canot, il a fallu attacher un câble allant d'un arbre de la rive jusqu'au canot pour empêcher une glissade dangereuse.

148 En Amazonie, il s'agit d'une natte tressée en palmes, utilisée comme protection en guise de porte, ou comme couverture contre la pluie.

Après ½ h de travail, le feu s'allume ; nous mangeons des conserves froides, mais nous pouvons prendre une tasse de thé chaud qui nous remet un peu.

Peu à peu, les *carapanas* [*carapanãs* : moustiques] se réunissent sous notre tente et nous obligent à chercher refuge sous les moustiquaires [moustiquaires] trempé[e]s. La pluie continue toute la nuit. Notre tente, traversée, laisse l'eau tomber goutte à goutte sur nos lits déjà pourtant bien assez mouillés [Fin du f° 127].

Dimanche 4 [novembre]. Le matin, le réveil est désagréable. Il faut enfiler les vêtements mouillés et les souliers pleins d'eau et de boue pour regagner le canot et y remettre les bagages gluants de boue. Heureusement, vers 6 h ½, la pluie cesse. À 8 h, nous partons.

La rivière a en général 120 – 150 m de large. De nombreux arbres entraînés par le courant sont fixés de place en place et gênent la navigation en la rendant dangereuse avec des embarcations aussi mal construites et faites de mauvais bois.

De nombreux oiseaux aquatiques s'alignent au bord des plages : *passarons* [échassiers],¹⁴⁹ garces [*garças* : grande aigrette], *curicacas* [ibis mandore], *mar[r]ecas* [cannes], *marecons*,¹⁵⁰ etc.

À 2 h ½, arrivée à Sta [Santa] Thereza, sur la rive gauche. C'est un groupe de 4 ou 5 baraques [barques] derrière un grd [grand] *platanal* [bananeraie], à 200 m du bord de l'eau. Nous restons ici [ici] pour faire sécher nos bagages et acheter des bananes pour la nourriture de nos hommes. On nous donne un grand hangar propre pour la nuit. Nous sommes à merveille. Le soleil très chaud a vite séché tous nos lits et nos moustiquaires.

Lundi. 5 [novembre]. Départ à 7 h ½. Beau temps. Nos indiens sont paresseux et bruts au possible. Ils ne savent pas préparer un canot et sont tant primitifs qu'ils se mettent nus tout d'un coup, à 1 m de ma femme, dans le canot pour changer de pantalon. Il faut beaucoup de patience pour ne pas leur cingler les reins d'un coup de corde. Enfin, nous sommes un peu à leur merci [mercie]. Je ne connais pas la rivière et je suis obligé de patienter beaucoup avec eux pour qu'ils ne me jouent pas qq. [quelque] mauvais tour.

La rivière devient de plus en plus large ; elle atteint 250 m. La pluie d'avant-hier la grossit beaucoup et les eaux chargées d'argile sont rougeâtres et charrient de [Fin du f° 128] nombreux troncs d'arbres. Le courant a beaucoup augmenté.

149 *Passarão* est un oiseau aquatique de la famille des Ciconiidae, également appelé *cabeça-seca*, *jaburu-moleque*, *cabeça-de-pedra* et *trepá-moleque*.

150 Le *marrecão* est un grand canard de la famille des Anatidés, une des espèces les plus prisées par les chasseurs.

Ainsi la pluie qui nous a si maltraités va nous servir maintenant, nous faisant avancer plus vite. À 11 h, arrêt pour cuire le déjeuner de nos indiens : bananes vertes bouillies avec un morceau de viande séchée au soleil.

Beau temps toute la journée. À 4 h 45, nous nous arrêtons rive gauche pour camper. Au même moment, passe un batelon montant avec 8 hommes. Ils sont à bout de ressources, nous leur donnons un peu de sel, de la viande sèche et des bananes. À la tombée de la nuit, une nuée de *carapanas* [*carapanãs* : moustiques] s'abat sur nous. Toute la nuit, ils assiègent nos mousquitaires [moustiquaires], faisant un bruit semblable au bourdonnement d'un essaim d'abeilles. Notre capitaine a un accès de fièvre, il claque des dents, je lui fais prendre de la quinine¹⁵¹.

Mardi. 6 [novembre]. De bonne heure, tout le monde est sur pied. En dansant sur place à cause des *carapanas* [*carapanãs* : moustiques] qui ne laissent pas ouvrir les yeux, nous prenons le thé fait avec de l'eau boueuse et, à 6 h ½, nous partons, fuyant au plus vite les mousquites [moustiques] qu'il nous faut une bonne heure de travail pour chasser du canot. À 9 h ½, [nous] rencontrons le batelon de Brice qui remonte ; il a à bord 12 indiens, 3 passagers et 4 ou 5 femmes et enfants qui grouillent au milieu des bagages. Ils hissent un[e] mousquitaire [une moustiquaire] à une perche en guise de drapeau.

La rivière est large et a de grdes [grandes] extensions en ligne droite, mais sa direction change absolument à chaque coude et, en somme, l'on n'avance guère. Parfois, le canal est très étroit et en zigzag [zigzag], nous échouons sur les bas-fonds et les indiens sautent à l'eau pour pousser le canot. Beaucoup de *passerons* [*passarões* : échassiers], de *marécons* [*marrecões* : grands canards], mais on ne peut jamais approcher des plages à cause du manque d'eau.

À 11 h, arrêt pour le déjeuner, près de la bouche [l'embouchure] de l'*igar*. [*igarapé* : cours d'eau] [Fin du f° 129] Tarêne (rive gauche). Beaucoup de *carapanas pinima*.¹⁵²

Départ à 12 h ¼. Par 2 fois, nous accostons et le capitaine va tirer des singes qu'on a aperçu[s] du canot. Il est assez heureux pour tuer une *coatá*¹⁵³ et 2 macaques de *prego* [capucins bruns].

Vers 4 h, une tempête se forme au nord, le vent nous prend de flanc et le canot rond et peu poussé par les 2 petites rames de mes indiens est poussé vers la rive gauche, qui est

151 Substance extraite de l'écorce du quinquina, utilisée pour soigner le paludisme.

152 Terme tupi désignant le moustique « tacheté » (*mosquito pintado*), probablement de l'espèce *Aedes aegypti*.

153 *Macaco-aranha* ou *coatá* est le nom commun donné à plusieurs espèces de primates du genre *Ateles*.

d'alluvion[s] à pic de 3 m de hauteur et, minée par les eaux, va s'écroulant par morceau à chaque instant. À un moment où le canot est à 1 m ½ du bord, un morceau de terre de 3 à 4 mètres cubes se détache ; à peine en une seconde a-t-on le temps de repousser le canot de 50 cm, le capitaine jette un cri ; je vois la terre qui va s'écrouler dans le canot et le mettre au fond ; heureusement, au lieu de se coucher en pivotant, la terre glisse sur sa base et vient battre l'eau au ras du bord du canot qui embarque un bon paquet d'eau, bondit sur la vague, mais résiste. Nous l'avons échappé belle. La chienne de Lhérault, qui était couchée à la proue, a été lancée à l'eau ainsi que qqs [quelques] paquets qui se trouvaient sur le tolde [auvent],¹⁵⁴ mais rien de perdu. Un quart d'h. [heure] après, Lhérault et sa femme en était encore jaunes.

Nous sommes obligés d'accoster un peu plus bas, à un endroit où la berge n'est plus à pic, et [d']attendre que le vent diminue, ce qui ne tarde pas.

Quel mauvais canot et quels mauvais rameurs. La rivière pour nous est un ruisseau,¹⁵⁵ et il est incompréhensible qu'on y fasse naufrage, et cependant ceux-ci sont très communs. J'en viens bien de [Je viens bien d'en] voir la preuve. On ignore à peu près complètement l'usage des voiles.

À 5 h, nous touchons à la rive droite pour camper dans le bois ; le vent a chassé la pluie qui menaçait.

Mercredi. 7 [novembre]. Cette nuit il y a eu relativement peu de [Fin du f° 130] de *carapanas* [*carapanãs* : moustiques]. Départ à 6 h 45.

De très bonne heure, le vent se lève fort et gêne notre marche. Tout d'un coup, le fond du canot bat sur un arbre couvert par l'eau ; la proue s'élève complètement hors de l'eau, le canot tombe sur le côté, l'eau entre, et je vois le moment où il va se retourner quand, heureusement, il glisse, décrit un arc de cercle et retombe à flot. Le courant nous emporte aussitôt mais sans toucher aux nombreux troncs qui apparaissent autour de nous. À 300 m plus bas, le capitaine s'aperçoit qu'au moment du choc son fusil est tombé. Et il ne faut pas penser à remonter le courant pour aller le chercher. C'est une grande perte, car il était bon et le capitaine bon chasseur nous assurait des vivres frais tous les jours. – C'était le seul fusil qu'avaient apporté nos gens.

Le vent de plus en plus fort ne nous permet guère d'avancer ; à 9 h 45 nous nous arrêtons rive droite pour déjeuner et voir si le temps se calme un peu. À 12 h 15, nous repartons,

154 Francisation du mot portugais *tolde* qui signifie : auvent ou couverture d'une embarcation (toit ou tente, souvent de paille).

155 Le Cointe fait probablement référence au fait que cette rivière n'a pas les grandes dimensions des autres rivières amazoniennes.

mais le vent est encore fort et nous n'avancions guère. Le capitaine tue un *coatá* [espèce de primate] avec mon fusil ; nous ne serons donc pas complètement dépourvus de chasse.

À 4 h, nous nous arrêtons rive droite pour camper. Pas beaucoup de moustiques.

Jeudi. 8 [novembre]. Le matin, le temps est à la pluie, les *carapanas* [*carapanãs* : moustiques] sont en nuées ; nous partons à 6 h 45. La petite chienne de Lhéraut s'est encore cachée quand on l'a appelée et nous partons sans elle. Je plains la pauvre bête, mais c'est un ennui de moins. Je n'aurais jamais dû l'autoriser à emmener 2 chiennes.

À 8 h, orage et pluie. À 9 h ½, nous touchons [terre] pour le déjeuner des indiens. La rivière, large de 250 m et qqf. [quelques fois] 300 m, est presque toujours bordée de bambous ; les rives sont d'alluvions, boueuses, minées par les eaux et s'écroulant sans cesse, obstruant la [Fin du f° 131] rivière d'une quantité d'arbres échoués sur les bas-fonds. Pas de plages de sables, tj. [toujours] de la boue.

Départ à 11 h ; la pluie a cessé mais menace tj. [toujours], le temps reste orageux. Comme le soleil est couvert, les indiens, trempés jusqu'aux os, rament de bon cœur pour se réchauffer.

Le capitaine tue encore un *coatá* [espèce de primate] avec mon fusil.

Vers 2 h, la pluie recommence et ne cesse plus. À 4 h, nous laissons, rive g. [gauche], la bouche [l'embouchure] du *rio* Inapuréra, 25 m de large, profond. Nous y entrons et à 150 m au-dessus de la bouche [l'embouchure], sur la rive g. [gauche], nous coupons dans un véritable *cacaoal* [cacaoyère] naturel. La pluie cesse bientôt, mais nous pataugeant dans la boue. À peine sommes-nous couchés qu'une bande de singes de nuit vient prendre ses ébats au[-] dessus de nos têtes. Ils restent là jusqu'à minuit, moment où le capitaine agacé de leurs cris va leur tirer 2 deux coups de fusil. Il en blesse un, mais la mauvaise bête se raccroche dans sa chute et la nuit empêche de la poursuivre.

Vendredi. 9 [novembre]. Départ à 7 h. Beau temps.

Le canot est un véritable cloaque d'immondices. Ces indiens n'ont soin de rien, sont sales, négligents et bêtes.

Le vent se lève très fort dès le matin et empêche notre canot d'avancer. La rivière a quelques endroits larges, bordés de plages basses où le vent fait force sans obstacles et soulève de petites vagues. À peine si, moi aidant, on arrive à maintenir le canot. À 11 h ¼, le vent a diminué et changé de direction, il ne nous gêne plus autant.

Arrêt rive droite à 4 h 50. À partir d'aujourd'hui, il ne faut plus coucher rive gauche, les indiens sauvages ayant déjà fait, sur cette rive, diverses incursions. Cependant, vers les 8 h, un de nos indiens, Mathias (le capitaine est Manuel, l'autre, Raymundo) qui s'est éloigné de 50 pas pour chercher du bois [Fin du f° 132] sec et qui s'éclairait avec un tison [tison], lâche celui-ci et revient en courant, disant qu'il a entendu quelqu'un marcher, et demandant si tout le monde est là. Nous sommes tous au campement. Un peu en avant le capitaine a aussi entendu le bruit de pas précipités qui s'éloignaient, et est d'avis que c'est un indien qui a fui en nous apercevant. Ils passent ainsi qqf. [quelques fois] la rivière avec n'importe quel tronc d'arbre que le courant entraîne. Il est vrai qu'étant ainsi peu nombreux ils ne se risquent pas à attaquer¹⁵⁶.

Samedi. 10 [novembre]. La nuit s'est passée sans accident, seulement les nuées de *carapanas* [*carapanãs* : moustiques] nous ont incommodé[s] malgré les moustiquaires [moustiquaires].

Départ à 6 h ½. La rivière a monté. Pas de vent, on marche bien. Arrêt à 10 h rive gauche. Le capitaine tue un *taititú* [pécari].¹⁵⁷ Je trouve des pieds de *massaranduba*¹⁵⁸ et de sorbier.¹⁵⁹ Nous faisons un *mingáo* [*mingau* : bouillie] de bananes avec du lait de sorbier pour varier notre ordinaire, au grd [grand] ébahissement des indiens qui ne connaissent pas ce produit de leurs forêts.

Départ à midi. À midi ½, nous passons la bouche du *rio* Eméru, rive gauche, et à 4 h celle du *rio* Chaméro, même rive. Arrêt à 4 h ½, rive droite, pour le campement. Il y a peu de moustiques.

Dimanche. 11 [novembre]. La rivière a monté pas mal durant la nuit, le courant est plus fort. Départ à 6 h ¼. Dès le matin les *maribuins* [*maruins*] ne nous laissent pas un moment de repos.

À 8 h ¼, petit affluent rive gauche, *rio* Móké. Toutes ces rivières de la rive gauche sont habitées par des indiens féroces.

156 La région traversée par Le Cointe est encore à cette époque habitée par des groupes indigènes non « pacifiés ». À cette époque, de nombreuses populations autochtones ont été asservies et décimées par des patrons d'exploitations de caoutchouc, ce qui explique la méfiance et l'hostilité de ces groupes vis-à-vis des Blancs. Rencontrer des Indiens pouvait ainsi s'avérer dangereux.

157 Mammifère artiodactyle du genre *Dicotyles*, également connu sous le nom de *caititu*, *pecari*, *porco-do-mato* et *patira*.

158 Nom qui désigne plusieurs espèces d'arbres au bois dense, dur et résistant, utilisé principalement dans la construction civile. Cet arbre fournit un latex comestible et source de balata (*gutta-percha*), utilisée pour modeler, pour calfeutrer et pour fabriquer la gomme à effacer.

159 Il est difficile d'identifier quel arbre Le Cointe désigne avec le terme sorbier. En Amazonie, plusieurs espèces sont dénommées *sorva* ou *sorveira*. Il est possible qu'il se réfère à une espèce du genre *Couma*, productrice de latex (non-élastique) et de fruits comestibles.

Beau temps, mais vent gênant.

Arrêt pour déjeuner à 11 h sur la rive g. [gauche]. Tout d'un coup [Fin du f° 133] vient la pluie, mais elle dure peu et le vent tombe. Départ à 12 h 15.

À cause de la crue qui s'accroît, la rivière charrie grande quantité de bois secs arrachés aux rives, où la dernière inondation les avait jetés. Les *puins* [*piuns*] sont aujourd'hui insupportables.

Le temps continue à la pluie ; à 1 h ½, grande [grosse] averse.

Les indiens ne savent même pas conserver leur chasse par la défumation [*defumação* : boucanage] au *moquen*¹⁶⁰; et, comme le sel est rare et cher, tous les jours nous sommes empestés par les restes de chasse qu'ils conservent crus du jour au lendemain, jetés au fond du canot dans l'eau et la boue.

À 2 h, nous passons la bouche [l'embouchure] du *rio* Negro, rive droite, petit et non navigable.

À 2 h ½, autre pluie accompagnée de rafales de vent, qui nous obligent à nous attacher à la rive droite pour attendre un meilleur temps. La pluie passe vite, nous repartons, mais le temps reste à l'orage ; de temps en temps, de grosses gouttes d'eau rebondissent autour de nous.

La rivière est de plus en plus débarrassée, et large de 300 m – 350 m. Le plus caractéristique est que, depuis Rurrenabaque, il n'a pas eu signal de terre ferme sur les rives, tj. [toujours] de la *varzea* [*várzea* : plaine d'inondation] plus ou moins haute. Rien que de la boue, des plages de boue, pas un indice de sable ou de pierres. Vers 4 h, nous arrivons à un endroit où la rivière élargie est divisée en 2 bras par une île basse de terre dénudée ayant à peine en son centre 50 m au-dessus du niveau actuel des eaux. Le plus curieux est qu'ici [ici] il n'a pas plu, et le vent soulève la terre desséchée en de véritables nuages de poussière blanchâtre.

Sur les bords de cette île de nombreux *passerons* [*passarões*] blancs à la tête noire se promènent gravement sur leurs échasses.

Arrêt à 4 h ½, rive droite. [Fin du f° 134].

Lundi 12 [novembre]. Mauvaise nuit. Vers 11 h, a commencé une pluie torrentielle qui a aussitôt percé notre tente et nous avons passé toute la nuit trempés. Le matin, la

160 Grille en bois construite sur un foyer, utilisée pour cuire ou sécher le poisson ou la viande, parfois enroulées de feuilles.

pluie qui avait cessé a repris de plus belle accompagnée de vent qui soulève des vagues compromettantes pour la sûreté de notre canot trop chargé de [à la] proue à cause de la tente et des lits mouillés et qui embarque de l'eau, me laissant à peine le temps de vider la cale avec une calebasse.

La pluie ne cesse que vers 1 h. Nous sommes gelés, battant [claquant] des dents.

À 4 h, le capitaine dit que nous ne sommes plus qu'à ¼ d'h [heure] de Peña Guaray. Je résouds [résous] donc d'aller dormir là, mais, demi-heure après demi-heure, la nuit arrive et pas de Guaray.

Nous naviguons jusqu'à 8 h par nuit noire au risque de nous jeter sur quelques bois. Enfin nous arrivons sans accident à Guaray, où nous sommes aimablement reçus par le gérant D. [Dom]¹⁶¹ Pacifico Lavayou.

Mardi. 13 [novembre]. Le capitaine a la fièvre, tous nos effets sont mouillés ; D. [Dom] Pacifico nous offre si cordialement l'hospitalité, nous disant d'attendre le *callapó* [radeau] de Brice, qu'il nous donnera des gens et son batelon pour aller au Madidi, que je me décide à rester ; la journée est belle, nous faisons tout sécher, nous pouvons même laver un peu de linge. – Bonne journée.

D. [Dom] Pacifico nous comble de bons traitements et me donne de précieux renseignements sur le Madidi. Je vois que j'aurai là beaucoup de travail, beaucoup de réformes à faire.

Mercredi. 14 [novembre]. Le capitaine est remis de ses fièvres, mais il pleut presque toute la journée et nous restons à attendre Brice qui ne vient guère.

Jeudi. 15 [novembre]. Bon temps. À 5 h du soir, un cri : « *callapó* [Fin du f° 135] *arriba* ! ». C'est Brice. Il est venu sans accident. Nous partirons demain matin.

Vendredi. 16 [novembre]. Départ à 7 h avec le canot. Le *callapó* continue jusqu'à la bouche de l'*igarapé* [cours d'eau] Vira où est le batelon de D. [Dom] Pacifico.

5° – NE – 1 500 m

À 250 m du commencement, à dr. [droite] Peña Guaray, une dizaine de maisons, terre élevée d'argile rouge et graviers ferrugineux. – largeur de la rivière : 300 m.

161 *Dom* est une marque de déférence utilisée pour désigner certaines personnes de statut social supérieur. À l'époque du voyage de Le Cointe, en Amazonie, il était notamment utilisé pour se référer aux propriétaires d'exploitations de caoutchouc.

15° – NO – 1 100 m

85° – NO – 350 m

5° – SO – 800 m

60° – SO – 600 m

À 100 m avant la fin, à gauche, une étroite bande de terre de 50 m à peine sépare de la rivière qui va faire une grande boucle.

45° – NO – 800 m

25° – NE – 800 m

À la fin, à gauche, petit *igarapé* [cours d'eau] et, immédiatement au-dessous, port de Vira.

Arrivée à Vira à 9 h, départ à 2 h dans la *montaria* [embarcation] de D. [Dom] Pacifico où nous avons pu loger tous nos bagages. Nous lâchons le *callapó* au gré du courant.

50° – NE – 1 800 m

Nort [Nord] – 500 m

40° – NO – 300 m

À la fin, à dr. [droite], rive élevée de *barro vermelho* [d'argile rouge] – larg. [largeur] 200 m

75° – NO – 1 600 m

À la fin, à gauche, endroit appelé Sta. [Santa] Roza. Autrefois, le fleuve faisait là une grde [grande] boucle qui a été coupée.¹⁶² – Traverse de pierres visibles aux eaux basses [Fin du f° 136].

10 150 [m]

10 150 [m]

Nort [Nord] – 200 m

25° – NE – 900 m Larg. [Largeur] 300 m

Total – 11 250 m = 17 km

À la fin, à g. [gauche], bouche [l'embouchure] du Madidi.

162 Le Cointe évoque ici les changements fréquents du cours de la rivière Beni, tels que l'intersection des méandres et le détournement de bras d'eau. Cette caractéristique se retrouve également chez plusieurs affluents de la rive droite de l'Amazone, comme le Juruá et le Purus.

Ensuite – 50° – NE À la fin, à dr. [droite], port de Guaray et, à une demi-heure au [du] centre de ce dernier, village de Cavinás.

Rio Madidi.

Entrée à 3 h 20 – largeur de la bouche [l'embouchure] : 60 m, peu de courant maintenant parce que le Béni [Beni] monte.

65° – NO – 350 m

40° – NO – 600 m

80° – SO – 100 m

40° – SO – 200 m larg. [largeur] 80 m

15° – SO – 150 m

5° – SE – 200 m

50° – SO – 200 m

80° – SO – 300 m

20° – SO – 100 m

15° – SE – 500 m

Campement à 4 h ½ – rive droite. – Presque pas de *carapanas* [*carapanās* : moustiques].

Samedi. 17 [novembre]. Départ à 6 h. Brice dit qu'il n'a jamais vu la rivière si calme.

10° – SO – 200 m

30° – SO – 650 m

70° – SO – 200 m

30° – NO – 400 m

65° – NO – 150 m

30° – SO – 200 m

Au commencement, a naufragé la lanche [*lancha* : bateau rapide] *Orton*.

15° – SO – 450 m

À la fin, endroit où la *lancha Orton* s'est retournée.¹⁶³

65° – NO – 250 m

75° – SO – 100 m

5 300 [m]

¹⁶³ Il faut sans doute comprendre que l'accident s'est déroulé tout au long de cette portion de la rivière, du déséquilibre à l'entrée, en sortant du premier tournant, au renversement complet à la fin, en entrant dans le second.

[Fin du f° 137]

5 300 [m]

20° – SO – 500 m

À 100 m du commencement, rive g. [gauche], bouche [l'embouchure] d'un *igarapé* [cours d'eau] de 3 m qui vient d'une grde [grande] lagune près d'ici [ici].

Brice vit comme les indiens ; il s'est même habitué à chiquer de la coca. Cette chique est composée de la manière suivante : feuilles sèches de coca à remplir la joue, un peu de cendres de *Matacú* (palmier *inajá*, cendre de l'enveloppe du régime) contenue dans une pointe de corne formant tabatière et tirée avec une spatule formée d'un os d'oiseau et [d']un morceau de *cipó* [liane] *tchamarié*, jaune, amère. Le tout réuni a, paraît-il, un goût douceâtre.

50° – SO – 100 m

80° – NO – 250 m larg. [largeur] 80 m

55° – NO – 800 m

Au milieu, rétrécissement à 60 m, puis de nouveau 80 m. À la fin, la rive g. [gauche] se rapproche de nouveau de la droite.



Le Madidi n'a rien de pittoresque. Il traverse des terrains bas et marécageux. Rives boueuses couvertes d'herbes aquatiques, bordées d'*embaubeiras* ou de bambous. – Eaux sales.

80° – NO – 200 m

45° – SO – 200 m

Au milieu, rive g. [gauche], baraque [baraque] de *sernigreiros* [*seringueiros* : collecteurs de latex] (Cayuvava),¹⁶⁴ canots d'indiens. Nous leur laissons sur la plage en face 2 régimes de bananes qu'ils réclament à grds [grands] cris.

25° – SE – 200 m

55° – SE – 550 m

25° – SE – 100 m

60° – SO – 200 m

85° – NO – 350 m

8 750 [m]

[Fin du f° 138]

8 750 [m]

65° – NO – 200 m

Le courant augmente à mesure qu'on remonte.

45° – NO – 250 m

85° – NO – 150 m

40° – SO – 200 m

25° – SO – 450 m

45° – SO – 400 m

À la fin, rive dr. [droite], bouche [l'embouchure] d'une lagune.

70° – SO – 100 m

Au commencement, rive g. [gauche], bouche [l'embouchure] d'une lagune qui vient d'un centre de [production de] gomme [élastique].

80° – SO – 1 000 m

80° – NO – 150 m

25° – NO – 400 m

Nous rencontrons une loutre.

40° – NO – 200 m

164 Pour la première fois dans son récit, Le Cointe mentionne le nom d'une ethnie indigène, les Cayuvava, également connus comme Cayuwaba ou Cayubaba. Ce groupe vit encore dans la région du *rio* Beni et parle une langue isolée.

80° – NO – 200 m

À la fin, rive g. [gauche], bouche [l'embouchure] d'un *igarapé* [cours d'eau] de 6 m de large (*arroyo* [espace blanc]).

65° – SO – 450 m

45° – SO – 600 m

70° – NO – 150 m

50° – NO – 900 m

Ouest – 100 m

40° – SO – 50 m

25° – SE – 350 m

65° – SO – 500 m

Nous touchons un bois caché par l'eau, la quille passe avec difficulté. Ce ne serait vraiment pas de chance si nous naufragions maintenant ; mais nous passons.

30° – SO – 100 m

Sud – 600 m

80° – NO – 100 m

16 350 [m]

[Fin du f° 139]

16 350 [m]

65° – NO – 550 m

75° – NO – 200 m

70° – SO – 350 m

17 450 [m] = 26 km

À la fin, tourne à droite. Au milieu rive droite.

Madidi ville.¹⁶⁵ Arrivée à 1 h 45.

[Fin du f° 140]

[f° 141 : page blanche]

165 En fait, Mirlitonville.

Note des éditeurs

Entre le 17 novembre 1900 et le 10 septembre 1901, Paul Le Cointe exercera la fonction de gérant du comptoir Devès Frères, une exploitation de caoutchouc dans le Madidi. Rien à ce sujet n'est mentionné dans son carnet de voyage qui, initialement, devait s'achever à son arrivée à Mirlitonville, comme le suggère le titre de l'ouvrage. Pourtant, Le Cointe a finalement ajouté le trajet retour, du Madidi à Óbidos, sans doute car il est passé par la rivière Madeira pour rentrer au Brésil. En effet, la gérance des établissements Devès par Le Cointe s'est avérée désastreuse d'un point de vue financier (Devès est en faillite dès 1902) et humain : suite à un règlement de comptes entre Félix Linon (gérant par intérim) et Jean-Baptiste Brouillon (employé), Le Cointe, faisant justice lui-même, fait exécuter son employé et se retrouve aux mains avec la justice bolivienne, ce qui met un terme à son expérience de *seringalista*. Il est alors convoqué au poste de police de Riberalta, où il est assigné à résidence pendant deux mois, avant de pouvoir partir, grâce à une intervention du consul de France à La Paz. Le Cointe et son épouse, en fuite, rentrent alors à Óbidos à toute hâte, par le chemin le plus court et ne nécessitant pas de traverser de multiples frontières : les rivières Beni, Madre de Dios et Madeira. La deuxième partie du carnet de voyage décrit ainsi ce périple et commence du Madidi, alors que Le Cointe se rend au poste de police de Riberalta. Cette situation explique que le récit n'est pas linéaire et qu'il existe des sauts de dates lorsque Le Cointe est empêché par des activités qui ne sont pas directement en lien avec l'expédition et qu'il souhaite passer sous silence. On note qu'en raison de son expérience dans l'exploitation de caoutchouc, les descriptions de la deuxième partie du carnet sont très portées sur l'écoulement du caoutchouc.

Mardi 10 septembre 1901. Départ du Madidi à 3 h de l'après[-]midi en batelon. – Arrivée à 5 h 1/2 à la baraque [baraque]¹⁶⁶ de Cayuvava [ethnie indigène] où nous couchons¹⁶⁷.

Mercredi 11 [septembre]. Passé à Guanay. Simple port de Cavinass situé à une lieue. Bonne route. Arrivée à Todos Santos (D^a [Dona] F^{ca} [Francisca] de Farinas)¹⁶⁸.

Jeudi 12 [septembre]. [blanc]

166 Dans les exploitations de caoutchouc, la *barraca* est l'entrepôt central où le patron échange des produits contre la récolte de latex de ses employés.

167 Il s'agit probablement d'une *maloca* (maison collective) ou d'un village indigène intégré à la production de caoutchouc.

168 Entre parenthèse, Le Cointe indique le nom des propriétaires des exploitations de caoutchouc par lesquelles il passe.

Vendredi 13 [septembre]. Départ le matin de Todos Santos. – Passé à Carmen Alto (F^{co} [Francisco] Rivero) – à S. [San] Antonio (Roca Alvarès [Alvarez]). – À Natividad.

Arrivée à Los Angeles. (M. Parejes).

Samedi 14 [septembre]. Passé à Vitumbo – Carnavales.

Arrivée à Etea à 6 h du soir, après un terrible ouragan qui a renversé là[-bas] une maison et [a] à moitié écrasé 2 enfants.

Dimanche 15 [septembre]. Arrêt à Etea, la baraque [baraque] la plus importante du Béni [Beni].

Lundi 16 [septembre]. Départ le matin à 11 h ; arrivée le soir à Blanca Flôr.

Mardi 17 [septembre]. Départ le matin ; le soir nous dormons dans le bois au[-]dessus de Copacabana.

Mercredi 18 [septembre]. Arrivée à Conception [Concepción] (Rodolphe [Rodolfo] Arauz). C'est de là[-bas] qu'on va par terre au [jusqu'à la rivière] Geneshuaya.

[Fin du f° 142]

Jeudi 19 [septembre]. Couché le soir dans le bois.

Vendredi 20 [septembre]. Nous rencontrons la *lancha* [bateau rapide] *Braillard* en face de Libertad. Nous allons coucher un peu plus bas sur la plage.

Samedi 21 [septembre]. Arrivée à Riveralta [Riberalta].

Samedi 28 [septembre].¹⁶⁹ Départ de A. Escalante p. [pour] le Madidi.

Vendredi 4 octobre. Arrivée des troupes de Cochabamba allant à l'Acre.

Mercredi 16 [octobre]. Retour de la *lancha* [bateau rapide] *Braillard* du Madidi.

Samedi 19 [octobre]. Arrivée de *De La Jaille*.

Lundi 4 novembre. Départ de *De La Jaille*.

169 Détenu à Riberalta pendant deux mois (du 21 septembre au 29 novembre), Le Cointe cesse de prendre des notes quotidiennes ; il commence à sauter des jours ou à omettre des événements le concernant, et à décrire les mouvements qu'il observe dans cette ville.

Jeudi 14 [novembre]. Départ de Fr. [Friedrich] Seiler¹⁷⁰ pour Villabella.

Mercredi 20 [novembre]. Mr le Dr [Docteur] Ximenez est nommé agent consulaire de France à Riberalta [Riberalta].

Vendredi 29 [novembre]. Tout est arrangé par le Dr [Docteur] Ximenez¹⁷¹.

[Fin du f° 143]

10 X^{bre} [décembre].¹⁷² Départ de Riberalta [Riberalta]. Quitté le Chaco de Durand à 5 h ½ du soir à bord de la *lancha* [bateau rapide] *Braillard*. Arrivée à Orton¹⁷³ à 6 h 45. Bonne maison d'habitation à un étage, mais délabrée ; cabanes des travailleurs presque toutes vides ; l'herbe et le fourré prennent compte [envahissent] la baraque [baraque]. J. Feichner, le directeur, n'est pas là ; il est à la Cachuela Esperança [Esperanza].¹⁷⁴ Nous ne trouvons que P. de Barneville qui me fait l'impression de n'être pas l'auteur de l'invention de la poudre à canon, mais plutôt de la poudre d'escampette.

11 [décembre]. Départ à 6 h ½ du matin ; la rivière a monté beaucoup et charrie une quantité de bois. – ¼ d'h [d'heure] plus bas, nous passons la bouche du *rio* Orton, étroite et terres basses. La *lancha* [bateau rapide] *Esperanza* a naufragé il y a qqs [quelques] jours dans cette rivière, peu d'heures après avoir aidé au sauvetage de la *Sernamby* qui venait de se crever sur un tronc d'arbre. La gomme retirée presque toute de l'*Esperanza* a été chargée sur 2 batelons dont un naufragea un peu plus bas.

Le Béni [Beni] augmente beaucoup de largeur et le courant est très fort (800 m de larg. [largeur]).

À 8 h, une île divise la rivière ; on se croirait absolument dans un bras de l'Amazone, même aspect de rives basses et boisées, même eau boueuse. À 8 h 20, passe devant Florida, rive droite. Atelier de constructions et montage de *lanchas* [bateaux rapides] en bas, à la bouche [l'embouchure] d'une petite rivière et qqs [quelques] baraques [barques] sur un terrain très levé, à pic, de *barro vermelho* [argile rouge], un peu au-dessous ; le tout à peu

170 Suisse, il a acquis la Maison Braillard, concurrente de Devès & Compagnie, dont le siège se trouvait à Riberalta.

171 Le Cointe fait ici référence à sa libération par la police, lui permettant de quitter la Bolivie.

172 Reprise des annotations journalières de Le Cointe.

173 Autre exploitation de caoutchouc importante dans la région du Madidi.

174 Résidence de Nicolás Suárez Calláu (1851-1940), propriétaire de la Maison Suárez et du plus grand comptoir de caoutchouc de la région, situés sur la rivière Madre de Dios, entre Riberalta et Guayaramerín. Au début du XXe siècle, Suárez Calláu a bâti un empire commercial en Bolivie. Son siège était situé dans une zone traversée par des rapides, ce qui nécessitait le transbordement des cargaisons et lui permettait de contrôler la navigation sur les rivières Madre de Dios et Beni.

près abandonné. Rive droite, les terres hautes continuent en bordure, la rivière se rétrécit à 350 m. – À 9 h 25, Sta. [Santa] Cruz de Apontes, rive gauche, à peine 2 maisons et un *platanal* [bananeraie] – largeur du Béni [Beni] : 800 m.

À 10 h, le Béni [Beni] se rétrécit de nouveau à 350 m, terre ferme, rive gauche, puis s'élargit un peu.

À 11 h ½, île au milieu du *rio* [rivière] ; à 12 h 20, 2 îles à la file, canal étroit à droite, par lequel nous passons. À 12 h ½, Persévérance [Perseverancia] à g. [gauche], en face de la pointe d'aval de la 2^{ème} île, jolie petite baraque [baraque] sur un terrain élevé. – À 1 h ½, nous atteignons la tête de la *cachuela* [cascade]. – Le *rio* [rivière] s'élargit beaucoup, formant une [Fin du f° 144] baie, rive gauche ; on longe cette rive pour éviter le grd [grand] courant de droite. Le *rio* [rivière] tourne à dr [droite] ; on aperçoit au fond le *barracão* [baraque] d'Esperanza de Nicolas Suarez. – À 1 h ¾, arrivée à Esperanza, en face même de la *cachuela* [cascade] de ce nom. – Il y a 7 *lanchas* [bateaux rapides] dans le port avec la nôtre.

Braillard – à roues de Braillard et C^{ie} [Compagnie]

Illimani – “ de Reyes Ortiz

Campa – “ de Suarez

Roca – “ “

Sernamby – “ de Orton R. C^{ie} [Compagnie]

Tahuamanu – à hélice[s] de Orton R. C^{ie} [Compagnie]

Sena – à roues de Suarez

Il ne manque que la *Luiz Ernesto*, de Braillard, qui est partie pour le Madidi.

Au[-]dessous de la chute, sur la plage, sont une vingtaine de batelons, les uns à l'eau prêts à partir, les autres à terre se calafetant [calfatant]. Hommes, femmes, enfants grouillent à l'envie ; les uns faisant des trépieds pour cuisiner, les autres préparant des lianes et des feuilles de palmier pour les *camarotes* [cabines] des batelons. – On met un de ceux-ci à l'eau en le roulant sur des bois, à grd. [grand] renfort de cris en langue indienne.

5 minutes avant notre arrivée est parti justement un batelon pour Villabella, comment faire ? Heureusement, Mr Alfred Ufenast, le gérant, est des plus aimables, et nous prête un bon canot, persuade à¹⁷⁵ l'employé de Braillard de nous donner les mariniers [marins] de la *lancha* [bateau rapide], et nous partons à 6 h. Mr Ufenast nous a encore prêté un bon pilote pour sortir des remous de la *cachuela* [cascade]. Nous filons au milieu de ceux-ci sans accident.

175 « Persuade à » : tournure reprise du portugais. En français : « persuade (l'employé) »

Nous laissons notre pilote qui retourne par terre et nous continuons à la grâce de Dieu. Bientôt, la nuit s'obscurcit. Nous allons au milieu des bois flottants, le courant est violent ; la rivière se divise ; nous passons dans un bras étroit, à gauche ; au loin, un grondement nous annonce une chute ou au moins un rapide, en 5 minutes nous l'atteignons. Des masses sombres se dessinent vaguement à dr. [droite] et à g. [gauche] à la surface de l'eau ; ce sont des rochers ; tout d'un coup notre canot plonge de proue, nous glissons 1 seconde sur un plan incliné, nous [Fin du f° 145] sommes déjà dans l'eau calme. C'est le dernier rapide paraît-il.

Dans la nuit noire, nous continuons notre voyage. À 9 h ½, nous arrivons à Villabella. À 10 h, on trouve enfin Mr Alfred Stockmann, notre agent, très aimable, qui nous arrange une chambre et qq [quelques] conserves ; nous n'avons pas mangé depuis 10 h du matin.

12 X^{bre} [décembre]. À 6 h, on nous réveille. Nous allons de suite à l'autre rive du Mamoré, à Villa Murinho.¹⁷⁶ On m'a donné une lettre pour le commandant du petit village brésilien, Lourenço Justiniano da Cruz, un grd [grand] nègre qui nous reçoit en camison [*camisão* : blouse] à ramages, serré à la taille dans un beau ceinturon, chaussé de beaux souliers, un foulard de coton au cou. Il nous arrange une maison. Dans 3 jours, les batelons de Suarez vont descendre et nous [les] prendrons, comme me l'a promis Mr Ufenast.

La première personne que je rencontre ici [ici] est le chef du détachement de police de Riveralta [Riberalta] qui a déserté il y a 3 jours et a emmené 2 ou 3 prisonniers avec lui. Il veut descendre au Madeira. On va m'accuser d'avoir fui en emmenant la police !¹⁷⁷

Vendredi 13 X^{bre} [décembre] 1901. La journée d'hier, la 1^{ère} que nous passons en territoire brésilien, a été un peu triste, pluie toute la journée ; par contre, nos hôtes nous ont traité[s] magnifiquement. Le superbe commandant D. [*Dom*] Lourenço nous a invité à déjeuner et nous a présenté un menu aussi varié qu'exotique, entre autres trois espèces de soupes ! En somme, pour des affamés comme nous, la nourriture était saine (elle le paraissait du moins) et abondante ; c'était le principal, et nous avons fait honneur au repas. Notre hôte ne mangeant guère, je m'informai de sa santé et il me répondit innocemment devant sa femme, 2 autres femmes et un autre invité qu'il souffrait beaucoup de siphylis [syphilis]. Cela nous a refroidi[s] un peu.

Le soir, c'est Francisco de Souza qui nous prépare le souper ; mais là, c'est autre chose ; il avait tiré la veille un *veado* [cerf] et 2 sangliers et il nous a présenté un souper préparé de main de maître. C'est la meilleure nourriture que nous [Fin du f° 146] prenons

176 À cet endroit, entre Villabella et Vila Murinho, à la confluence des rivières Madre de Dios et Mamoré, Le Cointe franchit la frontière entre la Bolivie et le Brésil.

177 Allusion au statut de fuyard de Le Cointe.

certainement depuis que nous sommes sortis de chez nous, à Obidos [Óbidos]. Où va se nicher le talent d'un Vatel¹⁷⁸ ?

Nous passons bien la nuit, il n'y a pas de *carapanas* [*carapanãs* : moustiques]. Par contre, le jour, les *maribuins* [*maruins*] font rage.

Aujourd'hui, fort brouillard le matin, et ensuite temps couvert. – Vers 9 h, arrivent trois batelons de Mencias qui viennent de S. [San] Antonio, drapeau bolivien arboré ; j'imagine avec quel plaisir ils se voient arrivés au terme de ce pénible voyage.

Notre hôte Frco [Francisco] Souza a pris comme aide de cuisine une vieille négresse lépreuse qui a la figure couverte de tubercules comme une vieille pomme de terre bourgeonnée ! Enfin, à la guerre comme à la guerre.

J'écris aujourd'hui au consul brésilien Candido Hollanda et à Mr Stokmann [Stockmann] pour qu'il[s] m'envoie[nt] quelques provisions. Un gamin va porter ces lettres à Villabella en *montaria* [pirogue].

Cette nuit, un individu s'est échappé de la prison de Villabella et s'est aussi réfugié ici [ici].

La population de Villa-Murtinho [Vila Murtinho] est presque exclusivement composée de nègres (*Mineiros, Mattogrossenses* [*Matogrossenses*]).¹⁷⁹ Elle est en continuel[le] bis-bis [bisbille] avec les gens de Villabella. De temps en temps, le consul brésilien se passe de ce côté, où il est plus en sûreté. Il y a un mois, les boliviens sont venus avec 13 rifles attaquer Villa-Murtinho pour enlever un fuyard de la prison. Ils ont fui laissant un de leurs sur le carreau, tué par le commandant lui-même, mais à chaque instant surgissent de nouvelles questions. – Les Boliviens menacent de revenir ; il paraît que l'on va envoyer un détachement de troupes brésiliennes en garnison ici [ici].

À 1 h, arrivent encore 2 batelons de S. [Santo] Antonio, dont l'un complètement vide. Il arrive souvent maintenant que la charge manque à S. [Santo] Antonio.

À 3 h, arrive un batelon d'en haut, du Mamoré. Ce sont aussi des Boliviens ; ils viennent gais, drapeau déployé, battant le [Fin du f° 147] tambour.

178 François Vatel (1631-1671) est un pâtissier-traiteur, intendant, et maître d'hôtel qui travaillait à la Cour de France. Grand organisateur de fêtes et de festins fastueux d'exception dans certains châteaux. Il est passé à la postérité pour s'être suicidé pendant une réception alors que la livraison de la pêche du jour avait du retard.

179 Venus des Etats du Brésil respectivement de Minas Gerais et Mato Grosso.

Samedi 14 X^{bre} [décembre]. Depuis le matin, la pluie tombe avec force. Hier, Stokmann [Stockmann] ne m'a rien envoyé de ce que je lui ai demandé. Nous manquons de pain, de viande, d'alcool. Je crois que nos misères ne sont pas encore finies.

Chez notre hôte, il y a une pièce de [alu ?] de la *Concordia II*. – la n° 10. – Chez le voisin j'en ai aperçu 2 autres.

Il a plu jusqu'à 4 h ½ p.m. [après[-]midi].

Vers les 5 h, descend un batelon du Mamoré avec force roulements de tambour.

Les *maribuins* [*maruins*] sont insupportables ; je passe la journée assis devant la porte, regardant la bouche [l'embouchure] du Béni [Beni]¹⁸⁰, dans l'espoir de voir pointer les canots de Suarez. Le soir, j'envoie Fco [Francisco] de Souza à Villabella aux informations et aux provisions, car Stokmann [Stockmann] nous oublie et nous sommes sans vivres.

Dimanche 15 [décembre]. F^{co} [Francisco] de Souza n'est revenu que ce matin ; il s'est saoulé [saoulé] et nous a oubliés ; nous avons dû hier soir serrer notre ceinture. Enfin, il nous apporte ce que j'ai demandé à Stokmann [Stockmann].

Ce matin, temps pluvieux encore, mais on dirait que le soleil va enfin se montrer.

J'ai parlé ce matin à l'agent de Suarez qui est venu chez le C^{dt} [Commandant]. Les canots ne seront ici [ici] que demain et ne partiront que mercredi. Le temps va nous paraître bien long.

Pluie l'après-midi.

Lundi 16 [décembre]. La journée s'annonce belle. Beaucoup de mouvement à Villabella. – Dès 7 h du matin, 3 batelons partent pour le Mamoré – 2 autres passent, drapeaux [Fin du f° 148] déployés, descendant le Madeira – 6 batelons apparaissent derrière la pointe de Villabella et vont accoster à l'autre rive du Béni [Beni ; en fait, Madre de Dios], à une baraque [baraque] de l'établissement de la Gran Cruz. Ce sont probablement les embarcations de Suarez. Ils ne restent pas en ville de peur que le personnel ne se saouïe [saoule].

Hier, sont partis l'officier de police de Riveralta [Riberalta] et ses hommes ; ils vont tenter de descendre les chutes en *montaria* [pirogue monoxyle] avec un individu qui a fait quelques voyages mais [ce] n'est pas pratique. Je crains bien qu'ils n'aillent pas loin.

180 En fait, c'est la bouche de la rivière Madre de Dios.

L'après-midi la pluie arrive de nouveau. Au plus fort d'une averse vient le batelon de Suarez me chercher.

Stokmann [Stockmann] m'écrit que j'embarque et que j'aille à Villabella d'où nous partirons demain. Je vais donc retourner en Bolivie, bien que cette manœuvre ne me paraisse pas bien prudente¹⁸¹.

Vers 4 h ½, cesse la pluie, nous traversons. À la douane, on nous arrête parce que nous venons de la rive brésilienne. Nous attendons pendant 1 h ½ l'administrateur de la douane. Enfin, celui-ci vient et, après une demi-heure de discussion, nous laisse débarquer, mais flanque 100 bol. [bolivars] d'amende à Eriberto Velasco, le patron des canots de Suarez, sous prétexte que son batelon ne devait pas aller à la côte brésilienne après avoir été « *despachado* » [envoyé]. C'est un dernier souvenir aimable de ce beau pays de gredins.

Nous allons demeurer dans la même chambre que l'autre jour ; le batelon traverse à l'autre rive du Béni [Beni ; en fait, Madre de Dios]. Le patron Velasco a peur que ses gens ne se saoulent [saoulent] ; ils restent à Villabella. – Nous soupions chez Stokmann [Stockmann] avec qui nous causons de l'Amazone qu'il connaît très bien.

Mardi 17 [décembre]. À 6 h ½, nous passons à l'autre rive en *montaria* [pirogue monoxyde]. On arrime nos bagages divisés entre tous les batelons et, à 7 h ½, nous partons.

Nous allons, 7 batelons à la file indienne. Il fait du brouillard et il tombe une pluie fine. Nous sommes seuls, ma femme et moi, dans notre *camarote* [cabine] [Fin du f° 149].



181 Autre référence à son statut de fugitif.

Dans les autres batelons vont encore 4 autres passagers, dont 2 péruviennes.

La rivière est semée d'îlots en arrière de l'île de la Confluencia. Ce sont, comme cette île, des rochers qui émergent et forment la tête de la *caxoeira* [*cachoeira* : cascade].

Nous emmenons pour 1 million de caoutchouc¹⁸².

Nous passons en zigzag [zigzag] au milieu des îlots, gagnant la rive droite. On n'entend pas la *cachoeira* [cascade], mais apparaît devant nous dans le brouillard une ligne où se dressent brusquement des éclaboussures blanches. Plus près, l'eau paraît, en avant, prise d'une ébullition tumultueuse. – Nous sommes les derniers, nous voyons les autres batelons défiler devant nous. Une ligne de rochers coupe la rivière d'un bord à l'autre.

Avant d'arriver sur eux, nous doublons à droite et filons comme une flèche, longeant le rapide, puis le long même de la rive nous prenons le canal, au milieu de l'eau en furie, nous filons d'un trait, le batelon bondit, roule, un gros paquet d'eau embarque, encore un effort de rame nous sommes en bas du 1^{er} rapide, nous accostons rive droite pour préparer le [Fin du f° 150] passage du second ; il est 8 h. – On va décharger un peu pour passer, nous passons par terre. – Derrière nous, arrivent encore 2 batelons. Passe une *montaria* [pirogue monoxyle] montante. Elle est vide et ses 5 tripulants¹⁸³ [membres d'équipage] recourent¹⁸⁴ facilement le courant en suivant la rive, sautant dans l'eau quand le canot touche, ramant, poussant, tirant, ils vont de l'avant.

À 9 heures, nos batelons commencent à passer. On a déchargé tous les bagages et un peu de gomme¹⁸⁵ que l'on passe par un *varador*¹⁸⁶ de 350 m environ, bon chemin ; les batelons passent successivement à ¼ d'h [heure] d'intervalle. On a doublé leur tripulation [leur équipage] : ils se laissent arriver lentement jusque sur le bord de la chute en plan incliné, puis le prouère¹⁸⁷ [homme de proue], debout avec une longue rame, redresse l'embarcation que le courant saisit aussitôt. On fait force de rame pour que le gouvernail fasse effet et le canot file au milieu de la houle et de l'écume, 10 secondes après il est en bas.

182 Valeur estimée de la cargaison.

183 Lusitanisme. En portugais : *tripulantes*.

184 Le début du mot est difficile à déchiffrer, pouvant donner aussi : coupent, occupent, ...

185 La gomme désigne le caoutchouc.

186 *Varador* ou *varadouro* : mot portugais qui désigne un chemin praticable sur la berge pour faire avancer des bateaux en les faisant glisser sur des rouleaux, coupant ainsi par terre les passages trop tumultueux d'une rivière.

187 Lusitanisme. En portugais : *proeiro*.

C'est un *travessão*¹⁸⁸ rocheux, dont les pointes émergent ça et là par îlots, qui coupe toute la rivière et forme la *cach.* [*cachoeira* : cascade]. Le passage est rive droite, longeant la terre, entre celle-ci et les derniers îlots de rochers. De la tête à la queue, la *cach.* [*cachoeira* : cascade] forme un arc de cercle. Les pierres sont du grès coupé de veines de quartz (même quartz hyalin) ; direct. [direction] ENE – OSO [est nord-est – ouest sud-ouest].

Nous partons à 9 h 40. Nous avons maintenant 9 batelons, chargeant 7 000 arrobes¹⁸⁹ de caoutchouc. À 5 minutes de descente, nous passons la queue de la *cax.* [*cachoeira* : cascade]. 3^{ème} *travessão* presque entièrement couvert, et c'est à peine une ligne de récifs augmentant le courant et hérissant l'eau.



[Fin du f° 151]

Le temps est chaud, de gros nuages roulent de tous les côtés, de temps en temps un voile de pluie fine nous enveloppe, puis un rayon de soleil apparaît pour qqs [quelques] minutes seulement.

Nous voyageons à la dérive sur le fleuve rapide mais tranquille ; nos matelots se reposent. Ils ne travaillent d'ailleurs qu'au passage des chutes, ensuite la nonchalance et l'insouciance reprennent le dessus ; sinon on pourrait faire le voyage en moitié moins de temps.

À 12 h 40, nous passons le rapide de Misericorde [Misericórdia] formé par une pointe de rochers qui s'avance rive droite et rétrécit beaucoup le fleuve ; nous passons vers le milieu, un peu à gauche, puis coupons vers la rive droite. Actuellement, aux eaux moyennes, on passe presque sans s'apercevoir. Le rapide est dangereux, paraît-il, aux hautes eaux.

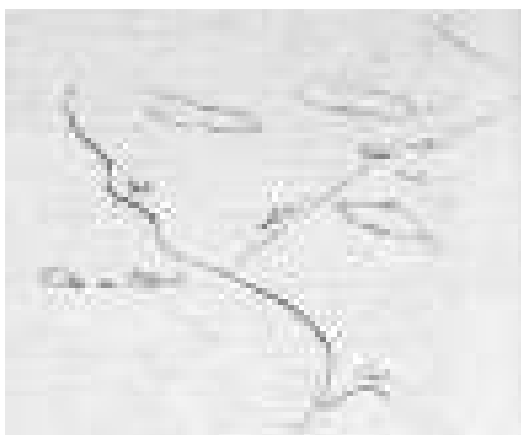
Le cours du fleuve est ensuite semé de petites îles. À 1 h ¼, une ligne de rochers E. W. [E.O : Est-Ouest] forme rempart, reliant 2 îlots au milieu de la rivière, laissant 2 passages principaux semés d'écueils à dr. [droite] et à g. [gauche]. Nous accostons r. [rive] dr. [droite]. C'est la tête de Riberão [Ribeirão]. Nous allons passer par terre. La rivière fait ici [ici] sur la rive

188 Banc de sable ou des pierres qui coupe le lit de la rivière dans les passages de chutes d'eau.

189 Ancienne mesure de poids qui correspond à environ 14,7 kg. Les batelons transportaient ainsi près de 103 tonnes de caoutchouc.

droite un véritable saut incliné suivi d'un long et violent rapide. On passe qqfois [quelquefois] par le canal, long défilé où l'eau s'engage avec violence entre 2 lignes de rochers ; c'est imprudent. Nous déchargeons tout. Un peu au-dessous débouche un *igarapé* [cours d'eau] profond où l'on rembarquera. Là[-bas] est une maison abandonnée par Monteiro ; nous nous y installons. On nous dit plus tard que cette maison avait été abandonnée parce qu'il y était mort diverses personnes de *bexiga* [la vessie] ! Décidément si nous n'attrapons aucune maladie dans ce satané voyage, nous aurons de la chance. Nous nous entassons là tous : 4 passagers dont 2 boliviens et 2 américains, 2 femmes péruviennes, nous deux et le patron des canots.

Il pleut jusqu'à minuit. Le pilote de notre canot [Fin du f° 152] s'appelle Loreto ; et nous sommes 13 en tout à bord, en nous comptant !



Mercredi 18 [décembre]. Les gens ont fait des barraques [baraques] sur la grande *lage* [*laje* : terrasse]¹⁹⁰ de pierre de la rive de l'*igarapé* [cours d'eau] en plantant des piquets dans les trous des boules de gomme et étendant dessus des bâches. Nous avons bien dormi dans notre maison empestée.



Le matin, le temps est clair, mais il se brouille bientôt et, à 8 h, il tombe une pluie fine, coupée de courtes éclaircies. Depuis 5 h ½, les hommes [Fin du f° 153] transportent

¹⁹⁰ *Lage* : en portugais, désigne le plancher. Au sens figuré, il signifie un espace plat sur lequel on peut marcher (par exemple une terrasse formée naturellement par des rochers plats, comme dans le texte).

de la gomme. Je crois qu'on pourra embarquer dans l'après-midi. Le soleil se montre dans la matinée et nous pouvons sécher nos effets mais, à midi, tombe une forte averse, de courte durée, heureusement. Les hommes ont déjà coupé des rouleaux de bois pour passer les batelons par le *varador* (350 m et monticule arrondi de pierre d'une hauteur d'environ [environ] 4 m). La rivière a monté beaucoup depuis hier. Nous sommes ici [ici] 10 batelons avec 127 h. [hommes] dont 3 patrons, nous deux, 2 péruviennes, la mère et la fille qui viennent de la Cachuela Esperança [Esperanza] et 2 machinistes des *lanchas* [bateaux rapides] de Suarez (le *Rocca* et l'*Esperanza*). Le reste, tripulation [équipage] hors 3 ou 4 femmes indiennes. Ce matin, est arrivé de Villabella une *montaria* [pirogue monoxyle] nous apportant le courrier.

À 1 h, la pluie reprend de plus en plus belle et, cette fois, elle n'a pas l'air de vouloir finir de si tôt [sitôt]. Sous une pluie battante, à 1 h ½, on hisse les 1^{ers} batelons ; 50 hommes, les uns tirant un câble attaché à la proue, les autres poussant de chaque côté de l'embarcation, la font rouler sans difficulté sur les bois placés préalablement en travers, sur le passage. À 4 h, tous les batelons sont à l'eau, en bas de la chute, sauf un qui a été crevé dans le fond et que l'on est obligé de retourner pour lui clouer une pièce faite d'un morceau de caisse. Celui-là a fini son temps ; arrivé à S. [Santo] Antonio, s'il arrive, il sera abandonné.

La pluie ne cesse pas. Nous allons encore passer la nuit dans cette infecte baraque [baraque]. Nos compagnons boliviens sont d'une éducation égale à celle de pourceaux ; leur pudeur égale celle de jeunes chiens et leurs conversations sont capables de faire rougir un maquereau. Tous ces gens sont d'ailleurs pourris et en parlent comme d'une chose naturelle – quand donc retrouverons-nous la propreté de notre maison ? Ma pauvre femme souffre beaucoup, [Fin du f° 154] mais moi-même je suis écœuré. Quel sal [sale] pays que la Bolivie, et quels sales gens que les Boliviens¹⁹¹!

Toute cette population du haut des rivières,¹⁹² de la célèbre terre du caoutchouc, a d'ailleurs oublié complètement ce qu'est la civilisation. Les Européens eux-mêmes donnent l'exemple du relâchement, de la grossièreté, du vice sous toutes ses formes.

La *cachoeira* [cascade] est toute formée par du granit noirci par un dépôt ferrugineux.

Jeudi 19 [décembre]. Nous partons à 8 h, il a plu toute la nuit et il paraît qu'il va pleuvoir toute la journée. Au sortir de l'*igarapé* [cours d'eau], nous sommes au-dessous du débouché du canal de la chute, où coule furieuse l'eau grossie de la rivière ; les vagues nous

191 Le Cointe écrit comme s'il se trouvait encore en Bolivie, mais à ce moment-là, il navigue déjà sur la rivière Madeira, qui marque la frontière avec le Brésil.

192 Le Cointe fait référence au cours supérieur de la rivière Madeira qui, à Vila Murinho, se divise en deux : le Mamoré, qui coule vers le sud et marque la frontière entre le Brésil et la Bolivie, et le Madre de Dios, qui s'écoule vers le sud-ouest en territoire bolivien.

prenant de travers sont très fortes et nous embarquons pas mal d'eau. Nous filons près de la rive puis, un peu plus bas, notre pilote nous lance dans le courant violent du milieu. L'eau clapote, bondit, nous éclabousse de tous côtés, mais nous allons rapidement. Derrière nous, apparaît bien la chute divisée en 3 parties, par 2 îles presque rive droite. Entre l'île et la rive gauche, la chute forme une longue ligne droite de plus de 1 km d'extension ; entre les 2 îles, à peine existe-t-il un petit passage étroit.

La rivière suit avec un violent courant. À 8 h 10, elle est semée de rochers, le courant devient d'une violence extrême et bondit en tumulte sur le lit inégal. Nous faisons brusquement un crochet, sortons du fil du courant, et allons nous réfugier dans une baie où l'eau est calme et où nous allons décharger en partie pour passer le violent rapide que forme la queue de la *cach*. [*cachoeira* : cascade] Ribeirão. Nous allons rester ici [ici] jusqu'à demain. Cela va être amusant avec ce temps de chien et les *maribuins* [*maruins*] ! Sous l'averse qui fait rage, nos hommes préparent de longs chapelets de boules de gomme (12 à 14) enfilées sur un câble. Ils conduisent ce serpent flottant par eau, longeant la rive, [Fin du f° 155] jusqu'en bas du rapide, nageant le bout du câble aux dents ! Ceux qui ne savent pas nager emportent leurs boules par terre, 2 à 2, enfilées¹⁹³ aux extrémités d'un bâton pointu aux 2 bouts. Mais ici [ici], le *varador* est très mauvais ; la rive est presque abrupte et le *varador* est coupé par deux *igarapés* [cours d'eau] vaseux, il est d'ailleurs très long.

À 3 heures, part le 1^{er} batelon ; il remonte d'abord la rive, pour aller prendre le courant de plus loin, puis se lance dans le rapide, par un étroit passage où l'eau écume entre les rochers à fleur d'eau. Brusquement il tourne à gauche, va jusqu'au milieu de la rivière, puis décrivant une courbe revient à la rive droite où il accoste au pied d'un grand rocher noir isolé que nous apercevons à 700 m d'ici [ici] ; c'est là qu'on va recharger. Il a très bien passé avec les 2/3 de la charge. Nous étions déjà résolus à passer nous-mêmes par le rapide, mais le patron s'y oppose. Il va falloir aller nous embourber par terre. À 5 h, tous les canots ont passé parfaitement. Nous passons nous-mêmes par le *varador* de près de 1 500 m de long, coupé de 2 *igarapés* [cours d'eau] profonds dont un se passe [se traverse] sur un mince tronc d'arbre jeté en travers du ravin, a [à] une hauteur de 5 m. Le port d'embarquement est bon, mais les toldes [auvents] manquent pour le campement. Nous faisons une chambre de notre *camarote* [cabine] avec des couvertures tendues devant et derrière, et nous nous y installons pour la nuit [Fin du f° 156].

Vendredi 20 [décembre]. Malgré les couvertures et les hamacs étendus sur le plancher en palmier fendu de notre *camarote* [cabine], le lit est dur, on se croirait couché sur un sac de cailloux. Mais le corps s'habitue à tout, nous dormons régulièrement.

193 Lire : « enfilées deux à deux ».

Le matin, à 5 h $\frac{1}{4}$, nous dérapons [démarrons].

Remontant d'abord, puis zigzaguant au milieu des récifs à fleur d'eau qui font se former de grands remous, nous continuons à descendre la fin du rapide de Ribeirão qui s'étend encore sur plus de 3 km. Dans notre marche incertaine, notre pilote se trompe un peu, un remous nous prend et, malgré nos hommes qui font force de rames, oblige notre batelon à tourner sur lui-même, nous abandonnant heureusement après ce seul tour de valse.

Le Madeira est ici [ici] divisé par de nombreuses îles. À 6 h, nous passons Periquitos, à peine indiqué par quelques forts remous. En temps sec, le passage est mauvais. La rivière est divisée en 2 par une grde [grande] île, l'île de Periquitos. Nous passons à gauche.

Le soleil se montre timidement au milieu d'un brouillard humide et froid. Il n'a pas plu cette nuit, espérons que le temps va nous donner un peu de répit.

À 7 h 35, nous passons Araras, à peine indiqué par un courant un peu plus rapide. La rivière est ici [ici] aussi divisée par 1 grde [grande] île rocheuse. Nous passons à dr. [droite] longeant la rive, le milieu du passage étant embarrassé par qqs [quelques] gros rochers. En temps sec, ce rapide est assez violent. Peu au-dessous, nous croisons 2 batelons montant.

Un de nos compagnons de voyage qui descend à S. [Santo] Antonio avec un batelon est Roberto Velasko [Velasco], fils du vice-président de la Bolivie.

Le soleil se montre franchement. Nous sortons tous nos vêtements mouillés, nos effets humides, et les étendons sur la charge et sur le toit du *camarote* [de la cabine]. Le vent est frais, [Fin du f° 157] il soulève un pantalon de notre capitaine. Celui-ci n'hésite pas, bien que nous soyons au milieu de la rivière, il pique une tête en pleine eau à la recherche de son indispensable ; son dévouement est vain, le pantalon a déjà disparu et notre pauvre pilote rejoint son canot exténué, trempé et furieux.

La rivière charrie beaucoup de débris enlevés aux rives par les eaux grossies par les dernières pluies. Le milieu du courant est indiqué par une file ininterrompue de bois, de branches, de troncs, de touffes d'herbes et d'écume.

À 11 heures, nous abordons la rive escarpée, boueuse et broussailleuse. Nos hommes, qui n'ont encore rien pris depuis le matin sinon un peu de *xibé* [bouillie de farine de manioc], entre 2 coups de rames, ont vite fait du feu, la marmite bout, le riz et *charque* [viande séchée] sont à peu près cuits ; 10 minutes après, on repart. Un peu plus bas, nous laissons le canot aller à la dérive dans le courant et les gens mangent leur pâtée bien gagnée.

Le soleil est brûlant. Nous avons pu tout sécher. À 2 heures, nous passons la bouche [l'embouchure] de l'Abuna [Abunã], r. g. [rive gauche].¹⁹⁴ Ici [ici], le courant est violent, et aidé du vent assez fort, le clapotis de l'eau est assez violent. Peu après, on aperçoit une montagne bleue dans le lointain, c'est la *serra* [le mont] de Paredão où nous arriverons demain.

À 2 h 45, nous apercevons un batelon montant péniblement le long de la rive. Le courant le fait pivoter et le renvoie en arrière, sa tripulation [son équipage] est insuffisante, il doit pour avancer s'accrocher aux buissons mêmes de la rive.

À 4 h ½, nous passons Pederneiras. Une quantité de rochers submergés maintenant font bouillonner l'eau en formant de grands remous que nous évitons facilement.

À 6 h, nous accostons à un point qqc. [quelconque] de la rive pour passer la nuit, les uns plus en haut, les autres plus en bas. Trois batelons sont restés en arrière, 1 arrive vers les 8 heures [Fin du f° 158].

Samedi 21 [décembre]. Nous partons à 4 h 45, il fait nuit encore.

À 5 h 40, nous approchons de Paredão. Nous laissons une grde [grande] colline rive gauche. La rivière se divise ; à la pointe de l'île divisoire, un amas de rochers arrondis forme un ilot [îlot]. Un des rochers est surmonté d'un bel arbre dont le pied est entouré de verdure et paraît un bouquet. Nous passons par le bras de droite. Il est presque complètement obstrué par de grds [grands] rochers mamelonnés qui forme un ilot [îlot] principal vers le milieu, mais d'autres grandes pierres isolées embarrassent le passage.

Le canal le long d'une paroi de rochers de 5 à 6 m de hauteur, à droite, n'a guère que 10 m de largeur ; l'eau s'y précipite avec furie. Tous ces rochers sont de granit feldspathique.

On décharge à moitié les canots par un *varador* qui passe au[-]dessus du Paredão et a plus ou moins 150 m de long. C'est par le passage étroit le long du Paredão que montent les canots ; à la descente, ils passent par le grand canal entre l'île qui divise la rivière et l'îlot de rochers du milieu du bras droit.

On recharge à la bouche [l'embouchure] d'un petit *igarapé* [cours d'eau] qui débouche juste en bas de la chute ; à 8 h ¼, nous sommes prêts mais les autres batelons passés après nous nous ont enfermés dans l'*igarapé* [cours d'eau] et nous devons attendre. La pluie menace, heureusement nous sommes déjà accommodés¹⁹⁵ [installés] dans notre *camarote* [cabine].

194 L'embouchure de la rivière Abunã marque l'extrême nord de la Bolivie et la fin de la frontière entre la Bolivie et le Brésil. À partir de ce point, les voyageurs traverseront uniquement le territoire brésilien.

195 Lusitanisme. En portugais : *acomodados*.

Nous partons à 8 h ½, sous une pluie battante. Le rapide continue encore tout le long du bras droit de la rivière. Notre pilote, qui aime le remue-ménage, paraît-il, nous met dans le plus fort du courant. Notre batelon, trop chargé de proue, embarque beaucoup d'eau. À un moment, la rivière paraît se gonfler tout d'un coup à notre gauche et l'eau se précipite en cataracte dans notre embarcation. Un coup de barre rapide nous évite un naufrage imminent. À 9 h ¼, nous sommes à la sortie du bras, dans la grande rivière. La pluie a cessé déjà [Fin du f° 159].

Presque toutes les grandes difficultés de cette navigation pourraient être évitées en améliorant les passages à la dynamite, en utilisant des voies Decauville¹⁹⁶ dans les *varadors* [*varadouros*] pour le transport de la charge, et même des embarcations. En cas de naufrage, on éviterait aussi la perte de la gomme et des bagages en recouvrant la charge d'un filet de cordes à larges mailles attachés aux bordages [du bateau] ; le canot et la gomme flottant, le plus grand péril serait donc évité, et en tous cas, on pourrait recueillir la charge qui en serait quitte pour un bain en cas que l'embarcation se remplisse d'eau.

À 9 h ½, nous passons les derniers rapides de la queue de Paredão. De petites collines bordent la rivière à gauche. La rivière s'est considérablement rétrécie, elle n'a plus guère que 8[00] à 900 m de large ; vers 10 h 45 une tempête se forme. De fortes rafales de vent hérissent la surface de l'eau, mais le vent chasse les nuages et nous échappons encore cette fois à la pluie.

À midi, nous accostons 20 minutes à peine, le temps de faire du feu à la hâte, rôtir une embrochée de viande séchée, et bouillir une marmite de riz, puis le dîner est embarqué et on va le manger quand le canot dérive au fil du courant, au milieu de la rivière.

Il fait lourd, temps menaçant continuellement la pluie et l'orage. Les *maribuins* [*maruins*] sont aujourd'hui insupportables.

Dans ces parages, on rencontre souvent des bandes d'indiens *mansos* [pacifiques] (Caripunas)¹⁹⁷ avec lesquels on fait des échanges. Çà et là, sur une ou l'autre rive, qq [quelques] pauvres cabanes avec un petit *roçado* [jardin potager] planté de maïs et ses quelques pieds de bananiers.

À 1 h ¼, la rivière s'élargit tout d'un coup, jusqu'à 2 000 m et plus de largeur, mais semée d'îlots nombreux et divisée en 2 principaux canaux par une grande île. À dr. [droite] et

196 Paul Decauville (1846-1922), nom de l'inventeur, au XIXe siècle, de la voie de chemin de fer à faible écartement (de 400 à 600 mm). Facilement démontable, les voies Decauvilles ont trouvé des applications dans de nombreux domaines nécessitant le transport de charges lourdes, tels que les exploitations minières et industrielles, les dessertes d'ouvrages, etc.

197 Nous supposons qu'il s'agit de l'ethnie Ahé, également connue sous le nom de Karipunas de Rondônia, un groupe de langue tupi, actuellement réduit à moins de 100 individus.

à g. [gauche], [Fin du f° 160] qqes [quelques] petites collines s'élèvent presque au bord de l'eau. Nous prenons par le bras de gauche. Vers le milieu, un rapide peu sensible indique le 1^{er} *travessão* de la *cax*. [*cachoeira* : cascade] de Três Irmãos, actuellement submergée. Il est 1 h 25. Les *travessões* se succèdent ainsi jusqu'à la réunion des 2 bras de [la] rivière. Puis celle-ci coule tranquillement sur une grde [grande] extension. Les 2 rives redeviennent bientôt plates comme de coutume.

À 5 h ½, nous accostons pour la nuit. Au loin on entend déjà gronder Giráo [Jirau]. Nous n'allons pas plus loin, car nous devons couper des bois pour rouler le batelon à Giráo [Jirau] ; là, on en a déjà tant coupé qu'il se font rares.

Dimanche 22 [décembre]. Départ à 4 h 45. À 5 h 20, nous passons le 1^{er} rapide de tête de Giráo [Jirau] et nous allons accoster dans une petite baie bien tranquille, un peu au-dessus de la chute qui coupe la rivière en toute sa largeur sur une seule ligne. Il n'y a pas, en réalité, de chute verticale, sinon sur qqes [quelques] petits bras entre les îlots rocheux qui sèment la rivière, mais un plan incliné rapide semé d'écueils, de fond inégal, sur lequel roule avec une furie inouïe toute l'eau de la rivière considérablement rétrécie par les pointes rocheuses qui partent de rives et une petite île située près de la rive droite. On débarque rive droite. Il y a là une habitation.

Un long *varador* rocheux, de sol inégal, conduit (800 m environ) en bas de la *cachuela* [cascade] dans une anse abritée du violent remous des eaux. Là est située la baraque [baraque] de Justino Bastos (*Maranhense*),¹⁹⁸ *seringueiro*¹⁹⁹ qui exploite un *gommal*²⁰⁰ un peu au-dessus, dans un *igarapé* [cours d'eau] près de 3 irmãos [Tres Irmãos]. Porphyre rouge.²⁰¹

Nous établissons notre campement à mi-chemin du *varador*. Nous dressons nos tentes. La mienne, de gomme²⁰², me tranquillise [tranquillise] complètement sur l'éventualité de la pluie mais, heureusement, le temps se maintient sec, quoique nuageux. Nous nous promenons sur les pierres, les rochers amoncelés en un chaos impossible le long du rapide. Nous nous baignons là dans l'eau écumeuse et trouvons beaucoup d'orchidées dans les arbres qui croissent entre les [Fin du f° 161] rochers. Le chef du piquet de police déserteur de Riberalta nous a précédé[s] ici [ici], passe sa *montaria* [pirogue monoxyde] et continue [son] voyage.

198 *Maranhense* : originaire de l'Etat du Maranhão, dans le Nordeste brésilien.

199 *Seringueiro* : collecteur de caoutchouc.

200 Mot francisé à partir de l'espagnol « *gomal* », désignant une étendue d'hévéas exploités pour leur sève, ou latex, que l'on défume pour faire la gomme ou caoutchouc. *Gomal* est donc le synonyme de *seringal*.

201 Le Cointe fait sans doute référence à la présence de roche magmatique, laquelle présente une texture caractéristique de grands cristaux de feldspath noyés dans une aphanitique.

202 La tente de Le Cointe est imperméabilisée avec du caoutchouc.

Le soir, une ondée nous rafraichit un peu, mais transforme le *varador* en un fossé plein de boue gluante.

Lundi 23 [décembre]. Nous avons pu dormir cette nuit en hamac, cela nous a reposé[s] un peu du plancher du *camarote* [de la cabine]. Le temps aujourd'hui est à la pluie. Dès 4 h, tout le monde est debout et l'on commence à passer les batelons. Mais la charge n'est encore qu'à moitié chemin, nous ne partirons pas aujourd'hui encore.

Içi [Ici], notre menu s'améliore un peu. Nous trouvons à acheter de la bière, du biscuit, de l'alcool à brûler, des poules. Alternativement [En alternance] avec le patron, nous fournissons le plat de résistance et nous passons à merveille. Il a plu un peu cette nuit et ce matin, mais le temps s'est vite remis au beau. Je me distrais à grimper sur les rochers qui bordent la *cachuela* [cascade] et à grimper sur les arbres pour décrocher des parasites.²⁰³

À 3 h de l'après[-]midi, tous les batelons sont à l'eau, en bas de la chute. On commence de nouveau le transport de la charge. Nous ne partirons que demain vers le milieu de la journée.

Presque tous les Brésiliens que nous rencontrons içi [ici] sont *cearenses*.²⁰⁴

Mardi 24 [décembre]. Dès le matin, nos gens commencent à se saoûler [saouler], c'est la veille de Noël ; bientôt, sur 10 pilotes, 8 sont inutilisés [hors service]. Le travail du passage des canots par le *varador* se fait à grand peine et, de la bouche [l'embouchure] d'en bas du *varador* pour aller au pt [point] d'embarquement, un des batelons naufrage presque ; il arrive plein d'eau, avec 1 pouce de bordage hors de l'eau. Justino Bastos nous invite le soir à dîner, il nous traite très aimablement.

Mercredi 25 [décembre]. Nous partons à 7 h ¼. Un des batelons [Fin du f° 162] s'est détaché la nuit et est parti avec 2 *moços* [gars] saouls.

Heureusement, nous l'apercevons accosté à 1 km ½ plus bas. Nous nous pressons pour éviter une nouvelle saoûlerie [saoulerie], parce qu'alors nous ne partirions que d'îçi [ici] [dans] 3 ou 4 jours. Il pleut et il tonne.

La rivière forme içi [ici] un rétrécissement, puis un élargissement brusque entre les contreforts des collines rive dr. [droite] et rive g. [gauche]. Qqs [Quelques] îlots de rochers forment la queue de Giráo [Jirau].

203 Le Cointe utilise le terme parasite à tort ; en effet, les orchidées et les bromélias sont des épiphytes et non des parasites.

204 *Cearense* : originaires de l'Etat du Ceará, dans le Nordeste brésilien.

À 8 h ½, nous sommes au Caldeirão do Inferno ; nous accostons à gauche dans un grand *remanso*.²⁰⁵ Au-dessous, une île divise la rivière en 2 canaux. Le Caldeirão est à droite, nous ne le verrons pas. Il pleut à verse.

Les gens sont peu dispos, le patron me paraît avoir lui-même la flème [flemme], et nous nous éternisons en cet endroit sous prétexte de préparer à manger ; heureusement, il n'y a pas beaucoup de *maribuins* [*maruins*].

Enfin, à 2 h, la pluie cesse, nous commençons à passer les batelons l'un après l'autre, à toute charge, mais avec tripulation [équipage] double. À 2 h ½, nous passons. Un groupe d'îles rocheuses divise la rivière déjà rétrécie entre 2 pointes de rochers qui se font vis-à-vis sur chaque rive. Nous passons le 1^{er} rapide, puis luttons difficilement contre le courant qui nous entraîne à un saut entre 2 îles, et enfin entrons dans un canal étroit et tortueux entre la rive gauche et une île. Nous nous y engouffrons avec la vélocité d'une flèche.

Au débouché du canal est le dernier saut, trop violent pour le passer avec charge. Les autres batelons sont déjà à l'abri dans un renforcement de la rive où l'eau est calme, mais notre pilote a mal pris ses mesures, un peu plus nous allons dévaler pour la chute. Durant plus de 5 minutes, notre batelon reste indécis au milieu du courant malgré l'effort de nos rameurs, enfin, nous sortons du courant à 25 m au-dessus du saut et nous accostons. On décharge en partie [Fin du f° 163].

Un *varador* de 250 m passant par-dessus une pointe de terre élevée conduit au pont d'embarquement au-dessous du saut (plutôt violent rapide). À la montée, les canots passent rive droite. Près d'une île de ce côté est le grand remous appelé [apelé] Caldeirão do Inferno. Dans ce canal, s'est perdu il y a quelque temps, un canot de Suarés [Suarez], 11 matelots périrent, 4 seulement se sauvèrent. Une croix élevée sur la rive droite rappelle cet accident.

En somme, la rivière est divisée ici [ici] en 3 canaux, par 2 îles ; le [canal] principal [est] rive droite, au milieu passage étroit entre les 2 îles ; le 3^{ème} [canal se trouve] le long de la rive gauche, par lequel nous sommes descendus.

Tous les canots passent sans accident, bien que le dernier se soit laissé entraîner dans le courant principal dont il ne peut sortir que 600 m plus bas après avoir embarqué pas mal d'eau. Nous repartons à 5 h. Notre canot fait une sortie assez piteuse, un grd [grand] remous formé tout d'un coup l'oblige à pivoter sur lui-même malgré l'effort de nos rameurs.

205 *Remanso* : eau qui pénètre dans les méandres odulés des berges, formant une espèce de petite crique tranquille.

À 5 h $\frac{1}{4}$, [nous] passons le *rabo* [la partie postérieure] de Caldeirão. À peine fort courant à cette époque, formé par qqs [quelques] rochers au milieu de la rivière.

À partir d'ici [ici], la rivière s'élargit considérablement et coule sans obstacles sur une grande distance. Nous allons avoir un jour entier de navigation tranquille.

Jeudi 26 [décembre]. Nous nous sommes laissés aller à la dérive toute la nuit, jusqu'à 4 h du matin. Il serait imprudent d'aller ainsi plus loin à cause de la *cax*. [*cachoeira* : cascade] Morrinhos, dont le passage ne sera peut-être pas bon, vu la baisse considérable des eaux depuis avant hier.

Le matin, à 6 h, nous passons Morrinhos. Les ondes sont assez fortes, mais nous passons bien rive gauche.

Nous avons beau temps, de bonne heure nous serons [Fin du f° 164] à Theotonio. Nous n'allons plus que 4 batelons ensemble, les autres, ayant accosté cette nuit, sont beaucoup en retard [ont pris beaucoup de retard].

La rivière coule entre [des] rives de terre ferme élevée. Les habitations apparaissent plus nombreuses.

À 9 h, nous accostons pour couper des bois pour le passage des canots de Theotonio. Nous repartons à 9 h $\frac{1}{2}$. À 10 h, nous passons le Padre Eterno. Une longue pointe qui s'avance de la rive droite et qqs [quelques] bas-fonds rocheux forment ce rapide qui ne présente aucune difficulté à cette époque d'eaux assez élevées.

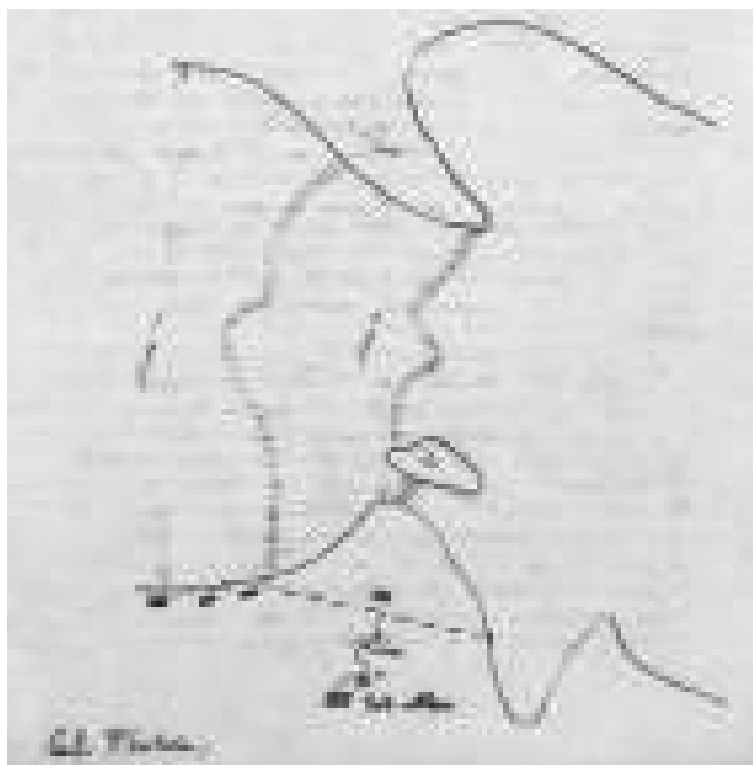
On entend bien déjà le grondement sourd de Theotonio. Nous arrivons à 10 h $\frac{1}{2}$ à la pte. [pointe] de terre ferme, rive droite, qui, avec une autre pointe, frontière rive g. [gauche], resserre la rivière à la hauteur de la chute. Sur le sommet de cette pointe très élevée s'élève le *quartel* [la caserne] du *destacamento de força Matogrossense* [*Matogrossense*] [détachement des forces (militaires) du Mato Grosso] qui, commandée par un lieutenant, constitue le poste fiscal [poste de contrôle] de Matto [Mato] Grosso. On y grimpe par un escalier en spirale taillé dans la pierre et le gravier. Du sommet de cette hauteur, la vue est magnifique. La chute, qui s'étend en arc de cercle entre les 2 pointes de terre qui s'avancent des 2 rives, n'a pas la majesté dont on parle, mais son ensemble, sautant 2 gradins successifs très rapprochés, est intéressant.

Rive dr. [droite], un îlot très rapproché de terre laisse à peine un étroit chenal dans lequel tombe un bras de rivière d'un seul saut.

Nous allons visiter le lieutenant commandant le [de] détachement qui nous reçoit à merveille, nous invite à dîner et, finalement, nous offre sa maison pour le temps que nous demeurerons ici [ici].

Les autres batelons qui n'ont pas marché de nuit ne commencent à arriver que vers 2 h ½. D. [Dom] Eriberto Velasco étant avec eux, on n'a pas pu commencer à décharger [Fin du f° 165], en l'attendant pour conférer [vérifier] la gomme. À 3 h, enfin, arrive D. [Dom] Eriberto et on commence à décharger. On aligne la gomme sur l'esplanade, batelon par batelon. Tous les bagages des *moços* [gars] ou des passagers sont éparpillés par terre, malgré la pluie qui menace.

Le *varador* est bon, mais escarpé ; il n'a guère que 200 m de long. Hauteur de la colline où est le *quartel* [la caserne], au-dessus du niveau de la rivière, au-dessous de la chute = 33 m. – Direction de la chute NNW [NNO] – SSE [nord nord-ouest – sud sud-est].



[Fin du f° 166]

Immédiatement au-dessus de la chute, rive gauche, débouche un *igarapé* [cours d'eau] par lequel viennent qqfois [quelquefois] des canots du Purus, passant par le *rio* Mucum qui passe près de cet *igarapé* [cours d'eau], et passent le canot par terre de l'un à l'autre.

Theotonio qui n'est qu'une station fiscale [de contrôle] de l'État de Matto [Mato] Grosso pour l'exportation de la gomme, s'est arrogé des droits d'une véritable douane et même d'une douane comme on en voit peu. C'est un abus, car les employés et la garnison du poste ne sont pas fédéraux. On passe revue de tous les bagages, malles, sacs de linge, boîtes, paquets, avec une avidité, une indécatesse, une sauvagerie qui n'a pas d'égale en aucune partie du monde. Notre entrée au Brésil réellement fait mauvaise impression.²⁰⁶ Le commandant de frontière à Villa Murтинho et la douane de Theotonio font penser à un pays de nègres anthropophages plutôt qu'à un pays civilisé. La troupe n'est en effet composé ici [ici] que de nègres ignobles, ivrognes, voleurs, grossiers, crieurs, comme tout nègre bon teint ; enfin le pauvre passager qui leur tombe sous la main peut se croire au pouvoir d'une bande de bandits calabrais, et encore bien de ceux-ci exercent plus délicatement leur métier anti-social.

Nous, heureusement, grâce à une exception qui veut bien faire le grand Manitou de l'endroit,²⁰⁷ le *tenente* [lieutenant] Brito (grâce à mon *exequatur*²⁰⁸ du G. Bres. [Gouvernement Brésilien]), nous sommes dispensés de visite, mais nos pauvres compagnons n'y échappent pas. C'est un véritable pillage, sous la direction d'un italien saoulard [saoulard] !

L'un pousse une chemise sale, la tourne et la retourne, la palpe, la sent, un autre fourgonne dans une boîte à ouvrage, ouvrant jusqu'à un étui à aiguilles. Les petites boules de gomme que les Anglais emportent comme souvenir sont saisies, 2 *cortes* [morceaux de tissu] pour pantalon grossiers d'un des *moços* [gars] sont saisis également. On saisit 3 pauvres morceaux d'étoffe ordinaire appartenant à notre *compagnère* [compagnone] Péruvienne. D. [Dom] Eriberte [Eriberto] [Fin du f° 167], notre patron, se fâche à ce propos, et il est pris immédiatement, conduit au poste, mis aux fers comme un criminel dangereux.²⁰⁹ Les armes, munitions, sont saisies de même. Enfin, à ma demande réitérée, le soir on restitue les bouts d'étoffes à leurs malheureuses propriétaires et on rend la liberté à D. [Dom] Eriberto. – Chaque batelon, à son passage, paye 10 Boliviens [Bolivars]. Pour passer la nuit sous un hangar que les propres *moços* [gars] de passage ont couvert,²¹⁰ on fait payer 1 Bolivar par hamac et 1 Boliv. [bolivar] par bagage (colis).

206 En réalité, Le Cointe et son équipage étaient entrés sur le territoire brésilien depuis plusieurs jours, à partir de Vila Murтинho.

207 Manitou est une divinité des peuples autochtones d'Amérique du Nord. Cette expression courante en français désigne une personne importante qui exerce du pouvoir dans un certain domaine.

208 Vocabulaire juridique : Décret par lequel le gouvernement d'un pays autorise un consul étranger à remplir ses fonctions dans ce pays. Il convient de rappeler que Le Cointe n'exerçait plus la fonction de consul français à Óbidos.

209 Souligné dans l'original.

210 L'expression « que les propres *moços* de passage ont couvert » (calquée sur la structure du portugais) serait mieux rendue en français par : « que les *moços* de passage ont eux-mêmes couvert ».

Nous dormons dans la maison du *tenente* [lieutenant], là en-haut. Il n'y a pas d'autre remède sinon lever [traiter] les choses par la douceur si on veut éviter qq. [quelque] malheur ; ici [ici] il n'y a pas à réclamer.

Vendredi 27 [décembre]. Il y a énormément de poisson de peau²¹¹ dans les eaux écumeuses du pied de la chute. On le prend au harpon. Dans la journée, nous voyons ainsi passer 25 à 30 dorades capturées, dont nos gens se régalerent. C'est un poisson huileux, peu agréable, dont on ne fait pas cas dans l'Amazone. La gomme a été vérifiée le matin, il manque déjà 6 *bolachas* [boules] volées certainement à Giráo [Jirau] (hameçon pour pousser la gomme dans le bois.).

On passe toute la charge et les batelons et nous allons couper [la rivière] sur les *lages* [*lajes* : par la partie accessible à pied] au débouché du *varador*. Notre tolde [auvent], attaché sur des perches soutenues par des trépieds posés sur la pierre polie manque d'être enlevé par un orage au commencement de la nuit.

Samedi 28 [décembre]. Sous une pluie battante, on charge dès 4 h du matin. À 8 h, nous partons. D'en-bas [en bas] la *cax*. [*cachoeira* : cascade] Theotonio paraît même une chute à pic qui coupe la rivière d'une seule lignée entre les 2 pointes de terre élevées.

Il paraît que la femme de Blaymont est l'adjudicataire du chemin des voitures de S. [Santo] Antonio à Guajará-Mirim. L'Etat de M. Gr. [Mato Grosso] a prorogé le privilège pour 3 ans. [Fin du f° 168].

À 9 h ½, la rivière paraît se fermer devant nous ; une longue pointe de terre et de rochers qui vient de la rive gauche laisse à peine un étroit passage entre elle et un îlot de pierre ; un peu plus bas, un autre îlot de pierre subdivise encore le cours de la rivière, et une longue pointe de roches qui s'avance rive droite achève de resserrer le passage où les eaux passent tumultueusement, formant la *cax*. [*cachoeira* : cascade] de S. [Santo] Antonio.

Nous entrons dans un bras rive droite, au[-]dessus de la pointe de rochers, à 40 m de la chute. Ce bras paraît ne pas avoir d'issue mais, au fond, un étroit canal s'ouvre à gauche. À son entrée, nous accostons à 9 h ½ pour décharger partie de la gomme. Nous allons par terre jusqu'à S. [Santo] Antonio qui s'élève rive droite, justement le long de ce bras du Madeira, sur un terrain élevé, accidenté, semé de gros rochers de granit.

211 Par « poisson de peau », Le Cointe désigne les poissons sans écailles.

Nous traversons toute la petite ville, construite irrégulièrement, mélange de petites barraques [baraques], en ruines, et de qqs [quelques] maisons bien construites, couvertes de tuiles et de murs en torchis blanchis ou même peints à l'huile.

En bas, la dernière maison est celle de Bertini, le seul établissement important de S. [Santo] Antonio. Beau magasin, bonne maison verte et bien construite, près d'une anse d'eau tranquille et profonde, en bas de la chute, qui sert de port au vapeur venant d'en bas. Un plan incliné avec chariot tiré par un treuil à vapeur facilite la montée de la charge qui est conduite par des wagonnets sur une voie Decauville jusqu'aux magasins. Un ponton couvert ancré au fond de l'anse sert de dépôt à la gomme venant d'en haut jusqu'à l'embarquement.

Nos batelons passent sans accident par le canal le long de la rive droite. Ce canal est bon quand les eaux sont basses ou hautes ; actuellement il est un peu scabreux.²¹² [Fin du f° 169]. À peine entrés à S. [Santo] Antonio, nous rencontrons João Aguiar [qui] fait ici [ici] [office de] sous-préfet de police, *fiscal* [agent du fisc], etc. – Bertini nous reçoit à merveille. Nous avons le plaisir de boire un bon verre de bière gelée [glacée]. Depuis longtemps nous étions privés de glace ! Il nous arrange une petite maison où nous nous installons, tous les passagers, jusqu'à l'arrivée du vapeur qui est attendu le 30 du Ct [mois courant].

Dimanche 29 [décembre]. Visité, pour nous distraire, les restes du matériel de la C^{ie} [Compagnie] du Chemin de fer Madeira-Mamoré. Une locomotive enterrée jusqu'aux essieux est dans le jardin de Bertini, déjà privée de tous ses bronzes et cuivres. Une autre est sur le chemin de Giráo [Jirau], tombée en bas d'un *barranco* [talus]. – Des rails en quantité existent en tas partout. Dernièrement encore, on en a jeté dans un trou pour déblayer le terrain.

Lundi 30 [décembre]. Voilà 2 jours que la fièvre me reprend tous les matins.

Mardi 31 [décembre]. À 3 h du soir, arrive le vapeur, le *Campos Salles*.

Mercredi 1^{er} Janvier [1902]. Le *Campos Salles* est un navire neuf, mais il me paraît bien mal agencé pour la navigation dans ces rivières. Trop fermé, manque d'espace ouvert pour les passagers, tous en cabines qui naturellement doivent être horribles comme celles de tous les vapeurs de la C^{ie} [Compagnie]. Nous partirons le 3 probablement.

Jeudi 2 [janvier]. [blanc]

Vendredi 3 [janvier]. [blanc]

212 « Scabreux », au sens originaire et littéral de « dangereux ».

Samedi 4 [janvier]. Nous embarquons après souper. Le navire partira cette nuit. Jusqu'à la fin, Mr. Bertini a été charmant pour nous.

Dimanche 5 [janvier]. Nous sommes partis à 6 h du matin. Je n'ai pas pu prendre de photo de S. [Santo] Antonio.

Nous avons passé très-mal la nuit à bord dans le port [Fin du f° 170] à cause de *carapanas* [*carapanãs* : moustiques] qui remplissent notre *camarote* [cabine], malgré qu'on m'eût [m'eût] dit qu'à S. [Santo] Antonio il n'y avait pas de moustiques.

Le *Campos Salles* marche bien. Il peut, dit le commandant, faire 15 milles à l'heure. À peine partis, nous arrêtons à S. [São] Jorge (Port Cachuelas), puis quelques centaines de mètres plus bas, pour embarquer chaque fois 3 ou 4 boules de gomme de 1 ar. [arrobe] c./u. [*cada unidade* : chacune]. À 9 h $\frac{1}{4}$, nous sommes à Bom Jardim, rive gauche, terrain assez élevé, taillé à pic sur la rive ; le navire touche à terre. Jolie maison de maître et groupe pittoresque de petites maisonnettes, toutes semblables, du personnel.

À 10 h $\frac{1}{2}$, à Hué-Poranga, le navire effleure une pointe de bas-fond, prolongement d'une île. N'allons pas au moins nous échouer. On perd une demi-heure pour attendre une *montaria* [pirogue monoxyde] amenant une vingtaine de petites boules de gomme.

À 1 h $\frac{1}{2}$, arrivée à Belem, sorte de chalet [chalet] en forme de gare ou de marché, confortable, mais caché par une plantation de manioc : économie de terrain mal entendue.

À 3 h $\frac{1}{2}$, à Brazileira, propriété d'un Portugais (s. [sous-] préfet du Jamaré). – On reconnaît le Portugais à l'abondance de choux et autres légumes dont notre maître-coq fait provision. À 4 h, nous traversons à peine, et accostons à une autre baraque [baraque] en face.

De rive à rive, de maison en maison, sans sortir d'un rayon de 2 000 m, nous passons la nuit. Le matin, nous sommes encore en vue de la dernière baraque [baraque] vue la veille, à la bouche [l'embouchure] du Jamaré.

Lundi 6 [janvier]. À la bouche [l'embouchure] du Jamaré, la procession continue. À chaque port, on embarque des passagers, nous sommes déjà très nombreux. Dans le Jamaré, 8 h de vapeur jusqu'à la 1^{ère} chute.

La rivière n'a rien de particulier, eau trouble, jaunâtre, rives basses, boisées, uniformes, nombreuses îles basses, c'est le [Fin du f° 171] paysage constant de la vallée Amazonique [Amazonienne].

Le commandant Rocha est très aimable pour nous. À 9 h ½, à Bôa-Hora [Boa Hora], grande maison d'habitation couverte de tuiles avec jardin sur le devant.

Puis, nous descendons un peu ; de toutes les maisons on nous fait signal d'arrêter par des salves de rifles, on répond par un coup de sifflet, cela veut dire que nous reviendrons.

Nous arrivons à 3 h à la maison de Ramon Roca, jolie et grande habitation à 1 étage, avec grand et beau jardin sur le devant. On débarque une douzaine de rails apportés de S. [Santo] Antonio. On retrouve ainsi ce matériel du chemin de fer de Riveralta [Riberalta] jusqu'à l'embouchure du Madeira. Il est insensé que la C^{ie} [Compagnie] [de Chemin de Fer] n'ait pris aucune mesure pour recueillir ou conserver ce matériel si coûteux.

Le nombre des passagers augmente considérablement. Tout espace libre est occupé par des hamacs ; la circulation devient impossible. La société est des plus mélangée et promet beaucoup d'agrément pour la fin du voyage.²¹³ Le *seringueiro*²¹⁴ est connu et réputé pour sa grossièreté, son défaut absolu d'éducation, son arrogance. Celui du Madeira passe encore heureusement pour être le plus civilisé mais, hélas, il laisse encore beaucoup à désirer. Cet individu, type tout particulier, ignorant, bête ou abruti par son genre de vie et de convivance [convivialité], s'imagine un être supérieur parce qu'il a en poche un peu d'argent obtenu aux dépens du pauvre ouvrier piqueur de gomme qui, blanc ou indien, sacrifie sa santé et souvent sa vie pour remplir la poche de son patron sans scrupules qui le vole de toutes les façons possibles²¹⁵.

Mardi 7 [janvier]. À la nuit, nous avons accosté à la (ancienne) mission de S. [São] Francisco (Hugo Castro-Lima et C^{ia} [Companhia] seringueira du R. Machado),²¹⁶ puis avons passé toute la nuit à rôder çà [ici] et là, revenant même sur nos pas. Le matin, nous embarquons la gomme venue enfin du [Fin du f° 172] Jamary.

Le vapeur *Campos Salles*, bien que neuf, ne présente guère plus de confortable [confort] que les autres – *camarotes* [cabines] mal aéré[s] (sans bouches d'air [aération] en bas), portes sans clefs ni verrous.

213 Par « société », Le Cointe entend les différentes classes sociales partageant l'espace du navire, se référant avec sarcasme à leur cohabitation forcée.

214 Il s'agit ici du patron de *seringal* (le *seringalista*), et non de l'employé (le *seringueiro*) proprement dit, qui collecte le latex de l'hévéa, et dont Le Cointe dénonce l'exploitation dans les lignes suivantes.

215 On peut se demander jusqu'à quel point cette description s'appliquait à Le Cointe lui-même lorsqu'il était gérant du *seringal* du comptoir Devès dans le Madidi. En effet, les gérants successifs de ce comptoir étaient réputés pour maintenir leurs employés dans la misère.

216 *Rio Machado*, également connu sous le nom de Ji-Paraná, affluent du Madeira.

À chaque instant, la porte s'entr'ouvre [entrouvre] et le museau d'un individu effaré, à la recherche de son *camarote* [sa cabine], vient nous déranger. Pas de table de nuit. Draps sales [sales], jamais changés. Au commencement du voyage, on a lavé le pont, on ne le lavera plus qu'avant l'arrivée à Manaos [Manaus]. On ne balaye même pas, ce qui coûterait peu. Jamais un domestique n'entre dans un *camarote* [une cabine] pour nettoyer. Pas de carafes, ni de verres ; il est vrai que si on en met, les passagers les volent. Pas de banc ni de patère au bain. Serviettes de table sales et échangées. Cependant, les domestiques sont un peu plus propres que d'habitude pour servir la table et le service est fait « à la française » ; on n'assiste pas à ces scènes de sauvageries si fréquentes à bord des vapeurs de cette C^{ie} [Compagnie] où les passagers, à peine à table, se précipitent sur tous les plats étalés sur la table ½ h d'avance [à l'avance], comme une bande d'*urubus* [vautours]. Les plus faibles ou les plus timides alors se passent de manger. En somme, ce qui fait qu'on n'est pas mieux à bord de ces navires c'est surtout le manque de civilisation des passagers. Si la C^{ie} [Compagnie] cherche à améliorer un peu, ils abusent, peu habitués aux perfectionnements de la civilisation, et veulent en jouir comme les cochons qui aiment à se vautrer dans la boue.

Ils vont jusqu'à faire des ordures au bain ou dans les cuvettes des *camarotes* [cabines]. Ils volent les couverts, les verres, jusqu'aux plats et aux tasses à café.

Il devrait y avoir plus de 2 classes de passagers. La 1^{ère} classe surtout pour ceux qui ont à demeurer plusieurs jours à bord et une 2^{ème} classe pour ceux qui embarquent à chaque baraque [baraque] pour aller à une autre baraque [baraque] un peu plus loin, ou à la capitale du *Municipe*²¹⁷ [Fin du f° 173].

La table de bord présente l'aspect le plus curieux. Chaque *seringueiro* [patron de *seringa*] veut marquer son importance par la manière dont il demande une bouteille de vin et du meilleur (chez lui il n'en boit pas à l'ordinaire).

Un vieux devant nous, gêné dans l'étui de sa chemise très amidonnée, la cravate de travers, a des boutons de chemise en perles et diamants de la grosseur d'une noisette. Après dîner, sa chemise est d'ailleurs rayée de gouttes de vin et de taches de sauce. Un autre gros, de la graisse que donne la bêtise, l'absence de travail intellectuel, grand, cossu, parlant haut, un homme important sans doute, a dans des *chinelles*²¹⁸ [sandales] brodées les pieds mal cachés par des chaussettes sans talon. Quelques jeunes gens ignorants, mal élevés, vicieux, se donnant des airs de lions de la mode, étalant sur la poitrine de véritables bouquets de fleurs monstrueuses et au cou la cravate blanche, les pieds toujours dans les savates inévitables.

217 *Municipe* : francisation du portugais *Município*, qui désigne une commune.

218 Lusitanisme. En portugais : *chinelos*.

Nous passons vers 11 h la région voisine du *Río* Machado où les Parintintins²¹⁹ font chaque année des incursions meurtrières.

À 1 h, arrivée à Mirary, r. g. [rive gauche] – propriété de Antonio Monteiro, fils du Cl. [Colonel] Monteiro, de Manaus [Manaus]. Maison en sapin venu d'Amérique du N [Nord] ! – Jolie maison avec jardin (genre grand châlet [chalet]), [en] bois peint rayé ; au port, plan incliné avec wagons, aux dépens tj. [toujours] du chemin de fer de S. [Santo] Antonio. – Bons magasins, habitations du personnel bonnes. Beaucoup d'arbres fruitiers ; le meilleur établissement vu jusqu'ici [ici] depuis S. [Santo] Antonio.

Nous en partons à 4 h seulement. À 8 h du soir, nous sommes à Humaytá [Humaitá], r. g. [rive gauche]. Nous y resterons jusqu'à demain matin.

Mercredi 8 [janvier]. L'aspect d'Humaytá [Humaitá] est agréable [Fin du f° 174]. Une petite église à clocher en pyramide forme le fond d'une place dont tout un des côtés est formé par une vaste construction à un étage qui est la maison municipale, bien importante pour une si petite ville. Un peu plus loin, une construction isolée, c'est la prison. Le chemin du port est étroit et en mauvais état. Les voitures de charge y descendent à reculons, l'espace manquant pour tourner.

La ville est construite sur un terrain élevé, mais divisé en 2 parties par un énorme trou qu'elle entoure en demi[-]cercle. Une rue en arrière, bordée de bonnes constructions, est arborisée par des palmiers *barrigudas*²²⁰ mais, malheureusement, divisée en 2 tronçons par le trou. Il paraît que le climat est bon. La ville paraît avoir été plus prospère, les poteaux de lampions sont sans lampions, l'herbe prend compte des rues.

Nous embarquons encore un grd [grand] nbr [nombre] de passagers et partons à 8 h ½ du matin. 5 minutes plus tard, nous touchons à une baraque [baraque], même rive, chose absurde car ces gens pourraient bien centraliser leur gomme dans la ville voisine. Ainsi, il est impossible qu'aucune ville de l'intérieur prospère.

De baraque [baraque] en baraque [baraque], marchant 10 minutes, nous arrêtant une heure chaque fois, nous n'avancons guère. Il y a au Madêra [Madeira] 224 stations (et 234 au Purus).²²¹

219 Les Kagwahiva habitaient la région Est du *rio* Madeira, jusqu'à l'embouchure du *rio* Machado. Ce groupe était célèbre (et craint) pour sa résistance à la colonisation sur son territoire. De nos jours, une grande partie de ce groupe vit dans deux Terres Indigènes, dans la commune d'Humaitá, dans l'État de l'Amazonas.

220 Sans doute une des espèces de palmiers connues sous le nom de *macaúba*, originaires de la Forêt Atlantique, et présentant un stipe dont la partie centrale est gonflée.

221 Points d'arrêt du bateau, généralement dans les entrepôts à caoutchouc, pour embarquer passagers et marchandises.

Jeudi 9 [janvier]. Le navire, qu'on n'a pas nettoyé depuis le départ, ressemblait déjà à une basse-cour. On se décide à laver le pont aujourd'hui. – On touche la première cloche à 5 h ½ et on sert le café à 6 h, mais on ne commence le lavage du pont qu'à 7 [h]. Belle organisation pour la grande commodité des passagers. Ceux-ci sont d'ailleurs peu considérés. Avant hier, dans une baraque [baraque], toute charge embarquée, le commandant, à qui on avait offert un petit cochon, fit attendre 2 heures la capture de l'animal. Aux cris de celui-ci, faisant son entrée à bord, le [Fin du f° 175] personnel sortit enfin de sa somnolence et nous pûmes partir. Je doute qu'on aurait attendu le quart de ce temps un passager en retard.

Ces passagers d'ailleurs ne méritent vraiment pas beaucoup de considération. À peu d'exceptions près, ce sont tous des individus mal élevés et sales [sales], le voyage serait un plaisir sans leur voisinage. On n'imagine pas à quel point ces individus sont éloignés de l'état civilisé. Hier encore, l'un d'eux avait fait ses besoins au beau milieu de la salle de bains ; le reste dans ce goût.

Un des types curieux que nous emmenons est le *promotor* [procureur]²²² d'Humaytá [Humaitá]. – Grand, maigre, la lèvre supérieure à peine estompée d'un léger duvet crépu, le menton orné (!) d'une gde [grande] barbiche de bouc, la tête couverte d'une longue chevelure dont les mèches de plus de 25 cm retombent enroulées sur les yeux, sur le nez, rejetées de temps en temps sur le crâne par un coup de tête grotesque, les jambes sans fin en arc de cercle, emprisonnées dans un pantalon collant du haut en bas accentuant la forme disgracieuse qui fait ressembler le type en marche à un insecte, la bouche édentée sur le devant, laissant apparaître dans les coins une rangée de chicots noirâtres. Passe la journée entière, sans repos, à raconter à grand renfort de cris et de gestes, de ses longues [longs] tentacules, les péripéties des 3 ou 4 causes qu'il a plaidées dans sa courte pratique, devant un groupe de *seringueiros* [patrons de *seringa*] en admiration devant l'éloquence du « *Doctor* »,²²³ ou à réciter des vers de sa composition aux mêmes auditeurs qui voient en lui certainement une des gloires littéraires du pays. – Tapageur, gênant, envahissant, mal élevé, présomptueux, ce jeune aspirant magistrat est certainement un des plus [Fin du f° 176] tristes spécimens de la race humaine dont est chargé le *Campos Salles*.

Nous formons heureusement un petit groupe de passagers venus de S. [Santo] Antonio et nous cherchons à éviter le plus possible le contact de nos peu sympathiques compagnons de route. Le D^r Alberto Novis, jeune médecin, de Matto [Mato] Grosso, est un charmant compagnon pour moi.

222 Charge judiciaire.

223 Marque de déférence employée pour désigner certains notables dont on estime qu'ils ont fait des études (médecin, etc.), soit qu'ils soient cultivés et/ou occupent une fonction de lettré (notaire, juge, etc.). Le Cointe qui se considère lui-même comme un « *Doutor* » ironise sur l'emploi du terme pour le procureur d'Humaitá qu'il juge grossier et ignorant.

À 8 h du matin nous sommes à Murity.

À table, au déjeuner, je continue l'étude intéressante du type *promotor* [procureur] d'Humaytá [Humaitá]. Il parle toujours très haut, d'un bout de la table à l'autre à une espèce d'avocat ventru, criard et insolent aussi. Il a une cravate splendide, rouge, bleu, blanc, hérissée devant son cou. Entre les plats, les passagers se distraient élégamment à se jeter à la tête de loin des boulettes de pain bien noircies ou autres détritiques qui naturellement tombent dans l'assiette des voisins moroses qui ne prennent pas part à ce nouveau jeu [de] salon et qui ont, qqf [quelquefois], le mauvais goût de jeter des regards furieux sur les artilleurs maladroits.

Le soir, quelques disputes s'élèvent *cá* [ici] et là. C'est un pauvre passager qui, s'étant absenté un moment, a vu l'endroit où il avait attaché son hamac envahi par d'autres passagers qui lui ont relégué son hamac contre un des poteaux du pont inférieur.

Une fois sortis de la table où le Comm^{te} [commandant], à grand peine, oblige les passagers à mettre un paletot, paletots, gilets, cravates sont relégués dans la cabine, et toute la bande se conserve [retrouve] en manches de chemise, pieds nus dans les savates qu'ils traînent à grd. [grand] bruit. Aujourd'hui le C^{te} [commandant] a eu la bonne idée de faire répandre du sable sur le pont, c'est heureux, car il était devenu glissant sous la couche des crachats expectorés par les passagers.

Vendredi 10 [janvier]. Le matin, à Curuçá, r. dr. [rive droite], petit village. Cette nuit, nous nous sommes arrêtés un grd [grand] nbr [nombre] de fois, mais les arrêts ont été courts. Nous commençons [Fin du f° 177] à faire un peu plus de chemin.

Un autre type remarquable est un gros jeune bonhomme, boursoufflé, bête, ne trouvant rien de plus spirituel que circuler de proue à poupe du navire en faisant claquer d'énormes sabots. À table, il vient en costume de bain, pieds nus dans ses sabots et il se croit malgré ça un des membres les plus distingués de la Société *Madeirense* [du Madeira].

Il manque des *camarotes* [cabines]. Dans qqs uns [quelques-unes], on est déjà 7 passagers. Plusieurs vols ont été signalés hier. Cependant, 2 grands *camarotes* [cabines] n. 1 et n. 2, à côté du *camarote* [de la cabine] du commandant, sont à peine occupé[e]s par les marchandises de celui-ci.

À 2 h ½ [du] s. [soir], apparaît Manicoré, r. [rive] dr. [droite], au fond d'un coude de la rivière, une longue ligne de maisons basses, blanches, couvertes de tuiles ; au milieu, une église toute blanche à 2 clochers pointus. À l'extrémité, à dr. [droite], un grd. [grand] bâtiment carré. Sur un terrain élevé presque à pic sur la rive. Sans profondeur, adossé à la forêt. –

2 escaliers, un presque à pic, l'autre un peu incliné, font communiquer la ville avec la rive sale et envahie par la végétation.

Le grd [grand] bâtiment à dr. [droite] peint en vert est l'intendance.

Les 2 tours de l'église paraissent surmontées de pains de sucre ; le navire ne peut s'approcher de terre et l'on ne peut descendre que par qqs [quelques] petites *montarias* [pirogues monoxyles].

Autre type est un avocat de Humaytá [Humaitá], petit gros, flottant dans de larges habits de coupe turque, nez crochu de rapace, longs cheveux, encombrants, tapageur criard, pendant du *promotor* [procureur] maigre²²⁴.

Le soir, à 9 h, vociférations à l'arrière. C'est une dispute qui vient de s'élever entre un groupe de *gentlemen* distingués qui se livraient au doux plaisir du jeu avec leur délicatesse caractéristique, l'avocat est aux prises avec l'homme aux sabots ! [Fin du f° 178].

Lundi 11 [janvier]. Depuis 3 jours, on s'est mis à laver le pont, mais on commence l'opération à 7 h, et elle dure jusqu'à 10 h, temps pendant lequel les passagers rechassés d'un côté à l'autre, éclaboussés, pataugeant, ne savent où se percher pour éviter les seaux d'eau sale que les marinières prennent plaisir à leur lancer dans les jambes sans crier gare.

À la place d'honneur, à table, près du commandant, celui-ci a fait s'asseoir 2 cocottes²²⁵ villageoises, la mère et la fille, péruviennes, l'une avec des prétentions de jeunesse démenties par le jaune de sa peau ridée, l'autre jouant à l'innocente, toutes deux la risée des autres passagers.

À 10 h, nous sommes à la bouche [l'embouchure] de l'Aripuaná [Aripuanã], r. [rive] dr. [droite]. Il y a un bon poids de gomme en grosses *bolachas* [boules] comme celles du Béni [Beni] et non en galettes enfilées d'un morceau de bois par 6 ou 8 comme dans les barraques [baraques] précédentes.

C'est à peu près la fin des *seringaes* [seringais]²²⁶ importants de ce côté de l'embouchure du Madeira.

224 Stéréotype raciste du *Turco*, qui désigne une population immigrée originaire de l'ex-Empire Turc Ottoman (actuels Turcs, Syriens et Libanais), formant une minorité parmi les populations étrangères qui se sont installées en Amazonie brésilienne à la fin du XIXe siècle. La myriade de populations formant la catégorie *Turco* était de confession juive, mais également chrétienne, musulmane, druse et d'autres mouvances dérivées de ces religions.

225 Terme ancien désignant une femme de mœurs légères.

226 Propriété où se trouvait une concentration naturelle d'hévéas, formant une unité productrice de caoutchouc. Les *seringais* ne sont donc pas nécessairement des plantations.

Embarquée la gomme, nous attendons encore ½ h la capture de nouveaux petits cochons. Décidément, tous ces cochons vont nous faire durer le voyage un bon jour de plus.

À 2 coups de rifle tirés d'une maison devant laquelle nous passons, on fait demi tour et on accoste, pour recevoir... une lettre simplement.

Aujourd'hui, le déjeuner nous avait oubliés, en somme le déjeuner à midi seulement ; le premier jour, c'était à 10 h ½.

À 4 h [du] s. [soir], arrivée à Borba, r. [rive] dr. [droite], petite ville en décadence, seul édifice bon l'Intendance. Peu de maisons, construites irrégulièrement, terrain élevé. Un escalier primitif permet de descendre au bord de l'eau.

À 9 h du soir, nous sommes à la bouche [l'embouchure] du bas du *paraná* [canal] du Canuman [Canhumã], où débouche le *furo* [petit canal reliant deux cours d'eau] de Canuman [Canhumã] (commerce de guaraná). Le guaraná vaut 30 *mil* [trente mille] [Fin du f° 179] réis le Kgr. [kg] à S. [Santo] Antonio et 70 *mil* [soixante-dix mille] réis à Riveralta [Riberalta].

Dimanche 12 [janvier]. Nous sommes déjà dans les eaux de l'Amazone. Nous filons maintenant à toute vitesse. À midi, nous arrivons à Manáos [Manaus].

Lundi 13 [janvier]. Séjour à Manáos [Manaus].

Mardi 14 [janvier]. Départ de Manáos [Manaus] à 6 h du soir. Nous ne nous arrêtons qu'à Parintins et Obidos [Óbidos], et allons marcher à toute vitesse pour voir le temps mis par le *Campos Salles* pour aller au Pará [Belém].

Passage jusqu'à Obidos [Óbidos] – 67\$100 réis.

Pará [Belém] – 133\$000 réis.

de S. [Santo] Antonio à Manáos [Manaus] – 133\$000 réis.

Chemin de fer de S. [Santo] Antonio à Guajará-Mirim

Pour le moment, faire seulement améliorations à Ribeirão – Giráo [Jirau] et Theotonio. Voies ferrées pour le transport de batelons par le *varador*. Ne pas employer grand capital parce que solution provisoire, la seule définitive est le chemin de fer S. Ant. [Santo Antonio] – Guaj. M. [Guajará-Mirim].

On pourrait enlever les pierres isolées qui gênent les passages. En somme, 3 *cach.* [*cachoeiras* : cascades] seulement sont indispensables. Ribeirão, Giráo [Jirau] et Theotonio.

Celles-ci ne devaient pas être touchées, elles servent de reprises à l'eau et, en ouvrant un canal, on ferait baisser le niveau de l'eau en-dessus et apparaître de nouvelles *cax*. [*cachoeiras* : cascades]. – Dans ces 3, on pourrait placer des voies ferrées dans les *varadors* [*varadouros*]. – Filets à mettre sur la gomme dans les batelons – proue plus relevée. S'il meurt beaucoup de gens, c'est faute d'hygiène et travail de transport très pénible, mauvaise alimentation, pas de toldes [auvent] pour se couvrir, pas de [Fin du f° 180] traitement pour les blessures – le *ferrocarril* [chemin de fer] économiserait des vies, le personnel manque maintenant à cause de la grde [grande] mortalité provenant de naufrages ou maladies prises [contractées] en voyage.

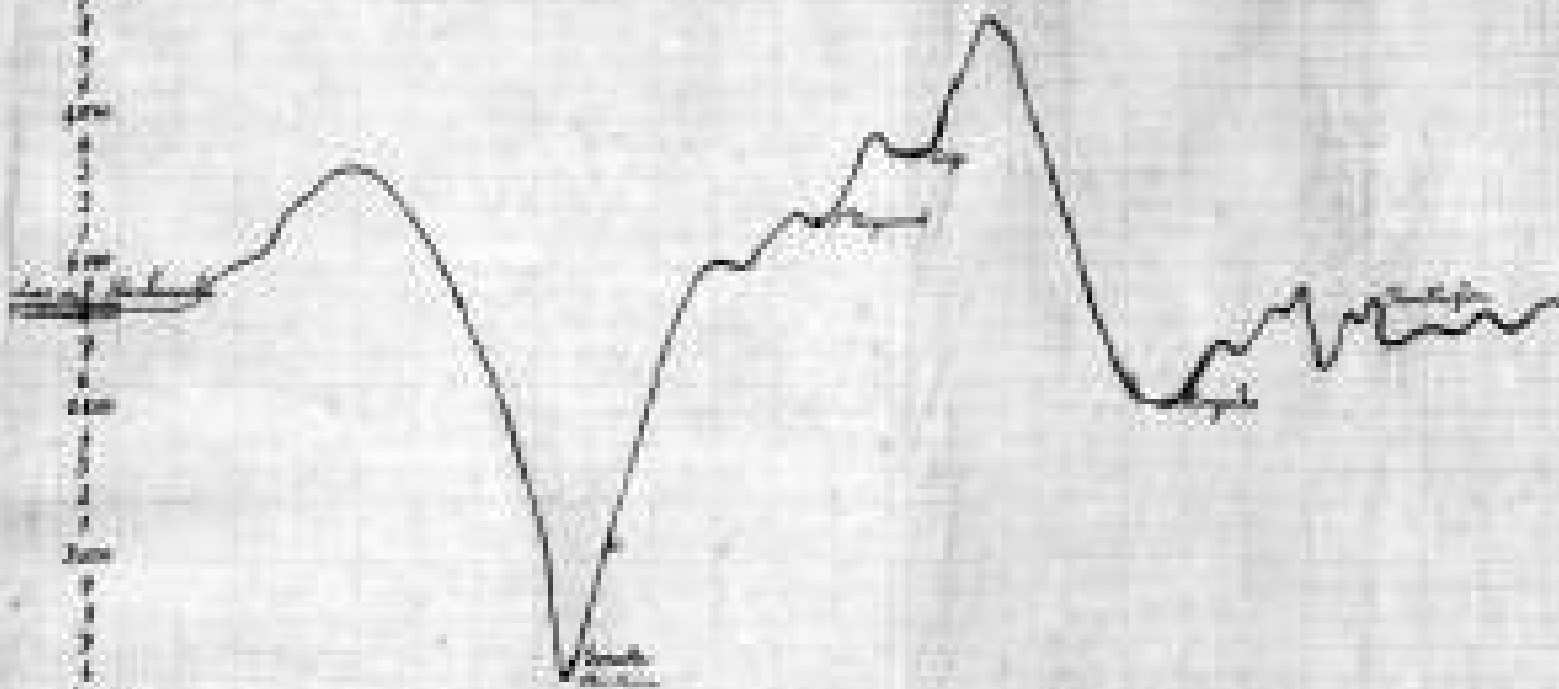
Commerce à faire par l'*estrada* [la route], augmentation de la gomme par le personnel, *caucho* [autre variété de gomme], *gado* [bétail], châtaigne [noix du Brésil], riz, maïs, etc.

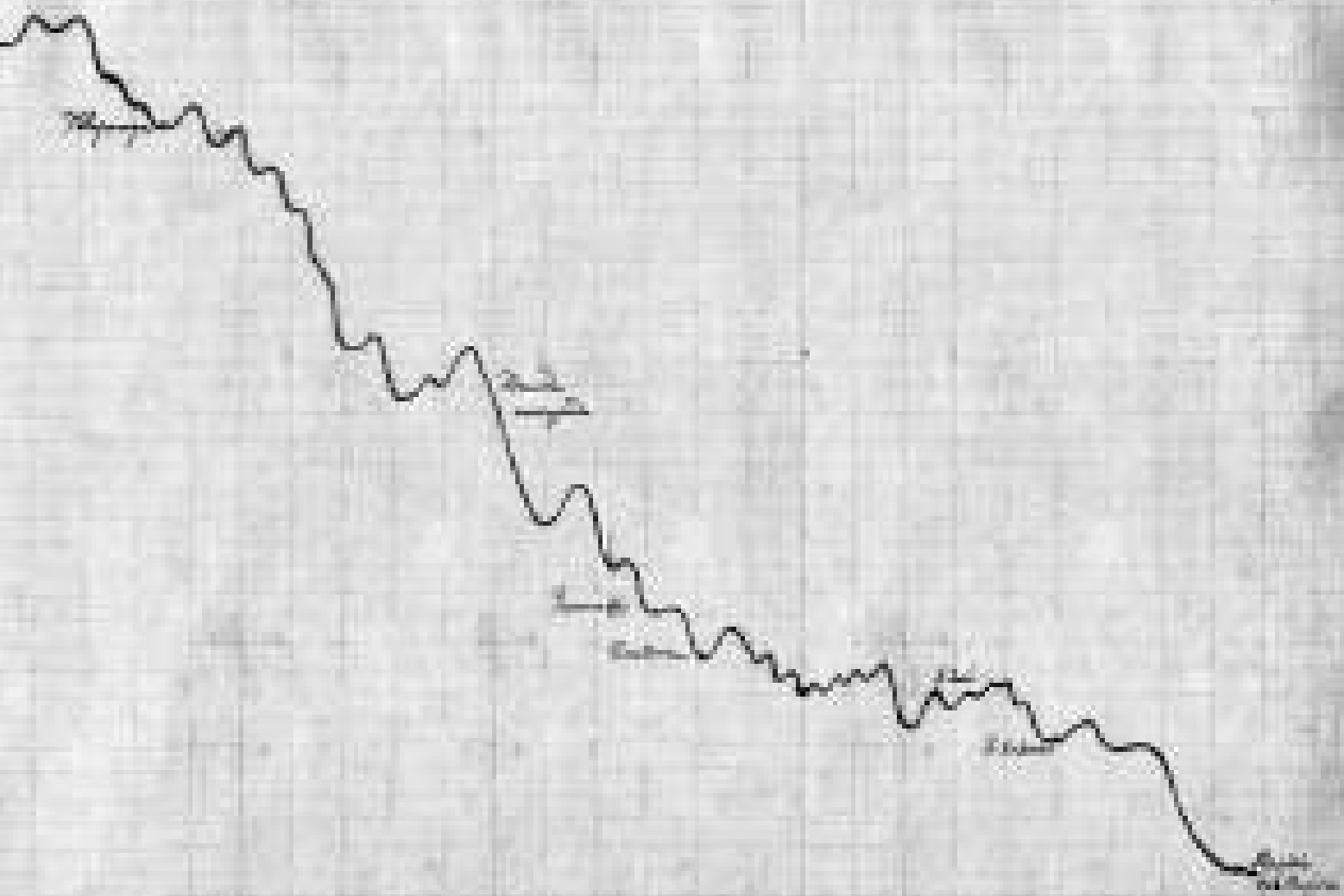
Coût du travail diminué, car matériel sur place : granit, bons bois, terre à briques [argileuse], force hydraulique pouvant être utilisée. 3 rivières à traverser : Ribeirão, Jacy-paraná [Ji-Paraná] et Três-Irmãos. Ces rivières ont des chutes, donc passages bons en terre ferme.

Caoutchouc. – Au Madeira, on pique tj [toujours] les mêmes *estradas* [séquence d'arbres saignés formant un parcours spécifique dans le *seringal*], *tijellas* [coupelles de recueil de la gomme accrochées sur le tronc des arbres] à 30 cm l'une de l'autre, entailles à 15 cm au[-]dessus l'une de l'autre. Quand on repasse [pour collecter le contenu de la coupelle], on pique entre les entailles précédentes. – On emploie une échelle pour commencer la saignée plus haut.²²⁷ Les mêmes *estradas* donnent continuellement et, même, le récoltement [la récolte] augmente quand l'arbre n'est pas maltraité. – Or, au Béni [Beni], avec leur système, les *seringueiros* [patrons de *seringal*] se sont ruinés et, au Madeira, ils ont fait fortune ! [Fin du f° 181].

227 La « saignée » est le terme utilisé par les *seringueiros* pour désigner le processus d'extraction du latex. Elle consiste à inciser l'écorce de l'arbre avec une hachette et à recueillir le latex dans une coupelle.

Handwritten text, possibly a title or label, oriented vertically on the left side of the page.





Photographies

Ile des Pélicans

1. Forçats construisant des digues autour de l'île avec des roches madréporiques [madréporaires]
2. Vue de l'île S.O. [sud-ouest]
3. Vue de Bridgetown prise de l'île des Pélicans
4. Vue de l'habitation des observés [passagers surveillés] de 1^{ère} classe
5. Vue de l'avant-port de Bridgetown
6. Ile des Pélicans (S.O.) [sud-ouest]
7. Travail des forçats dans l'île
8. *id.*
9. Habitation des observés [passagers surveillés]
10. Maisons de campagne de Bridgetown en face de l'île des Pélicans

Barbade à Panama

11. Rue de Bridgetown
12. *id.*
13. Ile des Pélicans
14. Bridgetown
15. Plongeurs
16. *id.*
17. Jacmal [Jacmel] (Haïti)
18. Kingstown (Jamaïque)
19. *id.*
20. *id.*
21. Panamá [Panama]

De Panama à La Paz

22. *Fazenda* [exploitation agricole], rive du Guayaquil
23. Guayaquil
24. *id.*

25. *id.* (le marché)
26. Vapeur fluvial à Guayaquil
27. Payta [Paita]
28. *id.* avec un train grim pant les falaises
29. Vue générale de Payta [Paita]
30. Pointe de Payta [Paita]
31. Eten. Vue panoramique
32. *id.* Vue panoramique
33. Pacasmayo. Vue panoramique
34. *id.* Vue panoramique
35. *id.* Vue panoramique
36. Salaverry, le matin
37. *id.*, à midi
38. Embarquement à Salaverry
39. Cerro Azul
40. Pisco
41. Lomas. Vue panoramique
42. Lomas. Vue panoramique
43. Bande d'oiseaux à Lomas
44. Mollendo
45. Le *Lôa* [Loá]
46. Rochers du port de Mollendo
47. Rivage au sud de Mollendo
48. Station du chemin de fer de Mollendo.
49. Vue prise du chemin de fer de Mollendo-Puno au km 32
50. Vue en arrière de Cachendo
51. Cordillère, vue prise de la station de [blanc]
52. *id.*, vue du plateau
53. *id.*, à 1 220 m d'alt. [altitude]
54. *id.*, à 2 000 m d'alt. [altitude]
55. Habitation indigène près d'Arequipa à 2 100 m
56. [blanc]
57. [blanc]

- 58. [blanc]
- 59. [blanc]
- 60. [blanc]
- 61. [blanc]
- 62. [blanc]
- 63. [blanc]
- 64. [blanc]
- 65. [blanc]
- 66. [blanc]

La Paz à Madidi

- 67. Vue de notre caravane. Au loin lac de Titicaca entre Tambo de Perez et Huarina
- 68. Tambo de Copancara et lac de Titicaca
- 69. Chasse à Huarina, au bord du lac Titicaca
- 70. Vallée du Mapiri en descendant à Sorata
- 71. Marché de Sorata et *casa* [maison] de Perez
- 72. Campement dans la cordillère au[-]dessus de Sorata à 4 120 m
- 73. *id.*
- 74. Mont Tipuani, tiré du col de Sorata à 4 705 m
- 75. Montée à 2 650 m après Todapampa [Tolapampa]
- 76. Embarquement en *callapó* à Mapiri
- 77. Passage du rapide de Quercano
- 78. *id.*
- 79. Passage de Mal agua
- 80. *id.*
- 81. Vue générale de Mal agua
- 82. Passage de Retamo [Retama]
- 83. *id.*
- 84. Vue générale de Retamo [Retama]
- 85. Vue du port de Rurrenabaque
- 86. Vue de face de Rurrenabaque
- 87. Vue de Madidi

88. Départ de la gomme du Madidi
89. Vue de Villabella (prise de Villa Murtinho)
90. *Cach.* [*cachoeira* : cascade] Madeira – passage d'un batelon
91. *Cach.* [*cachoeira* : cascade] Ribeiron [Ribeirão] – déchargement des canots
92. *id. id.* – tête de la *cach.* [*cachoeira* : cascade]
93. *Cach.* [*cachoeira* : cascade] Paredon [Paredão] – passage d'un batelon
94. *Cach.* [*cachoeira* : cascade] Giráo [Jirau] – saut
95. *Cach.* [*cachoeira* : cascade] *id.* – rapides au[-]dessus du saut
96. *id. id.* – canal de rive droite
97. *Cach.* [*cachoeira* : cascade] Caldeiron [Caldeirão] do Inferno – passage d'un batelon
98. *Cach.* [*cachoeira* : cascade] Theotonio
99. Passage par le *varador* de Theotonio
100. Vue de Mirarim [Mirari] (*Rio Madeira*)
101. Vue de Humaytá [Humaitá] – *id.*

Photographies

1. Vue de Villabella prise de Villa Murtinho (10 h ½ matin, temps couvert mais forte lumière)
2. *Cach.* [*Cachoeira* : cascade] Madeira. Batelon sans tolde [auvent] passant. Temps couvert, 9 h ½ du M. [matin]
3. *Cach.* [*Cachoeira* : cascade] Ribeirão. Déchargement des canots (rive dr [droite]). Mr. [ou Mme ?] Rosa est debout sur le devant de la *lage* [*laje* : terrasse naturelle]
4. *Cach.* [*Cachoeira* : cascade] Ribeirão – tête. Le canal passe derrière l'îlot de rochers
5. *Cach.* [*Cachoeira* : cascade] Paredão. 8 h du matin, temps couvert. Canot de tolde [avec auvent] passe derrière l'îlot de rochers.
6. *Cach.* [*Cachoeira* : cascade] Giráo [Jirau], saut
7. *id. id.*, rapides au[-]dessous du saut, 10 h ½ du matin, lum. [lumière] suffisante
8. *id. id.*, vue du même canot, de rive droite (photo 6), mais en descendant
9. *Cach.* [*Cachoeira* : cascade] Caldeiron [Caldeirão] do Inferno, vue de notre canot passant à ½ *carga* [charge]
10. *Cach.* [*Cachoeira* : cascade] Theotonio, vue prise du haut de la colline où est établi le poste frontière
11. Passage des batelons par le *varador* à Theotonio

12. (2^e aussi) Vue de Mirarim [Mirari], *Río Mad.* [Madeira] (propriété de Antonio Monteiro)
13. Vue de Humayta [Humaitá]

Achats en Europe

Presse – Alambic – Moulin

Capsules d'étain pour bouteilles

1 châssis pour la grde [grande] machine fotogr. [photographique] (ou une chambre noire)

Chambre claire, de grd [grand] angle

Elastique p. [pour] balades

Manuel de l'explorateur. Blin [Blim] et Rollet de l'Isle. Gauthier Villars éditeur²²⁸

228 *Manuel de l'explorateur : procédés de levers rapides et de détail : détermination astronomique des positions géographiques*, publiée par E. Blim et Charles-Dominique-Maurice Rollet de l'Isle (1859-1943) en 1899. Blim était Ingénieur-Chef du service des Ponts-et-Chaussées en Cochinchine (actuel Vietnam, ancienne colonie française de 1862 à 1946) et Rollet de L'Isle, Ingénieur hydrographe de la Marine française.

SOBRE OS AUTORES / À PROPOS DES AUTEURS

Emilie Stoll

Antropóloga, pesquisadora no Centre National de la Recherche Scientifique (França), dedica-se ao estudo dos processos de transmissão e das trajetórias sociais e espaciais dos migrantes e de seus descendentes na Amazônia brasileira, adotando uma abordagem original que destaca o papel do vegetal, especialmente das plantas coloniais como o látex e o cacau, nessas dinâmicas. Seus trabalhos estabelecem como esses vegetais influenciam não apenas os movimentos populacionais, mas também a criação e apropriação de imaginários coletivos ao longo do tempo. Por meio de estudos de campo e pesquisas historiográficas, Emilie Stoll explora, desde 2017, a figura de Paul Le Cointe, examinando seu impacto na transmissão de terras nas regiões de Óbidos e Santarém (Pará) e suas atividades como plantador de seringueiras e de cacau, primeiro na Bolívia e depois no Brasil. Suas pesquisas contribuem para iluminar os vínculos entre as sociedades e o ambiente através do prisma das migrações, sublinhando sua importância na compreensão dos desafios ambientais e sociais contemporâneos.

Anthropologue, chargée de recherches au Centre National de la Recherche Scientifique, Emilie Stoll se consacre à l'étude des processus de transmission et des trajectoires sociales et spatiales des migrants et de leurs descendants en Amazonie brésilienne, en adoptant une approche originale qui met en lumière le rôle du végétal, notamment des plantes coloniales comme le latex et le cacao, dans ces dynamiques. Ses travaux établissent comment ces végétaux influencent non seulement les mouvements des populations mais aussi la création et l'appropriation d'imaginaires collectifs au fil du temps. A travers des études de terrain et des enquêtes historiographiques, Emilie Stoll a exploré, depuis 2017, la figure de Paul Le Cointe, en examinant son impact sur la transmission foncière dans les régions de Óbidos et Santarém (Pará), et a suivi ses activités de planteur d'hévéas (et de cacaoyers), d'abord en Bolivie puis au Brésil. Ses recherches contribuent à éclairer les liens entre les sociétés et leurs environnements, au prisme des migrations, soulignant leur importance dans la compréhension des enjeux environnementaux et sociaux contemporains.

Heloisia Maria Bertol Domingues

Historiadora das Ciências, Pesquisadora Titular do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Acervos Científicos e Tecnológicos, MAST. Participou do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia. Doutora em História Social [das ciências] pela Universidade de São Paulo (1995). Professora Visitante pela Equipe SPHERE (REHSEIS) na Université Paris-Cité. Especialidade em história das teorias e práticas das ciências naturais no Brasil, com livros e vários artigos publicados na literatura nacional e internacional. Associada à American History of Science Society e à Sociedade Brasileira de História da Ciência, da qual foi Secretária Geral entre 2009 e 2012. Diretora do MAST entre dezembro de 2012 e fevereiro de 2018.

Historienne des sciences et chercheuse titulaire au Musée d'Astronomie et des Sciences Associées (MAST), Rio de Janeiro, elle est spécialisée dans l'histoire des théories et des pratiques des sciences naturelles au Brésil. Titulaire d'un doctorat en Histoire Sociale [des sciences] de l'Université de São Paulo (1995), elle a publié de nombreux livres et articles dans des revues nationales et internationales. Elle est également professeure au Programme de troisième cycle en Histoire de l'Université Fédérale de l'État de Rio de Janeiro et au Programme de troisième cycle en Archives Scientifiques et Technologiques du MAST. Elle a contribué au Programme de troisième cycle en Enseignement, Philosophie et Histoire des Sciences à l'Université Fédérale de Bahia. En tant que professeure invitée, elle a été accueillie par l'équipe SPHERE à l'Université Paris-Cité. Membre de l'American History of Science Society et de la Société Brésilienne d'Histoire des Sciences, elle a occupé le poste de secrétaire générale de cette dernière de 2009 à 2012. Enfin, elle a dirigé le Musée d'Astronomie et des Sciences Associées de décembre 2012 à février 2018.

Lúcio Flávio Pinto

Jornalista e sociólogo.

Journaliste et sociologue.

Maria Aparecida Correa-Paty

Graduada em Linguística, Língua Portuguesa e Literaturas Portuguesa e Brasileira pela Universidade de São Paulo (Brasil), Maria Aparecida Correa-Paty lecionou por mais de 25 anos em diversos colégios particulares de São Paulo. Ela também foi professora na Universidade Católica Medianeira, documentarista no Museu Paço das Artes e publicou na revista *Arte em Revista*. Após obter o Diploma de Língua Francesa para Estrangeiros na Universidade Paris III – Sorbonne Nouvelle, ela continuou seus estudos de filosofia na França (DEUG, Licença, Mestrado e Diploma de Estudos Aprofundados). Traduziu e revisou vários textos para editoras e revistas no Brasil e na França. Entre seus trabalhos, está a tradução do livro de Jean-Marie Goulemot, “Esses livros que se leem com uma só mão”, para a *Discurso Editorial*. Recentemente, co-traduziu (com Douglas Ferreira de Barros) e revisou “História e Método no Renascimento: leitura do *Methodus* de Jean Bodin”, de Marie-Dominique Couzinet, a ser publicado no Brasil. Ela também traduziu vários artigos para o número temático “Brasil”, da revista *Diogène* (UNESCO, Paris).

Diplômée en Linguistique, Langue Portugaise, et Littératures Portugaise et Brésilienne de l'Université de Sao Paulo (Brésil), Maria Aparecida Correa-Paty a enseigné pendant plus de 25 ans dans divers lycées privés de Sao Paulo. Elle a également été enseignante à l'Université Catholique Medianeira, documentariste au Museu Paço das Artes, et a publié dans la revue Arte em Revista. Après avoir obtenu un Diplôme de Langue Française pour les Étrangers à l'Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, elle a poursuivi des études de philosophie en France (DEUG, Licence, Maîtrise et DEA). Maria a traduit et révisé de nombreux textes pour des maisons d'édition et des revues au Brésil et en France. Parmi ses travaux, on compte la traduction de l'ouvrage de Jean-Marie Goulemot, « Ces livres qu'on ne lit que d'une main », pour Discurso Editorial. Récemment, elle a co-traduit en portugais (avec Douglas Ferreira de Barros) et révisé « Histoire et méthode à la Renaissance. Une Lecture de la Methodus de Jean Bodin » de Marie-Dominique Couzinet, à paraître au Brésil. Elle a aussi traduit plusieurs articles en français pour le numéro spécial « Brésil » de la revue Diogène (UNESCO, Paris).

Nelson Sanjad

Historiador, pesquisador do Museu Goeldi e professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará. Professor convidado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, França (2023-2024). Dedicar-se à construção do conhecimento científico sobre a Amazônia em uma perspectiva transnacional. Suas investigações abordam a história de instituições científicas, a circulação de pessoas, ideias, espécimes e coleções científicas, assim como o processo de apropriação, tradução e elisão de conhecimentos nativos. Nelson Sanjad também desenvolve estudos biográficos sobre cientistas e exploradores europeus que viveram na Amazônia, oriundos, sobretudo, da Suíça, da França e da Alemanha.

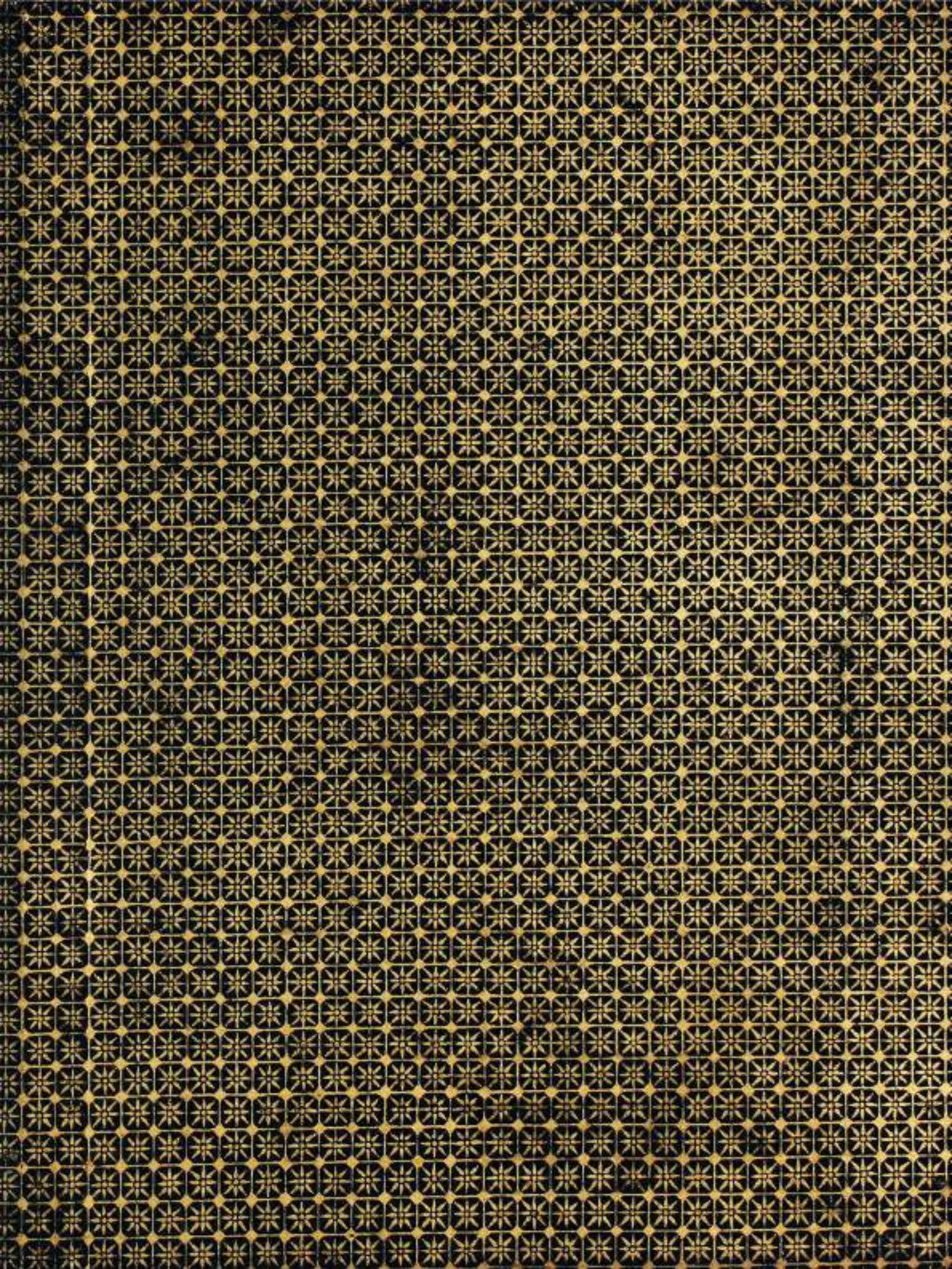
Historien, chercheur au Musée Goeldi et professeur du Programme de troisième cycle en histoire de l'Université fédérale du Pará. Professeur invité à l'École des hautes études en sciences sociales, France (2023-2024). Il se consacre à l'acquisition de connaissances scientifiques sur l'Amazonie dans une perspective transnationale. Ses recherches portent sur l'histoire des institutions scientifiques, la circulation des personnes, des idées, des spécimens et des collections scientifiques, ainsi que sur le processus d'appropriation, de traduction et d'élimination des savoirs autochtones. Nelson Sanjad développe également des études biographiques sur des scientifiques et explorateurs européens ayant vécu en Amazonie, principalement suisses, français et allemands.

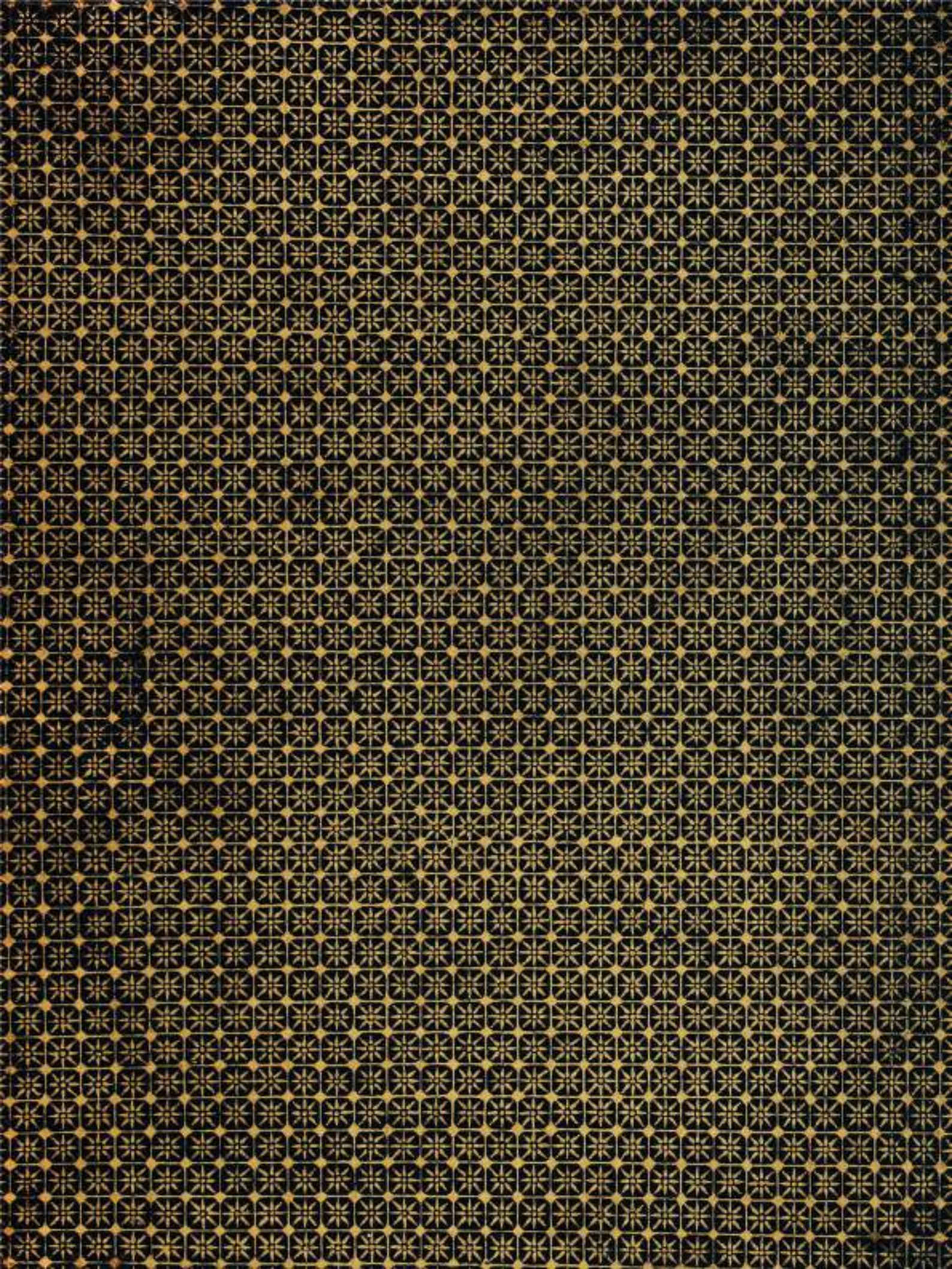
Patrick Petitjean

Pesquisador associado do laboratório SPHERE da Universidade Paris-Cité. Historiador das ciências, trabalhou na interpenetração da expansão científica europeia com o estabelecimento dos sistemas imperiais (1850-1950). Principais temas estudados, ou ainda em andamento: os primórdios do setor científico da UNESCO (1945-1950s), com Joseph Needham e a rejeição do eurocentrismo na história da ciência, bem como com o projeto do Instituto Internacional da Hileia Amazônica; os compromissos políticos dos cientistas britânicos e franceses (décadas de 1930-1950); a Academia Internacional de História da Ciência e a sua impossível torre de marfim (1930-1956); a história das relações científicas entre a França e o Brasil (1870-1950), da qual este trabalho é uma continuação.

Chercheur associé au laboratoire SPHERE de l'Université Paris-Cité. Historien des sciences, il a travaillé sur l'interpénétration de l'expansion scientifique européenne avec l'établissement des systèmes impériaux (1850-1950). Principaux sujets étudiés, ou encore en cours : les débuts du secteur des sciences de l'Unesco (1945-1950s), avec Joseph Needham et le rejet de l'eurocentrisme en histoire des sciences, ainsi qu'avec le projet de l'Institut international de l'hyléa amazonienne ; les engagements politiques des scientifiques britanniques et français (1930s-1950s) ; l'Académie internationale d'histoire des sciences et son impossible tour d'ivoire (1930-1956) ; l'histoire des relations scientifiques entre la France et le Brésil (1870-1950), dont ce travail est la suite.

Este livro foi composto nas fontes Roca e Tenso
e impresso em papel Pólen Print 90g
em junho de 2024, com tiragem de 500 exemplares.







EXORIGINS

Projet Émergence(s) Ville de Paris 2019-2022



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO

